

LEON

REDENCÃO

A CONTINUAÇÃO DO BEST SELLER *TRINDADE*

URIS



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

LEON URIS

REDEÇÃO

Tradução de
GENI HIRATA



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ.

U73r	Uris, Leon, 1924- Redenção / Leon Uris; tradução de Geni Hirata - Rio de Janeiro: Record, 1996.
	Tradução de: Redemption
	I. Romance norte-americano. I. Hirata, Geni II. Título.
96-1880	CDD - 813 CDU - 820(73)-3

Título original americano
REDEMPTION

Copyright © 1995 by Leon Uris

Copyright © 1996 by Distribuidora Record S.A.

Todos os direitos reservados, inclusive os de reprodução,
no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Publicado mediante acordo com HarperCollins, Publishers, Inc.



Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 -20921-380 Rio de Janeiro, RJ -Tel. 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04500-4

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

SINOPSE

Ao retomar 20 anos depois a saga da família Larkin iniciada em Trindade, Leon Uris volta a 1895, com o exílio do patriarca da família, que se instala na Nova Zelândia, transformando-se em próspero criador de ovelhas. Rory, o primogênito, obcecado pelas histórias sobre o tio morto em batalha, volta à terra natal para envolver-se na causa da independência. Antes, porém, ele precisa passar por duas novas provas de fogo: um treinamento rigoroso no Egito e a batalha sangrenta em Galípoli. Redenção é uma história de honra, amor e tragédia que tem como pano de fundo a efervescência política do mundo nos anos que antecedem a Primeira Guerra.

OBRAS DO AUTOR

ARMAGEDON
AS COLINAS DA IRA
GRITO DE GUERRA
O PASSO DE MITLA
O PEREGRINO
Q.B. VII
TRINDADE

Para Rachel e Conor Uris
com amor, de seu pai

Especiais agradecimentos a minha colaboradora em pesquisa Jeanne Sillay
Jacobson
e a minha assistente especial Jeanne Randall

PRIMEIRA PARTE



PEGADAS

PRÓLOGO: O ANO DE 1894



À medida que me aproximo da idade adulta, torna-se evidente para mim que estou destinado a causar um impacto memorável na vida política da Grã-Bretanha. Devo apresentar qualidades suficientes para assegurar aos súditos da Inglaterra que possuo a paixão e a coragem para a liderança.

Por outro lado, não devo parecer muito vaidoso. Já que meu apetite de escritor não é menos voraz do que meu desejo de ascender ao poder, devo manter profusas anotações.

Obviamente, alguns desses registros devem ser secretos e apenas para os meus olhos. Se uma pessoa sempre diz o que pensa, não irá mais longe na tumultuada vida política do que um zelador da Câmara dos Comuns.

Portanto, Os Arquivos Secretos de Winston Churchill devem permanecer sob sete chaves, apenas para minha leitura, inacessíveis tanto a amigos quanto a inimigos.

Determinei no meu testamento que, no caso de minha (inoportuna) morte, Os Arquivos Secretos de Winston Churchill sejam confiados à guarda do Arquivo Nacional de Sua Majestade até o ano 2050 d.C.

Nessa ocasião, quando estarei seguramente (assim espero) abrigado entre meus compatriotas de séculos passados, os historiadores e acadêmicos poderão deslacrar estes arquivos e, talvez, levar um ou dois choques.

Winston S. Churchill

CAPÍTULO 1



1895

Se a terra fosse plana, a Nova Zelândia já teria caído para fora há muito tempo, tal a distância que a separa da Irlanda.

Pode um homem ficar mais aflito e desorientado do que um emigrante sem um tostão, sem rumo, ao aportar em uma terra tão distante?

As camas de lona no porão de passageiros do navio cargueiro a vapor Nova Escócia estavam de tal forma amontoadas que era impossível mexer-se na cama ou mesmo dormir de lado. O calor que vinha da sala das caldeiras ao lado fazia-o ir para o convés sob qualquer intempérie para não desmaiar. Depois de forçar goela abaixo a lavagem que lhe serviam como fazem no zoológico, quase sempre se dirigia para a amurada.

Quando as colinas por trás de Lytleton surgiram no horizonte noventa e dois dias após a partida de Derry, Liam Larkin caiu de joelhos e agradeceu aos primeiros trinta ou quarenta santos que lhe vieram à mente.

Desceu titubeante a prancha de desembarque, um tormento esquecido por Deus, onde se apresentou, pálido e trêmulo, a seu patrocinador, o *Squire* Bert Hargrove. Muitos dos rapazes chegaram magros e abatidos pela longa viagem, mas, quando Bert analisou Liam, achou que fizera um mau negócio. Ao menos Liam Larkin e Bert Hargrove partilhavam o suficiente de uma língua comum para poder se entender... ou quase.

Convencido de que estava ali para três anos de trabalho escravo como havia no Caribe, a ansiedade de Liam reduziu-se a um estado semelhante à euforia.

Liam partilhava um barracão limpo, com assoalho de madeira e um aquecedor, com seis outros trabalhadores. Três deles eram *paddies*, apelido dado aos irlandeses, como ele, contratados para quarenta meses de trabalho, em pagamento da passagem. Na verdade, Liam substituíra um que em breve

iria embora. Assim, Deus seja louvado, talvez não fosse uma escravidão total.

Sabia que teria de trabalhar duro, mas praticamente não conhecera outra vida senão a de trabalho duro. Bert Hargrove estava satisfeito. Fizera um bom negócio.

Algumas mudanças, Liam só percebeu aos poucos, enquanto outras desabaram sobre ele. A maior e mais impressionante diferença era o fato de aquela terra não ser movida a raiva... ou medo... ou ódio. Seria um lugar de verdade? Perguntava-se toda noite.

Veja as refeições. Na verdade, o pessoal da casa sede da fazenda e os operários do alojamento recebiam comida da mesma cozinha e servida aos homens pelas três filhas de Hargrove. E podia-se comer o quanto quisesse. Liam recordou-se. Lá na Irlanda, em sua vila Ballyutogue, talvez apenas umas seis vezes ele deixara a mesa com a barriga estufada. Ah, ele comia assim toda noite. A cozinheira sabia quatorze maneiras diferentes de preparar carne de carneiro, o que era muito melhor do que quatorze maneiras de cozinhar batatas. Havia legumes que nunca vira ou dos quais ouvira falar.

A comida era apenas um dos aspectos. No começo, a Nova Zelândia lembrava-o da Irlanda, igualmente verde e sinuosa e, igualmente, o tempo era sempre ruim, ia ficar ruim ou acabara de estar ruim.

As colinas eram mais majestosas do que colinas, eram extraordinárias montanhas antigas, de cume branco. Nos pontos em que desciam para o mar projetavam-se como fiordes, espantosos a ponto de fazer uma pessoa perder a respiração. Não só esta terra era mais alta, como tinha uma profundidade maior de terra preta.

Os neozelandeses eram um povo estoico, como a gente obstinada do Ulster do condado de Donegal. Como no Ulster, a lealdade ali era para com a Coroa. Entretanto, o tom do patriotismo da Nova Zelândia era plácido. Seria possível que ele jamais tivesse que ouvir novamente o rufar aterrador dos tambores *lambeg* e os histéricos palavrórios dos homens de Orange e seus pregadores?

Como acontecia com o Ulster, a união da Nova Zelândia com a Inglaterra era a peça central de sua existência. Mas como podiam dois lugares, ilhas... verdes... com montanhas e mar... ser tão diferentes e habitar o mesmo planeta? Ali não havia mastros de açoite, nenhuma árvore para enforcamento, nenhuma agonia de pobres carneirinhos oprimidos,

afainados, contrabandeando bebidas ilegais, e ele nunca vira alguém ser despejado, ninguém, nem uma vez.

Até mesmo os nativos maoris, ao que tudo indicava, haviam sido subjugados com relativa facilidade e puderam conservar sua cultura e sua dignidade. Ou assim parecia.

Sim, a Nova Zelândia era um país protestante, mas a ausência de guardas de caça e pesca nos fartos córregos dizia tudo.

Felizmente, havia bastante famílias, criadores de ovelhas e mineiros por perto, que pertenciam à Verdadeira Fé, para rezarem missa duas vezes por mês em um dos três bares de Methven, que de outra forma permaneciam trancados aos domingos por causa das rígidas leis puritanas.

O seu sacerdote, Padre Gionelli, de origem italiana, vinha de Christchurch nos segundo e quarto domingos do mês em uma tropa de três mulas. Sua chegada parecia-se muito à de José e Maria.

As confissões eram dispensadas primeiro, mas não havia muito como pecar nas fazendas das montanhas da Ilha do Sul, exceto pela bebedeira da noite anterior, pensamentos impuros e uma fornicação ocasional entre homem e ovelha, uma prática que nunca atraiu Liam.

Terminados a missa e os sacramentos, o Padre Gionelli lia e escrevia cartas de e para as famílias, transferia fundos e consolava as saudades de casa. Seu inglês claudicante e o inglês claudicante deles desenvolveram uma melodia própria.

Liam Larkin nunca sentia saudades realmente, sentia apenas dor e revolta por seu exílio de Ballyutogue e da Irlanda. Gostava dali, com todas as suas forças.

As pastagens da ilha do Sul da Nova Zelândia davam uma sensação maravilhosamente macia sob suas botas Wellington — em comparação com as rochas que causavam tanta dor nas costas, o solo frágil e o tormento constante de vento, leis, mau tempo e ódio onipresente aos opressores culpados pela existência marginal e perpétuo sofrimento do fazendeiro irlandês das colinas.

Na Irlanda, em Ballyutogue, lá no alto no urzal, Liam escavara a terra ao lado de seu pai, Tomas Larkin, desde pequeno e, quando se carregam algas do lago para transformá-las em uma crosta de solo, sabe-se muito bem o que se está fazendo.

No começo, Bert Hargrove achara Liam um bronco de costados largos. Naquele tipo de terra e naquele ambiente, Liam Larkin, com seu

jeito tranquilo, pouco a pouco passou a ser reconhecido como um fazendeiro e um pastor de ovelhas experiente. Suas observações inteligentes, sugestões perspicazes para mudanças lógicas aqui e ali e a propensão a um longo dia de trabalho chamaram a atenção do *Squire*, o proprietário das terras.

Ao fim da primeira estação, Liam passou a assistente do capataz da fazenda. Finalmente, livre de restrições, Liam floresceu, assumiu responsabilidades, organizava e não tinha nenhuma dificuldade em conduzir uma turma. As tesouras curvas inventadas pelo seu irmão Conor na forja do ferreiro aceleraram em dez por cento a tosquia da lã.

As coisas nunca ficam imutáveis, nem mesmo no paraíso.

Bert Hargrove era o criador de ovelhas católico mais bem-sucedido das vizinhanças e abençoado por dois belos filhos. Do lado negativo do balanço, pesava sobre ele o ônus de três filhas. Como herdeiros, os filhos do proprietário seriam adequados. As mulheres, como sempre fazem, apresentavam os problemas que lhe causavam insônia.

As moças Hargrove eram um lote de qualidades bovinas e, dotadas dos sólidos requisitos necessários a uma vida futura como mulheres de criadores de ovelhas, pareciam possuir excelentes condições de procriação. A mulher de Bert, Edna, fazia do futuro respeitável e do assentamento de suas filhas nas proximidades o ponto central de sua vida. Estava absolutamente determinada a ter uma grande família à sua volta para confortá-la em seus anos de declínio.

Não era uma questão simples. Não havia suficientes rapazes católicos elegíveis que se adequassem aos seus planos. Por elegíveis considerar-se-iam o herdeiro de uma fazenda de criação de ovelhas, um negociante independente ou talvez um profissional liberal — um médico ou um procurador lá em Christchurch. Além de Christchurch já estava fora dos limites.

As moças estavam fora das possibilidades dos operários da fazenda. Edna Hargrove tinha a precisão de um General de campo prussiano na mente, sabendo a qualquer hora onde estava cada soldado. Uma palmadinha no traseiro, e você estava fora da Fazenda Hargrove, o débito pela sua passagem transferido para outro fazendeiro.

Como uma dama inglesa de nascimento, Edna viu-se diante do fato de que a maioria dos rapazes católicos da região era de operários irlandeses, trabalhando para pagar suas passagens ou retirando o sustento de dezesseis

hectares. Era lembrada disso todos os segundo e quarto domingos, na missa, quando os *paddies* entravam cambaleando, trôpegos, trêmulos da noite de bebedeira e baderna, desleixados e indolentes como costumavam ser.

Certas forças da natureza eram poderosas demais até para a têmpera de Edna Hargrove, tão poderosas quanto as águas nos topos dos fiordes, lançando-se nos estreitos de Milford.

Sua filha mais velha, Mildred, não era o que se poderia chamar de uma donzela graciosa, mas era uma moça naturalmente amável, boa e corajosa. Era muito importante que Mildred fizesse um bom casamento para servir de exemplo às suas irmãs. Os olhos de águia de Edna perceberam os primeiros olhares trocados por Mildred e Liam Larkin. Uma vez, fitavam-se dos extremos do estábulo. Edna colocou-se entre eles e pôde sentir suas vibrações indo e vindo.

Sugeriu a Bert que o contrato de Liam fosse leiloado para outra fazenda, de preferência na Ilha do Norte.

— Ele é valioso demais — retrucou Bert. — E ainda nos deve mais de dois anos e meio de trabalho. Fale com Mildred e explique-lhe como devem ser as coisas.

— Venho explicando a ela como as coisas devem ser desde os quatro anos de idade, Bert. Nós simplesmente não podemos correr o risco de que um *paddy* analfabeto destrua todas as nossas vidas.

— Esse *paddy* é um ótimo investimento, mulher. É sua obrigação mantê-lo longe das franguinhas.

— Não seja vulgar. Bert. Dois anos e meio?

Era tempo demais. Os Hargrove decidiram fazer Liam assinar uma promessa de não fornicar. Apesar de assinar o nome, não sabia ler uma palavra do documento, embora Bert lhe explicasse seu significado, detalhadamente.

Edna Hargrove deveria saber que uma simples folha de papel não iria estancar certas forças naturais poderosas. Seu trabalho foi desfeito.

Foi na feira distrital, durante o concurso de tosquia, que o que era evidente tomou-se evidente. Nu da cintura para cima. Liam Larkin representava a Fazenda Hargrove. Os pontos de vantagem dados a ele como competidor mais fraco foram um deleite. Nenhum recém-chegado tinha a menor chance, mesmo com os santos a seu favor. Vinte por um contra Larkin colocava-o quase no fim da lista. Claro, ninguém de Hargrove mencionara o novo tipo de tosquiadora de Conor.

Mildred mal conseguia disfarçar seu prazer diante do torso nu de Liam. As tesouras fizeram o resto. Depois da devida deliberação dos juízes, o instrumento curvo e denteado de Conor foi considerado legal nas mãos de Liam, e o *Squire* e todos os seus homens voltaram para casa com um punhado de moedas de prata.

No começo, quando arquitetava maneiras engenhosas de ludibriar Edna, Liam mal podia acreditar que uma jovem de ascendência inglesa, educada em um convento em Auckland, pudesse interessar-se por ele. Liam não sabia muita coisa sobre garotas. O que sabia descobrira em Ballyutogue, seguindo seu irmão Conor.

O que se podia dizer a respeito de Conor? Para ele, bastava assoviar para conseguir uma mulher. Em tais ocasiões, Conor sempre procurava jovens protestantes para não ter que se envolver seriamente depois. Algumas vezes, nas feiras do outro lado do Donegal ou em Derry, Liam teve a oportunidade de agarrar-se à garota extra, e não era muito desajeitado, desde que Conor estivesse por perto. Imaginou que, se surgisse a ocasião, procederia da mesma forma.

A ocasião surgiu na comemoração do aniversário da rainha, nada mais, nada menos, que também assinalou a primeira vez em que Liam pronunciara as palavras “proibidas” “Deus salve a rainha”, rezando para que seus ancestrais não o estivessem vendo lá de cima.

Nenhuma catástrofe pior poderia ter-se abatido sobre Edna Hargrove do que a gravidez de Mildred, destruindo meia vida de delicada manipulação. Bert ficou furioso porque algo lhe fora imposto e havia um saldo devedor nas obrigações de Liam. Quando o furor da tempestade dos Hargrove amainou, Liam e Mildred foram confrontados com um monstruoso ultimato.

O casal se separaria para sempre. O contrato de trabalho de Liam seria vendido a uma fazenda distante. Mildred seria furtivamente retirada do país para um convento na Austrália. Já que o aborto era impensável, a criança seria entregue para adoção na Austrália.

A alternativa era pior. Bert Hargrove tinha recursos legais tanto em relação à dívida de Liam quanto a uma série de ofensas “sexuais” que podiam colocá-lo na prisão por muitos anos.

Liam e Mildred haviam recuado até à beira de um penhasco e pareciam não ter escolha senão submeter-se ou saltar no abismo, quando a mão da Providência se estendeu claramente da Irlanda na forma de um

telegrama. Foi aberto com mãos trêmulas porque um telegrama quase sempre anunciava uma morte. Mildred leu-o para ele:

CARO LIAM PT RECEBI UMA
PEQUENA FORTUNA COMO
ADIANTAMENTO DA
INCUMBÊNCIA DE RESTAURAR A
ENORME GRADE NO SALÃO
COMPRIDO DA MANSÃO HUBBLE
PT LIQUIDEI TOTALMENTE O
PAGAMENTO DE SUA PASSAGEM
PT O CERTIFICADO ESTÁ A
CAMINHO PT MAIS FUNDOS
ESTÃO SENDO TRANSFERIDOS
PARA VOCÊ INICIAR UMA GRANJA
PT PAPAI NÃO SABE DE NADA PT
SEU IRMÃO CONOR

CAPÍTULO 2



Bem, o telegrama de Conor mudou as perspectivas dos dois. O casal partiu das terras dos Hargrove somente com a mala surrada com que Liam chegara. Mildred deixou tudo, cada peça de roupa, seu baú de enxoval, seus cavalos de exposição e seus bens pessoais.

Entretanto, desde muito jovem mantinha uma conta no banco. A maior parte do dinheiro que ganhava era pela negociação astuta nos diferentes mercados agrícolas. Serviria como entrada em alguma coisa.

Padre Gionelli, que ouvira as confissões de ambos durante certo tempo, os esperava. Concordou em casá-los desde que convidassem Bert e Edna para o batismo. Concordaram, com relutância. Os Hargrove sentiam-se em parte traídos, em parte culpados e em parte furiosos e recusaram o convite. Uma semente amarga fora plantada.

Liam escolheu um nome estranho e ambíguo para seu filho: Rory. Ninguém na linha dos Larkin tivera tal nome, e dar ao primogênito um nome diferente era incomum e inquietante. Liam achava que Rory fora um grande rei irlandês e isso era o suficiente.

Rory foi batizado logo após o nascimento e apelidado de “Wee”, que significava pequeno, para indicar que provavelmente nascera prematuro. Rory nada tinha de “pequeno”, sendo forte e muito bonito. Parecia quase impossível que tivesse nascido dos dois. O apelido “Pequeno” Rory fora-lhe atada ao pescoço como um pingente invisível. Não que tivesse nascido em desgraça, mas “uma criança incomum deveria ter um nome incomum”.

Bert Hargrove sempre dissera que se Mildred tivesse nascido homem seria o melhor fazendeiro da Ilha do Sul, tais eram suas habilidades. Sua partida foi mais um duro golpe para Bert, porque era ela quem mantinha os livros da contabilidade, as folhas de pagamento, os impostos, os contratos de compra de terras e conhecia a fundo o jogo de compra e venda do mercado da lã.

Com a cabeça de Mildred conduzindo o instinto e o conhecimento de Liam sobre as atividades do campo, formaram uma dupla que passou de

humildes donos de um pequeno rancho a importantes proprietários de uma fazenda de criação em poucos anos. O governo da Nova Zelândia na época estava empenhado em desenvolver uma indústria de gado e de lã capaz de exportar para o mundo e tornar-se um dente importante na engrenagem britânica. O governo oferecia condições privilegiadas para terras e animais de fazenda, e os Larkin souberam agarrá-las.

Houve uma ajuda adicional de Conor Larkin, que estava indo bem com sua oficina de fundição em Derry. A mente ágil de Mildred sabia exatamente o que fazer com o dinheiro extra enviado por Conor. Quando os quatrocentos hectares foram adquiridos, livres de hipoteca. Liam pendurou uma placa: FAZENDA BALLYUTOGUE, LIAM LARKIN, ESQ.

— *Squire* Liam, veja só, um plebeu de valor exigindo respeito pelas suas realizações.

Fazenda Ballyutogue — Liam Larkin, Esq. — Quantas vezes repetiu aquelas palavras? Mildred sabia. Conhecia aquele olhar de escudeiro em seus olhos, e como o amava.

Por que ele teria chamado sua fazenda de Ballyutogue, o nome de sua vila na Irlanda? A palavra queria dizer “lugar de dificuldades”, e dificuldades fora o que tivera lá. Doce... doce vingança.

— Mostrarei a vocês todos que Liam não era o idiota tonto dos Larkin. A Fazenda Ballyutogue que eu criei me lembrará da minha vitória toda vez que eu atravessar seus portões.

Para um tosquiador sem terra era muito mais do que os limites crescentes de suas terras e muito mais do que um país que o queria e aceitava. Era Mildred.

— Meu marido não vai ser um analfabeto — decidiu, e ensinou-o a ler e escrever muito mais do que o mínimo necessário.

Costumava pensar consigo mesmo toda vez que decifrava uma passagem difícil da Bíblia ou um dos romances de Mildred: “O que Conor não pensaria se me visse agora!”

Sim, lembrava-se bem de como Conor estava sempre com o nariz enfiado em um livro, ensinado pelo seu pequeno amigo Seamus O’Neill. Algum dia, ele próprio leria tão bem quanto Conor.

Ah, Mildred, querida! Adorava cada curva gordinha do seu corpo. Podiam ser simples e rudes, mas não havia nada de insípido na maneira como se amavam.

Mildred foi a primeira coisa que lhe pertenceu, fora o devido amor de alguns familiares. Mildred foi a primeira e única pessoa a amar somente a ele.

Liam foi a primeira pessoa a amar Mildred. A primeira pessoa a lhe pertencer. Foram os primeiros a cuidar um do outro. Espojavam-se, deliciosamente, nunca passando um pelo outro sem se tocar, para compensar uma vida inteira de toques nunca dados ou sentidos.

Levou um terço de uma vida inteira de sofrimento e uma jornada por meio mundo, mas sua salvação do purgatório era sentida cada dia de sua vida quando acordava e via que a Nova Zelândia era verdade.

A raiva de Edna Hargrove durou somente até o batizado do segundo filho, Spring. Uma verdadeira mãe inglesa perdoa, e Spring recebeu o nome de sua própria mãe. Sem dúvida, ao dar à sua filha o nome de Spring, Mildred enviara um sinal de que desejava o perdão de Edna. Pelo menos, as coisas podiam ser misturadas para que ninguém realmente soubesse quem estava perdendo quem.

Bert continuou inflexível por mais um filho, Madge.

Ao longo de toda a sua provação, Liam percebeu que uma certa sensação impremeditada de exultação estava sendo concedida ao vencedor. A permanente amabilidade com o antigo algoz pode ser a forma mais deliciosa e engenhosa de vingança. Se ele e Mildred se tivessem mostrado beligerantes, os Hargrove certamente teriam encontrado justificativa para seu comportamento odioso.

Ao aceitá-los de braços abertos, Liam lançara sobre os pais de Mildred o sentimento perpétuo de culpa e vergonha. A terrível maneira como agiram era o assunto dos Hargrove em incontáveis horas com o Padre Gionelli, mas nunca conseguiram apagá-la inteiramente. Os *aussies*, como os australianos são chamados, tinham um ditado sobre o cruel caçador que erra sua presa e acaba golpeado com seu próprio bumerangue. A Bíblia era um catálogo de que “tudo que vai volta”.

Quanto aos rapazes Hargrove, King Hargrove, o filho mais velho, tornou-se um palerma de primeira ordem, com inclinação para perder em jogo e para o tipo de irresponsabilidade que Bert Hargrove antes atribuía exclusivamente aos irlandeses. Bert ficou mais do que satisfeito quando King resolveu ficar na África do Sul atrás de uma corrida do ouro, depois de servir na Guerra dos Bôeres.

Gilbert, o mais novo, era um bom sujeito, mas não abriu mão de ser educado na Inglaterra com aspirações de se tornar um engenheiro.

Chegou então o momento sublime para Liam Larkin em que Bert se postou diante dele, o chapéu na mão, e desfiou uma ladainha de fracassos, maus investimentos, problemas com os filhos, epidemias imprevistas nos rebanhos. Nada daquilo era culpa de Bert. Fora fácil comprar terras, e a ganância fora seu erro. A expansão de Bert não tinha previsão de uma reserva para a eventualidade de um fracasso. Diabos, aos dez anos de idade Liam já sabia que não se pode tentar arar quatrocentos hectares sem um trator.

Ele sorriu, sacudiu a cabeça solidariamente e não disse em voz alta, mas Bert podia ler o silêncio no rosto de Liam... “O que você daria para outro *paddy* estúpido como eu sair do navio e pagar sua fiança, seu monstro desgraçado?”

— Ah, meu Deus. Bert, venha sentar-se comigo e a Millie para vermos como podemos ajudá-lo a sair dessa enrascada.

Maldito! A bondade de Liam quase matou Bert Hargrove, mas as condições, bastante generosas nas circunstâncias, salvaram a fazenda, que agora seria distribuída em bases iguais entre suas três filhas.

Na verdade, a bondade como vingança suprema começara a evoluir na mente de Liam anos atrás quando ele, Millie e o bebê lutavam para atravessar aquele primeiro inverno em sua primeira casa, um casebre miserável, batido pelo vento, de um único cômodo, forrado de sarrafos, cheio de goteiras. Era como o pesadelo da Irlanda outra vez, mas aguentaram até a primavera e dali em diante, nunca mais olharam para trás.

Seu atormentado pai, Tomas Larkin, o fizera deixar a Irlanda em vez de dar-lhe as maltratadas terras dos Larkin, que eram suas por direito e que ele tanto queria. Com a primavera, chegou uma carta de Tomas implorando a Liam para retomar à Irlanda e assumir a propriedade.

Após uma primeira lufada de alegria, Liam percebeu o que havia por trás da carta. Depois de quatro gerações, a terra dos Larkin não iria ter mais o nome Larkin, a menos que Liam voltasse.

Conor deixara a vila Ballyutogue e estabelecera-se como um grande proprietário de fundição. Dary, o irmão mais novo, estava a caminho de realizar o sonho de sua mãe, Finola, tomando-se Padre. O que deixava Brigid, que desistira de seu único amor porque ele não possuía terras e fora forçado a ir embora.

Brigid agora teria de casar-se com algum velho solteirão derrocado porque ela já não era jovem e viçosa e era pouco provável que algum dia viesse a ter filhos.

“Tratei-o cruelmente”, implorava a carta de Tomas, “mas volte para casa, a granja e tudo que tenho são seus.”

Liam podia imaginar a agonia e a esperança nas palavras de seu pai. Também podia imaginar Tomas no bar de Dooley McCloskey brandindo a resposta àquela carta, dizendo que seu filho, Liam, logo estaria de volta.

Lamento muito, papai, lamento mesmo. Não se anime. Eu e Millie nunca fizemos parte dos planos de ninguém porque ninguém nunca nos amou... exceto meus irmãos, Conor e Dary.

Liam ainda não era suficientemente letrado para compor uma resposta e não queria envolver Mildred numa discussão familiar. Procurou o Padre Gionelli e juntos redigiram uma carta repleta de compaixão e interesse. Entre a compaixão e o interesse, deixou cair pequenas gotas de veneno... “Conor liquidou a dívida de minha passagem... Tenho um arrendamento com opção de compra de duzentos e cinquenta hectares... o governo está me ajudando com um rebanho de mil cabeças... a terra na Nova Zelândia é rica e fértil... diga a mamãe que eu ainda rezo o terço e o Ângelus...”

Então Liam passou a navalha da bondade na garganta de seu pai. Escreveu sobre Mildred. Liam não mencionou que já estavam casados e tinham um filho, mas... “Mildred é de uma família inglesa e educada num convento e logo nos casaremos e eu não voltarei mais para a Irlanda.”

Liam calou-se até a carta ter sido enviada e somente então procurou o Padre novamente.

— Padre, eu não sinto raiva de meu pai, mas devo confessar que a carta me encheu de uma imensa sensação de felicidade e eu sei que isto é errado porque sei o quanto o magoei. Sei do seu sofrimento porque foi assim que ele me fez sofrer. Perdoe-me pela minha alegria, mas não posso negá-la.

— Eu o compreendo, Liam — disse Padre Gionelli. — Sua carta é a história de minha própria infância.

— Eu pequei?

— Pecado? O que é o pecado dentro da dinâmica dos relacionamentos familiares? É um mistério que começou com o homem. Ninguém pode solucioná-lo senão através de sua própria e única

experiência. O que você sente é humano. Mas não pense que poderá livrar-se deste sentimento. Nunca nos livramos de nosso sangue.

Tomas Larkin teve um ataque de diabetes pouco depois de ter recebido a carta de Liam. Morreu quando o sol surgia no horizonte de um novo século. Tomas morreu mergulhado na consternação pela maneira como tratara o filho.

CAPÍTULO 3



Janeiro, 1915

A benevolência do *Squire* Larkin cresceu junto com seus hectares. Construiu uma igreja para o Padre Gionelli em Methven e embelezou—a com janelas de vitrais dedicados a seu pai e, mais tarde, a sua mãe. Refletiu como nunca fizera antes, durante quase seis meses, mas finalmente acabou denominando-a de igreja S. Colombano, o mesmo nome da igreja de sua infância em Ballyutogue.

Era benfeitor do orfanato não sectário de Padre Gionelli em Christchurch, que considerou uma nobre ideia merecedora das atitudes da Nova Zelândia.

Embora não fosse o mesmo que ver o Padre chegar a Methven com sua tropa de mulas, Liam foi o principal contribuinte da compra de um automóvel Modelo T dos Estados Unidos para transportar o Padre para cima e para baixo na estrada da montanha.

E era um benfeitor da família lá na Irlanda! Assegurou que sua mãe, Finola, vivesse como uma rainha em sua aldeia. O telhado da casa dos Larkin era de ardósia, uma evidência singular de que um da família do outro lado do oceano fora bem—sucedido. Liam enviou dinheiro para novas e belas lápides para todos os Larkin que já haviam partido.

Para seu irmão, Padre Dary Larkin, enviou uma soma generosa para suas obras de caridade.

Por mais que se esforçasse, Liam não conseguia realizar suas filantropias sem anexar—lhes uma ponta de vingança. Achava que tinha uma ferida incurável. Como o Padre Gionelli lhe dissera anos atrás: “Isto simplesmente não passa. Nunca nos livramos de nosso sangue”.

Liam compreendeu que só havia uma maneira de entrar em acordo com sua infância: era assegurando-se de que seus próprios filhos não

sofressem por causa dele.

Ele e Mildred sempre conversavam em termos avançados para sua época. As filhas, Spring e Madge, estavam atingindo a idade de namorar. Infelizmente, no que dizia respeito à beleza física, tinham sido mal aquinhoadas.

Entretanto, nem tudo estava perdido: eram boas moças e haviam herdado não só a opulência da mãe, mas também seus modos gentis e sua inteligência aguçada.

Embora, graças a Deus, jamais fosse interferir ou tentar ditar as vidas das meninas, Millie tinha certeza de que, com o nome poderoso do *Squire* Larkin, seriam mais atraentes do que seus dotes físicos. Liam e Mildred tinham chegado à ideia singular de que não havia nada de errado em filhas herdarem terras. Significava casarem-se com homens de nomes diferentes, mas o nome Fazenda Ballyutogue estaria sempre no arco acima da entrada.

Liam até ousou dar um passo mais à frente. Se por acaso, Deus os livrasse, Madge e Spring viessem a se apaixonar por protestantes, e fossem protestantes decentes, seriam bem-vindos como genros. Claro, os netos teriam que ser criados na Verdadeira Fé.

Batizou Tommy, que orgulhosamente recebeu o nome de seu pai, Tomas Larkin. Ah, mas as semelhanças com seu pai ficavam só no nome. Tommy parecia ter o pior das características de todo mundo. Era um bom rapaz, veja bem, forte e rústico. Tinha todo o jeito quieto e desajeitado de Liam, mas nenhum de seus instintos de camponês.

Como inconscientemente Tommy lembrasse Liam de si mesmo, e como conscientemente Liam soubesse que tinha que colocar sabedoria e preciosos conhecimentos do campo na cabeça do rapaz, os dois tornaram-se inseparáveis. O coração de Liam chorava em silêncio porque Tommy tinha uma limitação de quarenta hectares.

Tommy seria educado e muito bem educado. Tinha que ser empurrado para a frente, para que pudesse vir a ter uma boa qualidade de vida. Seria um trabalho difícil. Se o pior viesse a acontecer, sempre restaria algo para ele na fazenda.

Então, assim seria: Madge e Spring com bons maridos que teriam participação na fazenda. Contanto que fosse supervisionada por um Larkin, tudo estaria bem.

Sim, Mildred e Liam conversavam sobre isso com frequência. Não iriam manipular as vidas de seus filhos como tinham sido manipulados. Não seriam atirados uns contra os outros por causa de terras. Sabedoria e orientação, e tudo daria certo.

Tudo estava sob controle para o *Squire* Larkin, exceto por uma pequena questão. A administração da fazenda iria por direito para seu filho mais velho, Wee Rory, e Rory era um homem à altura da tarefa.

Entretanto, havia alguns probleminhas com Rory e seus modos impulsivos com as garotas, suas farras e crescente sede de viagens. Ah, ele se acomodaria. Amava realmente a terra e da adolescência à idade adulta vencera todo tipo de competição de montar, laçar, tosquiado e de exposição de animais que a Ilha do Sul tinha a oferecer.

E, além disso, era um herói de rúgbi.

Na verdade, Liam passara muitas horas com Padre Gionelli, imerso em preocupações com Rory. Num piscar de olhos, a preocupação de Liam transformou—se em medo.

A guerra estourara na Europa. Naquele instante, a remota e plácida Nova Zelândia mudou. Os rapazes aparentemente tranquilos naqueles campos distantes foram repentinamente tomados pela febre da guerra e estavam formando filas que dobravam quarteirões do lado de fora dos postos de recrutamento.

Não fazia sentido. A Nova Zelândia não tinha nenhuma disputa com os alemães ou austríacos e ninguém ali jamais vira um turco. Por que, em nome de Jesus e Maria Santíssima, deveriam correr como uma turba para morrer pelo Império Britânico? O que iriam encontrar lá que pudesse ser comparado à vida na Nova Zelândia?

Os jovens tomaram-se inquietos, aventureiros, e se convenceram de que a libertação da Bélgica — que ficava em algum lugar da Europa — era a causa mais nobre desde as Cruzadas. Estavam ansiosos para se envolver na luta.

Fazia sentido e Liam sabia disso. O Império Britânico estava cobrando o que lhe era devido. Sem a Inglaterra não haveria nenhuma Nova Zelândia. Sem a Inglaterra poderiam muito bem estar falando alemão e bebendo à saúde do Kaiser.

Para um próspero fazendeiro na Ilha do Sul da Nova Zelândia, a guerra acrescentara novas palavras à sua língua. O *Squire* Liam Larkin era agora um “magnata das ovelhas”. Todos os produtos que os fazendeiros

podiam extrair de seu solo fértil eram carregados nos navios a preços que nunca mais se repetiriam e transportados para tentar encher o derradeiro poço sem fundo, a guerra.

Os magnatas das ovelhas e seu pessoal indispensável ficaram isentos do serviço militar e de outros serviços de guerra. Cada trabalhador era desesperadamente necessário na fazenda. Claro, Liam podia operar Ballyutogue sozinho, mas se Rory tivesse uma amostra do mundo lá fora colocaria em risco o futuro de todos.

Rory havia realmente herdado a tendência de seu pai de guardar um rancor profundo dentro de si. O fato era que pai e filho falavam a mesma língua no que dizia respeito a colheitas, gado e ovelhas, mas de outro modo eram completos estranhos.

Liam iludira-se em acreditar que Rory amava tanto a Fazenda Ballyutogue que jamais pensaria em deixá-la, ainda que eles dois na verdade nunca tivessem sido verdadeiros companheiros.

Perguntava-se agora se não haveria ainda algum modo de reverter o passado, embora não soubesse com certeza o que fizera de errado. O quê? Quando? Como? Rory parecia irascível, quase desde o nascimento. Por quê?

— Sei quando tudo isso começou — disse Liam uma noite para Mildred.

— Começou há dez anos, quando Conor nos veio visitar. Daquela hora em diante, o rapaz mudou.

Foi mais uma batalha de silêncio entre Rory e seu pai. O rapaz fora a Wellington ver o time de rúgbi da Nova Zelândia, All-Black, derrotar os *aussies*, um jogo que terminou em uma briga para acabar com todas as brigas.

Quando provocado, Rory era um combatente feroz, capaz de lutar contra qualquer coisa com punhos, pés, mordidas ou qualquer arma disponível: cadeira, lampião, garrafa de cerveja.

Um bando de *aussies* inconformados fez comentários nacionalistas depreciativos. Um bordel chinês, permitido naquela terra cristã para servir aos marinheiros solitários, foi demolido. Liam viajou para o norte a fim de pagar a fiança e soltar seu filho. O resto foi silêncio, absoluto silêncio.

Em momentos assim. Liam costumava ir para o ponto mais alto de suas terras, uma colina alta por onde corria um riacho de trutas, para ficar a sós consigo mesmo, revivendo sua própria epopeia.

Liam alcançara a vitória sobre a Irlanda fazendo de sua imigração um estrondoso sucesso. Apesar disso, nunca se livrara dos fantasmas que pairavam à sua volta, os homens que haviam criado o legado dos Larkin. Cada um, há gerações e gerações, fora o grande homem de sua própria época. E ele, Liam, perdido e desconhecido entre eles. Toda vez que se julgava livre, eles se levantavam de suas tumbas no terreno da família em Ballyutogue.

Seu bisavô Ronen, açoitado com o chicote gato—de—nove—rabos até os ossos perfurarem a carne durante o levante de Wolfe Tone em 1798. Seu avô Kilty, que os conduziu através da Grande Fome lutando com as mãos nuas por alguns *pennies* nas vielas de Londres e que mais tarde lutou ao lado dos rebeldes fenianos. E seu pai, Tomas, o guerreiro silencioso, o homem que fez a gente de Orange dividir-se como o mar Vermelho quando tentaram bloquear seu caminho para o primeiro voto dado ao meeiro católico.

Conor! Ele era o mais Larkin de todos. Conor deixara a Irlanda após um trágico incêndio da fábrica de camisas em Derry e vagou pelo mundo durante cinco anos. Há dez anos, fizera uma parada na Nova Zelândia. Liam tentou fazê-lo ficar, mas ele retomou para sua vida em uma batalha incerta.

Conor uniu-se à Irmandade ilegal e arquitetou um plano de contrabando de armas, foi capturado, preso, escapou e agora vivia uma vida de foragido.

— Jesus — Liam murmurou consigo mesmo. — Vou descer e conversar com Rory, desta vez sem rancor. Desta vez, vamos chegar ao fundo do que nos está incomodando. Ah, meu Deus, nem ousou pensar, mas se Rory permanecesse na Nova Zelândia por causa de um amor recém-descoberto por mim e, talvez, meu por ele, então esta maldita Trindade sairia de meus ombros. Que Deus me ajude a não perder a cabeça com o rapaz.

Liam compreendeu, no instante em que viu Mildred, que algo terrível acontecera.

— Rory!

— Não, ele está bem — assegurou-lhe Mildred. — Na verdade, andou resmungando comigo sobre o maldito gênio dele. Está arrependido de ter causado tantos problemas.

E deve arrepender-se mesmo! Com toda certeza! Pensou Liam. Esta última arruaça custou-me trezentas libras esterlinas. Trezentas libras

esterlinas! Poder-se-ia comprar quase a metade do condado de Donegal com isso!

— Ótimo — disse Liam. — E as outras crianças?

— Estão bem. Todos estão aguardando na sala.

Estavam reunidos junto à lareira, como o *Squire* costumava fazer para uma prece e uma conversa antes do jantar. Rory mantinha a cabeça baixa enquanto atiçava o fogo.

Bem, alguém o golpeou firme no queixo, Liam observou. Espero que lhe doa até o rabo.

Liam percebeu o silêncio. Então, viu-o sobre a mesa. Um envelope de telegrama. Diabos! Recebemos telegramas, inúmeros telegramas. A Fazenda Ballyutogue na Nova Zelândia deve ter recebido uns vinte telegramas no ano passado. Pegou-o. Trazia uma estrela negra, indicando uma morte.

— Estávamos esperando para que você o abrisse — disse Mildred.

NOSSO AMADO IRMÃO CONOR
ESTÁ MORTO PT FOI
ASSASSINADO QUANDO
LIDERAVA UM GRUPO DE ATAQUE
QUE DESTRUIU UM ARSENAL DO
EXÉRCITO VOLUNTÁRIO DO
ULSTER NO CASTELO DE
LETTERSHAMBO PT ESTAMOS
NEGOCIANDO COM OS INGLESES
PARA QUE DEVOLVAM SEUS
RESTOS MORTAIS PT SEGUE UMA
CARTA DETALHADA PT QUE DEUS
TENHA SUA ALMA E QUE DEUS
ESTEJA COM VOCÊ EM SEU
MOMENTO DE PESAR PT DARY
LARKIN

CAPÍTULO 4



Liam permitiu-se um olhar rápido aos semblantes desfigurados e deixou para Millie a tarefa de cuidar dos destroços.

Rory parou seu pai nas escadas.

— Pai — murmurou com voz embargada.

Diabos, pensou Liam, você amava Conor mais do que a mim.

— Preciso ficar sozinho, garoto.

Ao abrir a porta do quarto, Liam pôde ouvir a família chorando na sala, o que foi repentinamente marcado pelo som de uma porta batendo, a assinatura de Rory de que estava indo direto se embriagar.

Ouviram-se os passos de Mildred subindo apressadamente as escadas até o quarto onde Liam preparava sua mochila. Era agora, inteiramente o Liam, contendo sua dor. Resolveu ir novamente para os prados altos para qualquer reação tardia que pudesse advir. Incluiu uma garrafa de *poteen*, uma bebida ordinária clandestina. Fez ranger as molas da cama enquanto calçava um par de botas de solado tacheado.

— Preciso ficar sozinho.

— Há outras pessoas com necessidades também — retrucou Mildred.

— Não sou bom nisso, Millie. Terá que fazer isso por mim.

— Deixe-me ir com você.

— Não.

— Ao menos, tenha uma palavra com Rory.

— Droga, ele provavelmente já está a caminho do entroncamento. O danado do garoto pode aguentar mais bebida do que meu pai.

— Rory não saiu — insistiu Millie. — Está no celeiro. Está chorando.

Rory chorando? Rory chorava muito raramente, exceto quando estava com raiva. Claro, estaria chorando agora. Conor era tudo para ele. Durante dez anos Rory tem tentado seguir as pegadas de Conor. Era só o que a Irlanda precisava, mais um desgraçado mártir Larkin.

— Rory nunca precisou do meu consolo — disse Liam.

—Liam. Esta casa está destrozada! Afague-o! Apenas afague-o e diga-lhe que superaremos isso junto.

— Não sou bom nisso, Millie.

— Uma palavra de amor poderia ter evitado muitas lágrimas.

— Eu... humm... vou tentar.

Liam entrou no celeiro animadamente e levantou a lanterna, estupefato com os soluços que vinham do outro lado. A luz bruxuleante revelou Rory sobre um fardo de feno, o rosto nas mãos. Liam abriu uma cocheira, retirou sua égua e selou-a, enquanto Rory observava-o atormentado.

Conheço esse olhar, pensou Liam. Eu mesmo devo ter parecido tão dilacerado de dor. Bem, nada mais vai conseguir me ferir dessa forma outra vez, Não, nem mesmo essa notícia. Então, o que é que eu devo dizer? — perguntou-se. — O idiota estrepou-se sem a nossa ajuda. O pai sempre disse que ele ia acabar enforcado numa árvore, de um jeito ou de outro. Para o inferno com a Irlanda!

Liam limpou a garganta. Os dois fitaram-se como veados assustados apanhados por um fecho de luz. Liam limpou a garganta de novo. Sim, *Squire*, pensou, você é igual a seu pai. O velho Tomas não demonstrou nenhum sentimento a Liam. Abaixou os olhos e levou o cavalo para fora do celeiro. Em poucos instantes, ouviram um relincho e o som de cascos afastando-se em direção às colinas.

Logo o *Squire* Larkin chegou ao topo de suas terras. Tudo, até onde a vista alcançava, pertencia-lhe. Soprou até o fogo acender-se e elevar-se no ar frio, em seguida entrou na barraca de lona e apanhou a garrafa de *poteen*, tomou um trago e recostou-se no grande carvalho que ele considerava o altar e trono pessoal de seu reino. O vento trazia fracos balidos e sons dos sininhos do rebanho nas pastagens do leste. Os sinos fundiram-se em um tom contínuo que aumentava e diminuía, como se os animais estivessem conversando com ele.

— A beleza da Irlanda jaz chacinada! Como os poderosos foram destruídos! Sim, montanhas do Donegal, que não haja sereno, nem haja chuva sobre vocês, pois o escudo dos poderosos foi lançado fora. Ele foi maravilhoso em sua vida. Era mais ágil do que a águia. Mais forte do que um leão. Como os poderosos foram destruídos! Você, Conor; você foi massacrado em seu ninho nas alturas! Como os poderosos... como os poderosos... como o poderoso — meu amado irmão... foi destruído!

Liam caiu de joelhos.

— Conor! — gritou e o eco devolveu junto com o tilintar dos sinos —
CONOR... Conor. Conor... — Ah, meu Deus! Eu o amava tanto!

Liam batia no peito, rastejava e gritava enquanto sua dor e perplexidade o transtornavam. De quatro, sobre as mãos e os joelhos, arrastou-se. Teve ânsias, vomitou e agarrou-se à enorme árvore, gemendo cada vez mais baixo até a exaustão.

Algum tempo depois, um calafrio incontrolável percorreu-o. Liam acordou quando uma nuvem avançava pelo topo da colina. O fogo extinguiu-se. Liam entrou depressa na barraca e enrolou-se no pesado saco de dormir até sua tremedeira acalmar-se, transformando-se em grunhidos rítmicos.

— Meu Deus — murmurou — castigue-me pelo momento de júbilo que me percorreu quando li o telegrama. Deus, por favor, castigue-me. Eu o amava, Conor, meu rapaz, e essa é a mais pura verdade.

CAPÍTULO 5



Quando Liam partiu para as colinas, Rory desceu para o mar pelo caminho que seu cavalo de raça RumRunner conhecia maquinalmente.

Confortava-o estar na sela, mesmo em um momento de aflição como aquele. A mais profunda lembrança da afeição de seu pai ocorreu no seu terceiro aniversário na forma de seu primeiro pônei.

Rory tinha sete anos e RumRunner quatro quando fizeram sua parceria para toda a vida. Logo Rory se tomara um condutor plenamente habilitado, Conduzindo RumRunner pelo meio de um rebanho era como galgar uma nuvem, um céu de lã sob ele, e os cães pastores dando voltas, latindo e beliscando traseiros.

RumRunner percebeu que o peso de seu senhor era maior naquela noite. Quando Rory enfiou a mão no alforje e retirou uma garrafa, ele iniciou a jornada automaticamente; quatro horas e a quinta parte do uísque os levariam até Christchurch.

Os jovens da Nova Zelândia andavam com sede de viagens ultimamente. Agora, tinham razões e justificativas para rebelar-se contra a armadilha que cai sobre a maioria dos rapazes da ilha. Se não houvesse uma guerra em andamento, eles provavelmente inventariam uma.

Desde a visita de Conor, grande parte da curiosidade de Rory fora satisfeita por uma série de livros, que chegaram até ele através do tio. Wally. Tornou-se um leitor prolífico, mas, estranhamente, seu ímpeto de deixar a Nova Zelândia parecia apaziguado.

Rory não se deixara contagiar pela febre da guerra, em parte porque no fazia sentido para ele atravessar meio mundo para lutar pela liberdade da Bélgica.

Sempre se herdavam algumas coisas dos pais, às vezes com relutância. Ele encontrara o senso de paz deles que lhe dizia que faria suas viagens algum dia no futuro, quando estivesse completamente pronto e decidido a respeito.

Aos dezesseis ele estava entre os melhores vaqueiros e pastores da Ilha do Sul e convencera seu pai a criar veados domesticados, o que se estava transformando em um empreendimento lucrativo. Também importara algumas mulas do Chipre, que acabaram não sendo tão lucrativas.

Embora o desejo de partir estivesse lá, o desejo de ficar também estava. Foram as suspeitas e temores de Liam que incitaram Rory a olhar para o horizonte. Amava a fazenda, o país, seu trabalho.

Muitos anos se passaram sem que ouvisse falar de Conor. Somente menções enigmáticas a seu tio vinham nas cartas de seu outro tio, Padre Dary.

Mas naquela noite da morte de Conor, o passado tornou-se presente outra vez e o presente assumiu uma urgência repentina. Precisava seguir os passos de Conor.

Mesmo agora adorava cavalgar pela fazenda com seu pai, que era calado e fechado e conhecia como ninguém o solo e o tempo. Dizia-se que somente os porcos podiam ver o vento, mas Liam Larkin com certeza também podia, era perspicaz a esse ponto.

Se conter as próprias emoções era uma qualidade digna da realeza, seu pai era um grande rei. Seus primeiros anseios de companheirismo com seu pai haviam sido refutados pela atitude permanentemente taciturna de Liam em relação a ele. Era para a mãe e Tommy, e às vezes para as meninas, qualquer demonstração de afeto externada por seu pai.

Se fazia parte da natureza básica de seu pai ser taciturno, Rory achou que podia encontrar um ritmo para isso, uma maneira boa e franca de dois homens calados terem respeito e carinho um pelo outro.

Rory tivera um vislumbre quando criança de que o silêncio e posteriormente o mau humor para com ele tinham um aspecto de censura. Era algum aborrecimento especial que seu pai sentia em relação a ele por algo que devia ter acontecido há muito tempo e muito longe dali.

Era uma noite escura, mas RumRunner conhecia o caminho. Rory cochilava na sela, sabendo que seu cavalo o avisaria se estivesse a ponto de cair. De vez em quando, acordava com um sobressalto e empertigava-se. A cada vez que o fazia, lembrava-se de seu tormento... TIO CONOR ESTÁ MORTO!

Rory, pare de fazer este jogo, disse a si mesmo. Você tem o osso de um nômade atravessado na garganta e você sabe disso e seu pai sabe disso.

O azedume entre eles se havia implantado há quase dez anos, quando tio Conor viera visitá-los.

Liam Larkin compreendia a inquietação de seu filho e era incapaz de fazer algo a respeito. Resumia-se numa única palavra, Irlanda, e Rory transformara seu tio em uma divindade. O medo de Liam era de que o mesmo maldito feitiço levasse seu filho embora.

Uma palavra de conforto a seu pai de que seu amor pela Nova Zelândia o manteria ali e tudo teria mudado entre eles num piscar de olhos.

Liam viu seu filho ficar cada vez mais parecido com seu irmão e estava além de suas forças fazer alguma coisa para impedi-lo. Quanto a Rory, nunca conseguiu tranquilizar seu pai a respeito da Irlanda.

Assim, o rancor e o câncer cresceram.

TIO CONOR ESTÁ MORTO!

As lágrimas escorriam pelo rosto de Rory. Sua garganta lhe dizia que a garrafa estava vazia. Atirou-a longe e buscou as luzes de Christchurch. Sempre pareciam surgir como o som de um hino protestante. Se a Nova Zelândia um dia caísse da terra, Christchurch seria a primeira a ir. Nascera pacata e assim permanecera sem curiosidade ou raiva, apenas um jardim inglês transplantado, perpetuamente entre murmúrios e rezas. Era a Pátria um dia transportada, o velho, real e leal posto avançado do império. Eram onze horas da noite e Christchurch dormia. Christchurch sempre dormia.

RumRunner continuou seu trote pelo Lytleton Harbour, onde um oásis de leviandade do mundo exterior filtrara-se através das trincheiras cristãs.

A empresa Intercâmbio de Pastores e Mineiros, de Wally Ferguson, era o santuário solitário de toda aquela benevolência. As atividades de Wally concentravam-se em torno dos cercados de ovelhas e de gado perto das docas. Havia um hotel para alojamento temporário dos homens, um armazém, um galpão de leilões e a taverna mais movimentada da Ilha do Sul.

O maior bem de Wally era sua capacidade de avaliar os homens: bons, maus, confiáveis, mentirosos, briguentos, covardes... este vai desabar em uma estação... aquele vai ser um sucesso... Esse é um brutamontes.

No começo, quando Mildred e Liam foram banidos da fazenda de Ben Hargrove, Wally fez uma avaliação astuta e abrigou o assustado casal. O que comprar, quando comprar, terras boas, terras ruins, navios seguros,

navios avariados, mercado em alta, mercado em baixa, carneiro bom, carneiro ruim — tudo isso era partilhado com Liam Larkin, mais ainda porque ele detestava Bert Hargrove, mas principalmente porque ele conhecia uma dupla vencedora quando via uma.

Aquele garoto, Rory Larkin, tomou-se uma espécie *alter ego*, vencendo nas feiras, um jogador de rúgbi quase bom o suficiente para jogar no All-Blacks e um lutador de proporções devastadoras.

Rory podia ocultar seus sentimentos como seu pai, Liam. O rapaz era quase sempre um solitário, exceto pelas garotas que não podiam manter as mãos longe dele ou as pernas cruzadas.

Da mesma forma, havia muitas diferenças entre pai e filho, mas a maior delas era a capacidade de Liam de sufocar a raiva dentro de si, a qualquer preço.

Rory era capaz de controlar-se apenas por algum tempo e, quando explodia, podia ser descomunal e perigoso.

RumRunner parou no portão do curral. Rory assoviou. O velho Glenn que tomava conta da estrebaria, veio mancando do barracão do alojamento e os deixou entrar. A jornada terminara, o uísque fazia seu efeito retardado. Rory precisou de ajuda para desmontar e apoiou-se na cerca, tonto.

— Minha Nossa Senhora — disse o velho —, vá para o barracão. Vou enfiá-lo na cama assim que acabar de cuidar de seu cavalo.

A intensidade da dor era mais forte do que o simples efeito do álcool. Rory recompôs-se, um pouco atordoado.

— Não quero dormir ainda — disse. — A noite é uma criança e estou desperdiçando um bom tempo para beber.

— Já bebeu o suficiente para manter a Câmara dos Lordes bêbada por um mês.

— Glenn, apenas cuide do meu cavalo, está bem?

— Tudo bem, mas cuidado com os modos. Há um grupo de quatro baderneiros que veio da mina de cobre e que está doido para se meter numa briga. E vá falar com Wally antes de entrar no bar. Ele achava que você viria.

Rory ergueu-se prontamente para mostrar que estava absolutamente sóbrio, agradeceu a RumRunner e começou a atravessar o curral.

— Rory, soubemos a respeito de Conor Larkin. Sinto muito, rapaz.

Rory parou por um instante e examinou o cenário de cercados abarrotados de carneiros e três navios nas docas. O bar estaria cheio. Um barril de pólvora.

Rory bateu e entrou no escritório de Wally Ferguson, deixou-se afundar numa cadeira e abaixou a cabeça. A sensação das duas mãos fortes de Wally apertando seus ombros com força ajudou-o muito.

— Glenn diz que já sabem da notícia por aqui. Como souberam tão depressa?

— Acho que sua mãe deve ter guardado o telegrama por alguns dias. Eu telefonei-lhe e disse que estava nos jornais de hoje. Alguns jornalistas republicanos em Dublin devem ter transmitido a notícia antes que pudesse ser censurada.

Rory levantou a cabeça e viu um jornal sobre a mesa. Cerrou os olhos e mordeu o lábio.

— Precisa ler para mim.

— “Está confirmado que o arsenal e o quartel do Exército Voluntário do Ulster, do Castelo de Lettershambo, no condado de Londonderry, foi destruído por um ataque de surpresa da Irmandade Republicana Irlandesa, contrariando informação anterior do porta-voz de Sua Majestade de que a explosão fora um acidente.

“Os detalhes que surgem agora parecem indicar que um pequeno grupo de ataque atravessou o lago Foyle, e conseguiu entrar no castelo por uma série de cavernas e túneis ocultos.

“A explosão, que ocorreu às 4:22 da manhã, foi tão estrondosa que pôde ser vista e ouvida desde a Escócia até a cidade de Londonderry. Não foram divulgados os números de mortos e feridos, mas fontes bem informadas declararam que mais de cem oficiais e soldados da guarnição estão desaparecidos. A extensão dos danos não foi noticiada, mas pela força da explosão acredita-se que toneladas de dinamite armazenadas no castelo explodiram e que dezenas de toneladas de armas, juntamente com milhões de cartuchos de munição, foram destruídos.

“Somente dois corpos do grupo de ataque da IRI foram recuperados e identificados. Um era de Daniel Hugh Sweeney, conhecido no movimento republicano como “Long Dan” e que se acredita estava no comando da organização clandestina.

“O segundo corpo era de Conor Larkin, um antigo militante da Irmandade, cujo paradeiro era desconhecido desde sua fuga da prisão de

Portlaoise há quase seis anos. Apareceu nos Estados Unidos durante algum tempo para desaparecer em seguida. Larkin ficou nacionalmente famoso por um ousado feito anterior de contrabando de armas, que culminou em sua captura na conhecida emboscada de Sixmilecross.

“Sweeney e Larkin foram mortos quando atiravam com metralhadoras, aparentemente dando cobertura ao grupo de ataque que batia em retirada...” e por aí vai — concluiu.

Wally. — Ele sem dúvida partiu com estilo, Rory. Acho que você pode me considerar um monarquista — continuou —, mas, se eu fosse irlandês, provavelmente teria outro ponto de vista. Eu o conheci quando estive aqui há dez anos. Era um bom homem que não conseguia livrar-se da maldição com que nasceu.

— Obrigado, Wally

— Bem, e o *Squire*!

— Ah, meu Deus, a cabeça do papai deve estar realmente um turbilhão agora. Nós, ele e eu, somos como uma de suas finas peças de cristal *Waterford*. Já viu uma delas quando se quebra? Não é em pedaços ou lascas, mas em um bilhão de flocos pequeninos que não podem ser reunidos outra vez... pelo menos, não por nós dois.

— Você tem coragem de ficar na Nova Zelândia?

— Ficar? Diabos! Não entende, Wally? Conor era tão alto que lança sua sombra sobre metade do mundo. Agora, esta sombra está se transformando numa nuvem negra. Durante todos estes anos não se falou em Ballyutogue, Irlanda ou tio Conor, a não ser através de fragmentos de medo. Os fantasmas de Tomas, de Kilty e da Irlanda impregnam cada canto de nossas terras e cada centímetro de nossa casa. Às vezes, a presença invisível de tio Conor chega quase a nos sufocar.

— Seu pai é um bom homem — disse Wally.

— Eu também sou — retrucou Rory. — Não se preocupe, com *Squire* e mamãe, a fazenda Larkin vai prosperar até a eternidade.

— Ah, valha-me Deus — reclamou Wally.

— Vamos tomar uns tragos — disse Rory, erguendo-se.

— Há uma quadrilha de bandidos da mina lá dentro, inclusive Oak Kelley.

— Ótimo — disse Rory —, Oak é a pessoa certa.

— Espere, vou com você.

— É verdade, Wally, acredite em mim, estou sóbrio como a Virgem Maria.

— Não é isso que me preocupa. Seu rosto ainda não se livrou das marcas da sua última arruaça em Wellington. Não quero um homicídio em sua ficha também.

O salão do bar tinha uma certa imponência descuidada. Era sólido e suas paredes contavam as glórias de caça e pesca da Ilha do Sul em cabeças empalhadas e peixes embalsamados em poses de luta. Era antigo, forte e tinha um cheiro agradável, uma mistura magnífica de cerveja, uísque, tabaco e vários aromas dos cercados lá de fora.

Wally fez um sinal com a cabeça para seu enorme garçom maori ficar alerta. Era por causa de ocasiões como esta que Wally mantinha um mobiliário simples. A redução do barulho das vozes e a entrada da tensão foram automáticas quando Rory abriu um espaço na ponta do balcão e Wally postou-se ligeiramente atrás dele.

Os quatro valentões da mina de cobre rapidamente se posicionaram de cada lado de Rory. O chefe dos desordeiros logo assumiu o seu papel. Chamavam-no de Oak e era o terror nos acampamentos das minas. Oak venciam a maioria das brigas sem dar um murro, tal era o seu aspecto amedrontador, o rosto cheio de espinhas, a barba ruiva, as mãos do tamanho de balas de canhão.

— Ouvi dizer que um miserável chamado Conor Larkin atacou um forte inglês no Ulster — disse Oak para quem quisesse ouvir.

— Que vergonha — fez coro um de seus comparsas —, pensar que há rapazes irlandeses nas trincheiras na França e esses traidores imundos nos apunhalando pelas costas.

— E eu estou bebendo ao homem que estourou os miolos de Larkin — disse o terceiro.

— É — disse o quarto, completando a aliança. — A gente enfrentando uma guerra, nossos rapazes morrendo na França e esse presidiário assassino cometendo traição.

— Se já disse o que tinha a dizer — retrucou Wally —, faça o favor de se retirar para uma mesa para que os outros possam continuar sendo atendidos.

— Quero saber o que este rapaz Larkin aqui pensa a respeito disso.

— Estou muito triste — disse Rory em voz branda.

Branda demais. Wally conhecia-o bem. O enorme garçom maori enfiou a mão embaixo do balcão e agarrou um porrete.

— Gostaríamos de ir lá fora para podermos expressar nosso pesar também—escarneceu Oak, —, mas, primeiro, que tal um brinde ao nosso amado rei?

— Ora, vamos, senhores — disse Wally. — São quatro contra um. Isso é não ter espírito esportivo, Oak.

— É mesmo — concordou Rory —, isso é uma covardia. Vejam só que covardia! — gritou para o salão.

— Vou lhe dizer o que faremos — Wally acrescentou rapidamente. Aposto vinte em Rory, mas nada de quatro contra um.

— Então, só terei que lutar com dois de cada vez? — perguntou Rory

— Ainda é uma covardia, não é? — Wally perguntou ao garçom. O enorme maori assentiu.

— Então, farei o seguinte. Vinte em Rory Larkin e lhe darei dois a um de vantagem de que ele derruba vocês quatro. Uma quantia extra como um ou mais precisará ser hospitalizado. Afastem algumas mesas lá para abrir espaço para eles caírem.

— Besteira, Ferguson — grunhiu Oak e desfechou um golpe com a ponta de suas botinas que pegou Rory diretamente no meio dos olhos. Rory caiu de costas, sacudiu a cabeça e fitou o gigante que cambaleou, perplexo.

— Se esse é o seu melhor golpe, Oak, você está perdido!

Os punhos de Rory abateram-se sobre o mineiro, que ficou atordoado o tempo suficiente para que uma joelhada na virilha, uma cotovelada no pomo-de-adão e um golpe na nuca fizessem o salão inteiro estremecer quando ele caiu pesadamente no chão com um grande estrondo.

— Cavalheiros — disse Rory aos outros —, quem vai me dar a honra?

Seguiu-se uma perda total de entusiasmo entre os que arrastavam o peso de Oak para fora do local.

Rory bateu com seu caneco no balcão e olhou fixamente para todo o salão.

— Meu nome é Rory Larkin e sou neozelandês! Amo meu país! Amava meu tio e acho que os ingleses receberam o que tinham de receber!

Agarrou uma garrafa de cima do balcão e dirigiu-se para a porta. Wally alcançou-o lá fora e o fez girar nos calcanhares.

— Jesus, detesto ver essas coisas acontecerem na Nova Zelândia. Dois irlandeses brigando. Este não é o lugar para isso, Rory. Ora, que a alma de seu tio descanse em paz, mas este é o seu país!

Rory recuou, arquejante, tentando desvencilhar-se do turbilhão que o atormentava para poder de algum modo formular as palavras. Wally deu um passo para trás e houve um instante de medo. Nunca vira olhos com aquele brilho e Rory tremendo da cabeça aos pés.

— Não vê — gritou Rory- As veias saltavam no pescoço e na fronte. — Estou possuído, homem!

— Jesus, garoto, você está fora de si. Vamos, acalme-se. Sou eu, Wally. Vá para o meu escritório e beba até dormir. — Wally estendeu a mão para apoiá-lo, mas Rory desvencilhou-se.

— Está com medo de mim, não está, Wally?

— Não.

Em pouco tempo Rory recobrou o controle e disse a Wally que sentia muito, sinceramente. Voltou-se para ir embora.

— Aonde vai?

— Você sabe — respondeu Rory.

— Está bem. Fique com ela até estar pronto para sair e quando sair vá direto me ver. Promete?

— Prometo.

CAPÍTULO 6



Rory viu-se vagando pelas docas e ao longo do sopé do monte Aprazível, uma colina que propiciava uma vista tripla; Christchurch ao norte, com suas luzes opacas e seus cânticos sussurrantes, o porto Uttleton abaixo e o Erro de Taylor no extremo da ilha, atraindo os navios para naufragarem na enseada errada.

Rory atravessou a rua, sentou-se na grama e bebeu direto da garrafa. Quem teria sido aquele Almirante Taylor para que lhe impusessem tal insulto? Quantos navios soçobraram um em cima do outro naquela angra rasa e traiçoeira?

Isso é bom, pensou Rory. Deus tem um modo de desligar a mente de um homem quando ela está machucada demais para lidar com a tragédia. Quando já não é possível suportar mais, pode-se pensar em coisas tolas como o Erro de Taylor. Por que estou aqui, sentado nesta grama molhada e bebendo, quando o Intercâmbio de Pastores fica lá embaixo? Ah, sim... Oak Kelley. O maxilar do sacana machucou meu punho.

— Ah, tio Conor — murmurou Rory. — Desde que você partiu não tenho desejado outra coisa na vida do que vê-lo outra vez. Meu Deus, a alegria que senti quando soube que conseguira fugir da prisão! Com o passar dos anos, somente as preciosas cartas, lidas até que as palavras quase desaparecessem do papel.

Reclinou-se e caiu numa espécie de torpor

O amanhecer sombrio, cinza, úmido, tempestuoso e frio disse a Rory para acordar ou morrer congelado na grama. Sua juventude e força indubitáveis venceram. Ergueu-se, apoiando-se nas mãos e nos joelhos e ficou de pé, balançando-se como o mastro alto de um navio no meio de um furacão.

Ah, sim... isso mesmo... Georgia. Enfermeira Georgia Norman, enfermeira-chefe do Hospital Presbiteriano de Christchurch. Alguns meses atrás Rory fora levado ao hospital com costelas quebradas em uma queda durante o rodeio. A guerra arrastara um grande número de médicos para o

exército, inclusive o Dr. Calvin Norman, que agora estava seguindo de um lugar para outro lugar qualquer.

Em cinco meses de hostilidades, Rory Larkin havia, por um feliz acaso, recebido uma herança inesperada de mulheres infiéis. Mesmo quando proporcionava prazer a elas e a si mesmo, ele as desprezava. Era de se esperar que as esposas se acomodassem e esperassem em abstinência. Bem, Rory concluiu, era preciso aceitar o próprio destino. Havia dois tipos de mulheres ali. As que eram casadas e as que queriam ser. As casadas não estavam em posição de se queixar abertamente de sua falta de atenção. Ele podia ir e vir como quisesse e elas ficavam muito agradecidas.

Exceto Georgia Norman. Era mais amadurecida, com trinta anos, e uma mulher experiente e realizada. Era inglesa de nascimento, como sua mãe, e também um pouquinho gorda. Quando jovem, estudara e praticara enfermagem por mais de oito anos na Unidade Médica, tendo inclusive prestado relevantes serviços durante a Guerra dos Bôeres.

Parece que a guerra a extenuara. Fugiu para o lugar mais distante de campos permanentemente gelados, onde conheceu o Dr. Norman, um médico provavelmente mais indicado para ser um escrivão de justiça. Georgia queria apenas paz e não era nenhuma beldade. Calvin Norman era um compromisso aceitável com a vida. Seu desejo de ser mãe logo foi desenganado e ela ficou sabendo dos exames excessivamente detalhados de seu marido em suas pacientes femininas.

Veio então a guerra que tantos homens neozelandeses consideraram uma bênção. O Dr. Norman viu-a como uma excelente oportunidade de trabalho, uma forma de progredir. A guerra seria curta, com certeza, e ele retomaria com o ombro cheio de insígnias, o peito com pelo menos duas carreiras de medalhas e o comando de qualquer hospital ou clínica que lhe aprouvesse.

Georgia era diferente de qualquer mulher que Rory conhecera e, para um homem de sua idade, suas conquistas não haviam sido poucas.

Nenhuma lamúria, nenhum ciúme, nenhum sentimento de culpa. Seu código com Rory era de humor e de fazer amor. Como uma mulher que passara quase dez anos na companhia de militares e uma enfermeira muito bem informada, Georgia era uma amante criativa e experiente. Nenhuma pergunta, nenhuma exigência. Inteira liberdade de ir e vir. Ela não tinha outros amantes, mas era inteligente e paciente. Rory sempre acabava voltando para ela. E ela guardava seus segredos para si.

Sua casa tinha uma ampla vista para o mar, depois da curva do Erro de Taylor. Enquanto ela fitava o horizonte açoitado pelo vento, ouviu uma batida forte na porta. Atendeu e viu diante dela um beberrão encharcado, surrado, com um péssimo hálito.

— Santo Deus, em que estado lastimável você está. Está pedindo esmola ou quer entrar?

Rory cambaleou para dentro da sala, estremeceu e sacudiu a cabeça diversas vezes.

— Li a respeito nos jornais — ela disse.

— Por favor — implorou chorando, abriu seu robe e enfiou o rosto em seu peito. Lentamente deslizaram para o chão, ela o abraçou e embalou, os seios logo salgados de suas lágrimas. Há necessidades de que um homem forte não pode falar. Uma necessidade como essa de um homem como ele nunca poderia ser imaginada. Pela primeira vez, ele se permitiu desmoronar por completo.

Quando finalmente se despreendeu, sua respiração arquejante e entrecortada continuou, enquanto ela corria os dedos pelos seus cabelos.

— Você está encharcado.

— Não sabia que estava chovendo. Meu pai está nos montes. Está sob a chuva também. Preciso de uma bebida, Georgia.

— De jeito nenhum — respondeu ela. — Você precisa manter a cabeça acima do vaso e enfiar o dedo na garganta. Agora, vamos.

Suas mãos fortes de enfermeira colocaram-no de pé e ele obedeceu. Depois, mergulhou—o numa banheira de água quente, enxugou-o e enrolou-o no pesado roupão de lã de seu marido. Chá, um remédio amargo e um gole de conhaque acalmaram seu estômago.

Tendo sentido a enorme onda de compaixão que o corpo de Georgia transmitia ao dele, ansiava desesperadamente por mais.

— Georgia — disse quase choramingando —, você poderia apenas deitar-se aqui comigo e abraçar-me, quero dizer, bem forte... assim.

— Que ótima ideia — ela respondeu.

CAPÍTULO 7



Liam abriu os olhos com dificuldade e viu estranhas formas provocadas pelos raios de sol sobre a barraca. Enfiou a mão sob a cobertura e apanhou a garrafa de *poteen*. Já estava vazia e seca há horas. Ralhou consigo mesmo por ter deixado a fazenda com tanta pressa que nem pensara em trazer mais bebida.

O gosto ruim na boca e a necessidade de urinar sobrepujaram seu medo do frio da manhã. O riacho trouxe-o de volta à vida imediatamente.

Liam soprou as brasas da fogueira até atizar o fogo e, quando o chá ficou pronto, envolveu a caneca com as mãos e deixou que o calor atravessasse a mão calejada. O sol estava vencendo sua disputa matinal com os elementos da natureza.

— Graças a Deus por isso — disse.

A fome saciada, preparou sua vara de pescar automaticamente e selecionou um inseto de isca do seu chapéu, esperando não empenhar-se seriamente na pesca. Ainda precisava meditar, prantear; deixar que lampejos de lembranças percorressem sua mente. Nunca poderia fazer isso lá embaixo porque havia muita gente em volta e muitas coisas a fazer. O que queria pensar não era para ser partilhado, nem mesmo com Millie.

Liam iniciou uma longa conversa consigo mesmo. Nesse tipo de discussão, podia defender seus argumentos com grande clareza e confundir o adversário invisível com sua lógica infalível. Ele sempre vencia essas discussões. O sujeito no outro extremo do receptor quase sempre era Rory.

O maldito problema era que, toda vez que Liam tentava discutir o caso com Rory presente, ele se saía mal. Rory nunca dava as respostas que ele tão decididamente antevia.

Depois de algum tempo. Liam deixou de manter essas conversas com as pessoas reais, particularmente com Rory. Mantinha-as consigo mesmo na colina, encostado no carvalho. Parecia que a vida entre Liam e seu filho se tomara um longo caminho de conversas que nunca se concretizavam.

Era assim também na terra natal, pensou Liam. Se você for bastante irlandês, pode passar uma vida inteira repleto de conversas que nunca ocorrem, como aquelas entre ele mesmo e seu pai, Tomas.

Ali em cima da colina, junto ao córrego, Liam permitia-se viajar interiormente bastante fundo para infligir-se a dor da Irlanda.

Quantas ferroadas um homem precisa receber até ficar entorpecido? Liam sempre soube que seu lugar na vida estava definido. Compreendeu a futilidade de tentar conquistar seu pai ou de mudar seu destino. Liam percebeu pouco tempo depois de nascido que era uma preocupação menor numa terra de gigantes. BASTA! O *Squire* Liam Larkin não era mais alguém sem importância.

— Meu bom Deus, será que irei para minha sepultura sem que Rory sinta ao menos uma vez o gosto e a sensação dos meus verdadeiros sentimentos? Todas as nossas conversas terminam mal. Depois de algum tempo, paramos até de pensar em tê-las, tão fúteis elas se tornam.

“Onde está minha culpa, filho? Em construir esta vida magnífica aqui? Onde foi que errei, Rory? Em tê-lo salvo do absoluto sofrimento na Irlanda e da árvore de enforcamento? Por minha causa, você nunca conhecerá o terror de subir uma prancha de embarque e entrar no porão de um cargueiro errante para uma viagem pelo purgatório com menos de uma libra no bolso. Salvei-o do medo, rapaz, de vomitar por cima do parapeito e de rezar pedindo forças a Deus para se atirar no mar.

O rosto de Liam se crispou ao lembrar-se do pior incidente entre eles, ocorrido há dois anos. June MacPherson tinha dezesseis anos, era filha de fazendeiros protestantes. Tinham uma propriedade pequena, mas decente, de cerca de cento e vinte hectares de plantação, com alguns animais. June era uma jovem bonita, mas permanentemente afogueada e com fama de licenciosa.

Rory tornou-se o pote de ouro no fim do seu arco-íris. Resolvida a tornar-se a Sra. Larkin, ela o seduziu sem trégua em inúmeras ocasiões por métodos que teriam sido considerados estupro se ela fosse homem. Rory foi responsabilizado pela gravidez.

A casa dos Larkin inundou-se de lembranças amargas. Ao contrário da aspereza demonstrada pelos pais de Mildred, os Larkin resolveram ser realmente cristãos em relação à questão. Além disso, June era uma resposta às preces de Liam. Com esposa e filho, os dias de nômade de Rory seriam cortados pela raiz. Agora, ele teria que permanecer na Nova Zelândia!

June e os pais de ambos pareciam satisfeitos com o plano, mas Rory frustrou-o. Ele namorara June. Outros rapazes também a namoraram. Ela não era exatamente a Virgem, mas muitas jovens haviam se casado com outros parceiros depois de um caso amoroso e seus casamentos haviam dado certo. Era óbvio e sabido que ele não a amava. Havia mais nessa história do que os devotos da Ilha do Sul gostariam de admitir. Para ser exato, a irmã de June estivera nas mesmas condições há alguns anos e não se casara.

Rory parecia ter três opções: fugir, casar-se ou ir para a prisão. Não fez nenhuma delas. Assim, ocorreu o que ninguém ousara imaginar. June empreendeu a curta viagem até Wellington, como duas outras jovens haviam feito naquele mesmo ano, e fez um aborto.

Liam e Mildred haviam consentido no mais hediondo de todos os crimes e pecados. O *Squire* agora tinha que suportar a culpa adicional pelo comportamento deplorável de seu filho.

Graças a Deus ele tinha seu próprio comportamento exemplar com Mildred para apresentar-se como o mais nobre dos homens, enquanto seu filho era a escória. Liam comodamente descartou o fato pertinente de que ele amava Mildred, e Rory e June não gostavam realmente um do outro.

No ano seguinte, June MacPherson engravidou outra vez, desta vez com um sujeito menos importante do que Rory, um bronco que caminhou tranquilamente para o altar.

— Bem — exclamou Liam com um suspiro —, se não consegui me entender com Rory numa questão de tal magnitude moral, como posso me entender com ele sobre qualquer outra coisa?

Essa é a maior dificuldade, pensou.

— Se ao menos tivéssemos uma única conversa importante, onde ele compreendesse tudo que eu lhe dissesse e onde provavelmente eu mesmo tivesse que ouvir algumas coisas...

Mas, não, o silêncio entra no cemitério da igreja e a verdade, nunca ouvida, é enterrada pelo coveiro. E mais uma geração recomeça uma vida de raiva muda.

Suponhamos, pensou Liam, que todos em uma família fossem padres três dias por semana. As segundas, quartas e sextas metade da família, os padres, sentaria no confessionário e a outra metade da família teria que confessar para eles. Em seguida, às terças, quintas e sábados os

confessores tornavam-se padres e os padres ouviriam as confissões deles. Aos domingos, todos iriam à missa juntos.

— Aposto que há famílias irlandesas discutindo no céu, no inferno e no purgatório, e os mal-entendidos podem continuar a ser debatidos através dos séculos.

Ou seria porque sempre havia crianças demais e terras de menos na Irlanda? Que os rapazes vivessem com medo de casamentos forçados ou se casassem quando velhos solteirões desdentados ou emigrassem? Seria a ausência de uma riqueza misericordiosa ou seria o desgraçado inglês intruso entre eles? Seria a Santa Igreja que alimentara à força um medo do pecado como se fosse leite materno?

— Todas as malditas coisas que faziam com que os irlandeses se destruíssem mutuamente trouxeram um sofrimento após o outro, separaram irmãos e irmãs, baniram demonstrações de compaixão e afeto... Nunca se tocar... Transformaram-nos em grandes lutadores nos exércitos de outros homens.

Tudo isso poderia ser evitado, perguntou-se Liam, com aquela única conversa definitiva?

Imaginou onde Rory poderia estar. Ali estava um rapaz de vinte anos de idade deitando-se com metade das mulheres de Christchurch cujos maridos estavam ausentes. Um dia desses algum soldado chegaria a casa com uma licença inesperada e arrebentaria seus miolos. Jesus! Pensou Liam, esse rapaz atrai mulheres como um ímã atrai pregos.

Ele as atrai como Conor costumava fazer. Quase todas as moças de Ballyutogue haviam tentado conquistá-lo. Na forja do Sr. Lambe, onde seu irmão começara como aprendiz, sempre havia moças por perto, tanto protestantes quanto católicas... “passando ali por acaso”.

Rory não era muito diferente. herdara toda a beleza da família Larkin e deixara as migalhas para o resto de nós.

Lá ia ele pela trilha, dormindo em cima de RumRunner, que conhecia o caminho para o bar de Wally melhor que muitos motoristas.

Jesus, esse rapaz podia aguentar um barril de bebida, como seu avô Tomas. Ah, ele podia contar com Wally para manter a paz, depois enfiá-lo num beliche quando seu barril transbordasse. O velho e bom Wally. Ele e Mildred eram gratos a Wally por tê-los abrigado no começo e ajudado a iniciar seus negócios. Wally era a única pessoa a quem Rory realmente se afeiçoara e capaz de impedir que o rapaz se metesse numa bebedeira.

Liam mudou as imagens conforme remexia a mochila, na esperança de que alguma fada tivesse enfiado ali outra garrafa de *poteen*.

Seus pensamentos correram para a casa da fazenda, agora com quatorze quartos, com um caminhão grande e um pequeno, e um automóvel Modelo T como o que comprara para o Padre Gionelli. A pérola da Fazenda Ballyutogue era a capela particular, com seus incríveis candelabros de prata.

Talvez a maior dor de todas fosse a de que sua mãe e seu pai nunca viram sua Fazenda Ballyutogue. Toda vez que anexava alguma terra ou novas cabeças de gado e estendia suas cercas, Liam repassava mentalmente inúmeras vezes a cena em que mostrava a fazenda a Tomas. “Veja, papai, adquirei aqueles quarenta hectares por causa do fosfato que contém um elemento natural para o cultivo de batatas e de milho americano.” Hum! Quarenta hectares, apenas um minúsculo canto de suas terras... porém maior do que todos os terrenos dos Larkin juntos. O velho Tomas estreitaria os olhos enquanto examinava a propriedade de seu filho e o golpe seria profundo. Tomas compreenderia como se enganara. E logo ali, o próprio córrego de trutas particular de Liam, como teria um Lorde, e eletricidade na casa e novas máquinas nos campos.

Provavelmente, grande parte do seu pesar; quando seu pai morreu, deveu-se ao fato de ele nunca ter visto sua Fazenda Ballyutogue na Nova Zelândia. O jogo continuou com sua mãe, Finola, fazendo a viagem para a Nova Zelândia e em acomodações muito melhores do que no seu caso. Ela iria desfalecer ao ver o lugar, voltaria para a Irlanda e passaria o resto da vida jactando-se do *Squire* Liam com os vizinhos admirados e respeitosos.

Fazer Finola sair de Ballyutogue, exceto para alguma feira rural ou uma peregrinação ao monte Patrício, levaria anos de convencimento. Quando finalmente concordou em vir para uma visita, já ficara velha demais e, como Tomas, nunca conheceu o lugar.

De certa forma, isso irritava Liam mais do que qualquer coisa na vida, mais até do que o comportamento de Rory.

Era doloroso demais, de modo que ele mais uma vez mudou de imagens para Mildred, Madge e Spring na capela, de joelhos, chorando a morte de Conor, com sua fotografia iluminada pela luz de velas. Tommy não estava em lugar nenhum, nem fazia nada. Tommy era como Liam fora na Irlanda, não fazendo nada além de consertar arreios ou ferrar cavalos.

Dentro de mais um dia as mulheres já teriam arrefecido a primeira explosão de pesar e ele voltaria. Não valia a pena ir antes, nem mesmo por

uma garrafa de *poteen*. Liam sabia que seria um zero à esquerda no meio de três mulheres lamuriando-se.

Liam pensou em Millie.

— Que hora horrível para pensar em minha mulher nua na cama — disse em voz alta, ruborizado.

Na Irlanda, quando uma jovem pulava a cerca e o rapaz culpado era empurrado humilhanamente para o altar, significava o fim de seus sonhos, a derradeira sentença de sua vida, o fechamento da porta para o mundo exterior, aventuras, viagens. A paixão que encerrasse a condição de solteiro carregava suas funestas consequências. Graças a Deus por Millie, repetira um milhão de vezes, graças a Deus ela desafiara seus pais e o guiara da turbulência mortal para a terra firme, para uma fazenda, para a aceitação como o poderoso... Magnata das Ovelhas. Por Deus, para a aristocracia, de certa forma... Todos os temores de inadaptação, tanto na terra quanto com sua mulher, desfizeram-se.

A fixação deliberada da data de nascimento de Rory para fazê-lo parecer meses mais novo foi feita principalmente para preservar a honra de Mildred. Houve cochichos e risadinhas, provavelmente originados por Bert e Edna Hargrove, mas o tempo cuidaria de tudo.

Ou não?

Por mais que se esforçasse, sentia uma ponta de culpa toda vez que olhava para Wee Rory, uma característica que pareceu continuar durante toda a infância de Rory. A primeira vez que vira o bebê no seio de Mildred, sentiu que ele havia invadido o amor dos dois. Nunca teve o mesmo problema com Spring, Madge e, particularmente, com Tommy quando eram amamentados.

Rory era seu filho, é verdade, mas fora Tommy quem consolidara o Larkin na Nova Zelândia. Tommy recebera o nome de alguém do antigo país. Estranhamente, Tommy parecia ter mais legitimidade.

Diabos! Rory de nada sabia, até hoje! Ou sabia e dirigira sua raiva para o seu interior? Uma vez, Mildred sugeriu que contassem a Rory sobre seu nascimento antecipado e sobre a terrível situação em que se encontravam na época, mas Liam não quis nem ouvir falar sobre isso. Havia muita honra envolvida, muitas de suas mais profundas crenças católicas haviam sido deliberadamente ignoradas por sua luxúria.

Rory sentiu a animosidade desde o começo. Liam sempre fazia um grande esforço para dar um tapinha em seu ombro ou mesmo lhe afagar a

cabeça. Havia sempre algo de forçado em sua atitude.

As demonstrações de afeto eram sempre para Mildred e um pouco para as meninas. Tudo que um verdadeiro homem como Rory precisava era um tapa nas costas e um “bom trabalho”.

Rory me usava, pensou Liam. Correndo para o colo de Mildred para receber um abraço apenas para me aborrecer. As crianças podem jogar os pais um contra o outro antes mesmo de poderem andar, e Rory era mestre nisso porque as atenções da mãe sempre provocavam uma atenção secundária para Liam. Outro caminho para atingir seu pai era ficar dando ordens às suas irmãs. Liam dava-lhe uma atenção enraivecida por causa disso.

Finalmente veio Tommy, o verdadeiro Larkin. Mas tornou-se evidente que Tommy não ia ser muito bom na sela. Tommy não possuía um talento natural para a vida na fazenda.

Liam precisava de Rory, e saber que precisava de Rory intensificava a aridez e o rancor entre eles.

Conor veio, e quando Conor partiu, a brecha tornou-se permanente. O filho de Liam transformou-se em seu irmão. Liam estava mais uma vez lutando com o grande Conor Larkin, e todos os temores que alimentava em relação a Tomas estavam agora sendo perpetrados por ele em relação a Rory. As lembranças, tão cuidadosamente guardadas, fugiram de controle quando ele voltou no tempo.

Dos quatro filhos dos Larkin na Irlanda, os braços de Tomas estavam mais prontamente abertos para abraçar Conor. Liam tinha que irritar Tomas ao máximo para merecer um pouco de atenção.

Liam pensou que os anjos haviam resolvido abençoá-lo quando Conor foi trabalhar na forja do Sr. Lambe como aprendiz de ferreiro. Agora somente Liam podia subir para os campos todos os dias com seu pai, arando, deslocando pedras, plantando, retirando turfa, colhendo a seu lado.

Desde os nove anos trabalhava sem se queixar, sob bom ou mau tempo, até ficar exausto, esperando apenas pelo grandioso momento em que Tomas colocasse a mão em seu ombro e dissesse “este é um bom rapaz”. Nenhum garoto trabalhava por sua recompensa com mais fervor. “Este é um bom rapaz” e talvez um afago na cabeça.

Mas o gesto de reconhecimento de seu pai logo era submerso pelo amor que demonstrava por Conor. Todos os dias ele e seu pai desciam dos campos e, na encruzilhada da vila, Conor estaria esperando em suas roupas

de couro de ferreiro. Conor corria para Tomas, que o erguia nos braços e o levava para casa nos ombros.

Sua irmã mais velha, Brigid, e Dary, o bebê, não participavam da luta pelo afeto de Tomas. Como única filha, Brigid pertencia à sua mãe, que tornou sua menina religiosa e profundamente consciente dos pecados da carne. Assim, Brigid era capaz de controlar seus momentos amorosos com o namorado, Myles McCracken. O pobre Myles tinha que correr de um lado para o outro, jamais podendo namorar Brigid adequadamente porque nascera com a pior das maldições: nenhuma terra para herdar. Finola encarregava-se da tarefa de manter Brigid quase maluca de medo, até que Myles se viu forçado a deixar Ballyutogue para encontrar trabalho em Derry.

Qualquer afeição que Brigid e Finola pudessem ter demonstrado por Liam desapareceu como o vento depois que Dary nasceu. As duas mulheres sufocavam Dary, ferozmente. Mamãe fazia o pequenino ficar de joelhos e fazer o sinal da cruz antes mesmo que ele pudesse andar direito, preparando-o para o sacerdócio desde o dia em que o colocou no mundo.

Tomas tinha uma obsessão, que era manter Conor em Ballyutogue para herdar os hectares dos Larkin, assim como ser proprietário da forja. Tomas enfurecia-se com a mesma obsessão de Conor em ler e sonhar com o mundo além de Ballyutogue.

Seu avô Kilty, um herói feniano, encantava o pequeno Conor com as chamas do republicanismo irlandês.

Conor queria partir e Liam só desejava ficar e herdar a granja, mas Liam não fazia parte dos planos de ninguém. Era apenas mais um prato na mesa.

A casa dos Larkin dividia-se segundo a tradição irlandesa há muito estabelecida. Conor sozinho amava todos e brigava com todos. Defendia Brigid e Myles McCracken. Desafiava Finola por querer transformar Dary em um Padre. E, ah, o profundo amor entre Tomas e Conor era tão intenso quanto a guerra interminável que havia entre os dois.

Ciente das dificuldades e fraquezas de Liam, Conor tomou-se o guardião do irmão, ensinando-o a lidar com as garotas, a jogar futebol, a beber como um homem, protegendo-o contra o tratamento desigual de Finola e Tomas, Conor ensinou-o a usar os punhos. E Liam admirava-se da coragem de Conor de enfrentar todo mundo e ficava ainda mais admirado de sua agudeza intelectual como estudante.

— Ah, como eu me odiava por não ser você — o *Squire* resmungou em voz alta.

Todas as desavenças com Rory eram meras escaramuças. Transformou-se em guerra no dia em que Conor partiu da Nova Zelândia e Rory começou a seguir as pegadas do tio.

CAPÍTULO 8



Rory acordou para a imediata lembrança. Enquanto atava os fios dos acontecimentos, seu gemido encheu o quarto. A luz era cinzenta. Detestava luz mortiça.

— Meu bom rapaz — murmurou Georgia.

— Georgia. Graças a Deus.

Sentou-se nos lençóis molhados de suor e amarrotados pelo sono agitado. Era difícil manter a cabeça em pé, de modo que a deixou cair nas mãos como um pesado bloco de pedra.

— Nunca senti uma dor como essa.

— Chama-se coração partido, Rory.

Sentou-se ao lado dele e puxou sua cabeça para seu colo com a firme delicadeza de uma enfermeira.

— O que vai acontecer comigo? Não sei até onde posso aguentar.

— É quase impossível morrer de pesar, mesmo que você queira. Deus criou uma névoa abençoada para envolvê-lo. Dentro de um mês, quando tiver aceitado a morte de seu tio, a névoa começará a se dissipar lentamente. A cada manhã, juntamente com a dor lancinante virá mais um pouco de luz. Então, em certa manhã, você acordará e a vida continuará, a dor terá se tomado suportável.

— Não posso esquecê-lo.

— Não, mas você o transferirá para uma câmara de sua memória.

Durante algum tempo ele sairá dali à noite e invadirá seus sonhos. Depois, até seus sonhos ficarão sob controle. Já vi homens saídos dos campos de batalha com a força da vontade de viver e outros não. Você não sucumbirá.

Georgia ajudou-o a sentar-se na poltrona, tirou os lençóis da cama e estendeu outros limpos, deu-lhe um remédio e massageou-o com álcool.

— Jesus! Ninguém deveria ter um corpo como o seu — disse, dando-lhe uma palmada no traseiro e mandando que virasse de frente. Largou a

garrafa de álcool e começou a brincar com seu corpo até ele começar a responder.

— Estou de luto profundo. Como pode estar me excitando num momento como esse?

— Só estou verificando se você ainda está vivo e se ainda existe um senso de humor. O luto transformado em luxúria não é uma questão a ser desprezada.

Rory levantou-se repentinamente da cama para dominar o soerguimento de sua própria paixão e envolveu-se numa toalha. Georgia preparou chá.

— Por onde começamos? — ela perguntou.

— Difícil de dizer. Meu pai deve ter sido esmagado como um inseto quando criança. Raramente fala do seu passado, exceto por alguma amarga referência ocasional. Que força deve ter tido para conquistar o título de *Squire* e colocar a placa Fazenda Ballyutogue no arco acima de nosso portão. Força poderosa, raiva... mas dentro dele, sempre dentro dele.

— Todos nós parecemos passar a segunda metade de nossas vidas recuperando-nos da primeira. É isso que todos os vencedores do mundo desejam retribuir uma bofetada dos pais — retrucou Georgia.

— Meu pai não pode aceitar sua própria vitória sobre a Irlanda e seu pai. Ainda bem que ele é um católico tão fervoroso. Só pode ir tão longe com sua própria mente. Quando começa a doer muito, ele acende a velha vela e toma o caminho do “mistério”. Por mais religioso que seja, há nele uma mancha negra da qual não consegue se livrar.

— Que mancha negra?

— Eu — respondeu Rory. — Minha mãe estava grávida de quatro meses quando se casaram em segredo. Fui batizado logo depois do nascimento e os registros foram alterados para provar que na verdade nasci nove meses e dois segundos depois que trocaram os votos.

— Mas qual é o problema? Ele ama sua mãe. Queria casar-se com ela.

— Meus avós, os Hargrove, lançaram uma condenação eterna sobre eles. Não sei explicar, Georgia, mas sempre soube que havia algo errado comigo.

— Seu pai nunca lhe contou?

— Deus, não. Acenderia um bilhão de velas primeiro.

— Como descobriu? Que idade tinha?

— Um suposto amigo me atirou na cara quando eu tinha oito anos.

Fiquei sabendo disso de tal forma que precisei me esconder no armário. O

que importa? Quando seu pai e sua mãe perpetuam uma mentira, em algum lugar, de algum modo, em algum momento haverá um escorregão, ou talvez de certa forma eu já soubesse, um sentimento interior, que já nasceu comigo. A partir desse instante, percebi que ele sempre me olhara de modo diferente, a criança que desonrara sua mãe pelo fato de nascer e cujo segredo deveria ser guardado a todo custo dos que ficaram na Irlanda. Dávamo-nos bem até que vieram minhas irmãs, mas, desde que soube a verdade, tudo entre nos assumiu um duplo sentido.

“Papai tentou praticar esportes comigo, treinar os cachorros, pescar, cavalgar” — prosseguiu. — De algum modo, tudo que fazíamos juntos se transformava numa disputa. Jesus, Georgia, eu precisava perder deliberadamente para ele no jogo de xadrez. Bem, quando Tommy nasceu, as coisas pareceram melhorar por algum tempo... o herdeiro legítimo nascera... aleluia... O pecado do nascimento de Rory agora estava enterrado... mas não expiado, apenas sepultado.

A porta de tela bateu com o vento. Georgia dirigiu-se à varanda refrescada por uma brisa revigorante.

— Venha aqui para fora, Rory — chamou. — Está uma noite linda. As estrelas estão surgindo.

Sentaram-se nas cadeiras de balanço. Rory colocou os pés sobre a balaustrada e ficou algum tempo ouvindo o mar e vendo as ondas quebrando e lançando borrifos fosforescentes.

— Meu irmão Tommy não resolveu o problema. Tommy só fez piorá-lo quando meu pai descobriu que ele não tinha talento para trabalhar em nada maior do que uma plantação de batatas.

— Foi obrigado a voltar-se novamente para você?

— Desgraçadamente, porque precisava de mim. A cada dia ele me via mais parecido com meu tio Conor... Por que é tão boa para mim, Georgia? — perguntou, de repente.

— Tenho uma longa carreira curando guerreiros.

Rory segurou suas mãos.

— Eu a amo de uma maneira muito forte. Faria qualquer coisa no mundo por você. As vezes, gostaria de poder sair com você em plena luz do dia e fazer um passeio pelas colinas.

— Ah, não ia gostar de me ver em plena luz do dia. Sou bem mais velha do que você.

— Você é minha linda amiga. Quisera sentir-me mais confortável com a nossa situação.

— Essas suas amigas. Você quer que elas fiquem loucas por você, loucas, para depois pisoteá-las, como se quisesse acertar as contas com seus pais?

— Nossa, Georgia, você é muito esperta. Para dizer a verdade, você é melhor do que todas elas juntas... Quero falar mais.

— Quanto quiser.

— Meu pai temia que Conor fosse infectar-me com a Irlanda, mas Conor evitava conversar comigo sobre isso. Ensinava-me sobre livros, a busca do amor e a beleza da beleza. Seu ripo de beleza. Veja, deixe-me explicar melhor... sabendo que meu tio era um homem tão magnífico, compreendi que, se estava obcecado pela Irlanda, devia haver algo ali que explicasse o mistério da própria vida.

— Qual foi a lição?

— Para ser o ser humano mais completo que puder, você deve servir a algo além de si mesmo.

— Ele deve ter sido um homem melancólico, também, para ter a Irlanda como sua amante. Rory, houve uma época em que me senti assim tão patriótica. A glória é de lata. Quando a banda para de tocar, começa o tiroteio. Lutar na guerra ou fazer o jogo patriótico é um trabalho nojento e odioso, humilhante e tedioso, mutilador e desumano... — Sua voz foi distanciando-se para outro continente. — Durante a Guerra dos Bôeres, Kitchener — e eu fazia parte do seu *staff* —, mandou dezenas de milhares de mulheres e crianças para trás de arames farpados em Bloemfontein... chamava aquilo de campo de concentração... e, enquanto destruía o país, abandonou esses incontáveis milhares de crianças e suas mães, deixando-as morrer de inanição e doenças.

— Como fizeram conosco na Irlanda.

— Conosco? Conosco?

— Acho que eu disse conosco, não foi?

— O que o está atraindo para a luta é o mesmo que me afastou dela. É fácil caçar de um negro e pintá-lo como um ser inferior e, Deus me perdoe, eu aderi a isso. Acreditava no Império. Mas, no Transvaal, os africanos eram cristãos brancos sendo assassinados pelos cristãos brancos mais civilizados do mundo.

— Como estão fazendo na Irlanda. Foi por isso que Conor morreu.

— Você tem que ir para lá, não é, Rory?

— Sim.

— Vai se alistar?

— Vou.

— E seu pai? Ainda não tem maioridade. Se ele o impedir agora, poderia ser um problema para você alistar-se mais tarde.

— Vou para a Ilha do Norte. Dizem que lá não se precisa provar a idade. Se não der certo lá, pegarei um navio para a Austrália. Regimentos de cavalaria ligeira estão se formando nos dois lugares.

— Do jeito que cavalga, vai acabar sendo o Coronel.

— Desde que me coloque a caminho da Irlanda. E você, Georgia?

— Nada mais de guerras para mim. Vi jovens demais que não viveram para realizar suas promessas. Quantos homens grandiosos morreram sem nunca ter sabido de sua grandeza? Nada mais de guerras para mim. Mas fico feliz por nos termos encontrado.

— Então você fica aqui, à espera do Dr. Norman. Ou não?

Georgia empalideceu.

— Você também é muito esperto, Rory.

— Não eram felizes quando os conheci. Não como você é agora — disse ele.

— Como todos os lugares de grande beleza, quando você vê a Ilha do Sul de longe, você pensa, este é o lugar. Foi o que fiz. A paz está aqui. Mas, de perto, todos nós temos espinhas no traseiro. Por trás dos cantores de hinos e dos pregadores que desfecham murros no púlpito em Christchurch há alguns carolas hipócritas. Bata em qualquer porta... mas você sabe disso, Rory. Você mesmo andou batendo em algumas ultimamente.

— Não me diga que seu marido a andou enganando. Não a você, Georgia.

— Com a mulher de um pastor da igreja, entre outras.

— Santo Deus, a mulher de um pastor!

— Empinada e usando um chapéu que parecia um vaso de flores. A ponta do seu nariz mexia-se quando falava, como se houvesse uma mosca sobre ele.

— Não compreendo. Não com uma mulher como você. Georgia, você sabe muito mais sobre amar um homem do que qualquer mulher. Você era demais para ele, foi por isso.

— Ele nunca descobriu o que eu lhe poderia dar. E não era nenhum Rory Larkin. Desde que eu ficasse recolhida no meu lugar, amá-lo era como tentar amar um pavão.

— Mas uma mulher como você...

— Homens como Calvin Norman só estão interessados em contar o número de cabeças. Números para afagar sua vaidade. A conquista de quem quer que seja reafirma sua virilidade. Tem ideia de quantas mulheres desesperadas se atiram sobre um médico durante um exame íntimo? Bem, ora, estou perguntando à pessoa errada. Você também está fazendo um pouco de caça a cabeças. Todos vocês gostam quando a garota convida. Poucos recusam.

— Não, espere um instante. Geralmente, sou fiel a você — protestou Rory, inadvertidamente. — Não foi isso que quis dizer. O que quis dizer é que, se você fosse minha, eu não estaria fazendo isso. Mas você não é minha e é quase como se quisesse que eu saísse com outras mulheres para não ter ciúmes de você. Certo, amor?

— Eu nunca faria pressão em cima de você. Não por ser casada. Não o faria porque eu o perderia.

Rory tentou abraçá-la, mas ela recuou um pouco, fora do seu alcance, e suas cadeiras de balanço pararam.

— De qualquer forma — ela continuou —, ele conseguia sua diversão barata com a mulher do pastor. Depois, usava toda a água quente disponível tomando banhos para tirar a comichão da pele.

— Você o quer de volta?

— Quando veio a guerra eu lhe dei anistia — ela mentiu, quase deixando escapar o segredo. — Costurar homens com as tripas para fora e decepar braços e pernas podia ter um efeito positivo nele sobre o que é realmente importante.

— Se seu marido tivesse sido honesto com você, nós dois teríamos acontecido?

— Não —, ela respondeu. — Já tive meu quinhão de corpos maravilhosos. Houve um rapaz que amei desesperadamente e que morreu na Guerra dos Bôeres. Os poucos amantes que vieram depois até Calvin aparecer faziam parte de crescer servindo nas colônias. Nunca fui cínica. Gostei de todos eles. Foi o que tinha de ser, mas nunca menti ou enganei.

— Eram todos mau-caráter no final das contas?

— Eram soldados. Eu era uma enfermeira. Os rapazes serão sempre rapazes. Mas a verdade é que eu é que queria ser livre. Aceitei Calvin porque ele fazia parte da ilusão da Ilha do Sul.

— Você poderia ter me amado? — perguntou Rory de repente.

— Não seja tolo. Somos um casal estranho.

— Não somos tão estranhos assim — disse Rory. — Poderia ter me amado?

Georgia encolheu os ombros.

— E uma pergunta discutível. Somos descomplicados. Quero que continue assim.

— Estive pensando — disse Rory — nas três coisas de que mais sentirei falta. Sentirei falta da Fazenda Ballyutogue, de RumRunner e de você.

— Estou em boa companhia — disse ela. — Agora, vá ao encontro de suas guerras.

Rory ergueu-a nos braços repentinamente e ela não era exatamente leve, abriu a porta de tela, primeiro com a ponta do pé, depois com as costas e carregou-a para o quarto. Georgia não parou de gritar, rir e bater nos ombros dele, até ele a colocar na cama.

Em seguida, envolveu-a com seu corpo para acalmá-la como a um bezerro que tivesse acabado de laçar. Agarraram-se pelos cabelos e explodiram em uma nova e desenfreada maneira de fazer amor que mostrou que ambos haviam omitido palavras, pensamentos, comprometermos. A primitiva investida de homem e mulher respondeu a tudo.

SEGUNDA PARTE



A VISITA

CAPÍTULO 9



Condado de Galway, Irlanda, 1881

A porta do casebre do reideiro exhibia um aviso de cólera. Atty segurou a mão de Jack Murphy com tanta força que ele sentiu dor enquanto cautelosa' mente abria a porta proibida. Atty tinha sete anos. Jack Murphy, o filho do capataz, tinha quatorze.

Seus olhos percorreram uma calamidade. Quatro crianças, todas com menos de dez anos de idade, jaziam gemendo ou sem forças para gemer, num estado de torpor mental, depois comatoso, arrastando-se para a morte. A voz débil de sua mãe numa prece desesperada era o único fio, inútil, de esperança.

O povoado inteiro fora atingido, como a maior parte da região. A prece da mãe foi interrompida pela tosse seca e entrecortada da tuberculose. Atty ajoelhou-se diante das crianças deitadas num colchão de turfa em frente ao fogo.

— Deus nos abandonou — disse a mulher do lavrador. — Você não deveria trazê-la aqui no urzal.

Atty despreendeu-se de Jack e acariciou os rostos das crianças, depois sorriu para a criança menor, que conseguiu retribuir-lhe o sorriso. Atty ficou segurando a mão da criança até ela falecer. Levantou-se e saiu, a boca crispada enquanto o som de soluços e lamentações misturava-se a preces e preparativos para mais um velório e enterro.

Jack estava prestes a dizer que seria melhor irem embora, quando ficou perplexo e sem fala diante da expressão terrivelmente feroz nos olhos de Atty. Nunca vira nada igual, nunca. As chamas que se acenderam em Atty iriam queimar furiosamente toda a sua vida, como manchas solares fulgurando no espaço.

Em poucos anos tornou-se evidente que ela seria a única herdeira do baronato do Lago Clara, uma instituição familiar de propriedade do condado de Galway de quase três séculos.

Também ficou evidente que ela amava Jack Murphy e não amaria mais ninguém, para sempre. Como filho do capataz, Jack tinha uma posição social privilegiada entre os católicos da imensa propriedade. Ele fora buscar o documento para o nascimento de Atty e se encarregara dela desde então.

Lorde Charles Royce-Moore não se sentia desconsolado por não ter sido capaz de produzir um herdeiro masculino adequado. Atty era tão capaz quanto qualquer homem e sua força de vontade eram do tipo que fazia impérios. Ele sairia bem em Lago Clara.

Seus sentimentos por Atty eram mais profundos do que qualquer esforço frenético de continuidade. Na verdade, bem ao contrário. O saldo gerações de sua família na Irlanda perturbava-o: após três séculos, ainda era estranhos numa terra estranha.

O evento que se transformou no marco de sua própria vida foi a fome das batatas no final da década de 1840 e início da década de 1850. Nos primeiros anos de fracasso das colheitas de batatas, ele foi testemunha da ação da foice da morte enchendo os campos de mortos de inanição, as bocas verdes de comer capim... depois veio a febre tifoide, a tuberculose e a debanda em massa da Irlanda, muitos em infames navios da morte.

Tudo isso era muito desagradável para um rapaz da aristocracia, de modo que ele e a maior parte da família mantiveram-se afastados da grande fome na atmosfera mais hospitaleira da Inglaterra. A fim de salvar o baronato, o pai de Lorde Charles enviou cada uma de suas cabeças de gado de navio para a Inglaterra, em vez de montar um plano para partilhar o alimento com os camponeses.

Charles finalmente retomou a Lago Clara, mas não tinha o estofo necessário para continuar a administração com mão firme quando ascendeu ao baronato e se tomou senhor da mansão.

O Barão Royce-Manor fez o que a maioria dos ingleses de estirpe, proprietários de terras, fizeram — deixar sua propriedade resvalar para uma posse descuidada e sem direção. Enquanto muitos de sua classe faliram, ele foi suficientemente habilidoso para manter um estilo de vida grandioso e a mansão estocada de finos conhaques, principalmente através da criação de cavalos. Ao mesmo tempo, acumulou o suficiente em Londres para finalmente poder fazer de Londres o seu retiro, vivendo o resto de seus dias no conforto de uma macia poltrona de couro em algum clube elegante.

Uma boa fusão do baronato permitiria a Atty e a um marido de sua escolha um aprazível meio de vida e a continuação da aristocracia por, pelo

menos, mais uma geração. Charles já teria partido há muito tempo e na verdade não se importava nem um pouco com o que aconteceria depois que Atty assumisse. Ela poderia reeditar os terríveis decretos necessários para grandes lucros ou simplesmente livrar-se da propriedade, como quisesse.

Em 1884, quando Atty tinha dez anos, foi enviada para escolas na Suíça — depois em Londres, inúmeras viagens pelo continente europeu e um “giro pela sociedade” como era próprio de uma dama, sempre em companhia de sua mãe.

Somente durante os verões apareciam em Lago Clara. No começo, Atty não protestava, mas toda vez que retomava, apaixonava-se de novo por Jack Murphy. Cada vez mais Jack reconhecia a fúria de manchas solares chamejando de sua estrela inflamada, mas não reconhecia que parte de sua paixão era dirigida a ele. Como Atty era muito jovem e houvesse uma diferença substancial de idade entre ela e Jack, o relacionamento entre eles se assemelhava ao do irmão mais velho com a irmãzinha. Faziam longas excursões a cavalo na paisagem lunar de Connemara e ao longo do mar.

Mas havia nisso mais do que a simples diversão de Atty e Jack. O que logo pareceu mais profundo e mais importante do que conquistar o amor de Jack foi o que ela via — a miséria dos camponeses. Sim, sua fúria diante daquela infundável agonia tomou-se mais forte do que qualquer sentimento pessoal em relação a outro ser humano.

Atty simplesmente saltou aqueles anos desairosos quando os dentes em geral necessitam de alinhamento ou a pele está pontilhada de espinhas. Ela saiu de Lago Clara como uma menina de dez anos e retomou como uma moça feita de treze anos, ereta, um corpo esplêndido e um rosto de fria beleza. Não fez nenhuma tentativa de participar de jogos de flertes, pois não havia nenhuma futilidade nela, nem tempo para as frivolidades que divertiam sua mãe e as pessoas do seu círculo. Ocupavam-se com a caça aos homens... os mexericos... o próximo baile. A jovem era pouco convencional, séria demais e determinada demais. Sua mãe perguntava-se, para onde iria?

Atty decapitou a extensa fila de pretendentes com um rápido olhar de menosprezo. Além disso, era da mesma altura que a maioria dos homens e do tipo que os intimidava. Sentiram-se bem com sua capacidade de manter os mais afoitos à distância e exercia esse poder sem piedade. Com ela, não havia nenhum tapinha no traseiro ou beliscões furtivos.

As fugas de Atty dos objetivos fúteis de sua mãe eram suas grandes escapadas para a casa de Jack Murphy. O pai de Jack, como o capataz da

propriedade, pôde dar uma educação esmerada a todos os seus filhos. Jack fora educado pelos Irmãos Cristãos em Galway, o que lhe valeu um grande amor e compreensão dos clássicos. Gostava de ler para Atty ou tocar violão com dedos ágeis e cantar as letras poéticas que criava para as canções que compunha. Jack era um belo rapaz, sem dúvida, e nunca lhe faltava companhia feminina. Amava a todas um pouco, mas nunca o bastante, nunca de tal maneira que pudesse cair na armadilha irlandesa de casamentos. Nenhuma moça conseguiu colocar um sino em seu pescoço.

Isso era ótimo para Atty. Dava-lhe tempo para desabrochar ao ponto em que seria notada por ele como algo mais do que sua amiguinha. Então, ela poderia pôr fim ao seu longo silêncio e tomar seus sentimentos conhecidos.

Na décima sexta primavera de Atty, ela se examinou ao espelho e declarou-se pronta. Ela raramente pedia, mas sempre ordenava. Com Jack Murphy, sabia que teria de ser inteligente. Ele era um homem feito, 23 anos, à beira de uma decisão em sua vida.

Ao longo dos anos, os dois haviam desenvolvido um relacionamento físico, o de companheiros, um par sempre pronto a brincadeiras e lutas “inocentes”. Atty sempre interrompia a brincadeira e saía antes que seus e francos arques de paixão a delatassem. Agora, aos dezesseis, estava certa de que poderia provocar nele as mesmas sensações. Preparando o cenário cuidadosamente, depois de um galope, ela pulou sobre ele no sótão de feno, do celeiro.

— Ainda sou seu mestre! — berrou ele.

Ela afastou as pernas e sua pélvis girou sobre ele, buscando o que tinha tanta curiosidade de sentir. Encontrou-o e ficou balançando-se para frente para trás. A tentativa de Jack de escondê-lo fracassou, e ele começou a crescer e desejá-la. Atty, sentada em cima dele, desabotoou a blusa, Jack segurou-a para mantê-la afastada e afastou-se rastejando.

— Jesus — disse —, acho que você cresceu um pouco demais para continuarmos com nossas brincadeiras.

Atty agarrou sua mão quando ele se levantou.

— Ou talvez eu tenha desabrochado o suficiente para começarmos uma brincadeira de verdade.

Jack sabia que Atty seria sempre direta e aprendera a nunca se sentir embaraçado. Isto era diferente. Estendeu a mão para que ela não prosseguisse, depois se sentou a seu lado.

— Se ficamos rolando juntos nos verões anteriores, era tudo por brincadeira. Nunca pretendi fazê-la sentir-se atraída pela tentação.

— Para o inferno com isso, Jack. Vamos deixar nossos sentimentos fazerem o que achar melhor — ela disse.

— Não podemos, amor.

— Posso fazer o que eu quiser — ela retrucou.

— Você agora é uma moça e todos os tipos de sensações estão fervilhando dentro de você. Somos muito bons amigos, os melhores, e estou acostumado com você. Isto a faz sentir-se à vontade comigo. No entanto, eu simplesmente não sou o rapaz com quem você deveria ter uma experiência. Facilmente, encontrará o rapaz certo com o qual poderá fazer essas coisas.

— Não gosto de nenhum deles, Jack. Você sabe disso. Detesto quase todos eles e o que seus pais e meu pai fizeram a este lugar.

— Bem, agora, só porque você detesta alguém não significa que ele não seja o rapaz certo. Além do mais, Atty, alguns desses jovens pretendentes são pessoas decentes. O único problema é que você não lhes dá a menor chance. Quando olha para eles deste jeito horroroso que consegue assumir, posso vê-los se transformarem em anões diante de meus próprios olhos.

Atty fez uma expressão carrancuda.

— Você pode ter qualquer desses sujeitos que quiser quando chegar a hora.

Ela abriu a blusa. Jack ruborizou-se e fechou-a.

— Não sou seu homem, somente a fantasia de uma menina é que vira sua cabeça. Não vamos enumerar todas as razões pelas quais isto não está certo. Eu só tenho um terno, Atty, e ele foi passado para mim pelo meu pai e eu provavelmente o passarei para meu filho.

— Isso não é verdade — ela rebateu. — Somos perfeitamente adequados. Está em cada verso que você escreve e em cada canção que canta. Jack, você e eu juntos podemos fazer alguma coisa a respeito de todo esse infortúnio aqui.

— Mas eu a vejo como minha irmã e sempre verei.

— Não vou sair deste celeiro virgem — ela simplesmente exigiu.

— A única maneira de você perder sua virgindade aqui, agora é com uma boa surra.

À medida que o verão transcorria, Atty avaliou a situação. Flertar? Fingir-se machucada depois de uma queda do cavalo em algum lugar

distante nas colinas com ele? Ficar zangada e reclamar?

Concluiu que Jack falava a sério e resolveu que seria melhor continuar como grandes amigos do que simplesmente não continuar.

Quando o verão terminou, ela voltou a Londres e ele pegou um navio para Galway, outro filho de irlandês que precisava buscar uma vida longe de seu país.

CAPÍTULO 10



Ballyutogue, Condado de Donegal, Irlanda, 1885

— A carroça já está toda carregada, Sr. Lambe — disse Conor Josiah Lambe, o ferreiro de Ballyutogue, tanto da aldeia alta, dos católicos, quanto da aldeia baixa, dos protestantes, verificou a carroça de burros que seu aprendiz havia carregado.

— Essa caixa de carvão está bem presa?

— Está. Por que estamos levando nosso próprio carvão?

— O carvão que usam na Mansão Hubble não poderia fazer um fogo suficiente para acender meu cachimbo.

A carroça descaiu para um lado, uma das rodas afundando-se na lama.

— Jesus — exclamou Conor —, parece que colocamos a forja inteira na carroça.

— Sim, estaremos trabalhando na mansão por dez dias.

— Espero que não quebrems um eixo.

O Sr. Lambe examinou a carroça, resmungou, e retirou algumas peças extras para diminuir a carga. Aquele seu aprendiz era uma dádiva. E que talento tinha ao moldar ferro na bigorna.

— Vamos, meu rapaz. Avisou sua mãe que só chegará em casa depois do anoitecer?

— Avisei, sim.

O Sr. Lambe pregou um aviso na porta da frente:

TRABALHANDO NA MANSÃO.
DEIXE SEU TRABALHO OU UM
BILHETE PARA MIM LÁ DENTRO.
ABRIREMOS ÀS CINCO, AMANHÃ
DE MANHÃ SE ALGUM DE SEUS

CAVALOS PRECISAR DE FERRADURAS.

— Tirem suas botas imundas — ordenou a sub-assistente da governanta da mansão com toda a autoridade de que estava investida. Conduziu-os ao Salão Comprido da Mansão Hubble, um aposento imponente com bem mais de trinta metros de comprimento e quinze de altura. O lugar fervilhava de atividade: limpadores de janelas lavando os vitrais; pintores, polidores, pedreiros, carpinteiros, num furor organizado para preparar o espaço pré-Cromwell, semelhante a uma nave de igreja, para algum evento muito importante.

A sub-assistente da governanta conduziu-os para um aglomerado de pessoas, todas tentando atrair a atenção de uma mulher no meio do grupo.

Os olhos de menino de doze anos de Conor Larkin fixaram-se nela intensamente. Não era nem alta nem baixa, mas bem ereta... mas não ereta de uma maneira rígida e aristocrática... saltitante, como uma bela jovem equilibrando uma caçamba de leite na cabeça com facilidade. Seus cabelos eram os mais brilhantes, louros e sedosos que já vira, esvoaçantes, acompanhando lentamente os movimentos de sua cabeça quando se virava. E, Jesus! A parte de cima de seu vestido era diferente de tudo que existia na aldeia alta. Era decotado e mostrava partes arredondadas daquelas coisas maravilhosas enfiadas sob uma renda fina... e emanava um doce perfume que quase o deixou em transe.

— Com licença, *m'Lady* — disse a sub-assistente de governanta com a humildade de sua posição —, o Sr. Lambe chegou.

— Sr. Lambe?

— O ferreiro.

— Ah, sim, como vai, Sr. Lambe?

Saudou-a com uma inclinação da cabeça, numa espécie de mesura, e cutucou Conor para que parasse de fitá-la embasbacado e também se inclinasse.

— Meu assistente, o jovem Conor Larkin.

— Está me olhando fixamente, mestre Larkin.

— Sim, a senhora é muito bonita.

O Sr. Lambe resmungou e mandou que Conor fosse descarregar a carroça.

— Desculpe, Condessa. Um rapaz católico, a senhora sabe. Às vezes, as pessoas lá do urzal têm os modos um pouco rudes.

— Na verdade, achei-o encantador. Ele não é um pouco jovem demais para ser aprendiz?

— Eles começam cedo. É preciso. Este rapaz tem o toque mágico das fadas com a forja.

— Muito bem. Sr. Lambe. O Sr. Hubble e eu acabamos de ser chamados de volta de nossa lua-de-mel.

— Ora, que lástima.

— É preciso estar acostumado com os hábitos do oeste. Parece que a política tem prioridade número um nestas redondezas... depois da produção de um herdeiro. Entretanto, sua excelência e eu mal tivemos tempo de realizar isso, portanto é política com P maiúsculo.

O Sr. Lambe gostou dela. Nenhum sinal de rabugice. Tinha essência agradável, uma mulher inteligente que faria qualquer um se matar de trabalhar por ela, pensou.

— Fomos chamados de volta do paraíso porque parece que a vitória de Charles Stewart Parnell nas eleições causou pânico. Lorde Rand Churchill está aportando em Lame, talvez neste exato momento para arregimentar nossas forças protestantes leais contra a iminente lei de *Home Rule* para a autonomia da Irlanda. A reunião decisiva ocorrerá aqui no Salão Comprido. A enorme grade está pouco firme e meu ferreiro está com falta de pessoal.

O ferreiro da mansão, o Sr. Leland, já nasceu com falta de pessoal, pensou o Sr. Lambe.

Lady Caroline continuou.

— Espero que possa ajudar a fixá-la de modo que não se transforme num risco à segurança.

O Sr. Lambe examinou-a. Um dia, muito provavelmente fora o maior exemplo de ferro trabalhado da Irlanda, se não do mundo. Incêndios, explosões e tudo o mais que adveio com as revoltas haviam cobrado seu tributo. Examinou-a com o Sr. Leland e concluiu que poderia torná-la segura em poucas semanas.

— Ótimo, é o tempo que Lorde Churchill levará para percorrer o *Ulster* em suas conversações.

Toda noite, depois que os operários se haviam retirado, *Lady* Caroline inspecionava o progresso do dia. Quase sempre, o aprendiz do Sr. Lambe, o rapaz Harkin ou O'Leary — qualquer que fosse seu nome — ainda estaria ali fitando a grade. Examinava-a a poucos centímetros de

distância, correndo a ponta dos dedos sobre as partes mais rebuscadas e falando consigo mesmo. O rapaz estava obviamente atraído pelo trabalho.

Quinze dias se passaram e o fascínio do rapaz não diminuía.

— Mestre Harkin — disse ela uma vez, tarde da noite.

— Larkin, senhora, Conor Larkin.

— Você parece ser sempre o último a sair.

— Espero que não se importe, senhora. O Sr. Lambe deixa um de seus cavalos comigo para eu voltar para casa.

— O que é que você acha tão espantoso neste emaranhado de ferro?

— Foi a obra prima de Jean Tijou, o maior homem que jamais colocou um martelo em cima de um pedaço de ferro em brasa.

— Conhece esta grade? Sua história?

— Sim. É uma lenda. Quero dizer, as lendas são na verdade velhos contos dos *schancichies*, nossos contadores de histórias. Nosso *schanachie*, Daddo Friel, agora já está quase cego... De qualquer forma, ele me falou durante horas sobre esta grade.

— Isso é fascinante. Você se importaria de partilhar seus segredos comigo?

— Ah, sabe como é. Na maioria, as histórias *schanachies* são absurdas... passam pela gente como cometas. Apenas velhas histórias.

— Mas eu insisto.

— Não, senhora.

— Eu insisto.

— Bem, a senhora pode não gostar.

— Eu insisto.

— É um completo paradoxo — disse Conor — como se a mais bela obra de sua espécie pudesse ser usada para o mais cruel...

— Continue. Eu nasci em Belfast. Conheço a história da Irlanda.

— Durante a insurreição de 1.715, um levante local, o conde da época prendeu trezentas e cinquenta mulheres e crianças atrás desta grade como reféns. O resto não importa muito.

— Elas morreram?

— Algo assim. Provavelmente, trata-se de um conto fantasioso.

— Sim — ela concordou um pouco asperamente —, os *schancichies* podem ser incríveis mentirosos. De qualquer modo, Londonderry parece repleta de histórias que terei de conhecer.

O rosto de Conor ficou vermelho. Daddo Friel não mente, pensou com raiva! E não é Londonderry... é Derry.

— Bem, talvez algum dia no futuro, quando você for mais velho e tiver obtido seu certificado de mestre ferreiro, possa trabalhar na completa restauração da grade.

— Sim, senhora — respondeu sem entusiasmo.

— De qualquer forma, certifique-se de que ela não vá cair na cabeça de Lorde Churchill.

Ah, se ao menos desmoronasse e esmagasse Randolph Churchill como um inseto daninho, pensou Conor.

— Sabe — ela disse —, Lorde Churchill é muito importante...

— Sei quem ele é. Não é nenhum amigo de Charles Stewart Parnell.

Conor e *Lady* Caroline nada mais tinham a dizer depois disso.

Entretanto, uma ou duas vezes por dia, e às vezes até com mais frequência, havia um olhar direto de um para o outro, que algumas vezes durava vários segundos.

O melhor amigo de Conor Larkin, Seamus O'Neill, nasceu temporão, a raspa do tacho. Com uma família onde o número de homens O'Neill era mais do que suficiente para trabalhar os campos, o jovem Seamus teve uma infância de excepcional ócio. Para uma mãe irlandesa, não havia prazer maior na vida do que mimar o filho mais novo. Para ser justo, Seamus não passava seu tempo fazendo travessuras, mas sim enriquecendo sua eterna, profunda e monumental amizade por Conor — que também era seu herói, porque Conor estava destinado a tornar-se um grande lutador republicano como todos os homens Larkin e particularmente o avô de Conor, Kilty, que Deus tenha sua alma.

Quando a nova escola nacional foi aberta em Ballyutogue para atender as aldeias próximas, Seamus convenceu seus pais a deixá-lo matricular-se. Ser um dos três católicos numa sala repleta de protestantes e ser o nanico do grupo tinha suas desvantagens.

Embora o professor, o Sr. Andrew Ingram, fosse um escocês presbiteriano, era um homem esclarecido que não toleraria nenhum fanatismo em sua presença. Logo o Sr. Ingram percebeu que Seamus era seu melhor aluno e supriu o garoto com livros que de outra forma seriam inacessíveis. Além disso, deu-lhe aulas particulares para atender ao desejo do menino de se tornar escritor.

Seamus tinha proteção fora do pátio da escola se conseguisse chegar à forja do Sr. Lambe, que ficava próxima. Quando perseguido, corria para seu eterno amigo Conor em busca de ajuda.

Realmente, os dois garotos fizeram um pacto. Seamus ensinaria Conor a ler e escrever e Conor ensinaria Seamus a lutar. No começo, foi difícil para ambos, mas quando Seamus deu uma surra no valentão da escola e Conor dominou a primeira cartilha, a batalha estava vencida.

Conor agora tinha acesso a livros e aos mundos de que falavam, que ele nunca sonhara que iria conhecer um dia. Um mundo mágico explodiu diante dele. Todo dia de escola, Seamus corria para a forja, e, quando Conor a fechava, os dois dirigiam-se para seu lugar secreto perto da torre normanda, para explorar seu novo mundo muito além de Ballyutogue.

Não liam somente a respeito de lugares e coisas, mas sobre grandes ideias. O Sr. Ingram apresentou-os a Thomas Paine e assegurou-lhes que todos os signatários da Declaração Americana de Independência eram presbiterianos. Eram, sem sombra de dúvida, muito diferentes dos presbiterianos do Ulster, pensou Seamus.

Conor era um mago, logo alcançando e ultrapassando Seamus. De repente, algo desandou com Conor. Depois que ele e o Sr. Lambe terminaram o conserto da grade na Mansão Hubble, Conor repentinamente perdeu o interesse pelos livros e praticamente por tudo o mais. Sua mente vagava para longe das questões republicanas, o que era muito desconcertante para Seamus. Depois de uma semana nesta situação, Seamus rebelou-se.

— Seu rosto parece o purê de batatas no fundo da panela de barro de minha mãe, Conor. O que há com você?

— Nada.

— Sua mãe está grávida de novo?

— Cristo, não, graças à Virgem Maria.

— Então, o que há de errado com você?

— Hum, esqueça isso.

— Ah, caramba, Conor, você está muito chato!

— Se é tão evidente, então talvez seja melhor confiar em você, mas isso é um segredo mais sagrado ainda do que a confissão, entendeu? Se algum dia você insinuar uma palavra sobre o que vou lhe dizer, eu realmente o mato.

— Quando — protestou Seamus — eu traí a confiança de alguém?
Cite uma vez sequer!

— Então erga sua mão direita.

Seamus obedeceu, orgulhosamente.

— Jura por sua honra republicana que esse será nosso eterno segredo?

— Sim, juro. Você matou alguém?

— Cristo, não. Estou apaixonado por Caroline Hubble.

— Caroline Hubble! Você não viverá para ver outra colheita se alimentar pensamentos como este! Desta vez, é melhor você ir se confessar.

— Seria o último lugar onde contaria isso.

— Quer dizer, realmente apaixonado por ela?

— Sim, profundamente, furiosamente, ternamente. Penso nela o tempo todo e sensações maravilhosas simplesmente percorrem todo o meu corpo. Penso nela antes de dormir, e você sabe o que acontece aqui embaixo.

— Jesus!

— Vou lhe dizer uma coisa. Eu a vejo olhando para mim também. Agora, talvez ela não esteja apaixonada por mim nem nada parecido, mas sei que ela quer me dizer alguma coisa. Eu sei!

— Você não tem nada que ela esteja procurando.

— Sim, é uma loucura — concordou Conor. — Vou ter que superar isso.

— E bem rápido. Suponha que o pior acontecesse. Em um transe induzido pelas fadas, ela se apaixonasse por você, apesar da grande diferença de idade entre os dois. E suponha que ela o levasse a um aposento secreto e vocês fizessem aquilo. Quero dizer, realmente fizessem aquilo e, enquanto o faziam, o Visconde entrasse e flagrasse vocês dois! Ah, céus! Os protestantes de todo o mundo se amotinariam! E eles a arrastariam para a Guildhall Square, em Derry e marchariam com ela para a guilhotina como Ana Bolena e decepariam sua cabeça, ou talvez a queimassem numa estaca como Joana D'Arc... e, quanto a você, infeliz, iriam arrastá-lo e esquartejá-lo e pendurar sua cabeça num poste e todos os protestantes viajariam léguas de distância só para vir cuspir em você... e ela assombraria a Mansão Hubble vagando por lá, uivando, carregando a cabeça debaixo do braço, e todas as batatas nos campos apodreceriam de novo e haveria outra grande fome por causa de sua luxúria sórdida!

— Está bem, está bem. Já esqueci tudo sobre ela!

— Jura?

— Sim, juro. Já esqueci!

Seamus suspirou de alívio por ter resgatado seu melhor amigo do caminho certo para a autodestruição.

— Não acredito em você — disse finalmente.

CAPÍTULO 11



ARQUIVOS SECRETOS DE WINSTON CHURCHILL, COBRINDO 1885

Recordações Gerais Relativas à Irlanda

Lembro-me de minha apresentação à Irlanda com absoluta clareza. Tinha doze anos na época e você não se esquece quando toma conhecimento de que quase nasceu fora do casamento. Sempre me perguntei se a perpétua estranheza e a reserva que existia entre meu pai e eu teria alguma coisa a ver com suas aventuras com minha mãe antes do casamento. E com suas aventuras com outras mulheres depois do casamento até sua morte prematura devido à sífilis.

O trauma de saber de minha chegada “prematura” e minha viagem à Irlanda vieram ao mesmo tempo, perto do meu décimo segundo aniversário. A Irlanda era o quase bastardo da Inglaterra e eu tinha status semelhante em minha família.

A jornada de Lorde Randolph pelo mar da Irlanda até o Ulster encaixava-se em seu desejo inexorável de se tornar primeiro-ministro. Meu pai tinha uma questão de grande urgência e popularidade a ser explorada; ou seja, estava empenhado em impedir a lei de *Home Rule* de autonomia da Irlanda, que fora introduzida nos Comuns por Charles Stewart Parnell e seu novo Partido Irlandês.

Eu deveria acompanhá-lo e suspeito que eu era um bom apoio cênico, porque a unidade familiar protestante do Ulster era considerada uma

bênção, em contraste com o lugar-comum popular de que “a unidade familiar católica era uma maldição”.

Se meu pai conseguisse angariar apoio suficiente no Ulster para derrubar a Lei de Autonomia da Irlanda, calculava que o fato provocaria a queda do governo de Gladstone. Isso o colocaria na linha de frente para um ministério de alto escalão no novo governo, bem como o tomaria o líder dos Comuns. Assim, seria o primeiro na linha de sucessão para se tomar o próximo primeiro-ministro.

A Ordem de Orange, uma sociedade fraterna protestante fanática, e o aliado de meu pai, o Partido Unionista do Ulster, estavam lá em Larne para nos saudar com uma bandeira e uma banda. Deveríamos atravessar o Ulster no trem particular de seu maior industrial, *Sir* Frederick Weed, um sujeito expansivo, fanfarrão, mas bem simpático.

E lá fomos nós tagarelando pela nossa leal província... Portadown... Armagh... Dungannon... discursando para multidões cada vez maiores de homens usando chapéus coco e faixas cor de laranja, geralmente em estado de histeria. Foi em Lurgan que Lorde Randolph pressionou sua coragem com o grito de guerra “O Ulster lutará e o Ulster estará certo”.

Nosso *finale* foi um grande salão em uma residência imponente perto de Londonderry, pertencente ao conde de Foyle e seu filho Roger Hubble, o Visconde Coleraine. Londonderry era a cidade sagrada dos protestantes, uma espécie de Roma, Meca e Jerusalém em uma só.

Nessa ocasião na Mansão Hubble, meu pai se excedeu. “Vocês, valorosos camaradas do Ulster Ocidental, estão na trincheira mais distante de nossa grande aventura imperial e não podem vacilar. Desafio-os a defender essas paredes como seus ancestrais as defenderam há três séculos. Há dois irlandeses no espírito, na religião, na realidade. A Irlanda que é leal à Coroa deve permanecer no Império.” E então se ouviu... o mais recente de Rudyard Kipling: “Deve o Ulster separar-se da Grã-Bretanha? Pelo Deus que nos fez, nunca!”

Devo me lembrar desse discurso por fatos mais amenos. Roger Hubble era também o genro de *Sir* Frederick Weed, tendo se casado recentemente com sua filha, Caroline. Mesmo na minha tenra idade, de calças curtas e boné da escola, senti minha primeira sensação da paixão masculina. Nunca vira mulher tão bela. Quanto a mim, aos doze anos, era conhecedor, pela primeira vez, do diálogo particular e das estratégias de homens de grande influência. Ouvir as palavras do meu pai e observar seu efeito sobre a multidão... jogando com a cadência e com frases-chave foi uma lição para sempre lembrada.

Essa foi minha introdução ao uso do poder público e privado.

Embora amasse meu pai, passávamos pouco tempo juntos. Essa viagem ao Ulster, onde ele jogou sua famosa “carta de Orange”, foi nossa mais longa visita. Ele era um aristocrata estranho e excêntrico, impulsionado pela busca do poder. A maioria das outras ocasiões compartilhadas como pai e filho foram estranhas, sim, bizarras, pequenas excursões pelos locais de diversão libidinosos de Londres, onde ele parecia obter emoções espúrias assistindo a shows extravagantes, muitos de estranho teor sexual.

Em uma viagem noturna de Belfast de volta para Londres, ele sentiu um forte impulso de vir à minha cabine e me explicar o significado da Irlanda na vida da Inglaterra. Eu estava brincando com minha caixa de soldadinhos de chumbo, que sempre me acompanhava, estabelecendo um exercício tático enquanto Lorde Randolph ficava em sua postura usual bebericando seu uísque.

O povo inglês deixou sua marca na humanidade como um grande povo. “Através da exploração, conquista, colocação de súditos leais em nossas colônias, comércio e distribuição de nossos benefícios culturais e superioridade jurídica, tomamo-nos a maior nação na história da humanidade.”

Não havia nada ali com que discordar aos doze anos de idade.

“A Inglaterra é uma ilha”, continuou, “e para manter nossa grandeza dependemos do nosso poder marítimo, tanto comercial quanto militarmente. Nossas rotas oceânicas estão no nosso sangue.”

Perguntou-me se compreendia, e, colocado da forma que o fez, era absolutamente claro para mim.

“A Irlanda é um amontoado de rochas sem recursos. Sua única importância é estar vis-à-vis com a Inglaterra. Ora, não podemos permitir que um povo menor ou menos importante ameace nossa posição no mundo.”

“Winston”, disse, tomando-se ríspido, “os irlandeses são um povo ignorante sem nenhum direito de negar à Inglaterra o seu destino. É direito e dever da Inglaterra proteger os interesses vitais da Inglaterra e, assim, devemos governar a Irlanda para nos protegemos.”

Continuou, dizendo que a colocação estratégica de uma população leal à Coroa no Ulster protegia os interesses da Coroa.

Sem nunca deixar de se empolgar com o assunto, mesmo depois de cinquenta discursos pela província do Ulster, ele ficou de pé.

“Estamos lidando com o fato de que os irlandeses são um povo hostil, que rejeitou nossas aberturas para se unir a nós, como fizeram os escoceses e os galeses. O único propósito da Irlanda em ser independente é trazer o desastre sobre nós, e não podemos permitir que isso aconteça.”

O mar agitado fez meu pai sentar-se novamente na poltrona, esvaziar sua garrafa e balbuciar um comentário sobre os seios da Condessa Caroline Hubble.

Retornei aos meus soldadinhos de chumbo, compartilhando os pensamentos de meu pai.

W.S.C.

CAPÍTULO 12



1890

Qualquer jovem menos segura do que Atty teria considerado a emigração de Jack Murphy como uma rejeição pessoal. Atty recusava-se a ser humilhada. Tomava suas decisões somente depois de muita reflexão e ponderação. Uma vez tomadas, ela as mantinha. Suas emoções, moldadas por suas próprias verdades, eram feitas de concreto.

Atty tomou duas decisões aos dezesseis anos de idade. Detestava a injustiça do domínio inglês e amava Jack Murphy. Ambas as decisões eram lógicas para ela e ambas inseparáveis.

A partida de Jack foi amenizada em parte por cartas amáveis de lugares raros e exóticos... Tampico... Bora Bora... Christchurch... Monróvia... Montevideú

“Eu realmente a amo, Atty”, escreveu Jack Murphy, “mas não para formar um par. Ainda que eu tivesse o direito de amá-la com a paixão física em mente, mesmo assim não seria possível. Muitas coisas com as quais viemos ao mundo nos separaram desde o começo. Não faria diferença se tivéssemos nascido você na Índia e eu na Argentina, tantas são as diferenças que existem entre nós.

“Para ser inteiramente honesto, aí está você, Atty, que é a maior diferença. Você é tão suave e linda de se ver, e no entanto tão dura e assustadora de se conhecer. Você é amarga, Atty, determinada a dedicar sua vida a modificar um mundo imutável. As apostas que você fez no cumprimento de seus objetivos são intransponíveis. Ao mesmo tempo em que adoro sua coragem e determinação, não adoro as minhas na mesma proporção. Sei que nunca poderia ser um companheiro adequado para você em tal aventura. Quero muito menos da vida. Você é forte demais para mim, Atty, e ousou dizer que você é forte demais para praticamente qualquer homem, pois ele deverá estar disposto a submeter-se à sua força indomável.

“Somente eu vejo esta fúria interior em você agora, mas logo toda a Irlanda a conhecerá. Não, o mundo inteiro. O que eu digo faz algum sentido para você? Agora, encerro como comecei esta carta. Eu a amo, mas não daquela maneira.”

Seria Jack Murphy fraco demais para ela ou simplesmente muito sábio? Ele conhecia suas verdades e disse que não podia igualá-las. Era uma rejeição elegante. Considerava-se um covarde. Entretanto, Atty sentiu raiva junto com sua dor. Por que Jack não podia aguentar? Ou seria apenas seu modo de dizer que na verdade não a amava?

Após seu 17º aniversário, Atty anunciou a seus pais que não iria retomar a Londres para prosseguir os estudos, mas que estava de partida para Dublin.

— Isto é um comunicado ou uma consulta? — seu pai perguntou-lhe.

— Já tomei minha decisão, papai. Encontre as justificativas que precisar.

De nada adiantaria ameaçá-la com todas aquelas tolices de que a deserdaria, Charles Royce-Moore concluiu sabiamente. Era um pequeno milagre que tivesse sido capaz de mantê-la a seu lado por dezessete anos.

— Suponho — disse — que pretende unir-se àquele motim gaélico que está ocorrendo em Dublin.

— Não estou bem certa ainda.

— Bem, desde Parnell — disse ele, tentando não fazer ar de deboche — os clãs têm se reunido para expulsar os patifes anglos com um renascimento do tribalismo celta. Esportes gaélicos, literatura gaélica e todos esses malditos artigos de jornais. Como, em nome do Todo-Poderoso, esse lugarzinho produziu tantos escritores? Parecem cogumelos grassando perto de um lodaçal bolorento.

— Talvez seja porque você tenha transformado a Irlanda num lodaçal bolorento — respondeu ela.

— Podemos negociar? — seu pai perguntou candidamente.

— Não se negocia com os ingleses sem que se seja esmagado — respondeu ela, apenas um pouco em tom de brincadeira.

— Há anos que a observo vagando no meio dos leprosos — disse ele. — Já tive momentos de grande consternação. Mais de uma vez perguntei a mim mesmo que diabos estamos fazendo aqui. Bem, eu nasci aqui. Minha propriedade fica aqui. As coisas têm sido feitas de determinado

modo há séculos e apesar de uma dor aguda de consciência de vez em quando, eu sempre soube que não poderia mudar as coisas.

— É uma linha muito conveniente de justificativa por limpar a carcaça dos irlandeses da forma mais hedionda. Sua classe...

— Nossa classe, Atty.

— Sua classe — ela continuou — reduziu este povo ao mais miserável da civilização ocidental. A despensa deles está vazia — concluiu.

— Isto é um fato. A época das grandes propriedades está chegando ao fim. Embora tudo esteja fora do meu alcance, deve haver uma renovação de ideias, do tipo a que você se dedica. Olhe, minha gola de veludo está gasta. Não vou manter as aparências e sei que você também não vai. Este lugar está em declínio, cada vez mais decadente.

— Devo dizer, papai, que você tem sido melhor do que muitos.

— Não me voltarei contra a minha classe, Atty. Os incidentes radicais em Dublin estão fora da minha esfera, entretanto vejo chegar uma época em que desapareceremos completamente do cenário. Imagino que bem poucas lágrimas irlandesas serão derramadas por nós quando partirmos. Agora, quer ouvir minha proposta ou não?

Atty amava seu pai quase tanto quanto desprezava sua classe. Será mais cruel ter consciência de sua crueldade e não fazer nada a respeito? A maioria de seus amigos aceitava a afortunada circunstância de suas heranças sem nenhum sinal de culpa. Desdenhar os irlandeses meeiros inferiores justificava a exploração. Ao menos, seu pai não fazia isso.

— Eis a minha proposta. Como você sabe, pelo estudo dos livros da fazenda, transferei uma boa soma de dinheiro para Londres para o sustento meu e de sua mãe no fim de nossas vidas. Eu mesmo sou bem provinciano e na realidade gosto muito da Irlanda. No entanto, não suporto a ideia de passar meus dias na cidade de Dublin. Dublin é andrajosa. Algumas fachadas de pedra mal escondem um vilarejo de barracos, encharcado de todas aquelas tavernas e seus maus poetas. Quero me aposentar no conforto de Londres. Você tem meus maiores pecados na mesa... a lealdade à minha classe, minha incapacidade de mudar o mundo.

“A propriedade está basicamente em ordem — continuou. — Murphy e meus agentes territoriais fizeram um trabalho admirável dentro do quadro em que puderam atuar. Tentamos não infligir mais sofrimento a nossos reдеiros. Separei um bom depósito para você concluir sua educação, que você agora rejeita. Assim, vá para Dublin e use esse dinheiro

para se manter. Tudo que lhe peço é que seja indulgente com sua mãe de vez em quando e permita que ela dê algumas festas por ano, para que você possa examinar e guilhotinar sua mais nova coleção de pretendentes.

— Não, papai, você quer mais alguma coisa. O que é?

— Atty, para dezessete anos você é um monstro. Então, está bem.

Quando completar vinte e um anos, o baronato será seu, quer eu esteja vivo ou não. Tem que me prometer que manterá a propriedade como está, com Murphy. Quando eu e sua mãe morreremos, pode fazer o que bem entender com ela.

— Por que a espera, papai?

— Quero viver em Londres como um membro da aristocracia aposentado e não como alguma espécie de traidor.

A resposta de Atty seria rápida — dentro de cinco anos ela poderia fazer de Lago Clara o que sonhara fazer desde criança.

— Enquanto isso, filie-se à maldita insurreição — concluiu ele.

— Concordo, papai. Lago Clara continuará exibindo o brasão da família até que você e mamãe tenham morrido. Espero que isso não se dê por muito tempo. Mas entenda o que vou fazer em Dublin.

— Ah, diabos, todos nós sabemos. Sabe, Atty, sempre soube o que eu sou e não posso ser de outra maneira ou mesmo fingir ser de outra maneira. A fome das batatas deixou-me alquebrado ao invés de tomar-me um combatente. Fiquei feliz quando fui convocado para o serviço naval e não queria retomar a Lago Clara. Mas retornei, e não fiz nada de novo ou surpreendente, somente o que era esperado de mim. Sou um inglês com tudo o que isso implica, bom ou ruim. Darei passagem a você. Deixe que eu conserve a minha dignidade.

Beijos ternos de Atty sempre foram difíceis de ocorrer. Ele prezou muito aquele.

— E, agora, sábia, maravilhosa, determinada, indignada Atty, permita que lhe ofereça um conselho.

— Claro, papai.

— Esqueça Jack Murphy.

— Não posso e não o farei.

— Você é forte demais para ele. E perdoe-me por dizer isso, mas você é forte demais para qualquer homem que eu já tenha conhecido. Mas Jack Murphy não vai se deixar dominar e, a menos que você chegue a

um acordo com ele, como acaba de fazer comigo, então você realmente o esmagará.

— E se ele não voltar? Ninguém mais vai me querer?

— Ninguém mais pode tê-la, Atty. A menos que... e acho isso bem pouco provável... você se apaixone tão desesperadamente que perca inteiramente a cabeça.

— Qual a sua opinião?

— Já lhe disse. Entre em acordo com Jack ou outra pessoa, uma forma de poderem viver juntos sem grandes paixões ou grandes desejos de autodestruir. Veja, minha filha, o homem que poderá fazer minha Atty perder a cabeça simplesmente não existe. Seja inglesa nesta questão. Faça um acordo.

CAPÍTULO 13



1890

Lorde Randolph Churchill viera. O Salão Comprido da Mansão Hubble estava repleto. Todos os membros da classe dos grandes proprietários e da aristocracia a oeste de Westport e ao norte de Athlone estavam presentes. Todos os homens do clero que eram herdeiros da Reforma compareceram. Os mais leais dos leais, os grão-mestres de Orange, vieram. Todos os veteranos dos regimentos do Ulster leais à rainha, adornados com suas condecorações, apresentaram-se. E suas mulheres.

Tremendo diante da esmagadora vitória de Charles Stewart Parnell e temendo pela sua sobrevivência na isolada Londonderry, ouviram o arquiconservador lançar sua carta de Orange. Sua voz, emitida em palavras destinadas a alcançar além daquelas paredes e sobre o mar até o Parlamento, tinha a mira certa na intimidação do Partido Liberal.

Seu jovem filho Winston absorveu-as para referência futura. Seu pai envergara o inimigo confiante, desfizera suas fileiras, deixara-os atordoados.

Foi também a primeira façanha bem-sucedida da aliança do Ulster ocidental, defendido por Roger Hubble, com os empreendimentos comerciais e industriais de Belfast controlados por *Sir* Frederick Weed. Os dois juntos agora tinham o comando da direção política da província. Seu relacionamento foi consumado pelo casamento de Caroline Weed com Roger Hubble. A presença de Churchill no Salão Comprido tomou-se um dos eventos mais marcantes da história do Ulster. A ocasião foi um ponto culminante de dois homens diferentes com duas carreiras diferentes, repentina e ousadamente unidos.

Weed era o fanfarrão escocês, um empreendedor numa época de empreendimento britânico. O magnata que se fez por si mesmo e cujo

poderoso complexo industrial estava agora fabricando os cascos de navios de aço de até dez mil toneladas. O rei da ferrovia com suas locomotivas, Expresso da Mão Vermelha e seu trem particular, a inveja de todo ditador sul-americano e marajá indiano. O aço de suas usinas produzia os trilhos onde corriam oitenta por cento dos trens da Irlanda. Conseguira tudo isso, por Deus, com seu grande arrojo.

Seu bastião de Belfast, infelizmente, era o único lugar onde os ingleses haviam feito investimentos substanciais. Erguia-se inigualado em um cenário irlandês destituído de qualquer manufatura. Operado por leais trabalhadores protestantes, Belfast era o enclave solitário de empreendimento industrial.

No interior os dias das grandes propriedades rurais estavam terminando. Desde a fome das batatas, a classe dominante fora reduzida a cortinas esfarrapadas e murmuravam seus votos à Coroa maquinalmente,

O Visconde Roger Hubble era o último mestre em criar uma força de trabalho que ia do nascimento à morte e que estava sempre em dívida com ele. No campo, seus lavradores rendeiros cultivavam a matéria-prima de que ele precisava e ele lhes concedia apenas a terra suficiente para uma cultura de subsistência marginal. Hubble cuidadosamente abocanhava as granjas mais fracas, despejando os rendeiros e convertendo a terra em uma crescente fazenda de criação de gado, o principal produto de exportação para a Inglaterra.

Ele estabelecia o preço para o plantio de sementes de linho e assumia o débito do camponês, que saldava sua dívida com a próxima colheita a juros escorchantes. Ele então estabelecia o preço do linho que era colhido. A conversão do linho em tecido era uma tarefa árdua, feita em grande parte com mão-de-obra constituída pelos filhos menores dos camponeses, em geral para saldar as dívidas da família.

Os despejos no campo garantiam um fluxo constante de pessoas desesperadas e desempregadas para Londonderry e seu subúrbio miserável, o Bogside. Assim, ele sempre tinha um excedente de mão-de-obra barata. O desemprego dos homens chegava a cinquenta por cento, e os que trabalhavam tinham empregos ignóbeis.

A grande fonte de lucros era sua fábrica de camisas, a maior das Ilhas Britânicas, que usava o linho produzido por seus camponeses.

O controle total que Roger Hubble exercia, da semente ao produto acabado, seu poder na engrenagem política e sobre a classe operária

representavam tudo que era considerado glorioso na colonização e no imperialismo.

Os cargos decentes na municipalidade, nos estaleiros, nas escolas e no comércio estavam restritos àqueles que juravam lealdade à Coroa. Esta era a lei do Ulster.

Charles Stewart Parnell e seu Partido Irlandês burlaram o sistema e criaram seu próprio subterfúgio para a Lei da Autonomia. Londonderry, tanto histórica quanto geograficamente, pertencia ao condado de Donegal, que estaria fora dos limites do Ulster. Ao reformar vergonhosamente os limites do distrito de forma arbitrária para seu próprio favorecimento político, Roger Hubble conseguiu inserir Londonderry no Ulster.

No começo da nova era política, *Sir* Frederick Weed e os industriais de Belfast queriam livrar-se de Londonderry como de um débito. Roger Hubble, e posteriormente Randolph Churchill, ameaçaram com a guerra civil se a sagrada cidade protestante fosse perdida para os católicos. O casamento de Roger e Caroline concretizou a aliança.

Caroline era uma mulher excitante, com um passado recente que incluía um casamento com um gigolô sem vintém, um conde italiano. Seu objetivo principal era enfiar seu pai, o que conseguiu. Muitos milhares de libras esterlinas foram gastos nos arredores do Vaticano, que finalmente concedeu a anulação.

A jovem impetuosa destruiu a suíte de um hotel repleta de antiguidades de valor incalculável, fugiu para Roma e adotou Paris. Ali, partilhou uma água-furtada com um artista em busca da fama e extremamente talentoso, um pintor no novo estilo impressionista. Quando enjoou do seu cheiro de alho, sua gota e de subir ao seu sótão, ela voltou para o Ulster, onde se tornou um modelo de decoro, uma rainha de cultura e caridade, e aguardou seu destino, que surgiu na forma de Roger Hubble.

Compreenderam a força de sua união. Excitado pelos rumores sobre o passado de Caroline, a sexualidade de Roger veio à tona e exacerbou-se a tal ponto que se tomou um excelente amante. Roger adorava-a.

Caroline deu-lhe dois filhos, um para o condado e outro para as Oficinas de Navios e de Ferro Weed. Lorde Jeremy, o mais velho e herdeiro, parecia uma reversão ao próprio pai de Roger, o vadio Arthur Hubble, um rapaz frívolo demais, sem a fibra e a severidade necessárias para dirigir com mão de ferro.

Felizmente, Christopher, o filho mais novo, demonstrava toda a frieza de seu pai. Que assim seja, Jeremy seria o conde cerimonial enquanto Christopher seria educado para operar a máquina.

Caroline! Caroline, a magnífica! Ela transformara Londonderry de um lugar insípido em um ponto de referência cultural. Toda companhia shakespeariana em turnê, toda trupe de segunda classe de cantores italianos de ópera, todo conferencista, poeta, músico ou orquestra que pisassem na Irlanda agora obrigatoriamente faziam a viagem a Londonderry. A maioria ela levada pela sua fundação cultural. Caroline era a *grande dame* do Ulster Ocidental.

A vida estava completa para Roger Hubble, exceto por um irritante hábito de Caroline. Ela nunca parava de fazer reformas. A Mansão Hubble era uma monstruosidade histórica, com suas dezenas de salas de pesca, de armas, de adagas, casa de gelo, salas de caças de aves selvagens, estábulos, uma cozinha do tamanho do Palácio de Buckingham, subcozinhas, um aposento de aves domésticas, vinte *closets* de roupas de cama e mesa, oficinas para os costureiros de cortinas, reparadores de tapetes, estofadores, pintores, envernizadores, jardineiros, abrigo de barcos no lago Foyle e mordomos, arrumadeiras, condutores de carruagens e criados de libré; ao todo duzentos empregados em seus hediondos uniformes verde-hortelã com horríveis enfeites cor de limão.

Roger desempenhava o papel de marido aflito e queixoso abrindo as contas, mas a sedução de Caroline mantinha seu apetite sexual sempre faminto o suficiente para manter o casamento. Felizmente, quando chegava a hora de pagar as contas, Caroline tinha um pai extremamente rico e recursos financeiros próprios.

O lugar para qualquer evento grandioso... a apresentação do cantor Caruso, a visita oficial da rainha... era sempre o Salão Comprido, que podia abrigar quase mil pessoas em um jantar sentado e mais ainda em um concerto.

Tendo sido consertada, reformada, refeita e ampliada ininterruptamente por uma década, a Mansão Hubble transformou-se de uma casa mal conservada, assombrada, coberta de ervas daninhas, em um palácio de lendário esplendor, a síntese do que o supremo colonizador podia fazer com seu apetite voraz.

Outro exemplo extremo era a fábrica de camisas de Lorde Hubble. As condições de trabalho internas eram sórdidas, um frio enregelante no

inverno, escuridão, um calor sufocante no verão, inexistência de dependências humanas e uma lista infundável de desgraças que eram as sobras diretas dos dias mais negros da Revolução Industrial.

Com todo o novo liberalismo no ar, Roger Hubble ficou apreensivo de que a reforma industrial e do trabalho pudesse chegar a Londonderry e, particularmente, à sua fábrica de camisas, que era o principal esteio dos excessos de *Lady* Caroline. Para piorar as coisas, um advogado católico dos operários e camponeses conquistara um assento nos Comuns.

Tendo reformado tudo que era possível reformar, Caroline voltou-se para o grande projeto final, a restauração da magnífica grade de ferro forjado do Salão Comprido. Tinha doze metros de largura e doze de altura, formando um majestoso portão de entrada. Podia muito bem ser uma cópia dos portões do céu, inspirados pelo Todo-Poderoso.

A tradição rezava que o trabalho era obra de Jean Tijou, um grande artífice francês que fora trazido para a Inglaterra séculos atrás, durante o reinado de William e Mary. Muito de sua história, bem como de sua tortuosa agonia, permanecia oculto pela lenda.

Obviamente, *Lady* Hubble buscou o melhor artífice vivo do ferro, Joaquim Schmidt, o alemão. Durante dois anos, Schmidt trabalhou no que se tomara um enigma. Como um bom alemão, Herr Schmidt acreditava que as coisas aconteceriam se ele desse ordens e gritasse. Seus berros reduziram-se a grunhidos desorientados e ele foi embora.

Caroline, então, trouxe o italiano, Tustini. No começo, fez algum progresso, mas ficou emocionalmente dividido entre a grade e inúmeras empregadas do andar superior e do andar inferior. O clima do Ulster levava-o a longos períodos de depressão seguidos de *vino* em excesso e ele foi soluçando por todo o caminho para Cork para pegar seu navio de volta para a Itália.

Seu fracasso a consumia toda vez que um evento era realizado no Salão Comprido, uma vez que a imponente grade continuava sem graça e desfigurada.

CAPÍTULO 14



1895

Lady Atty Brooke Royce-Moore, a baronesa de Lago Clara, irrompeu no cenário da campanha gaélica como se ela e Dublin esperassem um pelo outro há um século.

Seu primeiro ato, que a fez estimada pelos dublinenses, foi retirar o hífen e reduzir seu nome e títulos a um simples “senhorita Atty Moore”.

A generosa pensão anual de Atty permitiu-lhe comprar uma casa georgiana de quatro andares, de uma fileira de casas iguais, em Garville Avenue 34, no subúrbio de Rathgar. Não era uma residência aristocrática nem a casa de um homem pobre. Uma sala de estar espaçosa abrigava a maioria dos que se identificavam e lutavam pelo movimento gaélico. Conversas acaloradas vinham de escritores, jornalistas, panfletários, republicanos, atores, dramaturgos e uma nova geração de políticos.

A maior identificação de Atty era com Arthur Griffith, cujo jornal Irlandês Unido constituía uma força em ascensão. Griffith também formara um novo partido político, Sinn Fein, cuja tradução significava “Nós sozinhos” Sinn Fein nasceu para substituir o Partido Irlandês, cujo espírito morrera com a morte de Parnell. Antes uma força determinada, os membros do Partido Irlandês tomaram-se lacaios no Parlamento britânico, incapazes de levar adiante a agenda da Lei de Autonomia.

Atty não revelava sua idade. Tinha dezessete anos quando chegou a Dublin como um mito celta vindo do oeste. Sua estatura física, sua mente perspicaz e personalidade voluntariosa revelavam uma pessoa além de sua idade. Ela estava mais do que à vontade naquele instante de ressurgimento gaélico. Falava a língua antiga com perfeição e logo descobriu a plataforma do orador nos comícios nas esquinas onde ela clamava contra os males do imperialismo.

Tudo isso era excitante, os vibrantes gritos de liberdade dos panfleteiros — o círculo de intelectuais, os antigos jogos dos celtas nos campos de esporte, o terreno fértil do despertar.

Pouco depois de sua chegada, três dos seus melhores amigos, *Lady Gregory*, Edward Martyn e William Butler Yeats, instituíram os primórdios do Teatro Nacional Irlandês.

Propomos representar em Dublin, na primavera de cada ano, algumas peças celtas e irlandesas, as quais, seja qual for seu grau de excelência, serão escritas com grande ambição e assim criarão uma escola celta e irlandesa de literatura dramática... Mostraremos que a Irlanda não é a morada da bufonaria e dos sentimentos fáceis, como é representada, mas o lar de um antigo idealismo. Temos confiança no apoio de todo o povo irlandês, que está cansado de tantas deturpações, para realizar um trabalho independente de todas as questões políticas que nos dividem.

Bem, esse foi um casamento no céu à espera de Atty Moore. Um local permanente foi encontrado no reformado Teatro da Mecânica em Abbey Street. Atty levou sua estatura física e presença marcante para o palco. No começo, sua presença era tão poderosa que tudo que precisava fazer era caminhar e fitar a plateia para enregelá-la. Era uma estrela, mas havia um problema. O entusiasmo de Atty e sua habilidade como atriz não estavam exatamente na mesma página. Com um grito do banco dos réus ou uma morte de tuberculoso por causa da poeira da usina de linho, ela podia exagerar a ponto de levar um irlandês às lágrimas.

Como a sua aceitação de um roteiro assegurava a produção a um dramaturgo, era incessantemente assediada por aspirantes. Um dramaturgo que atraiu sua atenção foi um jovem jornalista do Donegal.

Atty pressentiu desde o começo, apesar de seu poder, que Seamus O'Neil não parecia tão admirado como os outros em sua corte.

Seamus escrevera dois textos de dez minutos, o tipo de prosa lírica que qualquer atriz gostaria de ter em seu repertório. Ela percebeu que ele não ficou feliz por ela ter meramente se apoderado de sua escrita para si mesma, quando o fato era que ela esperava que Seamus fosse desfalecer com a honra.

Foram trabalhar, apenas os dois, e ele, muito frequentemente, rolava os olhos para o céu. A atriz atirou o *script* longe e saiu batendo os pés. Seamus recolheu as páginas e foi se refazer no bar mais próximo.

— Bem? — ela disse, esgueirando-se junto dele no bar vinte minutos depois.

— Você não é Josué — disse Seamus —, não vai derrubar os muros do Castelo de Dublin apenas tocando uma trombeta.

Atty passou por vários estágios de fúria. Bem, ela lhe perguntara e o bastardo tinha o direito à sua opinião. O que doía é que ele acertara o alvo. Atty não estava indo a lugar algum a não ser como uma grande e barulhenta trombeta.

— Deveria sair e comprar uma harpa?

— Deixe Atty fora do palco—disse Seamus. — Leve para o palco a mulher que o dramaturgo criou. Caso contrário, você vai acabar sem recursos, gritando do começo ao fim dos seus papéis. Você não confia nas palavras.

— Estou tentando decidir se deveria cuspir em você ou pedir-lhe me ajudar — disse ela.

— Teatro desta espécie é novo. Não sou um diretor. Ninguém o é ainda na Irlanda.

— Preciso atuar — disse ela, ardentemente como de costume. —É o que posso fazer como republicana e nunca tive nenhuma experiência tão extraordinária, tão empolgante, tão poderosa quanto a sensação de estar lá em cima no palco.

— Coronéis, jogadores de rúgbi e mulheres que dão à luz têm a mesma experiência. Precisa olhar para dentro de si mesma e pedir a Deus para representar outra pessoa que não Atty.

— Pode me ajudar, senhor?

— Até que ponto você consegue olhar no fundo da alegria e da dor de outra pessoa sem se assustar e afastá-las?

— Vou descobrir, Seamus, e você vai me ajudar.

Seamus escreveu meia dúzia de textos curtos para ela, cada qual exigindo que ela experimentasse uma emoção diferente. Era frequentemente solicitada a representar alguém que temia ou desprezava... a ser falsa, intolerante, detestável ou dissoluta. O jogo era transformá-la convincentemente em alguém inteiramente distinta de Atty.

A sua estatura dinâmica e voz imperiosa, Atty acrescentou nuances, dimensões, alcance e um domínio de momentos e movimentos sutis. Tudo isso para desenvolver ao máximo o seu talento.

Seamus fizera um trabalho maravilhoso, e Atty ficou satisfeita. Entretanto, ambos compreenderam que ela chegara ao máximo do que podia dar. Sempre tinha que conter a tendência a se tornar Atty de novo, num piscar de olhos.

Era uma boa atriz, às vezes descontraída, às vezes engraçada, às vezes cheia de confiança... mas sempre no comando. Adorava o que fazia como a própria vida. Adorava a adoração que acompanhava tudo isso e o mundo do centro do palco que ela ocupava.

No entanto, havia uma galeria trancada dentro dela onde guardava todos os seus demônios e onde temia entrar, no palco ou fora dele. Talvez nunca abrisse a porta da galeria. Somente se achasse que nunca ascenderia à imortalidade no palco. Era o único desafio de que jamais se esquivara.

O pai de Jack Murphy, Darby Murphy, mantinha as coisas sob controle, ajudado pelas constantes visitas de Atty. Um procurador competente em Galway mantinha a administração lucrativa. Lorde Charles e *Lady* Royce-Moore sentiram-se suficientemente confiantes para fazer sua tão desejada mudança para Londres.

Mal Sua Excelência deixou-se afundar naquela macia poltrona de couro do Standard Club de Londres, ele cochilou e nunca mais acordou. Exatamente na mesma ocasião, Darby Murphy também morreu de um ataque cardíaco.

Quando a dor e o tumulto da dupla morte se abrandaram, Atty teve que tomar decisões. Lago Clara somente lhe pertenceria dentro de três anos, e tentar modernizar sem deslocar os rendeiros seria uma tarefa difícil. Significaria ter que passar mais tempo longe de Dublin.

Ela fechou a mansão e mudou-se para o encantador chalé de Darby Murphy, situado em meio a um raro bosque de carvalhos perto dos estábulos e da área de treinamento de cavalos. Nenhum dano. Toda a família de Murphy deixara Lago Clara para sempre e o chalé agradava-a muito mais do que a casa sede.

Tornou-o aconchegante, delicioso, usando-o como seu escritório “ocidental”, onde podia ler até de madrugada, receber republicanos errantes que ali estavam de passagem e manter a propriedade em bases sólidas,

organizando de tal modo os negócios que pudesse ir com frequência a Dublin.

Seis meses se passaram em sua nova rotina quando o correio lhe entregou um telegrama junto com a correspondência diária. Abriu o envelope e viu a assinatura... Jack Murphy... sentiu uma moleza em todo o corpo, seguida de uma palpitante descarga de paixão.

MINHA FAMÍLIA DESIGNOU-ME PARA FINALIZAR OS NEGÓCIOS DE MEU PAI PT RETORNANDO PARA A IRLANDA O MAIS BREVE POSSÍVEL PT PODEMOS NOS ENCONTRAR EM LAGO CLARA 24 DE FEVEREIRO PT POR FAVOR ENVIE TELEGRAMA CONFIRMANDO PT ANSIOSO PARA REVÊ-LA PT COM AMOR JACK MURPHY

Tudo que conseguira tão meticulosa e determinadamente abafar não podia mais ser abafado. Sabia pelo telegrama que nada mudara em seus sentimentos por ele.

Atty acertou todos os detalhes para sua vinda, para que tudo ficasse perfeito. Jack teria vinte e oito anos agora. Como estaria? Quase desejava, mas ao mesmo tempo não o fazia, que a visão dele não despertasse nada nela.

Examinou-se com não menos intensidade do que os homens desprezados em sua platéia o faziam quando estava no palco. Como pode ele me rejeitar?

Ou estaria desesperadamente apaixonado por alguém? Santo Deus! Atty compreendeu que uma sensação inteiramente nova a dominava. Era medo.

A majestosa rainha dos palcos de Dublin mordida as unhas e ficava à beira das lágrimas por qualquer coisa, diversas vezes por dia... a cada dia que se aproximava. Era rápida nos encontros com seu procurador e com o administrador da propriedade. Gritava desnecessariamente com um ator ou diretor, seguindo-se milhões de desculpas.

O dia chegou. Sim, o navio aportou em Galway. Ela conseguiu mostrar-se calma enquanto ele descia a rampa de desembarque, sorria, colocava no chão a valise e lhe dava um abraço ao velho estilo Jack-e-Atty. Jack segurou-a com os braços estendidos.

— Jesus, menina, tudo que você precisa é de um poeta realmente bom para imortalizá-la. Sem dúvida, você é a criatura mais gloriosa da Irlanda.

— Ah, Jack, se você tivesse demorado mais um dia eu teria molhado as calças — disse, aliviada.

O chalé tinha o ar de um novo ocupante, uma mudança para um jeito de seriedade e decisão. Os papéis e os objetos práticos de Atty haviam substituído os paninhos de mesa. Pensamentos e conversas importantes emanavam dali agora, não mais um lugar de ócio e traquinagens de crianças, mas de estudos e de futura rebelião. Ainda assim, ela o suavizara para a visita de Jack com flores, lareira acesa e os melhores vinhos e uísques. Embora Atty fizesse pouco esforço formal, ela era uma esplêndida personalidade.

Jack Murphy afinal estava muito bem. Já não era o rapaz irresistivelmente atraente de suas lembranças, mas delgado, com grande força de expressão e muito seguro de si. Os temores de Atty desfizeram-se. Quando retomasse ao Canadá, iria para Toronto para tomar-se editor do maior jornal do país e crítico ocasional de música e de arte.

— Ah, Dublin é o lugar ideal para um jornalista — insinuou Atty astuciosamente.

— Isto aqui é violento demais para mim — ele retrucou.

— Realmente, Jack. Não há uma espécie de turba Orange em Toronto e os ingleses e franceses não estão permanentemente em luta?

— Sim, mas a guerra deles é feita com balas de canhão de pudim. A política irlandesa é como a religião islâmica, um modo de vida radical e absorvente. Em Dublin, a cultura, os esportes, a religião, a política são uma coisa só. No Canadá, temos outros interesses além da guerra permanente.

À medida que Jack continuava a falar de suas viagens e de sua satisfação no Canadá, Atty finalmente percebeu o que sempre soubera, mas nunca admitira — que Jack não tinha nenhuma vontade de lutar. Isso o tomava um homem menor?

Ao fim da tarde, todos os principais detalhes dos bens de seu pai haviam sido resolvidos. Atty diria ao advogado que preparasse os documentos necessários.

Quando a noite caiu sobre o lago e a lareira começou a arder com um inebriante aroma de turfa, iniciou-se um momento de constrangimento.

Atty comentou que não havia percebido que a biblioteca dos Murphy era tão extensa. Disse-lhe que separasse os livros que desejasse e ela os mandaria para o Canadá.

Isso seria formidável, magnífico, ele concordou. E quais eram os planos de Atty para a propriedade? Difícil dizer, respondeu-lhe, pois ela não lhe pertenceria legalmente senão dali a três anos. A criação de cavalos sempre dera lucro e talvez ela se concentrasse nisso. Jack iria ficar bastante tempo para analisar alguns candidatos ao cargo?

— Eu conheço algum deles?

Ela enunciou uma lista de pretendentes.

— Nenhum como Darby Murphy.

— Dê-me algum tempo para pensar — sugeriu ele. — Bem, meu amor, fala-se no Canadá que uma grande estrela está nascendo nos palcos de Dublin.

— Verdade, Jack? Sou alta e um pouco cheia de corpo. Sou intensa na apresentação da minha causa, enunciando vividamente, bradando em justo protesto e, no final das contas, faço a figura ideal da Mãe Irlanda. Um velho sacerdote que se maravilhou diante do meu decote olhou-me da testa para baixo e disse que eu poderia ter alimentado uma aldeia inteira durante a fome. Mãe Irlanda, sim; uma grande atriz, dificilmente. Mas adoro subir ao palco. Os ingleses têm as armas e nós temos as palavras, e agora o palco de onde gritar contra eles.

Jack viu a caixa de um violão no banco embaixo de uma janela. Acomodou-se lá e afinou o instrumento até lhe dar um tom razoável. Atty observou-o, fascinada.

Seus dedos não se atrapalharam e sua voz não falseou. Estava com bastante prática. Para quem Jack cantava suas canções agora?

— Pensou em mim muitas vezes? — perguntou ela com a brusquidão que lhe era peculiar.

— Sim.

— Quantas vezes?

— Sempre.

— Alguma vez achou que tivesse cometido um erro em relação a mim?

— O tempo inteiro.

— Mas não o suficiente para me amar... me amar... me amar!

— Talvez, mas conheço bem Jack Murphy para saber que não me faria nenhum bem. Nunca deixo que meus pensamentos a seu respeito criem raízes.

Você está onde deveria estar e fazendo o que deveria fazer, Atty na cidade de Dublin, na aurora da insurreição. ’

— Jack, você sempre lidou comigo com muita reserva. Não pode se soltar? Talvez até venha a gostar. Ah, Jack, fico tão frustrada em Dublin. Preciso de você como parceiro. Podíamos realizar tanta coisa juntos.

— O quê? Montando uma tigresa sempre em busca da presa para matar?

— Você faz muito sexo, Jack?

— Penso nisso mais em termos qualitativos do que numéricos.

— Está apaixonado... por uma mulher canadense, então?

— Verdade?

— Não sei se quero a verdade. Então, está?

— Sim, estou.

— Desesperadamente? Loucamente?

— Profundamente, comprometidamente.

— É casado?

— Não, mas ela é e tem dois filhos.

— Ah, meu Deus, não é sempre assim? Esta pessoa mora em Toronto?

— Perto.

— É muito triste para você.

— Não é triste, absolutamente. E muito prazeroso.

— Como pode ser prazeroso? Amor, talvez... mas amor prazeroso nessas condições?

— Nós o tomamos assim. Somos mais agradecidos pelo tempo que temos juntos do que lastimosos pelo tempo que ficamos separados.

— Acho que compreendo.

— Não, você não compreende, Atty. Com você é possuí-lo ou mandá-lo embora. Há infinitas variações em matéria de amor, querida.

— Como as sutilezas que não possuo — disse ela, voltando-lhe as costas.

Jack cingiu-a com delicadeza e virou-a de frente para si. Ela preferia que a tivesse agarrado com força, girado nos calcanhares e apertado contra seu peito. Mas Jack não faria isso.

— Minha pequena e adorada Atty — começou ele.

— Não sou tão pequena assim.

— Minha pequena e adorada Atty. Seu grande flerte na vida é sua disposição para a tragédia. No que diz respeito à tragédia, você encontrou o pote de ouro ao final do arco-íris aqui na Irlanda e isso lhe convém perfeitamente. Não tem que procurar muito longe... é só seguir a estrada até a próxima vila... e entrar em Dublin... com seus esgotos abertos. Morte por cólera. Até mesmo o seu pobre e velho pai finalmente encontrou sua poltrona elegante e confortável, sentou-se e morreu nela. A tragédia está sempre ao alcance da mão... abra uma carta e a encontre... ou pode lançar-se do céu como um raio. Ou você pode estar parada numa encruzilhada e um mensageiro aproximar-se e lhe dizer que alguém que você ama está desesperadamente doente ou que sua casa está em chamas ou que um navio naufragou no meio do oceano. A tragédia, sobre a qual não temos nenhum controle, nunca está distante. E é o lugar onde você resolveu viver.

Ela tampou os ouvidos com as mãos. Ele as retirou.

— Agora, alegria é uma outra questão. Podemos criar a alegria a qualquer momento, em qualquer lugar. A alegria vem de dentro e é nossa se tivermos desejo de encontrá-la. A tragédia é um legado humano. A alegria é uma criação humana.

— Sou assim tão sombria?

— Sombria o suficiente para ter fechado uma porta de aço e trancado sua alegria lá dentro para que não possa escapar.

— Nunca senti nenhuma alegria assim — murmurou ela.

— Eu sei.

— Vai se divertir em saber que fiz sexo algumas vezes — disse ela repentinamente.

— Ficaria chocado se assim não fosse — respondeu ele.

— Quero dizer, estar no teatro com todos aqueles atores e escritores loucos. Morrem pelo meu corpo. Bem, na verdade foram quatro vezes... cinco se contar duas vezes com o mesmo sujeito. Não foi nada de grandioso, Jack. Na verdade, foi desagradável. Mas eu gosto de homens, sabe. Parece haver algum problema.

— Não poderia ser pelo fato de que você não pode decorar as falas de uma nova peça, organizar uma greve de rendeiros, escrever um editorial e fazer sexo ao mesmo tempo entre uma refeição e outra ou entre os atos de uma peça?

— Eu preferia que você gritasse comigo, Jack, ao invés de me retalhar com sua maldita e delicada navalha.

— Desculpe Atty. Mas...

— Mas o quê?

— Seus seios magníficos e todo o resto podem inibir penosamente um pobre sujeito que está fazendo isso pressionado pelos números, provavelmente petrificado demais para um desempenho decente.

— Detesto sua maldita boca asquerosa, Jack! — gritou.

— Então, não me pergunte sobre sexo. Eu não levantei a questão.

— Você nem sabe praguejar! Fique com raiva, Jack!

— Atty, querida, ambos sabíamos que esta conversa viria à baila.

Então vamos acabar com isso e aproveitar nossos poucos dias juntos.

Era sempre assim que o maldito Jack Murphy resolvia as coisas, ela pensou. Impassível! Ponderado! Por que ele não fraqueja como os outros homens? Nenhum tropeço com as palavras, nenhum arrastar desajeitado dos pés, nenhum abaixar dos olhos. Apenas uma resposta definitiva e “se não gosta assim, menina, caia fora daqui”. Vá para o inferno, Jack Murphy.

Viu se afundar na grande poltrona do velho Darby, sentindo-se destituída de tudo.

— Jack — murmurou —, estou sempre tão sozinha.

— Eu sei, querida.

— Por que não posso criar alegria? Por que não posso senti-la? Acha que gosto disso? Jack, por Deus, o que há de errado comigo?

Ele se ajoelhou e tomou suas mãos.

— Você tem a maldição de ser uma grande pessoa, Atty Moore.

Você vem caminhando resolutamente para uma tormenta desde que a conheço e não tem escolha. Há bem poucas pessoas que podem caminhar a seu lado e acompanhar seus passos. Você está sempre forçando a caminhada para a frente, a tempestade deixa-a encharcada, seu cabelo fica esticado, o seu vestido grudado no corpo, mas você continua gritando enfurecida, cheia de raiva quando forçada a dar um passo atrás. Você não pode fazer nada a respeito de si mesma. Você é Atty. E Atty é assim.

Deslizou da cadeira e deixou que ele a abraçasse e embalasse de um lado para o outro, e Atty chorou. Atty chorando? Ah, que visão dolorosa.

Jack pegou o violão e dedilhou uns acordes sobre ela.

*Foi dilacerada pelas pedras cruéis de Connemara
E chorou pela situação do pobre camponês,*

*Então para o inferno com vocês ingleses
Em seus castelos resplandecentes,
Terminarei com os dolorosos infortúnios
Da longa noite da Irlanda.*

Puxou-a para seus pés e viu lágrimas, tão estranhas naquele belo rosto.

— Tenho um medo, Jack. Temo ir para minha sepultura sem jamais conhecer a alegria de que você fala. E agora, tendo ouvido você falar dela com tanta clareza, temo ainda mais porque não há nada que eu possa fazer por mim mesma.

— Não, você a encontrará — ele mentiu.

— Jack, sabe que você tem um pequeno tique na sua face direita quando mente? Sei disso desde os dez anos. Lamento minha solidão quase tanto quanto lamento os homens que chamei a partilhar dela.

— Há alguém lá fora para cada um de nós.

— Não para mim. Não tenho capacidade de me entregar e não posso ser tomada.

Empertigou-se e acabou com as lamúrias e baboseiras.

— Jack, tenho outro medo. Quero que me mostre como é a vida fora desta prisão em que vivo. Quero apenas um breve momento do seu tempo e então poderá ir embora. Não quero continuar vivendo mais cinquenta anos sem nunca saber como é, nem por um instante. Jack, estou aterrorizada de que você se vire e vá embora agora.

Os lábios de Jack Murphy beijaram seu rosto, os olhos de Atty fecharam-se como nunca antes e ela se deixou atrair para junto dele, sentindo uma sensação sublime em seus braços.

Eu realmente não sei o que fazer — disse, brandamente. — Acho que não sou boa nisso.

— Jack e Atty — disse ele — vão se deitar um ao lado do outro. Conforme o sol se põe e a noite sobrevém, nos levantaremos da cama por um instante, e eu a despirei e você me despirá, e olharemos um para o outro. Então, nos deitaremos outra vez e passaremos a noite apenas brincando com nossos dedos e nossos lábios sobre um e outro, por toda parte. Não haverá mais nada até compreendermos cada caminho temo e amoroso que o outro gosta e cada lugar que nos excita. Pela manhã, arrumarei dois alforjes e cavalgaremos para a cabana de pesca e começaremos de novo do mesmo modo. E então faremos amor. Todo o seu desejo se transformará em intenso

controle. Faremos amor suavemente, talvez muitas vezes, até finalmente ficarmos loucos e, então, soltaremos as amarras, com fúria e des pudor. Então dormiremos e começaremos outra vez, até estarmos exaustos demais para prosseguir. Ficaremos deitados com a mais suave e tema carícia e assim continuaremos até você dizer que eu já posso ir.

— Ah, meu Deus, como eu tenho esperado por você. É realmente assim que funciona?

— Descobriremos. Sim, funciona se não perdermos o controle. Luxúria e orgasmos sem polimento na verdade destroem a qualidade do ato do amor.

— Seu filho da mãe! Estou tremendo dos pés à cabeça.

Quantos dias? Quem se importava? Sabia que não teria que ir para a sepultura sem ter conhecido o prazer. Fazia parte dela agora, o conhecimento de ela era capaz de sentir prazer, o conhecimento de que poderia sempre se lembrar daqueles momentos... com alegria.

Atty estava de costas para ele e mais uma vez ele devaneou e admirou-se da magnificência da linha que ia do seu ombro às suas costas macias e perfeitas, sem nenhum osso despontando para estragá-la, descendo pela coluna e sobre a curva do quadril.

— Jack Murphy... vá agora — disse ela.

— Sim, moça.

— O que posso lhe dizer?

— Bem, você não é nenhuma rapariga frígida. Pode adormecer, mas você saberá o que fazer quando chegar a hora.

— Meu Deus, como estou feliz. Jack?

— Sim.

— Isto pode continuar crescendo de um lugar como este?

— Sim, não termina nunca... e ele está lá fora, Atty... e você o encontrará.

CAPÍTULO 15



Ballyutogue, agosto de 1885

No terceiro dia deste aprazível mês, em 1873, Mairead O’Neill, a parteira de Ballyutogue, com uma palmadinha despertou para a vida o primeiro filho dos seus vizinhos, os Larkin. O pequenino Conor estava sonolento e conta a história que ele veio ao mundo como um sonhador e nunca mais deixou de sê-lo.

Um ano mais tarde, quase à mesma hora, Finola Larkin retribuiu o favor fazendo o parto de Seamus O’Neill, que não precisou de nenhuma palmada, mas fez sua entrada com uma flamejante cabeleira vermelha e um temperamento de acordo.

Seamus O’Neill e Conor Larkin poderiam ser falsos gêmeos, de tal forma eram ligados. Os garotos passavam tanto tempo na cozinha um do outro quanto em sua própria, da mesma forma que seus pais trabalhavam lado a lado lá em cima no urzal, lavrando seus parques hectares.

Seamus O’Neill nasceu pequeno e assim iria continuar. Seu irmão Colm, o mais velho, era o herdeiro designado dos quatorze hectares dos O’Neill. O irmão do meio, Eamonn, emigrou para os Estados Unidos, onde era bombeiro em Baltimore.

Seamus era mimado por sua mãe, como também por suas irmãs, até se casarem e deixarem o casebre, e sua curiosidade intelectual logo suplantou a de seus pais e a capacidade do Padre da aldeia de satisfazê-la. Era sua profunda e inabalável amizade com Conor Larkin, que também tinha uma curiosidade ilimitada, que o mantinha em busca de conhecimento. Uma terceira parte interessada, um professor escocês chamado Sr. Andrew Ingram, veio para Ballyutogue quando a nova Escola Nacional foi aberta e Seamus teve permissão para frequentar.

Conor Larkin não teve tal sorte. Os homens da família Larkin eram de uma espécie à parte, líderes desde os tempos do Levante de Wolfe Tone contra a Coroa em 1798.

O avô Kilty era uma lenda mítica. Dos vinte e poucos Larkin de três famílias que trabalhavam na terra em Ballyutogue em 1846 quando a safra de batatas malogrou por cinco anos seguidos, somente Kilty e seu filho mais velho, Tomas, sobreviveram.

Uma das famílias morreu em um navio da morte a caminho do Canadá. O outro Larkin foi assassinado pelos ingleses quando vieram derrubar seu casebre e despejá-lo e sua mulher e os filhos pequenos foram todos mortos no asilo de pobres. Enquanto Kilty lutava com as mãos nuas nas vielas de Londres por alguns *pennies* e apostas, o jovem Tomas enterrava sua própria mãe, irmã e irmãos, já tendo até cavado sua própria sepultura quando Kilty retomou.

Mais tarde, Kilty uniu-se aos Fenianos e, pelos problemas causados, foi hóspede da Coroa na Prisão Strangeways, forçado a comer de quatro como um cachorro. Ele convocou a primeira greve de fome e acabou sendo imortalizado em toda a Irlanda ocidental.

Tomas Larkin era um líder de outra espécie. Era o mestre do possível, ao contrário de Kilty, que perseguiu uma temerária fantasia irlandesa até a morte. Apesar de todo o seu bom senso, sagacidade e consciência da situação, Tomas viu-se frente a frente com a mais assustadora decisão de todas. Em 1885, o camponês católico, pela primeira vez em cinco ou seis séculos de governo britânico, conquistara o direito de voto.

Kevin O'Garvey, um advogado católico da Liga Rural, decidiu candidatar-se ao Parlamento em oposição ao candidato do conde de Foyle.

Depois que o enviado do conde esgotou todas as ameaças possíveis e imagináveis, tudo se concentrou em Tomas Larkin. Se Tomas votasse, os meeiros da península o seguiriam. Se Tomas se mantivesse afastado das urnas, o significado seria claro.

Com uma negra nuvem de medo pairando no ar, Tomas recebeu dois recados. Caso se mantivesse afastado das eleições, seu pão estaria garantido pelo resto da vida, por um suborno habilmente arquitetado. Se tentasse votar, teria que enfrentar uma represália brutal que resultaria no despejo de dezenas dos seus vizinhos. Ele não queria participar nas eleições e isso é um fato. Foi seu filho Conor quem, embora um menino, fez seu pai sentir-se

meio envergonhado, convenceu-o a tomar parte e atravessou uma multidão Orange nas urnas segurando a mão de Tomas.

Kevin O'Garvey venceu. Tomas tomou-se o chefe relutante e Conor Larkin, obviamente, o chefe verdadeiro. Seria de supor que dois homens que se amavam tão arrebatadoramente quanto Conor e Tomas fossem compartilhar uma longa vida de admiração mútua. Eram mais como dois cometas em rota de colisão.

Tudo começou no ano do fracasso da safra de linho. Um mau plantio e uma colheita pior ainda acarretaram dívidas. Conor, como se sabia, não saía da forja do Sr. Lambe desde os cinco ou seis anos. O Sr. Lambe, embora o homem da Ordem de Orange, era estimado por todos os poloneses católicos.

Os Larkin precisavam aflitivamente do salário de Conor e Tomas deixou que se tomasse aprendiz. Liam, o filho do meio, era um agricultor e absolutamente feliz em poder subir para o urzal com seu pai e trabalhar ao lado dele. Esse arranjo, como todos os arranjos semelhantes, nascidos do excesso de filhos e da escassez e hostilidade da terra, abriu caminho para a intriga e a conspiração na família Larkin.

À medida que Conor passou a mostrar claramente um talento ímpar na forja, começou a mentir para si mesmo. Conor tinha que herdar a terra, tinha que parar de tentar se educar sobre coisas fora de Ballyutogue. Liam era carta fora do baralho e destinado a emigrar.

Os amigos de infância Conor e Seamus desenvolveram algumas conspirações próprias. Depois que as aulas do dia terminavam e tão logo Conor fechava a forja, os dois refugiavam-se num lugar secreto onde Seamus ensinava Conor a ler e escrever.

A conspiração ampliou-se mais uma vez. Seamus escreveu para seu irmão Eamonn em Baltimore e confiou-lhe seu desejo de obter livros impossíveis de conseguir ali. Eamonn era um solteirão com um grande amor por seu irmão menor e começou a enviar os livros proibidos através do Sr. Ingram.

Tomas Larkin não era um homem fácil de se deixar enganar. Agora eram livros, livros com ideias, livros sobre lugares que iriam atrair seu filho para além do horizonte.

Tomas, repentinamente, sentenciou Conor a passar o verão pastoreando o rebanho de ovelhas em um prado alto e isolado, sem contato com a vila durante quase três meses.

Seamus O'Neill descobriu um modo de converter o azar em sorte. Convenceu seus pais a deixá-lo subir para o abrigo no alto, a casa do pastoreio, com Conor, para passarem o verão. Quando concordaram, os rapazes planejaram esconder duas dúzias de livros entre as provisões e passaram as noites lendo à luz do sol do alto verão.

Tomas encontrou os livros e ameaçou destruí-los, quando Conor então jurou que fugiria. Tomas deu uma bofetada em Conor que o acompanharia até o fim de seus dias, mas ele não recuou. Tomas viu-se forçado a ceder. A partir de então, as linhas de batalha estavam definidas.

Nos prados altos naquele verão, um poderoso laço de união formou-se entre rapazes e Andrew Ingram. O professor subiu até a casa do pastoreio com a namorada, Srta. Enid Lockwood, também professora em outra aldeia. O tipo de relações íntimas que o Sr. Ingram mantinha com a Srta. Enid não poderia ser aceito pelos códigos da época. Sim, ele sabia que os dois estudantes camponeses manteriam seu segredo, como, de fato, o fizeram. Eram como quatro alunos prodigiosos e indomáveis, sozinhos no topo de uma montanha, buscando os enigmas da raça humana.

Quando Caroline Hubble descobriu Andrew Ingram, entregou a seus cuidados seus próprios filhos, Jeremy e Christopher, ainda pequenos. Sua inteligência e erudição impressionaram-na tanto que ela se tomou sua protegida e, após o casamento de Ingram com Enid Lockwood, patrocinou sua promoção ao cargo de superintendente escolar de um grande distrito que incluía Londonderry. Sua despedida de Ballyutogue abateu-se dolorosamente sobre os rapazes.

O amor e a alegria que um dia marcaram os Larkin já não existiam. Tomas e Finola haviam usufruído uma esplêndida vida sexual, mas por causa de seus problemas com gravidez, a Igreja forçou-os a viverem como irmão e irmã, ao invés de deixar que fizessem amor nas épocas seguras.

O pequeno Dary, o último dos Larkin, foi tomado por sua mãe e destinado ao sacerdócio.

Liam tomou-se um rapaz triste e somente o amor de Conor impedia que se arruinasse.

Brigid foi manipulada para se afastar de Myles McCracken, um rapaz que amava, porque ele não herdaria terras.

Eamonn O'Neill, o antigo canal de Seamus e Conor para livros proibidos, morreu num incêndio e deixou um pequeno seguro com a estipulação de que fosse usado para a continuação dos estudos de Seamus.

Seamus mudou-se para Derry, onde Enid e Andrew Ingram lhe davam aulas para que ele pudesse fazer o exame de admissão para o Queens College em Belfast. Assim, Seamus O'Neill tornou-se o primeiro católico a frequentar a universidade na longa e atormentada história de Ballyutogue.

A felicidade de Conor por Seamus foi asfixiada por sua própria e temível solidão. A intensidade da guerra sob o teto dos Larkin tornou-se um estopim quando ele obteve seu certificado de mestre ferreiro. A ânsia de Conor pelo mundo lá fora estava a ponto de consumi-lo.

A hora, o momento, o segundo chegou. Através de Kevin O'Garvey, agora um membro do Parlamento, Liam arranjou passagem para a Nova Zelândia. Quando Conor soube, foi tomado pelo medo de que a partida de Liam o acorrentasse a Ballyutogue.

Suplicou a seu pai para deixar que Liam herdasse a terra. Tomas recusou. Os dois filhos deixaram Ballyutogue naquela noite, Liam para sempre, rumo à Nova Zelândia, e Conor para Bogside, em Derry.

CAPÍTULO 16



Dublin, 1895

Dublin era um mundo de homens, com novos bares alinhando-se em fileira tripla na barra do porto, o cenário desportivo e a nova e volátil política gaélica do partido *Sinn Fein de Griffith*. Senhoras de ascendência anglo (nascidas na Inglaterra, mas criadas na sociedade irlandesa) tinham seus salões, exposições de flores e o teatro. A maioria das jovens católicas aprendia seus catecismos, paria seus bebês e se mantinha dócil a respeito de todas as questões mundanas que explodiam à sua volta.

Entretanto, o ressurgimento gaélico estava fazendo aparecerem diversas mulheres extraordinárias de outro feitio. Entre as líderes estava um grupo de anglo-protestantes cujas famílias estavam na Irlanda há várias gerações e que finalmente se conscientizaram do desgoverno britânico.

Nenhuma delas era mais surpreendente ou ousada do que Atty Moore, que mal saíra da adolescência e já se tomava uma Joana D'Arc irlandesa.

Ao completar 21 anos, Atty herdou o baronato de Lago Clara. Nem a tinta secara nos documentos, ela renunciou a seu título e cancelou os débitos dos rendeiros. Vendeu a mansão e alguns hectares que a rodeavam para um General inglês reformado.

Atty conservou o chalé de Darby Murphy e as áreas de criação de cavalos, que sempre foram lucrativas.

O saldo restante do baronato foi repassado aos camponeses juntamente com um escritório de especialistas em agricultura para ajudá-los a modernizar as operações e aumentar a produção.

Destinou a maior parte de seus bens a bolsas de estudo no *Trinity Colege* para os melhores estudantes entre os camponeses e habitantes da vila e criou a primeira escola para moças em Galway, para lhes ensinar profissões, o que era negado às mulheres até então.

A última grande doação foi feita para pesquisas contra o flagelo da tuberculose na Irlanda ocidental.

Atty estava sempre correndo. Se uma greve de impostos e arrendamento fosse deflagrada em Waterford, ela estava lá. Se uma epidemia atacasse Cork, ela estava lá. Se despejos injustificados ocorressem, ela estava lá. E sempre estava nas imundas calçadas de pedras de Liberties em Dublin para ajudar a mitigar a fome.

A cada dia ela desafiava mais a Coroa, discursando em comícios, quando a paciência se esgotava e a raiva crescia, finalmente, foi presa, e o fato causou tal tumulto que foi solta imediatamente... para logo liderar outra marcha ilegal e ser novamente presa.

Cada vez que atravessava o portão da cadeia, o fazia desafiadoramente, como se sua intenção fosse ser hóspede da Coroa em todas as prisões da Irlanda.

Após meses de incessantes escaramuças ou de um período na prisão, Atty saía de cena, retirando-se para seu chalé em Lago Clara. Podia perder o ressurgimento gaélico por algum tempo, cavalgando no alto das colinas e montes, mas o movimento logo vinha em seu encalço.

No chalé, em geral sozinha, entregava-se a lembranças de Jack Murphy e à releitura de sua correspondência. Jack casara-se com sua amada depois do divórcio e progredira até assumir uma editoria e uma coluna diária no seu jornal. Às vezes, escrevia artigos sobre Atty, conforme sua fama atravessava o oceano. A relação entre eles continuou até seu fim. Jack uniu-se a um grupo de exploradores em uma expedição ao noroeste do Canadá. A excursão transformou-se em tragédia quando uma inesperada tempestade de neve da primavera castigou o território acima do Círculo Ártico. Todos morreram. Embora ela e Jack estivessem separados por um oceano, havia uma rede de segurança para ela, enquanto ele estivesse vivo. Já não podia sonhar com quem tivera a mais íntima e profunda relação, seu único amante de verdade. Perdida essa ilusão, Atty sentia-se impiedosamente sozinha.

Dublin era um lugar provinciano. O círculo interno do ressurgimento podia ser contado em algumas dúzias de pessoas que se acotovelavam nas reuniões e nos bares.

Atty conhecera Desmond Fitzpatrick, um fantástico advogado que trabalhava a maior parte do tempo em Londres. Somente quando ele se mudou definitivamente para Dublin para assumir uma série de casos no

tribunal e ela aceitou o papel principal de uma peça nova destinada a ficar muito tempo em cartaz é que tiveram a oportunidade de passar mais tempo juntos.

Desmond Fitzpatrick, um dos primeiros seguidores de Parnell, tinha quase trinta anos e era o herdeiro de uma antiga família católica normanda da espécie que conquistara a Irlanda para os ingleses no século doze. Depois de algum tempo, os normandos se integraram, tomando-se “mais irlandeses 08 irlandeses”. Os Fitzgerald, Barry, Roche, Burke, Joyce e Plunkett, tornaram-se os poderosos condes da Irlanda antes de serem eles também esmagados sob o calcanhar de Cromwell. Haviam se saído melhor do que seus pobres correligionários gaélicos, os meeiros.

Quando os católicos emergiram após gerações de escuridão, no século XIX, os de ascendência normanda formaram uma grande parte das classes católicas, média e alta.

Desmond era um sujeito alto, com cerca de 1,95, e costumava brincar que ele e Atty deviam ficar mais tempo juntos porque eram os únicos que podiam ver um ao outro acima das cabeças de uma sala cheia de irlandeses.

Ele ficou profundamente impressionado com o desempenho de Atty na nova peça Elvira, a Cardadeira. A peça clamava contra os horrores das usinas de linho de Belfast. Atty passava de uma imponente e espirituosa rebelde a uma bêbada consumida pela tuberculose, em condições piores por causa do pó do linho e do assoalho molhado e lodoso das usinas onde as cardadeiras trabalhavam descalças.

Atty dominava a peça e a plateia. Nada mais no palco desviava a atenção concentrada nela, tal era a força da sua presença. Naquela noite especial, Desmond Fitzpatrick ficou de pé liderando o coro de bravos enquanto Atty, fazendo uma longa medida, e a cortina abaixaram-se simultaneamente.

Desmond imaginava-se um pouco ator também, como a maioria dos advogados que trabalhavam nas barras dos tribunais. Combinavam-se maravilhosamente como atores fora do palco. Atty tinha a força e o furor selvagem do guerreiro enquanto Desmond Fitzpatrick tinha a astúcia e a perspicácia de um conspirador shakespeariano.

O início de sua carreira foi como advogado da Liga Rural, defendendo o reideiro com notável sucesso. Mesmo quando Desmond perdia um caso, conseguia provocar mudanças.

Em seguida, recebeu um encargo no Parlamento como membro da “Banda de Metais do Papa”. Quando retomou para Dublin e o movimento, trabalhou durante vários anos como o elemento de ligação política do partido Irlandês até este estagnar-se.

Dublin era o lugar, agora. Desmond achou que poderia causar alguns danos na teia de aço formada pelo emaranhado de leis com que os ingleses controlavam os irlandeses.

Defendeu uma teoria denominada “Legitimação de Víctor”, que alegava que uma nação não podia ser dona de outra nação nem sob a Lei de Deus nem, mais apropriadamente, sob a Lei Comum inglesa. O uso de precedentes ingleses e casos marcantes da Lei Comum contra os ingleses tomou-se um pesadelo para os juízes. Toda vez que Desmond vencida uma questão, ele enfraquecia a posição legal inglesa apenas um pouquinho, mas desenvolvia um trabalho de base monumental, não só para os ingleses como para todos os povos colonizados.

Para pagar o comparecimento de Desmond a Elviro, a Cardadeira e aplacar sua própria curiosidade, Atty foi ao Four Courts... para vê-lo atuar um caso pequeno, mas de grande significado.

Usando sua vestimenta como um toureiro, a peruca meio enviesada Desmond ficou brincando de cão e gato com o magistrado Barwell até que o juiz finalmente se viu compelido a discutir com o advogado as premissas básicas da Lei Comum.

— A Lei Comum — disse Barwell num acesso de cólera — não estava em vigor nem tinha sido reconhecida como a lei da terra senão séculos depois da anexação da Irlanda ser um fato. Não dou a mínima importância, Sr. Fitzpatrick, se a conquista de um país vizinho é sequer questionável. A união da Inglaterra e da Irlanda foi realizada antes da aceitação da Lei Comum como a lei da terra... e ponto final.

— Mas, *m'Lord* — respondeu Desmond, como se estivesse observando Atty Moore com olhos na nuca —, a conquista da Irlanda era ilegal antes da Lei Comum.

— Tolice — retorquiu o juiz, contrariado por ter sido atraído para a discussão. — A Irlanda foi cedida à Inglaterra pelo Vaticano. Seu Vaticano.

— Na verdade, *m'Lord* — Desmond rebateu antes que Barwell pudesse encerrar o assunto —, a história registra que Nicholas Breakspear, o filho de um Padre, veio a se tomar o único papa inglês da história. Adotou

o nome de Hadrian IV e deu a terra da Irlanda a Richard II em 1159 com o propósito de acumular reinos para seus filhos.

— Não me interessa quem deu a Irlanda à Inglaterra e, no que me diz respeito, poderia ter sido para pagar suas dívidas de jogo. Uma bula papal emitida por Hadrian, fosse ele inglês ou mongol, legitima nossa presença aqui séculos antes da adoção da Lei Comum.

— Exatamente o meu ponto, *m'Lord*.

— Que ponto?

— Hadrian não podia dar a Irlanda para a Inglaterra porque ela não lhe pertencia.

— Admiro a sua tentativa de rever a história, Sr. Fitzpatrick, mas estamos desperdiçando o tempo e a paciência da corte. Os papas têm doado terras desde tempos imemoriais e o que está feito está feito.

— Concordo, *m'Lord* — retrucou Desmond rápida e obstinadamente. — Mas foi provado... e repito, provado... que todas as doações de terras durante o reinado de Hadrian IV, inclusive a doação da Irlanda, foram falsificações. Essas doações sempre foram contestadas e o próprio Vaticano... o Vaticano... declarou que essas doações são falsas e, portanto inválidas. Posso prosseguir, *m'Lord* — E assim o fez, sem esperar resposta.

— Em 1440, o ajudante de ordens do papa Lorenzo Valia provou, sem sombra de dúvida, que o documento que doava a Irlanda à Inglaterra era uma falsificação.

O juiz riu.

— Ora, e onde conseguiu esta surpreendente informação, Sr. Fitzpatrick? Talvez num editorial de Griffith no Irlandês Unido ou quem sabe em alguma catacumba oculta sob a Catedral de São Pedro?

— Não, *m'Lord*. Na Biblioteca Pública de Londres. Então, como vê, pode-se concluir legalmente que a Irlanda nunca pertenceu à Inglaterra e que esta a conquistou com um documento falso. Portanto, todas as leis decretadas contra os irlandeses, assim como todas as tentativas de forçar uma união com a Irlanda, são ilegais.

A precedência histórica, nossos séculos de presença aqui superam qualquer argumento que tenha apresentado. O senhor é livre para acreditar em sua fantasia, mas não no meu tribunal.

— Mas, *m'Lord*, quando a ciência soluciona um mistério, um antigo mistério, ele deixa de ser um antigo mistério e passa a ser uma nova

verdade.

— A religião é uma força subjetiva, não uma lei científica. Não pode ser revista — concluiu Barwell. — Muito bem, Sr. Fitzpatrick, seus argumentos não apresentam nada convincente em relação ao caso diante de nós. O prisioneiro assassinou um dos coletores de impostos de Sua Majestade. Em sua petição, o senhor concorda que o prisioneiro, um tal Sr. Fogarty, é realmente culpado do crime mencionado.

— Sim, *m'Lord*. O Sr. Fogarty recusa-se a usar o uniforme da prisão ou cumprir o regulamento imposto aos criminosos comuns. Ele é um soldado e, assim, um prisioneiro de guerra. O Sr. Fogarty estava a serviço militar quando atacou o seu coletor de impostos porque ele não reconhece o seu direito sobre esta terra e ele o fez como um soldado de seu próprio país contra o seu e tem o direito...

— Já chega. Sr. Fitzpatrick.

— Senhor, quero invocar o princípio da Legitimação de Victor, ou seja, o senhor não tem nenhum direito na Irlanda exceto os que nos foram impostos através das armas.

— Bravo! — gritou Atty do fundo da sala.

— Retirem essa pessoa da sala — ordenou o juiz sem levantar os olhos. O martelo soou. — A petição do Sr. Fogarty está negada. Ele é um assassino comum.

Desmond Fitzpatrick caminhou de volta à mesa e ergueu um pacote de papéis.

— Tenho petições semelhantes de vinte clientes que estão agora servindo na prisão. Nenhum desses prisioneiros cometeu assassinato, mas não querem usar o uniforme da prisão. Invoco uma norma de que o uniforme de prisioneiros seja usado exclusivamente por assassinos.

Bam! Bateu o martelo.

— Procure-me no meu escritório, Sr. Fitzpatrick.

— Levantem-se todos — gritou o oficial de justiça enquanto o juiz Barwell saía da sala rosando. Os advogados da Coroa realmente gostariam de evitar a presença de Fitzpatrick nos tribunais. Isso em geral os fazia resolver questões civis a seu favor fora da corte.

Enquanto as forças industriais, governamentais, políticas e militares da Inglaterra mantinham sua posição contra a Irlanda, alguns jovens brilhantes como Desmond Fitzpatrick conseguiam furar o bloqueio através do uso da lei.

Desmond e Atty entraram no refeitório do júri sob uma salva de palmas e abriram caminho através de apertos de mão e congratulações até se isolarem em um pequeno compartimento nos fundos.

Des engoliu num só trago um uísque irlandês duplo e deixou que a agitação da batalha amainasse. Atty não havia percebido, até ver com seus próprios olhos, que homem brilhante ele era. Meu Deus, atacar o pobre Barwell com nuances de uma bula papal falsificada para em seguida ir ao cerne da questão, uniformes de prisão.

— Des, por que a questão do uniforme da prisão é tão vital?

— Porque estamos estabelecendo que o criminoso comum e o irlandês que luta pela independência da Irlanda como nação separada da Inglaterra são dois homens diferentes. Ao conceder o status de prisioneiro de guerra ao republicano, os ingleses estariam reconhecendo que a Irlanda tem o direito de questionar sua presença aqui.

Depois de um segundo drinque, Des entusiasmou-se com o assunto.

— A grande estratégia que está emergindo é que o ressurgimento da língua antiga, dos esportes antigos, os discursos e as peças teatrais nos definem como um povo diferente dos ingleses. Nossa primeira linha de ataque é que os irlandeses são irlandeses, são irlandeses, são irlandeses.

“O segundo flanco de ataque é o Partido Irlandês na Casa dos Comuns, que também diz que os irlandeses são um povo distinto. Enquanto isso — continuou, o indicador apontando para cima —, atacamos nos tribunais. E o fazemos jogando sua própria lei contra eles”.

— Não vamos conseguir fazê-los sair da Irlanda com palavras, Des.

— Sim, mas, por enquanto, nossa única munição consiste de palavras. Conseguimos impedir que nos destruíssem como irlandeses por causa do nosso amor às palavras, depreciando-os, rindo de nós mesmos. Mas, como sabemos, paus e pedras podem quebrar seus ossos, mas palavras jamais lhes causarão ferimentos. Logo, Atty, a terceira linha de nosso ataque terá que ser incorporada. A ação militar.

— A Irmandade Republicana Irlandesa — disse ela.

— A Irmandade. Luta armada. Veja, se pudermos estabelecer que os Irlandeses são diferentes, então os irlandeses terão direito a seu próprio exército. A Irmandade será este exército ou liderará este exército. — Desmond voltou-se para o cardápio em suas mãos, ergueu os olhos para Atty e disse: — Nada parece bom no cardápio, mas vamos comer de

qualquer modo. A menos que... você me deixe comer a glace que a recobre. Você está magnífica.

E assim a conversa continuou, dois revolucionários em um compartimento fechado com cortinas. Ambas as pessoas bonitas, empolgadas, com fogo em suas entranhas e esbanjando coragem. Um homem e uma mulher e, naquele instante, reconheceram esta diferença, assim como a Inglaterra era diferente da Irlanda, numa forma de comparar.

— Não deveríamos formar um casal? — perguntou Des sem rodeios. — Quero dizer, detesto mulheres baixas, particularmente aquelas que gostam de ficar discutindo com homens altos. E você? Já a vi carbonizar os sujeitos como se tivessem sido atingidos por um raio.

— Bem, sempre achei que quando o rapaz certo aparecesse teria que haver algo mais do que minha altura — disse ela.

— Temos muito mais do que altura — disse Des. — Temos a Irlanda.

— Meu Deus, você é tão romântico, Des. Que garota não tremeria diante de suas palavras!

Des tomou sua mão delicadamente.

— Não pensei que se importasse com bobajadas sentimentais.

— Acho que não — concordou ela. — Uma vez conheci um irlandês romântico, mas ele teve que encontrar o verdadeiro amor no Canadá. Os outros só parecem ficar românticos quando são fulminados.

Des beijou sua mão e inclinou a cabeça para olhá-la nos olhos, não diretamente, mas obliquamente.

— Eu estou fulminado. Estou fulminado pela sova que dei em Sua Excelência hoje. Também estou fulminado pelos quatro divinos Bushmill. E, ah, estou fulminado por você, Atty. Você é mais arrebatadora do que possa imaginar. Além disso, todo mundo, em todos os ramos do movimento, acham formamos um casal esplêndido. Então, que tal?

— Ora, Des — sussurrou ela meigamente —, dê-me algum tempo para pensar

Quanto tempo? Ando muito ocupado.

Já deu tempo suficiente — disse ela.

Combinado. Então, somos um casal, ou algo parecido.

Sim, acho que é assim que se diz.

Viva, isto pede um champanhe.

— Que tal um beijo em vez disso?

— Que tal ambos?

Houve um beijo, um beijo bom, destemido. De irlandês para irlandesa. Mais tarde, haveria sexo, de irlandês com irlandesa.

Desde que Jack Murphy partira, Atty conversara amigavelmente com o parceiro ocasional e deixara a porta de seu quarto aberta. Sabia que não era justo comparar um novo amante com aqueles quatro dias com Jack na cabana do pescador. Entretanto, a experiência lhe mostrava o que era possível obter. Ela possuía o alcance, a substância e a ousadia e tentava fazer o melhor possível do relacionamento. Ninguém jamais conseguiria possuí-la como Jack Murphy, acreditava, nem mesmo Desmond Fitzpatrick.

Atty perguntava-se por que duas pessoas, de outra forma tão inteligentes e atraentes, podiam reduzir-se a dois palermas quando se tratava de fazer amor. Seria um mal irlandês, motivo de caçoadas nos bares, que um irlandês seria capaz de passar por cima de dez mulheres para pegar uma garrafa de Guinness? E as pessoas inteligentes? Como um homem como Desmond Fitzpatrick, tão profundo no tribunal, tão erudito, tão experiente, podia reduzir-se a uma superficialidade tão maquinai em um quarto de dormir? Como este aspecto da vida podia ser tão horrivelmente mal administrado em uma sociedade inteira?

Atty também analisou Atty. Ela provocaria mais do que superficialidade? Teria inalado demais a fumaça religiosa do pecado? Quais eram as forças que combatiam a própria natureza, que faziam um homem e uma mulher que se amavam tomarem-se estranhos naquele momento?

Desmond e Atty formavam um casal realmente esplêndido. A visível falta de uma vida sexual impetuosa e empolgante parecia ser compensada pelo que realmente desejavam, a descarga elétrica que emitiam e que brincava de um para o outro, que dava forças à sua determinação quando mergulhavam na batalha como guerreiros celtas.

Eram dois gladiadores contidos, galos de briga, sempre a postos. Não queriam ser surpreendidos sem suas espadas, escudos, armaduras e capacetes... nem mesmo na cama. Exceto uma vez ou outra.

Se a Irlanda não tivesse desdenhado todas as coisas de natureza real, com certeza Desmond e Atty Fitzpatrick teriam sido coroados o rei e a rainha dos republicanos.

Possuíam um santuário sagrado no quarto andar de sua casa georgiana na Garville Avenue 34, uma biblioteca acolhedora e até sensual, com um fogão de turfa, onde passavam noites incontáveis, geralmente até o

raiar do dia, conversando sobre as táticas do dia seguinte e as estratégias de longo prazo.

Havia, é verdade, pequenas atenções, pancadinhas nas mãos, perfeição no comportamento em público, um olhar de adoração de vez em quando. De certa forma, a cama era o local de reunir todos os pensamentos apropriadamente antes de sucumbir. Ele não gostava de ficar abraçando-a e ela nunca se deixava afundar em seus braços. Des se esparramava, ela o envolvia como uma múmia. Quando finalmente se uniam, as carícias eram ternas e automáticas, mas de planetas distantes. Cada um quase podia ouvir o outro pensando no amanhã, às vezes quase com um cheiro de fumaça vindo de suas mentes fumegantes.

Havia ocasiões em que Desmond precisava do seu conforto, sua mente, suas palavras. O conforto não incluía seu belo corpo roliço e voluptuoso.

Para ser exato, havia um pouco de luxúria. Rápida e significativa, mas uma vez terminada, nunca era motivo de delongas. Uma pausa para liberar aqueles sentimentos misteriosos aprisionados. Uma vez satisfeita a compulsão, reagrupavam-se para a greve de impostos e arrendamento em Cork ou Kerry e para o combate em Four Courts.

Pareciam satisfeitos. Suas longas conversas na biblioteca estavam no âmago do que realmente importava. Se um dos dois sentia a falta de alguma coisa, não pareciam muito preocupados. Ambos regozijavam-se com as vitórias um do outro, compartilhavam as tristezas um do outro, compraziam-se com a beleza estonteante de um e de outro e apoiavam o foco combinado da razão de ser de suas vidas.

Atty nunca conhecera um homem como Des. A lembrança de Jack Murphy continuava vivida, em geral nas ocasiões e locais mais improváveis. Talvez, pensava, Jack Murphy nem tivesse realmente existido. A medida que o tempo desfazia a realidade, suas lembranças tornavam-se mais indistintas. Compreendeu que a experiência com Jack jamais se repetiria. A vida estava quase completa agora, exceto por aquele único vazio, mas superado pelo zelo da missão. E Deus era testemunha, Atty realmente adorava Desmond Fitzpatrick.

CAPÍTULO 17



Como havia pessoas lendárias em Derry e Donegal e também entidades mitológicas lendárias, as mães de Ballyutogue e acima e abaixo na península de Inishowen e condados vizinhos também tinham um ditado para seus filhos. “Quando você tiver idade para ter barba, que você seja metade do homem que foi Kevin O’Garvey.”

Durante a fome, seu pai fora preso por roubo de alimentos e enforcado, e o casebre dos O’Garvey demolido. A mãe de Kevin, com cinco filhos pequenos, inclusive ele próprio como o mais velho, tentaram entrar no asilo para pobres de Derry, embora o asilo os aterrorizasse. Depois do quarto malogro seguido da safra de batatas, não havia espaço nem mesmo no asilo.

A família inteira, exceto Kevin O’Garvey, morreu nos campos com as bocas verdes de comer capim e ele ficou órfão. Dizia-se, não inteiramente de brincadeira, que se podia contar nos dedos das mãos e dos pés todos os órfãos que sobreviveram à grande fome e ainda sobrariam quatro dedos.

Por obra do acaso, Kevin O’Garvey tinha doze anos e os agentes do conde de Foyle levaram-no e a vários outros garotos órfãos para uma fazenda de indigentes, integrada na grande estratégia global.

A grande estratégia, nunca declarada, era transformar a fome no meio de reduzir a população católica através da emigração, da doença e da fome. Quando uma família era despejada, o casebre era derrubado por um conjunto de oito cavalos puxando um enorme tronco de árvore.

Os garotos na pobre fazenda eram enviados para retirar rochas e preparar os antigos campos para pastagem de gado. No auge da fome, cabeças de gado e muitas colheitas eram enviadas para fora da Irlanda pelas grandes propriedades.

Os garotos na fazenda para pobres recebiam éter para cheirar para que pudessem trabalhar durante longas horas num estado de euforia. Aos

quatorze anos, Kevin O'Garvey também já estava familiarizado com o gosto do *poteen* e se tornara um exímio ladrão e contrabandista.

Ao final da grande fome, O'Garvey fugiu para a miséria do Bogside em Derry e tornou-se um hábil batedor de carteiras, como o personagem de um romance de Dickens.

Entrou e saiu várias vezes do reformatório e então compreendeu que sua vida seria breve se ele não aprendesse a não se meter em confusão.

O Sr. Henry, um advogado e procurador protestante perspicaz, teve a sua vez de representar os jovens criminosos católicos e ficou impressionado com o conhecimento de Kevin das leis e sua acuidade mental. Num ato temerário, o Sr. Henry convenceu a corte a permitir que ele tomasse O'Garvey como seu aprendiz.

Foi uma jogada brilhante do Sr. Henry, porque a magia de O'Garvey reduziu muito sua própria carga de trabalho. Por outro lado, o Sr. Henry viveu para se arrepender do talento de seu aprendiz. Com o tempo, Kevin O'Garvey tornou-se um dos poucos procuradores católicos da região e uma farpa infecciosa sob a unha da Coroa.

Kevin O'Garvey tomou-se um incansável defensor dos direitos católicos tanto no campo quanto na cidade. Tornou-se chefe da Liga Rural naquela parte do Ulster e foi fundamental na redução dos despejos indiscriminados e em algumas das ultrajantes práticas contra os meeiros — cem por cento de lucro nos empréstimos... confisco da criação doméstica de um devedor... preços inflacionados das sementes para a plantação. Sim, os camponeses eram reféns de um catálogo de injustiças refinadas ao longo de meia dúzia de séculos.

Com seu trabalho na Liga rural, O'Garvey salvou incontáveis granjas. Atraiu a atenção de Charles Stewart Parnell, que era o chefe de um novo e crescente Partido Irlandês, empenhado em separar a Irlanda da Inglaterra.

A base urbana de O'Garvey era o Bogside de Derry, apinhado das terras dos que haviam deixado os campos e eram fracos demais para emigrarem. A maioria dos grandes proprietários de terra ingleses tinha chiqueiros mais decentes do que as casas do Bogside.

Cheio até a borda de desempregados, o Bogside alimentava as fábricas de camisas com mão-de-obra feminina barata. De todos esses antros infernais, nenhum era mais terrível do que a Witherspoon & McNab,

de propriedade do condado de Foyle. Este lugar e as usinas de linho de Belfast eram os esgotos da Revolução Industrial.

Em 1885, a grande brecha surgiu com o direito de voto, pela primeira vez, para o lavrador católico e, com o incentivo de Parnell, O'Garvey se candidatou à Câmara dos Comuns. Foi uma época de grande perigo porque Kilty Larkin, o velho comandante dos meeiros católicos na península, morreu pouco antes da eleição. Uma decisão de última hora de Tomas Larkin de comparecer às urnas ao lado do filho Conor deu a vitória a O'Garvey.

Ao longo dos anos, Kevin O'Garvey continuou seu maravilhoso trabalho do seu escritório em uma destruída, mas orgulhosa Câmara Celta, onde começava a brotar um ressurgimento gaélico. Quando seu poder cresceu no Parlamento Britânico, Kevin O'Garvey passou a viver por um momento único... tornar-se presidente de uma comissão especial que pudesse investigar a fábrica de camisas Witherspoon & McNab e espalhar seu cheiro fétido sobre as Ilhas Britânicas.

Do outro lado da cidade, Andrew Ingram teve uma ascensão igualmente impressionante, até que finalmente passou a dirigir um distrito educacional de Strabane a Dungiven, incluindo Londonderry.

Para o poder estabelecido, Ingram era um problema, com seu liberalismo presbiteriano escocês. Sua ousada seleção de livros e currículos mantinha os pregadores em permanente estado de indignação e os homens de Orange rangendo os dentes. Ingram tinha a seu crédito os ingredientes necessários para frustrar seus protestos. Era corajoso, moral, brilhante e tinha a Condessa Caroline Hubble como seu principal defensor. Em questões de cultura e educação, Caroline Hubble era uma força incontestável no ocidente. Muitas vezes Roger Hubble era simplesmente vencido por sua mulher nessas questões.

A ação surpreendente de Andrew Ingram veio com nada menos do que um pacto com um clérigo ultraconservador, o Bispo Nugent, responsável pela diocese de Derry. O Bispo era uma rocha na proteção de seu monopólio sobre a educação católica. Nem o Bispo gostava muito de Kevin O'Garvey. No entanto, pessoas com posições diferentes tinham de conviver umas com as outras por uma questão de sobrevivência mútua.

Ingram, com o apoio de O'Garvey e de Caroline Hubble, convenceu o Bispo a permitir a educação superior para os melhores alunos católicos. Em um futuro não definido, esperavam fundar uma universidade pública na

região e queriam vê-la com o mesmo número de alunos protestantes e católicos. Era uma ideia tão inusitada que Nugent resolveu experimentar. Foi a primeira iniciativa viável para dar condições iguais às meninas e para manter as crianças do Bogside na escola antes de se tornarem mão de obra infantil nas fábricas. Logo Andrew Ingram contava com quarenta dos melhores jovens do Bogside sendo preparados para a universidade.

Orçamentos escolares e inúmeros interesses mútuos aproximaram Andrew Ingram e Kevin O'Garvey em um relacionamento estreito e profícuo, imensamente apreciado por ambos.

Quando Conor Larkin deixou Ballyutogue, acabou em Derry e foi acolhido por Kevin, que, entre outras coisas, era seu padrinho. Quando as duras realidades de Derry se tornaram evidentes e Conor planejou seguir viagem, um desesperado Kevin O'Garvey buscou a ajuda de Andrew Ingram.

CAPÍTULO 18



1895

O Guildhall de Londonderry, um prédio neogótico tipo bolo de noiva, vivia em dois mundos. Localizava-se entre o rio Foyle e a Foyle Street. Da janela sul do escritório de Andrew Ingram podia-se ver dois dos principais empreendimentos do conde de Foyle, uma destilaria e a infame fábrica de camisas Witherspoon & McNab. Da janela dos fundos de Andrew, ele via o controle do conde sobre a produção e reparo de navios e artigos de ferro, a Fundação e Oficinas Caw & Train.

Do outro lado da Foyle Street, em frente ao Guildhall, ficava a Porta Shipquay, que levava à cidade velha, o mais perfeito exemplo de uma cidade medieval fortificada das Ilhas Britânicas. O muro estava perfeitamente intacto, com seus bastiões duplos amparando o antigo canhão Roaring Meg. O caminho de pedestres que havia em cima do muro era uma verdadeira Via Dolorosa da Reforma, com plataformas para se atirar moedas para os católicos do Bogside lá embaixo.

O problema para Roger Hubble era que todos aqueles empreendimentos Foyle e a própria cidade tinham uma maioria católica e ficavam no condado de Donegal.

O Ulster começava do outro lado do rio na Margem Protestante. O problema político mais premente de Roger Hubble era ou usar de artifícios ou alavancar a cidade para dentro do Ulster em alguma solução política, e para isso tinha que criar fronteiras absolutamente ridículas.

Era assim nas colônias. A majestosa cidade limitada fisicamente por seus muros e pela população de um condado, e o colonizador querendo que ela pertencesse a outro.

Essa era a disputa de forças presente em cada faceta da vida na Londonderry protestante e na Derry católica, que eram uma só.

Andrew Ingram convidou Kevin O'Garvey a entrar no escritório que parecia ceder sob o peso de estantes repletas de livros. Os dois começaram a

fumar, Ingram com uma mistura adocicada de fumo em seu cachimbo cujo aroma identificava seu escritório e O'Garvey com a marca registrada do político irlandês, um gordo charuto.

Andrew logo percebeu que Kevin estava ali por algum assunto sério. Ele se revelou. Quando estava relaxado e despreocupado, ele girava seu charuto lentamente no sentido do relógio com a mão direita. Quando se tratava de assunto sério, o polegar de Kevin invertia a direção. Kevin tentou arrumar seus pensamentos cuidadosamente para seu amigável adversário.

— Conor quer ir embora de Derry — Kevin proferiu impulsivamente com uma repentina falta de astúcia.

Andrew balançou a cabeça e suspirou:

— Quanto tempo ficou, seis, sete meses? Não tem vindo me ver muitas vezes desde que chegou aqui, em grande parte por causa de um orgulho acirrado. Ofereci-lhe um quarto e o que mais precisasse. Era natural que ele ficasse com você, é claro. Ainda sou uma excentricidade em sua vida; você é padrinho dele.

— Você tem uma grande influência sobre ele, Andrew — disse Kevin, abrindo alguns botões de seu colete para aliviar um pouco a pressão em sua barriga. O'Garvey se vestia como um almofadinha, mas do tipo desleixado, colarinho puído, tudo meio desajustado e amarrotado.

— A primeira vez que ele entrou em minha sala depois do horário das aulas, em suas roupas de couro de ferreiro, nunca mais, nem antes nem depois, vi uma fome tão insaciável de conhecimento como daquela vez, quando ele fitava os livros, incapaz de ler. Era a fome de quinhentos anos de fome espiritual dos irlandeses resolvida a se libertar — recordou-se Andrew.

— Quando veio o rompimento com Tomas, Conor vagou pelo campo com a mente anuviada e somente veio para Derry quando o navio de Liam ia partir — continuou Kevin. — Ele empurrou Liam e gritou “Você não é o único irlandês a subir a prancha de embarque”, e olhou em torno desejando ardentemente ver Tomas chegar e salvar a situação. Ele se alojou em cima do meu estábulo, e depois uma espécie de estranha experiência, aconteceu. Pouco a pouco, ele foi entrando no Bogside e começou a mudar a vida ali, apesar da indignidade de só poder trabalhar fazendo anéis de barris e ferrando pôneis na cervejaria. Começou a ensinar gaélico às pessoas na Sala Celta e, depois da missa, crianças pequenas corriam para o local para ouvir nossas lendas antigas. Ele fascinava a todos com os episódios de

nossa história e de nossos mártires, apresentando de cor cada discurso dos julgamentos. Suas palestras em geral eram por trás de cortinas cerradas em aposentos iluminados a vela, com guardas do lado de fora. Depois, ele começou a ir para o campo de futebol e você conhece esta parte. Os homens que lançam moedas à base do muro compararam-no a Ducey Malone, o maior jogador gaélico de futebol na história de Derry. — Kevin deu um soco na escrivania, fazendo as cinzas do charuto caírem sobre sua camisa. — Veja, Andrew, ele é uma luz. Viajo para o Parlamento hoje em dia sem medo de que alguma coisa horrível possa acontecer em minha ausência... porque Conor está aqui. Sabe, quando Parnell era vivo, isso nos perturbava muito, sempre ter que abrir mão dos nossos jovens mais inteligentes e mais cheios de vida. É uma maldição irlandesa pior do que o uísque. Toda vez que vejo um rapaz ou uma moça brilhante, começo a contar os dias até eles partirem. Andrew, tem que ser diferente com Conor.

— Você sabe tão bem quanto eu que mesmo que ele tente vagar pelo mundo, nunca irá muito longe da Irlanda. Sua vida está selada numa guerra duvidosa, todos sabemos disso. O problema, Kevin, é que ele é um mestre em uma grandiosa arte. Para onde ele pode ir na Irlanda? — disse Ingram.

— Andrew, sei uma ou duas coisas de minhas visitas à Inglaterra e você também sabe. Quando Conor estava em Ballyutogue, na pequena forja da aldeia, os ingleses de dois ou três condados vizinhos já o procuravam para fazer sofisticadas obras de ferro. Em Derry, eles viriam de quase todo o país...

— Você está sonhando e está desesperado e eu sinto muito por você, Kevin, e tenho pena de mim mesmo. Mas Conor jamais poderá crescer no Bogside sem ir direto para a usina metalúrgica de Roger Hubble em Caw & Train.

Surgiu uma garrafa da última gaveta e dois copos foram enchidos até ao meio e tilintados, pois Andrew sabia que O'Garvey estava prestes a dizer o que viera dizer.

— Não posso perdê-lo, Andrew — disse Kevin, com o uísque e a sinceridade levando-lhe lágrimas aos olhos. — Estou tão miseravelmente cansado da agonia do Bogside. Estou exausto, companheiro. Não suporto mais ver as criancinhas brincando nas valas de esgoto, cobertas de feridas, maridos surrando as esposas e os velhos morrendo de frio no inverno porque os fundos para combustível do Bispo se esgotaram e os bêbados sem emprego do nascimento à morte, aquecendo as mãos no fogo ao pé do

muro, e, acima de tudo, as moças das fábricas, arrastando-se para casa cansadas demais para rir, quanto mais para fazer amor. — Sua voz reduziu-se a um ruído dissonante e abatido. — Sabe, Andrew, Conor tem qualidades celestiais. Uma luz brilha à sua volta às vezes, como se fosse o próprio Espírito Santo. Você tem forte influência sobre ele, Andrew,

— E quer que eu o convença a ficar? Não estaremos fazendo o mesmo tipo de manipulação que Tomas fez? — perguntou Andrew.

— Droga, não. Eles formavam uma família cheia de amor até que as rochas, as dívidas e a privação os corroeram. O que acontece se um Conor Larkin é levado para longe da Irlanda? Quero lhe dar o lugar para ele perseguir seu destino e seu sonho. — Kevin ergueu a mão, esforçando-se por controlar-se, e tornou mais um trago com a mão trêmula. — Andrew, como você sabe, sou um membro do Parlamento e as oportunidades têm surgido com o “Enrolar natural dos acontecimentos... mas estou limpo. Recebo e negocio, mas somente para Bogside. Já tentamos uma meia dúzia de planos para tentar trazer alguns investimentos para cá, algum trabalho para os homens adquirirem dignidade. Por alguma razão, nada realmente se concretizou. Nos últimos meses, tenho conversado intensamente com um grupo de irlandeses americanos, gente de muito dinheiro, alguns de grande influência. Eu os convenci a estabelecer um fundo que realmente pode começar a mudar as coisas. Precisamos de tudo, uma cocheira de aluguel decente, uma escola de secretariado para moças, todo tipo de lojas, nossa própria fábrica de laticínios. Posso conseguir o dinheiro para assentar Conor numa forja e fundição de primeira linha.

Andrew Ingram roía seu dedo indicador da mão esquerda, seu dedo do pensamento.

— Tenho vinte empreendimentos em mente, prontos, e mais, os recursos para pagar cinquenta estágios profissionalizantes. Conor tem que ser o primeiro com a forja. Se ele não conseguir, ninguém mais conseguirá.

— O que Roger Hubble vai dizer de tudo isso?

Kevin esvaziou o copo e inclinou-se sobre a escrivania.

— Afinal, Andrew, também represento o conde de Foyle no parlamento. Devemos um ao outro um monte de favores e, na verdade, uma palavra sua com Caroline Hubble não faria nenhum mal. O que quero dizer é que acho que consigo fazer com que Hubble nos deixe em paz.

— Este dinheiro americano...

— Está no banco na Inglaterra.

— Quero ver os nomes de seus contribuintes — contrapôs Andrew.

— Não posso. Consegui o dinheiro somente com a condição de anonimato. Caso contrário, todo membro do Partido Irlandês estaria no enalço desses sujeitos para fazer o mesmo em todas as aldeias da Irlanda. Consegui convencê-los de que Bogside enfrentava a situação mais desesperadora da Irlanda... e esse foi o nosso pacto.

— Isso é tudo? — perguntou Andrew.

— Não, há algo nisso tudo para você. Tenho os votos para passar um projeto de lei para abertura de uma universidade pública em seu distrito.

Agora foi a vez de Andrew perder sua compostura glacial. Uma nova universidade! Deus Todo-Poderoso! Que joia na Coroa!

— Você está se iludindo, Kevin. Tudo o que Roger Hubble tem a fazer é um sinal com a cabeça para a Casa dos Lordes vetarem o projeto.

— Não se você convencer *Lady* Caroline a fazer com que seu marido apoie o projeto.

Aconteceu que uma excelente forja e fundição foi inaugurada em por Conor Larkin. Seu rápido sucesso levou vários novos empreendimentos a se estabelecerem e a isto seguiu-se uma correria de aquisições de estágios de aprendiz em uma série de novos ramos, antes inacessíveis aos católicos.

Conor logo descobriu que a Caw & Train não só detinha o monopólio de todo o trabalho de ferro na região, mas que seus lances municipais eram corruptamente inflacionados. Com a ousadia própria somente dos ignorantes. Conor entrou num leilão contra a companhia do conde. Pouco tempo depois, sua forja foi destruída por um incêndio.

Seguiu-se uma nova série de eventos. Conor reconstruiu a fundição e foi na verdade subcontratado pela Caw & Train para trabalhar na restauração do Cutelo de Lettershambo, do outro lado do rio.

Parte da reconstrução do Lettershambo exigia a instalação de um novo boiler de aquecimento central. *Sir* Frederick Weed enviara um boiler de navio, de Belfast, que ele usava em seus navios maiores, e os engenheiros para instalá-lo. O problema foi que os dutos eram pequenos porque se destinavam ao aquecimento de pequenos espaços como as cabines do navio e estes eram feitos seguindo-se plantas meticulosas.

Os pequenos canos não conseguiam aquecer os enormes aposentos de pedra de Lettershambo e o projeto ficou encalhado até que a Caw & Train, no desespero, recorreu a Conor.

Conor conhecia os rudimentos da funilaria, o uso de metais mais finos. Tão logo abriu sua forja, ele rapidamente preencheu uma lacuna no mercado fazendo vasos, panelas e uma variedade de ferramentas leves para inúmeras finalidades.

Conor solucionou o problema de Lettershambo fazendo canos largos de metal mais fino, mais maleável para os altos e baixos das paredes irregulares e os forrou com amianto. Lançavam dez vezes mais calor do que os pequenos canos de navio.

Agora trabalhando para o sistema estabelecido, Conor continuou não só ignorante das manobras secretas que haviam ocorrido, como sem perceber que fora deliberadamente integrado no sistema de Roger Hubble, onde Hubble controlava sua concorrência.

CAPÍTULO 19



Conor Larkin alcançara o alto grau de sucesso que Kevin O'Garvey almejava. Sua linha de utensílios, do martelo de carpintaria a caçarolas, era de formato e qualidade tão superiores que os comerciantes protestantes da região relutantemente caminhavam até Bogside para fazer seus pedidos. Do mesmo modo, diversos pregadores protestantes chegaram à conclusão de que Deus não tomava partido em questões de obras de ferro magnificamente ornamentadas, e pequenas encomendas foram feitas para suas igrejas. A forja sobreviveu à sua pior crise, o incêndio, quando Conor participou do leilão contra a Caw & Train. Depois da reconstrução, a Caw & Train procurava-o para consultas e subcontratação com tanta frequência que ele era aceito como uma espécie de membro canhestro da instituição protestante.

Conor dava pouca importância a seu próprio conforto, continuando a viver em um pequeno e limpo apartamento em cima da forja, grande o suficiente para abrigar cinco ou seis companheiros de bebida, uma garota disposta a ir para a sua cama ou passar suas noites em voluptuosas leituras. Atendia às necessidades de sua família e particularmente de seu irmão Liam na Nova Zelândia.

Não que Conor não tivesse sempre amado os Ingram, ele simplesmente não queria ou não podia procurá-los até sentir que estava mais ou menos em pé de igualdade com eles. A volta a um relacionamento estreito foi uma bênção.

Conor era Bogside. Seus outros lares eram a Sala Celta e o campo de futebol. Ele também adquiriu alguns ternos finos e aventurou-se na nova vida cultural da cidade. Abençoado com o tipo de beleza descontraída que fazia as mulheres se amontoarem à sua volta, sempre levava alguma bela jovem pelo braço, embora nunca tenha levado nenhuma a sério. Criara uma mulher perfeita em sua imaginação fértil e até que alguém da vida real pudesse arrancá-la de seu pedestal e fazê-lo apaixonar-se perdidamente...

bem, era sempre terno e gentil. Incapaz de suportar um solteirão tão bonito e Enid Ingram acrescentou mais uma na competição, uma linda jovem professora de quem Conor muito gostava, mas não o suficiente.

Enquanto Conor prosperava e crescia em importância, Andrew Ingram viu-se de repente numa primavera de descontentamento depois que concordou com Kevin O'Garvey em ajudar a manter Conor em Derry.

Conor não tinha nenhuma ideia de que houvera manobras pelas suas costas para colocá-lo nos negócios. No começo, como todas as mentiras, parecera pequena e sem importância. Afinal, o ardil dera certo. Conor não se vira forçado a deixar Derry e seu sucesso abria caminho para que outros também conseguissem ser bem-sucedidos.

Depois de mais uma primavera de descontentamento, um breve anúncio no jornal abriu a mente de Andrew Ingram com uma sensação de horror.

O anúncio dizia que a Comissão Especial do Parlamento presidida por Kevin O'Garvey fora compelida a adiar sua investigação, há muito prometida da fábrica de camisas Witherspoon & McNab.

Seguindo a lógica, Andrew começou a perguntar-se sobre o grupo anônimo de americanos que financiava os novos empreendimentos em Bogside. Tentar imprensar um político experiente como Kevin O'Garvey era como tentar pegar mercúrio com as mãos.

Estaria Andrew vendo fantasmas no adiamento de O'Garvey?, questionou Kevin. Kevin veio com uma explicação insatisfatória sobre o emaranhado parlamentar e uma traição de dois membros de sua Comissão Especial.

Bem, só há um modo de ir até o fim dessa história, pensou Andrew. Ele teria que exigir saber quem eram os financiadores. Isso acabaria com todas as dúvidas. Kevin partilhara muitos segredos com ele antes disso. Kevin teria que colocar as cartas na mesa.

Um encontro fora combinado, mas na noite anterior Andrew Ingram viu-se vagando pelo passeio público às margens do rio Foyle, afogado e perturbado. A simples exigência que iria fazer não era absolutamente tão simples. Andrew meditara sobre a reação passiva de Roger Hubble à nova corrida do progresso em Bogside. Exceto pelo incêndio que destruíra a forja, Hubble a aceitara... quase como se ele a tivesse endossado.

Isso combinava com a estratégia global de Roger Hubble. Quando surgia um desafio, Hubble calculava quanta energia seria necessária para

esmagá-lo e, se o desafio fosse vencedor, quantas mudanças acarretaria. Na maioria dos casos, era mais fácil deixar que um concorrente se estabelecesse, para depois tomar-lhe o controle. Que solução melhor poderia haver do que controlar seu próprio concorrente?

A oficina de fundição de Larkin era o exemplo perfeito, não? Depois de permitir que Conor lutasse para se estabelecer, Caw & Train silenciosamente lhe jogaria um osso para atraí-lo.

O que Andrew Ingram estava revelando a si mesmo era tão esmagador pela primeira vez, ele só confidenciou à mulher quando era tarde demais.

A verdade que estava emergindo era de que não havia nenhum americano envolvido. O dinheiro viera de Roger Hubble! Meu Deus! O que Kevin O'Garvey lhe dera em troca?

A primavera de descontentamento transformou-se num sombrio outono e inverno e finalmente na notícia de que a Comissão Especial fizera um segundo adiamento.

Kevin O'Garvey cancelara a investigação da fábrica Witherspool McNab em troca do financiamento de Hubble dos novos empreendimentos e estágios de aprendiz.

Roger Hubble sabia que poderia haver alguns sucessos, mas no final haveria um fracasso atrás do outro e Bogside continuaria a ser Bogside

O'Garvey não podia suportar mais a indignação do Bogside e os novos fracassos dos lavradores católicos no campo. Tentara algo desesperado para trazer alguma luz e esperança àquele povo, mas fizera um pacto faustiano!

Antes de confrontar Kevin O'Garvey, é melhor pensar bem!, pensou Andrew consigo mesmo. Kevin viera procurar Andrew primeiro e o atraíra para uma trama sem que ele percebesse, usando Conor Larkin como isca.

Quando Andrew acrescentou sua voz para que Conor permanecesse em Derry, ele se comprometeu, quer soubesse ou não.

E agora, se ele delatasse o complô? Esta mentira, o segredo, a fraude, destruiria Conor Larkin! Ingram, seu mentor, e O'Garvey, seu padrinho e defensor do povo, haviam concedido graças em troca do prosseguimento do trabalho escravo de mulheres e crianças na fábrica de camisas.

Todos aqueles voos de soberbo idealismo que ele alçara com Conor Larkin e Seamus O'Neill... tudo em vão. Ingram, amado mestre, apenas

mais um político de meia tigela, que aderira ao sistema. O'Garvey declarou que "Eles sempre descobrem o seu ponto fraco e preparam a sua negociata". Sim, Bogside era o ponto fraco e Roger Hubble sabia como proteger a máquina de fazer o dinheiro que jorrava de Witherspoon & McNab.

Andrew Ingram começou a mudar. Cerrou as cortinas da janela de seu escritório que dava para a fábrica. Não conseguia mais ouvir o apito da fábrica sem ranger os dentes, fechar os olhos e finalmente tampar os ouvidos com as mãos.

Ele era um amigo bem vindo em Bogside. Fizera mais pelos alunos católicos do que trezentos anos de ascendência inglesa. Estava próximo de fundar uma universidade... e para quê... e para quê... para permitir que a parte mais ignóbil do sistema continuasse inquebrantável.

Andrew Ingram deixou de frequentar o Bogside.

Fora um professor progressista e esclarecido, que não temia nenhum pregador, nenhuma ignorância Orange nem arrogância inglesa.

Mas um Kevin O'Garvey, um político devotado, um promotor de acontecimentos que buscavam penetrar na escuridão do Bogside, tinha que arriscar muito mais. Como um General militar, Kevin O'Garvey tinha que arriscar a vida de outras pessoas. Atrair Ingram fazia parte da estratégia.

Andrew Ingram sempre detestara seus colegas acadêmicos, que faziam seus protestos do abrigo seguro de uma universidade. As ideias ali eram isentas de risco, até o momento em que Kevin O'Garvey o tornou parte de uma mentira.

Um educador avalia sua vida pelas realizações de alguns alunos especiais. Os de Andrew eram Seamus O'Neill e o etéreo Conor Larkin.

Fizera de Conor um grande homem? Tivera alguns fracassos. Conor não estaria se afastando da agonia do Bogside? Algumas horas a menos na Sala Celta para começar? Seria Conor agora um Lothario, um esperto sedutor de mulheres, algumas delas mulheres casadas infelizes ou aventureiras rondando em busca da presa?

Ao cabo de tudo, a verdade pura e simples, Deus, é que Andrew Ingram não poderia enfrentar o momento em que tivesse de dizer a seu prodígio que ele abrisse mão de seu idealismo em um trato sujo.

Enid, uma grande companheira e arrimo, ficou assustada vendo seu marido arruinar-se. Na calada de mais uma noite sem dormir, Andrew sucumbiu e deixou escapar toda a história.

— Eu sabia desde o instante em que Kevin entrou que eu estaria fazendo parte de uma negociata, tomando-me o guardião de uma mentira. Traí Conor ao não exigir saber de tudo, imediatamente. Engraçado, como um ideal tão nobremente forjado à luz do sol de uma campina no monte pode tornar-se uma teia absolutamente emaranhada na realidade. E o que Conor fará? Devia tentar denunciar a podridão do acordo? Destruir Conor impedindo-o acreditar novamente que os homens que ele mais ama não o desonrarão?

Prezada Lady Caroline,

É com grande pesar que lhe escrevo este bilhete. Após horas atormentadas vasculhando minha alma e com o apoio de minha amada Enid, concluí que devo abdicar do meu cargo. O anúncio será feito ao final deste semestre e nos permitirá fazer todos os preparativos referentes a uma nova universidade.

Aceitei o cargo de diretor de escola em Kirkmcor, uma escola particular pequena, mas excelente, perto de Edimburgo.

Receio que a decisão seja irrevogável e, por enquanto, um assunto altamente confidencial.

Seu devotado amigo

Andrew Ingram

CAPÍTULO 20



— Para o inferno! — gritou Caroline, amassando o bilhete de André Ingram. — Onde tenho estado? Tal decisão não acontece de um dia para outro.

Caroline era muito próxima dos Ingram, tanto em questões cívicas quanto socialmente. Censurou-se por não ter percebido o constrangimento dele antes.

Diabos! Era quase impossível dizer se Andrew estava mais ou menos sombrio por trás daquela máscara escocesa.

Para Andrew Ingram, havia mais do que Conor a considerar. Havia também a decepção de Seamus O’Neill. Um escândalo cujo teor resumia-se em “não interferir com a fábrica de camisas” destruiria Kevin O’Garvey também e, por mais que Andrew tentasse, não podia condenar Kevin inteiramente por ter feito o que fez.

E Caroline? Ela sabia que tanto seu pai quanto seu marido eram canalhas, mas não havia como ter conhecimento da fábrica de camisas. Se descobrisse agora, o que aconteceria com seu próprio casamento?

Quando Enid conduziu Caroline ao gabinete de Andrew, ela pôde observar a palidez de seu rosto. Enid pediu licença para retirar-se e Caroline sentou-se contrafeita, depois fez a tolice óbvia de tentar ludibriá-lo com um doce. Desenrolou um mapa do distrito sobre sua mesa.

— Roger concordou em doar cento e vinte hectares de terras aqui para a universidade. O’Garvey diz que assim que Roger anunciar que concorda, ele encaminhará o projeto na Câmara dos Comuns.

Ingram olhou o mapa.

— Um local excelente do lado protestante do rio, no Ulster, entre Lettershambo, o maior arsenal no oeste da Irlanda e um acampamento militar a três quilômetros de distância.

— Vamos construir logo os edifícios e nos preocupar com as rebeliões estudantis depois — retorquiu ela.

— Isso vai ficar para você e meu sucessor resolverem.

— Como presidente do seu comitê e como sua amiga, tenho direito de saber. Sem você, Andrew, não há árvores e florestas de saber em Londonderry, apenas uma charneca açoitada pelo vento, árida, cheia de pedras.

Os olhos de Andrew turvaram-se.

— Sempre desprezei meus colegas paramentados com suas becas e perucas por abraçarem as ideias de homens corajosos, mas de uma posição de absoluta segurança para eles. Foi por isso que deixei o campus. Incuti em alguns alunos extraordinários a força necessária para fazer um grande ideal vencer o mal. Entretanto, quando cheguei ao meu próprio Rubicão, eu me esquivei.

— Até onde pretende ser vago, Andrew?

— Conscientemente deixei alguém atrair-me para um jogo de pactos e mentiras e compromissos, fingindo para mim mesmo que agira corretamente e que eu não abrisse mão de nada sagrado. Tal embuste levou-me à conclusão de que eu renunciei a cinco décadas de idealismo.

— Vejo um homem admirável sonhando em ser perfeito em um mundo perfeito e que se viu diante da realidade de que não era perfeito.

— Caroline, fui parte de uma trama. O preço foi mentir para mim mesmo, fazendo-me acreditar que não haveria nenhum preço a pagar. Não existe mentira de graça. Se eu permanecer em Derry, esses jovens se transformarão causticamente de idealistas em cínicos porque eu os traí. É melhor que seu amado mentor simplesmente desapareça no urzal escocês.

— Quem você pensa que é para acreditar que é o único que vai passar por essa vida sem fazer seus pactos com o diabo? — Olhou-o como nunca o fizera antes. — O que você acha que foi meu casamento?

Andrew voltou-se, ferido com sua punhalada.

— Quando eu era pequeno — murmurou —, éramos uma família de escoceses pobres, o que é quase tão terrível quanto ser irlandês pobre. A única coisa que tínhamos era uma aconchegante lareira acesa à noite onde meu pai nos reunia para ler a Bíblia. Nós todos a sabíamos tão bem que apenas fingíamos ler, porque na verdade podíamos citá-la de cor... e eu prossegui para os escritos de Burke sobre a Revolução Francesa... e *Viagens de Gulliver* e Oliver Goldsmith... e Thomas Jefferson e Platão... e Mendoza e os grandes filósofos do Oriente. Eu era uma fortaleza, Caroline, uma fortaleza que não podia ser tomada de assalto. Em meus anos de educador, nenhum homem, nenhum exército podia penetrar em minha fortaleza. Pode

imaginar minha alegria quando pude secretamente passar adiante os meus mais apaixonantes e estupendos livros e suas ideias a dois jovens camponeses lá de cima do urzal?

— Você me disse que a redenção é a maior de todas as qualidades humanas — ela insistiu.

— E realmente é. Devo me redimir na Escócia, minha amiga, porque aqui farei as paredes tremerem. — Por um instante quase deixou escapar toda a história. Aplacar a curiosidade de Caroline mudaria sua vida, para sempre.

Ela estava presa a Derry com uma existência predestinada.

Enid bateu e entrou com uma bandeja de chá, conhaque e uísque irlandês. O uísque ajudou Caroline a se recobrar de uma sensação de entorpecimento. Enid também ficara pálida e aos olhos de Andrew estavam muito calados.

— Por que exilar-se num internato desconhecido, Andrew?

— Não quero estar perto de professores universitários pelas razões já expus. Quanto aos estudantes, todos atingem um estágio em que se acham infalíveis e duplamente certos de que sabem mais que seus professores. Ninguém é mais sábio nem mais estúpido do que um estudante universitário. Ninguém é mais convicto de suas crenças. Ninguém tem soluções melhores. Não, Caroline, quero o frescor dos garotos mais novos e quero carregá-los de idealismo antes que tenham que fazer seu pacto com o diabo.

Quando Caroline enxugava os olhos, eles se fixaram na mais extraordinária peça de ferro trabalhado que ela já vira, uma meia dúzia de folhas delicadamente entrelaçadas, cada qual o suporte de uma flor viva. Havia filetes de ferro tão finos que mal podiam ser notados acima das folhas e estes seguravam abelhas e pássaros de ferro batido, de modo que a mais leve brisa os agitava como se voegassem sobre as flores. Entre duas das folhas, havia uma teia de aranha, tão fina que era impossível que fosse de feno... Mas era. O suporte na base era incrivelmente balanceado. Caroline tocou-a com as pontas dos dedos.

— Nunca vi nada igual — disse Caroline,

— Um presente de um dos alunos de Andrew — disse Enid.

Andrew bebericou seu uísque, parecendo fascinado pelo objeto.

— Um de seus alunos muito queridos?

— Sim — respondeu.

O momento tinha algo de mágico. Caroline sabia, sem dizer ou perguntar, que aquela magnífica obra de arte tinha muito a ver com toda a situação. Andrew estava inquieto, como se não quisesse compartilhar seu segredo com ela.

— É o trabalho de um mestre, não é? — disse Caroline.

— Sim — respondeu Enid.

— De quem se trata?

— Seu nome é Conor Larkin. Possui uma forja no Bogside.

Caroline sentiu-se tomada por uma onda de excitação.

— Sabe como eu quis desesperadamente restaurar a grade da mansão. Por que não me falou desse sujeito?

Não é assim que o sistema funciona, Caroline.

— Isso é o que você diz. Eu deveria tê-lo conhecido. Ele sabe a respeito da grade?

Ele trabalhou nela como ajudante, tanto do seu mestre alemão quanto do italiano. Caroline, ele fez um lance contra a Caw & Train e sua forja foi incendiada. Sua segunda casa é a Sala Celta, não se parece a nenhum artesão de sua mansão. — De repente, a voz de Andrew o traiu e suas palavras o traíram ainda mais. — Ele está à procura do Santo Graal.

— E ele é a razão de você estar indo embora. Acha que o traiu.

— Andrew morreria se você lhe contasse! — disse Enid, exaltada.

— Ah, não. Eu os amo muito, muito — assegurou-lhes Caroline. — Nunca irá além de mim.

— Estranho como uma mentira pequena e inocente adquire braços e pernas, asas e cabeças. De qualquer forma, Caroline, tenha muito cuidado. Vi a chama que brilhou em seus olhos — advertiu Andrew.

— Caroline, Conor Larkin é inocente de todas as negociatas que foram feitas à sua volta — continuou Andrew. — Ele é intransigente no que acredita a respeito da Irlanda. Sei que irá vê-lo, mas eu lhe aviso, a grade do Salão Comprido é um símbolo de opressão para os católicos. Foi usada como prisão e quase quinhentas mulheres e crianças morreram de fome e tortura atrás dela.

— Isso foi no passado longínquo.

— Não existe passado longínquo na Irlanda.

— É uma esplêndida obra de arte. Seu criador nunca pretendeu que fosse uma prisão.

— Vou ser absolutamente franco, Caroline — disse Andrew. —
Você está brincando com o único homem no mundo que não pode
manobrar. É melhor que se lembre disso.

Naquele instante, Andrew compreendeu que dissera exatamente o
oposto do que pretendia dizer.

CAPÍTULO 21



Com as mãos nos quadris, Caroline parou diante da majestosa grade no Salão Comprido, considerando a enormidade que o seu significado estava adquirindo. Toda vez que pensava na iminente partida de Ingram, a dor se renovava. Andrew era uma jóia de homem em qualquer lugar do mundo onde quer que pudesse ser encontrado. Poucos como ele atravessaram seu caminho em Londonderry. Deus, tudo ficaria tão vazio.

Chegou à conclusão de que o fato de Andrew e Enid não terem confiado nela não se devia a falta de confiança, mas era para seu próprio bem. Caroline geralmente conseguia o que queria, mas não havia como fazer os Ingram permanecer em Derry. Seu entusiasmo pelo projeto da universidade simplesmente estancou. Em vez de um aliado inteligente e capaz, estaria lidando com irremovíveis blocos de concreto de burocratas e, o diabo nos salve, o Bispo Nugent.

Caroline era uma mulher decidida e confiante, cujo toque de suavidade movia a enorme residência com leveza e dava a Londonderry uma amostra da espiritualidade criativa. Naquele instante, Caroline sentiu-se muito deprimida com Caroline e nenhum delírio de compras em Paris poderia corrigir isso.

A grade, e sua perplexidade de uma década, erguia-se diante dela. Sem dúvida, ela poderia lançar-se em outra tentativa de restauração, mas sabia que só estaria enganando a si mesma.

Como o acordo de seu casamento com Roger, a grade constituía outro aspecto de sua vida que nunca seria completo ou livre.

O que seria aquela estranha emoção inquietante que a percorreu ao ver o vaso de ferro sobre a escrivaninha de Andrew vindo como uma mensagem de um mensageiro desconhecido?

Quando Andrew Ingram fechou a porta atrás de si, talvez tivesse inadvertidamente aberto a porta para outra coisa. Ela admitiu para si mesma que tinha uma curiosidade de adolescente sobre esse ferreiro do Bogside, num ligeiro flerte consigo mesma. Caminhara para a meia-idade com o

charme substituindo a deslumbrante beleza e era uma mulher mais velha... meu Deus, que tolice.

Não sentira a aproximação da velhice até então. Não estaria sendo ridícula só em ousar pensar que aquele sujeito pudesse restaurar a grade?

Não era estranho como uma coisa estava fluindo para outra?

Enquanto terminava a grade, lembrando-se da história que ela carregava, as imagens focalizaram-se no passado... Respirou fundo e tocou a campainha chamando Adam, o mordomo-chefe, um empregado com trinta anos de casa.

— A Condessa chamou? — perguntou Adam.

— Adam, quantas vezes esta grade foi escorada antes de eu vir para esta casa?

— Ah, é difícil dizer com precisão, *m'Lady*. Uma ou duas vezes por ano, alguns pinos caíam das vigas de cima. O ferreiro da mansão sempre a mantinha no programa de manutenção. Anualmente, era feita uma limpeza das partes que podiam ser tratadas.

— Estou me lembrando corretamente de que a grade deslocou-se e inclinou-se ameaçadoramente?

— Ah, *m'Lady*, que memória incrível. Sim, há quatorze anos ela sofreu uma inclinação perigosa.

— Lorde Roger e eu estávamos em lua-de-mel. Meu pai chamou-nos de volta porque Randolph Churchill iria fazer uma aparição pública no Salão Comprido para lançar sua famosa carta de Orange. Usamos um auxílio externo no conserto da grade, não foi?

É impressionante que possa se lembrar, com toda aquela confusão e sua lua-de-mel interrompida. Nosso finado ferreiro, o Sr. Leland, que Deus o tenha, era um pouco limitado em suas habilidades. Ele geralmente pedia ajuda ao Sr. Lambe, um ferreiro muito talentoso que atendia a região de Ballyutogue. O velho senhor ainda está vivo.

— E esse senhor veio e escorou a grade?

— Sim, *m'Lady*, e bem a tempo do discurso de Lorde Churchill.

— Sei que você vai precisar esforçar sua memória, Adam, mas o Sr. Lambe não tinha um aprendiz com ele?

Adam esboçou um sorriso atípico.

— Não me diga que o conhece, Adam?

— Conor Larkin é um rapaz difícil de ser esquecido. Um rapaz católico, mas de uma família católica muito... como direi... especial. Um

jogador de futebol muito famoso. Deu a Donegal o campeonato regional.

— Não diga!

— Ganhei um dinheiro apostando nele. Ele agora tem sua própria forja em Londonderry e é bem conceituado.

— Muito obrigada, Adam.

Bem, isso é o Ulster, não?, pensou Caroline. Todo mundo envolvido com todo mundo... um menino de doze ou quatorze anos a fitara com insistência e, quando lhe perguntara por que, ele dissera que era porque ela era muito bonita, chegando depois a mencionar o nome proibido de Charles Parnell...

— Mais alguma coisa, *m'Lady*?

— Sim. Mande preparar a carruagem. Imediatamente.

Tendo se preparado para a representação de seu conto de fadas em uma década e meia de devaneios, Conor Larkin mostrou-se frio como a brisa de outono que vinha do lago Foyle quando a carruagem da Condessa de Foyle parou na rua lamacenta do Bogside diante de sua loja.

Formou—se uma pequena multidão. Não era sempre que viam uma parilha de cavalos brancos, cocheiro e um criado de libré no Bogside, a menos que fosse um carro fúnebre.

Caroline entrou rapidamente em sua loja. O jogo é mais excitante quando ambos os jogadores possuem a grande capacidade de demonstrar abertamente que não há nenhum jogo em andamento, para depois representar uma ficção educada, sutil, cheia de duplas intenções, e tudo isso com um comportamento exemplar, até mesmo com indiferença.

Conor deixou que ela soubesse que ele sabia que ela o estava procurando como último recurso depois de uma década e meia de frustração com todos aqueles mestres europeus e sumidades de Oxford. Tendo agradavelmente aplicado um pouco de merecido castigo, justificou-o deixando claro que a grade não era um grande mistério para ele.

Andrew e Enid haviam-na deixado de sobreaviso. O *paddy* era um surpreendente espécime, de fala eloquente, sagaz e confiante. A composição do perfeito irlandês.

Do ponto de vista de Conor, ela envelhecera maravilhosamente. Como seu coração continuava livre, não havia mal nos sentimentos místicos que nutria por ela. Só o amigo de Conor, Seamus, conhecia a emocionante fantasia que tivera início quando eram garotos. Conor a vira uma vez ou outra no teatro da ópera e nunca deixara de se emocionar com isso.

Quando deixaram de prender a respiração, concentraram-se na grade. O escritório de Conor era pequeno demais para os dois, de modo que ele trouxe vários livros, rolos de desenhos e plantas e eles se refugiaram em um compartimento nos fundos do bar de Nick Blaney.

A história do *schanachie*, amplamente aceita até a Condessa procurar estudiosos eruditos, dizia que uma grade original fora destruída durante a conquista da Irlanda por Cromwell. Em outra guerra posterior, que estabeleceu o domínio protestante, Guilherme de Orange, então o monarca inglês, quis agradecer ao conde de Foyle por sua lealdade na guerra.

Jean Tijou, um protestante francês, viera para a corte de Guilherme e Mary e realizara uma série de trabalhos notáveis na Inglaterra. Tijou, segundo a lenda, foi enviado pelo rei para o Ulster para construir uma nova grade como seu presente ao terceiro conde de Foyle. Mas, ao longo dos séculos e gerações, a grade foi desfigurada e parcialmente arruinada pelo fogo e as revoltas. Restava apenas um pouco mais de um terço da grade original.

Quando Caroline Hubble reformou a mansão, reuniu os melhores historiadores dos diversos períodos e encomendou pesquisas em Oxford. Sobre a questão da grade, o principal estudo declarava que o mito de Jean Tijou não passava disso mesmo, um mito. Tijou, embora um favorito do rei Guilherme e da rainha Mary, nunca viajara à Irlanda, rebatiam, e as partes originais da grade haviam sido provavelmente construídas setenta anos antes de Tijou nascer. Seu criador era um mistério. Anos de remendos na grade criaram um caminho tortuoso, impossível de seguir.

Para surpresa de Caroline, Conor Larkin estava a par de toda a sua pesquisa e descartou-a como um artifício acadêmico para causar impressão, teorias criadas em lugares distantes por homens totalmente apaixonados por suas próprias conclusões.

Agora dependia de Conor provar que estavam errados e respaldar suas próprias crenças. Os dois interromperam seu flerte e adotaram uma postura profissional enquanto Conor começava a influenciá-la com sua deslumbrante reconstrução histórica. Ela estava tanto fascinada quanto estupidificada e acautelou-se ficando em alerta contra a lábia doce daquele *paddy* incrivelmente charmoso.

Um erudito brilhante ou um trapaceiro? Caroline aguçou a mente enquanto ele desenrolava sua história.

A primeira e mais convincente área de prova nunca fora descoberta por seus pesquisadores: a saber, os registros paroquiais da Igreja de S. Colombano de Ballyutogue, que datavam do começo do século XV.

As entradas relativas à grade estavam escritas em gaélico e haviam sido traduzidas por Conor anos antes. Os anos entre 1697 e 1701 descreviam a chegada do “Francês” e a construção de um “grandioso trabalho em ferro no Castelo Hubble”. Os homens da vila que trabalharam nele em diversas ocasiões estavam relacionados e incluíam os ancestrais de seu querido amigo e vizinho, Seamus O’Neill. Havia detalhes íntimos da vida diária que só poderiam ser conhecidos por alguém que vivesse na vila há duzentos anos.

Além disso, Conor pôde citar diversos trabalhos publicados sobre a história do Ulster por historiadores ingleses que combinavam perfeitamente com os registros de S. Colombano, embora nenhum desses historiadores jamais tivesse visto os registros da igreja.

— O que temos aí agora? — perguntou Caroline, olhando para a palma da mão aberta de Conor, segurando uma pequena massa escura e enferrujada.

— Sinta isso.

Ela obedeceu.

— Qual é a sensação?

— Muito sedoso. O que é?

Conor ofereceu a manga de sua camisa para ela limpar a mão. Após um instante de hesitação, ela o fez.

— Há muitos anos, tanto eu quanto o Sr. Lambe ficamos curiosos com a textura do ferro da grade. Ele retirou umas raspas e mandou analisar nos laboratórios reais em Londres. Eu tirei algumas amostras quando a visitei pela primeira vez. Foram analisadas em Belfast.

— Em que lugar em Belfast?

— Nas Oficinas de Navios e de Ferro Weed. O melhor laboratório de análise da Irlanda.

— Aonde está querendo chegar, Sr. Larkin?

— Foi preciso muito tempo para o Sr. Lambe descobrir sua origem. Todo o ferro usado no trabalho original veio da mina Clanconcardy, ao norte do País de Gales. Desde que Tijou o descobriu, tomou-se seu minério de ferro preferido. Todos os seus trabalhos posteriores são da mesma base.

— Bem, e o que isso deve provar?

— Essa grade é o único trabalho na Irlanda feito do minério de ferro de Clanconcardy.

— O que toma esse minério tão especial?

— Outros minérios podem ser batidos, moldados com força bruta. Seu amigo italiano, Tustini, possuía um toque delicado, mas a grade o conquistou ao invés do contrário. Se ele tivesse descoberto e usado Clanconcardy, isto — disse, apontando — se pareceria mais com isto.

— Exatamente o que esse minério significa para você?

— É um minério dos anjos, é realmente difícil exprimir meus sentimentos sem ofendê-la — respondeu Conor.

— Por favor, continue.

— Ah, como dizer? Trabalho com esse minério sempre que posso pagar por algumas centenas de libras dele, para encomendas ou presentes muito especiais. É... hum...

— Sr. Larkin, fale como se estivesse falando com um dos rapazes de sua oficina.

— Trabalhar com esse minério é como a carne de uma mulher desfalecendo—se em êxtase por seu amante. É pura magia. Sabe — ele rapidamente mudou de assunto — a mina ficou fechada durante várias décadas por falta de rendimento. Ainda há alguns mineiros antigos que entram lá e extraem um pouco, mas a custos muito elevados. Seria difícil obter vinte toneladas deste minério.

Então, pensou Caroline, o esperto rapaz finalmente acionara sua armadilha. Um reino em troca do que poderia ou não ser a resposta ao grande enigma.

— Desculpe minha temeridade, *Lady Caroline*, mas ainda alimenta sérias dúvidas sobre Tijou.

— Devo dizer que você está sendo convincente.

— Jesus, senhora — irrompeu Conor —, o caso de Tijou está bem diante de seus olhos, aqui, aqui, aqui e aqui. Nenhum homem antes de Tijou e poucos depois dele tiveram a habilidade de criar nenúfares flutuando em uma fina teia... esta voluta ele usou apenas mais uma vez, em Versalhes... e aqui, esta flauta de anjo. Ora, as impressões digitais desse homem estão em toda a grade. Seu pesquisador de Oxford não pode estar certo. Se esta grade tivesse sido construída setenta anos antes, nenhum ferreiro grosseiro jamais poderia ter sonhado que coisas assim pudessem ser feitas com ferro.

Conor beirava a impertinência, mas tendo lidado com artistas e artífices, ela sabia que eles se arrogavam certos direitos quando tinham realmente valor. Tomou uma decisão repentina.

— Por que não vamos adiante com uma pequena parte?

— Ah, não, senhora. Acho que *m'Lady* não me compreendeu direito. As falsificações italiana e alemã agridem aos olhos e devem ser removidas. Algum trabalho pode ser feito na grade original, mas um terço de um Tijou vale mil Conor Larkin.

— Devo entender que você não quer restaurá-la?

— Às vezes, eu acho que Deus quer que algumas coisas sejam deixadas como estão.

Roger e Caroline tinham um local aconchegante, onde juntos terminavam o trabalho com a papelada tarde da noite, em mesas de trabalho uma defronte da outra. A questão da grade era um assunto que os colocava à prova; haviam gasto dezenas de milhares? Sem nenhum resultado.

— Depois de todas as nossas viagens e buscas, pode haver um mestre-ferreiro bem aqui em nosso quintal, um Conor Larkin do Bogside.

Roger sabia muito bem de quem ela falava, mas fingiu esforçar-se para lembrar. Ele fora o empreendimento favorito de O'Garvey no Bogside e era muito bom, mas tivera de ser destruído por um incêndio ao entrar numa concorrência contra a Caw & Train. Mais tarde, fora assimilado no sistema global e realmente fizera um belo trabalho em Lettershambo.

— Humm — disse Roger finalmente. — Ah, sim, Larkin. A família está aqui há mais ou menos um século, sempre envolvida em algum tipo de rebeldia. Seu avô foi aprisionado.

— Isso o eliminaria?

— Na verdade, não. Temos conseguido nos manter nos negócios porque aprendemos que temos de conviver com essas pessoas. Na verdade, é sempre bom que os católicos tenham um ou outro dos seus para exhibir, tome cuidado, podem ser tremendos mentirosos e muito envolventes com sua linguagem.

— Por que não examina suas credenciais e este relatório que ele preparou e me dá sua opinião? — disse ela, passando uma pasta para ele.

— Sem dúvida, querida. O problema que vejo de início é que a restauração levará vários anos. Sabe como são ineficientes. Ele provavelmente venderia a própria mãe para ganhar essa encomenda e por fim largaria o trabalho em piores condições do que temos agora.

— Larkin não quer fazer a restauração.

— É mesmo?

— É, apenas remover o trabalho dos nossos pretensos mestres e uma pequena limpeza.

— Talvez apenas um modo hábil de colocar o pé na porta, não acha, Caroline?

— Quando terminar esse trabalho, teremos uma boa ideia se ele é o homem certo ou não.

— Bem pensado, querida. Tratarei disso eu mesmo.

— Essa pasta faz uma série de referências à grade. Deixei tudo na mesa de jantar no Salão Comprido. Você encontrará as traduções de S. Colombano, seus próprios desenhos, referências históricas e tudo o mais.

Roger ficara intrigado. Bem, o relatório provavelmente estava cheio de erros. Era melhor encontrá-los. Deus sabia o quanto ela desejava aquela restauração, mas uma outra decepção seria difícil de suportar.

A manhã encontrou Roger Hubble com os olhos vermelhos por ter passado a noite lendo. De certo modo, ele pensou, o término da grade significaria o fim simbólico dos gastos monstruosos de Caroline com a mansão. O lugar agora era comparável a alguns dos mais majestosos castelos e mansões da Inglaterra. Na verdade, a grade seria um gesto adequado, senão exótico, de sua magnífica existência.

— Para você, Roger — disse Caroline, empurrando um carrinho com uma bandeja.

— Fascinante — disse Roger — Essa parte realmente me intrigou.

Arrumou sobre a mesa várias folhas de desenhos de alguns minuciosos detalhes da grade e o mesmo trabalho em outros projetos na Inglaterra. — Bem, suponho que esteja certo Tijou plagiar Tijou.

— Particularmente se ele for o único que pode executá-lo.

— E Larkin acha que pode copiá-los?

— Não saberemos senão dentro de muitos meses, até que ele tenha removido as partes falsificadas.

— Isso também é muito interessante — disse Roger, mostrando os desenhos dos mestres anteriores à época de Tijou. Eram trabalhos grosseiros em comparação. Provava que Tijou alçara aquela arte a um novo patamar.

— Devemos deixar que ele faça o trabalho? — perguntou ela.

— Sim, mas primeiro algumas precauções. Gostaria de encomendar uma outra tradução por nosso próprio pessoal para ter certeza de que esses

registros paroquiais gaélicos são autênticos. Também direi a Swan para fazer uma investigação de segurança sobre ele, você sabe, atividades anarquistas. Uma coisa realmente me perturba. Ele vai ter que usar esse minério Clanconcardy? — Fez um sinal com a cabeça em direção a um prato com raspas do minério.

— Hummm, parece manteiga... ou seda...

Caroline sorriu para si mesma. Ou, pensou, “como a pele de uma mulher”. Ela olhou e não viu nenhum trabalho estropiado, mas uma grade restaurada alçando-se nas alturas, volteando e entrelaçando-se numa grandiosidade sem igual. Viu uma imensa cortina de veludo do tamanho de uma vela do maior navio do mundo. A cortina foi levantada por um grupo de criados em um par de guinchos. Ergueu-se e lá estava a magnífica grade em todo o seu esplendor!

Ela e seu pai geralmente queriam várias coisas mais do que tudo.

CAPÍTULO 22



1827

Tomas Larkin aceitou os fatos do destino, um depois do outro.

Aceitou que Dary estava se saindo bem no seminário e iria realmente tomar-se um bom Padre, se é que isso poderia existir.

Aceitou que Brigid ficaria uma solteirona ou se casaria com algum encarquilhado espécime com alguns hectares. Seu único amor, Myles McCracken fora embora de Ballyutogue. Myles trabalhava para Conor em sua forja e estava namorando uma operária da fábrica, Maud Tully.

Tomas aceitou que a Mãe Igreja sempre vence no fim. Fizera um protesto feroz durante o velório de seu pai Kilty ao saber que ele havia recebido a absolvição.

Pensando melhor, gradualmente chegara a conceder a Deus o benefício da dúvida. O Padre Lynch, um homem intragável, tornara-se teologicamente aceitável. Talvez ele devesse a absolvição à sua mulher? Talvez a devesse a seus vizinhos? Se os deixasse acreditando que finalmente vira a luz, isso daria a eles algo a que se apegar depois que ele se fosse.

Assim, Tomas recebeu a absolvição, como o destino ditara.

O que Tomas Larkin não aceitava era que seu amado filho não retornasse. O Sr. Lambe chegou à idade de se aposentar de sua forja e já não podia preparar um novo aprendiz. O velho viajou para Derry para tentar convencer Conor a assumir a forja, mas voltou de mãos vazias e com o coração partido.

Ainda assim, Tomas não quis aceitar aquela sina. Somente depois que um jovem ferreiro chegou da Escócia e comprou a forja foi que Tomas cedeu.

Meses a fio ele acordou com um nó na garganta sabendo que agora Conor não voltaria mais. Foi somente quando finalmente aceitou esse fato é que o terrível mal que fizera a Liam insinuou-se em sua mente e foi crescendo até começar a dominá-lo. Escreveu a Liam pedindo que voltasse e assumisse granja Larkin.

Ultimamente, Tomas não vinha se sentindo bem. Sabia, sem consultar o médico, o que estava errado com ele. Era o diabetes. Já conhecia a doença e agora contava os dias até receber notícias de Liam.

A resposta à sua carta finalmente chegou, escrita para Liam por um Padre. Liam estava a caminho de se tomar um *Squire* um dia e não pretendia voltar à Irlanda. No instante em que Tomas recebeu a notícia, ele parou de lutar contra sua doença e desmaiou no campo. Pouco tempo depois, Tomas Larkin estava em seu leito de morte.

A força do seu amor prevaleceu sobre o orgulho teimoso quando Conor chegou à cabeceira de seu pai. Tomas ficara cego, mas na escuridão do quarto podia fingir que ainda enxergava.

Nesse fim de linha, Tomas pôde refletir, com uma dose de bom humor, sobre os seus erros tolos. Em grande parte, ele estava em paz porque seus três filhos eram bem-sucedidos. A pobre e querida Brigid arrumara a própria cama ao se negar a ir com Myles para Derry.

Quanto ao fim do nome Larkin na terra, Tomas estava mais preocupado por medo do que seus vizinhos teriam que suportar com a partida do último de seus líderes. O proprietário estava testando novas máquinas a vapor em seus campos, capazes de fazer o trabalho de vinte a cinquenta homens. Essas máquinas, Tomas calculava, provavelmente acabariam fazendo o que os ingleses e a fome juntos não haviam conseguido: expulsá-los de suas terras.

Quando Conor se afastou da cabeceira de Tomas por um instante, Tomas tomou uma garrafa fatal de *poteen* que escondera sob o travesseiro e logo entrou em coma.

Durante dezesseis dias e dezesseis noites, a família permaneceu em vigília, enquanto pessoas de joelhos do lado de fora da casa diziam preces tão carregadas de medo que eram pesadas demais para serem levadas pelo vento.

No 17º dia, o gigante caiu.

À morte de seu pai, logo seguiu-se a partida de Andrew Ingram. A prolongada dor de Conor foi agravada por um novo e estranho

comportamento de Kevin O'Garvey, ríspido e enraivecido. O tempo que passava na Sala Celta também entrou em letargia.

O que animava Conor agora era despejar sua energia na grade. Toda vez que pensava profundamente nela e toda vez que a tocava, suas tristezas pareciam ceder por um instante.

Conor trabalhou numa espécie de transe nas semanas seguintes à morte de Tomas, envolvendo-se cada vez mais no mistério de Jean Tijou. Os sonhos de Conor não distinguiam a noite do dia...

— Por que fui chamado aos céus. — perguntou.

— Bem, olhe para esses portões, meu caro Conor. Há cinco mil anos que pretendo restaurá-los.

— Por que eu, São Pedro? Sou apenas um pobre camponês lá do urzal e o senhor sabe como funciona o sistema.

— Ah, claro — respondeu São Pedro —, mas praças ao Todo-Poderoso, implantamos um sistema diferente aqui em cima. Estou encarregando-o de restaurar os portões do céu em nome de todos os irlandeses que foram fodidos pelos ingleses.

— Não posso representar tantas pessoas.

— Conserte-os, Conor. Quero que esses portões sejam irlandeses...

O amanhecer, nos últimos dias, em geral encontrava Conor Larkin caminhando pelo cais Foyle, terrivelmente concentrado em seus pensamentos, depois de ter sido acordado pela descoberta de uma resposta a um dos mistérios de Tijou. Como um bom ator, estava mergulhando cada vez mais fundo no papel que desempenhava. Conforme ele e Tijou mantinham conversas balbuciadas, uma verdade incrível revelou-se para ele. A magnífica grade estava além do mero trabalho artesanal. Tratava-se de uma pura obra de arte, da envergadura das estátuas gregas e da coleção de impressionistas de *Lady Caroline*... e das grandes obras musicais. A grade era sua própria obra-prima.

Tijou, a certa altura, compreendeu que ele estava em uma espécie de estado de criação divina, cruzando mares nunca antes navegados, e que consciente ou inadvertidamente plantou armadilhas em toda a grade para que ela jamais pudesse ser reproduzida.

Uma terrível resposta recaiu sobre Conor durante uma visita a Seamus O'Neill em Belfast, durante a qual compareceram a um concerto que se encerrava com a Quinta Sinfonia de Beethoven. Enquanto ouvia, Conor imaginou-se o maestro, tentando interpretar o que o compositor

quisera expressar. Esse trabalho era extraordinário, claro, tão perfeito que o ouvinte não precisava de nenhum outro professor senão seus próprios ouvidos.

O que ele ouviu foi provavelmente a maior obra musical jamais composta. Era muito bem interpretada por uma orquestra inteiramente arrebatada por sua sublimidade e como que flutuando em conjunto.

O que Conor Larkin compreendeu naquela noite é que a arte, seja música, uma esplêndida obra de literatura ou uma magnífica pintura ou escultura, seguia uma linha de lógica absoluta, e nenhuma música composta antes por Beethoven era tão lógica quanto sua Quinta Sinfonia.

Um grande artista começa com uma linha sobre a tela.

Um grande escritor começa com uma linha sobre o papel.

Um grande músico começa com uma única, em geral simples, frase musical, como as quatro notas de Beethoven... e alça um vôo de lógica para sua finalização mística.

Mas, e os impressionistas do museu de *Lady* Caroline? A linha de lógica ainda estava lá, apenas dispersa pela luz ou exagerada pelo tom e pela expressão.

Havia muita arte, música e alguma literatura onde a linha da lógica estava quebrada ou nunca existira, e as palavras ou sons ou imagens que atingiam a tela não eram arte, mas uma antiarte de distorção. Conor suspeitava de que os quase-artistas destes casos eram pessoas de um talento menor, sem habilidade ou paciência — ou genialidade — para assumir a dilacerante tarefa de seguir a lógica até uma conclusão. Um homem genial, Van Gogh, manteve-se lógico enquanto pintava, mesmo em sua insanidade.

Os que não lograram registrar a linha simples terminaram produzindo sons cacofônicos ou uma lógica lamentavelmente distorcida na criação da antiarte.

Esses que se autoproclamaram artistas, que viveram na sombra de uns poucos poderosos, venderam sua discórdia, sua confusão e linhas tortuosas ao elemento erótico, também formado de pessoas menores. Estes, por sua vez, criaram uma linguagem ilógica para descrever arte e música ilógicas.

Ferreiros, pedreiros e homens que riscavam as paredes das cavernas eram tipos simples com ferramentas e armas de metal pesado. O artesanato primitivo em ferro batido era tosco, mas tudo começou com uma linha de lógica, porque era honesto.

Surge então um Jean Tijou e eleva a linha e a lógica a uma Quinta Sinfonia em ferro, uma grandiosa marcha ao topo da montanha, depois mais além, a síntese do gênio humano.

Quando Conor retornou de Belfast, encontrou aquelas linhas simples e singulares e seguiu-as na grade, em suas extraordinárias cascatas, e o mistério tornou—se cada vez menos ameaçador.

Duas vezes por semana, Conor chegava à mansão a cavalo antes do nascer do dia. Um tablado fora erguido e uma forja montada em uma lareira. Pouco depois de a majestosa casa começar a acordar, a Condessa fazia uma aparição matinal e eles discutiam o próximo passo do trabalho.

Os momentos que passavam juntos assumiam uma grande expectativa, à medida que ele desenrolava os desenhos, experimentava diversos tipos de escovas, produtos de limpeza, e explicava o que seus olhos incríveis viam.

Quando Caroline era uma garotinha, queria que seu pai a levasse ao estaleiro. Quando sua mãe morreu, e ela e o pai ficaram sozinhos, sua esperança renovou. Não se realizou. Ela se voltou para a música e para a arte. Tudo que fazia era satisfatório. Tocava um Chopin satisfatório, escrevia bem, pinturas eram agradáveis, mas sem o dom de Deus. Seu pai não podia comprar o dom, nem ela podia criá-lo.

Isso e a maldição de pertencer ao sexo feminino finalmente a impeliram a Paris, para refestelar-se no brilho dos gênios criativos, posar para eles, amar um deles, coletar migalhas de sua criatividade. Essa era a companhia que ela adorava. Podia ter ficado em Paris, mas Freddie recusava-se a casar-se de novo para tentar um herdeiro do sexo masculino. Por fim, o amor por seu pai levou-a de volta a Belfast, o começo de seu exílio para as colônias.

Durante algum tempo, enquanto restaurava a Mansão Hubble, podia esbarrar e respirar o mesmo ar que os artesãos importados, mas eles terminavam e iam embora. Seu único prazer agora era a pálida infusão de teatro e música que ela levava para Londonderry.

Aquele camponês estava lá e logo se tomou evidente para ela que devia ter sob seu patronato um homem de talento incomum. A medida que ele retirava Tustini e Schmidt da grade, o projeto levava-a de volta aos sonhos mais intensos de sua vida... testemunhar... inspirar... captar as vibrações cintilantes... viver no arrebol da criatividade.

Tanto Conor quanto Caroline compreenderam que tinham que manter trancada, em seus próprios compartimentos secretos, sua imaginação sem peias. Comportavam-se adequadamente, artesão e patrocinadora, com adorável decoro, íntimos em questões da grade, livres para rirem bastante juntos. Quando era necessário se tocarem, ao mostrar plantas ou subir no andaime, era feito de tal modo que uma casa que vivia de mexericos nada tinha sobre o que bisbilhotar.

Décadas de camadas de tinta desfizeram-se sob as contínuas experiências de Conor com misturas, ácidos e abrasivos suaves. O tempo, mãos inábeis, incêndio e tiros de canhão haviam deixado montes de ferro retorcido como algas marinhas. As vigas de madeira acima e os alicerces embaixo estavam em condições experimentais. Magníficas filigranas de folhas, vegetação, animais e nenúfares estavam mutilados ou faltando.

Pouco a pouco as falsificações foram retiradas. Foram removidas as seções implacavelmente lastradas, inspiradas no Valhalla, de Joaquim Schmidt. Foram removidos os delírios de um mestre italiano intrigado e acabrunhado.

As seções originais agora eram escrutinadas com lente de aumento, centímetro a centímetro, e começaram a voltar no tempo, em um renascimento de beleza. A cada seção, à medida que Conor adquiria confiança, o nível artístico aumentava. Cada vez que aumentava, Caroline percebia-o sem palavras. A comunicação silenciosa fluía entre o mestre, a grade e a patrocinadora.

Algo de bom estava ocorrendo e podia ser sentido em toda a mansão. Roger sentiu-o e deleitava-se em longas visitas, altamente impressionado, enquanto Conor explicava a lógica por trás de seus movimentos.

Além de Caroline Hubble e os próprios assistentes dele, Conor mantinha-se à parte do burburinho de vida de uma mansão. Quando o tempo estava bom, ele almoçava ao ar livre, embaixo de um carvalho inglês de mais de um século. No começo, deixavam que permanecesse sozinho, de modo que podia enfiar a cara num livro, mas logo isso foi rompido por Jeremy Hubble.

O adolescente Lorde Jeremy, Visconde de Coleraine e o eventual herdeiro do condado, estava totalmente embevecido com seu primeiro herói legítimo, o grande jogador de futebol gaélico. Jeremy, e mais tarde seus colegas de famílias preeminentes, ficavam zanzando em volta de Conor,

importunando—o para que chutasse e passasse a bola de futebol irlandesa de estranho formato e organizasse pequenas partidas.

Conor tentou afastar Jeremy, mas em vão. Quando o tempo estava ruim, o que era mais comum do que estar bom, Jeremy achava que o próprio Salão servia como um bom campo coberto.

Quando Conor retomava o trabalho, Jeremy continuava a rodeá-lo, procurando inutilmente ser útil. No começo, ele ia buscar e trazer ferramentas para o andaime. Depois, persuadiu Conor a ajudá-lo com seus deveres escolares.

Um dia, o aprendiz de Conor ficou doente. O Visconde de Coleraine saltou para cima do andaime e começou a bombear o fole, adorando o trabalho fuliginoso. Despido até a cintura, provou que não seria derrotado pelo esforço demandado pelo fole e logo sua ajuda indo buscar coisas, bombeando o fole e fazendo outros pequenos serviços tomou-se útil.

Não há nada que não agrade a respeito de Jeremy, pensou Conor. Que bom que um garoto pudesse crescer com tanta expansividade e manter um relacionamento amigável com os empregados, falando com eles como falava com sua mãe. Seu avô fora e continuava sendo um rufião e adorava Jeremy. Ele era quase como um garoto irlandês normal, natural, pensou Conor.

Conor disse a si mesmo para não deixar crescer uma amizade mais profunda. A separação deles era inevitável e pouco contato poderia haver depois que ele partisse. Não queria magoar o rapaz.

Após cinco meses, Conor terminou o que empreendera. A atmosfera do lugar mudou perceptivelmente enquanto ele arrumava suas coisas para ir embora. Uma noite antes de sua partida, Caroline procurou-o, uísque na mão, serviu duas doses e pediu-lhe para sentar-se em seu “escritório”, a mesa de refeitório.

— Quero que você fique e faça uma restauração completa — disse sem rodeios. — Se não puder fazê-lo, ninguém mais poderá. Também estou expressando o pensamento de Lorde Hubble e sem dúvida Jeremy concorda.

— Sinto-me bastante satisfeito com o que fizemos aqui, mas na verdade foi apenas um trabalho de reparos.

— Sua modéstia somente se iguala aos impressionantes argumentos que pretende apresentar. Como obteríamos vinte toneladas de minério Clanconcardy, a forja que tem para conduzir em Londonder... er, Derry. Terá

que destruir vinte moldes até encontrar o certo, et cetera. É o seu destino, Sr. Larkin — ela disse com sotaque irlandês. — O meu problema é o seguinte. Estamos nos aproximando do final do século. Pretendo realizar uma série de comemorações como nunca esta parte da Irlanda presenciou e...

— E você sempre consegue o que quer e quer isso mais do que qualquer outra coisa no mundo... *m'Lady* — disse Conor timidamente. — Tudo assumiria uma perspectiva diferente. Para terminar antes do final do século, eu teria que contratar uma grande equipe, de até doze homens, outro mestre-ferreiro para executar meu plano básico e eu mesmo.

— E você sempre consegue o que quer e quer isso mais do que qualquer outra coisa no mundo... *m'Lady* — disse Conor timidamente. — Tudo assumiria uma perspectiva diferente. Para terminar antes do final do século, eu teria que contratar uma grande equipe, de até doze homens, outro mestre-ferreiro para executar meu plano básico e eu mesmo.

— Ah, vejo que andou pensando no assunto.

— Claro que pensei. O suficiente para saber que é hora de parar.

— É hora de ficar. Eu li seus poemas, como sabe, sei que alimenta algumas apreensões sobre o simbolismo da grade e eu o afastei da Sala Celta. Tem medo de viver em dois mundos?

— Sei o que quero ser quando crescer — retorquiu Conor.

— Três anos aqui não iriam exatamente transformá-lo em um velho. Tem toda essa insurreição diante de si. Ou está com medo? Gastou todas as suas reservas nos consertos?

— *Lady* Caroline...

— Essa restauração fará de você um homem renomado. Sabe que nunca terá outra chance de trabalhar em algo assim. Se for embora agora, vai se arrepender pelo resto da vida. Provavelmente conhece Tijou melhor do que ele mesmo. O que o pobre Mozart faria se os futuros músicos se esquivassem de tocar suas sinfonias?

— Quer calar a boca um instante, dona! — Caroline fez o que lhe mandaram enquanto ele se ruborizava com sua explosão temperamental. — Ouça-me cuidadosamente... por favor — ele disse.

— Estou ouvindo.

— Isso é algo muito difícil de exprimir, portanto seja indulgente comigo agora. Tijou deve ter se apaixonado perdidamente pela Irlanda. Talvez fosse alguma mulher Os registros da igreja dizem que ele era um

rapaz com muita... bem... alegria de viver. Talvez tenha executado a grade com um fervor religioso. Veja bem, ele não fez isso no Castelo de Windsor... ou no Vaticano... foi feito num lugar remoto em um país remoto. Não se importava que as multidões viessem lhe prestar homenagem. Não se importava se não fosse vista novamente. Essa grade era algo entre Tijou e Deus. Ele poderia não gostar de me ver pisoteando sua sepultura.

— Acho que Tijou aprovaria... — não, ele adoraria.

— Não está ouvindo minha mensagem com cuidado — disse Conor impulsivamente. — Vejamos agora, como expressar-me. A maioria de suas grandes obras religiosas, e esta é uma obra religiosa, são de um ponto de vista de Deus olhando para baixo, aprovando ou desaprovando. Deus desafia o ser humano. Mas, na Quinta Sinfonia de Beethoven, era o ponto de vista de um homem contando a Deus a glória do homem. Esta grade é o homem erguendo o olhar a Deus e dizendo o quanto o homem é glorioso. Não é Deus olhando de cima para baixo em julgamento.

Ah, esse sujeito mágico, Caroline disse a si mesma enquanto Conor caminhava de um lado para o outro.

— Mas Deus é um sujeito inteligente. Não deixa que o homem o imite no nível mais alto, a menos que encontre um Beethoven ou um Michelangelo e permita que eles brinquem de Deus.

— Como Deus faz isso, Conor?

— Em algumas poucas pessoas que jamais abençoaram esta terra, Deus instilou nelas o Espírito Santo, em alguns por um breve instante, alguns por um momento shakespeariano. Jean Tijou foi transcendente quando fez esta grade, conhecendo momentos de sublime paixão como momentos de total insanidade. Quem pode saber o que se passa na cabeça de um homem como esse?

— Ah, Sr. Larkin, Conor, daria metade de minha vida para presenciar tal criatividade como uma parceira silenciosa.

— O seu Cézanne foi um desses mestres transcendentais, mas ele poderia copiar Renoir sem abandonar seu próprio caminho?

— Tendo posado para ambos, diria que sua análise é ingênua. Claro, eu era um pouco mais graciosa naquela época.

A sincera apresentação de Conor foi interrompida pela risada de ambos. Ela o deixara indefeso.

— Uma vez você disse que um terço de um Tijou arruinado valia mil Conor Larkin. Infelizmente, com o tempo você me ensinou que não só é

demasiado modesto, mas se você não for a reencarnação de Tijou, provavelmente pode tê-lo suplantado.

— Ora, vamos...

— Você tem que agarrar esse momento, Conor. Tem que seguir seu sonho porque não vai acontecer outra vez.

— Está me pedindo para pular da borda do mundo para o desconhecido.

— Bem, e você tem coragem, homem?

— Não sei.

— Bem, descubra se isso o deixa louco. Voe na vassoura de uma bruxa, uive contra o vento, quebre espelhos, cheire éter, fique bêbado. Eu o resgatarei. Mas, pelo amor de Deus, compreenda que é seu destino realizar esta obra.

E foi assim, então, um tapa de luva, o desafio final.

— Tenho um amigo que está vindo para Derry este fim de semana — disse Conor brandamente. — Não que eu concorde com ele em todas as questões, mas não me lembro da última vez que discordamos.

CAPÍTULO 23



O apito do juiz soou, marcando o fim do jogo, abençoadamente. O lugar parecia um campo de batalha. Conor Larkin ficara exausto forçando seus companheiros a alcançar e vencer um time de Sligo decididamente inferior.

De cara no chão, Conor mal podia mover-se, tão funda era a lama. Sentiu vários braços fortes agarrando-o, sob ele, e colocando-o de joelhos. Ao tentar limpar o sangue do nariz e desgrudar as pálpebras, caiu na lama outra vez sob os corpos dos seus companheiros que saltavam num lamaçal de vitória. A multidão correu das arquibancadas oscilantes e das linhas laterais e seus guerreiros enlameados sobre os ombros.

No bar de Nick Blaney, o médico do Bogside ia de um lado para o outro remendando os rapazes, aplicando o antisséptico *poteen* nos seus ferimentos enquanto derramavam cerveja sobre suas cabeças.

As apostas trocaram de mãos. Os perdedores de Sligo eram consolados no espírito do companheirismo, que reinaria pelo menos até que o primeiro insulto fosse seguido do primeiro soco, o que era apenas uma questão de tempo.

Conor exibia seu amigo orgulhosamente, Seamus O'Neill, agora um repórter credenciado no Belfast Telegraph, um jornal comercial. Fora do trabalho, Seamus alardeava seus ensaios republicanos, sua poesia e experimentava escrever peças teatrais.

Essa era a primeira vez que se reuniam desde a morte de Tomas Larkin. Como Seamus suspeitava, seu próprio pai, Fergus, que trabalhara ao lado de Tomas desde a infância, logo faria sua partida também.

A dor das contusões do jogo começaram a se insinuar através do entorpecimento. O nível da comemoração resumia-se agora em cantar baladas irlandesas. Os rapazes estavam cansados demais para uma briga. Conor e Seamus saíram sem ser notados.

Seamus encheu de água quente a banheira de Conor na forja, enquanto ele retirava metade da lama do Bogside de cima dele,

resmungando enquanto o fazia, depois se arrastou para o seu aconchegante apartamento em cima da forja e deixou-se cair no sofá enquanto Seamus assumia posição junto à garrafa de uísque.

— Luta difícil, luta difícil — disse Seamus.

— Eram um bando de brutamontes. Têm os malditos homens de Orange demais naquele time. Olhe só, pode imaginar, marcas de dentadas na perna e tenho uma no traseiro também.

— Parecia até o estádio de Dublin nas finais do campeonato irlandês.

Conor escorou as costas com algumas almofadas e colocou outra sob o braço para elevá-lo cuidadosamente.

— Essa garrafa não é um presente de Natal.

Seamus passou a garrafa.

— Um grande e poderoso jornalista é o que você é agora, hein?

— Não posso escrever nada de natureza republicana no jornal. Por enquanto, são casamentos e funerais e também cubro o lado católico da ronda policial.

— Então, como vão as coisas com as garotas? Encontrou alguma bem pequena para você?

— Ser um jornalista, ainda que um aprendiz, tem seus privilégios. Sempre tenho uma pelo braço. Gosto das bem altas para que meus olhos fiquem na altura dos seios. Sabe, Conor, ultimamente é como se eu tivesse ido para o céu. Durante quatro anos, os O'Neill e Belfast se revezaram me dando casa e comida, às vezes três em uma só cama. Felizmente, eu era suficientemente pequeno para poder me deitar quando tinha um closet particular, caso contrário teria que dormir em pé. Pode imaginar, meu próprio apartamento com uma geladeira e uma bomba d'água na minha própria cozinha, com o banheiro a um passo da minha porta. O único problema é que é preciso fazer rodízio com as garotas, especialmente as católicas. Logo que você deixa entrar, elas começam a rearrumar os móveis, a querer vesti-lo como um almofadinha, carrega-lo para a igreja e, Jesus, as famílias que têm. De qualquer forma, estou começando a pescar em águas protestantes. Estou ficando cheio de toda essa choradeira, ave-marias, confissão. E você?

— Vou indo — disse Conor.

— Sente falta de seu pai?

Conor assentiu com a cabeça e seus olhos encheram-se de lágrimas. Os dois amigos ficaram em silêncio por um longo tempo.

— Fui até Ballyutogue. Nunca achei que meu pai iria prosseguir muito tempo na estrada sem Tomas. Fergus não diz, mas está em sua voz. Ele se sente sozinho. Conviveram durante sessenta anos, lado a lado. Ballyutogue mergulhou em profunda tristeza.

E ficaram novamente em silêncio. Seamus indicou com um movimento da cabeça a primeira peça que ele escrevera e que estava sobre o aparador

— O diálogo é lindo — disse Conor —, os personagens funcionam bem consigo mesmos e entre si.

— Então, qual é o maldito problema com ela? — quis saber Seamus.

— Meu Deus, nanico, não sou nenhum crítico.

— Qual é o maldito problema com ela? — repetiu Seamus.

Conor resmungou enquanto se remexia no sofá. O semblante de Seamus se iluminou, como na época em que estavam na casa do pastoreio nas pastagens das montanhas e Conor começou uma dissertação.

— Quase todas as peças teatrais e os romances começam com uma ideia excelente — começou Conor.

— Sim.

— Digamos que a peça seja uma jornada que você está iniciando e Dublin seja o Primeiro Ato. O Segundo Ato é o meio da viagem, no meio do mar da Irlanda. Esse é sempre o problema.

— Que problema?

— Quando você saiu de Dublin não sabia se iria para Londres, Paris ou Amsterdam, então começou a andar em círculos e nunca chegou a seu destino porque não sabia qual era ele quando deixou Dublin. Seamus, você tem que saber qual é a fala final da cena antes de cair o pano... você tem que definir uma rota de Dublin a Paris e então sua peça torna-se lógica. Você pode ser lançado fora da trilha, mas quando você sabe que é Paris, você acaba chegando lá.

— Saiba sua fala final antes do cair do pano, saiba sua fala final antes do cair do pano, saiba sua fala final antes do cair do pano — Seamus ralhó consigo mesmo. — Claro.

— Não se deixe impressionar muito com isso. Você ficaria surpreso com o número de romances e peças que afundam no meio. Até Shakespeare

teve problemas com isso, às vezes ele simplesmente avançava e matava todo mundo em cena.

— Eu devia ter imaginado — disse Seamus.

— O que você disse no Segundo Ato, antes de se perder, acha realmente que haverá um levante contra os ingleses em nossa época?

— Sim, tenho certeza disso, Conor. Está saindo da esfera das cortes e do Parlamento numa direção inconfundível. O movimento é em direção às armas.

— O povo irlandês já está subjugado há muito tempo — disse Conor. — Ele aceita a miséria. Há um renascimento, mas é muito lento. Toda uma geração deverá passar até que surja uma nova que possa deflagrar alguma coisa.

— Talvez sejamos essa geração — disse Seamus.

— Andrew Ingram viu a peça?

Seamus sacudiu a cabeça negativamente.

— Sabe, eu queria que meu mentor a visse quase perfeita. Quando percebi que estava resvalando para um buraco, achei melhor que você a lesse. Quando ergui os olhos, Andrew havia partido. Foi um choque.

— Um choque terrível — concordou Conor —, algo profundo e assustador. Algo estranho, como o comportamento de O'Garvey ultimamente. De alguma forma, Kevin e Andrew estão ligados. Quisera saber do que se trata.

— Talvez seja melhor que não saiba. Tudo será jogado na sua porta um dia. Ei, vi Crawford do Belfast Boilermakers observando-o hoje. Alguma coisa em vista?

— Ele inspeciona o oeste todo ano nessa época. Tenho uma proposta para um período de experiência.

— O time de rúgbi de Frederick Weed — resmungou Seamus. — era o filho da Condessa de Foyle no banco do Bogside?

— Sim, somos o único time na Irlanda que tem um Visconde como o garoto que leva água para os jogadores.

— Você está ficando muito incestuoso com esse pessoal.

— Sabe por que pedi que viesse hoje? — disse Conor.

— Deixe-me adivinhar.

— Ela me pediu para completar a grade. Tomas e eu nunca chegamos a conversar sobre isso, mas ele pressentiu alguma coisa no ar e me enviou uma mensagem do seu túmulo via Dary. Dary me disse que eu

estava flertando com quinhentos anos de óleo e água que não se podiam misturar. Fiquei tempo suficiente na Mansão Hubble para ver uma face humana no inimigo. Tomas disse: diga a Conor para não deixar sua própria alma cair em desgraça diante de seus próprios olhos.

— Você é apaixonado por ela desde os doze anos. Está me dizendo que vocês dois vão manter as mãos longe um do outro por três anos?

— Você não quer me ouvir! — retorquiu Conor furiosamente.

— Foi para isso que vim, para ouvi-lo. Três anos em alguma coisa como a grade requer paixão — disse Seamus —, como escrever três peças.

— Você frequentou o Queens durante quatro anos para sair-se com um pensamento profundo como esse?

— Então, vá para a mansão e atormente-se. E quanto mais à vontade você se sentir com eles, mais atormentado ficará.

— E chama a isso ser sensato?

— Sim, chamo. Ficar atormentado porque nunca poderá esquecer quem você é e de onde veio e o que pretende fazer com sua vida. A cada dia com eles, você se afastará mais de nós e isso certamente o atormentará.

— Você não quer me ouvir — disse Conor.

— Estou ouvindo—o muito bem.

— Veja, isso tem a ver com o começo de uma reconciliação.

— Com Roger Hubble?

— Seamus, droga... é sobre... sobre... Jean Tijou não criou a grade como uma prisão. Metade de mim tem a ver com ferro forjado. Essa metade está me atraindo para a Mansão Hubble. Aquele pedaço de metal em brasa na minha mão resume toda a minha vida agora.

— Desde que a outra mão esteja no traseiro de Caroline Hubble. Suponha que a grade ficasse em Cork e não houvesse nenhuma Caroline Hubble?

— Droga!

— Pode realmente separá-la da grade?

Conor soltou o gemido do homem desmascarado.

— Talvez a grade realmente expresse o modo como me sinto a respeito dela. Talvez o único modo em que eu possa expressar meus sentimentos seja através da grade. Eu sei que uma energia, um espírito se apossou de mim... um desejo, se preferir, que só pode ser satisfeito quando eu tiver feito a restauração. Não posso controlar o que está me impelindo, Seamus.

— Então, eu aprovo — respondeu Seamus — e vou lhe dizer o que aprovo. Aprovo que, durante três anos, você se equilibre numa corda bamba, acima de um caldeirão fervente de luxúria.

— Bem—murmurou Conor —, vai ser preciso um grande esforço, não é?

— Sim. E se você não deixar que cada um fique onde está, você pode levar metade do Ulster a arder em chamas.

CAPÍTULO 24



1899

A restauração agora assumiu uma orientação inteiramente diferente. Saiu do domínio exclusivo de Conor Larkin e Caroline Hubble. Outro ferreiro-mestre foi importado da Inglaterra e uma equipe inteira foi treinada, para deleite das criadas.

Chegou-se a um acordo sobre uma estratégia global, bem como a uma tática para o dia-a-dia. A grade seria trabalhada em seções, o trabalho grosso pelo segundo mestre e pela equipe e, em seguida, fixada por talha. Somente Conor trabalharia na fixação das seções e faria o acabamento final.

Depois que chegaram aos moldes certos, através de tentativas e erros, a equipe adquiriu confiança sob a orientação dos mestres e os mestres adquiriram confiança em si mesmos. A cada dia faziam uma nova descoberta. A grade cresceu, quase imensuravelmente, mas em perfeita harmonia com o original.

O centro da grade chegou a ser quase um original de Larkin, porque nada restara do original. Conor teve não só que criar, mas também adequar-se e respeitar o trabalho original.

Tornou-se evidente que Tijou tinha em mente uma apresentação grandiosa e essa descoberta evoluiu e tornou-se tão importante quanto o minério Clanconcardy.

A nave, ou o comprimento do Salão Comprido, dava frente para leste e oeste. O lado sul do salão permitia a entrada do sol da manhã a leste e do crepúsculo a oeste, através de uma fileira de janelas tipo lanternim junto à cumeeira.

O Salão Comprido reformado era iluminado por quatro gigantescos candelabros, um em cada canto, em perfeita simetria. Cada qual sustentava dez dúzias de velas. Conor mandou abaixar os candelabros por roldanas e

enchê-los com velas delgadas, depois ergueu-os de novo. Passou ali várias noites estudando a luz. Havia alguma coisa errada.

Durante o dia, uma luz fascinante, difusa, azulada enchia o salão com a luz natural que vinha através dos lanternins. À noite, com as velas acesas, o salão e a grade submergiam nas sombras. Conor amaldiçoou Tijou, o destruidor de mestres! A luz da noite brilhava. A luz da aurora que a substituíra entrava como fantasmas através de uma neblina. O Salão Comprido transformava-se da pujança de homens de armadura da noite numa cortina de gaze acetinada do dia que fluía dos painéis escuros que revestiam as paredes e conduzia os olhos do observador em direção à grade... sempre a grade. Era transformação de sair de uma masmorra noturna para uma almejada nuvem no céu.

Conor ficava rondando a quinze metros acima do solo, naquelas vigas originais que haviam sido conservadas. Lentamente, a lógica de Tijou apossou-se dele, quando encontrou buracos de pinos que haviam sido arrancados Conor imaginou que eles deviam prender uma série de candelabros menores, em uma linha curva e a uma altura desconcertante, que imitavam a luz natural do dia.

Mandou fazer em sua forja alguns candelabros menores e fixou-os nas vigas originais. Novamente, passou noites em contemplação. Sim, a luz agora estava se tomando mais tênue.

Como a maioria dos problemas intrincados, foi resolvido com uma solução simples que estivera o tempo todo bem diante dele. Quando Conor fizera os reparos na parte original, não havia mexido na pintura preta e dourada. Agora, ordenou que fosse toda removida, até o ferro puro, deixando o toque final para suas próprias mãos.

O que surgiu foi o azul como do bronze de canhão, característico do minério Clanconcardy, provocando uma excitação não só tátil como também visual. Todo o ferro batido estava coberto de tinta e dourado para uma aparência surpreendente e monárquica, como também para evitar a ferrugem. A pintura certamente foi acrescentada muito tempo depois da morte de Tijou. O mestre quis a grade ao natural com algumas pinceladas de cores para realçar.

Glória! Glória! Glória! Glória!

Fiéis a seu acordo, Caroline e Roger deixaram Conor agir como queria quando reduziu a equipe e barrou a entrada ao Salão Comprido, com

exceção de seus homens. Essa exclusão compreendia todos na mansão, inclusive Jeremy e os próprios conde e Condessa.

Consumido pelo fervor de sua descoberta secreta, Conor mandou fazer em sua forja mais dois candelabros simples sobressalentes, um quinto do tamanho dos que havia originalmente no Salão Comprido.

Durante os quatro meses seguintes, Conor trabalhou sozinho durante a noite. Durante o dia, os melhores homens de sua equipe lixavam cuidadosamente e removiam a pintura com produtos químicos. A cada novo dia, Conor deslocava os doze pequenos candelabros um pouco para um lado, um pouco para o outro.

Alguns dos candelabros menores foram colocados por trás da grade no outro extremo da nave, de modo que a luz viesse de ambas as direções.

A velha mansão agora tinha algo sobre o qual fazer mexericos, pois um louco havia se trancado para andanças noturnas de lobisomem e dormia apenas em espasmos e sobressaltos durante o dia, a barba crescendo desgrenhadamente e as faces encovadas sob fundas olheiras. Os poucos que o viam diziam que ele estava inteiramente desligado do mundo.

Roger estava em Belfast quando Adam entregou um bilhete a Caroline

Prezados Lorde e Lady Hubble,

Agradeço terem aturado as minhas manias. A grade estará pronta esta noite para uma apresentação adequada.

Conor Larkin

E já não era sem tempo. Artífices ou não, a paciência de Caroline estava chegando ao fim.

Quando ela abriu a porta, todas as luzes elétricas estavam apagadas e o lugar estava banhado na luz de mil e quinhentas velas de uma dúzia de falsos candelabros curiosamente espalhados.

— Meu Deus — murmurou Caroline —, meu Deus.

Conor estava em um nicho, o olhar aturdido e coberto de suor.

— Está aí. Sr. Larkin?

— Aqui... olhe daqui...

Aconteceu, então. O suor de seu corpo e o perfume que agora ela sempre usava para seus tardios encontros se mesclaram. Ela sabia o que combinava com sua pele e ele lhe dissera sem palavras que queria seu

regalo noturno. Até aquele instante, nenhum dos dois sabia como o suor dele tornava o perfume dela ainda mais doce.

O Salão Comprido oscilava numa vibração de ondas... um navio singrando um mar de luz cobalto refletida da grade. Uma força irresistível impeliu-a a fitar a grade, para cima, para cima... de homem para Deus.

— Os candelabros grosseiros são apenas temporários... Farei outros decentes — ele balbuciou. — Veja como tudo se eleva às alturas...

Sendo irlandês e um tenor por tendência irlandesa, Conor encheu os pulmões e abriu-os num rompante.

— Você está cantando a nova obra de Puccini!

— Sim! Sim! Sim!

O dueto que formaram inflamou-se num doce som aveludado, alto, despreocupadamente alto, lamentavelmente não ensaiado para aquele momento,

Mas nada podiam ouvir, nada podiam sentir, nada podiam ver que não criasse êxtase. Depois, ficaram parados, fitando-se, arquejantes. Nenhum som agora, apenas a respiração dos dois. Conor começou a chorar e ela também começou a chorar.

Mantendo a pequena distância entre eles, tiveram que dar-se as mãos. Ela girou nos calcanhares e se afastou, fugindo do desejo ardente que se apossara dela de atirar-se em seus braços.

— Estou tão cansado que mal posso ficar de pé — disse ele, deixando-se cair numa cadeira.

— Você é um igual de Jean Tijou, melhor ainda — disse ela, deixando o aposento o mais rápido possível.

CAPÍTULO 25



Dias estranhos e tensos e noites insones seguiram-se ao término da grade para Conor no Bogside e para a Condessa na mansão. Seria bastante natural sentir-se abalado após a parada repentina de uma intensa rotina de três anos ininterruptos

Caroline, sempre uma pessoa e patroa agradável, tornou-se irritadiça. Sabiamente anunciou a Roger que estava exausta e foi passar algumas semanas com seu pai, que estava na folia em Monte Cario.

A volta de Conor ao movimento republicano na Sala Celta e a um sortimento de moças à sua espera encontrou ambas as causas decepcionantes. Na luz mortiça de seu apartamento, percorria seus livros em busca de palavras de conforto, mas sabia a causa de sua doença. Suas forças estavam exauridas, sentia-se vazio, não só pela realização do trabalho, mas pela repressão que se impusera por mil e um dias vendo a pele de Caroline, a fluidez de seus contornos, seus cabelos, seu perfume e sua voz, que fizeram com que ele aprendesse a dominar uma arte de falar com duplos sentidos.

Em sua forja, cometia na bigorna erros que não permitiria que um aprendiz cometesse. No campo de futebol, já não era um terror. Seu poder de concentração estava destruído.

Depois do segundo mês, Conor recebeu um bilhete entregue em mãos, solicitando que marcasse uma data para ir à mansão examinar a grade. Um retoque, sem importância, parecia ser necessário.

As portas do Salão Comprido abriram-se. Entraram num lugar que agora possuía aquela aura suntuosa própria das grandes criações. O rendilhado de ferro irrompeu brandamente, silenciando-os.

— Eu realmente fiz isso? — disse ele finalmente.

— Com certeza sente uma grande falta dela.

— Como uma amputação. Passei a ter um grande respeito pelo escritor que trabalha três anos em um romance.

— Eu deveria ter percebido a perda que seria. Saiba que tem direito a visitas sempre que quiser.

— Não pensei que ficaria tão exausto. Estou sendo empurrado no campo de futebol.

Conor passou ao trabalho de retoque.

— Maldita umidade do Ulster — balbuciou —, mas deve durar alguns séculos...

— Impedindo o avanço da revolta — disse ela.

— Vou treinar uns dois empregados seus para manter o brilho e especialmente eliminar pontos de ferrugem. Também vou colocá-la numa programação de inspeções regulares. O peso vai provocar alguns deslocamentos, falar na umidade, pinos e todas as partes entrelaçadas. Todos terão que aprender a conviver uns com os outros.

— Estou tendo o mesmo problema — disse Caroline. — Isto é, a rotina aqui mudou tão drasticamente...

—A minha também.

—Conor, *Sir* Frederick repetiu a oferta que lhe fez, através de mim. Está absolutamente convencido de que deve ser o seu patrono. Ele gosta da ideia de ser um Medici. Tem algumas encomendas em mente e Deus sabe que Belfast precisa do seu tipo de trabalho. Ele também está montando cascos de supertransatlânticos de passageiros e acha que você poderia fazer maravilhas nos aposentos luxuosos.

— Há muito tempo, quando deixei Ballyutogue, pensava em me tornar um nômade por algum tempo. De certa forma, agora se tornou difícil para mim enxergar além de Derry.

— Há uma outra razão — disse ela.

— E qual seria?

— Como sabe, ele é o dono do Boilermakers. Ele tem mandado olheiros aos seus jogos. Todos concordam em que você daria um grande jogador.

Conor sorriu e encolheu os ombros. Lá vão eles, apossando-se de você, pensou. Uma certa culpa por ter abandonado seu povo no Bogside apoderara-se dele. Na verdade, vira Dary e deixara escapar que se sentia envergonhado de si mesmo.

— Sei o que está pensando — disse ela. — Está pensando; “Não sou seu *paddy* doméstico.”

— Onde está Jeremy? — Conor desviou a conversa. — Não foi ao treino na semana passada. Achei que eu mesmo deveria lhe contar a novidade. Ele conseguiu entrar para o time de juvenis do Bogside.

— Está brincando?

— Ele é rápido, muito rápido, e adora jogar-se contra as pessoas.

— Isso vai abalar a casa até os alicerces. — Riu. — Jeremy está em Kinsale com o pai e Christopher velejando e pescando tuBarão.

— Rapaz de sorte.

— Ele detesta os dois esportes, mas sabe, o velho pai e o filho, essas tolices. Ele realmente sente falta de você, Conor. Sua mão no ombro dele é uma das coisas mais poderosas que lhe aconteceram.

— Continuaremos bons amigos. Ele é uma pessoa muito aberta.

— Ao contrário de Christopher e Lorde Hubble Jeremy nunca conduzirá as Oficinas de Navios e de ferro Weed. Christopher foi feito sob medida para esse trabalho. Jeremy será um conde de cerimonial sob uma supervisão rígida, ele é amigável demais, simples demais, você sabe. Roger sempre achou que eu tive Jeremy para fazer meu pai feliz — disse Caroline vivamente.

— Por que está me contando isso?

— Porque você se tomou um amigo querido e não quero que meu filho o perca.

— Nós podemos acabar nos magoando mutuamente, você sabe.

— Bem, esse é o risco que se tem que começar a correr se queremos começar a mudar as coisas nesta província maluca. Você conquistou seu respeito e afeto. Se vocês dois não podem ser amigos, quem mais poderá?

Com todos os ensinamentos republicanos que povoaram seus anos, Conor raramente ouviu, e muito menos acreditou, que a classe dominante viesse algum dia a fazer alguma espécie de acomodação. Entretanto, ele, Caroline e Jeremy o fizeram. Seria uma outra porta a ser aberta... ou seria um modo inseri-lo no sistema? Sem dúvida, Caroline tinha boas intenções, mas o mesmo se daria com Roger Hubble e sua classe?

Há outra razão para eu ter pedido que viesse aqui hoje — continuou Caroline.— Tenho um pequeno serviço que gostaria que você considerasse. Temos uma pequena casa de campo nos montes Urris, a cerca de uma hora a cavalo daqui.

— Ah, conheço esse lugar, de longe. Quando era pequeno e pastoreava o rebanho nas montanhas no verão, meu amigo Seamus e eu

podíamos ver a cabana.

— Quero algumas grades nas janelas e um portão e uma cerca mais fortes. Está disposto a uma cavalgada?

Conor galopava atrás dela representando um sonho de infância. Ela cavalgava bem, no começo. Não como as principais damas de sua classe, mas satisfatoriamente. A blusa ampla, os cabelos soltos e o modo de montar como homem e não de lado como as mulheres, emprestavam-lhe uma presença marcante. Conforme atravessavam bosques e cruzavam regatos, ela se revelou.

O lado rebelde de Caroline explodiu! Era a Caroline oculta rompendo as rédeas. Conor recusava-se a dar ouvidos a seus próprios sinais de aviso o canto da sereia envolveu-o quando soltou as rédeas de sua montaria.

A cabana era pequena, mas impecável, com a elegância de um condado impressa em toda parte. Uma vez lá dentro, Conor compreendeu que aquele era o refúgio particular de Caroline. As cabeças de animais empalhadas haviam desaparecido na transição de um lugar masculino destinado à caça de vendas para um caso sensual.

Caroline sabia que era insignificante no que dizia respeito a artistas, mas ali podia livrar-se de suas frustrações. Suas pinturas seguiam linhas ruins, mas explodiam com um componente erótico indiscutível. Uma biblioteca pequena, mas seleta, falava de deuses fazendo amor e de homens e mulheres imitando os deuses de todas as formas. O aposento era suavizado pela seda e o assoalho era recoberto de convidativos tapetes de pele.

Conor ficou um pouco nervoso quando seus olhos percorreram o aposento. Não havia boatos de qualquer espécie sobre o envolvimento de Caroline em infames encontros ou infidelidades. Aquele lugar era extravagante. Conor não era o único que sabia brincar com luz e sombras. Certamente, ela levava seu marido ali e isso de repente o perturbou.

— Bem, você quer colocar grades nas janelas para manter os caçadores clandestinos fora daqui ou para prendê-los aqui?

— Proibi a caça até onde se possa ouvir ou ver desta cabana. Quanto aos salmões, não me importo se os ladrões deixarem os riachos secos. Quero ficar sozinha aqui e enlouquecer como você o fez há três meses. Sim, Roger às vezes vem aqui e às vezes somos iluminados por um instante, mas eu sempre vou embora insatisfeita. Alguma pergunta?

— Estava muito orgulhoso de mim mesmo no dia em que deixei a Mansão Hubble—disse Conor. — Achei que saíra de tudo isso livre. Praticara a repressão de um santo. Mas eu subo as escadas para o meu sótão, apago o lampião toda noite, agarro as bordas da cabeceira de minha cama e meu corpo treme. Ainda sou um prisioneiro, como tenho sido desde os doze anos.

Esses últimos dois meses foram piores do que os doze anos juntos. E esses últimos três anos devem ter sido amenizados pelo mero fato de poder vê-la.

— Bem, meu querido, não precisa esperar mais.

Encaixaram-se nos braços um do outro como se seus corpos tivessem sido moldados na oficina de um mestre, à perfeição, e ele a segurou como a uma ave rara, sem esmagá-la e sem deixar que se soltasse. Balançaram-se ternamente, balançaram-se e suspiraram, suspiraram mais fundo e apertaram-se um pouco mais.

— Às terças-feiras — disse ela —, você sempre trabalhava até tarde. Sabia que estaria sozinho à noite e eu esperava o dia inteiro com o coração na boca até sua equipe ir embora, depois eu saía para a varanda e observava-o lavar-se e vestir novamente a camisa.

— Eu sabia que você estava observando — disse ele.

— Sei que você sabia, e não fazia a menor questão de apressar-se.

Todo aquele furor veio à tona na forma dos mais ternos beijos e carícias. A fome era grande e tinha que ser alimentada lentamente. Os braços de Conor eram o aço e o veludo da grade, força e ternura. Ele não era o romano narcisista nem o parisiense autodestruidor. Conor Larkin era algo inteiramente novo.

Ele era a Irlanda misteriosa, tão carente e tão digna de compaixão. Mas esse rapaz não afogava isso na bebida. Deixava que escorresse nas doces e turvas palavras de sua poesia, os poemas que ela nunca vira.

Seus corpos fundiram-se, moldaram-se, provaram-se, acariciaram-se.

Vamos, meu rapaz, tenho algumas coisas próprias a lhe mostrar... e vou lhe mostrar...

Ela recuou.

Venha pegar, ela pensou... lentamente... até a borda...

Ela se virou, caminhou até onde a lareira a impedia de prosseguir, encarou-o e abriu sua blusa, expondo os seios para ele admirar. Ainda eram

magníficos, quase como os de uma donzela.

Agora, tome-os em suas mãos, Conor, nenhum presente será tão glorioso... apenas estenda as mãos... tome-os agora... estão suplicando o toque de suas mãos, Conor.

— Estamos ardendo em chamas desde o primeiro dia em que você pisou na minha forja. Estou inteiramente atordoado de paixão, Caroline. Não deveríamos ter deixado que isso acontecesse.

— Não quero ouvir nada dessa maldita culpa católica agora! — Ela tomou suas mãos e colocou-as sobre ela. Seus polegares e indicadores roçaram os bicos de seus seios e eles se intumesceram... e ele se abaixou e provou-os como se fossem os mais preciosos seios, como os de uma estátua perfeita.

Uma sensação intensa e inebriante percorreu-a, sentida dos dentes às coxas. Agora, era sua mão, curiosa e experiente, encontrando-o. Agarraram-se pelos cabelos, mordendo-se um ao outro.

— Ah, você é algo especial, homem — disse ela arquejante —, muito especial.

Ele tentava desvencilhar-se delicadamente, afastar-se dela.

— Não, não, não, não...

As unhas de suas mãos arranhavam suas costas, deixando-o indefeso. Rasgou a camisa dele e sua boca lambia os belos músculos de seu pescoço e ombros.

Conor deixou-se cair de joelhos...

Caroline afrouxou seu abraço e ficou acima dele.

— Está bem, Conor, vá embora se puder. Tem sua princesa agora...sinta-me... estou toda molhada... estou explodindo por dentro, só de vê-lo tocá-lo.

Conor dobrou-se sobre si mesmo e estremeceu.

— O que quer de mim, meu Deus! — gritou.

Caroline ajoelhou-se diante dele, retirou suas mãos de cima dos olhos, Ele estendeu os braços e tentou fechar sua blusa.

—Está com medo!

— Tenho pouco a perder, Caroline, mas tenho medo da devastação que vamos causar. Se atravessarmos esta linha, estaremos num caminho sem volta para o inferno. Se fôssemos apenas eu e você, eu a atravessaria. Isso pode acabar matando centenas de pessoas que nem conhecemos. E seus filhos? Seu pai?

— Não me importa o que aconteça!

— Tudo que podemos fazer é ficarmos juntos em espírito, Caroline. Veja, o triste em relação a nós dois, é que os astros estão inteiramente contra nós.

— As experiências mais intensas de minha vida foram os nascimentos de meus filhos. Sinto essa intensidade por você, só de olhá-lo durante três anos. Não somos o primeiro homem e mulher que se arriscaram. Para o inferno com o que possa acontecer. Eu o quero, Conor!

— E você sempre consegue o que quer!

Caroline pôs-se de pé.

É mesmo? É mesmo? Acredita que o arranjo de meu pai com Roger e quatorze anos de fidelidade são o que eu queria? Acha que ser a rainha de barro do oeste é o que eu queria? Ah, sim, eles me deixam brincar com minhas cortinas e banquetes e concertos para manter viva sua aliança suja e eu carrego esse asco dentro de mim por fazer o jogo deles. Uma vez, Conor.. agora... agora...

— Você é egoísta, Caroline. É uma mentira que nunca se dissipará.

— Conor.

— Você nunca pensa em ninguém a não ser em você mesma?

O desejo fora manchado, mitigado, e a confusão e a futilidade estabeleceram-se. Conor dirigiu-se ao sofá e deixou-se afundar ali. Ela se ajoelhou e descansou a cabeça em seu colo. Ele acariciou seus cabelos amorosamente.

— Isso é mais minha culpa do que sua — disse ele. — Queria que você se apaixonasse loucamente por mim pelos motivos errados. Para infligir a dor mais atroz em Roger Hubble e toda a sua laia. Mas, veja, Caroline, eu fracassei porque me apaixonei perdidamente por você. Olhe para mim.

Ela ergueu os olhos para ele.

— O mais engraçado — sussurrou ela — é que tudo que eu precisaria fazer era ter um ataque de cólera, só para deixar claro que eu posso ter o que quiser, não que eu particularmente o deseje. Você é o único homem a quem eu realmente quis.

— Graças a Deus que a fantasia é perfeita. A fantasia é pura. A realidade entre mim e você anuncia desgraça.

Quando Conor se levantou e fechou sua caixa de ferramentas, ela também se pôs de pé, desabotoou a saia e ficou nua, afundando-se em

seguida em um grosso tapete de pele coberto de almofadas de seda, chamando-o com seu corpo. Ele a olhou, aquela única vez, para que aquela visão o acompanhasse pelo resto da vida, depois se ajoelhou junto dela novamente.

— Está errado — disse com firmeza, cobrindo-a com uma manta.

Caroline agarrou-o pelo braço.

— Conor — implorou.

Com firmeza, seguro de si, Conor desvencilhou-se.

— Saia daqui, caipira! — gritou ela, esbofeteando-o e enterrando-se nas almofadas.

Ele recuou e dirigiu-se para a porta.

— Conor! — gritou ela. — Não vá!

Caroline ouviu a porta fechar-se devagar e ergueu os olhos. Ele fora embora.

— Conor — sua voz gritou atrás dele —, volte! Está me ouvindo!
Conor! Maldito! Volte!

CAPÍTULO 26



Virada do Século

Em plena gravidez, Atty Fitzpatrick estava tão próxima de representar a “Mãe Irlanda” quanto um mortal poderia estar. Carregar um filho no útero e dá-lo à luz mostrou-se mais simples do que fazer malabarismos com ele pendurado nos quadris durante os comícios ou balançar o berço com a mão esquerda enquanto segurava um script para ler à noite.

Seu primeiro filho, Theobald, foi seguido dentro de dezoito meses por Rachael. Eram a família republicana “real”.

Nunca faltaria à Irlanda uma questão para lutar enquanto houvesse um soldado britânico em seu solo. Desmond estava assoberbado de casos, mas os honorários legais para as causas republicanas eram escassos ou inexistentes. Entretanto, Desmond parecia alheio à necessidade de cobrá-los. Ficava por conta da herança de Atty e de seu trabalho de atriz a responsabilidade de manter a despensa da família cheia.

Naquela época, ele trabalhava desesperadamente para evitar que o Partido Irlandês fosse extinto depois da crucificação de Charles Stewart Parnell por seus inimigos políticos, com a inteira ajuda dos bispos irlandeses. Parnell cometeu a temeridade de viver e ter filhos com sua amada, Kitty O’Shea, que não podia divorciar-se de seu pérfido marido.

Ele continuava a lutar por uma Lei de Autonomia para a Irlanda que iria libertar o país, ainda que parcialmente. Des foi uma das forças por trás do boicote do partido ao Jubileu de Diamante da rainha Vitória.

A afronta irlandesa à velha rainha, que ainda dormia sob o retrato de seu falecido marido e mantinha as roupas dele arrumadas após 35 anos de sua morte, deve ter feito soar um tom de gravidade na Inglaterra. A mensagem era óbvia. A primeira colônia da Inglaterra não estava integrada

nem apaziguada depois de mais de três séculos de ocupação, centenas de leis de subversão, atos forçados de união com a ilha principal, uma grande fome e medidas reservadas somente para os irlandeses.

Longe da Irlanda, uma outra advertência ainda maior foi deflagrada, no Transvaal, na África do Sul. Cecil Rhodes era a síntese do imperialista. Com um golpe atrevido nas minas de ouro do Transvaal, ele tentou incorporar dois territórios habitados por bôeres holandeses em uma “união” agora aceita com a Grã-Bretanha. Foi impedido pelo exército bôer.

Os ingleses atentaram para o fato de que não tinham preparado um exército moderno em quase um século, desde Napoleão, e foram obrigados a convocar unidades de todo o império até conseguirem reunir meio milhão de homens.

Embora as forças terrestres bôeres fosse uma fração do tamanho das forças inglesas, suas táticas de guerrilha obrigaram Lorde Kitchener a subjugá-los de uma maneira brutal, usando a tática de terra arrasada. Mandou enormes contingentes de bôeres, a maioria mulheres e crianças, para o que denominava “campos de concentração”, onde as condições eram tão deploráveis que dezenas de milhares morreram de fome ou doença.

Na Irlanda, a situação aflitiva dos bôeres trouxe de volta vívidas lembranças da grande fome da batata. Em Dublin, Atty Fitzpatrick chefiou o Comitê do Transvaal antibritânico do país.

Embora boas e antigas brigadas imperiais irlandesas lutassem pela Coroa, havia o grupo usual de voluntários irlandeses no outro lado.

Um colega de Atty, o jornalista Seamus O’Neill, foi para o Transvaal como correspondente de guerra de uma associação de jornais e revistas irlandês-americanos. Ganhou enorme notoriedade quando expôs os horrores do campo de concentração Bloemfontein.

Atty recebeu então a notícia inesperada de uma nova gravidez. Ia faltar-lhe um quadril para levar sua família de um lado para o outro. Theo e Rachael carregavam cartazes desde que aprenderam a andar e suas primeiras palavras não foram mamãe e papai, mas os nomes de mártires irlandeses. Tudo funcionara bem até Emma nascer.

A despeito de três choros de crianças, não era hora de Atty desacelerar o passo, uma vez que o renascimento gaélico estava em pleno desabrochar, com a nova causa dos bôeres para abraçar. Palavras, a mais dinâmica, penetrante, sarcástica e maldita das armas irlandesas, choviam de

seus palcos, saltavam das colunas que às vezes escrevia e dos palanques dos comícios iluminados com tochas.

Quando os ingleses acrescentaram o Transvaal ao seu império, os irlandeses que retomaram reacenderam a própria luta da Irlanda contra os ingleses.

Um jornalista chamado Arthur Griffith formou um novo e agressivo partido político chamado Sinn Fein, que significava “Nós sozinhos”, um primeiro passo político de repúdio ao inepto Partido Irlandês. “HOME RULE!” era seu grito de guerra.

Desmond Fitzpatrick e a batalha judicial foram a primeira arma do ataque irlandês. Arthur Griffith e o Partido Sinn Fein tornaram-se a segunda.

A terceira arma, a revolta armada, chegou na forma de Long Dan Sweeney sorrateiramente trazido de volta ao país. Era um herói folclórico menor, uma relíquia dos desastrosos levantes fenianos e residente de meia dúzia de prisões inglesas, onde sofreu todo tipo de humilhações.

Sweerney trabalhara no mundo inteiro, onde quer que um punhado de irlandeses com disposição para a luta se reunisse. Mantinha acesas as chamas da rebelião, por mais apagadas que estivessem. Eram os ossos à mostra do eterno revolucionário. Não tinha *slogans* nem amores. Fora condenado pela igreja por causa de um crucifixo sempre pendurado acima de seu catre onde quer que passasse a noite.

Com os tribunais já em luta com os ingleses, a PALAVRA política e a ARMA rebelde voltaram à Irlanda na forma de Arthur Griffith e Long Dan Sweeney.

Nesse cenário, Seamus O’Neill fez sua reentrada com uma excelente reputação por causa da Guerra dos Bôeres. Foi imediatamente empregado pelo *Dublin Journal*, um grande jornal diário inclinado para o lado republicano, mas muito mais interessado em cavalos.

Seamus alugou um apartamento no perímetro de Liberties, com a Cervejaria Guinness de um lado e o dominante Castelo de Dublin do outro. Era uma aquisição bem-vinda e imediata ao renascimento, e Des e Atty Fitzpatrick retomaram o contato que haviam feito com ele através do comitê do Transvaal.

Claro, Seamus O’Neill de Ballyutogue, um raro católico educado com bolsa de estudo no Queens College, um herói correspondente de guerra

e um esgrimista com as palavras, logo se tomou uma verdadeira preciosidade em Dublin.

Além de cobrir seu setor para o *Journal*, derramava ensaios para os jornais e periódicos irlandeses nos Estados Unidos e deixava que Atty Fitzpatrick soubesse que uma peça estava sendo escrita.

Seamus O'Neill, um homem que circulava nos bares, nas pistas de corrida de cavalos e no teatro, vivia uma outra vida. Assim que foi possível, entrou em contato com Long Dan Sweeney e tomou-se um membro secreto da ilegal Irmandade Republicana Irlandesa.

Desmond entrou na sala de jantar para cumprimentar rapidamente a família, depois se recolheu à biblioteca com seu prato. Isso fazia parte da rotina dos Fitzpatrick. Atty dedicou mais uma meia hora aos filhos, em seguida os mandou subir para dar boa-noite a Des e depois foi reunir-se a ele, dando graças a Deus que o teatro estivesse fechado naquela noite.

Nem sempre era assim. Ambos esforçavam-se para proporcionar companheirismo e conforto às crianças. Havia estabelecido uma programação de leituras e discussão para mantê-los unidos.

Aos doze anos, Theobald já fazia trabalho de aprendiz de secretário para seu pai, capaz de encontrar seu caminho na biblioteca de Direito.

Rachael passou toda a sua infância brincando e usando sua irmã, Emma, como sua boneca viva e aproveitando horas valiosas no guarda-roupa de teatro de sua mãe. Não mostrava nenhuma inclinação para ser qualquer outra coisa além de uma menina que gostava de ser uma menina.

Eram bem-comportados e circulavam à vontade no meio de uma multidão de adultos nos salões de discussão, debates e leituras de poesia.

Os momentos supremos eram as viagens da família a Lago Clara e havia sempre uma viagem programada. Andar a cavalo com mamãe, pescar com papai e ficarem se conhecendo melhor em volta da lareira faziam parte do programa.

Quando Des chegava apressado como naquela noite, as crianças sempre temiam um repentino cancelamento do passeio a Lago Clara. Theo subiu à biblioteca e atçou a turfa do fogo para eles. As coisas pareciam cheias de restrições ultimamente. Theo sabia-o pela irradiação da tensão, a rapidez com que falavam e a curta duração de sua tolerância quando alguma coisa estava fora de lugar.

Quando Rachael entrou conduzindo os irmãos, seus pais beijaram-nos apressadamente enquanto Des engolia o conteúdo de seu prato,

acompanhado de uma forte dose de uísque.

— Vamos cancelar a viagem a Lago Clara da semana que vem?—
perguntou Theo da porta.

— Por mim, ainda está de pé — disse Des, para alívio de seu filho.

— Nós iremos — assegurou Atty.

Quando a porta se fechou, eles aplacaram a óbvia tensão com mais um gole da garrafa.

— Esse seu julgamento vai entrar pelas nossas férias?

— Ah, o estado de espírito em Four Courts parece ser conciliatório ultimamente. A segunda versão da Lei de Home Rule está pronta para os Comuns. Eles sempre se mostram gentis. Suspeito que haja um acordo em andamento. — Des tirou os óculos e esfregou os olhos. Estava exausto.

— Você realmente precisa de uns dias no lago Clara — disse ela. Se o julgamento demorar, retiraremos as crianças da escola e levaremos um tutor conosco.

— Isso pode ser um pouco difícil para Emma — disse Des.— Ela está começando a se adaptar à escola.

— Nunca foi problema no passado — respondeu Atty. — Theo e Rachael são as crianças mais inteligentes de Dublin.

Des olhou para a pilha de súmulas diante dele.

Atty tinha o ar sombrio.

— O que está acontecendo? — perguntou diretamente.

— Encontrei-me com Seamus O’Neill hoje — respondeu ela.

— Como vai sua peça?

— Não foi a respeito da peça.

— Então é você, e não eu, quem está voltando atrás sobre Lago Clara?

— Droga, Des, deixe-me chegar aonde quero do meu próprio modo. Ela conseguiu sua atenção irrestrita.

— Des, seria muito ruim se você levasse as crianças com uma babá e um tutor? Talvez eu possa unir-me a vocês para um fim de semana prolongado.

— Não gosto disso, e as crianças também não irão gostar.

— Obviamente, eu também não gosto disso. Há uma coisa aqui em Dublin que precisa de uma decisão.

— Sim?

— Seamus O’Neill tornou-se a ligação pessoal de Arthur Griffith em algumas questões supersensíveis do Sinn Fein.

— Arthur não está mais falando com seus amigos?

— Em determinadas questões, ele sente que um elemento de ligação seria o melhor procedimento.

Des farejou imediatamente do que se tratava.

— A Irmandade Republicana Irlandesa, talvez?

— Sim.

— Então é verdade que Long Dan Sweeney está de volta à Irlanda?

— Sim. Obviamente, Arthur e o Sinn Fein não podem envolver-se diretamente com uma organização clandestina, mas precisam ter contato diário com eles.

Des compreendeu muito bem.

— O Sinn Fein e a Irmandade devem coordenar a política básica em absoluto silêncio. Seamus O’Neill está no Conselho Supremo da Irmandade. Ele será o mensageiro entre Arthur e Dan Sweeney.

Des sabia aonde Atty queria chegar e ficou cauteloso. À medida que a Irmandade começasse a atuar, o círculo interno tinha que ser ainda mais fechado... confiável... extremamente cauteloso, ou seriam esmagados pelos ingleses antes de começar.

— A Irmandade acha que aprendeu muito com as táticas dos bôeres e que um novo tipo de guerra urbana pode ser arquitetado de modo que algumas dúzias de homens bem colocados possam forçar os ingleses a mobilizar centenas, senão milhares de soldados.

— Pelo amor de Deus, Atty, isso é bravata de botequim.

— Dan Sweeney diz que uma cidade tem muitos pontos vulneráveis, a menos que sejam fortemente guardados... docas, prédios governamentais, estações elétricas, pontes... e principalmente, seus homens têm cento e uma casas para enterrarem as armas e se esconderem. ^

— Que parte da população apoiará isso?

— O suficiente.

— Bem, se alguém pode deflagrar isso, esse alguém é Sweeney.

— Eu também penso assim — disse Atty. — Com o *momentum* renascimento está criando nas cortes, através do Sinn Fein, com homens bem treinados na Guerra dos Bôeres, a Irmandade pode prosseguir com seus planos.

— Ora, você está errada. Onde a Irmandade vai encontrar armas? Onde os homens serão treinados?

— Lorde Louis — disse ela, referindo-se a um excêntrico aristocrata de tendências republicanas — abriu parte de seu baronato para treinamento. Como sabe, fica tão escondido nos recônditos de Connemara que até o vento tem dificuldade de entrar e sair.

— Bem, macacos me mordam, pensei que Louis de Lacy não passasse de um diletante de salão.

— Des, há dois mil rifles desviados da Guerra dos Bôeres enterrados numa mina de carvão perto de Bradford. Sweeney está elaborando um plano para trazê-los para a Irlanda.

— Minha Nossa Senhora! Está brincando comigo, Atty?

— Dois mil rifles da Guerra dos Bôeres, novinhos.

Pode me dizer o que os senhores Sweeney, O'Neill e Griffith têm em mente para a minha querida?

— Tanto Arthur quanto Long Dan querem que eu me filie à Irmandade como membro do Conselho Supremo.

— Ora vejam só, isso merece um brinde.

A mente de Des fervia. Finalmente, teria que haver um confronto com os ingleses. Long Dan Sweeney certamente era o homem para trazer a Irmandade de volta. Arthur Griffith tinha que trabalhar em conjunto, mas nunca poderia deixar que o Sinn Fein legal fosse flagrado na cama com a Irmandade clandestina. Seamus O'Neill era a ligação perfeita...

E então veio a parte dolorosa de sua lógica. Atty Fitzpatrick no Conselho Supremo da Irmandade Republicana Irlandesa era simplesmente um golpe genial.

— O que quer que eu diga? — perguntou Des com uma fraqueza incomum. — O que tenho feito no campo legal e com as leis e o que todos os oradores e escritores têm feito não passam de brincadeiras de criança. Ninguém sai ferido. Ah, mas a Irmandade! Chegou a hora, querida Irlanda, de começar a derramar um pouco de sangue. O que devo dizer? O papel de minha mulher em toda essa retórica termina quando atores são chamados pela última vez ao palco do Teatro dos Mecânicos? Vai ser uma bomba, rapazes, mas não com a minha mulher. Que argumentos gostaria de ouvir de mim, Atty? Já exigimos demais de nossos filhos sem precisarem ter a mãe balançando na forca. Por favor, dê-me um bom argumento.

— Por Deus, Des, está tentando me fazer sentir desleal.

— Quando que o bastante é o bastante? Já não demos demais ao movimento sem isso?

— Então diga não.

— Prefiro lhe dar simples e diretas razões de família para você voltar atrás

— Nunca o considere um tigre de papel, Des.

— Pare com isso. O problema com os irlandeses é que estamos intoxicados demais pelo modo como começamos este século. Mas esta não vai ser nenhuma Guerra dos Bôeres. Esses ingleses filhos-da-mãe nos dominam há sete séculos e não será a primeira vez que tentaremos resolver isso com luta armada. Toda vez que ensaiamos um levante, termina em desgraça. O que a fez pensar que agora será diferente? Este país está infestado de ingleses fanáticos e ainda mais infestado de *paddies* covardes que continuarão a fazer o jogo sujo dos ingleses em troca de dinheiro e de um emprego no governo.

— Obrigada, Des, muito obrigada. Eu realmente precisava ser lembrada disso. Já havia me esquecido completamente.

— Atty — disse ele em voz rouca —, tenha piedade. Até agora, com todos os nossos subterfúgios, temos conseguido viver sem medo em nossa vida cotidiana. No instante em que você coloca a mão numa arma e na Bíblia, o medo se instala. Medo por Theo, por Emma, por Rachael. Medo de quem esteja observando nossa casa do outro lado da rua. Medo de quem esteja nos espreitando.

— Então diga não, Des.

— Não a quê? Tire os Fitzpatrick de cena, os soldados mais oportunistas que a Irlanda já teve. Assim que tentamos enfiar algumas pistolas no sutiã de Atty, eles saem correndo... vão viver em Londres ou algo parecido, não é assim?

— Pare de se torturar. Nós dois sabíamos que estávamos caminhando para isso desde o dia em que nascemos.

— Pare... pense... Tudo se resume em apenas uma coisa: vale os nossos três filhos?

— Devemos acordá-los e perguntar a eles?

— Bem, para que se dar ao trabalho de me perguntar? Você já decidiu. Atty desatou a chorar, uma visão e um som estranhos. Des deixou-a a sós e ficou caminhando de um lado para o outro.

— A Irmandade Republicana Irlandesa — disse ele com um gemido — Bem, parece que serei um velho muito ocupado em elaborar a defesa legal dessa gente. — Parou e segurou as cortinas de veludo grosso cuja textura felina de certa forma o acalmava durante seus tormentos. — Dois mil rifles em um buraco de mina de carvão em Bradford. Meu Deus, tudo se resumiu nisso, não foi? E as ilusões que alimentei, circulando todo arrogante pelo velho tribunal, cuspiendo palavras envoltas em veneno naqueles palhaços de peruca. Era quase possível acreditar que poderíamos expulsar os ingleses da Irlanda sem derramamento de sangue.

Atty interrompeu o choro bruscamente.

— E então?

— Se eu fosse Long Dan Sweeney, com toda certeza iria querer você no Conselho Supremo da Irmandade Republicana Irlandesa, isso é fato.

— Me dará sua bênção?

— Claro — disse ele em voz baixa. — Mas tenho novas dúvidas e temores.

— Eu também. Des, vou lhe dizer no que acredito. Se um dia as crianças viessem a saber que eu virei as costas à Irmandade por preocupação com eles, jamais me perdoariam. Nós os criamos para que lutassem por alguma coisa.

— Sim — disse Des —, é verdade. — Em seguida, Des mergulhou pesadamente na pilha de sumários e Atty pediu licença e saiu.

Ficou acordada contando angustiadamente os minutos, ouvindo Des murmurar em voz alta na sala ao lado, escrevendo em seu bloco. Queria ardentemente que ele se aproximasse devagar, a envolvesse nos braços, a mimasse um pouco e lhe dissesse que tudo iria ser maravilhoso. Meu Deus, como queria ser abraçada!

Isso não era típico de Des e Atty. Ele trabalhou à exaustão, cheio até a borda de uísque, e deixou-se cair na cama com um baque surdo. Atty estendeu os braços para tocá-lo, mas ele já estava de costas para ela e, em poucos instantes, dormia profundamente.

CAPÍTULO 27



Quando Conor chegou a Derry, vindo de sua vila de Ballyutogue, interessou-se por Maud Tully. Maudie pertencia a uma família há gerações no Bogside. Era uma moça decidida a fugir da “prisão perpétua” na fábrica de camisas que consumira sua família e seus amigos.

Tornou-se uma filha prematura do renascimento gaélico, aprendendo a língua antiga e passando as poucas horas de que dispunha no ambiente reconfortante da Sala Celta. Durante muito tempo o salão foi o escritório de Kevin O'Garvey como chefe da Liga Rural, o advogado do povo, membro do parlamento e o “curandeiro” político de uma fileira interminável de solicitantes miseráveis. Com todos os seus títulos, Kevin O'Garvey nunca teve uma libra esterlina de sobra. Se tivesse duas moedas no bolso sempre encontrava alguém que precisasse delas mais do que ele.

Depois das horas na fábrica e uma rápida refeição, Maudie trabalhava para Kevin sem remuneração, como assistente, secretária ou qualquer que fosse a ajuda que lhe pudesse prestar.

Maudie, como o resto do Bogside, estava enamorada com a chegada de Conor Larkin, e ele se tomou um anjo sem asas. Um grande jogador nos campos de futebol, lotava o salão com suas palestras e erguia as esperanças dos miseráveis do Bogside. A parte o fervor romântico, eles continuavam como “irmão e irmã”.

As circunstâncias foram inteiramente diferentes quando Maudie colocou os olhos no belo Myles McCracken, que tinha a voz de um pássaro e maneiras gentis e decentes. Myles seguira Conor da vila de Ballyutogue e fora trabalhar na forja de Conor como aprendiz. Maudie imaginou que com Myles poderia realizar seus sonhos de sair de Derry. Amor, casamento e gravidez, não necessariamente nessa ordem, sucederam-se ao apaixonado casal.

Para economizar cada *penny*, a fim de que pudessem comprar uma forja em poucos anos, ela continuou a trabalhar na fábrica de camisas e,

para economizar aluguel, mudaram-se para uma casinha já superlotada, dormindo em colchonetes que estendiam em um canto na cozinha.

Brigid Larkin chegou tarde demais para reclamar Myles.

Myles era de grande ajuda, mas foi Maud, com sua astúcia nascida no Bogside e sua compaixão que a levaram a trabalhar para Kevin. Ela estava lá para Conor quando ele mais precisava.

Maudie ajudou Conor a se recuperar da morte de Tomas Larkin. Ela estava lá para consolá-lo quando a partida de seu herói de infância, Andrew Ingram deixou-o perplexo e ferido.

Escava lá quando, num acesso de ousadia, a pequena forja de Conor fez um lance contra a Fundação e Oficinas Caw & Train para uma série de trabalhos de ferro forjado em todo o país. A Caw & Train pertencia ao Conde de Foyle e a forja de Conor Larkin foi destruída por um incêndio.

Sim, incendiada. Foi um momento de coragem e decisão. Agora, uma coisa estranha aconteceu. A forja de Conor foi reconstruída instantaneamente com “fundos secretos dos Estados Unidos” e, mais estranho ainda, ele começou a receber subempregadas da Caw & Train.

Maudie contava os minutos até Conor exigir que esclarecessem as coisas estranhas que estavam acontecendo às suas costas... mas Conor nunca fez essa exigência.

Em vez disso, envolveu-se completamente na restauração da grade da Mansão Hubble e um Conor diferente começou a surgir.

Embora ainda aparecesse no campo de futebol, bebesse no bar de Nick Blaney com os rapazes e tivesse um Visconde como ajudante do time, houve um inconfundível afastamento do caldeirão de ideias, ideais e história que emanavam da Sala Celta.

Queixava-se de vez em quando de estar tão consumido pela grade que sua mente estava apática para tudo o mais.

No entanto, ele cortejava e namorava inúmeras mulheres, nenhuma com o poder ou a capacidade de conquistá-lo.

Maudie perguntava-se, estaria Conor Larkin destinado a permanecer um sonhador ou a mulher certa ainda não havia aparecido ou... estaria ela lá na Mansão Hubble?

Quando a grade ficou pronta e Conor aos poucos retomou a vida no Bogside, já não era o mesmo. Maudie via-o passar cada vez menos tempo na Sala Celta, ficar cada vez mais áspero com Kevin O'Garvey e facilmente

transtornado e infeliz consigo mesmo. Teria a própria Derry se tomado pequena demais para ele? O que restava a fazer ali?

Então veio o golpe que chocou a todos. Kevin O'Garvey adiou indefinidamente sua Comissão de Inquérito sobre o estopim que era a fábrica de camisas Witherspoon & McNab.

Maudie estava grávida de oito meses e planejando deixar a fábrica de camisas em uma ou duas semanas. Myles acelerara seu aprendizado tão rapidamente trabalhando na grade, que Conor achou que ele estava pronto para própria forja. E havia uma que iria ser colocada à venda. Uma vez, tarde da noite na Sala Celta, Maudie estava arrumando o escritório de Kevin quando Conor chegou e sentou-se à escrivaninha de Kevin.

— Temos que conversar, querida — disse Conor.

— Sim, é verdade — disse ela, trancando a porta, cerrando a cortina e sentando-se.

— A resposta à sua pergunta, antes que a faça, é que eu não sei e Kevin está adiando a investigação da fábrica de camisas.

Então, vamos tentar encontrar uma razão — disse Conor. — Há perguntas que eu deveria ter feito há meses, não, anos atrás, mas escondi minha consciência num canto escuro e disse: “Fique aí, consciência, as coisas estão indo muito bem para mim e não quero ver você me rondando até eu estar pronto para voltar e pegá-la.” Mas a minha maldita consciência não me ouviu. Recusou-se a ficar onde eu tentei escondê-la.

— Ainda bem, é bom saber, Conor. Estava me perguntando se você tinha ficado inteiramente acomodado lá na mansão.

Conor ignorou a farpa e fez a pergunta que estivera evitando.

— Como foi possível para eu reconstruir a forja com tanta facilidade depois que foi destruída pelo incêndio? Por que o conde começou a me enviar mais trabalho do que minha forja é capaz de produzir?

— Bem, dizem por aí que a Condessa já havia descoberto você como o homem que poderia restaurar sua grade e que poderia entrar no sistema.

— Isso é uma maldita mentira, Maudie. Onde Kevin O'Garvey obteve o dinheiro? E o dinheiro para uma dúzia de empreendimentos no Bogside? Quem são os americanos que o estão financiando? Por que nem sequer apareceram em silêncio para ver os bons resultados de suas boas ações?

— Não sei.

— Bem, Kevin sabe, e vai me contar assim que voltar de Londres. Eu já deveria ter exigido saber desde o primeiro dia ao invés de permitir essa

conspiração pelas minhas costas.

— Você é assim tão inocente, meu caro Conor?

— Talvez.

— Sim — disse ela —, de certa forma você o é. Houve sangue e sofrimento no campo e Kevin chefiou a Liga Rural, mas você só viu isso em termos do levante Feniano, da árvore dos enforcados e das glórias do passado. Até mesmo a Fome teve seus aspectos românticos. E aqui no Bogside, meu caro Conor, vamos à Sala Celta e purgamos nossas dores com histórias de Wolfe Tone e Emmet. Você é um maldito sonhador... nos vê através do véu das palavras republicanas pelas quais morrer, em vez de tocar o sofrimento com suas próprias mãos...

Maudie fez uma pausa.

— E quando você realmente se envolveu, encontrou uma trégua em Hubble e arranjou algo realmente celestial, realmente etéreo, para manter o republicanismo escondido num canto da fantasia.

— Sou assim tão ingênuo?

— Talvez esse seja o seu maior encanto, Conor.

— A menos que você tenha trabalhado com o ferro — protestou, não pode compreender o que significa para um batedor de bigorna que se fez por si mesmo como eu ter uma chance de criar algo glorioso. Fiquei consumido, Maudie, consumido.

— E você queria Caroline Hubble, pura e simplesmente.

Soltou um suspiro, os olhos de Maudie fixos nele, e não com muita simpatia. Não adiantava querer enganar aquela moça.

— Sim, foi nosso trabalho juntos. Não fiz amor com ela...

— Mas a amava. E usou a grandiosidade do trabalho para se afastar ainda mais do mundo real.

— Sim.

— Bem-vindo ao Bogside, Conor. Não sei o que Kevin fez e não me importo. Tudo na Irlanda é um acordo. Nossos políticos têm uma enorme reputação por isso. O que eu sei é que o levei para casa noites seguidas desesperado de dor pelo Bogside. Consumia-se de ver as crianças esqueléticas cheias de berebas, velhos e velhas aos dez anos de idade, e bêbados catando moedas no muro, homens que nunca tiveram um emprego do nascimento à morte, e jovens da fábrica, cansadas demais para sorrirem, quanto mais para fazer amor. Estava derrotado e você era seu cavaleiro branco... e você fez seus malditos acordos ao não exigir saber o que

suspeitava porque queria continuar era seu sonho com Caroline Hubble e aquela grade.

— Foi por isso que Kevin cancelou a investigação da fábrica? Será que Roger Hubble pagou a ele para estabelecer negócios para mim e para os outros? É isso?

— Não sei — ela respondeu sombriamente.

— Diga o que quiser, fui traído por Kevin O'Garvey e provavelmente por Andrew Ingram também. Bem... não vou seguir o caminho deles. Kevin me dirá, assim que retomar de Londres, se fez um acordo com Roger Hubble. Nós vamos fechar aquela maldita fábrica. Quanto a você, Maudie, pare, peça demissão. Não vá trabalhar lá nem mais um dia. Estou enojado de Conor Larkin!

Sentiu a mão dela sobre sua cabeça abaixada.

— E assim que eles agem. Se alguém especial como você ou Garvey demonstram querer enfrentá-los, eles simplesmente o absorvem no sistema.

— Maudie... Maudie... não volte para aquela fábrica.

Breve, Conor, breve.

CAPÍTULO 28



Que força, que combinação de forças seria capaz de levar Conor Larkin a deixar a Irlanda?

Teria sido o incêndio da fábrica de camisas Witherspoon & McNab?

O que há muito ameaçava acontecer, aconteceu. Nas cidades mineiras e no mar. Você fica paralisado de terror quando os medonhos uivos da desgraça se fazem ouvir. Conforme o zunido sibilante o perfura, você se move numa ação desesperada, atraído numa correria em direção ao problema, murmurando uma prece, o coração quase explodindo, os mais vis temores consumindo-o.

As primeiras espirais finas de fumaça alongaram-se pelas fendas para o ar livre. Em seguida, vieram as explosões como tiros de canhão, estilhaçando vidros a dois quilômetros de distância, derrubando os que corriam naquela direção, ensurdecendo-os enquanto as centenas de línguas de fogo saltavam das janelas da fábrica.

Lá! No telhado! Mulheres e crianças reunidas, gritando de pavor, caindo de joelhos e rezando.

Sirenes de bombeiros! Cavalos relinchando, espumando!

Nem as escadas nem as mangueiras conseguiam atingir o telhado.

— Estão se jogando!

Conor e seus companheiros seguraram Myles McCracken quando Maud pulou. Conor correu para pegá-la. Ela se partiu ao meio. O futuro filho de Myles e Maud espatifou-se como um ovo quebrado nas pedras do calçamento.

Uma bola azul e laranja envolveu os andares mais altos num inferno arrasador. Dentro do prédio, as vigas ocas de ferro fundido rachavam-se, fendiam-se depois estouravam, a fábrica cedeu rapidamente e desmoronou.

Com os corpos destruídos estendidos em um necrotério ao longo da calçada, passaram-se mais uma hora e mais outra de água, bombeada até quase secar o rio Foyle, despejada sobre os destroços escaldantes, antes que os bombeiros pudessem se aproximar.

Fragmentos humanos, crânios, uma trança, contas de rosário chamuscadas, um sapato, peças, pedaços, dentes, estilhaços de vidro, anéis. Quarenta crianças e adolescentes... sessenta mulheres grávidas... cento e cinquenta quatro, talvez um pouco mais, talvez um pouco menos...

Ave Maria...

Apenas duas identificações positivas. Uma cova comum. Talvez Deus os pudesse reconhecer.

O que levaria um Conor Larkin a abandonar a Irlanda? Seria o súbito e inexplicado desaparecimento de Kevin O'Garvey?

Para onde fora Kevin? Por quê? O que Kevin sabia? Teriam acabado com ele? Ele teria fugido? Temos que achar Kevin O'Garvey ou nunca haverá justiça no Bogside... se é que um dia já houve. Kevin, onde está você agora? Teria o desgosto com o encobrimento da tragédia levado Conor Larkin para fora da Irlanda?

Martin Mulligan, um vagabundo, foi preso por incêndio criminoso. Mulligan trabalhara nos estábulos da fábrica anos antes, fora despedido e jurara vingar-se.

Durante o inquérito, Mulligan assinou uma confissão que vários policiais católicos juraram ser verdadeira. Na manhã seguinte, após a confissão, Mulligan foi encontrado enforcado em sua cela. Foi considerado suicídio.

Vinte testemunhas no inquérito declararam que Mulligan fizera as ameaças. O que nunca foi revelado é que ele era analfabeto e portanto não poderia nem ler nem assinar a confissão.

Mais duas dúzias de testemunhas — inspetores municipais, arquitetos, proprietários de fábricas — depuseram sobre a perfeita segurança do prédio.

Não houve menção aos lavatórios que há anos não funcionavam ou às janelas emperradas de fuligem ou aos baldes de areia cujos fundos haviam se soltado pela ferrugem ou das mangueiras de incêndio paradas há mais de uma década ou que nenhum treinamento para caso de incêndio fora realizado em dez anos porque as escadas e patamares estavam atulhados demais com peças de linho para dar passagem... um prédio em que o próprio projeto era um convite ao desastre...

Assim, o conde de Foyle continuou seu alegre caminho e as famílias de luto tiveram algumas moedas atiradas para elas.

Foi isso! Myles McCracken foi admitido em um sanatório e se matou. Aquilo deve ter levado um Conor Larkin a deixar a Irlanda.

Ou foi aquela noite seguinte, quando Conor Larkin terminara sua ronda tentando ver os homens arrasados do Bogside?

Conor subiu para seu apartamento, uma onda de fundos suspiros contendo um pouco da dor. Quatro meses se haviam passado, mas ainda havia uma chuva de cinzas a cada ventania e parecia que um cheiro de corpos putrefatos emanava dos destroços. Pressentiu a presença de alguém.

— Quem está aí? — perguntou com voz áspera.

— Caroline.

Ele acendeu o lampião e viu-a encolhida no sofá, envolta numa capa escura e com capuz, como a de um monge, para não chamar atenção. Diante de Conor, viu o tributo que lhe fora cobrado. Ele se deixou cair em sua poltrona de leitura.

— Eu lhe escrevi uma dúzia de cartas — disse ela.

— Não as recebi — respondeu ele.

Eu nunca as enviei. Rasguei-as. Nenhuma delas parecia adequada os meus sentimentos. Não me sinto orgulhosa de mim mesma — disse com voz trêmula. — Tinha uma necessidade irresistível de encará-lo.

— Por quê?

— Estou torturada por uma ideia terrível a respeito de nós dois.

— Caroline, há muita confusão e culpa sobre o que aconteceu.

Aquela fábrica não ardeu porque nós nos apaixonamos.

— Parte do motivo de ter incendiado foi eu ser a Condessa de Foyle e parte do sistema que permitiu que aquilo acontecesse.

— Por Deus, Caroline, se já houve um aristocrata aqui que fez alguns esforços para melhorar as coisas, essa pessoa foi você. Você não poderia ter sabido.

— Não sabia por que não quis saber... não sabia porque nunca passei do primeiro andar daquele lugar desventurado. Havia conspiração no ar e fiz questão de não descobrir.

Tudo fora longe demais para permitir dissimulações.

— Eu também — disse Conor. Disse o que havia calado até aquele instante. — Está bem. Eu pressenti alguma coisa errada desde a primeira vez que Kevin O'Garvey adiou a investigação. Toda a sua vida se pautara em levar o conde diante de sua comissão e denunciar a fábrica. Quando ele a cancelou, eu não o desafiei porque... eu também não queria saber. Não

queria ter que encarar meu herói e fazê-lo confessar que ele fizera um acordo. Não é difícil imaginar qual tenha sido o acordo, não é? Eu tinha a minha forja. Eu estava prosperando. Eu não disse nada quando foi feito o segundo adiamento — E, então — continuou com voz rouca —, nada iria me afastar da grade e ninguém a não ser você podia compreender isso. Assim, nós não queríamos saber e nos unimos à conspiração com nosso silêncio.

— Conor, ouça-me. Não sei racionalizar isso, mas há uma razão para o nosso comportamento. Nenhum ser humano jamais realizou uma grande obra arte sem pagar um preço terrível e criar um sofrimento horrível para os que mais ama. Mas nada... nada... nada poderia ter impedido aquele prédio de ruir depois que meu marido e Kevin entraram em algum tipo de acordo.

— Fico me repetindo isso...

— Agarre-se a essa certeza — disse ela. — Nós dois caímos numa armadilha do sistema. Vim aqui pedir-lhe perdão pela minha parte e suplicar- lhe que não me odeie.

— Acredito em você. Eu mesmo nunca passei do primeiro andar. Meu Deus, Caroline, eu jamais poderia odiá-la. Ela se levantou, aproximou-se dele, desalinhou seus cabelos e beijou sua frente.

— Cuide-se — sussurrou.

— Sim.

E partiu numa nuvem de cinzas.

O que teria levado Conor Larkin a sair da Irlanda? Seria a letargia terminal dos homens do Bogside? Eram piores do que mortos, pois eram mortos- vivos, sem nenhum espírito de luta, nem mesmo o instinto de sobrevivência.

Haviam aceitado o sistema de desemprego do nascimento à morte, pobreza do nascimento à morte, humilhação do nascimento à morte.

Onde, em nome de Deus, estavam os Kilty Larkin!

Durante um ano e um dia, Conor viajou pelas estradas da Irlanda em busca dos velhos fenianos, homens que haviam lutado, guerreiros gaélicos do passado. Encontrou-os. Um ou dois em pequenas vilas, sentados na ponta de um balcão de bar. As lendas vivas tinham o olhar fixo dos bêbados, repetindo seu imaginado valor mais uma vez por mais um copo de cerveja.

Os poucos irlandeses que restavam, que valiam uma insurreição, estavam longe, na África do Sul, lutando contra os ingleses. Seamus O'Neill estava entre eles. Todos haviam partido. Tomas e Kilty e Seamus e Andrew Ingram e Kevin O'Garvey e, no sentido mais doloroso, Caroline Hubble.

O frágil fio a manter Conor Larkin coube a seu irmão mais novo, Dary, um noviço no seminário. Dary conseguiu transferir-se para a diocese de Derry para servir temporariamente, ajudando a superar a tragédia do Bogside. O pequeno Dary tornou-se uma rocha, um médico da alma, um homem de Deus no mais pleno sentido. E, ele era o guardião de seu irmão.

Mais uma bebedeira fantástica, mais uma ressaca fantástica. Conor estava sentado, zozzo, no meio de sua forja, que não via o brilho do fogo há mais de um ano.

— Tenho que retornar ao seminário e aos meus estudos — anunciou Dary bruscamente.

Conor afligiu-se.

— Como posso ficar sem você, pequeno Dary?

— É quase primavera — disse Dary. — Vi algumas margaridas fazendo força para despontar no meio do entulho. Já se passou muito tempo, Conor. Você e eu temos que superar isso agora.

— Ah, o que quer de mim, Dary? Eu me prostrei diante de seu trono, estou banhado em culpa! Você conhece meu negro segredo. Talvez Deus tenha se vingado em mim por amar Caroline Hubble?

— Pare de falar bobagens, está arrasado de pena de si mesmo.

— Quer me ver num monastério conversando com Jesus, não é?

— Vou lhe dizer uma coisa, Conor. Quero ver você no próximo navio para longe da Irlanda.

Conor grunhiu e tentou chorar ao mesmo tempo. Mas todas as lágrimas há muito haviam sido gastas pelo pobre e querido Myles. Foi a última vez que chorou.

— Vá para o inferno, Padre Dary.

— Muito bem — pressionou Dary —, você tem algumas escolhas. Já passou muito tempo procurando homens valorosos em vão. Você pode atacar os ingleses sozinho ou tomar um atalho e arrancar o pomo de adão de Roger Hubble com as mãos nuas.

— Você é uma criança e fala como um jesuíta. Diga aonde quer chegar.

— Também sou um Larkin — disse Dary. — Tenho uma ou duas gotas de sangue republicano nas veias, mas não seguirei o caminho das armas. Também sou um irlandês. O que sou agora acima de tudo é seu irmão. Conheço- o melhor do que você conhece a si mesmo. Está muito confuso e o que eu vejo claramente é um homem que está rapidamente se transformando num perigo para ele mesmo.

Conor parou de lutar contra seu irmão o tempo suficiente para que suas palavras calassem fundo.

— Você realmente quer me ver fora da Irlanda, não é, Dary?

— Sim, quero, até você voltar a ser você mesmo.

Conor sempre se surpreendia com Dary. Ele crescera gostando muito de saias e seios. Se tivesse recusado o sacerdócio, Finola jamais conseguiria forçá- lo. Era dono de si mesmo e escolhera o sacerdócio. Fizera uma escolha deliberada de que havia algo melhor no mundo do que aquilo que via à sua volta Quem poderia discutir? Apenas ele, entre todos os Larkin, estava em paz consigo mesmo.

— Dary...

— Você está quase no ponto de ir para o pé do muro do Bogside catar moedas e nunca mais voltar a ser sóbrio. Ou se tomará um assassino. Você é promessa que nunca se cumprirá. Olhe esta forja, está abandonada. Myles e Maud não retomarão e você não pode acabar com a presença dos ingleses na Irlanda sozinho.

— Navegue pelos mares, Conor — continuou Dary. — Assuma o controle das lembranças de Caroline Hubble e guarde-as num canto. Há uma mulher em algum lugar que quer se aproximar de você, mas você não a encontrará enquanto Caroline estiver bloqueando o seu caminho. O que você precisa é de espaço. Saberá quando for hora de voltar.

— Sei que preciso lutar.

— Sim, terá que lutar. Sei que não poderei impedi-lo. Mas lute, homem, quando tiver a mente e a inteligência clareadas. O que está buscando agora é vingança, e vingança pela vingança. E não é vingança contra um homem. Mate Roger Hubble e os infortúnios da Irlanda continuarão lá. Não jogue fora sua vida. Valorize-a.

Os dois irmãos atravessaram o Bogside, caminharam até o cais e a agência de navegação. Um navio deveria chegar em uma semana.

Conor atrelou os cavalos de aluguel à pequena carruagem e partiu em direção à zona rural, atravessando a Ponte Burntollet em direção aos portões do seminário. De algum modo, ainda incomodava Conor ver seu irmão desaparecer atrás do muro. Dary sorriu.

— Estou pronto — disse Dary.

— Eu também estou pronto — disse Conor.

Logo Dary desapareceu de sua vista.

CAPÍTULO 29



1904

Conor Larkin puxou a porta, fechando-a atrás de si e colocou uma xícara de chá para Bojo em cima da barra do leme. Bebericou seu próprio chá enquanto Bojo lhe dava o rumo do seu período de vigília.

O *S.S. Famagusta* deslizava sem balanços, a doze nós, numa superfície lisa de águas calmas e sob um belo espetáculo lá em cima no céu.

— Christchurch amanhã — disse Bojo. — Tem um irmão lá?

— Sim, ele tem uma fazenda em algum lugar no meio da ilha, nas montanhas.

— Uma verdadeira extensão de terras?

— Uns oito mil hectares, talvez mais.

— Isso é uma fazenda, sem dúvida. Vai sossegar aqui por uns tempos?

— Por uns tempos.

— Há quanto tempo anda vagando por aí, Larkin?

— Estou fora da Irlanda há cerca de cinco anos.

— Bem, vou sentir sua falta tanto quanto alguém pode sentir a falta de um *paddy*. Quanto tempo faz que você subiu a bordo, na Austrália?

— Um ano.

— Tanto tempo assim? É, vou sentir sua falta.

Conor tomou o leme e adaptou os olhos. Estava uma bela noite lá fora. Bojo tomou seu chá ruidosamente.

— Cinco anos. É um bom tempo, sem dúvida. Uma mulher?

— E não há sempre uma mulher?

Bojo soltou uma risada gorgolejante e limpou a boca com as costas da mão. Ele havia se esquecido. Sim, havia uma mulher, ou duas.

— A Nova Zelândia é um belo país. Se algum dia eu abandonar o mar, vou considerá-la com muita atenção.

Alguns pontos de cabelos grisalhos haviam surgido nas têmporas de Conor começando quando ele cruzou a linha dos trinta anos.

Bojo estava satisfeito por não estar de vigília.

— Detesto isso aqui à noite — disse, despedindo-se.

Todos eles detestavam a vigília noturna, pensou Conor. Durante o dia havia sempre alguém à volta, alguém com quem conversar.

Havia os dias e noites ruins, quando você lutava com o leme ou era jogado de um lado para o outro ali na torre até ficar atordoado, e tudo o que desejava era terminar sua vigília e sentir uma dose de rum no estômago

Os marinheiros detestavam as noites calmas como aquela. Era com apenas uma nesga de lua e o céu repleto de estrelas que a vigília se tornava dolorosa. Tinham tempo para meditar sobre tudo que haviam deixado para trás, tudo que nunca encontrariam, toda aquela peregrinação inútil. Sofriam por aquela única mulher — abandonada, morta, à espera, infiel. Desejavam alguma coisa imóvel sob seus pés, algo extenso e verde, coberto de flores da primavera. Tudo isso se fora. Tudo que não veriam mais. Tudo que nunca conheceriam assombrava-os nas noites de vigília e mar calmo.

Conor adorava estar ao leme em noites assim. Eram noites para ele e Caroline. Um novo porto, uma nova mulher. Algumas delas eram adoráveis criaturas. Depois de algum tempo, elas olhavam dentro dos seus olhos e ficavam com medo. Ele via através delas e elas nunca conseguiam olhar muito fundo. Ficavam com medo de perdê-lo porque ele exigia uma força de amor que elas não possuíam. Algumas o amaram de verdade, mas nunca conseguiriam colocar-se entre ele e aquela espada sempre em riste, atacando algum inimigo desconhecido, nem podiam se interpor entre ele e um amor que ele um dia conhecera, há muito tempo.

Então, Conor encontrava um novo navio. Ele viu os esgotos do mundo; negros, mulatos, amarelos e brancos, vivendo simulacros de vida na humilhação do colonialismo.

Viu os Bogsides da Irlanda espalhados por todo o mundo.

Conor permaneceu na Austrália quase um ano. Era realmente um lugar fantástico. Houve uma jovem e um momento em que ele pensou que poderia encerrar sua jornada de lugar nenhum para lugar nenhum. Tomou-se contramestre numa usina de aço e jogou um pouco de rúgbi profissional.

Mas os malditos fogos de turfa de Ballyutogue atingiram suas narinas de dezesseis mil quilômetros de distância e a beleza das vozes cantando no bar de Dooley McCloskey, e ele sentiu o cheiro e o frescor das pastagens altas acima dos urzais e a neblina e o vento vindos em rajadas do lago Foyle... e o Bogside!

Pense nisso, Conor. Era quando você queria fazer a vigília da noite. Assim, não teria que acordar assustado de um pesadelo do incêndio.

Então, por que Conor deixara a Austrália? Não tinha certeza. A moça era atraente e adorável. Veio a compreender que a Irlanda o atraía, chamava-o. Estava indefeso. Caiu em um período sombrio depois que sua mãe morreu... e voltou novamente para o mar.

Depois de uma época de visões do incêndio, de Myles pendurado de um caibro do telhado e de Maud na calçada, recobrou o controle. Depois de algum tempo, já conseguia passar três ou mesmo cinco noites... depois uma ou um mês sem os pesadelos. Nunca se foram completamente.

Até Caroline tomou-se mais vaga. Tempos depois, seu espírito voltou à cena quando a relação com outra mulher ficou mais séria. A visão que conservava era a de perfeição. Depois, ela se desvaneceu como Dary disse que aconteceria.

Depois de muito tempo, viu-se em um navio que partia para a Nova Zelândia, para o *Squire* Liam Larkin e uma família de Larkin que ele não conhecia. Conor sentia-se feliz agora por estar a caminho de Christchurch.

Cinco anos perambulando serviram para purgar o que tinha a ser purgado.

Sua mente estava desanuviada. Ria outra vez. Disse a si mesmo que tinha a mente aberta em relação à Nova Zelândia. Talvez, até acreditasse nela.

Se Deus quisesse, haveria de encontrar a paz e o amor que seu irmão encontrara.

Amanhã...

Quando italianos, judeus ou gregos desciam a prancha de desembarque ao encontro das famílias que os aguardavam, havia sempre uma profusão de abraços efusivos, choros e gritos. Os russos batiam forte uns nos outros e gemiam. Os ingleses davam rápidos beijos formais, sorrisos e fortes apertos de mão.

Independente de quanto tempo houvesse transcorrido, do quanto fosse longa a viagem, é provável que um *Squire* irlandês e seu errante irmão se

mostrem formalmente reservados, como se cumprimentos efusivos não fossem naturais.

Os membros de uma família não se tocavam muito no seu país. Os Larkin eram conhecidos por serem mais afetuosos do que a maioria... até a frieza se estabelecer entre eles.

Conor e Liam ficaram parados por um longo tempo, como se tivessem que deixar suas vidas passarem diante deles até trocarem um vigoroso aperto de mão.

Para o inferno, pensou Conor, para o inferno!

Abraçou Liam como nenhum homem o abraçara desde que haviam vencido o campeonato de futebol de Donegal. Sem ar nos pulmões e com um amplo sorriso substituindo sua expressão sombria, o *Squire* apresentou sua família: Mildred, Spring, Madge, Tommy e Rory. Cada qual por sua vez recebeu um poderoso abraço e um beijo e partiram tagarelando como os italianos e os judeus.

O constrangimento entre os dois irmãos dissipou-se no mesmo instante. Quatro crianças queriam brincar de lutar, ouvir canções do mar, admirar-se com suas histórias de viagens e aventuras, pois Conor era o tio dos tios. Havia as tristezas que Liam e seu irmão tinham que repassar: a morte seus pais, o suicídio de Myles, o incêndio, a solidão de sua irmã Brigid.

Falaram dos tempos felizes. Havia mais deles do que Liam se recordava. Olhar as garotas durante a estação dos sargaços, juntando algas, a barra das suas saias enfiadas na cintura, revelando suas pernas, e a água do mar fazendo suas blusas molhadas grudarem-se nos seios, às vezes, nas feiras, tentando passar a perna nos adversários e o levante de Kilty. Ah, tantas coisas alegres e essenciais ao próprio ser.

Entretanto, Liam apegava-se a alguma consternação. Na verdade, devia a Conor sua condição de *Squire*, pois Conor pagara sua passagem e o ajudara a comprar a terra. No entanto, o monstro da juventude trouxe de volta os temores de viver sob a terrível sombra de Conor.

Mildred observava tudo cuidadosamente, conduzindo seu marido ao longo do caminho com muita habilidade. Aquela era a terra de Liam. Ele havia travado uma batalha ali e vencera. Conor nunca roubaria seus filhos ou se imporia sobre ele mais do que seu pai. Sua tensão amainou quando ele teve certeza de que Conor já não constituía mais uma ameaça.

Na verdade, como Mildred ressaltou para seu marido no santuário de sua cama, Liam já não precisava de Conor, mas Conor agora precisava de Liam, dolorosamente.

A mesma espécie de leveza tomou conta da Fazenda Ballyutogue como acontecera na mansão. Da Mansão Hubble... bem... a restauração foi uma época memorável, mas nada foi dito sobre Caroline ou a intriga de Kevin O'Garvey e Andrew Ingram.

Da apreensão inicial, seu trono intacto, Liam passou à determinação de manter seu irmão na Nova Zelândia. Conforme as semanas se passaram, a ideia evoluiu. Conor estava tão bem adaptado ali que a ideia contrária atingiu-os — como seria quando Conor partisse? Que vazio! Que vazio insuportável! Agora, aquela aura de beleza que sempre envolvia Conor era deles e todos na família a sentiam.

Amar Conor, Liam concluiu, não era um perigo. Liam agora era experiente e podia enxergar através da melancolia e do mistério de seu irmão, um homem que irradiava luz, mas mantinha sua escuridão dentro de si mesmo.

Doze mil hectares das mais magníficas, luxuriantes, férteis, terras baixas nos Alpes do sul foram colocadas à venda e Liam e Mildred procederam a algumas investigações discretas, fizeram um depósito para assegurar a compra e aguardaram o momento certo para oferecer o negócio a Conor. Quanto a uma forja, Liam disse a sua mulher, viriam de todos os cantos do país à procura dele.

As mulheres nas fazendas e vilas até Christchurch começaram a cercar o acampamento com Mildred Larkin agindo como intermediária das conspirações.

Agora que estava em paz consigo mesmo, Liam tinha que admitir algumas coisas que sabia a respeito de seu irmão. Conor era de uma linhagem diferente, que sempre tivera aspirações diferentes das outras pessoas. Riqueza e *status* nada significavam para ele. Conor sempre estivera à procura de alguma coisa que Liam não conseguia ver, tocar ou descrever.

Isso azedava um pouco o leite. Não seria Rory muito semelhante a seu irmão? Sim, ele e Conor estavam em paz no momento, mas que poderes teria sobre Rory? Um sentimento de cautela apoderou-se dele.

Conor e Rory uniram-se naturalmente. Conor lidara com cavalos toda a sua vida, mas nenhum comparável aos que habitavam aquela fazenda. Embora tivesse apenas onze anos de idade, Rory montava seu cavalo,

RumRunner, com a habilidade de um homem que estivera na sela três vezes mais tempo.

Liam caiu no antigo jogo. Rory adorava seu tio e Liam temia que seu filho seguisse Conor se ele partisse. Rory nunca se apegara a ninguém como se apegara a seu tio...

E Liam refletia. Até que ponto Conor incutira ideias da Irlanda em Rory? Teria Conor enchido a cabeça de seu filho com histórias dos mártires da Irlanda e discursos revolucionários?

Liam estava convencido de que a partida de Conor iria, com o tempo, provocar a partida de Rory. Liam precisava de Rory, ou a Fazenda Ballyutogue poderia desaparecer. Liam arquitetou um novo plano — iria encorajar o relacionamento cada vez mais estreito entre tio e sobrinho. Se Conor viesse a amar Rory e também compreendesse o valor de Rory para a fazenda, então talvez ficasse.

Jesus, pensou Liam. Ele, Conor e Rory poderiam juntos construir uma propriedade como nunca vista antes na Ilha do Sul. Acabariam com mais terras do que o conde de Foyle! Por outro lado, os parceiros não declarados de Liam podiam não dar a mínima!

— Descanse a cabeça, Liam — avisava Mildred. — Seu pai fez planos. Meu pai fez planos. Nós não demos muito ouvido, querido.

— O que farei agora, Millie?

Flertavam com as respostas... todo tipo de respostas exceto a resposta certa — mostrar a Rory que o amavam.

Com Rory cavalgando a seu lado, Conor perdeu muito de sua melancolia e por um instante sentiu-se na forja, batendo feno e cheio de contentamento. Que maravilha cavalgar pelas terras de seu irmão juntando os carneiros e os bois.

Quando havia uma cerca a consertar ou uma hora de folga, Rory e Conor procuravam uma sombra e tornavam-se companheiros no mais completo sentido da palavra. Conor era interrogado e sentia-se imensamente feliz em abrir a mente do rapaz.

Conor tinha a visão do mundo de um nômade, um mundo desconhecido para Rory. Quando seu tio se aventurava para além do horizonte, suas palavras pulsavam nos devaneios do rapaz...

...sobre um navio dobrando o Hom...

...sobre um assalto do gado...

...sobre os odores e perigos da beira-mar...

...sobre o campo de rúgbi...

...e sobre muita conversa de homem a respeito de garotas.

No começo, tio Conor sempre tinha uns dois livros enfiados no alforje, mas as perguntas incessantes de Rory tomavam a pausa para leitura impossível. Além disso, Conor preferia conversar com o sobrinho.

Havia uma segunda e silenciosa razão para Conor encostar os livros. A curiosidade de Rory sobre o conteúdo das páginas aparentemente provocaram uma reação mal-humorada de Liam. Não partiu de nada que tivesse sido dito, mas certamente sentido. Liam não gostava dos livros de Conor da mesma forma que seu pai.

Uma velha canção de família estava sendo tocada por um novo personagem. Os livros haviam sido furtivamente passados a Conor quando era criança por um sensível professor protestante e por seu melhor amigo de infância, Seamus O'Neill. Liam recordava-se de uma cena quase diária de Conor trazendo livros para a cabana às escondidas e guardando-os rapidamente antes que Tomas chegasse.

— Por que está lendo todos esses livros — escarnecia Liam, irritado —, você vai ser apenas um ferreiro. Além disso, é Dary quem precisa ler, se ele vai ser Padre.

Finola rápida e automaticamente acrescentava:

— Esconda esses livros de seu pai, Conor. Você sabe o que ele pensa de você ficar com o nariz metido nos livros a noite inteira.

Sem dúvida, Conor sabia! Levou a mais drástica explosão de sua juventude. Para castigar Conor, afastá-lo da forja e fazê-lo voltar à terra, Tomas exilou-o para a casa do pastoreio nos campos altos para pastorear o rebanho durante o verão. Conor e seu amigo Seamus esconderam uma quantidade de livros suficiente para todo o verão no fundo de uma saca de alimentos e Tomas descobriu-os. No ataque de fúria que se seguiu, Conor desafiou seu pai jurando que iria embora se ele lhe tirasse os livros. Tomas cedeu.

Tudo era um enigma para Liam, um analfabeto. Que mistérios alimentavam aquela compulsão insaciável de Conor? Liam veio a saber que as páginas continham ideias e Tomas temia as ideias, porque levariam seu amado filho Conor para longe de Ballyutogue.

Durante toda a sua viagem para a Nova Zelândia, Liam desejou o conhecimento dos livros de Conor para minorar seus temores do futuro. Como se Conor sempre tivesse sabido de alguma coisa que ele não sabia.

Quando Mildred assumiu a tarefa de ensinar Liam a ler, foi um deslumbramento superado apenas pelo da própria Mildred. Ele dominou formulários governamentais, aprendeu sobre doenças de animais e às vezes se entregava a uma turbulenta história do mar ou sobre a astúcia dos cães de caça.

Para a alma, basta um livro, a Bíblia. Não era necessário saber mais nada sobre a condição humana. Afinal, vivia confortavelmente em sua fazenda e se importava muito pouco com o mundo lá fora e todos os seus sofrimentos.

Quando Conor chegou à Nova Zelândia, Liam representou algo que havia ensaiado mentalmente milhares de vezes. Abriu um livro e leu para seu irmão, e Conor chorou de felicidade.

Teria sido bom, de fato, se tivesse parado por aí. Agora, Rory estava ficando interessado em livros. Liam continha-se porque não queria fazer com Rory o mesmo que Tomas fizera com Conor.

Conor logo percebeu a inquietação de seu irmão e colocou seus livros de lado. Da mesma forma, cessou as conversas sobre a epopeia da Irlanda. Não iria ser o irmão que traz problemas. Poderia o sôfrego encantamento de Rory pelos conhecimentos de seu tio ser estancado? O garoto agarrava-se a Conor adorando-o como um herói.

— Dê uma olhada no casco esquerdo anterior de RumRunner.

— A mim parece bom.

— Achei ter visto uma pequena rachadura.

— Não.

— Sempre gostei desta parte da fazenda — disse Rory. — Meu pai tem seu lugar preferido lá em cima no topo e seu abençoado riacho de trutas, o maior da Ilha do Sul. Eu gosto dos bosques e do cheiro do ar aqui.

— Eu também — disse Conor. — Não tínhamos muitas árvores em nosso país.

— Por quê?

— Os ingleses derrubaram as florestas para construir uma frota para se defenderem da Armada Espanhola e para tudo o mais em que a madeira é usada.

— Não sabia. Por que você já não traz mais livros no alforje?

— Sabe muito bem por que, Rory.

— Quer que eu lhe mostre como usar o laço para dominar o gado?

Você é muito ruim nisso.

— Sou velho demais. Todos os cavalos que montei tinham mau hálito de velhice e costas curvas por falta de boa criação, embora a própria Irlanda crie alguns dos melhores cavalos do mundo. Estive na exposição de cavalos de Dublin uma vez, trabalhando como ferrador — interrompeu-se bruscamente. Conversa fora dos limites.

— Quero saber mais sobre a Irlanda... sobre Ballyutogue...

— É um assunto doloroso para seu pai. Ele sofreu muito lá.

— Não é sobre seu sofrimento — disse Rory bruscamente. — É sobre seu medo de que eu saiba. O mesmo medo que tem dos livros. Há uma comemoração do Dia de São Patrício todo ano e é uma grande festa... só que papai respira fundo de manhã e prende a respiração pelo resto do dia. Ele detesta esse dia.

— Ele é seu pai, sou apenas seu tio.

— Você desafiou seu pai — pressionou Rory.

Era tão evidente que Liam estava tentando fazer seu filho viver num vácuo, fisicamente e agora espiritualmente afastado da Irlanda.

— E quanto a mim? — gritou ele de repente.

— Vou lhe dizer — respondeu Conor. — Você tem o mundo a seus pés aqui, Rory. Perambula-se pelo mundo quando se está sofrendo. Você não precisa quebrar a cabeça para saber que o mundo é um lugar sórdido. Seu pai lutou pelas coisas com as quais você nasceu. Esta fazenda é uma grande propriedade e será uma gigantesca fazenda de carneiros dentro de poucos anos. Então, para que se perturbar só para descobrir que a Nova Zelândia é uma das mais perfeitas criações de Deus?

— Uma das razões de eu não gostar lá de cima das montanhas, aonde meu pai costuma ir, é porque de lá eu posso ver o mar. O oceano é um terrível carcereiro.

— Ou o fosso mais seguro do mundo, Rory. Os espertos descobrem isso antes que tenham de sofrer para descobrir.

— Os espertos... ou os estúpidos? — retrucou o rapaz. — Toda essa paz exagerada parece levar as pessoas para a religião ou a bebida.

— É tão estranho, garoto. Nossa gente deixa a Irlanda odiando ser obrigada a ir embora. Aqui, você vai embora por nenhuma razão, exceto uma curiosidade mal direcionada.

— Não é verdade. Seus livros me dizem que existe mais do que se pode encontrar aqui.

— Ah, você partirá, Rory, porque precisa. Mas fique sempre de olho neste lugar e agradeça a seus pais, que o deram a você.

— Talvez eu o fizesse, se meu pai me amasse.

Conor sentiu a garganta seca. Não havia como desconversar esse garoto. Conor/Rory... Rory/Conor e o pobre e querido Liam confuso sobre quem seria quem e por quê. Talvez eu não devesse ter vindo aqui, pensou Conor.

Mas por que não? Fiz o que pude pelo meu irmão. Reparei meus erros com ele. Cinco anos no mar trouxeram-me uma solidão desesperadora. Não terei direito à ajuda de meu irmão? No entanto, será que a minha vinda deflagrou mais um ciclo da loucura dos Larkin?

— Claro que seu pai o ama — disse finalmente Conor. — É que ele não tem muito jeito com as palavras.

— Ele tem jeito com elas sim, quando quer usá-las para ferir — respondeu Rory.

— Ele realmente o ama, mas as coisas se processam lentamente dentro dele. É você quem deve lhe dar tempo.

— Eu simplesmente nasci bastardo — Rory deixou escapar.

— Bem, esse tipo de coisa acontece o tempo todo. É normal e natural. Afinal, eles o chamaram e lhe contaram. Isso é amor.

— Nunca me contaram. Isso foi atirado na minha cara na escola um dia.

Ah, Liam! Seu maldito filho da puta, pensou Conor. Deixar que seu filho sofresse a dor dos enjeitados. Conor passou o braço pelos ombros de Rory e o rapaz encostou a cabeça no peito de seu tio. Rory nunca se sentiu tão protegido, tão amado, tão invencível quanto naquele momento.

— Você tem apenas onze anos, mas em muitos aspectos é mais sabido que seus pais. É você quem deve continuar sendo compreensivo e paciente.

— Eu tento, tio Conor. Vou guardando tudo até explodir e, quando isso acontece, eu não consigo me controlar. Então, tenho que acabar com isso. Acontece sempre e continuará acontecendo até eu me desgarrar deles aqui.

— Em que anda pensando, rapaz?

— Na Irlanda.

— Mas, Jesus, Rory...

— Tio Conor; esta fazenda é a Irlanda, de manhã à noite. Tem um nome irlandês. O proprietário é irlandês. Estes hectares estão deslocados na

Nova Zelândia. A cada hora que eu e você não estávamos falando sobre a Irlanda, a Irlanda estava sentada no galho daquela árvore olhando para baixo e rindo de nós. Por quê? Porque a Irlanda mantém meu tio Conor seguro com punho de ferro. Não pode fugir dela, porque você tentou e não conseguiu. A Irlanda possui qualquer pessoa que carregue o nome Larkin. Preciso ter a minha parte nisso.

Ah, meu Deus, Conor lamentou-se em silêncio. Em quantos malditos bares irlandeses, em quantas docas, em quantos portos miseráveis, em quantos continentes os irlandeses errantes se têm reunido para se afundar em cerveja com pinhão por causa de todas aquelas terras pedregosas, toda aquela penúria e podridão inglesa. Que poder tem sobre as pessoas! As lembranças são tão amargas que seria de imaginar que se quisesse apagá-las da memória, quando se conseguisse fugir. Mas não, elas o perseguem na vigília silenciosa na torre do navio. O que é que se deseja tanto... nem sequer se sabe... não se consegue compreender.

E ali está um rapaz que vê tudo isso através de uma névoa. Sua ânsia é ainda pior porque isso lhe é negado por um homem amargo.

E verdade que a maioria dos homens comuns perdem a ânsia de viajar pelo mundo por medo do desconhecido. Mas Rory não vai ser um homem comum. Terá que ir em busca do que quer.

O que devo fazer? Conor perguntou-se. E melhor sair da Nova Zelândia antes que essa família venha a explodir como um vulcão. Minha vinda aqui só colocou sal na ferida de Liam.

— Quero saber sobre as garotas — disse Rory, mudando o assunto para algo mais adequado.

— Mulheres?

— Jesus, tio Conor, a vida inteira tenho visto os carneiros e os touros fornicando. Até fiz RumRunner cobrir uma égua.

— Está bem, então. Falarei com você, mas só sobre Generalidades.

Rory deitou-se de costas e ficou olhando o céu enquanto seu tio falava.

— O que é sublime na vida, mais do que tudo, vem de uma proposição simples... a cama, ou um lugar onde um homem e uma mulher possam fazer amor.

Rory começou a listar as mil e uma perguntas sobre esse assunto tão sublime.

— O que precisa lembrar a respeito das mulheres é que você está segurando um pássaro delicado nas mãos. Se apertá-lo demais, vai esmagá-lo. Se segurá-lo muito frouxamente, ele irá embora. O que as mulheres requerem é paciência. Deve aprender isso, Rory. RumRunner não pode se controlar. E por isso que é um cavalo. Quanto mais você puder manter o tempo suspenso, mais alto o vôo. Encontre esse equilíbrio delicado entre braços fortes de um lado e um toque de veludo do outro.

Humm, pensou Rory, um pouco diferente do que ele imaginava, mas com certeza tio Conor sabia mais sobre mulheres do que qualquer outra pessoa, era um homem muito atraente.

— Regra número um. É sempre decisão da mulher fazer ou não fazer sexo. Você se apresenta com sua sedução... nunca tente dominá-la e deixe que ela o avalie. Ela lhe dirá quando estiver pronta.

— Para mim parece coisa de raposa.

— E é mesmo. De raposa e cães de caça. Quanto mais indiferente você for, mais elas ficarão interessadas. E quando o sinal for dado, faça-a sentir-se como uma rainha... antes, durante e depois. Chama-se a isso ternura.

— Já se apaixonou alguma vez?

— Claro – respondeu Conor – e de certa forma.

— Desesperadamente?

— Sim, uma vez.

— Por uma rainha?

— Apenas uma Condessa.

Quando Conor deixou-se levar por uma história de *schanachie* sobre seu amor não consumado, achou fácil falar de tais coisas com o garoto. Conor não falara de seu amor por *Lady* Caroline a ninguém, exceto Seamus O'Neill. Parecia uma lembrança tão melancólica e bela que ele quis partilhá-la com Rory.

Enquanto cavalgavam por toda parte, lutando de mãos limpas, Conor viu um pequeno espaço para aprimoramento. Afinal, fora ele quem ensinara a Liam os pontos principais do pugilismo e seu melhor aluno fora Seamus O'Neill.

— O fato de você ser canhoto lhe dá uma vantagem única. Então, assumo a posição... sempre circule para a direita, que evita minha mão direita... isso... isso... para a sua direita... eu dou um rápido golpe de esquerda... agache-se e arremesse a mão direita com toda a força sob

minhas costelas... sim, isso mesmo, rapaz... por baixo... para sua direita... por baixo, solte essa direita para cima de mim... aí, rapaz... agora afaste-se e circule para a direita.

— Depois de quatro ou cinco socos nas costelas, seu desprezível adversário começará a agitar as mãos tentando esmurrá-lo, temendo sua estocada no corpo. Quando ele começar a agitar as mãos, ataque seu rosto... o pobre sujeito não aguentará muito mais... Quanto mais furioso ficar, mais calmo você deve se manter... você agora tem um alvo porque as costelas dele estão ficando vermelhas... movimente-se para a direita... por baixo... solte, afaste-se... espantoso, completamente espantoso.

— Nunca lance minha mão esquerda, tio Conor?

— No devido tempo, garoto, no devido tempo.

Falaram de ferro forjado e de Shakespeare.

Falaram de um tipo de som que Rory nunca ouvira... música tocada por grandes orquestras de oitenta ou noventa pessoas e de óperas cantadas por mulheres com vozes de rouxinóis.

Falaram das maravilhas do novo século, da eletricidade, de filmes e do caráter mágico de um outro tipo de filme capaz de ver dentro do corpo de outra pessoa.

Falaram de grandes pugilistas, de artistas e de homens que pintavam os tetos das catedrais.

E lugares com nomes mágicos... Damasco... Calgary... Ponte Vecchio... e Montenegro...

Mas nunca uma menção à Irlanda ou ao livro *Os direitos do homem* de Thomas Paine. Rory daria tudo para conhecer os pensamentos de Conor por trás de seu silêncio. Os Bogside amarelos, crioulos e negros de todo o mundo, criações sórdidas dos colonizadores.

Do que ele falava e do que não falava, tudo era negado a esse rapaz da Ilha do Sul da Nova Zelândia. O catálogo dos anseios de Rory cresceu de tal modo que Conor compreendeu que era melhor ir embora.

CAPÍTULO 30



Uma noite, Conor anunciou a Liam e Millie que iria a Christchurch e talvez a Wellington para indagar sobre uma vaga num navio. Sempre precisavam de um ferreiro a bordo, de modo que algo adequado deveria surgir dentro de pouco tempo.

Após um suspiro de alívio, Liam foi repentinamente sacudido pelo outro lado da moeda. Lembrou-se de doze anos antes, em Ballyutogue, quando dera a notícia a Conor de sua imigração. Conor entrara em pânico. A pior lembrança de Liam era a terrível cena familiar sobre a tentativa vã de Conor para manter Liam na Irlanda.

De sua reação inicial de libertação, Liam viu-se dominado pelo medo. Conor enchera a cabeça de Rory com ideias provocantes sobre o mundo lá fora. Rory deixara sua marca na Fazenda Ballyutogue. Rory precisava manter a continuidade.

Manipulação. Sim, esse era o jogo. Praticado pela família, pela tribo e por todas as nações desde que o homem desceu das árvores e foi morar nas cavernas.

Poucos o praticavam com mais precisão do que nossos queridos compatriotas irlandeses. Veja, há tão infinitamente pouco a ser manipulado, vinte hectares de terra, meio *penny* a mais no preço do linho, o medo de sexo... A manipulação em nível de família era uma arte irlandesa tanto quanto a poesia.

Havia muito mais em risco para o *Squire* Liam: Irlanda contra Nova Zelândia — manter o filho de que precisava, Rory, no país para garantir a continuidade e uma nova geração de manipuladores.

Afinal, Liam pensou, ele não era seu pai, Tomas, tentando prender Conor à sua terra. Poderia Conor, que nunca se deixara atrair por riqueza ou poder, de repente enamorar-se da ideia de que os dois irmãos poderiam transformar suas propriedades em algo ainda maior do que um condado?

Talvez a promessa de paz pudesse impedir Conor de ir embora? Conheceria bem pouca paz. Um retorno à Irlanda seria a garantia apenas de

uma vida de luta.

Paz, fartura, família.

Havia aquele magnífico pedaço de terra. Se Conor ficasse com a nova fazenda e começasse a crescer em direção à Fazenda Ballyutogue, quando as duas se fundissem seria a maior propriedade da Ilha do Sul.

Entretanto, no próprio instante em que Liam fazia a proposta, percebeu que Conor tinha que partir. Seu irmão estava procurando um navio. Liam escarneceu de uma Irlanda que nada lhes dera a não ser sofrimento. Enalteceu a maior liberdade e dignidade que a Nova Zelândia tinha a oferecer.

— Engraçado como todos amam os irlandeses quando eles saem da Irlanda — respondeu Conor.

Seamus O'Neill enviara uma carta para Conor aos cuidados de Liam, para o caso de Conor aparecer na Nova Zelândia. Quando Liam entregou-lhe a carta, compreendeu que não haveria como prender seu irmão ali.

A carta falava de movimentos rebeldes na Irlanda, de um renascimento intensificado e muito mais... a provável renovação da Irmandade Republicana Irlandesa com a volta do velho feniano Long Dan Sweeney.

— O que ela nos deu senão a ponta áspera de um chicote? — repetiu Liam, agora falando numa câmara de eco.

Conor tentou reconfortar seu irmão acabrunhado.

— Sua amargura está mal direcionada. Pode parecer que o melhor para mim seja permanecer na Nova Zelândia, mas esse enigma nos seguiria até aqui como, na verdade, já o fez. Logo você se enjoaria de ter seu irmão mais velho rondando por aqui. Meu evidente amor por Rory poderia nos lançar numa terrível disputa e isso só pioraria as coisas. Claro, há mais do que isso. Gostaria de saber explicar quem é esse estranho que se apoia em meu ombro e que nunca vai me deixar até eu voltar. Não consigo me livrar dele, Liam. Cinco anos vagando pelo mundo e não consigo me livrar dele.

Bem, agora vem a conclusão. Como funcionava toda a confusa manipulação? Liam queria que seu irmão permanecesse e que fosse embora ao mesmo tempo. Então, por que sentiu alívio quando Conor anunciou sua partida? Estaria Conor novamente lançando sobre ele sua sombra de gigante?

O que aconteceria com a partida de Conor? Rory adorava o tio com um fervor que somente os que têm onze anos de idade podem sentir, a pura adoração a um herói. A partida de Conor parecia a garantia da partida de Rory também. No entanto, Liam agora tinha alguns anos para tentar fazer Rory mudar de ideia. Mas como? Liam pensava em tudo... menos em amor.

A manipulação abriu caminho para uma completa confusão.

— Acho que não devia ter vindo — murmurou Conor a seu irmão.

Liam quase desmaiou.

— Ah, Conor, você foi o único que ficou do meu lado. Acabou de pagar minha passagem. Deu o primeiro dinheiro que tive para comprar terras. Devo-lhe muito e quero compensá-lo por isso. Esqueça as minhas zombarias. Não quero que você volte a sofrer.

Eu diria que estamos mais do que quites — retrucou Conor. — Lamento o sofrimento que lhe causei na Irlanda. Eu deveria ter sido um irmão melhor.

Liam estava a ponto de gritar EU AMO VOCÊ, CONOR, ESSA É A VERDADE. EU AMO VOCÊ. Mas as palavras morreram em algum lugar dentro de Liam quando estavam a caminho de serem externadas. E nunca foram ditas ou ouvidas.

— Bem, ser irmão significa pedir desculpas o tempo todo, não é? — disse Conor. — Você está num passo irreversível de se tornar um homem poderoso e tem uma família magnífica ao seu redor.

— Exceto pelo garoto que vai seguir suas pegadas — disse Liam com amargura.

— Está bem, Liam, você já é um homem feito agora, então ouça. Tente dar a Rory um pouco de amor e honestidade. Você errou muito ao tentar viver com uma mentira em relação a ele. Sabe como dói não ser amado. Por que está se esforçando tanto para repetir o erro de papai? Como pode fazer isso com seu próprio filho depois de tudo que você já passou?

Liam encolheu-se, atingido, desnudado.

— Estou ouvindo — disse, finalmente, com voz rouca.

— Liam, tentei desesperadamente evitar o inevitável. Você não pode trancar seu filho num quarto escuro e fechar a porta. Rory é um garoto inteligente com a mente de um mago e um coração cheio de vida e de curiosidade. É melhor que você veja que, tenha eu vindo para a Nova Zelândia ou não, você não pode transformá-lo num vegetal conduzindo

ovelhas. Ele vai traçar seu próprio caminho. Não tente impedi-lo. Somente se você o fizer saber que é amado é que ele voltará para este lugar.

Bem irmãos sempre acabam fazendo as pazes quando há uma prancha de embarque à espera de um deles. Liam gostaria de saber chorar nos braços de Conor, mas toda vez que sentia vontade de fazê-lo, um impulso mais forte de teimosia o impedia. Sua despedida foi perfeitamente adequada, à moda irlandesa. As pessoas pareciam diminutas lá na doca. As crianças e a mãe chorando. Liam rígido como uma barra de aço.

Rory subiu ao convés com seu tio. Conor passou-lhe um envelope.

— O que é isso?

— Uma relação de livros que falam de tudo sobre o que nós nunca falamos. Todos falam de uma mesma coisa. É uma verdade humana que o ser humano nunca poderá aceitar: não ser livre.

— E algum desses livros me fala da Irlanda?

— Sim.

— E de que adianta? — perguntou Rory. — Não tenho como consegui-los.

— Claro que tem. Seu amigo, tio Wally Ferguson, os receberá de mim. Lamento fazer isso com seu pai, mas, diabos, eu fiz isso com meu próprio pai.

— Você vai me escrever e eu posso escrever-lhe?

— Escreverei, mas lembre-se de que isso pode tomar-se um problema, Rory.

— A Irmandade Republicana Irlandesa?

— Sim, mas se não receber notícias minhas, não foi por minha vontade, mas por necessidade.

— Compreendo.

— E deve saber, eu o amo muito, Rory.

Liam acenou enquanto Rory descia a prancha. Compreendeu que seu irmão estava levando o coração de seu filho de volta para a Irlanda e que um dia seu filho iria em sua busca.

TERCEIRA PARTE



VIVENDO NO LIMIAR

CAPÍTULO 31



Dublin, 1908

Ah, Rory, meu rapaz

O longo caminho de volta chegou ao fim.

Já que todos nós devemos aprender com cada jornada, fiz descobertas da maior importância.

Meus pensamentos estão longe de ser originais, mas a viagem foi nova para mim. Estar a caminho de casa, por mais trágicas que sejam as lembranças que se tenha guardado, não se compara a qualquer outra viagem que o ser humano possa empreender.

De certa forma, a Irlanda não é diferente de nenhum outro lugar, exceto por um pouco mais de tristezas e um pouco menos de alegrias, mas a Irlanda é a minha vida, minhas alegrias e minhas tristezas.

Por que é assim, Rory? Que terrível encanto tem o país onde nascemos? Os campos ainda são desgraçadamente pedregosos, suas cidades empobrecidas, suas enfermarias cheias de doentes de cólera e tuberculose, a justiça de seus soberanos uma loucura... e no entanto, meus pés no solo da Irlanda dizem-me que eu e a Irlanda somos um só.

Meu querido amigo, Seamus O'Neill, voltou da Guerra dos Bôeres para me receber... Ele agora é um renomado jornalista e continua sendo um aspirante a dramaturgo e uma das pessoas mais requisitadas de Dublin.

Eu agora já consigo falar do incêndio da fábrica de camisas sem quase me destruir. Depois, veio o maior dos meus temores, minha primeira viagem de volta a Ballyutogue. Uma pessoa não pode se divorciar de seu próprio país, e sua infância é a alma deste sentimento. Atravessei a velha cabana, os campos e a forja extremamente emocionado e demorei-me muitas horas nos túmulos da família.

A querida Brigid se tornou a zeladora de nossas cinzas. O frescor de sua tia desapareceu. Durante muitos anos, minha mãe quis unir suas terras com as do vizinho ao lado, os O'Neill. É provável que Brigid faça um casamento sem amor com o irmão mais velho de Seamus, Colm, um sujeito sem graça, e terão muitos hectares de que se gabar.

Ele é um palerma, com um cachorro velho e fedorento aos pés, um velho cachimbo fedorento na boca e um cheiro de bebida que vem de dentro. Embora ainda haja tempo para Brigid, estou certo de que a cama deles será estéril.

O meu irmão Dary agora estuda em um grande seminário em Maynooth. Será um sacerdote do povo e será amado, porque sabe compreender e não irá oprimir. Peço a Deus que haja lugar para ele na Igreja. Dary, Seamus e eu retomamos às nossas vidas agrídoces. Já se passaram quarenta anos, mas a Fome ainda paira sobre Ballyutogue.

Sim, a grande fome marcou para sempre o nosso povo, destruiu nossos sonhos, privou-nos de nossa coragem, dispersou nossas sementes. Quando deixei a Irlanda, via um povo alquebrado, destituído da vontade de protestar, subjogado, um paddy acabrunhado.

Mas agora Dublin explode com o renascimento gaélico. Novos partidos políticos, partidos que

*realmente representam os anseios irlandeses,
uniram-se à causa.*

Os meus temores mais terríveis agora podem ser esquecidos. Eu temia passar minha vida vendo a Irlanda sem rumo, assim como as suas tradições.

Veja, Rory, o que não posso lhe contar agora como foi o meu impressionante encontro com Long Dan Sweeney, que voltou para reavivar a Irmandade Republicana Irlandesa, da qual agora sou um membro secreto.

Ah, Rory, Long Dan é a própria revolução! Seu rosto envelhecido parece de cera, sua pele é de uma palidez doentia e seu rosto marcado de sulcos e fendas, como uma vida inteira de fugitivo faz com um homem. O tempo e a justiça inglesa transformaram-no em um cínico excêntrico.

Estou morrendo de vontade de contar-lhe o que não posso. Duas mil armas estão escondidas na Inglaterra e, sim... seu tio Conor foi encarregado de contrabandear-las para dentro da Irlanda!

Sua primeira dúzia de livros está a caminho. Alimente-se deles.

Lembre-se por favor dos dois pontos principais de minha visita, a saber: quando o seu oponente ataca-o com o punho esquerdo, você vai por baixo dele e atinge-o nas costelas com a direita, depois se agacha afastando-se, sempre circulando pela direita.

Em segundo lugar, seja gentil com as garotas. Sempre as faça sentir-se como rainhas, especialmente depois de fazer amor.

*Seu tio, com amor,
Conor*

CAPÍTULO 32



Se Atty estivesse atuando em uma peça, a sessão vespertina das quartas-feiras deixava sua noite livre. A quarta-feira tomou-se a noite dedicada à família, com um jantar cedo no Hotel Russell, uma passagem pela biblioteca Trinity e um passeio em St. Stephen's Green vendo as vitrines.

Naquela quarta-feira, Atty estava ensaiando, um ensaio tenso. A peça era a produção mais ambiciosa do Abbey Theatre até aquela data e, à medida que a noite de estreia se aproximava, todos pareciam nervosos.

Rachael compareceu ao ensaio com Emma a tiracolo, acenou para sua mãe no palco e foram sentar-se. A poltrona de Rachael ficava próxima ao saguão, de onde ela podia mergulhar em seus deveres escolares. Emma preferiu um lugar na terceira fila para não perder nem uma só palavra.

Houve uma troca de palavras evasivas no palco. O diretor delicadamente admitiu, em palavras cuidadosamente veladas, que Atty estivera irascível o dia inteiro e o protagonista concordou. Andara embaralhando suas falas e tratando a todos com aspereza. Sem dúvida, ia ficar menstruada, estava menstruada ou sua menstruação estava no fim.

Empertigou-se ao ver as filhas, deu uma cotovelada amigável nas costelas do protagonista, sua maneira de pedir desculpas, e o diretor mandou que tomassem seus lugares.

Novamente ela errou a fala. O diretor chamou-a a um canto.

— Você não está se parecendo muito com Atty — disse em voz branda. — O que está havendo, querida?

— Eu não sei — murmurou ela. — Foi como se eu tivesse visto uma *banshee* à noite passada. Alguém morreu... não sei.

— Quer encerrar por hoje?

— Deus, não. Dê-me cinco minutos.

Sentou-se e limpou uma onda repentina de suor em sua testa, pediu um copo d'água à assistente. Estava seca. Foi uma sensação boa sentir a água descendo.

Vamos, Atty, disse, tentando se animar, está agindo como uma prostituta velha.

Levantou-se, mas suas pernas estavam trêmulas. Naquele instante, Theo entrou correndo no teatro, ofegante e desalinhado por causa da corrida acelerada que dera de Four Courts.

— É o papai! — gritou, correndo para cima do palco. — É o papai Desmond Fitzpatrick caíra na sala do tribunal, atingido por um ataque cardíaco fulminante. Quando a família conseguiu chegar ao hospital, ele já havia sido declarado morto. Desmond estava a poucos dias de completar 39 anos.

As torrentes de sensações, que percorreram Atty Fitzpatrick, solidificaram-se em um silêncio de lábios cerrados. Uns poucos sussurros aos amigos, umas poucas palavras às crianças. Nunca se mostrara tão altiva quanto à beira da sepultura com seus filhos e cinco mil irlandeses perplexos à sua volta.

Os gemidos das lamentações soaram como antigas flautas gaélicas. Uma perda repentina que choca, sim, e assusta quando um herói é tombado. Um cortejo silencioso seguiu-a até o número 34 de Garville Avenue. Atty manteve-se quase sempre em absoluto silêncio diante da avalanche de demonstrações de pesar e solidariedade.

Quando tudo acabou, ela se trancou na biblioteca no andar superior, vendo apenas Theo, Rachael e Emma. Quinze dias depois da morte de Des, ela retomou ao palco do Abbey e realizou uma performance que levou toda a Irlanda às lágrimas de admiração. Ela aceitou o momento sem nenhuma bravata...

Só então sucumbiu e retirou-se com as crianças para Lago Clara.

Será que tudo valeu a pena, Des? — perguntava.

E ele respondia o que já respondera muitas vezes antes; “Somos vítimas inocentes, você e eu, de grandes compulsões. Forças insaciáveis nos dissipam. Sim, todos os homens e mulheres lutam contra as forças que criam o mal, a preguiça, a vaidade, a fome da conquista, a ganância de possuir, a vontade de ferir os outros. Todos os homens e mulheres, exceto você e eu, entram num acordo com suas compulsões, conseguem controlá-las e procuram viver como pessoas normais. Com Des e Atty, é o desgaste, por uma ferocidade hedionda, de vencer ou cair morto na tentativa. Não conhecemos outra maneira. Agimos certo trazendo crianças inocentes ao nosso reino insano?”

Sentava-se com a elegância de uma rainha de luto diante da lareira e uma sensação mágica a dominava. Theo, Emma e Rachael não se encolhiam de medo. Recobravam as forças, intuitivos e fortes, mostrando a fibra e o idealismo de sua criação. E Atty se unia a eles.

Theo já seguira um pouco os passos do pai e demonstrara as garras e a inteligência paternas para as questões legais. Gesticulava como Des, açoitava com a astúcia mordaz de Des. Deixou claro para Atty que, apesar de sua própria força, ainda havia um homem, ainda que jovem, em casa. Desde a morte de Des, ela viu que logo teria um novo companheiro espiritual.

A pequena Rachael tinha quase a mesma altura, mas parecia pequena quando seu corpo miúdo e esguio ficava ao lado de sua escultural mãe. Nos momentos de pesar, Rachael sentava-se no colo da mãe, não para ser consolada, mas para consolar. Logo se tomaram grandes amigas — na verdade, a amiga que Atty nunca tivera.

Dos três filhos, Emma representava um elo mais fraco. Ela realmente nunca demonstrara o estoicismo dos outros quatro, mas fazia o jogo, deixando-se passar despercebida no pano de fundo daquela poderosa família. Emma gostava de bonecas e de coisas de menina. Foi a que mais sofreu com a morte de Des, pois a adoração que sentia pelo pai era incomensurável. A mãe sempre fora alguém além de sua compreensão. Emma não ousava aproximar-se demais por medo de tolher Atty em suas resolutas determinações. Era uma criança que sempre se sentira preterida em relação ao movimento e nunca parte dele.

A mãe de Atty, *Lady* Charlotte Royce-Moore, não tinha uma menina para mimar desde que Atty descobrira Dublin, quando ainda era uma adolescente. Ela viajou imediatamente para Lago Clara e serviu como uma força amorosa e tranquilizadora, embora sua mentalidade inglesa tivesse que ser tolerada.

Lady Charlotte sentia-se desesperadamente solitária desde a morte do marido. Vendo a família refeita, sugeriu a Atty que Emma e ela fizessem uma viagem pelo continente, com a perspectiva de Emma considerar a possibilidade de estudar em Londres.

A verdade? Emma era o estranho no ninho. Seria melhor para ela ficar com sua avó do que sofrer a perda do irmão, da irmã e dela mesma? Atty achou uma boa ideia porque Emma também a aprovava.

Sim, Atty sabia que Charlotte iria receber de Emma tudo que Atty nunca lhe dera. Muito provavelmente a própria menina desejava isso dolorosamente. Podia ver Emma tomando-se uma moça fina e formosa num cenário social mais adequado para ela.

Quanto a ela, Theo e Rachael, eles rapidamente se reorganizaram. Atty mergulhou em seu trabalho, desta vez com uma unidade familiar dedicada e poderosa, todos rezando pela mesma cartilha.

CAPÍTULO 33



Fazenda Ballyutogue
Kiwi Junction
Christchurch
Ilha do Sul
Nova Zelândia

Querido Tio Conor,

Sua trágica partida transformou a Fazenda Ballyutogue num cemitério de mortos vivos. Durante as primeiras semanas, ninguém sorria, muito menos ria. Depois, seus cartões postais começaram a chegar de vários portos de parada.

O *Squire* foi o que mais sofreu, resmungando que deveria ter se empenhado mais para que você ficasse aqui, mas ao mesmo tempo resmungando que nada poderia tê-lo impedido de partir. Umas seis vezes por dia eu o ouço praguejar em voz baixa: “Maldita Irlanda.”

Meu pai olha para mim, embora eu só tenha doze anos, como se eu fosse pegar o próximo navio que saísse da Nova Zelândia. Sem falar nada, seus olhos me dizem “Você ama seu tio Conor mais do que a mim”.

Como posso fazê-lo entender que não é possível a ninguém amar alguém mais do que se ama os pais? Amo você mais do que imaginava poder amar e posso dizê-lo sem me envergonhar porque você me ensinou como é importante dizer a alguém que o amamos. Entretanto, não posso amá-lo

mais do que a meu próprio pai, ainda que ele fosse um assassino brutal. Por que ele não entende isso?

Há uma semana, fui a Christchurch e tio Wally entregou-me a incrível caixa de livros que você enviou. Passou-os furtivamente para mim do mesmo modo que o Sr. Ingram os passava a você. O *Squire* não se deixa enganar, mas ele não ousará retirá-los de mim. Nunca pensei que se pudesse sentir uma sensação na boca do estômago pelo simples fato de abrir um livro. Como sugeriu, comecei com As Aventuras Tom Sawyer e Huckleberry Finn. Que sujeito esse Mark Twain! Primeiro, lutei com as páginas, mas quase num passe de mágica meus olhos começaram a absorver mais e mais palavras, até que elas me prenderam como se eu estivesse amarrado, até eu adormecer lendo.

O que é realmente maravilhoso a respeito do Sr. Twain é que ele sabe tantas coisas sobre mim e sobre o que estou pensando, embora ele nunca tenha vindo à Nova Zelândia. Ele parecia estar escrevendo sobre a minha própria família e particularmente sobre o *Squire*. Ele me disse o que você me dissera, que “se você se encontrar num livro, nunca mais se sentirá sozinho”.

Segui seu esquema de luta com um garoto da escola que sempre importuna todo mundo. Parece que eu sempre tenho que defender os pobres, como Robin Hood. De qualquer modo, ele não importuna mais ninguém. Três golpes nas costelas e ele deixou o queixo desguardado. Foi fantástico.

Estava pensando em iniciar atividades sexuais depois do meu aniversário, considerando que sou grande para minha idade e várias garotas mais velhas da escola sabem mais do que seus pais pensam que elas sabem. No entanto, tendo sido avisado por você, resolvi adiar por uns tempos. Mas, sinto a tentação o tempo inteiro.

Com amor,
Rory

Nem Rory podia escrever:

Tento ler nas entrelinhas de sua carta e imaginar a ação heroica em que está envolvido. Francamente, estou pensando seriamente no dia em que puder ir para a Irlanda e jurar lealdade à Irmandade Republicana Irlandesa.

Meu caro Rory,

Fico feliz em saber que está lendo seu nono livro.

Atendendo a antigos colegas, fui encorajado a entrar para o time de rúgbi Boilermakers, de Belfast. Graças àquele ano em que joguei na Austrália, seu velho tio ainda tem boas pernas.

Significa um bom emprego nas Oficinas de Navios e de Ferro Weed e uma série de coincidências. Jeremy Hubble está trabalhando no estaleiro do avô e também está tentando entrar para o time. Ele é muito rápido e tem boa presença de espírito.

Parece que ele está atrasado nos estudos e terá dificuldades de entrar para o Trinity College em Dublin. Assim, estou como tutor de um Visconde durante a turnê de rúgbi pelas Midlands. Sempre gostei desse rapaz e tê-lo sob minha asa às vezes me faz sentir que você está aqui comigo.

Sim, eu vi Caroline. A passagem dos anos caiu-lhe admiravelmente. Não há como negar que ainda existe amor entre nós e sempre haverá. Mas, nosso amor, de ambas as partes, sempre foi matéria de sonho, místico, inatingível, delicado, perigoso.

Não sei por ela, pois as mulheres podem permanecer enamoradas para sempre.

Ela era etérea e, enquanto estava enfeitiçado por ela, não estava disponível para uma mulher viva, real. Rory, no instante em que a vi, soube que estava livre pela primeira vez na vida para buscar, voar, abraçar, sem que ela pairasse sobre mim.

Ah, acho que levei minha infância a extremos, mas já não sonho tanto. O realismo tomou conta de mim... realismo absoluto, pois a minha vida exige isso agora. E, graças a Deus, agora posso amar uma mulher de verdade.

Sei que está entendendo além do que está escrito, caro Rory. Todas as coincidências foram forjadas por mim para entrar nas Oficinas de Navios e de ferro Weed e usar o trem particular de Sir Frederick que leva seu time de rúgbi na turnê pelas Midlands e talvez possa acabar transportando as armas da Irmandade para dentro da Irlanda.

Realismo! Sou um canalha por usar Caroline e Jeremy. Realismo! Pertencço à Irmandade Republicana Irlandesa, de modo que a decisão tornou-se automática. Resumiu-se numa lógica simples de que eu não posso mais amar Caroline daquela forma e ser membro da Irmandade.

Muito do meus velhos sonhos mudaram no dia em que fiz o juramento da Irmandade. Estamos jogando pesado agora, mas como disse Long Dan Suweeney: Nada que façamos para conquistar nossa liberdade pode ser tão péfido quanto aqueles que nos negaram nossa liberdade.”

Querido tio Conor,

Foi bom você me ter explicado que um passo adequado e natural na passagem à idade adulta é a masturbação, porque agora eu faço isso com frequência. Se não tivesse me dito, eu estaria nadando em culpa e confessando-me o tempo todo, embora nada haja para confessar. Fiquei muito feliz porque tive a pior das aulas da minha vida com o Padre Gionelli sobre pecado e masturbação. Seu

conselho sobre essa questão é o mesmo tipo de conselho que darei ao meu próprio filho.

Como você disse, a história volta para nos assombrar. O *Squire* encontrou meus livros. Ele só ficou olhando, fixamente, imóvel. Depois, montou sua égua e foi para sua maldita colina conversar com quem quer que seja que ele conversa lá em cima. De qualquer forma, tio Conor, quando voltou de sua maldita colina não me dirigiu uma palavra durante três semanas.

Sabe o que faço agora? Levo um livro para a sala de estar à noite e fico lendo diante dele. Mas não adianta. Todos ficam muito tensos.

Além do mais, eu prefiro ler no meu quarto mesmo.

Já que estamos falando de livros, acho que estou pronto para deixar para trás Jack London e Robert Louis Stevenson, por mais repletos de aventuras que sejam. Talvez esteja pronto para tentar Dickens.

Sinto-me tão confuso. Se ao menos o *Squire* e eu pudéssemos discutir nossos sentimentos. Não leio para enfurecê-lo. De qualquer forma, vou acumulando uma grande frustração e à vezes brigo com garotos de quem nem tenho raiva. Geralmente, vou atrás de sujeitos maiores, usando minhas incríveis habilidades com a mão esquerda. Acho que tenho má reputação. Parece que só depois de uma briga eu consigo me acalmar e então a fazenda me ajuda a sossegar.

Um dia, o *Squire* e eu vamos realmente ter uma conversa calma, definitiva. Fora isso, a vida é boa agora, bastante boa.

Com amor,
Rory

Como Rory desejava escrever o que não podia.

Tio Conor, queria ardentemente vê-lo de novo. Como invejo Lorde Jeremy Hubble. Veja bem, não tenho ciúmes dele. Quero dizer, que maravilha viajar tendo o senhor como tutor e como técnico de rúgbi. De certa forma, fico contente que tenha um rapaz a seu lado, fazendo com que nunca se esqueça de mim.

E Jesus, tio Conor, todas essas “coincidências” sobre as quais você escreveu. Parece que você está vivendo uma grande aventura.

CAPÍTULO 34



ARQUIVOS SECRETOS DE WINSTON CHURCHILL

Quando renunciei ao Partido Conservador tinha passado a detestar — não, a odiar os homens, métodos, palavras e feitos. Aqueles *Tories*, acredito, são uma confederação de corruptos usando agressão no estrangeiro, na forma de mão-de-obra barata para os milionários ingleses. Embora tenha nascido nessa classe, e com infinita admiração pelo meu falecido pai, não posso e não continuarei como um detestável aristocrata.

Este ano, os Liberais comandados por Campbell-Bannerman invadiram o Parlamento e aceitei meu primeiro posto no governo como subsecretário para as Colônias.

Os boatos do meu noivado com a filha do primeiro-ministro da África do Sul, Louis Botha, foram extremamente exagerados. Não havia sentimentos verdadeiros pela jovem.

Recebi a incumbência de encontrar um novo distrito eleitoral para continuar no Parlamento e eu escolhi Manchester, que venci bem facilmente.

Durante minha campanha eleitoral, tive oportunidade de ser hóspede daquele fanfarrão intratável do Ulster, *Sir* Frederick Weed, que levava seu time de rúgbi pelas Midlands. Apesar da sua rígida política unionista, gostei bastante desse sujeito e achei que poderíamos fazer negócios no futuro. Recordamo-nos de nosso primeiro encontro na Mansão Hubble, em Londonderry, quando eu era um menino e meu pai jogou sua hoje famosa “carta de Orange”.

O propósito das minhas digressões aqui foi que os brutamontes do Boilermakers levaram a nossa ambicionada Admiral's Cup para a Irlanda, não sem antes desmoronar um bordel em Bradford no caminho. O neto de Weed, o Visconde Coleraine, ganhou uma enorme e afetuosa reputação por seu papel na refrega. Se tivéssemos mais homens da estirpe de Weed e Lorde Jeremy Hubble, sua classe certamente seria mais aceitável. O genro, o conde de Foyle, Roger Hubble, representa tudo que abomino.

Em meu novo cargo, tenho viajado consideravelmente às colônias e estou bastante satisfeito com a amizade que travei com minha secretária particular, Eddie Marsh.

Por outro lado, assinalei a extinção política de *Sir* Frederick Hopwood, cuja mensagem a meu chefe, secretário para as Colônias, Lorde Elgin, chegou ao meu conhecimento. Entre outras observações covardes, ele diz: “Ele (referindo-se a mim) é muito difícil de lidar e temo que possa causar problemas — como seu pai o fez — em qualquer cargo para o qual seja requisitado. A energia irrequieta, o incontrolável desejo de notoriedade e a falta de percepção moral fazem dele realmente uma angústia!”

Ora, ora! Veremos.

Winston Churchill

Ah, sim, aquela partida de rúgbi Ulster-Bradford é melhor lembrada pelo fato de eu me ter sentado ao lado da Condessa Hubble, que de alguma forma conseguiu manter-se linda apesar de seu temível marido. Seu perfume naquele dia era divino.

WSC

CAPÍTULO 35



Rory O'Rory !

Como lhe contar isso agora?
Encontrei a outra metade da minha
metade de vida. Ela não é o que eu
esperava. Canta fora do tom, o que é um
insulto ao meu muito bem afinado senso
melódico, definitivamente não é bem
ruiva e reza sentada, se é que na verdade
alguma vez ela reza. Entretanto, apesar
de seus inúmeros defeitos e da minha
própria perfeição, apaixonei-me
perdidamente, perdidamente, por ela.

Seu nome é Shelley. É protestante,
do distrito Shankill de Belfast, um lugar
que conhece a fome, a cólera e uma
indigência permanente. Atualmente, os
operários do estaleiro moram aqui, a
maioria em pequenas casas enfileiradas.

Seu irmão é o Capitão do time dos
Boilermakers, e seu pai, um antigo
empregado das Oficinas de Navios e de
Ferro Weed. Apesar das diferenças de
nossas convicções, sua família viu a
felicidade nos olhos de Shelley e me
aceitaram como seu filho e irmão.

Esperar tanto tempo tem suas
recompensas especiais. Há quanto
tempo olho em olhos estéreis? Como as
possibilidades têm sido superficiais!
Agora, olhei e vi algo diferente, uma
parceira preciosa à voz, ao toque, à
vista... tão preciosa que não me sacio de

suas dádivas nem consigo acreditar que sejam minhas.

Meu amor por Shelley não surgiu facilmente. Tive que enfrentar o pior teste da minha vida ao saber por ela que, durante três anos, ela fora amante de um homem casado. Senti um monstro chamado ciúme sair de dentro de mim. Esse monstro está além de nossa capacidade de racionalização. Ele nos consome.

Bem, rapaz, perambulei um pouco, depois parei e explorei um pouco de mim mesmo. Tive que livrar-me do orgulho camponês do irlandês, superar os anos em que a Virgem foi martelada em minha cabeça. Shelley disse-me, antes de fazermos amor, que não iria começar com uma mentira, que eu precisava saber que sempre que ela falasse eu estaria ouvindo a verdade.

Ela foi uma menina pobre que lutou para conseguir uma posição razoável na vida, apesar de todas as adversidades. No final, nada havia a perdoar ou esquecer. Por que duas pessoas não podiam encontrar o amor um no outro para fugir à miséria de Belfast como Shelley fizera? Assim cresci muito rápido, Rory, pois a ideia de perdê-la era tão avassaladora que eu não a poderia infligir para mim mesmo, e sinto-me o homem mais feliz na face da terra.

Passamos nossas noites entrelaçados. Sofremos quando temos que nos separar durante o dia e nos

sentimos bem-aventurados tão logo nos avistamos depois do trabalho. A felicidade está sempre à nossa volta quando estamos um na aura do outro.

Sei agora que somente uma parte de mim pode pertencer à Irlanda. Como lidaremos com isso é nosso mistério.

Temos plena consciência de que podemos estar fadados desde o início. Poderei viver com um pé na Irmandade e outro na farsa de viver uma vida normal com ela? Poderemos ter paz com os fanáticos de Orange? Pela primeira vez também questiono minha marcha inexorável da infância para uma vida no jogo do patriotismo. Poderei manter esses dois amores?

Um dia terei que passar à clandestinidade e viver como um fugitivo. Posso condená-la a encontros desesperados em esconderijos miseráveis com as molas da cama saltando e os percevejos devorando nossa pele? Posso pedir a uma mulher para viver com medo de cada batida na porta?

Bem, querido Rory, estou partindo para a turnê pelas Midlands, mas isso não é nem a metade. Já marquei o trem particular e a locomotiva de Sir Frederick Weed para contrabandear armas para a Irlanda. Quando a turnê partir e a primeira carga sair de Bradford, a porta para qualquer tipo de vida fora da Irmandade será fechada.

Encontrar Shelley nessa altura do jogo cravou um grave ferrão no meu compromisso. Não me saía da cabeça o pensamento de que, embora eu não tivesse conseguido viver longe da Irlanda antes de conhecê-la, agora acho

que poderia viver em qualquer lugar do mundo ao lado dela. Isso me atormenta, noite e dia.

Da turnê pelas Midlands

Querido Rory!

Pela primeira vez na longa e atormentada história da Irlanda, nós vencemos a Admiral's Cup. Sim, os Boilermakers de Belfast arrasaram um bando de cabeludos asquerosos, um atrás do outro, e seu velho tio se saiu muito bem. Tudo que resta agora é acabar com os All-Blacks. Espero que você esteja no time quando eu chegar!

Por Deus, em cada cidade, um após o outro, eles tombaram como árvores de raízes superficiais em um furacão tropical.

Eis uma história para confortar seu coração. Robin McLeod, o irmão de Shelley e Capitão do time, foi meu colega de quarto e nós dois tomávamos conta de Jeremy que ficava no quarto ao lado. Como você sabe, eu estava preparando o rapaz para seus exames para entrar no Trinity College em Dublin. Ele jogou muito bem e foi um fator decisivo na nossa conquista do campeonato. Nenhum sinal de esnobismo nesse rapaz. Poderia muito bem passar pelo filho de um mineiro e conquistou a admiração de todas as feras que tem como colegas de time.

Seu avô, *Sir* Frederick Weed, o dono do time, de vez em quando viajava conosco, com acomodações muito melhores. Assim, deixei que Jeremy

passasse uma noite ou outra com seu avô e o diabinho acabou se envolvendo com prostitutas e achando que estava apaixonado por uma delas.

Depois que resolvemos isso, eu o mantive debaixo de sete chaves. Entretanto, houve uma comemoração final quando vencemos a copa. Jeremy me ludibriou enchendo sua cama de travesseiros e descendo três degraus pelo cano de drenagem. Enquanto eu dormia, o time foi parar em um bordel, quando o time perdedor, os Bradford Bulls, chegaram ao local. Alguém atirou um insulto nacionalista grosseiro e seguiu-se uma monumental baderna.

Lorde Jeremy e a maioria dos Boilermakers foram presos e a imprensa tratou o caso como se fosse a segunda morte da rainha Vitória.

Caroline, depois da fúria inicial, enxergou o humor da situação e *Sir* Frederick ficou um pouco orgulhoso porque seu neto seria um herói quando entrasse para o Trinity. Entretanto, Lorde Roger não viu as coisas desse modo. Esbofeteou o rapaz num acesso de raiva, humilhando-o inexplicavelmente. Meu próprio pai, Tomas, esbofeteou-me uma vez por causa dos livros, como você sabe. Isso aconteceu há vinte e cinco anos e eu ainda sinto o golpe.

Portanto, meu rapaz, parece que pais e filhos se desentendem, não importam as circunstâncias de seu nascimento, riqueza ou propriedades. O

irmão mais novo, Christopher, é um esnoezinho prepotente, a menina dos olhos do pai.

O relacionamento com nossos pais é a eterna diabrura da raça humana. Não há possibilidade de a nova geração realmente aprender com a mais velha. Cada rapaz e cada moça têm que fazer sua própria jornada única e surpreendente a um relacionamento que termina com sua própria solução. E às vezes temos que passar a segunda metade de nossa vida nos recuperando da primeira.

Toda vez que vejo Jeremy Hubble também faço de conta que estou com meu sobrinho Rory seis anos mais velho, tomando alguns tragos no bar, impedindo-o de se casar com prostitutas e limpando a lama e o sangue do seu corpo depois de uma partida de rúgbi.

Portanto, eis aí a história, Rory. A Admiral's Cup e Lorde Jeremy foram a alegria da temporada. Shelley veio passar aqui uns dias de folga e quando ela partir, o transporte das armas começará. Ela não sabe do plano. E agora, o dilema. Amo essa mulher tão desesperadamente que a ideia de que possa existir uma vida de paz com ela longe da Irlanda está me deixando louco. Antes de Shelley, não havia realmente nenhuma possibilidade de vida para mim que não terminasse na Irmandade.

Shelley McLeod vislumbrou a louca ideia de Conor de fugirem da Irlanda e, num instante de euforia, concordou. Na manhã seguinte, recobrou o juízo perfeito. Se fugissem, o Conor Larkin que ela amava não seria o mesmo. Ele se transformaria numa casca vazia e logo seria tomado de rancor de si mesmo. Compreendeu, à luz do dia, que o mundo era pequeno demais para eles se esconderem. Nem mesmo o encantamento e o amor que sentiam poderiam se interpor entre um irlandês e seu sonho.

O que um dia fora amor ficaria rançoso em um ou dois anos sem nunca mencionar a Irlanda. Ela teria que vê-lo morrer aos poucos.

Conor recusou-se a arrastá-la para o sofrimento e a vida sem saída impostos sobre a mulher de um rebelde.

Voltaram para Belfast em separado, sofrendo amargamente.

As cartas e os livros para Rory tornaram-se menos frequentes. Rory, que podia pressentir o que se passava com Conor do outro lado do mundo, era tão perspicaz que adivinhou o que provavelmente acontecera.

CAPÍTULO 36



1908

O plano de contrabando de armas foi executado sem falhas, registrando uma viagem após a outra para e de Belfast e Liverpool sem nenhum obstáculo. Algo, além de entes falecidos, estava sendo enterrado nos cemitérios das vilas.

Tendo estabelecido a rota, o lado inglês do plano já não exigia a presença de Conor. Alegando a idade e contusões, pediu demissão dos Boilermakers.

No começo, *Sir* Frederick não quis nem ouvir falar no assunto, mas finalmente cedeu. Na verdade, sabia que os Boilermakers não venceriam a Admiral's Cup outra vez por muitos anos. Além disso, Jeremy já estava no Trinity College e não era mais jogador.

A forja de Conor dentro das Oficinas de Navios e de Ferro Weed tornou-se uma fonte de informações para a Irmandade, a maioria inquietante. Parecia que Weed e o grupo de Orange conseguiam contrabandear para dentro da Irlanda cem armas para cada uma que a Irmandade conseguia trazer. Além disso, oficiais ingleses estavam treinando os Voluntários do Ulster, enquanto o governo fingia não ver.

Embora fosse um período tranquilo, Long Dan Sweeney não conseguia livrar-se de uma inquietação. Um ressentimento frio se estabelecera entre ele e Conor, que agora parecia estar em permanente estado de melancolia.

Dan sabia que Conor não mais se encontrava com Shelley MacLeod e se perguntava se o amor de um homem poderia calar tão fundo. Para Dan, nada o atingia no íntimo senão o movimento. Uma ponta de dor, sem dúvida. Mas não um republicano do porte de Conor Larkin, preparado pelo pai e pelo avô. Sim, havia tolos que se deixavam destruir, mas Conor Larkin não era nenhum tolo. Por que então ele não conseguia livrar-se daquilo?

Dan encorajou visitas mais frequentes de Seamus O'Neill ao norte. Seamus era o único confidente de Conor. Toda vez que Seamus voltava de Belfast vinha com o mesmo relatório geral.

— Seu amigo, Larkin, parece ter contraído um caso irremediável de irritação — resmungou Dan com Seamus em um esconderijo ao sul de Dublin nos contrafortes de Wicklow. — Não gosto mais de encontrá-lo em Belfast.

— Eu direi a ele que você tem que ser tratado com o respeito devido a um comandante. Você sabe, Dan, como se você fosse um Coronel inglês no Sudão.

— Aconteceu alguma coisa de errado com ele. Ele costumava me fazer dar gargalhadas.

— Então, pergunte a ele.

— Droga, eu sei o que foi. Ele se separou daquela garota. Voltaram separados da Inglaterra. Ele tem estado de péssimo humor desde então, não é, Seamus? É isso, não é?

— Não traio meu amigo.

— Não há segredos para mim — insistiu Dan.

Seamus encolheu os ombros e serviu chá.

— Jesus, Dan, você seria muito fácil de ser encontrado. Bastava seguir a sua trilha de xícaras sujas. Só porque é um revolucionário não significa que não possa lavar suas xícaras de chá. Você deixa xícaras sujas em todos os esconderijos que usa.

Dan acalmou-se diante de seu soldado impertinente.

— Veja, rapaz, eu cometi um erro básico com Larkin. Deixei que o sentimento atrapalhasse meu julgamento. Desenvolvi uma afeição inequívoca por esse homem e isso é um erro. Uma vez, afeiçoei-me muito a um homem, Richie Leary. Descobri depois que era um informante. Eu mesmo tive que atirar nele, em ambas as rótulas. Não que algum dia algo semelhante possa acontecer a Conor... é que não se deve alimentar uma afeição.

— Às vezes, não depende de você, não é, Dan?

— Esqueça o maldito envolvimento de personalidades. Preciso de Conor Larkin e você vai precisar dele quando eu tiver partido. Eu o vejo como nosso futuro comandante. Não podemos continuar com essa acidez entre nós.

— Ele rompeu com aquela mulher quando estavam em Blackpool
— disse Seamus.

— Ele quase não voltou para a Irlanda, não é, Seamus? Sei como um homem age depois que faz planos de partir.

— Ele voltou, não voltou?

— Metade dele voltou. Quero ele por inteiro.

— Nem sempre é assim tão fácil. Ora, você deve saber. Conor está sofrendo um mal de amor.

— Eu saberia há trinta anos, Seamus. O movimento significa sempre nadar contra correntes traiçoeiras, sem jamais chegar ao seu destino. É rápido para arrastá-lo... puxa os dois para baixo. Vi centenas de rapazes inteligentes acharem que podiam lidar com a Irmandade e com uma vida fora dela. Eu o avisei sobre isso, Seamus. Cristo, ela nem sequer é católica. Não possui uma gota do movimento no sangue. Vem de Shankill e seu pai e seu irmão são tocadores de tambor de Orange. Droga, Seamus, eu lhe dei a escolha de deixar a Irmandade em paz. Foi ele quem escolheu ficar.

Long Day recordava-se vivamente. Eram cem Conors e Shelleys. Talvez cento e um.

— Conor está repetindo algo de seu próprio passado, Dan?

A reação de Dan foi a de quem levou um soco. Seus olhos lacrimejaram, uma visão estranha.

— Seu nome era Aileen. Aileen O'Dunne. Não me lembro bem das feições dela, mas jamais me esquecerei de seu modo de ser. Os ingleses me prenderam pela primeira vez quando eu tinha dezesseis anos. Eu a conheci assim que saí. Estava com vinte e poucos anos. Todos nós marchamos pelos mesmos quilômetros de merda... chorando no túmulo de O'Connell... fazendo discursos na doca quando garotos... até mesmo escrevendo poesias ruins... Sabe, todos nós percorremos os mesmos quilômetros de merda.

— Raça estranha que somos, hem, Dan?

— Se você ama uma mulher não pode arrastá-la para uma vida em que fica esperando a cada tique-taque do relógio para ver se não estouraram seus miolos... depois, esgueirando-se pelas velas para um quarto num esconderijo... cheirando a mofo. E, ah, as malditas lágrimas que você tem de sufocar até o próximo encontro glorioso. Não funcionou na época e não funcionará agora. É uma decisão à qual todos temos que chegar. Quanto mais tarde, mais desesperador. Com o tipo de compromisso que alguém

como Conor Larkin assume, manter uma jovem que ama tanto é uma rua sem saída, de mão única, para a tragédia.

— O que posso dizer, Dan? Ele não a vê mais.

— Quando é que ele afinal vai superar isso? Todos nós temos de fazê-lo, você sabe.

Foi a vez de Seamus sentir-se angustiado.

— Você devia conhecer melhor o homem com quem está lidando em Conor — disse brandamente.

— Quem é esse Larkin afinal, Jesus?

— Ele não é nenhum Jesus. Ele usou os Hubble à perfeição e puxará o gatilho quando tiver que

fazê-lo. Não duvide de sua fibra.

— Então, o quê? Os poemas dos irlandeses a suas raparigas são uma grande merda. É sentimentalismo infantil, podre, é o que é.

— Você devia conhecer o homem com quem está lidando — repetiu Seamus.

— Obviamente há alguma coisa que não estou compreendendo. Não seria melhor que me falasse a respeito, Seamus?

— Conor e eu estamos juntos desde o início — disse Seamus. — E desde o início, nunca a beleza escapou do seu olhar. Nenhuma folha, nenhum som, nenhuma gota de chuva, nenhuma palavra meiga, nenhum perfume. Ele encontra beleza em nuvens de trovoadas e em mares revoltos, e ele nunca viu ou tocou em uma mulher em quem não visse beleza. Ao lado de sua ânsia insaciável de conhecimento e sua fúria contra a injustiça, esse homem concentra a beleza mais completamente do que qualquer ser humano que eu conheça ou já tenha ouvido falar. Sim, nesse departamento ele se iguala a Jesus.

— Durante toda a sua vida ele carregou essa beleza, dando um pouco a cada um de nós, mas nunca encontrando a mulher certa sobre a qual pudesse esbanjá-la.

— Shelley MacLeod é, ela mesma, um prodígio. Está à altura desse homem. Acho que ambos descobriram algo além do nosso universo de compreensão. Sabe, Dan, eu daria dez anos de minha vida para viver dez minutos do que eles têm um pelo outro. Era tão intenso, que é de admirar que não tenham se estilhaçado como vidro... que o homem que voltou para nós não precisa de mais nenhum comentário sobre sua lealdade ao movimento.

— Pode um homem realmente amar assim? — refletiu Dan.

— Conor Larkin pode e eu preferia vê-los fazer um pacto de morte e ficarem juntos pelo tempo que pudessem ter do que se matarem dessa forma.

— Será que esse rapaz algum dia realmente voltará para nós?

— Nunca inteiramente. Nunca nem mesmo parcialmente, a menos que alguma coisa preencha um pouco do vazio que há nele.

Estranho, pensou Seamus, como Long Dan segura sua xícara delicadamente quando está meditando. Até mesmo seu dedo mínimo está erguido.

— Acha que está na hora de o apresentarmos a Atty?

— Na verdade — disse Seamus —, estive pensando nessa mesma linha. Atty Fitzpatrick nunca poderá substituir Shelley. Mas, meu Deus, ela é uma mulher forte como ele e, talvez, queira a Virgem Maria, possa encontrar a capacidade de receber amor. Nunca teve isso de Des, você sabe.

— Também penso assim.

— Se o vazio que há nele... e nela... puder ser parcialmente preenchido, deve ser algo aterrador de se ver.

— Nunca fui grande coisa nessa área — disse Dan —, mas parece que algo assim tem de funcionar ou nós o perderemos. Até mesmo esse Conor, Jesus ou não, não pode continuar como está.

CAPÍTULO 37



Para a maior ocasião de sua vida, Brigid Larkin vestiu roupas compradas em lojas de Derry que talvez jamais saíssem do armário outra vez. Brigid e o que ela trajava eram estranhos que não davam nenhum conforto um ao outro. Ela atravessou a ponte da velha cidade para a estação de trem, mancando por causa dos sapatos novos apertados.

Era a sua primeira viagem de trem. Só o pensamento de ir direto a Dublin era suficiente para fazer até o mais educado dos viajantes tremer.

Perguntou duas vezes sobre a chegada do seu trem e ainda uma terceira vez para ter absoluta certeza. Percebeu que o chefe da estação era um protestante, mas compreensivo quanto à sua situação, tendo visto, ao longo dos anos, inúmeros passageiros de primeira viagem vindos das montanhas.

— Sua primeira viagem, não é?

— Sim — ela respondeu timidamente.

— Eu a encaminharei a bordo com toda segurança, senhorita — disse o funcionário da estação ferroviária.

— E muita bondade sua.

— Até onde vai?

— Dublin.

— Fica a poucos passos daqui.

— Na verdade, vou para Maynooth. Meu irmão vai ser ordenado neste domingo.

Era só o que o país precisava mesmo, pensou o chefe da estação, mais um maldito colarinho católico romano.

— Ah, será um grande dia para você. O Great Northern chegará em quinze minutos. Nunca se atrasa para chegar ou sair de Londonderry.

Brigid sentou-se com extremo cuidado na mala de autêntica imitação de couro que lhe fora emprestada pela viúva Dougherty. Quinze minutos se passaram. Foi anunciado que o Great Northern para Dublin iria se atrasar cerca de meia hora. Da plataforma do trem na margem

protestante, Brigid podia ver, do outro lado do rio Foyle, a Derry católica e a beira do rio com seus embarcadores e fábricas de camisas.

A velha fábrica Witherspoon & McNab destruída no incêndio já não figurava na paisagem, deixando um feio buraco na linha do horizonte como o de um dente extraído.

Brigid estivera em Derry duas vezes. A primeira, quando a colheita do linho fracassou, ela e centenas de outras jovens das fazendas tiveram de se empregar como domésticas para ganhar dois *pence*. Foram reunidas como gado na praça Guildhall com os futuros empregadores apalpando seus músculos e examinando seus dentes como se fossem cavalos.

— Esperamos que você trabalhe bem durante quatorze horas por dia, Brigid. Você não rouba, não é, Brigid? E nada de sexo com os empregados, Brigid.

Bogside era o lugar onde todos os sonhos se nublavam.

Depois de uma vida inteira de conluios, sua mãe, Finola, conseguira separá-la de seu único amor verdadeiro, Myles McCracken. É verdade que isso em parte fora culpa do medo da própria Brigid de deixar Ballyutogue e ir com ele para Derry.

Como dissera a ele naquele triste dia: “Quando um rapaz deixa Ballyutogue, nunca mais volta.” A família de Myles era tão pobre que não podia lhe dar nem a sujeira de seus pescoços, precisava dela para fertilizar a terra. Ele não possuía terras e isso não estava nos planos de Finola para sua filha.

Myles poderia ter ficado, porque todos os outros rapazes dos Larkin tinham partido ou iam partir, mas seu pai, Tomas, agarrou-se à fantasia de que Conor poderia voltar para que houvesse um nome Larkin na fazenda.

Myles seguiu Conor para Derry e mais tarde trabalhou para Conor na forja. Brigid viera buscar Conor quando seu pai adoeceu.

Brigid abaixou os olhos por um instante da visão do rio. Lembrou-se, ao chegar a Derry, dos pensamentos impuros que subiram à sua cabeça. Se seu pai morresse e ela se casasse com Myles e ficasse grávida imediatamente, Finola teria que aceitá-los porque não havia nenhum Larkin para administrar a granja. Dary estava no seminário, Conor, em sua forja em Derry, e Liam, lá longe, na Nova Zelândia...

Brigid começou a ofegar quando a porta da memória foi escancarada. . Viera em busca de Myles tarde demais. Ele se casara e ia ser pai. Lá, do outro lado do rio, estava o buraco aberto onde ficara a fábrica.

Foi onde a mulher de Myles, Maud, havia saltado do telhado em chamas e onde seu futuro filho e a mãe se haviam espatifado nas pedras do calçamento...

Myles degenerou-se em um bêbado do Bogside e mais tarde Conor teve que interná-lo num asilo. Myles enforcou-se num momento de lucidez, ao lembrar-se com clareza de Maud pulando do telhado...

O funcionário da estação pegou a mala de genuína imitação de couro e conduziu Brigid para um compartimento muito melhor do que permitia o valor de sua passagem. Entregou-lhe furtivamente um bilhete extra.

— Para a sua primeira viagem, deve ter a vista de uma janela em todo o percurso, senhorita. — Guardou sua mala em uma prateleira acima de sua cabeça.

— Que Deus o abençoe, senhor.

Cada ruído e cada movimento eram novos para ela enquanto o Great Northern expelia fumaça e resfolegava ao sair da estação, passando a um clique-claque... clique-claque regular.

Uma dúzia de suspiros profundos abrandaram sua ansiedade e ela ficou magnetizada pelo balanço do trem e pela maneira como os campos e os casebres passavam voando por ela. Sozinha no compartimento, Brigid ousou abrir a cesta de vime, retirar uma fatia de pão e beliscá-lo.

Com Myles McCracken morto, a cruzada de sua mãe estava em parte realizada. Salvara Brigid de um casamento pobre com um rapaz sem terras. Não viveria para ver a segunda parte de sua conspiração para que Brigid se casasse com um dono de terras, nem que fosse um viúvo com filhos ou, principalmente, Colm O'Neill com a granja vizinha.

O sentimento de pecado extremamente aguçado de Finola apoderou-se dela. Quando Dary nasceu, sua condição física para ter filhos estava destruída. Ela obedeceu ao Padre para viver como “irmão e irmã” com Tomas, sem mais nenhuma relação sexual. Esse sentimento de pecado foi acionado outra vez pelo destino trágico de Myles McCracken. Escondeu sua culpa de Brigid e somente no fim confessou ao Padre, mas o resto de sua vida foi uma tentativa de reparar seu pecado de ter mandado Myles embora. Finola manteve seu segredo até exalar os últimos suspiros olhando nos olhos de Brigid.

clique-claque... clique-claque... clique-claque...

A porta de seu compartimento foi aberta repentinamente.

— Strabane! — gritou o condutor.

Uma família na plataforma prendeu a atenção de Brigid. Obviamente, eram um pai e uma mãe tentando despedir-se de um rapaz rústico e desajeitado. Parecia-se um pouco com Liam. Todos os três estavam pouco à vontade. O pai mantinha-se severo. A mãe continha as lágrimas. O labrego mexia-se irrequieto e, em seguida, bons e fortes apertos de mão e um rápido beijo do filho no rosto da mãe.

Dois novos passageiros invadiram seu compartimento, reduzindo seu espaço. Um deles era o labrego, que parecia querer chorar sem saber exatamente como. Enfiou sua mala com dificuldade ao lado da sua na prateleira. Acho bom ele não amarrotar o meu vestido para a ordenação, Brigid resmungou consigo mesma. Fora costurado com devoção para Dary.

O trem deu uma guinada repentina, jogando o rapaz contra ela. Ele disse “Desculpe-me” e ela respondeu “Tudo bem” e mais tarde “Estou indo para Maynooth. Meu irmão vai ser ordenado”. O rapaz era católico e saberia como era importante. Ele também tinha um irmão que era Padre. Foi tudo que disseram nas horas seguintes.

— Bilhetes, por favor. Próxima parada, Omagh.

Meu Deus, veja aquelas terras lá fora! Tão lisas e ondulantes. Tão protestantes. Ora, podia muito bem estar do outro lado do mundo, tão diferentes eram as terras das granjas nas montanhas de Ballyutogue. Liam provavelmente possuía terras assim. Espero que o vestido não esteja amarrotado, pensou. Será que isso realmente importa?

Brigid nunca fora bela, mas tinha o bastante dos Larkin para ser muito bonita às vezes. E tinha um fulgor quando Myles estava por perto. Depois que ele partiu, ela dedicou o amor que lhe restava a seu irmão caçula, Dary. Mas Dary também fora embora. A maioria dos homens vai embora. Depois que Dary partiu, ela ficou sozinha com Finola na cabana e a ausência de amor em sua vida a destruiu. Ela resvalou para a insipidez. Odiava-se por entreter a ideia persistente e condenável de que a vida seria muito melhor se sua mãe simplesmente morresse. Brigid confessava-se a cada vez e, após cada admissão, seu rancor em relação à mãe aumentava.

O ciclo de querer ver sua mãe morta, a culpa por isso, a confissão e a penitência tornaram-se uma rotina enfadonha em sua existência.

Clique-claque... clique-claque... clique-claque...

— Omagh! A próxima parada é Omagh!

O rapaz foi substituído por duas criancinhas barulhentas e sua mãe e por uma velha freira sorridente. Toda vez que Brigid via uma freira, ocorria-lhe a ideia de que poderia ter deixado passar seu próprio chamado. Mas jamais se sentiria como Myles a fizera sentir-se... embora sempre parassem à beira da total e absoluta consumação.

Depois de algum tempo, ficou cada vez mais difícil lembrar-se até das feições de Myles. Esqueceu-se completamente das doces sensações que a inundavam quando atravessava correndo a ponte para se atirar em seus braços no seu local de encontro secreto junto à torre normanda. À medida que os anos se passaram, era como se Myles nunca tivesse realmente existido, porque a dor de sua partida também se fora. À medida que Myles foi desaparecendo, o ódio por sua mãe também foi desaparecendo.

Brigid Larkin resignou-se com sua condição de solteirona, não sendo mais capaz de amar nem de odiar com grande paixão.

Naquele mesmo instante, sentiu uma pontada ao lembrar-se que Dary seria ordenado no domingo!

Transformar Dary num Padre fora a razão de viver de Finola desde o seu nascimento. Agora, Finola ficaria de fora do grande momento. Seria vingança de Deus? Brigid estaria no lugar de sua mãe e sua mãe estaria olhando de cima com uma inveja amarga.

A doze quilômetros de Derry, onde a ponte atravessava o Rio Burntollet, uma estrada secundária sinuosa subia até a floresta no topo de um monte para o confinamento dos muros do Seminário do Sagrado Coração da Ordem Sagrada dos padres de S. Colombano.

— Ele é tão pequeno — dissera Finola em lágrimas —, tão pequeno e frágil.

Dary Larkin estava entre oito noviços que ultrapassaram os portões proibidos. A maioria tinha o rosto liso e mãos macias, indicando que haviam sido criados por suas idolatradas mães. Alguns, como Dary, vieram ansiosamente iniciar um caminho de doze anos para o sacerdócio.

Dary abriu mão de todos os seus bens, exceto seu rosário de contas, e foi designado para um compartimento de três e meio por dois e meio metros em um prédio isolado que abrigava vinte outros noviços. Seria o seu lar pelos próximos quatro anos: chão de pedra e cheiro de mofo, somente com um crucifixo na parede e uma figura desbotada do Sagrado Coração como companheiros.

No primeiro dia dos noviços, eles conheceram os irmãos consagrados, que eram professores da Ordem dos Irmãos Cristãos. Receberam ordens expressas de dobrarem os joelhos quando o velho e sábio monsenhor entrasse na sala da congregação. Em tom monótono e insípido, disse-lhes porque estavam ali e o que se esperava deles, sem jamais ver realmente os semblantes que exibiam um nobre fulgor e estavam petrificados de apreensão. Dogmas de pobreza, castidade e obediência foram comunicados, igualmente destituídos de qualquer paixão, regras rígidas foram proferidas sem expressão e uma crônica de longas horas e completa devoção foi anunciada.

A máquina que movia o seminário funcionava com poucas palavras e assim mesmo proferidas em sussurros. O aceno de cabeça e um sinal da mão emprestava a todo movimento no lugar uma sensação de flutuação.

O rosário era recitado com fervorosas exclamações; o cardápio variava com a estação, não era muito e sempre ruim; as horas de educação clássica eram uma batalha de resistência e a encarnação da humildade. Rogava-se a Deus em estados de prostração, com pés descalços e orações intermináveis.

Os jovens Tenentes de Cristo estavam sendo treinados e educados na antiga tradição. Ao mesmo tempo em que o conhecimento tradicional, aceito e não questionado era ministrado, o desejo de investigar além dos ensinamentos da Igreja eram mascarados. Quando a mente estivesse completamente treinada a ser obediente dentro dos limites dos ensinamentos, e encerrada a curiosidade fora desses limites, a imagem do Padre começava a ser criada.

Pensamentos impuros não são menos pecaminosos do que ações impuras. O bom Padre deve conhecer a linha onde o dogma proíbe o questionamento e nunca cruzá-la. Ao aproximar-se dessa linha, a mente deve automaticamente desligar qualquer avanço na exploração. Controle dos pensamentos impostos de tal forma que a pessoa controle seus próprios pensamentos... sim... esse é o jogo...

No começo, a pequenez de Dary Larkin provocou uma tentativa de Intimidação, por parte tanto dos noviços quanto dos Irmãos. O rapaz tinha a fibra dos Larkin e logo se destacou como o mais forte de todos.

Dary dissera a Conor que nunca poderia ser um Conor, vagando pelas batalhas da vida ferindo e lutando pela causa republicana. No entanto,

era um Larkin e tinha que encontrar um meio de aliviar o sofrimento do povo com seu próprio tipo de força.

Por que, Dary perguntava-se, parte da família considera uma tragédia quando alguém entra para o sacerdócio?

— Não há trancas no portão do seminário — disse a Conor. — Quero ficar aqui. Estou em paz.

Dary, fervoroso, disse a seu amado irmão que ele também se indignava com as injustiças da Irlanda e pretendia fazer alguma coisa a respeito a seu próprio modo.

E Conor disse em voz rouca:

— Um dia, Dary, você andar­á por Bogside comigo e compreenderá.

Um dia, se Deus quiser — respondeu Dary, serei um Padre do Bogside.

Clique-claque... clique-claque... clique-claque...

Fora do trem, o sol se apagou. Estava sempre travando uma batalha na Irlanda e geralmente perdia. Neblinas, sombras e umidade emolduravam a paisagem como teias de aranha. A locomotiva do Great Northern reduziu a marcha, rangendo e assoviando, depois avançou lentamente para um desvio e parou.

Do outro lado do desvio via-se uma igreja e um cemitério. Brigid ficou perplexa com as sepulturas. Nada ali se comparava ao jazigo dos Larkin no S. Colombano em Ballyutogue, sempre adornado com flores frescas e corado com pedras magníficas, muito bem polidas, que ela comprara com o dinheiro enviado por Liam e Conor. Ora, todos diziam que Brigid mantinha o melhor jazigo familiar de Donegal...

Durante anos, Brigid e Finola provocaram um terrível vazio na cabana, cada qual recolhida ao seu próprio canto, como se tivessem feito votos monásticos de silêncio. Mais tarde, Rinty Doyle tornou-se empregado, passando a dormir no estábulo das vacas e fazendo-se notar o menos possível.

O coração de Brigid disparou por causa de um trem que partia para oeste, apavorando-a com seu aparecimento repentino. Rostos indistintos nas janelas que passavam... depois, tão rápido quanto surgiu, desapareceu... revelando novamente o cemitério da vila.

O Great Northern saiu lentamente do desvio, as sepulturas pareciam continuar refletidas na janela.

Dos filhos Larkin, somente Dary permanecia na Irlanda e pôde vir do Seminário de Maynooth para o funeral de sua mãe.

O túmulo de pedras já estava sobre a sepultura de sua mãe, a última oração fora entoada e o último gemido das flautas desaparecera. Brigid ficou parada diante da porta da cabana por uma eternidade antes de abri-la, muito lentamente. Era dela agora. A granja era dela. Depois de todas as manipulações, infernos e guerras. Era dela agora, cada colcha de renda, cada panela reluzente, cada colchão de penas, banco, jarro, arreios e até mesmo as recordações.

Seus olhos percorreram a sala. O lugar mais próximo da lareira seria seu e todas as panelas seriam polidas até ficarem brilhantes como nunca foram. Os bancos e o suporte para panelas da lareira, a bateadeira de manteiga e as lamparinas para bordar, tudo era seu. Amanhã, andaria pelos campos fazendo um levantamento de tudo que lhe pertencia.

Brigid percorreu cada aposento, tocando, acariciando seus bens, alisando suas colchas, afastando partículas de poeira, arrancando algodão.

Entrou no quarto de seus pais e parou ao pé da cama onde ela e seus irmãos nasceram, deu a volta até o lado da cama, deitou-se, afundando na maciez do acolchoado, e fechou os olhos quando se encheram de lágrimas.

— Ah, Myles — murmurou —, se você tivesse esperado...

— Dublin, próxima parada, Dublin, estação de Aimens Street.

Acorde, senhorita!

— O quê!

— Chegamos a Dublin, minha cara. Estaremos na estação logo, logo.

CAPÍTULO 38



A majestosa capela de São Patrício, em Maynooth, era um hino à grandiosidade católica romana, talhada por milhares de mãos ao longo de meio século. O órgão Stahlhut fazia vibrar o chão, anunciando o desfile de jovens rapazes em vestes imaculadamente brancas, enquanto quinhentas vozes do coro entoavam, num crescendo, a onipotência do Todo-Poderoso. O Bispo entronizado determinou ao diácono que convocasse os candidatos.

Brigid retorceu seu lenço já molhado, pouco à vontade tão longe de Ballyutogue, sentindo-se insignificante em meio à imponência do ambiente, e, no entanto tomada por uma sensação de euforia que nunca sentira antes, nem mesmo com Myles McCracken. Viera de longe para esse passeio no esplendor de Deus e a vingança contra sua mãe nem sequer passara pela sua cabeça naquele dia.

Seamus O’Neill, embora um jornalista republicano e membro secreto da Irmandade, não era descrente. A família O’Neill não sofrera a ira da Igreja como os homens Larkin.

Seamus possuía uma visão distanciada da Igreja, mas como muitos que a viam através desse distanciamento, continuava escravo das superstições e crenças da infância — “Não leve Deus pouco a sério, só por segurança.”

Quaisquer que fossem as opiniões amargas que Seamus guardasse, curvava-se a elas. A voz de sua mãe, embora morta há muito tempo, continuava a obrigá-lo a assistir à missa aos domingos, mais do que ele gostaria de admitir.

Embora aquele momento não refletisse a humildade e simplicidade de Jesus, um rabino do povo, Conor aceitava a grandiosidade como um carnaval necessário para iluminar as vidas insípidas da paróquia da Irlanda. A catedral era um erro de mau gosto para a paróquia da empobrecida Irlanda, mas de algum modo os irlandeses raramente se ressentiam disso.

Conor ficou satisfeito por Dary ter se tornado Padre por sua própria vontade e porque ele teria escolhido o sacerdócio com ou sem a obsessão de sua mãe. E o Padre Dary seria o melhor que o sacerdócio tinha a oferecer, com sua doce capacidade de atrair um tordo de seu galho para o ombro dele e, ainda assim, um homem da fibra dos Larkin por dentro.

No altar, os padres recitaram em voz monocórdia todos os santos de A a Z e Conor sentiu-se satisfeito por Dary ter encontrado um valor mais alto para a vida. Por que não até invejar Dary naquele instante?

A separação de Shelley havia simplesmente transformado Conor em pó.

Seu irmão foi chamado à frente e quando lhe perguntaram se estava pronto e Dary prostrou-se, Conor sentiu um gosto agridoce, mas sem nenhuma razão para opor-se àquele momento.

Brigid chorava... Conor pensava. Seamus? Bem, havia padres bons e padres não tão bons. Seamus esperava que a Igreja reconhecesse o valor dos homens que estavam fazendo seus votos.

As coisas estavam estremecidas entre Dary e seu irmão desde que Conor voltara à Irlanda e se filiara à Irmandade. Desde os primeiros dias no seminário, Dary estava determinado, mas cauteloso, a tentar afastar Conor do republicanismo ativo, não por causa dos erros e acertos desta ação, mas porque Dary não queria que Conor acabasse revivendo o legado de sofrimento dos Larkin ou acabasse pendurado na ponta de uma corda inglesa.

Quando Conor voltou à Irlanda, Dary se destacara durante aqueles cinco anos como uma perspectiva muito especial. Logo no início, Dary optara, como ordem missionária, por viver entre os leprosos, naqueles lugares aonde somente um Padre irlandês iria. Ele estava entre a meia dúzia de candidatos escolhidos para estudos especiais sobre a África sob a orientação de um sacerdote brilhante, o Padre George Mooney, cuja própria saúde fora devorada nos trópicos.

O Padre Mooney foi repentinamente nomeado o novo Bispo de Derry. O Bispo anterior fora colocado ali há uma década, a fim de estancar um levante de liberalismo entre os padres de Derry, mas, depois do incêndio da fábrica de camisas, o lugar continuou a afundar-se em desespero.

Acreditou-se que um pouco de liberalismo controlado poderia ser retomado para trazer Derry e o Bogside de volta à fé.

A perda do Padre Mooney foi duramente sentida pelo Padre Larkin. O Padre era um professor doloroso de se perder. Dary ficou muito sentido e, toda vez que Conor o visitava, despejava suas frustrações no irmão. Na última visita de Conor, alguns meses antes da ordenação, os irmãos agrediram-se verbalmente pela primeira vez em suas vidas.

— De que adiantaram oitocentos anos de levantes e derramamento de sangue? — perguntou Dary.

— E de que adiantaram oitocentos anos de preces? — retorquiu Conor. — Não vou admitir que você faça julgamentos sobre o que escolhi para minha vida como eu não faço sobre a sua, Dary.

— Se ficar na Irmandade e seguir o caminho das armas, eu não o apoiarei — disse Dary, atônito com a fúria de suas próprias palavras.

— Muito bem — respondeu Conor —, eis aí uma boa e velha família irlandesa.

A impressionante Missa da Ordenação terminara. Brigid saíra para conhecer Dublin com Seamus O'Neill. Conor sentira-se um pouco atordoado durante toda a cerimônia e, agora, sua apreensão era clara.

Conor inclinou a cadeira para trás, enquanto Dary arrumava as malas em silêncio. Obviamente, havia a desbotada fotografia de sua mãe tirada em alguma feira há muito esquecida.

— A falta dela foi muito sentida hoje — disse Conor.

— Ela estava lá — respondeu Dary.

— Sim, estava.

Ambos rangeram os dentes. Nunca houvera atritos entre Dary e Conor como acontecera entre outros membros da família. Os dois sempre haviam sido muito unidos. Não havia conversas tácitas entre eles, pois sempre compartilharam seus mais recônditos segredos e falavam aberta e educadamente de suas diferenças.

Agora a frieza da acrimônia da família irlandesa estava prestes a se estabelecer entre os dois, a menos que a expulsassem.

— Quanto tempo falta até você partir para a Inglaterra para fazer o doutorado?

— Eu não vou para a Inglaterra — respondeu Dary.

— Mas, e seus estudos africanos?

— Tudo isso mudou.

— Quando foi que isso aconteceu?

— Quando George Mooney foi nomeado Bispo de Derry. Não precisei de muitos argumentos para me convencer de que havia sofrimento suficiente no Bogside sem que fosse preciso ir ao outro lado do mundo para encontrá-lo.

— Sim, isso é verdade. Mas, uma mudança tão repentina?

— Talvez não tenha sido assim tão repentina. Todos nós voltamos para a Irlanda, não é Conor? Então, para que me dar ao trabalho de ir, se vou acabar voltando? O Bispo Mooney precisa muito de mim.

— Um dia, há muito tempo, você me disse que estava considerando a possibilidade de tronar-se um Padre do Bogside.

— Obviamente, eu reverencio o Bispo. O pobre coitado está com a saúde em péssimo estado. De qualquer forma, as coisas não andam bem em Derry todos esses anos, desde o incêndio. Uma espécie de maldição eterna se abalou sobre o lugar.

A novidade atingiu Conor como um trovão repentino no horizonte. Sacudiu a cabeça.

— Se está pensando em mudar as coisas — disse Conor com cautela — pode estar se candidatando a uma amarga experiência. Se o Bispo Mooney incentiva tais ideias, ele pode ter um reinado curto.

— Bogside e Derry acordaram. Precisam de um liberal temporariamente lá agora. Sabem que Mooney não vai durar muito em seu estado de saúde.

— E você percebe isso e assim mesmo deseja ir?

— Vamos conversar, Conor — disse Dary de repente, e ele sabia o que estava dizendo. Os olhos de Dary não eram os de um jovem noviço ansioso, pronto e desejoso de ser sacrificado lá fora. O Padre Dary era um homem, anos à frente do seu tempo.

— Estava pedindo a Deus que quebrássemos essa barreira entre nós, Dary.

— Meu grande problema foi que eu tive um irmão mais velho cuja ansiedade de encher a cabeça de conhecimentos transformou-o num homem muito especial. Sempre imaginei o que você andava lendo, onde escondia seus livros. Mas sempre soube que havia uma bifurcação na estrada para nós e eu não iria me deixar tentar.

O Padre Dary fez uma pausa, depois continuou:

— Os primeiros quatro anos de seminário seguiram diligentemente na criação do robô. Mas vim para Maynooth sabendo que um grande vazio

se formara em mim à medida que me tornava mais e mais disciplinado. Fazemos essa transição da criança que nunca pode estar errada a respeito de nada para o jovem convertido a uma obediência cega... e depois... chegamos a uma idade adulta de questionamento. Esse é um momento perigoso tanto para a Igreja quanto para o próprio Padre. Temos um limiar, onde vive alguém, um habitante que quer saber. Será o morador um demônio, um monstro ou apenas um bom sujeito? E aqui nos deparamos com a maior de todas as forças, nossos mestres, que observam o habitante de cada estudante para se assegurar que ele não atravesse a fronteira.

— Por quê?

— Algo se deve ter perdido na tradução entre os lábios de Deus e os ouvidos do papa. Há coisas que a Igreja sabe, mas não nos conta. Se nossa fé é tão fraca que não merecemos a confiança de saber, então seremos padres fracos. Acho que sou suficientemente forte para conhecer qualquer verdade e me tornar um Padre melhor.

— Pelo amor de Deus, Dary, você acabou de se ordenar hoje.

— Sim, Conor, sim. Devo perseguir as perguntas sem resposta até a sua resolução e isso apenas me tornará mais forte.

— Não sabe que não pode vencer o sistema? — disse Conor.

— E é você quem vem me dizer isso? — retorquiu Dary. —

Conheço o código moral que Deus destinou ao homem. Também sei que muitas coisas foram impostas para atender à política humana e que nada têm a ver com a moralidade de Deus.

— Mooney ensinou-lhe isso?

— O que Mooney me ensinou foi que, quando vamos à África como missionários, temos que abandonar a noção de sermos estranhos tentando impor nossa civilização à deles. Veja o que os ingleses tentaram fazer... destruir nossa tradução celta do catolicismo e impor sua própria versão. Cada sociedade católica, negra, amarela, mulata ou branca tem a sua própria versão do catolicismo, algumas uma clamorosa mistura de cristianismo e paganismo. Não é absoluta, porque se modifica, se altera e se rende ao longo da história contra um Vaticano determinado a manter o *status quo*.

— *Status quo!* — Conor riu. — Ora, essa é uma expressão que nosso pai costumava usar para descrever os planos ingleses para a Irlanda. E o que acha que vai fazer a respeito disso, pequeno Dary?

— Ah, Roma é o maior, o mais antigo e o mais poderoso jogo que o mundo já conheceu e minha presença não será lembrada. Mas o meu povo

me amará como um Padre compreensivo e sábio.

— Você antigamente tinha tanta certeza de que o dogma era infalível, Dary. O que o modificou?

— Você me modificou, Conor. Quanto mais eu mergulhava no sacerdócio, mais alto suas palavras se faziam ouvir. O incêndio da fábrica de camisas me modificou. Fui para Derry como noviço para ajudar depois da carnificina e vi seus infernos particulares, mas nada podia fazer a respeito. Há dois anos, eu me pergunto constantemente como posso renunciar a coisas terrenas sem sequer conhecê-las... o que é isso a que devo renunciar? Tenho que ser capaz de confrontar questões terrenas do outro lado do limiar. Não é isso o que Deus realmente quer de mim?

Aonde esse despertar o levaria?, Conor perguntou-se. Ele iria tornar-se um exemplo entre seus companheiros ou um pária a ser rejeitado? Uma vez que um Padre toma a bifurcação proibida da estrada, é praticamente impossível para ele retornar. Poucos o fazem.

— Conor, você nunca deve esquecer o fato de que eu sou um Padre e não vou me envolver em questões republicanas. Eu lhe disse que se você não deixasse a Irmandade eu não o apoiaria mais. Nunca mais tive paz depois dessas palavras. Sou um Larkin e um irlandês e seu irmão. Estarei sempre aqui quando precisar.

— Não sabe o quanto isso significa para mim.

— Veja, Conor, eu realmente tenho fé. Nosso pai e nosso avô tiveram que buscar Deus no final. Não estou contando com você. Mas também não o estou descartando.

— Compreendo — disse Conor, amando seu irmão mais profundamente do que nunca naquele instante.

— Bem — continuou Dary —, e quanto a você? Aquela garota, Shelley, ainda o fascina, não é?

— A cada dia esqueço-a mais um pouco.

— Pois sim que esquece! Se pudesse ver a expressão de seu rosto, havia batatas com melhor aparência durante a Fome.

Conor levantou-se de sua cadeira com um salto, enfiou as mãos nos bolsos e caminhou de um lado para o outro, virando-se bruscamente nos limites confinados do pequeno quarto como se fosse uma jaula. Dary sabia que seu irmão estava a ponto de explodir.

— Você e eu somos muito parecidos. Nós dois fizemos votos sagrados a instituições rígidas onde as ordens têm que ser obedecidas.

Nossas vidas não podem ser vidas normais com aspirações normais. Nós as passaremos em pequenos quartos áridos como esse, tentando incutir uma centelha de esperança nos desiludidos. E nós dois viajamos mais rápido e mais longe sem uma bagagem humana. Veja, a Irmandade Republicana Irlandesa também exige um exército de celibatários.

— Está parecendo que foi decisão sua, e não dela.

— Que decisão havia a tomar? Vê-la seguir-me para sua morte?

— Talvez isso fosse tudo que ela desejava da vida. Pelo seu aspecto, não há inferno pior na vida do que vocês dois estarem separados. Se ela estiver tão infeliz quanto você, e acredito que esteja, logo morrerão de saudades um do outro. Devem aceitar a alegria que puderem alcançar e apegarem-se um ao outro enquanto ela durar.

Conor parou e pela primeira vez ele era o irmão mais novo precisando da mão forte do Padre Dary.

— Da maneira como você fala, isso poderia acontecer a você, Dary.

— Não, não acontecerá — respondeu Dary com firmeza. — Ouso me aventurar porque estou resolvido a saber a diferença entre o que Deus quer me dizer e o que o homem distorce. Nisso devo acreditar completamente. O celibato é uma verdade da Igreja. Não posso servir a uma mulher e dividir meu compromisso com Deus. Sei disso.

— Sim, sabe, e é bastante forte para parar a tentação no limiar.

CAPÍTULO 39



A grande noite para Seamus O'Neill viera e se fora. Sua peça, *A noite do peregrino*, não só chegara ao Abbey Theatre, como marcara o retorno de Atty Fitzpatrick, enviuvada, ao palco.

A peça não era extraordinária, mas tinha momentos brilhantes, como um emocionante monólogo pouco antes de a cortina cerrar-se pela última vez e um discurso nas docas, que nunca deixava de turvar os olhos de todo irlandês que o ouvia.

O retorno de Atty do seu luto por Des não era menos emocionante. Nesta ocasião, Seamus teve oportunidade de trabalhar com ela no *script* e vê-la nas reuniões do Conselho da Irmandade.

Cada reunião do Conselho continuava a reportar outro bem-sucedido transporte de armas para a Irlanda. Atty não pôde deixar de ficar intrigada com a habilidade e a ousadia do agora misterioso Conor Larkin.

A noite do peregrino podia ser melhorada, e em todo momento livre que tinham, Seamus trabalhava com Atty em seu personagem. Ele guardou suas anotações de uma reunião e acendeu um charuto longo e fino.

— Ocupado com a erva do diabo agora?

— Achei que um charuto me faria parecer um pouco mais alto — respondeu. — A propósito, Conor Larkin está em Dublin. Convidei-o para ver a peça na quinta-feira.

— O homem misterioso em pessoa — disse ela, com um interesse repentino, indisfarçável.

— Verá que ele está à altura de sua reputação.

— Ah, Seamus, você não é nem um pouco objetivo a respeito de seu colega.

— Vai ver por si mesma. Tomei a liberdade de convidar nós três para beber alguma coisa depois do espetáculo.

— Será que Dan não está um pouco inquieto sobre quem se encontra com quem?

— Ah, Dan... bem, Dan acha que você e Conor deverão trabalhar em alguma coisa juntos em breve.

— Ele acha, hein? Eu ainda me sinto pouco à vontade, você sabe.

— Você já ficou muito tempo de luto, Atty.

— O que o faz pensar que estou pronta para abandoná-lo?

Atty procurava intimidar. Não tinha mais sucesso com esse rapaz do que Dan Sweeney conseguia ter.

— Vi você lutar para sair do luto. Ouvi você reverenciar Desmond a ponto de levar qualquer um às lágrimas.

— O que está querendo dizer, Seamus?

— Veneração demais. Você é uma atriz incrível, Atty.

Havia trabalhado muito estreitamente com o pequeno filho da mãe, ela pensou. Dramaturgos enxergam através das pessoas. É por isso que são dramaturgos. Ah, seja franca com Seamus, ele é habilidoso demais para você.

— Conor está separado de sua mulher em Belfast?

— Hã-hã.

Rachael entrou correndo e Atty mostrou-se impaciente com a tagarelice de sua filha, como se quisesse continuar com o outro assunto.

— Tem um pudim na geladeira — Atty subornou-a.

Rachael compreendeu que havia interrompido alguma coisa e desapareceu rapidamente.

— Ele é rude? — perguntou ela.

— Extremamente gentil.

— O que aconteceu com a garota dele em Belfast?

— Uma garota de Shankill. Não é difícil imaginar o que aconteceu, não é?

— Ele a amava muito?

— Algum dia na vida você deveria ser amada tão intensamente.

Atty sentiu um estremelecimento na boca do estômago. Excitação! Ora, muito bem!

— Não houve alguma coisa entre ele e a Condessa Hubble há muito tempo?

Ah, Atty, por que está perguntando essas coisas a um pobre homem?

— Quinta-feira, então?

— Bem, vou tentar não esquecer minhas falas.

— Sim, as falas estão gloriosas — Seamus provocou-a —, portanto, não as estrague.

Na quinta-feira, Atty Fitzpatrick transcendeu as falas, o personagem e a própria peça de Seamus O'Neill com uma repentina onda de virtuosismo que toda atriz reza para que lhe aconteça, jamais sabendo quando o momento de glória ocorrerá, nem se na verdade ocorrerá. O teatro ficou extasiado quando Seamus O'Neill, um dramaturgo irlandês menor, soou como Shakespeare naquela noite.

Quando Atty ouviu a batida na porta de seu camarim, duas palavras saltaram de seu passado: Jack Murphy.

— Jesus, Atty querida — disse Seamus entre lágrimas —, você me immortalizou. Ah, meu Deus, você foi maravilhosa.

O homem que vinha atrás dele era alto, acima da cabeça de Seamus. Seamus voltou-se:

— Meu amigo, Conor Larkin, apresento-o a Atty Fitzpatrick.

Assim que foram apresentados, sem hesitação, Atty soube como seria sua parte neste relacionamento. Conor não era um estranho para ela. Seu nome no Conselho da Irmandade tinha certo misticismo. Suas proezas como jogador, bem como a grandiosa restauração na Mansão Hubble foram cobertas pelos jornais.

Ele representava o ansiosamente esperado retorno de Jack Murphy e muito mais. Com um jeito tão modesto e piedoso, outra mulher teria desmaiado naquele momento.

Atty era uma respeitável viúva saindo de seu período de luto e Conor estava afastado de sua garota de Belfast há muito tempo. Portanto, Seamus, Deus o abençoe, lembrou-se de repente de que tinha uma notícia tardia para cobrir e que voltaria para vê-los mais tarde.

Duas pessoas, embora sempre numa multidão, mas desoladamente solitárias e dolorosamente feridas, no mesmo instante reconheciam a necessidade de se conhecerem. O fato de compartilharem infernos semelhantes fazia com que tivessem vontade de extravasar, falar das coisas que haviam escondido do mundo lá fora.

Na noite seguinte, o teatro não abria. Atty convidou-o para jantar em sua casa. A identificação de Atty com o proletariado terminava na soleira de sua porta. A casa, em estilo georgiano, de três andares e meio, frente plana, era o uniforme dos ricos de Dublin. Uma porta escandalosamente colorida com uma bandeira semicircular acima e um gramado reluzente diziam “sou uma dublinense”. Era um lar adorável, repleto de encantos. Seu filho Theo e

sua filha Rachael eram encantadores e demonstravam a maturidade de caráter compatível com a fama de sua mãe e com o movimento.

Que mocinha notável, essa Rachael, pensou Conor. Seu pai devia adorá-la. Bem, não foi bem assim. Desmond Fitzpatrick provavelmente a teria adorado se ela fosse um livro raro de Direito. Conor observou-a, encantado com a maneira como Rachael tomava conta de sua mãe. Logo percebeu que a menina era a irmã mais velha da mãe.

E havia o jovem Theo, semblante concentrado, pronto para desfechar uma palavra imortal da caneta para o papel. A postura de um advogado à escrivania da sala de estar... meu Deus, ele vai ser um terror no tribunal, pensou Conor.

— Em que está pensando com tanta concentração? — perguntou Conor.

— Nada — respondeu Theo.

— Nada com certeza está consumindo um bocado da sua energia, rapaz.

— Como não poderia deixar de ser — disse Theo. — Nada requer uma dedicação absoluta, como prova meu ensaio.

— Não estaria tentando me enganar, estaria, Theo?

Theo largou a caneta.

— Mamãe está pagando um bom dinheiro para que eu seja educado pelos Irmãos Cristãos. No entanto, eles não sabem nada. Como vê, a primeira página do ensaio está em branco. Eu começo com nada.

— Está brincando comigo.

— Se meu ensaio for suficientemente anticristão, talvez os Irmãos Cristãos me expulsem da escola e eu possa ser educado direito pelos anões da floresta.

Conor pegou as páginas. Realmente, a primeira estava em branco. Continuou a leitura.

“Nada é o meu tema porque é a coisa mais antiga que existe. Nada estava lá antes do universo ser criado e Nada é maior do que Nada porque Nada é absolutamente perfeito.

“Há muito tempo venho pensando seriamente em Nada, lendo Nada, e quem discordará que eu esteja perfeitamente qualificado para discutir Nada inteligentemente? Dou muito valor à Nada.

“Recentemente, dois homens correram para chegar ao Polo Norte primeiro, mas quando chegaram lá, o que encontraram? Nada. Igualmente,

Nada é geralmente o que os garimpeiros encontram. Nada é o que está na cabeça dos políticos.

“Devemos tentar compreender os filósofos quase sempre mal compreendidos que na verdade fazem Nada, pensam em Nada e dizem Nada, porque aquele que Nada faz, não faz Nada errado. Aquele que pensa em Nada noite e dia não causa nenhum mal, e Nada ofende ninguém.”

— Quero que você me defenda se eu precisar de um advogado — disse Conor.

— Sob qual acusação? — perguntou Theo.

— Nada — disse Conor.

— Consigo libertá-lo na mesma hora.

— A sopa está esfriando — anunciou Rachael.

Como se tivesse recebido a deixa, Atty entrou em cena. Surgiu tão elegantemente vestida, com um decote tão profundo e deixando o rastro de um perfume tão divino, que Theo compreendeu que Conor era algo diferente de Nada.

A mãe estivera nervosa o dia inteiro. As crianças perceberam, esperançosas, que o novo sujeito a havia tirado de um ano de hibernação. E depois de um segundo olhar, acharam que Conor também era um belo espécime.

Depois do jantar, que foi um acontecimento feliz — boa comida, crianças inteligentes e uma família segura consigo mesma —, Theo e Rachael desapareceram como se soubessem que a mãe e o estranho tinham assuntos republicanos a tratar. E, talvez, algum outro assunto também. A fisionomia inescrutável de Atty estava dominada pelo seu traje mais ousado.

— Acompanhe-me disse Atty, abandonando o salão formal de altos debates, poesia e sabedoria. — Há um lugar mais confortável do que este.

Levou Conor para o andar superior e abriu a porta para o aposento da frente. Era uma combinação de sala íntima, biblioteca e escritório. Fora o retiro particular dela e de seu falecido marido. Agora era um lugar de lembranças, cheio de seus escritos, livros de Direito, fotografias e outros vestígios da vida que viveram pelo movimento. Durante algum tempo depois da morte de Desmond, ela raramente saía daquela sala quando estava em casa. Ao fazê-lo, não entrara ali novamente até aquele instante.

— Você tem filhos maravilhosos — disse Conor.

— Sim — concordou ela. — Coloquei muita culpa em mim mesma porque pensei que tivesse, bem, não exatamente negligenciado, mas criado

meus filhos inteiramente de acordo com meu próprio itinerário na vida. Comecei a me questionar se a vida deles lhes tinha sido concedida adequadamente, no ambiente certo. Minha decisão mais difícil foi ligar-me à Irmandade.

— Eles estão onde querem estar, Atty. Ouvem a canção que você cantou tão bem para eles. E a outra menina?

— Emma não tem nem um osso republicano no corpo. Londres e a avó convêm perfeitamente a ela. De uma forma estranha, isso a tornou mais próxima de nós porque ela sempre era a estranha no ninho aqui, e, agora, quando nos visitamos, é com muita emoção. Ela vai ser uma moça adorável.

— Como a mãe — disse Conor, admirando a maneira como Atty resolvera esse lado de sua vida.

— Queria que conhecesse as crianças porque se tivermos que nos encontrar outra vez, não deverá ser aqui. Não quero que saibam muita coisa sobre quem faz parte da Irmandade. Deus me livre de serem interrogados sobre isso um dia.

— Sou eu quem perde — disse Conor.

— E eles também. Gostaria de acender a lareira?

— Seria ótimo — respondeu.

Conor ajeitou a turfa no pequeno engradado sob o consolo da lareira. Sentiu-se voltar no tempo conforme o cheiro chegou até ele. Sua atenção foi atraída pelos livros e deixou Atty perplexa com sua dissecação das entranhas de Keats e Shelley.

— Onde aprendeu tudo isso? — perguntou ela.

— Um estudioso autodidata à luz de velas — respondeu ele.

— Como Abraham Lincoln?

— Bem, a família Lincoln realmente saiu do condado de Donegal.

— Lincoln era irlandês?

— Não posso lhe dar a minha palavra, Atty. Soube disso de um amigo cuja opinião eu raramente questiono. Na verdade, Seamus ensinou-me a ler e escrever.

— Bem, temos algo em comum. Adoro aquele sujeito. Parece ser a única pessoa com quem consigo conversar agora. Mas não acontece com frequência. Estando no Conselho Supremo, não é bom tê-lo sempre por aqui. Des e eu às vezes conversávamos aqui a noite toda e ficávamos absolutamente surpresos de ver a luz do dia sobre nós. Sabe?

E conversaram. Não era como ela e Des conversavam Nem mesmo com Seamus. Só conversara com uma pessoa dessa forma, há muito tempo: Jack Murphy. Com Conor, era da mesma forma. Por fim, teve que reconhecer que Jack era um homem fraco à procura de um porto seguro, fora da linha de fogo.

Quanto mais suavemente Conor falava, mais poderoso parecia. Conor encantou-se com alguns de seus livros e ela lhe ofereceu para levar os que quisesse.

— Pode não ser uma boa ideia — disse ele. — Têm suas etiquetas. Os homens de Maxwell Swan revistam meu apartamento de vez em quando. Não acho uma boa ideia eles fazerem ligação entre nós.

— É difícil para você livrar-se deles? — perguntou ela.

— Não, realmente não. São muito inábeis. Na última vez que estiveram no meu rastro, fui para um museu e examinei cada quadro por quinze minutos. Eles quase rosnaram.

O relógio da lareira bateu uma hora tardia. Conor achou que era melhor voltar para Dublin para pegar o trem da manhã para Belfast.

— O trem faz uma parada em Rathmines — disse Atty. — Eu o levarei até lá de manhã. Pode ficar aqui no quarto de hóspedes. Vamos, coloque mais turfa no fogo.

Suas mentes ávidas agarraram a oportunidade para uma boa conversa, animada por um fino conhaque. Pessoas inteligentes e solitárias tinham muito sobre o que conversar e, enquanto o faziam, avaliavam-se mutuamente.

O que Conor percebeu foi que Atty Fitzpatrick era um ser humano extraordinariamente forte, forte como sua reputação, e ela amava sua própria força. A fé em si mesma a levaria a qualquer lugar. No entanto, tinha salvaguardas de proteção internas... para afastar o sofrimento... para desencorajar a perseguição... para lutar pelo que queria contra todos os obstáculos.

O gabinete dizia-lhe muita coisa. Sobre a ostentação, a convicção de Desmond Fitzpatrick, o matador do tribunal. Ah, claro, fizeram amor neste gabinete, ele pensou, mas não um com o outro. Fizeram amor com a Irlanda.

Com toda a sua fama de grande beleza, Atty sentia-se pouco à vontade como fêmea, Conor pensou. Pressentiu que Des precisava dela

como parceira e ela precisava dele, não como homem e mulher... mas como compatriotas.

O charme de Conor a aliciou. Sentia como se ele a estivesse despindo com seu jeito hipnotizador. Detalhes da conversa fizeram-na ver que ele sabia que ela e Des se usavam como muletas. E aquele homenzarrão diante dela, atizando o fogo.

Conor Larkin era assustador, essa era a verdade. Ali estava um homem, soubera-o através de Seamus, que esperara a vida inteira por seu amor e possuía aquela jovem Shelley. Somente ele podia brilhar nos olhos de sua mulher. Meu Deus, pensou Atty, o pesar de Conor com a perda de Shelley é tão profundo quanto meu pesar pela morte de um marido de dezesseis anos e três filhos.

Jack Murphy a possuía um dia, mas apenas por um momento passageiro. Sabia, quando pediu a Jack que despertasse o lado oculto de si mesma, que ele logo partiria. Isso não aconteceria com Conor.

Num gesto repentino, inocente e curioso, Atty convidou-o para a sua cama. Quando os braços fortes de ferreiro a envolveram, ela se sentiu como nunca se sentira antes.

Conor a recusou, delicadamente. Ainda amava Shelley . Ele e Atty teriam uma longa vida juntos no movimento e ela não era uma mulher que ele fosse tratar levemente.

Parte de Atty ficou furiosa. Principalmente, com seu próprio despudor. Também ficou estupefata com sua honestidade e achou que ele falava a verdade sobre seu respeito por ela. Isso era gentil, muito gentil. Mesmo em seu momento de rejeição, tinha apenas bons sentimentos em relação a ele. Não queria vê-lo magoado e até queria que ele reencontrasse sua Shelley. Nunca tendo alimentado tais pensamentos antes, Atty ficou satisfeita consigo mesma. Ele lhe disse que não a trataria com leviandade e ela sabia muito bem que também não poderia tratá-lo levemente.

Ele continuou a abraçá-la delicadamente e, naquela tranquilidade, ela teve um momento de estranha revelação. Viviam por um fio, uma vida cheia de altos e baixos. Foram aproximados como companheiros de luta e trabalhariam em estreito contato, mais cedo ou mais tarde.

Algum dia, Atty pensou, Conor Larkin seria um homem livre, e, quando esse momento chegasse, ela o teria.

— Vou para o centro de Dublin — disse ele finalmente. — Se eu ficar aqui, não dormirei a noite inteira. Se acha que não desejo seus seios,

está maluca. Atty... se a Irlanda tivesse uma rainha, seu nome seria Atty. Você é uma mulher magnífica demais para ser tratada superficialmente.

— Obrigada, Conor — murmurou ela —, obrigada, querido. Há um ponto de táxi a apenas dois quarteirões daqui. Vá antes que eu o estupre.

CAPÍTULO 40



Rata-tá-tá tatá-tatá!

O tambor *lambeg* deixava envergonhado qualquer outro tambor de guerra quando se tratava de incutir medo no coração do inimigo, real ou imaginário. Anunciou a “estação dos desfiles” quando o Ulster protestante comemorava seu renascimento anual. Começando no Quatro de julho, uma data para elevá-los ao nível de seus primos americanos, um mês de paradas e comícios recordava antigas vitórias sobre os papistas em canções e sermões. Milhares de estandartes, onde predominava o laranja, esvoaçavam e glorificavam o rei, o Império, a Reforma e, acima de tudo, a consagrada, eterna, sagrada, inquebrantável lealdade do Ulster aos ingleses.

Os homens da Loja de Orange, paramentados com fitas, exibindo chapéus-cocos e guarda-chuvas pretos enrolados, marchavam de um lado para outro, para frente e para trás, em círculos.

*Ah, é velha, mas é linda
E suas cores, elas são belas.
Foi em Derry, Augrim,
Enniskillen e no Boyne
Meu pai usou-a quando jovem,
Em épocas passadas,
E no dia 12 eu gosto de usá-la,
A faixa que meu pai usava.*

No dia 12 de agosto, os homens em marcha convergiam para sua cidade sagrada, Londonderry, onde marchavam novamente no alto das muralhas de Derry para um último grito de saudação em memória de um cerco vencido em 1690.

*Certamente sou um homem do Ulster,
Venho da Ilha da Irlanda,
Para ver meus irmãos ingleses
Todos honrados e famosos.*

*E para falar-lhes dos meus antepassados,
Que lutaram em épocas passadas,
Para que eu possa ter o direito de usar
A faixa que meu pai usava.*

Jogaram moedas sobre o Bogside católico para humilhar novamente os infelizes perdedores e foram para a praça central da cidade para uma exaltação final de seu salvador, Oliver Cromwell...

E lembraram outra batalha, a Batalha do Boyne, não menos importante do que Waterloo e Trafalgar, onde seu amado Guilherme de Orange, em seu corcel alabastro, ferido na mão direita, ergueu um sabre com a mão esquerda para liderar o ataque. O rei Jaime, o papista, acovardado e trêmulo em um cavalo de outra cor, enfiou o rabo entre as pernas e fugiu, assim liberando o Ulster da venalidade do Vaticano para todo o sempre!

Rezemos.

Para os industriais e outros governantes da província, essa era a época do ano em que seus mensageiros políticos e religiosos podiam introduzir novas ordens do dia, assim como reiterar antigos temores.

Excitados pelas marchas e arengas, os justos facilmente se inflamavam em turbas anticatólicas, atrás de um pouco de sangue e incêndio.

A ordem do dia de *Sir* Frederick, este ano, era a destruição do sindicato e, com uma horda cativa dentro do seu estaleiro, incitou-os a incendiar a loja de cobre onde a maioria dos católicos trabalhava. Tratava-se, afinal, de uma instalação obsoleta e muito bem segurada pelo Lloyd.

Conor Larkin soube da situação e conseguiu tirar os católicos do estaleiro. Voltou para salvar Duffy O'Hurley, o condutor do Expresso da Mão Vermelha de Weed e um homem essencial no esquema do contrabando de armas.

A turba enfurecida alcançou Conor e o espancou até quase à morte. Somente a intervenção de última hora de Robin MacLeod salvou sua vida.

Morgan MacLeod gostava muito de Conor Larkin e no começo do relacionamento de Conor com Shelley colocou-se decididamente ao lado deles.

Morgan era um homem a ser levado em conta: um líder da gente de Shankill, um diácono em sua igreja, capataz do maior dique seco de Weed e

grão-mestre da Loja de Orange cujo filho fora Capitão do único time irlandês que vencera a Admiral's Cup.

Ninguém em Shankill se importou quando Shelley se tomou a amante de um homem casado. Afinal, esse David Kimberly era um inglês de classe alta, um diplomata de carreira de nível médio alto. Verdade seja dita, Kimberly fora uma espécie de ardil para uma moça de Shankill.

Conor Larkin era uma outra questão. Embora um católico romano, estava sob o patrocínio do próprio *Sir* Frederick e ainda fazia parte dos Boilermaker de Belfast. Bem, digamos que Larkin era um dos bons.

Embora Conor e Shelley representassem um espécie de tentativa de trégua, Belfast, um último buraco de lama da Revolução Industrial, passou as suas bênçãos de má vontade.

Quando Conor e Shelley retomaram das férias na Inglaterra separados, Morgan MacLeod não pôde deixar de suspirar aliviado e pedir a Deus que sua filha se apaixonasse por um bom e decente rapaz protestante. Mas viu sua amada Shelley ficar cada vez mais abatida e apática sem Conor.

Conor pediu demissão do time de *rugby*. Morgan soube que Larkin parecia um morto vivo.

Morgan MacLeod temia que alguma coisa fizesse os dois correrem de volta um para o outro e ele não sabia se poderia continuar a manter a paz.

Os temores de Morgan se concretizaram quando Shelley retornou para Conor depois de ele ter sido espancado nos distúrbios e passou a viver com ele, abertamente o ajudando a recuperar-se e, ao mesmo tempo, desafiando as leis naturais da Belfast tribal.

Em sua atormentada e violenta história, os pobres de Belfast de classe protestante deram origem a uma raça de espertos reverendos cujo mérito era o exibicionismo teatral trajando o hábito da Reforma e a arte de incutir o medo do Vaticano em seus rebanhos. Os mais astutos, em geral saltavam de pregador nômade em tendas para a estrada gloriosa do exercício de um grande poder.

Um desses era o reverendo Oliver Cromwell MacIvor, que possuía suas próprias escolas, seminário, igrejas, imprensa e uma brigada armada quase particular conhecida como os Cavaleiros de Cristo, com suas mulheres auxiliares chamadas de Anjos de Cristo.

A devassidão de Shelley MacLeod deu a MacIvor uma preciosa oportunidade, particularmente a seus Anjos de Cristo.

Há muito MacIvor necessitava de uma vitória engenhosa sobre Morgan MacLeod, o único homem de Shankill suficientemente forte para desafiá-lo.

As reuniões das quartas-feiras dos Anjos logo foram envenenadas pelas espetaculares visões de MacIvor, para suas seguidoras, da carne papista devorando-as e às suas próprias doces e inocentes filhas.

Depois que Shelley voltou para Conor, Morgan proibiu a menção de seu nome dentro de casa e proibiu também a família de vê-la. Tudo que Morgan tinha que fazer agora era subir ao púlpito e denunciá-la. MacIvor mostraria compaixão e a vizinhança seria purificada de seu estigma, tomando-se íntegra e cristã novamente.

Morgan MacLeod recusou-se. Como amava sua estranha filha, retraída

quando criança, ela, a dos tristes olhos verdes! Determinada, Shelley aprendeu sozinha a falar sem nenhum vestígio do confuso sotaque de Belfast, a caminhar ereta e a ter boas maneiras. Ele só faltou morrer quando Shelley, aos quinze anos, fugiu de Belfast e foi trabalhar como criada em uma mansão na Inglaterra para escapar da crescente loucura de sua verdadeira mãe.

A cada dia agora, os MacLeod sentiam o gosto dos frutos do ódio: lixo atirado à sua porta, seu filho Robin espancado, ostracismo no bar e na mercearia, ladainhas de ódio do púlpito de MacIvor.

À medida que Conor se recuperava, ele e Shelley reconciliaram-se definitivamente. Qualquer risco, qualquer perigo, qualquer dificuldade seria melhor enfrentar juntos do que continuar com a insuportável situação de viverem separados. Sabiam, ao tomar essa decisão, que ela poderia significar um decreto de morte não escrito, mas sabiam também que a maior tragédia teria sido passarem um pelo outro sem nunca se terem conhecido.

A dor de Morgan consumou-se. Sabia quando um membro da família fora ver Shelley às escondidas, mas nada perguntava, nada dizia, nenhuma bênção, nada. Entretanto, todos os dias ele abria a porta do quarto dela, olhava para dentro, às vezes se sentava no banquinho diante do espelho e ficava olhando a fotografia presa na moldura.

À noite, ficava folheando a Bíblia, buscando as palavras que pudessem lhe dar algum alento. Depois de algum tempo, começou a buscar

passagens sobre a morte.

Tomado por uma aguda dor no peito e sem conseguir respirar, Morgan caiu do andaime no dique seco Big Mabel, de uma altura de seis metros, espatifando-se no calçamento e quebrando a coluna.

— Robin! É seu pai! Ele caiu do Big Mabel.

CAPÍTULO 41



O esquema de contrabando de armas arrastava-se, algumas centenas de rifles de cada vez. Pequenos sinais de aviso começaram a vazar.

Duffy O'Hurley, o maquinista da Mão Vermelha, estava apresentando um sério, muito sério problema de nervos. Seu hábito de beber passou para bebidas pesadas e de vez em quando ele deixava escapar alguns pensamentos de duplo sentido no bar. Conor mandou vigiá-lo, exceto quando Duffy estava conduzindo o trem.

Conforme os rifles eram enterrados pelos vilarejos, mais e mais pessoas eram envolvidas. Cada novo homem ou mulher com conhecimento aumentava os riscos.

Os carregamentos na Inglaterra e os descarregamentos nas beiras das estradas na Irlanda deparavam-se cada vez mais com obstáculos imprevistos... o policial que passava, desviado do seu caminho... sinais errados para completar um encontro... uma batida repentina em um esconderijo.

Long Dan Sweeney e Atty queriam encerrar a operação e procurar uma nova rota para trazer as armas. Infelizmente, isso exigia abandonar mil rifles na Inglaterra. Essas armas poderiam significar para a Irmandade o recrutamento de homens e a formação de unidades, talvez dois anos antes do que fora anteriormente planejado.

Conor veio então com um plano arriscado de carregar o trem de *Sir Frederick*, da locomotiva ao último vagão, e fazer uma última viagem transportando os mil rifles. O plano levava os acontecimentos à beira do abismo, mas Conor prevaleceu.

Colocando braçadeiras sob cada vagão, fixando portas e tetos falsos e abrindo mais espaço sob o tênder de carvão, os mil rifles foram carregados em Liverpool e fizeram a travessia para a Irlanda.

Então, veio o horror! Duffy O'Hurley não pudera levar o trem, sozinho, numa viagem sem carga. Estava carregando as armas por toda a Irlanda, sem poder descarregá-las, e estava enlouquecendo.

Finalmente, chegou o aviso. Duffy estava em Derry, na Mansão Hubble, e iria fazer uma viagem sem passageiro para Belfast e Dublin. Ele poderia deixar os rifles em uma parada no meio da província, num lugar chamado Sixmilecross.

O próprio Conor por um fio não interrompera o embarque das armas na Inglaterra, mas, uma vez chegadas à Irlanda, a Irmandade tinha que descarregá-las. Até o aviso de Duffy, Conor tinha a crescente suspeita de que somente um milagre poderia realizar a operação, mas guardou esse medo para si mesmo.

Durante toda a noite anterior, ele ficou acordado abraçando Shelley, não pensando em Sixmilecross na noite seguinte, mas tentando lembrar-se de cada vez que a amara e como o milagre desse amor sempre os enviava a um lugar novo e diferente.

Não importava se tinham tido bastante tempo juntos ou não, pois nem cem anos teriam sido suficientes.

Shelley, Shelley, Shelley, não seja tola. Rezo para que você não seja tola. Não quero voltar vivo de Sixmilecross se você não estiver viva. Há muitos em Belfast que odeiam demais o nosso amor, sua vida lhe será roubada se ficar aqui.

Já é suficientemente insuportável saber que talvez eu não possa segurá-la em meus braços por cinco, dez anos, talvez nunca mais. Mas se você morrer... ah, meu Deus...

Que nunca amanheça, nunca!

Não posso acreditar, pensou Shelley, que talvez nunca mais o veja. Tenho que fazer uma boa representação para ele. Conor, meu amado, saiba que eu nasci somente para uma coisa... para os momentos que tive com você... e nada mais importa. Como poderia pedir mais do que isso? Como alguém poderia?

Não compreende, Conor Larkin, sua garota está satisfeita e ela não tem medo.

Sabiam implicitamente da força daquele amanhecer e não precisavam de palavras. Algumas instruções: fique com a pistola, use-a se sua vida correr perigo, vá para Dublin imediatamente, fique lá.

Não era necessário dizer o resto agora, não é?

A OPERAÇÃO DE CONTRABANDO DE ARMAS
DA IRMANDADE REPUBLICANA IRLANDESA
ESMAGADA POR UMA EMBOSCADA EM

SIXMILECROSS — 1 MORTO, 4 FERIDOS, 7
SOB CUSTÓDIA, 1.000 RIFLES RECUPERADOS
DO TREM PARTICULAR DO INDUSTRIAL DO
ULSTER *SIR* FREDERICK WEED. CAPTURADO
O CABEÇA DA OPERAÇÃO

DUBLIN, 10 DE AGOSTO, REUTERS — Agindo com informações de dentro, tropas do Quartel de Londonderry tomaram de assalto o Expresso da Mão Vermelha, o famoso trem particular do magnata do aço e construtor naval de Belfast, *Sir* Frederick Weed.

Rumo a um ponto de encontro para a descarga dos rifles contrabandeados, o trem dirigia-se à tranquila estação do ramal de Sixmilecross, condado Tyrone, no centro do Ulster.

Chegando aos três minutos depois da meia-noite, as tropas atacaram de emboscada um grupo de recepção formado por oito membros da Irmandade Republicana Irlandesa.

O trem foi tomado pelos atiradores de elite do 22º Anglicanos do Oeste. Além disso, a Milícia do Ulster e as forças policiais haviam cercado toda a área. Dominados, os contrabandistas ofereceram pouca resistência.

D. E. Dunkerlee, porta-voz do Gabinete de Imprensa de Sua Majestade no Castelo de Dublin, emitiu o seguinte comunicado:

“Outras prisões foram feitas na Inglaterra de membros da conspiração. Foram presos sob custódia Owen O’Sullivan e seus filhos Brian e Barry, proprietários da Fundação O’Sullivan em Merseyside, Liverpool.

“Também foram presos o Sr. Dudley Callaghan, agente funerário e administrador de uma casa funerária na Wild Boar Road. Callaghan é conhecido por ter dirigido um negócio de traslados por navio de corpos de irlandeses de volta para a Irlanda para sepultamento.

“Detalhes da operação de contrabando de armas custaram a ser revelados pelo Castelo de Dublin, mas tudo indicava que os rifles, Enfields padrão do Exército inglês, tinham saído da Inglaterra e provavelmente haviam sido escondidos no Expresso da Mão Vermelha para serem transferidos para Belfast.

“Trata-se evidentemente do trabalho de uma unidade altamente organizada e altamente treinada da Irmandade Republicana Irlandesa e, ao que tudo indica, estava em operação há vários meses”, concluiu Dunkerlee.

O CASTELO DE DUBLIN NEGA QUE
CONTRABANDISTAS DE ARMAS
PERTENÇAM À IRMANDADE REPUBLICANA
IRLANDESA — INDICADO O CABEÇA,
CONOR LARKIN, FAMOSO HERÓI DE RUGBY
— *SIR* FREDERICK WEED ENFURECIDO

DUBLIN, 11 DE AGOSTO, REUTERS, ASSOCIATED PRESS —

O Castelo de Dublin desmentiu hoje o comunicado de ontem de que o Bando de Sixmilecross fosse “uma unidade altamente organizada e altamente treinada da Irmandade Republicana Irlandesa”.

D. E. Dunkerlee, porta-voz do Gabinete de Imprensa de Sua Majestade no Castelo de Dublin, deu novas informações aos repórteres em uma entrevista coletiva marcada às pressas para esta manhã. “O comunicado de ontem sobre o envolvimento da Irmandade Republicana Irlandesa foi prematuro. Não há nenhuma evidência de unidades da Irmandade dessa natureza, nem evidência de nenhuma atividade organizada da Irmandade na Irlanda. O incidente foi obra de um bando de criminosos comuns.”

Essa inversão estava de acordo com a recusa do Castelo de Dublin de admitir a existência da Irmandade, o que vinha fazendo constantemente nos últimos três anos.

Conor Larkin, agora identificado como o líder da operação, está incomunicável enquanto outros membros do bando foram remanejados para a prisão de Moutjoy. (Veja quadro ao lado para maiores informações sobre o passado do Sr. Larkin e sua longa associação com as famílias Weed e Hubble de Belfast e Londonderry.)

Fazendo uma breve declaração antes de isolar-se em seu retiro, *Sir* Frederick Weed parecia estar lívido de raiva. “Usar a minha família e a mim mesmo como vítimas inocentes da perfídia de Conor Larkin representa a traição mais venal que já vi. Éramos seus benfeitores e confiávamos nele. Seu comportamento ilustra muito bem o caráter desprezível dessa gente. Hei de viver para vê-lo enforcado e seus companheiros de conspiração esmagados”.

Embora humilhado pelo fracasso dos consideráveis recursos dos serviços de informação do próprio *Sir* Frederick, o humor irlandês a respeito do incidente em Sixmilecross resultou em muita risada nos bares, nos salões, nas páginas editoriais, no homem na rua. A insolência e a

ousadia de Larkin parecem ter captado aquela excêntrica ironia espirituosa do caráter irlandês.

O CASTELO DE DUBLIN ADMITE QUE O
BANDO DE SIXMILECROSS ERA DE
MEMBROS DA IRMANDADE REPUBLICANA
IRLANDESA

DUBLIN, 12 DE AGOSTO, REUTERS, ASSOCIATED PRESS, UNITED PRESS INTERNATIONAL NEWS SERVICE, EUROPA PRESS — Contradizendo-se três vezes em três dias, o Castelo de Dublin admitiu hoje a existência da Irmandade e a considerou diretamente responsável pelo esquema de contrabando de armas. *Sir* Frederick Weed continua em seu retiro.

Os comitês que se formam em todo o país exigem justiça para Conor Larkin e o bando de Sixmilecross.

D. E. Dunkerlee, porta-voz do Gabinete de Imprensa de Sua Majestade no Castelo de Dublin, emitiu o seguinte comunicado às quatro horas da tarde:

“Novas investigações sobre o incidente de Sixmilecross levaram o governo de Sua Majestade a concluir que a Irmandade Republicana Irlandesa vem agindo secretamente há vários meses, talvez anos, e é diretamente responsável pelo esquema de contrabando de armas a bordo do Expresso da Mão Vermelha de *Sir* Frederick Weed.

“Especialistas da Scotland Yard e do Serviço de Inteligência do Exército concluíram que tal operação não seria possível sem um razoável sistema de apoio.

“Detectou-se que os rifles são originários do Depósito de Dunby, na Cidade do Cabo, África do Sul, e ao que parece foram remetidos para lá em 1901 para distribuição às tropas da Guerra dos Bôeres. Os especialistas estão tentando determinar se elas foram devolvidas à Inglaterra depois do conflito, fora da embalagem.”

Enquanto isso, o país continua agitado com a febre de Sixmilecross. Fontes bem informadas garantem que a Irmandade está sendo investigada pelo alistamento de centenas, se não milhares, de homens em toda a Irlanda.

“Ao acusar a Irmandade como a entidade ‘inexistente’ que executou o contrabando de armas, os ingleses se tornaram nossos maiores aliciadores. Não conseguiríamos esse tipo de publicidade por conta própria nem em dez

anos e somos gratos ao Castelo de Dublin por sua colaboração”, disse um alto comandante da Irmandade sob a condição de anonimato.

CAPÍTULO 42



Atty reconheceu Shelley MacLeod no instante em que ela desceu do trem para a plataforma. Shelley não parecia nem acovardada nem perdida quando colocou a mão acima da testa para proteger os olhos do sol. Assim de pé ali, parada, Shelley parecia quase translúcida, etérea. Foi fácil para Atty compreender por que Conor a amava tão profundamente.

Atty sentia-se frustrada, com um desejo natural de antipatizar com Shelley, mas era impossível não gostar dela. Shelley usava uma fita de cetim roxa no pescoço para identificar-se enquanto continuava a olhar em torno.

— Olá, Shelley, sou Atty Fitzpatrick.

— Obrigada por vir, Sra. Fitzpatrick.

— Por favor, chame-me de Atty.

— Alguma notícia?

— Não, exceto que Conor está vivo. E quanto a você, como está resistindo?

— Eu estou bem, muito bem. Tem certeza de que ele escapou?

— Disso temos certeza.

Ficaram paradas, em silêncio, fitando-se com curiosidade, sem saber exatamente como continuar a conversa... então, muito natural e ternamente, elas se abraçaram, ambas tremendo. Ao sentir os braços de Atty à sua volta, Shelley não se conteve e deixou escapar alguns suspiros e soluços.

— Desculpe-me — murmurou Shelley.

— É de admirar que não estejamos ambas enlouquecidas de medo.

Meu Deus, você é uma jovem forte, Shelley. Fico contente de que esteja aqui em Dublin conosco. Nós cuidaremos de você.

Depois dessas palavras, Atty sucumbiu e ambas choraram, apoiadas uma na outra.

Foi então que Seamus O'Neill se aproximou.

— Vejo que já se conheceram — disse ele.

— Você deve ser Seamus — disse Shelley.

— Passo facilmente despercebido, especialmente se não estiverem minha procura.

— Alguma novidade? — perguntou Atty.

Seamus sacudiu a cabeça.

— Tem mais alguma bagagem?

— Não, Conor disse-me para deixar tudo para trás.

— Sim — disse ele. — Bem, ele está vivo e isso já é um começo.

Temos todos trabalhando em informação, mas os ingleses não estão deixando vazar nada. Estão tentando esclarecer toda a história. E muito confusos.

— Deu para perceber pelo que se viu nos jornais.

Dirigiram-se para fora da plataforma.

— Queria que você ficasse comigo — disse Atty —, mas decidimos que seria melhor, por enquanto, que a colocássemos em um esconderijo com um guarda.

— Só por precaução — acrescentou Seamus rapidamente. — Não cremos que os ingleses vão vigiá-la, portanto, assim que as coisas se acalmarem, você poderá circular livremente sem nenhum problema. O importante é que saiba que está entre amigos e que estará inteiramente a salvo em Dublin.

Shelley controlou-se até estar seguramente escondida em um minúsculo apartamento a apenas alguns quarteirões da casa de Atty. Somente então ela se permitiu o luxo de desmaiar.

Nas semanas que se seguiram, ficou claro que o Castelo não estava interessado em Shelley MacLeod. Virtualmente, ninguém em Dublin sabia de seu papel na vida de Conor Larkin e ela não significava nenhuma ameaça para os ingleses.

Apesar disso, a Irmandade continuava a mantê-la sob vigilância, para ter certeza de que nenhum fanático de Belfast tentasse causar-lhe algum mal. Estava livre para circular à vontade por Dublin.

Shelley logo entrou na animação e vigor da vida de Dublin. Fora uma das melhores em sua profissão, trabalhando para o único costureiro da alta-sociedade de Belfast, e conseguiu colocação num elegante salão dublinense.

Sua vida girava em torno de Atty Fitzpatrick, o jovem Theobald e Rachael, adoráveis crianças que pareciam pressentir quem era quem e o que era o quê, sem que ninguém lhes precisasse explicar em muitas palavras.

Rachael observava sua mãe enternecer-se sempre com Shelley, o que não estava de acordo com a sua natureza básica. Rachael não precisava de nenhuma banda para anunciar que Conor Larkin tinha uma grande influência sobre ambas.

Quando Atty Fitzpatrick passou a amar Shelley MacLeod contra sua vontade consciente, perguntou-se por quê. Atty concluiu que Shelley abria uma porta dentro dela que tinha sido trancada. Atty Fitzpatrick nunca se considerara capaz de altruísmo, nem mesmo com seus filhos. Rachael e Theo estavam lá porque se encaixavam no seu esquema. Emma fora afastada porque não se encaixava.

Atty questionou seu arroubo de paixão por Conor Larkin. Ela nunca se atirara a ninguém, com exceção de Jack Murphy, há tanto tempo, e assim mesmo por uma aventura limitada e somente para satisfazer sua curiosidade.

Seu desejo por Conor continuava com toda a força depois de sua delicada rejeição e sabia que o amava, independente do que ele impusesse. Sem rancor, Atty compreendeu que Shelley MacLeod era a mulher certa para ele... não ela... mas Shelley. Atty como Atty era incapaz do que Shelley era capaz como Shelley.

Saber que ela poderia amar intensamente e aceitar a possibilidade de não ser correspondida tomou-se uma experiência transcendental. Esse amor ela carregaria silenciosamente, pois Conor Larkin a deixara satisfeita consigo mesma apenas com essa compreensão.

Uma vez resolvida essa questão na mente de Atty, tomou-se fácil amar Shelley como sua própria irmã. Parecia o enredo de uma peça ruim, Atty acreditou no começo... um terrível clichê — as duas irmãs loucas pelo mesmo sujeito.

Para tornar as coisas ainda mais serenas e aveludadas, Shelley percebeu o quanto Atty Fitzpatrick amava seu homem. Sentia uma grande empatia por Atty, bem como um grande respeito por sua dignidade.

Que triângulo inteiramente maluco, Atty pensou! Eu amo ambos e quero que fiquem juntos! Devo estar ficando desequilibrada! Ao descobrir a impossibilidade de não gostar de Shelley MacLeod, Atty sentiu que alcançara uma nova capacidade de amar. Se, realmente, era capaz de amar tão desprendidamente, então deveria haver um amor para ela em algum lugar algum dia.

Uma vez casada com Desmond Fitzpatrick, Atty acreditara que a intensidade de um amor como o que havia sentido por Jack Murphy não iria acontecer-lhe mais pelo resto da vida, até colocar os olhos em Conor Larkin. “Posso amar agora, sem reservas”, e esse pensamento abriu-lhe um novo e maravilhoso caminho que um dia ela pretendia explorar.

Não havia como enganar Rachael com conversas infantis, e, não tendo irmãs, Shelley e a jovem enchiam-se de risos e abraços.

O pobre Theo estava sobrecarregado por ter dezesseis anos. Naturalmente, ele se apaixonara perdida e eternamente por Shelley. Tudo que podia fazer era afundar-se em sua frustração e demonstrar continuamente o quanto era encantador e inteligente.

— Tenho uma nova tese — disse Theo uma noite. — Deus, todos concordamos, transcende todas as criaturas, plantas, animais e objetos inanimados. Deus pode escolher ser o que bem quiser... uma montanha, um tubarão, dez árvores, um balão mais leve do que o ar. Deus, Deus me perdoe, pode até ser um Padre. A única coisa que Deus não pode fazer é transformar-se numa mulher. Só Deus sabe por que, mas Deus tem que ser homem e com certeza um homem da nossa cor. Mas, digamos, a bem do argumento, que Deus tenha resolvido ser uma truta, uma truta-macho, naturalmente, e, no seu próprio modo infinito, faz o clero e as massas saberem que de agora em diante não será mais conhecido como Deus, mas como Truta. Isso faria uma grande diferença em nossas vidas.

Rachael, atenta a tal palavrório, ergueu os olhos dos seus deveres de casa sobre a escrivaninha.

— Jamais poderíamos comer truta outra vez — disse.

— Vai muito mais fundo do que isso, Rachael. Veja o hino dos ingleses: Truta salve nosso nobre rei, Truta salve o rei.

— Pelo amor de Truta, Theo, está sendo ridículo — disse Shelley.

— “Meus olhos viram a glória da vinda de Truta” — bramiu Theo.

— “O que Truta uniu, nenhum homem pode separar”

— Que Truta a castigue, Rachael Fitzpatrick. Truta sabe que eu tento ser um irmão amável e gentil, mas, em nome de Truta, acho muito difícil.

— Truta Todo-poderosa, Theo, Truta está do meu lado.

— Não, Truta está do lado protestante.

— Cuidado com a ira de Truta, vocês dois — disse Shelley, sendo arrastada para a brincadeira contra a vontade.

— Essa questão está nas mãos de Truta... quer dizer; barbatanas...

Atty veio da cozinha e anunciou o jantar.

— O que temos para o jantar, mamãe? — perguntou Rachael.

— Deus. Quer o seu inteiro ou sem as espinhas?

Conforme os dias se arrastavam sem nenhuma notícia de Conor, as duas tornaram-se intimamente ligadas e extremamente dependentes. Shelley liberou Atty para perseguir seu chamado e seu chamado agora era falar em comícios monstros em favor dos homens de Sixmilecross.

Ao fim de cada dia, elas se retiravam para a biblioteca, acendiam a lareira de turfa e conversavam durante horas com palavras que se originavam de uma sincera ligação.

CAPÍTULO 43



“Libertem Conor Larkin! Libertem Conor Larkin!”

Um pequeno mas barulhento grupo de estudantes marchava com tochas e cartazes, passando embaixo da janela do apartamento de Lorde Jeremy Hubble, em Merrion Square. Grupos *ad hoc* de jovens do Trinity College e do centro de Dublin reuniam-se para um comício em St. Stephen’s Green.

Não era comum que os alunos do Trinity College se envolvessem, pois a escola fora o baluarte da pequena aristocracia de origem inglesa desde o tempo da rainha Elizabeth. Continuava a ser uma instituição protestante elitizada. Sixmilecross fizera com que mais de cem jovens e meia dúzia de professores acordassem para uma consciência pública nova de que eles eram irlandeses, ainda que não exatamente republicanos.

Jeremy deixou que a grossa cortina de veludo encobrisse a janela, abafando o ruído da rua.

— Era de se esperar que o quisessem enforcar como traidor — resmungou Jeremy —, ao invés de o tratarem como um herói nacional. Sem dúvida essa mulher Atty estará berrando a plenos pulmões no Green. Boca suja, é o que ela tem.

Molly O’Rafferty continuou tristemente silenciosa, como tentava fazer desde Sixmilecross. Jeremy inclinava-se ora para um lado, ora para o outro. Debatia-se durante o sono e acordava suando. Amaldiçoava Conor Larkin por traí-lo e por fazer dele um joguete. E ele ainda amava Conor, confusamente.

— O latim tem sua maneira de virar a cabeça das pessoas — disse Molly.

—Volte para seus estudos.

Jeremy retomou à sua escrivinha e mais uma vez questionou o valor do latim.

— Mas, imagine, quando tiver conquistado César, você pode experimentar Cícero.

— Preferia comer de uma caçamba de vermes.

Graças a Deus, Molly estava determinada a ensinar-lhe. Graças a Deus por Molly e por tudo. A respiração arquejante de Jeremy arrefeceu conforme ela o acalmou com as cordas de seu violão.

Jeremy olhou-a de relance e apaixonou-se por ela novamente, como sempre o fazia toda vez que a olhava, tocava ou abraçava.

Fora assim desde o instante em que seus olhos se cruzaram. Ele e seus colegas foram ao Lorde Sarsfield, um bar de estudantes no cais do rio Liffey, onde Molly cantava baladas folclóricas aos sábados à noite. A voz que chegava até ele era mais pura do que o tilintar de qualquer sino de cristal ou de prata da Mansão Hubble.

*Vi uma donzela loura, mais loura que qualquer
outra,
As faces como a rosa vermelha que nenhuma pode
superar,
A pele como o lírio que cresce no antigo vale,
Ela é a minha formosa Annie, minha garota da
fábrica.*

E assim foi, meu caro Jeremy, então, agora e para sempre. Molly O'Rafferty, de pouco mais de dezesseis anos, recém-saída da escola conventual e uma professora principiante.

A passeata desaparecera por momentos e Jeremy foi atraído de volta para o latim. Continuou a estudar diligentemente. Quando Molly o via cansado, descansava o violão e ficava por trás dele, verificando seu trabalho e ao mesmo tempo mantendo uma distância suficiente para deixar suas saias fora do caminho dos braços dele, que constantemente procuravam alcançá-la.

Mal Palmer irrompeu no aposento. Uma batida na porta e já estava lá dentro! Perturbou o ambiente de serenidade mais uma vez.

— Ah, se Napoleão tivesse essa Atty Fitzpatrick ao lado dele, teria vencido em Waterloo.

— Pelo amor de Deus, Mal — retrucou Jeremy.

— Eu só queria ouvir o que os vingadores fenianos tinham a dizer.

— Mal tocou no broche de Sixmilecross na lapela de seu casaco. — Oh, oh — exclamou, enfiando-o rapidamente no bolso.

Não adiantava insultar ou repreender Mal. Não havia como insultá-lo ou repreendê-lo e ele tinha pouca sensibilidade para a situação de Jeremy.

De certo modo, continuava sendo um amigo. Era um bom jogador de rugby e às vezes muito engraçado... quanto ao resto, era um inútil.

— Bem, é sábado à noite. Vamos ao Lorde Sarsfield ouvir a voz angelical de nossa Molly?

— Você acompanha Molly — disse Jeremy. — Vejo-os mais tarde.

— Estava guardando uma surpresa para você, Jeremy — disse Molly. — Nell McCaffery cantará em meu lugar esta noite.

Que pena, Molly — disse Mal. — Espero que Nell saiba algumas canções de sapo para harmonizarem com sua voz. Jeremy, isso me desagrada, meu velho, mas posso pedir-lhe uma nota de cinco? A maldita mesada ainda não chegou.

— Não devia jogar, Mal, você não é bom nisso — disse Jeremy.

— Bem, estou precisando do dinheiro, portanto pode fazer o seu sermão.

Jeremy deu-lhe o dinheiro e Mal disse que amava ambos, saindo apressado para vasculhar a praça à procura de outros colegas e conseguir mais notas de cinco.

— Pobre Mal — disse Molly —, que jogo sujo ele e seu pai mantêm. Mal deliberadamente acumula dívidas de jogo e o pai as paga com um acesso de raiva. Isto prova a Mal que seu pai o ama realmente, embora na verdade seu pai o despreze.

— O Trinity College é o fundo da privada para todos nós, bons garotos descendentes dos anglos que desapontamos nossos pais ao não conseguirmos entrar para Oxford.

— Chega de latim, Mal, e passeatas por esta noite — disse Molly fechando os livros.

— Não me contou que não iria cantar no bar esta noite.

— Queria fazer-lhe uma surpresa antes que ele irrompesse aqui dentro. Estou planejando fazer uma apresentação especial para você hoje, *m'Lord*. Jeremy, posso passar aqui esta noite e todo o dia de amanhã.

— Ah, isso é ótimo! Como conseguiu?

— Disse a meus pais que tinha um compromisso para cantar na escola feminina em Dun Laoghaire e que passaria a noite na casa de uma amiga.

Num instante, ele se havia levantado da cadeira e abraçava-a.

— Nenhum sacrilégio até depois do jantar — ela conseguiu dizer entre beijos e dedos atarefados em seus botões.—Ou morreremos

de fome... quando começarmos... e tudo o mais... você sabe...

— Ah, Molly, Molly, Molly.

Continuaram de pé, respirando sofregamente no rosto um do outro, os olhos fechados, num sonho...

— ...com fome?

— ...não muita.

— ...eu também não.

— ...as traduções?

— ...amanhã...

Bum, bum, bum.bum. Lá fora, um maldito tambor! Uma mensagem indistinta dos participantes da marcha incitando aos gritos de “Libertem Conor Larkin! Libertem Conor Larkin!”.

Jeremy estremeceu, os punhos e os dentes cerrados, quase suspendendo a própria respiração.

— Eu amo tanto Conor! — desabafou inadvertidamente. — Molly, devemos ter feito algo terrível para fazer um homem como Conor voltar-se contra nós. Foi aquele maldito incêndio da fábrica!

Molly afastou-se, frustrada. Todos a avisaram de que seu caso com o Visconde Coleraine estava fadado desde o começo. Todos os anos, aristocráticos estudantes da faculdade apaixonavam-se perdidamente por lindas garotas como Molly, longe dos olhos de seus pais. E um dia, terminavam a faculdade e iam embora.

Mas ela e Jeremy não possuíam algo maior? Em algum lugar, de alguma forma, algum dia, os diferentes povos da Irlanda teriam que começar a conviver uns com os outros. Os que ousassem teriam que ser fortes, como ela e Jeremy. Se duas pessoas que se amavam tanto não conseguiam conviver, então o país nunca o conseguiria.

Jeremy agora se exasperava contra Conor e a Irmandade. Molly cerrou os olhos e afastou-se. Tinha vontade de gritar-lhe: “É melhor você aprender alguma coisa sobre a Fome das batatas, Jeremy, e, antes disso, sobre as leis penais e, antes disso, sobre as mortes causadas por Oliver Cromwell!”

Por que duas pessoas honestas descobrem que seu amor sempre terá que ser um desafio da história? Não que Jeremy não fosse um dos rapazes. Ele conhecia as cidades irlandesas em Midlands. Seu herói era um rebelde católico. No entanto, quando se é criado na Mansão Hubble, por mais liberal que fosse a Condessa, o privilégio era-lhe inculcido como um dom

divino, de modo que, abaixo de uma certa linha de compaixão, Jeremy não era capaz de compreender o sofrimento, a humilhação e a escravidão.

Jeremy era como o dono de escravos “decente” do Alabama e do Caribe. Só conseguia chegar até a questão de homens e mulheres negros antes que sua ordem “natural” de superioridade o dominasse. Seu amor por Conor era a exceção. Seu amor por Molly, algo a ser ainda resolvido.

Jeremy seguia alegremente pela vida achando que todo mundo era gente boa. Isso preocupava enormemente seu pai e seu avô enquanto o preparavam para um papel cerimonial na vida. Para que o plano de Weed e Hubble para o Ulster funcionasse, era preciso que católicos e protestantes fossem lançados uns contra os outros.

Molly O’Rafferty acordava assustada muitas manhãs, sabendo que o trágico passado da Irlanda bafejara Jeremy. Se ele sentisse a injustiça profundamente, teria que fazer algo a respeito e ele não tinha envergadura suficiente para enfrentar seu pai.

Sua mãe nunca havia passado do primeiro andar da fábrica porque não queria conhecer a calamidade lá de cima. O dilema de Jeremy a respeito de Conor era do mesmo feitio. Ele não queria realmente saber por que Conor era membro da Irmandade.

Molly, querida Molly, em que fora se meter? Amava aquele rapaz como somente uma virgem pode amar alguém a quem se entregou.

— Você precisa chegar até Conor Larkin. Conhece as pessoas que podem deixá-lo entrar na prisão dele. Terá que fazer as pazes com ele e talvez Conor o esclareça sobre as águas traiçoeiras em que você e eu estamos metidos.

— Mamãe nos defenderá.

— Há muito mais do que isso, Jeremy.

— Não deixarei que nada nos aconteça.

— Estamos na Irlanda, Jeremy, e você é um filho do Ulster com um valioso conjunto de credenciais que me excluem. Se vamos sair disso juntos, você terá que começar a tomar algumas decisões muito graves.

Enquanto abraçava seu amado, Molly percebeu que aquela não era a hora de pensar na possibilidade de sua gravidez.

CAPÍTULO 44



A casa mergulhou em tristeza, mas com uma sensação de que algo magnífico viera com a tragédia. Um fluxo de encantamento e um sentimento de dignidade tão fortes quanto seus temores da morte.

Quando Shelley e Atty foram deixadas a sós no gabinete, sentaram-se em silêncio, deram-se as mãos e diminuíram o nível do uísque na garrafa.

— Parto para Belfast amanhã — disse Shelley, quebrando o silêncio.

— Por favor — disse Atty —, preciso de você, Shelley.

— Meu pai precisa ainda mais de mim — replicou ela. — Ele me chamou. Quer me ver. Meu lugar é ao lado dele agora. Temos que nos reconciliar.

— O que está acontecendo?

— Robin telefonou. Morgan quebrou a coluna. Está sofrendo dores horríveis... chama por mim o tempo todo.

— Deixará que a protejamos?

— Sim, sem dúvida. Robin estará comigo a maior parte do tempo. Ele é um sujeito forte. Ei, ora vejam, os MacLeod não são uma família fraca ou estranhos uns para os outros.

— Não está com medo?

— Claro que estou — disse Shelley. — Conor também estava. Se nossas vidas têm qualquer sentido, há coisas das quais não podemos fugir. Atinai, para quem estou dizendo isso, Atty Fitzpatrick? Você me contou sobre o medo terrível que sentiu ao unir-se à Irmandade, mas isso não a reteve nem por cinco minutos, certo?

— Tome o trem do final da tarde, Shelley. Preciso passar a manhã fazendo alguns preparativos de segurança para você.

— E o que pretendo fazer. Tenho que me levantar cedo e me despedi de Rachael e Theo antes que saiam para a escola.

— Isso vai partir o coração de Theo — disse Atty.

— Rachael é a sua força — disse Shelley.

— Compreende isso agora? Ela tem cuidado de mim todos esses anos. Parece que, com essa nossa ocupação, todos acabamos num beco sem saída. O que devo fazer com as crianças?

— Exatamente o que vem fazendo. Elas tomarão suas próprias decisões. Por mais que você tente dirigi-las, farão exatamente o que acham que devem fazer.

— Como você?

— Sim. Robin seguiu papai. Eu fiz o que queria fazer. Dublin é um bom lugar. Gosto daqui. Pretendo voltar depois que tiver ajudado meu pai a passar pelo que está passando.

— Por favor, volte — disse Atty, começando a chorar. Levantou-se e saiu correndo do aposento.

Shelley olhou pela última vez o antigo e imponente gabinete, tão confortável de conhecer e partilhar com a única amiga íntima de verdade que tivera na vida. Ao fechar a porta atrás de si, pôde ouvir débeis soluços vindos do quarto de Atty. A porta não estava trancada. Quando se sentou na borda da cama e alisou os cabelos de Atty, ela não fez nenhuma tentativa de conter as lágrimas, mas aceitou o carinho de Shelley no mesmo ritmo de seu pranto.

Havia conversas tácitas entre as duas. Shelley não achava justo tentar Atty falando-lhe da imensidão de seu amor por Conor e dos momentos que tiveram juntos. Teria sido injusto, pois era óbvio que Atty o amava profundamente. Houve ocasiões em que Shelley partilhava pequenas coisas com Seamus, mas isso era diferente.

Agora, as palavras não ditas vinham com tanta força, que não precisavam ser ditas, mas percorriam cada fibra de seus corpos.

— Chegue para lá, minha velha amiga disse Shelley, deitando-se ao lado de Atty, virando-a e aconchegando-a nos braços como se fosse uma criancinha...

“Se eu não voltar”, Shelley não disse, “sei que você tomará conta dele e isso me faz feliz.”

CAPÍTULO 45



Jeremy sempre era chamado à suntuosa biblioteca da mansão para ser repreendido por seu pai. Naquele aposento abobadado, com milhares de luzidios volumes encadernados em couro, foram tomadas as grandes decisões do condado.

Foi ali que o bisavô de Jeremy, Morris, o “Conde da Fome”, assinou mais ordens de despejo do que qualquer outro senhor de terras da Irlanda. Era um cenário adequado para Roger descarregar seu desprezo cínico, mordaz, não declarado, sobre seu filho.

O foro da discussão, desta vez, fora deliberadamente transferido para Dublin, longe dos olhos e da proteção de Caroline. O elenco crescera significativamente, passando a incluir o Brigadeiro Maxwell Swan, que sempre deixava o rapaz nervoso. Seu irmão mais novo, Christopher, viera de Oxford. Um dos detetives de Swan, W. W. Herd, permanecia disfarçadamente nas sombras.

Jeremy mexeu-se, embaraçado quando Roger caminhou pesadamente, ergueu o relatório e folheou-o pela vigésima vez.

— Mais uma vez — disse Roger —, vemos que não podemos confiar em você, Jeremy. Você dispensou seu criado, Donaldson, que designei pessoalmente para cuidar de você naquela faculdade imunda.

— Papai, despedi Donaldson porque ele estava me espionando.

— Se, depois de suas escapadas anteriores com prostitutas, eu não vigiasse suas atividades, não seria um bom pai, seria?

Será que ele não vai chegar logo ao ponto? — perguntava-se Jeremy.

— Bem, responda! Seria um bom pai?

— Não, senhor, quero dizer, sim, senhor, compreendo por que eu estava sob vigilância.

— Mas mesmo assim você converteu seu apartamento num bordel.

— De forma alguma, papai.

Roger examinou uma página.

— Você realizou ou não frequentes festas de companhias mistas durante as quais enormes quantidades de uísque foram consumidas?

— Sim, senhor, realizamos festas depois dos jogos de *rugby* e em aniversários.

— Aposto que adoraram o anfitrião, o bom e velho Jeremy. Por que não, com metade das prostitutas de Dublin dançando entre os lençóis de seus quartos?

— Papai, não recebi prostitutas. As jovens eram... amigas... verdadeiras amigas, de boa família em sua maior parte... três dos rapazes se casaram em segredo e...

— E o quê?

— Precisavam de um lugar... P-P-P-Papai.

— Não gagueje, Jeremy! Pelo amor de Deus, não gagueje!

Vieram então as rajadas de ar glacial quando Roger mais uma vez relatou a história de seu próprio pai, o pobre e gago Arthur Hubble. O avô de Jeremy vira seu próprio pai, o “Conde da Fome”, assinar as ordens de despejo e tornou-se fraco demais para governar o condado adequadamente. Engraçado... continuou Roger... como nós sempre pulamos uma geração. Roger teve a força visceral de assumir as rédeas de seu fraco pai e administrar a propriedade quando ainda muito jovem. Jeremy era a volta da maldição da linha Hubble. Jeremy era o gago Arthur e Arthur era o gago Jeremy.

— Essas informações estão corretas ou não? — perguntou Roger, sacudindo o relatório sob o nariz de Jeremy. Jeremy viu uma lista de datas e horas em que seus colegas realizaram encontros em seu apartamento.

Acho que sim. Não sabia que as empregadas estavam na sua folha de pagamento para lavar os lençóis sujos.

Roger atirou o relatório sobre a escrivaninha.

— Coabitação com uma tal de Molly O’Rafferty, uma pirralha de rua, analfabeta, de Liberties.

— Ela foi educada num convento, é uma professora principiante e uma cantora de músicas folclóricas consagrada.

— Ela canta num bar, Jeremy. Ela é ou não é uma católica?

— Meu Deus! — exclamou o irmão Christopher. — Como pôde fazer isso à família? Tudo que consideramos mais sagrado foi profanado. Duzentos e cinquenta anos de honrosos serviços à Coroa foram enlameados.

— Doze gerações de condes de Foyle — acrescentou Roger — foram postos em perigo por uma rameira!

Jeremy pôs-se de pé.

— Exijo que a respeite!

— Respeito por que, realmente, Jeremy, por quê?

Jeremy deixou-se cair novamente em sua cadeira. Seu pai e seu irmão pairavam acima dele. Mais atrás, viu os frios olhos cristalinos de Swan brilhando de ódio. W. W. Herd, nas sombras, dava risadinhas como um detetive costuma fazer depois que agarra a presa.

— Não vou desistir dela — resmungou Jeremy.

— A garota está grávida — continuou Roger duramente.

Era como Jeremy suspeitava, mas como eles sabiam?

— Molly? — murmurou.

— Sim, Molly. Molly O'Rafferty, a cantora católica.

— Como descobriu isso, papai?

Fez-se um longo silêncio.

— Não acredito em você — disse Jeremy, reunindo um pouco da raiva que lhe restava.

— O Padre dela nos contou — retrucou Herd.

— O Padre não pode lhe contar isso!

— Ora, vamos, Jeremy, eles são todos subornáveis. Além do mais, não vamos permitir que algumas regras ridículas do Vaticano obstruam a verdade.

Jeremy pôs-se de pé.

— Vou vê-la — disse.

— Você vai sentar-se e ouvir o resto.

Roger fez um sinal para que Herd abrisse a porta. Dois grandalhões de Belfast, que Jeremy reconheceu como membros da equipe de espões de Swan no estaleiro, escoltaram seus colegas Mal Palmer e Cliff Coleman para dentro do gabinete.

Jeremy emudeceu com o choque. Ficou zozzo, pálido, e seu estômago começou a revirar-se.

— Conte-lhe o que nos contou. Sr. Palmer.

— Sinto muito, Jeremy, mas Molly tem andado com todo mundo desde que você se juntou a ela — disse Mal.

— Mentiroso!

— Desculpe, Jeremy... Sinto muito mesmo — disse Mal trêmulo e ofegante.

— Mentiroso!

Os dois capangas seguraram Jeremy e o empurraram para trás.

— Continue, Sr. Palmer.

— Molly e eu fizemos isso várias vezes. Várias vezes. Eu lhe dava o seu horário e, quando você estava em aula, nós íamos para o seu apartamento, e trepávamos.

— Sr. Coleman — convocou Swan.

— O mesmo digo eu, Jeremy. No meu quarto. Metade do time trepou com ela.

— Você tem sido motivo de piada — seu irmão concluiu.

Cliff Coleman começou a entrar em detalhes quando Jeremy correu para a cesta de papéis e vomitou até seus olhos e nariz escorrerem e ele expelir fios de muco.

Roger e Christopher atiraram-se sobre ele com fúria e raiva ainda mais insanas enquanto os colegas eram retirados às pressas. Jeremy ficou histérico até desfalecer, foi arrastado para sua cama, ficando lá até acalmar-se, passando a trêmulos gemidos.

— Você vai sobreviver—disse Roger —, mas já estou farto do seu comportamento infantil e desastroso. Você agora vai ficar sob as minhas ordens, Jeremy. Entendeu?

— Sim... p-p-p-papai.

— Christopher vai voltar para Oxford para terminar seu curso. Quanto a você, Donaldson vai fazer sua mudança. Você está fora de Dublin, de uma vez por todas. Não vejo mais necessidade de continuar seus estudos. Quando o período letivo de Christopher terminar, vocês dois vão fazer o serviço militar no regimento da família. Christopher retornará a Oxford depois que obtiver uma boa patente. Quanto a você, permanecerá em serviço enquanto eu julgar necessário. Estamos entendidos?

— O que quer de mim, papai?

— Filhos!

— Providenciarei tudo, papai — disse Christopher.

— Sei que o fará, filho, sei que o fará. Você, Jeremy, ficará sob os cuidados de seu irmão. Estou de partida para a mansão para ver sua mãe. A fim de evitar um escândalo, faremos um arranjo adequado com a Srta.

O'Rafferry. Na verdade, depois do que ela lhe fez, achamos isso bastante generoso. Você não deve vê-la mais. Está claro, Jeremy?

O rapaz contorceu-se de agonia em sua cama.

— Está claro, Jeremy?

CAPÍTULO 46



Frederick Weed estava em sua mesa de projetos no outro extremo do escritório. Era bom vê-lo ali de novo. O Almirantado estava pressionando para que fosse desenvolvido um submarino comparável aos submarinos alemães e havia muita coisa a pôr em dia. Sua secretária entrou.

— O Mão Vermelha acabou de passar por Portadown, *Sir* Frederick. Deve estar no pátio dentro de uma hora.

— Desça e vá receber o trem. Traga *Lady* Caroline diretamente ao meu escritório.

— Sim, senhor.

Weed saiu da mesa de desenho e dirigiu-se à sua escrivaninha. Havia muita coisa a colocar em dia com Caroline também. Sementes ruins haviam germinado depois da emboscada de Sixmilecross. A humilhação do contrabando de armas pela Irmandade Republicana Irlandesa em seu trem particular iria com ele para o túmulo.

Sir Frederick sofrera um pequeno ataque do coração no período que se seguiu ao rebuliço. Considerando sua idade avançada e seu agitado estilo de vida, sua recuperação foi surpreendente.

O que o feria mais do que a perseguição da imprensa e a chacota nos bares era o comportamento ambivalente tanto de Caroline quanto de Jeremy.

Foram de bom grado usados por esse Larkin—cujo engodo maquiavélico constituiu a forma mais vil de traição! Ele os usara! Em vez de defenderem os Weed, os dois permaneceram em silêncio. Às vezes, Weed achava que Larkin havia lançado uma maldição sobre eles. Ah, uma vez ou outra eles se referiam à traição de Larkin, mas nunca de forma muito incisiva.

Recordou-se de que uma vez Jeremy tentara insinuar-se clandestinamente para ver Larkin na prisão. Bem, ele certamente pusera um fim naquilo! Caroline, seu pai temia, devia ter-se envolvido emocionalmente com Larkin de forma muito séria.

Seguiu-se uma estranha frieza familiar. Milhões de pensamentos ocultos jaziam em milhões de palavras não pronunciadas. Teriam, na verdade, perdoado o comportamento pérfido de Larkin? *Sir* Frederick recusava-se a colocar a pergunta diretamente para eles. Pela primeira vez em sua vida, temia a resposta.

Assim, tivera um pequeno e silencioso infarto e Caroline e Jeremy haviam feito as pazes com ele, mas aquele amor grandioso e extravagante que existia entre eles desaparecera. Desde a risada estridente sobre a baderna de Jeremy no bordel na Inglaterra, o relacionamento com o patriarca da família passara a ser educado e formal.

Meu bom Deus, Freddie sentia-se tão sozinho. As duas pessoas que ele mais amava, escrevendo-lhe bilhetes formais ultimamente. Droga!

Weed levantou-se com um resmungo, consultou seu relógio de bolso quanto o apito das cinco horas soou. Logo, suas legiões de operários passariam embaixo de sua janela em direção ao portão da fábrica, retirando seus bonés enquanto saíam.

Quando esse maldito trem chegaria!

— Olá, Freddie, está com boa aparência.

— Olá, Caroline, estou com uma aparência péssima e você também.

— Você deveria estar fumando e bebendo?

— Tudo que faço com esse conhaque é girá-lo nas mãos de maneira elegante e cheirá-lo. Quanto ao charuto, só o sinto.

Ambos estavam perturbados com as palavras dele. Um dos prazeres da vida dos dois era quando Caroline cortava com uma mordida a ponta de um charuto e o acendia para ele, com grande cuidado.

— E Jeremy? — perguntou ela.

— Está em Rathweed Hall, em seu apartamento. Trancou-se lá dentro. Não trocamos nem uma dúzia de palavras. E você?

— As coisas entre mim e Roger estão extremamente abaladas. Pode haver uma separação.

— Ah, meu Deus.

— Roger finalmente conseguiu dominar o rapaz. Só Deus sabe o que transpirou em Dublin, mas Roger conseguiu o que queria, um covardezinho obediente como filho...

Weed não pôde suportar o desprezo nos olhos de sua filha. Abaixou os seus.

— Você e eu temos conversado horas sobre Jeremy. Sabemos que ele tem limitações. Como, em nome de Deus, você pôde tomar parte nessa trama odiosa? — perguntou ela.

— Caroline...

— Como, em nome de Deus, permitiu que isso acontecesse?

Weed cerrou os olhos e ergueu as mãos como forma de implorar-lhe que parasse e o ouvisse.

— Não vou alegar inocência nesta questão — começou ele —, mas vamos colocá-la no contexto adequado. Você sabe quantos empreendimentos Roger e eu temos juntos. Não é, repito, não é incomum ele mandar seu Brigadeiro Swan umas doze vezes por ano para verificar isso. Depois do comportamento de Jeremy na Inglaterra e do afastamento que senti dele desde aquele... incidente... quando fui informado de que ele se unira a uma cantora de bar católica... e foi o que me disseram, uma cantora de bar católica... eu disse, bem, fique de olho nele. Juro para você que eu não tinha a menor ideia da extensão do seu envolvimento nem da verdadeira descrição dessa jovem. Acreditei piamente que Jeremy estava aprontando mais uma de suas escapadas. Sou culpado. Reconheço que Roger, o General e eu não fizemos uma investigação cuidadosa.

Caroline não se deixou amolecer.

— É uma jovem muito, muito adorável e está carregando no ventre meu neto. Tenho uma posição definitiva a respeito.

— Casamento?

— Com toda certeza.

— Sei.

— É melhor que saiba, Freddie, realmente é melhor que saiba — ela disse, saindo de sua poltrona e afastando-se, enxugando uma lágrima e procurando controlar os tremores que a percorriam.

— Bem... eu... hum... não deve ser difícil fazê-la converter-se à igreja anglicana, secretamente. Mas como Jeremy irá enfrentar Roger se você está considerando uma separação?

— Voltarei para a Mansão Hubble com eles. Pode levar um ano, pode levar até mais, mas Roger terá que abandonar sua mentalidade medieval, da Reforma. Eles terão essa criança na Mansão Hubble antes que ele empurre Christopher para o altar para fabricar um herdeiro.

— Não estaremos fazendo o jogo de Roger?

— Não, droga, estamos fazendo o jogo de Caroline! Meu filho herdará o condado e fará alguma coisa a respeito das condições deploráveis que existem lá.

Sir Frederick Weed conteve todos os gemidos e contrações. Se ele se opusesse, perderia Caroline. Ela já estava com o pé fora da porta. O que restaria então? Christopher? Christopher era apenas ligeiramente menos desprezível do que Roger e a única razão disso era o fato de ainda não ter vivido o bastante para assimilar toda a podridão de Roger.

Roger, Christopher e *Sir* Frederick? Reduzira-se a isso. Os dois prontos a devorá-lo ao primeiro sinal de outro ataque cardíaco.

— Caroline — disse, trêmulo.

Sim, papai.

Temos muitas contas a acertar, não é? Estou do seu lado. Isso é um começo.

Sabe onde Molly O'Rafferty está? — perguntou Caroline.

— Sim, ela saiu de casa, está vivendo em... Liberty... com amigos.

— Vamos ver Jeremy? — perguntou ela.

— Acho melhor você fazer isso sozinha. E dizer-lhe o quanto estou abalado com tudo isso.

Caroline bateu, depois bateu outra vez, com força.

— Quem é?

— E sua mãe.

A porta foi destrancada e abriu-se com um estalido. Caroline entrou na sala de estar de Jeremy, fechada e escura. O rapaz estava macilento com a barba crescida, e dolorosamente envergonhado.

— Hum... não sabia bem onde eu estava ou o que acontecera com minha... cabeça. Mas acordei lúcido no final da semana e compreendi o que acontecera. Donaldson estava com tudo arrumado e pronto para me levar de volta à Mansão Hubble. Eu... hum... fugi e não foi difícil achar a pista de Mal...

— O que descobriu?

— O que deveria saber desde o começo. Mal estava mentindo... ele contraíra uma dívida de jogo de mais de cem... seu pai dissera que não iria pagar... ele estava desesperado. O Brigadeiro Swan deu-lhe duzentos e o mesmo a Cliff Coleman. Foram pagos para mentir para mim a respeito de Molly... Tentei achá-la... ela fora embora... Eu vim para cá.

— Não sei até que ponto você ama Molly.

— Eu a amo, mamãe. Eu a amo. Eu a amo!

— Isso ajuda, então. De qualquer forma, você tem uma responsabilidade com aquela garota. Sabemos onde ela está, Jeremy.

— Onde, mamãe, onde?

— Está com amigos em Dublin, mas, na situação dela, pode deixar o país a qualquer momento.

— Diga-me onde ela está!

— Agora espere, Jeremy, e me ouça. Primeiro, nesta questão, seu avô só é culpado de ignorância.

— Mas ele se aliou a Swan!

— Freddie não conhecia a verdadeira natureza dos fatos.

— Ele está mentindo.

— Ele não mente para mim, Jeremy. Está disposto a ficar do nosso lado. A pergunta é: você está pronto a fazer o que precisa ser feito?

— Diga-me, mamãe.

— Você deve procurar Molly e pedir-lhe perdão. Você deve pedir a ela que faça uma conversão secreta e vocês dois se casarão. Não há nada que seu pai possa fazer quanto a isso.

Caroline continuou a falar, bem devagar e com extrema convicção:

— Você é o Visconde de Coleraine, o indiscutível e inegável herdeiro do condado de Foyle. Seu pai não pode renegá-lo. Ele não pode deserdá-lo. Você e Molly deverão voltar para a Mansão Hubble. Eu estarei lá com você.

— Mamãe, estou com medo.

— Tem razão de estar. Mas você tem tudo a seu favor, inclusive eu mesma e seu avô.

Fé e terror digladiavam-se em seu íntimo.

— Jeremy — disse sua mãe brandamente —, se fracassar, perderá Molly e perderá a mim. O que ganhará será uma vida entre seu pai e seu irmão na Mansão Hubble. É a sua alternativa.

— Farei isso, mamãe — disse Jeremy resolutamente.

— Não sou seu técnico exortando-o no intervalo do jogo — ela continuou —, isso vai exigir muita coragem.

Ele respirou fundo para assegurar-se.

Você verá — disse.

CAPÍTULO 47



O acordo que Maxwell Swan propôs a Molly O’Rafferty exigia que ela fizesse uma rápida viagem à Suíça, a uma clínica que se especializara em lidar com filhos ilegítimos da aristocracia.

Molly poderia fazer um aborto. Depois, receberia uma “recompensa” na forma de trezentas libras por ano durante cinco anos, desde que nunca mais se ouvisse falar dela. Era uma quantia enorme, que permitiria que ela se estabelecesse em algum lugar, longe das Ilhas Britânicas.

Caso ela insistisse em ter a criança por motivos religiosos, ficaria reclusa na clínica. Uma boa adoção seria arranjada e ela abriria mão da criança assim que nascesse.

Dinheiro e mais uma passagem de navio para qualquer lugar do mundo lhe seriam então entregues.

Ao vê-la, Jeremy tomou-se de culpa e tristeza e pediu-lhe perdão por ter acreditado nas terríveis mentiras sobre ela e seus colegas.

A jovem, de dezessete anos incompletos, executou Jeremy sumariamente. Ela simplesmente não iria entrar numa conspiração com Jeremy para se casarem contra a vontade de Roger Hubble e depois terem de enfrentá-lo. Todo o ambiente e o modo de vida do condado a enojavam. Não iria viver sob o mesmo teto de um homem que lhe oferecera dinheiro para destruir seu próprio neto.

Ela desonrara sua própria família e sua fé. Ia deixar a Irlanda, teria seu filho e o criaria dando aulas e cantando baladas. E não iria aceitar nem um centavo dos Hubble,

Mas, e Jeremy? Ele ficou confuso. Molly pedia o inimaginável. Para ir embora com ela, teria que abdicar de seu título e ser atirado em um mundo de operários... isso o apavorava... inteiramente... completamente.

Se ao menos Conor estivesse ali para aconselhá-lo. Se ao menos estivesse ali para sacudi-lo e dar-lhe coragem. Se ao menos Conor...

Uma vida num apartamento sem água quente, com um bebê? O que ele poderia fazer? Realmente... tudo a que estava acostumado... Sem

dúvida, Jeremy brincara com seu pai, deixando que Roger soubesse que ele nunca assumiria responsabilidade porque gostava da vida que levava. A vida que conhecia não poderia lhe ser negada. Nascera no topo da escada. Nada tiraria isso dele.

Molly estava obstinada. Detestava a família dele, pura e simplesmente. Eles é que eram de classe baixa e não ela.

Molly deixou Jeremy no Liffey, um rapaz tentando ser um homem, mas incapaz de consegui-lo. Ele se esforçou para acreditar que tomara a decisão certa. Não fora colocado no mundo para fazer parte da massa anônima de batalhadores. Tinha um dever de gerações, com tradição de séculos, e isso era mais importante!

Caroline e *Sir* Frederick prenderam a respiração quando Jeremy viajou para Dublin em sua missão. Compreenderam o que acontecera no instante em que ele voltou a Rathweed Hall, sozinho.

Jeremy estava enfrentando a situação, é verdade. Tomara uma decisão e se induzira a acreditar que sua decisão baseava-se na honra.

— Acho que gostaria de conversar sozinho com mamãe — disse, quando os encontrou na sala de bilhar.

— Acho que não — disse Caroline. — Seu avô o protegeu desde o instante em que você nasceu.

— Essa é uma questão íntima de família — retorquiu Jeremy, inflando seu próprio senso de honradez.

— Não — sua mãe respondeu ríspidamente.

— Tenho muita confiança em você, Jeremy — disse seu avô.

— Muito bem. Tomei uma decisão. Fico ao lado de papai.

— O que quer dizer? — perguntou *Sir* Frederick numa voz que Jeremy nunca ouvira antes.

Jeremy ruborizou-se. Tinha que estancar um medo que se avolumava, dominar aquela secura na boca, controlar aquele tremor.

— Molly foi cínica, insultou nossa família e... nosso modo de vida. Recusou-se a viver na Mansão Hubble. Ela nos retratou muito duramente.

— Bem, bravo para ela — disse Caroline. — Parece que as únicas pessoas nesta amada terra com algum senso de dignidade são os meeiros.

Olhou desafiadoramente para seu pai. Frederick teve vontade de arremessar-se sobre ela, furioso, mas apenas ficou vermelho. Uma palavra em falso, Caroline iria embora, e sua vida terminaria em desgraça.

Não perca a calma, disse a si mesmo, não perca a calma. Está suando, Freddie. Não deixe que outro infarto o derrube agora.

— Deixou-a partir? — perguntou Caroline.

— Ela se recusou a ficar, mamãe. Não tive escolha.

— Essa garota está carregando seu filho na barriga, concebido com amor. Você a ama?

— Sim, mamãe, mas meus deveres são maiores do que minhas loucuras.

— Meu Deus! Você fala como Christopher! Você é um idiota, Jeremy! Que espécie de homem é você! Devia ter ficado com ela e ido para qualquer lugar... qualquer lugar...

— Caroline! — seu pai interrompeu.

— Cale-se, Freddie. Jeremy, você devia ter ficado com ela e fugido. Não vê o quanto ela é extraordinária?

— Espere um instante, mamãe! — gritou Jeremy. — Não seja tão piedosa. Você amava Conor Larkin! Você o amava, não é!

As palavras, que nunca deveriam ser ditas, estavam agora aprisionadas num aposento cada vez mais descontrolado. Depois do choque... depois do silêncio... Caroline olhou para seu pai, trêmula e exangue.

— Eu amava Conor Larkin — disse ela.

Freddie virou-se, abatido.

— Por que não enfrentou a todos e fugiu com Conor? Não é assim tão fácil, não é, mamãe?

— Eu o amava — ela repetiu —, mas ele era honrado demais para fazer amor comigo. Ele não me deixou grávida. Então, como vê, há uma diferença, meu filho.

— É mesmo, mamãe? Você não foi embora com ele porque não queria abdicar do seu trono e viver como uma fugitiva. Foi por essa razão. A mesma maldita razão pela qual você me condena.

— É um argumento bem razoável, Caroline — disse seu pai ríspidamente.

— Eu teria ido com ele para qualquer lugar — disse ela.

— Mas não o fez! — gritou Jeremy.

— Conor não me quis porque tinha outros interesses muito além dele mesmo. Não queria o sangue de pessoas inocentes em suas mãos, dos

motins que seu pai e seu avô criariam. Eles teriam transformado a província dele numa grande fogueira.

De repente, Frederick Weed soltou uma risada, baixa no começo, depois um pouco alta demais.

— Bem, todos nós dissemos o que tínhamos a dizer — concluiu. — Sua mãe provavelmente tem razão. E então, Jeremy?

— Pobre, querido e desprezível Jeremy! — gritou Jeremy. — Pobre, fraco, gago Arthur! Jeremy miserável! Jeremy canalha!

— Jeremy, volte para Molly O’Raffertyl

— Vou para a Mansão Hubble e em breve deverei me alistar no regimento da família!

Você é um covarde vil — disse Caroline muito branda e claramente.

— Tenho vergonha de você ser meu filho. Agora, saia da minha frente.

— Vovô!

— Faça suas malas e vá embora, Jeremy — disse Frederick Weed.

Frederick conduziu dois criados até os aposentos de Caroline, um carregando uma bandeja de comida e o outro segurando um par de candelabros.

— Caroline?

— Estou aqui, Freddie, não estou dormindo.

A comida e a luz fraca foram arrumadas em cima da mesa. Caroline retirou a manta das pernas e dirigiu-se ao sofá.

— Ele foi embora — disse seu pai.

— Eu sei.

— Bem — disse Freddie, revolvendo seu charuto apagado —, foi um dia e tanto. Acho que nós dois temos mentido para nós mesmos sobre Jeremy durante toda a vida dele.

— E verdade — disse ela. — Fiquei tão feliz quando ele nasceu. Roger soube desde o primeiro instante que Jeremy pertencia a você. Bem, Roger o Felizardo conseguiu o que queria. Não um, mas dois filhos no serviço militar.

— E nós — ele riu — estamos de volta à estaca zero. Para o inferno! Vou acender este maldito charuto. — disse.

— Freddie, você não deve... Vamos, dê-me isso.

Caroline fez o velho ritual de amaciá-lo, cortar a ponta com os dentes, acendê-lo e enfiá-lo na boca de Freddie.

— Caroline — disse ele contemplativamente —, o maldito infarto me deixou frente a frente com o mito da minha invencibilidade. Então, começa-se a pensar. Sou um empreendedor, um produto da minha época. A era exigia homens decididos. Com o passar do tempo, o Ulster tomou-se uma espécie de mutação. E muito tarde para eu mudar. Tenho que ir embora do jeito que eu sei.

— Compreendo, mas não está agindo como sempre agiu, Freddie.

— Enfrentamos o desafio mais sério de minha vida em Roger. Ele é intrinsecamente maligno. Roger tem esses dois rapazes sob seu poder. Eles representam sua carta de Orange exatamente como Londonderry um dia foi sua carta de Orange. Mas eu ainda tenho um trunfo. Eu ainda tenho você, Caroline. — Tomou a mão de sua filha e levou-a aos lábios e lágrimas inusitadas escorreram pelo seu rosto.

— O maior erro de minha vida foi arquitetar o seu casamento com Roger Hubble. Eu sempre a amei mais do que a qualquer outra coisa na vida, Caroline, inclusive sua querida mãe.

— Freddie...

— Eu deveria ter visto que uma filha como você valia meia dúzia de filhos. Ainda não é tarde demais. Você pode conduzir minha operação, de olhos vendados.

— Tem certeza, Freddie?

— Sim.

— Então, conte comigo.

— Pretendo ficar por aqui mais algum tempo. Mas, desde o infarto, tenho ficado obcecado com o medo de que Roger assuma o comando das Oficinas de Navios e de Ferro Weed. O condado dele é uma ninharia perto do que eu controlo. Muita prosperidade vem de empreendimentos nos quais eu o iniciei. Ele nos dominará assim que eu for enterrado.

A luz das velas sombreava os cabelos de Caroline, soltos até abaixo dos ombros, como costumava usar quando era menina. O quarto era perfumado, as paredes forradas de seda, com seus retratos, pintados pelos amigos impressionistas. Freddie bebericou um pouco do seu conhaque proibido.

— Reuni uma equipe brilhante de engenheiros, arquitetos, cientistas, capatazes e uma força de trabalho que não fica a dever a nenhuma outra na Inglaterra. Meu conselho diretor, com exceção de Roger, é inteiramente honesto. O seu lugar no conselho até agora sempre foi usado por mim por

procuração. Quero que você o assuma e aprenda. A equipe é leal a mim e será leal a você.

— Roger não vai desaparecer tão facilmente, Freddie.

— Não me interrompa nem por um minuto — disse ele. — Roger e eu estamos envolvidos em muitos negócios escusos. Tenho um livro de registros sobre ele de quinze centímetros de espessura. Dê-lhe apenas os limites de seu condado e nem um centímetro a mais.

— Esses registros, Freddie. Eles também não o implicarão?

— Sou um velho, Caroline. Meus advogados são suficientemente astutos para arranjar uma saída hábil até o fim dos meus dias. Nunca terei que comparecer a um tribunal. Quanto a Roger, é a morte em vida. Ele nunca sobreviveria ao escândalo.

— Há muito tempo, eu me importava com Maxwell Swan. Depois, passei a odiá-lo.

— Max vê a sensatez de uma aposentadoria precoce. Ele foi o homem chave de muitos negócios sujos. Por que está me olhando tão fixamente, Caroline?

Ela perguntou sobre o incêndio da fábrica e ele lhe contou como Roger encobriu tudo enquanto o prédio pegava fogo. O'Garvey realmente cancelara a investigação da fábrica em troca de Roger colocar dinheiro no Bogside. Quando o prédio se incendiou, temeram que O'Garvey os denunciasse e Swan mandou assassiná-lo.

Ficaram em silêncio por um longo tempo.

— Não entre nisso se não tiver estômago para aguentar — disse-lhe o pai. — Há outras coisas muito perturbadoras. A primeira é a pior. Você me odeia?

— Você me odeia por causa de Conor Larkin?

Fez-se um breve silêncio.

— Tentei fazer com que fosse enforcado, é claro — respondeu ele. — Com o tempo, tudo se tomou um pouco engraçado. Sujeito brilhante, hein? Pena que não estivesse do nosso lado do jogo. Bem, digamos que eu possa entender a atração. Não posso odiá-la.

— E eu o amo, Freddie, e isso sempre foi a única verdade.

Caroline deitou-se nos lençóis de cetim e sentiu-se sensual ao seu toque. Estava atônita diante de sua capacidade de entrar nos aposentos proibidos da Mansão Hubble com tanta facilidade... mesmo com seus segredos maquiavélicos e seus jogos sujos. Disse a si mesma que podia e

iria mudar muitas coisas para melhor, mas por enquanto se luxuriava na surpreendente sensação de sua ascensão ao poder. Era aterrador. Ela era a protegida de Frederick Weed, valendo seis filhos homens!

Eu venci! Mas o que conquistei? Um pai à morte, a admissão de um casamento arruinado que levou metade de minha vida, a perda de meus filhos, o afastamento de Andrew Ingram, uma sentença de morte em vida sobre Maxwell Swan, um herói da minha infância... e os meios de destruir meu marido.

O cetim em seu rosto dava-lhe uma sensação maravilhosa. Envolveu os braços no tecido. Agora, o que daria por ele?

— Ah, Conor querido, onde estará você agora? — disse, chorando.

INTERLÚDIO



OS ANOS AUSENTES

de Seamus O'Neill

Interlúdio I



Uma coisa estava bem clara, isto é, que meu próprio caminho para a glória nesta vida exigia que eu tivesse um grande objetivo em mira, e a vida de Conor Larkin ia ser algo que merecia ser escrito. Seu espírito estava nas minhas primeiras digressões no centro dos estudantes e no palco de debates no Queens College.

Sua paixão pela liberdade estava nos comunicados que eu enviava da Guerra dos Bôeres. Ele era o fantasma clamando por justiça em minhas peças teatrais.

Reuni inúmeras anotações de nossa infância, da vida em Ballyutogue e de nossas aventuras nas pastagens altas, dos Larkin, do Sr. Andrew Ingram e do Sr. Josiah Lambe e do dom de Conor para forjar o ferro.

Tudo o mais foi compilado quando Conor voltou de suas andanças; os anos que passou em Derry, a majestosa grade, Caroline Hubble e sua consagração no campo de futebol. O terrível incêndio da fábrica, os anos de Conor no mar e o profundo amor que sentia por Rory. Esse amor por Rory tinha um componente melancólico, como se Conor soubesse que nunca teria seus próprios filhos e precisasse deixar seu legado a Rory. Os últimos pensamentos que Conor me revelou antes de partirmos para o grande assalto foram sobre Rory, uma esperança velada de que Rory o seguisse até a Irlanda.

Parece que eu nunca chegarei a escrever sua história. Deixarei todas as minhas anotações nas mãos de Atty Fitzpatrick, que sem dúvida viverá muitas décadas depois de mim. Ela encontrará o autor que faça jus à história.

Conor foi atingido por três balas em Sixmilecross, duas nas costas e uma que lhe atravessou a coxa. Foi mantido preso e incomunicável durante semanas e torturado por métodos muito astuciosos, que não deixavam marcas visíveis.

Por exemplo: foi forçado a tomar meio litro de óleo de rícino. Puseram-no de pé contra uma parede, as pernas abertas, descalço. Cacos de

vidro pontiagudos foram espalhados no chão à sua volta, de modo que se ele se movesse um centímetro sequer, seria cortado. Assim de pé, foi encapuzado e sirenes e apitos estridentes foram tocados em seus ouvidos entre os interrogatórios.

Conor contou-me que, de todas as suas realizações na vida, nenhuma foi maior do que ser capaz de resistir ali de pé.

O que aconteceu depois de Sixmilecross não estava nos planos de ninguém. Um conhecimento de natureza incomum caiu no colo da Irmandade. Na realidade, Sixmilecross foi mais uma das famosas derrocadas irlandesas, uma gloriosa história de derrota, tão frequente em nossa história, mas que cresce em grandiosidade de bar em bar.

A audácia de Conor Larkin em usar o trem pessoal de *Sir* Frederick Weed para contrabandear armas para a Irmandade atizou a veia cômica irlandesa. Com a incitação da população por Atty Fitzpatrick e com os meus próprios editoriais liderando a imprensa livre, logo o país foi inundado de protestos para que houvesse justiça com os “heróis” de Sixmilecross.

Depois da virada do século, a Inglaterra mantinha um instável equilíbrio de poder na Irlanda. O renascimento gaélico fora ventilado nos principais focos republicanos em todo o país. Uma repentina esperança de liberdade eclodiu.

Somente o Ulster, o leal Ulster, estava sob controle para a Coroa.

No continente europeu, os Bálcãs estavam começando pequenas e acirradas guerras de vizinhos e era apenas uma questão de tempo até que um monumental conflito entre os grandes aliados irrompesse. Talvez um ou dois anos. Cinco anos no máximo.

Tal eventualidade fez com que a Inglaterra considerasse cuidadosamente a situação com a Irlanda. A infeliz situação geográfica da Irlanda seria vital para as rotas marítimas da Inglaterra durante um conflito como aquele.

Além disso, a Inglaterra precisaria de dezenas de milhares, não, de centenas de milhares de irlandeses para preencher as velhas brigadas e formar novas, bem como para fornecer forragem irlandesa para a Coroa.

O inimigo óbvio na guerra iminente seria sem dúvida a Alemanha. A Alemanha estava, portanto, em posição de fornecer armas a um movimento irlandês pela independência e fazer o que fosse necessário para desestabilizar a Irlanda.

O primeiro impulso da Coroa foi levar Conor Larkin e os prisioneiros de Sixmilecross diretamente para o patíbulo e enforcá-los. Em um dia o Parlamento aprovava uma “legislação Larkin”, legalizando sua prisão e permitindo um julgamento secreto e execução sem sequer um advogado para defendê-lo.

Entretanto, a extensão e a fúria do protesto nacional chocou os ingleses, fazendo-os repensarem sua posição. Enforcar Larkin poderia muito bem acender novos distúrbios.

Os ingleses consideraram muito perigoso virar o barco irlandês e maquinaram um acordo. Em troca da suspensão dos protestos e de três anos de silêncio da Irmandade, os prisioneiros de Sixmilecross reconheceriam sua culpa e receberiam a “benevolência” de um curto período de prisão e depois a liberdade.

Embora fosse um golpe nas ambições da Irmandade e contra a política vigente, a ideia de ver Conor Larkin enforcado ou cumprindo prisão perpétua era insuportável. O conselho, incluindo Atty, Long Dan Sweeney e eu mesmo, aceitou o acordo.

Fui o mensageiro para dizer a Conor que se confessasse culpado.

Fui conduzido ao campo militar de Curragh onde ele estava sendo mantido em segredo. Sete semanas se haviam passado sem que ninguém o visse. Algemado, mancando, o braço esquerdo na tipóia, olheiras fundas e roxas... Coloquei-o a par dos últimos acontecimentos e depois dei suas ordens de capitulação. Ah, meu Deus, foi a coisa mais errada que já fiz na vida.

Conor respondeu:

— Depois de trezentos anos esfregando nossos rostos na lama e trezentos anos de conversas em círculos, temos que dar um basta. Depois de uma Fome usada deliberadamente para acabar com a raça irlandesa, temos que testar nossa têmpera como povo, aqui e agora. Talvez não tenhamos o que é preciso. Quanto a mim, sou Conor Larkin. Sou irlandês e já sofri que chegasse.

Nunca tive tanta vergonha de mim mesmo. Ele havia transformado nossos sonhos de juventude em uma terrível realidade de tomar a Irlanda em seus próprios ombros.

Não havia nada de bravata na maneira como ele falou. Não havia uma plateia ovacionando-o. Não havia esperança de justiça.

No entanto, naquele momento ele se ergueu à grandeza que eu sempre soube que ele possuía, mas que temia clamar. Retirei-me furtivamente para Dublin.

O Parlamento havia aprovado um ato judicial nos moldes do arbitrário e severo “Star Chamber”, diretamente inspirado na Inquisição Espanhola.

Por milagre, Atty e eu representamos a parte interessada no primeiro dos julgamentos. Os ingleses não sabiam que Conor não aceitaria o acordo e nós estávamos lá para nos certificarmos de que eles cumpririam os termos do acordo. Mais uma vez, estávamos sobre o juramento de silêncio como parte da barganha.

Conor Larkin, acorrentado, numa masmorra transformada em sala de tribunal, escondida num acampamento militar nas montanhas Wicklow, denunciou a presença da Inglaterra na Irlanda como uma corrupção perversa, gananciosa da própria Lei Comum da Inglaterra e da vontade de Deus.

Denunciou a tentativa da Inglaterra de destruir a antiga cultura celta e a raça irlandesa.

Denunciou o desprezo da Inglaterra pelo povo irlandês, que os fazia parecer inferiores aos olhos ingleses e assim permitia que a Inglaterra saísse pelo mundo igualmente tratando mulatos e negros como inferiores... grãos para o moinho colonial... a serem salvos e redimidos por uma sociedade inglesa superior.

Denunciou aquele julgamento como um simulacro total da justiça inglesa.

Previu que, antes do fim do século, os colonizadores teriam que fazer as malas e seriam tocados de cada colônia no mundo onde haviam imposto sua sangrenta repressão.

Fez o que fez, sem saber se jamais veria as árvores novamente ou daria um único passo ao ar livre, quanto mais se viveria para ver um novo dia.

Os ingleses ficaram indignados. Afinal, eram deles os tribunais, o exército, a imprensa, a indústria, os bancos, as escolas, a terra.

Veja bem, ele fez seu protesto de um lugar longínquo e solitário, mas ele fez os ingleses pestanejarem.

Diante de sua condenação, não lhe tiraram a vida. Conor foi reencarcerado, condenado a trinta anos de prisão. Por causa de seu

comportamento hostil, vinte açoites com o famoso gato-de-nove-rabos foram acrescentados à sua sentença.

Para nós, a infalibilidade britânica fora quebrada, ainda que significasse apenas uma rachadura. Ficamos emocionados, inspirados por um homem que não podia mais aceitar aquela situação. Uma rebelião, em algum dia distante, acabara de nascer.

Durante toda a minha vida, Deus e minhas crenças revolveram-se numa roleta. Eu sempre soube que ele estava lá. Usando minha lógica canhestra, sempre tentei achar uma série de razões para Ele continuar abandonando os irlandeses. Os irlandeses, cujo único crime foi não terem nascidos ingleses.

Pela primeira vez, questioneei a sabedoria, a compaixão, o amor de Deus e até mesmo a própria existência de Deus. Por que exigia que seus melhores filhos sofressem vendo a própria vida lhes ser arrancada?

Assim, deixe-me falar-lhes do gato-de-nove-rabos. É um chicote de couro trançado com pouco mais de um metro. Não apenas uma ponta, mas nove, de modo que cada chicotada vale por nove do chicote comum. E para impedir que as pontas se soltem durante um açoite, elas são mergulhadas em chumbo. Um chicoteador bem treinado pode vergastar as nove tiras pelas costas da vítima... de tal modo... que as pontas de chumbo curvem-se por debaixo do braço e retalhe sua carne como repolho para salada.

Através de relatórios posteriores, soube que Conor recusou a maca e voltou andando para sua cela.

No mesmo instante em que Conor recebia suas chibatadas, parte do corpo de Shelley foi encontrado amarrado a um poste no Shankill. Partes do seu corpo esquartejado foram espalhadas pela viela... mais de cinquenta facadas... e pelo menos outros tantos golpes de martelo foram desfechados.

Na parede por trás dela, escritas com seu sangue, as palavras PUTA PAPISTA.

Os meses seguintes só podem ser imaginados. Talvez até mesmo Conor não soubesse o que estava acontecendo. Para meu espanto, fiquei sabendo que um homem não pode sofrer a dor de outro homem. Eu queria desesperadamente sofrer um pouco de sua agonia por ele. Por melhor e mais disposto que esteja um amigo, um sofredor tem que sofrer sozinho.

Conversei com o carcereiro Hugh Dalton em quatro ocasiões. Dalton era o guardião católico mais antigo da Prisão Portlaoise. Herdara a tarefa de manter os prisioneiros católicos sob controle.

Para realizar seu trabalho, há muito ele aprendera a se acostumar com o sofrimento dos que estavam sob sua guarda. Tudo isso mudou na primeira vez em que viu Conor Larkin, que cantava enquanto era açoitado.

Hugh Dalton disse-me que o sistema humano se alija do conhecimento da morte de alguém querido lá fora. Caso contrário, a dor não seria suportável.

Conor sentou-se na borda de seu catre na masmorra em estado de torpor, nem morto nem vivo, sem dar sinais de colapso ou de sobrevivência.

Hugh Dalton disse que nesse estado a mente já não toma decisões conscientes. É nessa hora que a verdade interior do homem vem à tona. Ou ele tem uma vontade inconsciente de viver ou uma vontade inconsciente de morrer. O corpo está em coma, o espírito decide.

Durante quase quatro meses, Conor Larkin ficou sentado assim. Hugh Dalton suspeitava que Conor iria sobreviver simplesmente porque, naquela época, os homens que deveriam morrer já estavam todos mortos.

Conor disse suas primeiras palavras num súbito lampejo de sanidade. Ele gritou chamando Dalton e pediu ao carcereiro que o levasse para a cela acolchoada e o acorrentasse para que ele não se destruísse.

O momento de perigo viera com a retirada do véu e a carga de realidade, da visão do corpo dilacerado e mutilado de sua amada.

Nas semanas seguintes, ele entrou e saiu da loucura. Acordando para a realidade do que acontecera... enlouquecendo... sendo contido até desfalecer.

Lentamente, ele compreendeu que nem iria morrer nem tirar a própria vida e que teria de suportar seu tormento. Desde então e durante muitos anos, ele não dormia sem rezar a Deus para que lhe trouxesse a morte durante o sono.

Ao retomar à vida, Conor criou um inferno para o governador de Portlaoise e para o carcereiro Hugh Dalton.

Primeiro, recusou-se a usar o uniforme de prisioneiro com o argumento de que não era um criminoso, mas um prisioneiro político. O governador mandou retirar sua cama e todos os outros objetos de sua cela, deixando-o apenas com um cobertor. Ele rasgou um buraco no centro para passar a cabeça e dormiu no chão de pedra durante os três meses de inverno.

Pouco depois de ter vencido essa rodada, ele decretou uma guerra de fome por livros e pelo fim de todo comportamento humilhante em relação a ele. Isso quase o matou. Perdeu tanto peso que era possível ver através de

suas pálpebras quando estavam cerradas. Com medo das consequências da morte de Conor, os ingleses ordenaram ao governador que cedesse mais uma vez.

As intenções de Deus começaram a ficar mais transparentes para mim! Conor Larkin não estava representando um papel diante de uma plateia para promover e aumentar seu heroísmo. Conor Larkin sempre foi um homem extraordinário, um irlandês, um irlandês que dera um basta. Deus não fizera de Conor um herói nem qualquer outro homem um herói porque eles blefaram em seu caminho para o heroísmo.

Deus impeliu os autênticos e genuínos heróis a suportarem feitos sobre-humanos de heroísmo porque Deus instilara neles parte de Sua própria alma e espírito.

Somente através do exemplo de um herói é que homens comuns como eu podem perceber o poder de um homem extraordinário. Somente através de tais heróis é que homens comuns como eu podem se inspirar e seguir o exemplo.

Sua angústia e seu triunfo vinham de verdades com as quais ele já viera ao mundo. Ele venceu sua provação. Por fim, Conor Larkin era capaz de suportar mais castigos do que os ingleses eram capazes de infligir. Ele lhes impôs uma derrota moral e espiritual. Seu espírito triunfou sobre os exércitos do inimigo.

Isso fez com que todos nós na Irmandade nos examinássemos e compreendêssemos o sacrifício e a dedicação necessários, se quiséssemos ter qualquer chance de declarar nossa independência contra um inimigo de imenso poder. Encontraríamos homens e mulheres suficientes para seguir suas pegadas?

Poderíamos nós, sempre mais fracos em armamentos, eventualmente triunfamos pela simples força de nosso senso de justiça? O não reconhecimento das instituições inglesas em solo irlandês e atos de desobediência tornaram-se um canhão de fé para alquebrar o ânimo do colonizador.

Nós, como povo, teríamos coragem para pagar o último preço?

O primeiro a ceder diante do valor de Conor foi o carcereiro Hugh Dalton, que nunca aceitou o tratamento abusivo dispensado aos prisioneiros republicanos. Conor forçou-o a considerar seus trinta anos beijando as botas dos ingleses... e em troca de quê... uma pequena pensão no fim da vida, enojado de si mesmo.

Conhecendo a minha amizade de infância com Conor e minhas inclinações republicanas em minha coluna no jornal, Dalton trouxe um incrível plano de fuga para mim.

Levei-o a Long Dan Sweeney e Atty. Ficaram convencidos da vontade de Dalton de se redimir.

Em seguida, procurei o querido irmão de Conor, Padre Dary Larkin. Dary era Padre do Bogside e confidente íntimo do esclarecido Bispo Mooney.

Dary não hesitou nem por um instante e uniu-se a nós. Tinha as bênçãos de Mooney? Não devia ser perguntado.

Hugh Dalton começou a tratar de sua aposentadoria enquanto preparávamos o plano. Conor foi instruído a começar a assistir à missa para que depois de algum tempo parecesse natural. Isso deu a Dalton o tempo necessário para obter sua pensão e partir para a vida civil, onde estaria acima de qualquer suspeita.

Em alguns domingos, a prisão tomava-se uma espécie de *open house* para parentes em visita. Geralmente, duas ou três dúzias de sacerdotes também vinham de todo o país.

O Padre Dary entrou em Portlaoise com um nome falso, em meio a vinte outros padres. O Padre Kyle, uma vítima voluntária, foi “atacado” na sacristia por Conor; que fingia estar roubando-o. A “vítima” foi amarrada, amordaçada e trancada em um armário onde mais tarde seria descoberta.

Depois da missa de meio-dia, todos os padres se reuniram perto da capela e, em grupo, atravessaram o portão principal. Conor Larkin, disfarçado de Padre nas roupas do Padre Kyle... e estou certo de que Deus compreenderá... saiu para a liberdade.

Interlúdio II



Dunleer, as terras de propriedade do Barão Louis de Lacy, assomava assustadoramente na paisagem lunar de Connemara, no condado Galway.

Suas terras estendiam-se em milhares de hectares, abrangendo dezenas das centenas de lagos que pontilhavam a região. O baronato

estendia-se até as Doze Bens, pequenas mas respeitáveis montanhas de picos escarpados de pedra nua, pairando acima de um charco de turfeiras e um litoral encantado de enseadas e praias ocultas e fiordes íngremes. A maior parte do místico domínio de Lacy ficava fora de vista. Fora do sopé das montanhas, um arquipélago prolífico salpicava as águas da baía até o mar aberto.

Os Lacy pertenciam à antiga aristocracia normanda católica das lendárias “Tribos de Galway”, tornados excêntricos por gerações de vida selvagem em Connemara. A propriedade territorial de Dunleer fazia parte da herança trágica, a terra para onde Oliver Cromwell condenara os irlandeses ao exílio e à morte em massa.

O Barão atual, afetosamente chamado de “Lorde Louie”, encerrara recentemente uma brilhante carreira na Marinha Britânica e no serviço consular, retirando-se em seguida para Dunleer para criar pôneis Connemara e continuar sua mania como estudioso da cultura gaélica.

Lorde Louis era também um republicano ardente e secretamente um membro da Irmandade Republicana Irlandesa, um confidente íntimo de Long Dan Sweeney e Atty Fitzpatrick. Dunleer entrou nos planos da Irmandade logo no começo, como um lugar seguro para quem andava escondido e um lugar para esconder armas.

No mesmo dia em que Conor fugiu, foi escamoteado para Dunleer e escondido numa cabana junto a um lago, tão longe e retirada que seria impossível encontrá-lo.

Bem, tínhamos a cabeça mais procurada, com o maior prêmio pela captura, sob nossa guarda. Dan queria tirar Conor do país e deixar alguns anos se passarem. Até eu podia ver as razões para tirá-lo da Irlanda, mas temia-o enormemente. O homem não estava em condições mínimas de cuidar mesmo.

Na prisão, ele apenas sobrevivia. Em Dunleer, Conor agora tinha espaços abertos e tempo para pensar. A ferida da morte de Shelley nunca se fecharia realmente, todos nós sabíamos. Semanas se passaram e ele ainda não era capaz de funcionar normalmente. Demonstrava a nós quatro alguns períodos de lucidez, mas quanto mais tempo permanecia lúcido, mais o assassinato e sua culpa ficavam expostos.

Depois de algum tempo, ele explodia e mergulhava no inferno. Conor encarcerara-se entre muralhas mais altas do que as de Portlaoise. Era um prisioneiro de si mesmo. Suas fugas agora eram as jornadas tortuosas à

loucura. Não conseguia enfrentar seu tormento de frente por muito tempo e sucumbia.

A frustração de Dan tinha que ser apaziguada pela realidade. Conor tinha que ser retirado do país. Somente Atty continuava a se opor agora.

— Temos que colocar a questão na mesa, Atty — argumentou Dan. — Conor nunca vai superar isso. Nunca mais será confiável para a Irmandade e é um perigo para si mesmo.

— Dê-me algum tempo — implorou Atty. — Irei a Dunleer e ficarei com ele. Dan, nós lhe devemos isso.

— Seamus, você o conhece melhor — desafiou Dan. — Ele irá recuperar-se algum dia? É melhor que você diga a maldita verdade.

— Sim, direi, Dan — respondeu. — Conor nos demonstrou sua vontade de ferro. Ele suportou o insuportável. Sim, ele encontrará uma maneira de viver. Sim, ele retornará para a Irmandade. Mas, Dan, ele não pode fazer isso em cinco minutos.

— Eu o manteria em Dunleer para sempre — disse Dan —, se pudesse. Por enquanto, os ingleses estão procurando em cada monastério e igreja do país. Mais cedo ou mais tarde, irão concentrar-se em outros lugares prováveis. Se o encontrarem aqui será um desastre do qual a Irmandade jamais se poderá recobrar. A Irmandade vem em primeiro lugar... acima de qualquer homem... até mesmo de Conor Larkin.

— Talvez ele nunca se recupere, Dan — retorquiu Atty —, mas mandá-lo para o exílio nas condições em que se encontra agora, pode fazer com ele o que os ingleses não conseguiram: matá-lo.

— Sim, isso pode muito bem matá-lo — concordei.

— Dê-me algum tempo, Dan, e farei o que você quer — implorou Atty.

— Está bem, Atty, eu lhe darei tempo. Levaremos uns dois meses para preparar uma fuga infalível. Eu lhe darei esses sessenta dias.

Atty tomou nossas mãos e nos fitou, intensamente.

— Não permitirei que ele se destrua — jurou ela.

A mulher esgotou-se tentando trazê-lo de volta. Sua dedicação testou-a além dos seus limites.

Conor costumava avisá-la de que seria melhor que ela fosse embora. Não via nada senão morte à sua volta. Bem, não se pensa em Atty Fitzpatrick chorando até dormir noite após noite. O prazo se esgotava e Atty estava ficando desesperada.

À beira de um colapso, um dia, ela lhe gritou:

— Droga! Você não pensa em ninguém senão em você mesmo? O que o faz pensar que é o único que sofre por causa de Shelley! Ela era a irmã que nunca tive. Eu a adorava!

Conor piscou os olhos, incrédulo. Ousou sair, emergir de seu refúgio hibernial.

— Eu faltei a ela, Conor. Eu falhei! Eu era responsável por sua guarda em Belfast.

— Certamente você não pode se culpar — disse Conor. — Ela entrou no perigo com os olhos bem abertos. Você estava em Dublin. Não foi culpada.

— Sou culpada — disse Atty, chorando. — E minha irmã está morta.

Sentiu as mãos de Conor em seus braços e ele a sacudiu suavemente.

— Como não pude ver? Por que não a ajudei, Atty... minha auto piedade, foi isso!

Atty desvencilhou-se dele.

— Estou arrasada de dor e de culpa, Conor!

Dessa vez, o abraço foi forte demais para ela poder fugir e deixou que a força e a compaixão dele a dominassem.

E foi assim... foi assim. Os dois, ambos traumatizados pelo brutal assassinato, fizeram uma descoberta nos braços um do outro...

Tinha que ser Shelley MacLeod deixara-lhes um legado para que cuidassem um do outro.

Eu sei, como fato real, que nenhuma excitação sexual se apossou deles enquanto se apegavam um ao outro noite após noite. A ânsia de superar a tragédia era agora uma ânsia para a continuação da própria vida.

Graças a Deus por Atty Fitzpatrick. Conor voltou ao mundo dos vivos, em frangalhos, naquele refúgio selvagem ao mesmo tempo doce e amargo. Não havia tempo para descobrirem a capacidade de cada um de amar outra vez, pois enquanto ele se curava e encontrava forças para cuidar de si mesmo, chegou a hora de ele deixar a Irlanda.

Lorde Louis fez uma viagem a Londres para encontrar-se com o embaixador alemão. Embora os alemães estivessem fornecendo armas tanto para a Irmandade quanto para os Voluntários Protestantes do Ulster, tinham motivos para cooperarem conosco na questão Larkin.

Alguns meses depois, Lorde Louis e Conor Larkin saíram do baronato para uma vila de pescadores próxima, chamada Roundstone, onde seu iate, *Gráinne Uáile*, estava ancorado. Partiram do pequeno porto depois do Cabo Slyne, onde houve um encontro no mar com um pequeno navio cargueiro alemão.

Duas semanas mais tarde, Conor atravessou a fronteira canadense, entrou nos Estados Unidos e fez uma conexão secreta com Joe Devoy, o líder do Clã Americano dos Celtas da Irlanda. A missão de Conor era levantar fundos para armamentos e para um jornal clandestino, dois componentes vitais para a futura rebelião.

Interlúdio III



1909

Era um lindo dia de primavera no Condado Galway. Na verdade, chovia torrencialmente, mas foi o dia em que Conor Larkin voltou furtivamente à Irlanda. Sua missão nos Estados Unidos fora um grande sucesso, identificando os americano-irlandeses muito bem-sucedidos e, com seu charme e persuasão, obtendo vultosas quantias de dinheiro.

O baronato de Dunleer de Lorde Louis tornara-se uma pequena base de treinamento, bem como o melhor lugar para esconder fugitivos na Irlanda. Atty estava presa a uma peça em Dublin por diversas semanas e Dan Sweeney estava doente, de modo que eu fui o primeiro a vê-lo.

Prendi a respiração, temendo a espécie de Conor Larkin que poderia ter emergido. Meus temores não tinham fundamento. Ele estava no comando de seu trabalho e mantinha os sofrimentos do passado sob controle. A vida de fugitivo, movendo-se à noite, de esconderijo em esconderijo, pelo Canadá e Estados Unidos, reclamara um preço e o “coletor” o cobrara. Mas, graças a Deus, ele não se tornara um cético.

— E Atty? Está ansioso para vê-la? — perguntei.

Franziu a testa, pensativo, revelando seu envelhecimento, mas falou com uma voz ligeiramente diferente, uma voz que adquirira uma aguda

sabedoria através do tempo e do sofrimento.

— Tenho tido muito com que me preocupar.

— Não está sendo ambivalente, está, Conor?

— Estou a respeito de nós dois. Nada foi prometido quando parti e faz muito tempo que não temos contato.

— Ela nunca teve olhos para ninguém senão você, se esta é sua preocupação.

— Tenho que lhe dizer, Seamus, eu costumava acordar de centenas de pesadelos, banhado de suor, até treinar-me a controlar meus próprios sonhos. Cerrava os punhos centenas de vezes quando via uma ruiva alta e magra nas ruas, ela voltava o rosto e não era o de Shelley.

Atty compreenderá, mas ficará destruída se você a rejeitar outra vez.

— Sei que Shelley está morta e que Atty está viva. Sei, também, que Atty é a pessoa mais forte que já conheci. Ela me viu rastejar na fraqueza, totalmente dependente dela para sobreviver cada noite. Não sei o que resta de mim como homem para essa mulher. Não sei se tenho capacidade de amar, ainda que uma espécie diferente de amor. Ela é muito preciosa para mim para que eu fique fazendo-a sofrer.

Eu o compreendi. Shelley possuía uma beleza etérea. Atty era uma mulher alta e forte, mas tudo em perfeita harmonia e sua beleza era de um tipo que pertencia à nobreza.

Atty não possuía a graciosa delicadeza de Shelley, mas compensava isso com uma infinita força interior.

Shelley trazia as suas emoções à flor da pele. Atty era sombria em relação a seus reais sentimentos...

O que levava a uma séria pergunta. Pode um homem emergir de uma tragédia suprema com um amor e encontrar um outro amor para acompanhá-lo até o fim da vida?

Não saí de Dunleer desanimado. Havia uma ligação inquebrantável entre eles que os mantivera unidos durante muitos anos e através de terríveis provações. Eles iriam descobrir isso quando se encontrassem ou imediatamente depois, pois eu sentia que eles não podiam estar no mesmo país e viverem vidas separadas. Estaria errado?

No começo, pensei que sim. Seus encontros iniciais foram desconfortáveis, em meio a assuntos da Irmandade. Ela me procurou, finalmente, contendo o que me pareceu uma sensação de desespero.

— Conor precisa de um último exorcismo de culpa — eu lhe disse. — Shelley deixou a vocês dois um legado: um ao outro. É melhor você tomar aquilo que lhe pertence por direito, Atty, ou se afastar definitivamente.

Atty Fitzpatrick, uma gloriosa figura de amazona, cavalgou da mansão ao esconderijo de Conor, ao longo do lago Ballynahinch, depois para um recuo natural do lago Fadda. Ao vê-la, seu coração disparou e um maravilhoso esplendor percorreu-o, deixando-o tolo e fazendo com que se atirasse no lago gelado, nu e desafiando-a a segui-lo.

Atty aceitou o desafio e tirou as roupas. Ao ver aquela mulher despida, vindo em sua direção no lago, Conor sentiu novamente aquela maravilhosa excitação, somente um pouco modificada pela água gelada. Carregou-a para fora do lago, envolveu-a bem num cobertor e enxugou-a.

O céu escureceu, tempestuoso, envergando as árvores e deixando toda a paisagem cinzenta. A cabana caiu num silêncio mortal com a ansiedade. Ele se ajoelhou e ficou atiçando o fogo, enquanto Atty guardava a louça do jantar.

— Conor — ela disse calmamente, mas em tom decisivo —, não esperarei mais. A porta do meu quarto estará aberta esta noite. Se você não me procurar, será fechada para sempre.

Conor buscou o conforto da garrafa, mas, quando o céu se rompeu, ele se viu vagando na chuva lá fora, gritando aos deuses injustos e a Shelley que o libertassem.

Seu vulto encharcado preencheu a moldura da porta de Atty, as roupas grudadas no corpo, ainda bem delineado. Atty levantou-se de sua poltrona, parou junto à cama, tirou a blusa e expôs os seios a ele. Sua saia deslizou para o chão.

— Esperei tanto tempo — ela conseguiu murmurar.

Conor entrou lentamente e fechou a porta com o pé, deixando-os como as figuras de dois gigantes dançando à luz do lampião.

— Você é gloriosa, Atty — disse ele —, e eu vou amá-la com toda a minha alma.

Posso assegurar que seus temores do momento se haviam desvanecido pela manhã, quando fiz uma inoportuna visita à cabana. Vieram à porta da cabana, abraçados pela cintura, a voz rouca de cansaço e atordoados pela maravilha da descoberta um do outro. E assim foi para sempre. E esse foi o amor que trouxe paz a Conor pela primeira vez em sua

vida. Estranho como no perigo iminente da Irmandade eles descobriram uma sensação permanente de alegria e serenidade.

Depois disso, quando estavam juntos, seus olhos sempre pareciam fixos um no outro. Era o que poderia haver de mais certo entre um homem e uma mulher. Haviam chegado a um bom lugar somente depois de muita dor e espera. Mas haviam descoberto seu próprio lugar no alto da montanha e tinham grandes reservas de força e de compaixão. A unidade da obra de suas vidas não pairava sobre eles como uma guilhotina.

Como tudo isso irá terminar, cara Atty? Não havia vida normal para eles. Ele nunca mais poderia viver sequer um dia como um homem livre. Seria sempre o mais perseguido fugitivo da Irlanda. Ela sabia em seu íntimo que Conor autorizaria sua própria morte antes de tornar-se alguém rançoso e asmático como Long Dan Sweeney, a mente inundada de revolução e alheio à calamidade de paredes nuas, catres sem lençóis e privação de sol. Enquanto Conor estivesse caminhando, ela caminharia a seu lado.

Ambos me confidenciaram que Shelley lhes vinha à mente, em separado, frequentemente no começo, mas sempre de forma a provocar um sorriso de doces lembranças e nunca como uma ameaça.

Nos meses e nos anos que se seguiram à volta de Conor, a Irmandade Republicana Irlandesa deu seus primeiros passos vacilantes, mas estava desenvolvendo dois corações e duas cabeças.

Em Dublin, o Conselho Supremo fincou os altivos canhões filosóficos, publicou o jornal clandestino, organizou nossas parcas finanças e estabeleceu uma firme aliança política com o partido legal Sinn Fein liderado por Arthur Griffith. O Conselho era em parte muito capaz, extremamente visionário, irresponsavelmente irlandês e sempre questionador.

Conor Larkin tornou-se a grande presença fora de Dublin, recusando um assento no Conselho que comprometeria sua crescente independência. Permanentemente viajando de um lado para o outro, Conor treinou algumas centenas de homens e dividiu-os em unidades especializadas altamente secretas. Usando ex-soldados da Guerra dos Bôeres como instrutores, seus esquadrões de elite davam instruções sobre sabotagem no meio rural. Espalhados por toda a Irlanda, Conor selecionou uma dúzia de alvos importantes para cada uma das unidades, cada uma delas aprendeu tudo que havia para aprender sobre esses alvos e realizou exercícios simulados incessantemente, para o dia em que entrassem em operação.

Conor conduziu a operação de contrabando de armas, fabricou algumas armas pequenas em Dunleer e estabeleceu uma companhia fantasma em Belfast sob a fachada de um clube esportivo do Ulster. O “clube”, tendo à frente simpatizantes protestantes da Irmandade, na verdade tinha permissão para importar armas por uma rota quase legal usada pelos Voluntários do Ulster.

Acredito que a obra-prima de Conor foi a rede de espionagem da Irmandade. Nossos rapazes na força policial e no Castelo de Dublin mantinham- nos informados sobre cada passo dos ingleses, revelando um excelente serviço de inteligência.

A regra básica dos esquadrões de elite de Conor não era composta de coisas particularmente apreciadas pela psique irlandesa: disciplina, paciência, silêncio, aptidão física e moderação.

A lealdade dos homens de Conor a ele deixava o Conselho Supremo nervoso. Havia queixas constantes sobre a atitude sigilosa de Conor e temores de que ele estivesse formando seu próprio exército.

Louis, Atty, Dan e eu sabíamos que Conor não tinha nenhuma aspiração a poder pessoal, e, enquanto Dan Sweeney apoiasse Conor, pouco havia que o Conselho pudesse fazer, mas o velho líder estava mais lento e desgastado. Assim, as mentes brilhantes do Conselho vieram com uma tática altamente suspeita. Com a aprovação de Dan, votaram para que Conor sucedesse Dan como chefe da organização. Essa manobra obrigaria Conor a ter que aprovar seus planos no Conselho.

Como o próprio e grandioso César, Conor rejeitou o trono com um recado sucinto; “Um exército clandestino não é uma instituição democrática, e isso vale em dobro para um exército clandestino irlandês. Se não puderem viver com isso, demitam-me.”

A resposta de Conor era bem clara.

Entretanto, a grande guerra em que a Inglaterra iria se engajar no continente europeu estava prestes a eclodir e isso desencadeou todo um novo conjunto de circunstâncias.

A Irmandade deveria declarar a independência da Irlanda em caso de guerra? As unidades de elite da Irmandade deveriam entrar em operação? O público irlandês olharia com compreensão o ataque da Irmandade à Coroa quando dezenas de milhares de jovens irlandeses serviam no Exército Britânico?

O Partido Irlandês comandado por John Redmond sucumbiu no Parlamento, jurando lealdade da Irlanda em qualquer guerra iminente e retirando a Lei de Home Rule da mesa até o término de tal guerra. Era repugnante até para o mais ignorante irlandês o último grito de um partido que começara de forma tão promissora com Charles Stewart Parnell.

O Partido Sinn Fein — “Nós Sozinhos” — rapidamente ocupou o vácuo político criado pelo moribundo Partido Irlandês.

Quanto ao Ulster, imobilizaram a si mesmos em todas as questões. Os protestantes, num crescendo de enregelar o sangue, fizeram um pacto, jurando lutar até a última gota de sangue para manter o Ulster britânico.

Voltando à questão de nomear Conor Larkin chefe da organização, era evidente, até mesmo para mim, o mais ardente defensor de Conor, que a Irmandade não podia ir em direções opostas ao mesmo tempo. Eu compreendia, melhor do que ninguém, o humor etéreo de Conor e sua crescente reclusão em seu próprio universo. Ele se transformara num solitário desde a época em que éramos rapazes lá no urzal acima de Ballyutogue.

Antes da emboscada inglesa em Sixmilecross, Conor agira em grande parte por conta própria implantando o esquema do contrabando de armas no expresso da Mão Vermelha.

Depois da emboscada, ele contrariou as ordens da Irmandade para entrar com uma confissão de culpa.

Compreendi, desde o momento em que Conor retornou à Irlanda depois de sua fuga, que ele havia pensado muito durante toda a caminhada através dos pântanos ideológicos e surgira com seu próprio plano do que era possível. Ele deve ter percebido que não seria possível realizar o que planejara sob o fardo do cargo de chefe da organização. Na verdade, poderia haver razões mais profundas e mais extremas para ele recusar o comando da Irmandade? Talvez fosse algo muito simples... Conor nunca dera uma ordem para que um informante fosse aleijado ou executado. Parte dele ainda era um poeta, um homem generoso. Será que lhe faltava o necessário espírito “assassino” e ele soubesse disso?

Alcansei Conor no esconderijo sobre as Oficinas de Monumentos, de

Sam Grady, em Cork. Tranquei-nos com algumas garrafas e uma visão das últimas lápides aguardando a entrega no pátio da oficina de Sam.

Ele sabia o que eu pretendia e eu sabia que ele sabia, de modo que entramos no assunto cautelosamente.

— A organização não pode continuar como está.

— Pode e continuará — disse Conor.

— Conheço sua opinião sobre o Conselho, mas pode censurá-los por temerem o governo de um só homem?

— Enquanto Dan Sweeney souber cada passo que eu dou e aprovar, o Conselho deveria ficar satisfeito. Quanto mais souberem acerca de planos clandestinos, mais vulneráveis esses planos se tornarão. Temos uma longa e tenebrosa história de informantes, Seamus. É a maldição da vida na Irlanda.

— Então é isso?

— Isso o quê?

— Todos sabem que você hesita em dar uma ordem de execução.

— E parte disso.

— Então, nós o livraremos do fardo. Todas as execuções terão total aprovação do Conselho no futuro. Você não terá nada a ver com a sentença.

— Isso é um jogo de palavras bem ao estilo inglês, Seamus. Os informantes têm que ser exterminados se quisermos subsistir.

— Mas você não o fará?

— Sim, e não quero ser chefe da organização.

— Mas, Jesus, você está comandando o espetáculo agora.

— Então leve meu pedido de demissão ao Conselho.

— Merda, Conor!

— Controle-se, nanico.

— Merda! Agora, ouça-me. Sou Seamus O'Neill, o homem mais leal que você já conheceu. Mas você sempre teve umas minhocas na cabeça desde que éramos crianças. Acha que não sei que você alimenta dúvidas mesquinhas. Quais são, Conor? Por que não quer assumir o comando da Irmandade?

— Porque não sou um mentiroso — retrucou repentinamente. — Não comandarei homens para os quais estou mentindo.

— Ora, ora, agora está ficando interessante — eu disse.

— É melhor você começar a esvaziar a garrafa, Seamus, porque não vai querer estar sóbrio depois de ouvir o que tenho a dizer

Atendi respeitosamente a sua sugestão. Seu rosto, sempre luminoso de bondade, tomou-se sombrio e severo. Em momentos assim, os anos de sofrimento afloravam e eu via a descrença do rebelde.

— Deixe-me fazer-lhe uma pergunta, Seamus. Os católicos irlandeses, algum dia, de sua livre e espontânea vontade, se declarariam parte da Inglaterra?

— Isso é uma idiotice, Conor.

— É? Deixe-me perguntar outra vez. A Irlanda católica, livremente, se declararia leal à Coroa?

— Claro que não —, disse eu, temendo o que viria.

— Então, o que o faz pensar que o Ulster protestante algum dia, sincera e espontaneamente, se declarará parte da Irlanda?

— Já sabemos de tudo isso, Conor — retruquei com raiva.

— E você sabe que a gente do Ulster é incapaz de suplantar a ignorância que se impuseram, deflagrada por puro medo? Suas mentes tornaram-se vácuos sob total manipulação de pregadores que impedem a entrada da luz e do ar das ideias e da beleza. O Ulster escravizou a si mesmo. O único êxtase de que são capazes é se endemoninhar em fanáticos religiosos e dolorosamente confundir sua ilimitada capacidade de odiar por alguma forma de alegria.

— Diga-me alguma coisa que eu não saiba! — bradei.

— A Irmandade Republicana Irlandesa — disse ele brandamente — está alimentando a ilusão de uma Irlanda unida.

O que Conor estava dizendo era uma blasfêmia! Estava atacando a verdadeira pedra angular do republicanismo. Tentei fazê-lo parar, não queria ouvir mais nada...

— Que diabos a Irlanda pretende com um milhão de lunáticos que juraram nos destruir? São os órfãos trágicos desta calamidade irlandesa, os leprosos do Ulster Real de Sua Majestade — ele continuou, agarrando-me pelos braços e sacudindo-me. — Por Deus, Seamus O'Neill, nós irlandeses somos um povo civilizado. Não podemos permitir que envenenem nossos poços com seu ódio. Digo-lhe, isole-os e deixe que batam seus malditos tambores *lambeg* e cantem seus malditos hinos da Reforma e agitem suas malditas *Union Jacks*... mas mantenha-os fora de nossas vidas ou vamos terminar doentes como eles. Digo-lhe, dê a eles sua maldita província, porque se não o fizermos estaremos condenando o povo irlandês à danação eterna.

— Meu Deus! — exclamei. — A quem mais você disse isso?

— Ah, meu caro Seamus, nunca o vi tão pálido. Qual é o problema? A verdade é a verdade.

— E traição é traição!

— Que assim seja. A verdade é que há tanta chance de levar razão, muito menos amor, a esse povo do norte quanto de tirar ouro do vento. A verdade é que eu teria que destruir minhas próprias verdades, a mim mesmo, para me tomar um Long Dan Sweeney.

Ficamos tão silenciosos quanto as lápides no pátio de Sam Grady. Ah, droga, era o melhor de Conor Larkin o que eu estava ouvindo. Quem na Irmandade Republicana Irlandesa já não tinha mentido a si mesmo sobre a mesma questão? Atravessaríamos uma geração depois da outra sem coragem de encarar a verdade de que a unidade irlandesa era um mito.

Quem senão Conor Larkin teria a coragem de levantar-se e dizer a verdade diante de um furacão de hipocrisia? Somente Conor recusava-se a entrar no jogo. Por isso permanecera um solitário.

Fiquei totalmente conquistado pelo que aquele homem concluía ao achar um caminho através do pântano. Fui seu seguidor desde que borrei a primeira fralda. Ele confiaria em mim agora?

— Vendo como você está liberando a sua mente — disse eu cautelosamente —, importar-se-ia de me dizer como vê nosso futuro próximo?

Fitou-me estranhamente.

— Nunca questione que eu confie em você inteiramente — disse ele —, mas quer se sobrecarregar com o peso de segredos altamente inflamáveis, mesmo não concordando comigo?

— Você é quem sabe, Conor. É você quem carrega o fardo. Talvez você precise ouvir-se dizer em voz alta o que anda pensando.

— Talvez precise mesmo, nanico. Dar-lhe-ei a versão mais simples — disse lentamente. — Nós tomamos a Irmandade capaz de executar incursões de surpresa bem planejadas.

— Pontes, quartéis de polícia? — perguntei.

— Mais do que isso. Nossa primeira prioridade é fazer um ataque monumental, muito bem planejado, usando o máximo de homens, digamos duas dúzias de voluntários, a um alvo que paralise os Voluntários do Ulster, atinja os ingleses no estômago como o coice de uma mula e seja de tal magnitude que eles jamais se recuperem inteiramente.

— Certamente nunca tivemos um sucesso como esse contra os ingleses em quinhentos anos. Tudo com que a gente sempre acaba são gloriosas derrotas.

— Vitória — disse ele, e era uma palavra que soava muito bem. Um ataque gigante é a prioridade.

— O que está pensando?

— Fazer a Irmandade acreditar em sim mesma como guerreiros.

Tomar conhecimentos de que os ingleses não são invencíveis. Saber que duas dúzias de irlandeses podem infligir uma séria derrota sobre eles. Mas, principalmente, o povo irlandês perceberá que estão sendo conduzidos por homens de capacidade e valor e não por um bando de republicanos que só sabem falar grosso no bar.

— Tudo parece muito bonito — disse eu, fazendo o advogado do diabo —, mas onde você vai encontrar vinte e cinco irlandeses que não estraguem tudo?

— Nós já os temos, Seamus. É apenas uma questão de fazê-los acreditar que conseguem fazer isso.

— Como?

— Selecionamos nossos melhores homens e gentilmente os instamos a se apresentarem como voluntários. Então, os sequestramos e lhes ministramos um treinamento brutal, uma execução extrema, a disposição de se sacrificarem. Fazemos com que acreditem uns nos outros. Fazemos com que acreditem em seus líderes. Nós os provocaremos com um alvo que vai mudar o nome da história irlandesa. Veja, é por isso que não posso deixar que o Conselho estrague tudo. O Conselho é bem intencionado e tem talento, mas não temos nenhuma disciplina e muito menos fé em nós mesmos.

— Como vai manter esse segredo deles?

— Dan Sweeney aprovará o ataque e o Conselho terá que aceitar seu argumento de segredo absoluto. Se não confiarem em Dan Sweeney, então não temos nenhuma Irmandade.

— E exatamente quando esse extraordinário evento deverá ocorrer?

— Começaremos a treinar no instante em que a guerra no continente europeu começar.

Jesus, Conor Larkin estava falando a sério. Quando um homem já pensou em tudo, ele, realmente realiza. Senti meu corpo trêmulo e a boca quase seca demais para falar.

— Então, você remove um alvo fundamental, e aí? Os ingleses deixam a Irlanda?

— Vai continuar a zombar ou está disposto a escutar?

— Estou escutando — respondi em voz rouca.

— Depois do grande ataque, concentramos todos os nossos esforços em completar nossa infiltração de um exército nosso e o transformamos em nossa unidade tática nacional. Isso nos dará três a quatro mil homens, talvez mais, legalmente armados.

— Está sonhando. Os ingleses nunca permitirão que tenhamos uma guarda nacional.

— Em algum momento eles terão que permitir. A Milícia do Ulster vai se tornar tão poderosa que terão que nos aceitar e, durante uma guerra, terão que permitir que vigiemos a costa e guardemos algumas instalações.

— Está sonhando.

— Estou lhe dizendo que haverá um Exército Nacional Irlandês. Depois de um ou dois anos de guerra, no momento em que a Irmandade determinar, usaremos o Exército Nacional para fazer um levante nacional e declarar a independência da Irlanda.

— Declarar o quê?

— Independência, homem, independência!

— Então, depois os ingleses deixarão a Irlanda?

— Os ingleses vão esmagar o levante implacavelmente. Como ousam os *paddies* nos atacar pelas costas quando estamos nas trincheiras da Europa! A própria ferocidade da reação deles revoltará ainda mais o povo irlandês. Que se danem, Seamus, que se danem. Nossa liberdade não está no horário deles, mas no nosso. Quando tiverem sufocado o levante, a Declaração de Independência ainda estará de pé.

Um drinque é fundamental. Eu começava a entrar no espírito do que estava ouvindo. Veja, isso é o que se deve admirar em Conor. Ele estava falando em termos do que poderia ser feito na realidade.

— Então — continuou Conor —, eles sufocaram o levante, mas muitos irlandeses, que antes do levante não se importavam com nada, estão indignados com isso e muitos soldados irlandeses em uniforme inglês começarão a pensar numa Irlanda livre. Então, acionamos a armadilha.

— Que armadilha? Eles nos dominaram — falei.

— A armadilha Sinn Fein — disse Conor.—Temos eleições. O Partido Irlandês é enterrado pelo povo irlandês e Sinn Fein passa a nos representar... e...

— E — murmurei — Arthur Griffith forma um governo provisório. Conor sorriu e piscou para mim.

Acho que repeti o nome de nosso salvador umas vinte vezes e sua sagrada mãe mais umas vinte. Ele presentira o próprio ritmo da história. Ele sabia que o povo irlandês poderia ser levado à indignação dessa forma. Mas seu plano estava repleto de sangue... nosso sangue. Temia perguntar, mas consegui.

— O que farão os ingleses, ainda que tenhamos declarado independência e tenhamos um governo provisório? Sabe que não podemos vencê-los no campo de batalha.

— Estive pensando nisso — disse Conor.

— Esteve pensando.

— Sim. Como uma pequena força nativa lida com um grande exército estrangeiro através da história? Primeiro, conquistamos o povo, de forma que cada casa no país se transforme num esconderijo e cada par de olhos espione para nós. No campo, atacaremos de emboscada seus comboios e desapareceremos na paisagem. Destruiremos as pontes das ferrovias e as centrais elétricas. Assassinaremos seus policiais nas vilas e cidades. Isso os forçará a se recolherem aos seus acampamentos e nós dominaremos o campo. Vamos trancar seus soldados para que não possam mais dançar com nossas raparigas nas festas de sábado. Vamos mantê-los olhando por cima dos ombros.

— Isso é possível?

— Uma vez que o navio da liberdade enfuna as velas, não pode mais ser detido. Muitos líderes emergirão das fileiras, muitas pessoas estarão desejosas de segui-los. E nas cidades, destruiremos sua infraestrutura com ataques de surpresa em suas instalações vitais e os forçaremos a empregar milhares de tropas para guardá-las.

— Conor, os ingleses não vão ficar parados vendo isso acontecer.

— Claro — concordou, excitado —, eles se defrontarão com duas opções distintas. Virão à mesa de negociações...

— Ou?

— Ou começarão a destruir a Irlanda e, quanto mais a destruírem, mais furioso o povo irlandês se tomará.

— Mas quem virá em nosso socorro, Conor?

— Ninguém, Seamus, é Sinn Fein. Nós Sozinhos.

— Eu e você sempre temos a determinação do povo irlandês.

— Sim — ele disse — e será duramente testada. Mas quando em toda a história do homem a liberdade foi concedida a um povo de presente?

Os irlandeses farão por merecer sua liberdade se estiverem dispostos a sangrar e se sacrificar por ela. Temos que desejar nossa liberdade mais do que o inimigo deseja nos manter sob seu jugo.

Pare! Pare, Conor, pare! Minha cabeça está estalando. Seria essa a derradeira fantasia, a grandiosa teoria de um homem que passou tempo demais pensando sozinho ou teria ele captado a crista de um movimento em asas gaélicas que se vinham avolumando num crescendo desde a virada do século?

O que ele dizia fazia muito sentido. Falava de metas alcançáveis. Compreendi que ele já havia escolhido o alvo para o primeiro grande ataque e eu sabia qual era.

— Agora, o que vamos pilhar nesse grande ataque que vamos fazer?

— Nós não vamos atacar nada. Você não foi convidado. Isso é definitivo.

— Não me faça esgueirar-me pela porta dos fundos — eu disse.

— Você é pequeno demais.

— Bobagem. O maior ataque da história da Irlanda e você vai me deixar de fora, depois de todos os milhares de quilômetros de estrada lamacenta que percorremos juntos?

— Estou pensando que vamos precisar de um escritor do seu calibre e bem posicionado para imortalizar nossos feitos.

— Bobagem, a Irlanda tem muitos escritores ruins e duas vezes mais oradores para que deixem de imortalizá-lo. Você acha que é perigoso demais.

— Não sei até que ponto é perigoso — mentiu Conor. Sempre soube quando ele mentia para mim. Se estivesse sentado, sempre coçava o joelho, três vezes, rapidamente. Se estivesse de pé e andando, mordida o lábio inferior rapidamente. Ele coçou o joelho, ficou de pé e mordeu o lábio. — Há mais de doze alvos em estudo — continuou.

— Bobagem — expliquei.

— Nem sequer pense em metade disso, Seamus. O alvo só será do conhecimento meu e de Dan, portanto afaste qualquer palpite insensato.

— Não vou dar um palpite. Vou lhe dizer qual é o alvo, direta e precisamente.

Conor estreitou os olhos e fitou-me.

— Bem — comecei —, será um alvo no Ulster. Portanto, estamos falando da base naval em Belfast ou do Comando do Exército Britânico no

Castelo MacStewart ou cortar o cabo de comunicações com a Inglaterra e por aí vai. Entretanto, se eu fosse um sujeito criado em Ballyutogue e tivesse levado os rebanhos para pastar durante dois verões nas terras abandonadas do castelo de Lettershambo e, quando crianças, eu e meu melhor amigo tivéssemos encontrado uma caverna na maré baixa no lago levando a um túnel para o castelo...

Os olhos de Conor faiscavam.

— ...e mais tarde eu tivesse trabalhado na restauração de Lettershambo e a Milícia do Ulster armazenasse talvez cem mil armas ali, juntamente com um milhão de balas de munição, então eu poderia considerar esse alvo... se o túnel ainda estiver intacto.

— Ainda está intacto — sussurrou Conor.

— O irmão de Myles McCracken, Boyd, é o melhor ladrão de caça do lago Foyle. Roubou peixes da propriedade o suficiente para alimentar toda a vila quando as colheitas não eram boas. E Boyd é um membro da Irmandade que pode nos levar ao lago Foyle.

— Levaremos algumas centenas de quilos de dinamite para o castelo.

— Charlie Hackett — disse eu, identificando o maior especialista em dinamite da Irlanda.

— Charlie Hackett — repetiu Conor.

— Bem, que diabos vamos fazer com algumas centenas de quilos de dinamite? — perguntei. — Colocar nossas iniciais na parede do castelo?

— Durante a restauração, ajudei a instalar o boiler do aquecimento central. Fica apenas a sete ou nove metros de onde o túnel entra no castelo.

— Eu sei...

— Do boiler, partem grandes canos, mais de trinta centímetros de diâmetro, levando a todos os aposentos e corredores do castelo. Dutos de ar quente, é como são chamados. Um dos aposentos guarda o estoque de dinamite, provavelmente algumas centenas de toneladas. Se pudermos explodir o boiler, detonaremos um abalo estrondoso através dos dutos.

— E explodirão o estoque de dinamite deles — murmurei.

— Sim, demolir Lettershambo com a própria dinamite deles.

— V-v-vai funcionar?

— Teremos certeza quando acionarmos o detonador.

Por um instante, tive uma sensação de desfalecimento, depois olhei para ele, enlouquecido. Ora, seria como explodir Gibraltar! Olhei para ele

outra vez. Falava absolutamente a sério. Obviamente, ele havia planejado tudo em sua mente, nos mínimos detalhes. Eu devo ter afundado numa poltrona, murmurando palavras sem nexos.

Logo a noite tomou conta de Cork. Depois que a magnitude do que foi considerado foi absorvida, nós dois pensamos em como seria a Irlanda no dia seguinte à explosão de Lettershambo. Repentinamente, o sentido de toda a minha vida ficou claro. Conor e eu, dois labregos de Ballyutogue, havíamos alcançado um momento de euforia juntos, na consecução daquilo pelo qual vivêramos para tentar realizar.

O rosto de Conor Larkin demonstrava o cansaço. Que modo mais apropriado de sair de cena, pensei. Sair de cena? Sair de cena. Claro. Conforme a repensava, pressenti sua terrível jornada, de tanta alegria, tragédia e melancolia, atingindo um clímax numa explosão que iria sacudir as Ilhas Britânicas. Larkin pretendia colocar cada gota de sua energia e conhecimento no ataque e depois desaparecer do cenário.

Não foi difícil chegar a essa conclusão. Em certo sentido, ele seria a primeira vítima de suas próprias convicções de que o norte e o sul jamais se uniriam. Sua decisão de pôr os pingos nos “ii” com o grande ataque fora meticulosamente, ainda que inconscientemente, calculada.

Conor sempre foi a voz solitária. Ele sabia que o ataque provocaria um levante irlandês de âmbito nacional. Sabia que tal levante seria um caldeirão fervente como um ensopado irlandês. Ele podia controlar sua incursão, mas não podia controlar os acontecimentos que se sucederiam.

Isso não seria Conor no seu melhor estilo? Era um homem num exército clandestino que nunca puxara um gatilho, que se recusara a assumir qualquer comando que exigisse dele uma ordem de execução.

Vou lhe dizer qual era o cerne da questão. Eu sabia que Dan e Atty tinham fortes suspeitas de que Conor Larkin não fosse capaz de matar. Um ataque bem definido, sim, mas uma insurreição com sangue pelas pedras do calçamento? Ele não tinha estômago para isso, como não tinha para executar um informante. Por mais que ele tivesse sido brutalizado, não poderia comandar homens para a morte ou ordenar o assassinato a sangue frio dos líderes inimigos.

Conor olhara para o resto da estrada de sua vida. Atty trouxera-lhe uma grande paz e satisfação e dependia dela como nunca dependera de ninguém. E a amava, profundamente, e surpreendia-se ao verificar que podia encontrar o amor novamente. Esse era o seu problema. A vida de um

fugitivo não tem saída. Sabia que nunca mais viveria um dia como um homem livre. Sabia que não viveria o suficiente para sequer sonhar com uma anistia. Continuando, ele eventualmente seria assassinado, preso para o resto da vida ou enforcado.

Cada vez mais, os olhos de Conor Larkin me diziam que ele examinara seu espelho e vira Long Dan Sweeney.

Ele e Atty conversaram descompromissadamente sobre um filho deles, ambos sabendo que o outro não estava exatamente dizendo a verdade, mas deixando que o doce pensamento permanecesse.

Conor passara a amar Theo e Rachael, mas para quê? Não podia vê-los desabrochar nem tomar parte nas suas alegrias e tristezas diárias. Visitavam-no algumas poucas vezes por ano e sempre por pouco tempo. Quando deixavam Dunleer, Conor ficava com o coração partido durante vários dias.

A sombra que pairava sobre Conor era a mesma que pairava sobre mim. Nossa grande e mútua falha era não deixar nenhum filho depois de nós. Para ele, o nome Larkin seria riscado de Ballyutogue, para sempre.

Deixamos o aposento permanecer às escuras, somente com nossas vozes se comunicando. Em questão de minutos, ele sumiria na noite para outro aposento nada melhor do que aquele, talvez com um catre e o calvário de Jesus na parede, e gemeria até adormecer.

— Em que anda pensando ultimamente, Conor?

— Rory Larkin — disse ele. — Pude escrever-lhe com frequência quando estava nos Estados Unidos. Receio que a última carta que recebi da Irlanda foi há mais de um ano.

— E você dele?

— Impossível. Quando tenho uma chance de falar com Dary sempre há uma mensagem cifrada enviando-me um pouco de amor. Logo Rory atingirá a maioridade. Droga, eu não sei por que ele está sempre em meu pensamento.

— Ele é seu filho, de cena forma.

— Claro, eu sei. Seamus, não quero vê-lo fazendo esse jogo de patriota. Eu morreria se ele seguisse meus passos. Mas dentro de mais ou menos um ano, os homens e as mulheres da Irlanda vão se declarar um povo livre. Que momento será esse! Um Larkin deve estar lá pra ver.

Aquilo me atingiu como um tiro.

— Você estará lá — disse eu asperamente.

— Ah, você entende. Não se pode saber ao certo. Mas, veja bem. fiz tudo ao meu alcance para conseguir tirar o grupo do ataque vivo de lá e de volta ao lago. Não se trata de uma missão suicida.

— Exceto para você e Long Dan Sweeney. Talvez tenham designado a si mesmos para cobrir a retaguarda?

— Você é muito esperto. Não conte a ninguém, nanico.

— Acho que compreendo. Quanto ao levante, Rory Larkin estará lá. Quase que posso senti-lo a caminho.

— É por que isso?

— É o destino dos Larkin — disse eu.

As batidas na porta do esconderijo sempre me sobressaltavam. Dois de nossos rapazes haviam chegado para escoltar e proteger Conor até a próxima parada. A rua lá embaixo parecia vazia e tranquila. Conor colocou a mão em meu ombro e sorriu.

— Eu o amo, Seamus, essa é a pura verdade. Vejo-o em breve.

Pude ver os três nas sombras, movendo-se cautelosamente, como de costume, para a escuridão. Era o momento de chorar, mas não chorei. Em vez disso, tomei alguns drinques. O homem Larkin estava morto. Mas, Jesus, o guerreiro poeta escreveria seu próprio amém.

QUARTA PARTE



ESSE RAPAZ REBELDE DA COLÔNIA

CAPÍTULO 48



Rory Larkin estava extremamente confuso. Quando se contempla o desconhecido e se está prestes a partir em direção a ele, evocam-se certas imagens acompanhadas de certas sensações. Quando as imagens foram despidas pela realidade, Rory viu-se suspenso numa estranha posição. O desconhecido não estava se desdobrando diante de seus olhos como sua mente imaginara.

Depois da morte de Conor no Castelo de Lettershambo na Irlanda, Rory encontrou os motivos para abandonar a Nova Zelândia. Tornou-se tão ansioso para sair da Ilha do Sul e alistar-se no exército que poderia ter corrido sobre as águas como Jesus.

Então veio um impacto, uma reação inesperada. Não conseguia dizer adeus a Georgia Norman. Certamente não contara com o repentino e violento calafrio que simplesmente o imobilizara. Sua mente girava de um lado para o outro tentando compreender o que estava acontecendo.

Parou à porta de sua casa, mudo, e viu uma expressão peculiar em seu rosto também. Começou a tremer. Quando tentou falar, viu-se esforçando para conter as lágrimas. Entrou na sala e deixou-se afundar numa poltrona.

— Tenho uma ideia — disse Georgia rapidamente. — Por que não se alista em Auckland? Irei com você em um dos navios costeiros. Desse modo poderemos ter uma última despedida no mar.

Ótima ideia! Ou talvez, o adiamento de uma sentença? De qualquer forma, tio Wally Ferguson era o homem. Wally conhecia todos os capitães e metade das tripulações.

Rory discutiu com Wally as possibilidades de o *Squire* ir em seu encaço. Ainda faltavam alguns meses para completar vinte e um anos e tornar-se membro de uma indústria de guerra. Não, Liam Larkin não iria correr atrás do filho. Era uma questão de orgulho irreduzível. Não iria atrás de Rory para trazê-lo de volta, nem lhe desejaria boa sorte.

Essa viagem fazia parte dos planos de Rory muito antes da guerra. Eventualmente, acabaria levando-o à Irlanda. O nome Larkin entrando na

Irlanda era capaz de fazer soar os alarmes.

Há oito anos, um certo Horace Landers era dono das terras vizinhas à próspera fazenda de criação de carneiros de Liam Larkin. Quando o preço foi acertado, o *Squire* comprou-as e Landers foi viver na Inglaterra. Rory crescera com os garotos dos Landers e conhecia a cozinha deles como a sua própria. Se e quando houvesse futuras investigações sobre as origens de Rory, sabia que poderia facilmente lidar com elas usando o nome da família Landers.

A ideia do navio para Auckland estava repleta de excitação e mistério e daria a Rory algum espaço para examinar seus sentimentos conflitantes.

A outrora pequena, mas opulenta frota de navios de passageiros fazia apenas uma viagem por dia para Wellington. Depois que a ferrovia Wellington-Auckland foi inaugurada em 1909, a maioria dos viajantes optava pela rota mais rápida, de dezenove horas, por terra.

Tio Wally tinha o navio certo. O *Taranaki* era um navio cargueiro com acomodações especiais para passageiros para quatro noites no mar e estava ancorado no porto. O navio de três hélices de turbina a vapor ostentava a Suíte Lorde Nelson, a mais elegante acomodação vitoriana naquelas águas. Quando um homem partia de Christchurch com reserva na Lorde Nelson, não era necessariamente com sua mulher. À medida que os criadores de carneiros prosperavam, a viagem a Auckland tornou-se idílica, anônima e cara... com um serviço tal que os hóspedes não precisavam deixar seus suntuosos aposentos. A privacidade era assegurada de modo que os que assim desejassem poderiam ser os primeiros a embarcar e os últimos a desembarcar.

O Sr. e Sra. R. Landers foram conduzidos ao *Taranaki* horas antes do embarque geral e rapidamente conduzidos e abrigados na Suíte Lorde Nelson.

Até os mais ardorosos amantes, que se amam há muito tempo, como o pai e a mãe de Rory, são dominados pela repetição, por um padrão regular de conforto, um valor constante, um nível de satisfação. Se forem bastante inteligentes, podem reacender o relacionamento quando ele começa a esfriar.

Para Rory Larkin, que era jovem, mas conhecia as mulheres, algumas eram mais excitantes do que outras, mas toda aventura tinha um traço comum... a caçada... a conquista... a fuga. Se você permanece por muito tempo, aprendera, a mesma razão que os uniu começa a separá-los.

Melhor encerrar tudo logo no começo e evitar muito sofrimento mais adiante.

Isso foi verdade até conhecer Georgia Norman. Quando a enfermeira Georgia desabotoou o uniforme engomado, a reação dele foi um sorriso, uma atitude de divertido humor e um mergulho de vez em quando em completa loucura.

A diferença de Georgia Norman não levou muito tempo para tornar-se evidente a Rory Larkin. Não se tratava de uma competição de ganhar ou perder. Georgia gostava da situação que vivia. Não se queixava por causa de seu deplorável casamento, nem amaldiçoava o marido, nem se condenava por ser tão diferente das outras mulheres de Christchurch. Não ficava constrangida depois de fazer amor, como os refrãos usuais de “agora que você me viu nua, por favor feche os olhos enquanto me visto”. Georgia gostava de si mesma e de tudo que possuía. Estava sempre em busca de novas descobertas ou buscando levá-lo aonde ela já estivera. Ela fazia um homem se sentir glorioso, era isso, como se ele fosse o sujeito mais extraordinário que ela já conhecera.

E depois — Rory gostava de depois. Ela ficava fervendo em fogo lento por um longo tempo, sussurrando praticamente sobre qualquer coisa, e ele se via falando só Deus sabe sobre o quê e fazendo pequenas brincadeiras antes e depois do amor.

Quando o *Taranaki* perdeu o contato com a terra, um fenômeno espontâneo e desconhecido ocorreu, provocado pela compreensão de que aqueles podiam ser seus últimos momentos juntos, para sempre.

Quaisquer inibições que ainda pudessem haver, causadas pela idade e pelas circunstâncias, desintegraram-se numa violenta implosão que escancarou os vãos secretos de cada um deles, liberando uma torrente de magnífica compreensão. A intensidade do desesperado apego de um pelo outro levou-os a um novo lugar.

A aurora encontrou o *Taranaki* amarrado ao Glasgow Pier, bem em frente à estação ferroviária de Wellington. Os amantes, fascinados, davam-se as mãos com toda a força de sua sacada e olhavam para baixo, para a prancha de desembarque, onde fileiras de passageiros desembarcavam e dirigiam-se com seus carregadores de malas para o trem que os aguardava. Rory e Georgia agradeceram ao senhor dos seus destinos por ter-lhes concedido mais três noites juntos.

Na última noite, o mar foi extremamente amável com eles. Tiveram a mais bela visão de um outro navio que passava na direção oposta com as luzes das cabines acesas e uma brisa suave soprando vagamente uma música do salão de dança do navio. Cada embarcação soltou fogos de reconhecimento e, em seguida, o outro navio foi tragado pelo silêncio e escuridão absolutos. A alegoria foi percebida.

Georgia estava atirada na cama, os cabelos em desalinho, de uma forma muito atraente. Os marujos do bar de tio Wally sempre tinham alguma coisa do Oriente para vender. Rory comprara-lhe um quimono de seda verde, que agora estava atravessado sobre seu corpo, de modo que os contornos líricos de suas formas curvilíneas diziam uma só palavra... mulher. Sim, o robe encontrara o corpo certo para vestir.

Seus cabelos cor de ferrugem tinham o corte usado pelas mulheres da classe trabalhadora e faziam a alvura de sua pele parecer tocada por um mestre perfeito. O reflexo esmeralda, os lençóis de linho entrelaçados, tudo a mostrava a seus olhos como uma deusa da antiguidade. Examinou-a atentamente do outro lado da cabine, sem pestanejar, enquanto o tempo parecia ter parado. Estava exausto, mas com a mente absolutamente clara. Rory não podia mais conter a onda de perguntas.

O que era aquilo que mudara tão bruscamente no momento em que tentara lhe dizer adeus? A ideia de medo ocorreu-lhe. Conor dissera-lhe para nunca sufocar o medo, mas para percebê-lo, examiná-lo e aprender a controlá-lo. Era isso que fazia o homem.

O tolo é aquele que mente para si mesmo dizendo-se que não sente medo. Rory acreditava que seus sobressaltos de genuíno medo eram poucos, desde que deixara de ter medo de seu pai. Agora, não se tratava mais de temer uma pessoa maldosa ou de ser repentinamente surrado, mas um tipo de medo inteiramente diferente. Conforme a Ilha do Sul saiu de sua vista, sentiu-se fraco e tonto. Jesus, disse a si mesmo, estou com medo. Apesar de toda a ardente vontade de deixar a Nova Zelândia, o momento de realmente cortar os laços deixara-o suando.

Ocultou seus sentimentos de Georgia. Ela não deveria vê-lo amedrontado. Quando conseguiu recuperar o controle, pensou: Deus sabe que a ideia da batalha é emocionante e não assustadora. Esse longo sonho da chegar à Irlanda depois da guerra era simplesmente homérico.

Então, o que há para temer, rapaz? Medo do desconhecido? Bem, medo não, apenas ansiedade... curiosidade normal exacerbada. Rory era

uma entidade independente, sabia disso.

Ou... todos os homens sentem uma espécie de tristeza quando as luzes do porto desaparecem? Recebera muitas cartas de colegas que já haviam deixado o país ou se alistado no exército. Alguns deles haviam deixado uma vida miserável em casas miseráveis, mas sentiam saudades.

Então, talvez meu medo não seja medo, imaginou. A escotilha deixou entrar uma nesga de luz, que recaiu sobre Georgia, e ele sentiu uma explosão de desejo da garganta ao estômago. Começou a levantar-se da sua poltrona, mas sentou-se outra vez sob o peso de mais dúvidas.

Compreendo algo agora que nunca pude realmente entender antes, pensou. Sempre me perguntei por que Conor se sentia tão impelido a voltar para uma Irlanda que fora para ele como a ponta crua do chicote durante toda a sua vida. Sua alma fica plantada na vila onde nasceu e nunca a abandona. Embora seja o exército e a Irlanda, nunca poderei realmente deixar a Nova Zelândia.

Ao pensar assim em Conor, a morte de seu tio varreu-o. Estancou um iminente extravasamento de tristeza. A cada novo e profundo suspiro, a dor em seu peito diminuía. Levantou-se rapidamente e escancarou a porta da cabine, esperando ver o navio que passara. Há muito desaparecera. As águas estavam tranquilas e o céu oferecia um grandioso espetáculo. Conor dissera-lhe que fazer a vigília noturna nas noites calmas era o pior porque você se lembrava de tudo que tinha e perdera.

— Eu a perdi — lamentou-se Rory.

Conor sofrerá por *Lady* Caroline. Ah, meu Deus, como sofrerá por ela. Talvez tudo tenha a ver com a maneira como eu sofro por Georgia Norman.

Ultimamente, quando ia à sua cabana depois de Taylor's Mistake, desejara cavalgar com ela pelos montes e fazê-la vibrar com o que sua vida significava.

Fantasiava sobre voltar da guerra e dizer ao *Squire*... Começaria com alguns hectares e admiraria suas terras de cima de um outeiro com o braço em tomo de Georgia Norman... Georgia Larkin. Por Deus, eu poderia conquistar o mundo com ela. Ela é uma rocha e, ah, o que ela não faria por seu homem. A sua sabedoria, seu espírito, sua coragem. E eles passariam as noites entre risos.

Bem, é isso, meu caro Rory. Minha mulher, Georgia Larkin. Ah, como soava bem! Estou apaixonado por ela. A guerra apenas começou e a

Ilha do Sul e Georgia já estão reunidos como um único pensamento.

A compreensão de que você necessita de alguém necessariamente significa que você está apaixonado por ela? Perguntou-se. Não é um pouco tolice de minha parte? Quero dizer, egoísmo? Sequer pensar em pedir a uma mulher para desistir de um casamento com um homem que talvez mereça uma segunda chance. Pedir a uma mulher para esperar quase que para sempre enquanto você faz o seu turno de combates. Jesus, Rory, pare com isso. É terrivelmente egoísta de sua parte pensar desse modo e se gosta tanto dela não pode pedir-lhe para jogar sua vida fora por você.

Esqueça suas próprias necessidades, pensou. Esqueça seus temores. Esqueça tudo. Ainda persiste este sentimento terrível que me dá vontade de cair em prantos. Estou sofrendo! Estou sofrendo! Sei o que está causando esta dor. Essa maldita dor é porque talvez eu nunca mais a veja. A dor é... porque eu talvez nunca mais a toque. Acho que este é o inferno dessa droga que é o amor. A dor não é menor do que a dor da morte de Conor.

Está bem, Rory, você confessou-se a si mesmo. A situação é impossível. Quando for dia e você tiver que dizer adeus, aja como um homem. Seja um bom homem para esta mulher. Faça o que é direito.

Com os anos, Georgia havia dominado a arte intrincada de controlar seus pesadelos. Já não provocavam suores e calafrios. Quando seu sono ficava perturbado, ela acordava antes que o pesadelo se transformasse numa loucura. Assim que acordava, tentava rapidamente ler a mensagem do sonho. Muitos deles eram repletos de ansiedade. Havia prédios em chamas, desmoronando-se, ou algo parecido, ou um monstro ameaçador ou algo parecido, uma corrida para a beira de um abismo ou outra estrutura alta e o começo de um mergulho.

Muitas vezes nos últimos meses ela estendeu o braço na cama, quando os pesadelos povoavam seu sono, e sentiu algo sublime, além de qualquer coisa que já tivesse vivido. Era Rory Larkin. A mensagem interior logo a deixava saber que estava segura e a mensagem completa diziam-lhe que aquele homem a protegeria. Nunca fora protegida antes e perguntava-se por que seria alguém tão improvável quanto esse jovem rebelde da colônia quem lhe oferecia isso agora. Essa sensação de grande bem-estar que ele lhe proporcionava não era menos intrigante do que a primeira e atordoante visão que tivera dele, meses atrás, com o corpo cheio de costelas quebradas.

Nessa última noite antes de chegarem a Auckland, o sonho de Georgia foi uma reversão a um passado de horror. Ela atirou o braço para se

defender e ele bateu no colchão, cessando bruscamente seu sono. Quando compreendeu o que se passara, deixou-se afundar novamente nos travesseiros e murmurou uma pequena imprecação. A viagem chegara ao fim.

Georgia sentiu a maciez sedutora de seu quimono e sorriu. Ah, Rory, o que fez comigo? Atirou as pernas para fora da cama e dirigiu-se ao espelho para se retocar. Nunca quis que o rapaz a visse como se tivesse acabado de sair de um banho quente. Pelo espelho, Georgia podia ver através de uma escotilha o convés de passeio. Rory estava parado, imóvel, o vulto indistinto nas sombras. Começou a amarrar o robe, depois deixou-o aberto para que ele visse o que gostaria de ver. Fitou-o, sem ser vista, e deleitou-se só de ficar olhando para ele.

Bem, Georgia, disse a si mesma, você é a rainha dos tolos. Por mais de vinte e oito anos você construiu um muro que foi rompido num único momento.

Georgia observara as mulheres da Força Territorial de Reserva — o antigo “Filhas do Regimento” — espreitar a caça e apanhá-la no laço. As enfermeiras eram de classe baixa e média e ali estava uma boa oportunidade de agarrar um oficial, um futuro estalajadeiro ou, quem sabe, um Coronel com um jardim de rosas.

Os soldados de todas as patentes ou detestavam as mulheres ou eram abertamente sentimentais a respeito delas. Não era difícil distinguir um do outro. Suas colegas enfermeiras tagarelavam alegremente e davam risadinhas, mas raramente falavam em amor. O amor era o prêmio automático do casamento, não era? Por que mulheres inteligentes e capazes, que haviam subido à própria custa, contentavam-se com palermas ou arrogantes chatos?

Bem, quem é você para empinar o nariz? Calvin Norman era um bom cirurgião do principal hospital militar da Índia. Alistara-se somente para assegurar uma boa patente na reserva, ganhar alguma experiência médico-militar necessária e ter excelentes credenciais quando retornasse à sua nativa Nova Zelândia.

Georgia tomou-se sua assistente-chefe na sala de operações e ficou muito impressionada com a habilidade do homem. Ele também demonstrava ser atencioso com seus pacientes, um traço nem sempre exibido. Georgia tomou uma decisão deliberada. Calvin Norman era um assentamento seguro e oferecia uma vida confortável tão longe da Inglaterra

quanto o planeta permitia, bem como a família com que ela sonhava. Ele estava seduzido e muito apegado a ela. Não era o amor ardente de sua vida, porque esse amor era uma ilusão, mas um homem bom que não iria magoá-la.

Bem, o velho Calvin enganou-a muito bem. Acabou mostrando ser o mais mortal numa linha de víboras e labregos, comparável apenas a seu querido pai, Oliver Merriman.

De volta a Christchurch e reinando como cirurgião-chefe no maior hospital da Ilha do Sul, Calvin tinha muitas contas a acertar consigo mesmo. Pouco a pouco, a infância humilhante de seu marido, de rosto pálido e cheio de espinhas, aflorava. Era fustigado por uma adolescência doentia numa terra inóspita, cheia de rufiões que infernizaram os anos mais formativos de seu caráter.

Seu longo e amargo caminho até o juramento de médico agora lhe concedia autoridade. Os garotos brigões todos precisavam dele e suas mulheres eram o pagamento como compensação pelos tormentos do passado. Era consumido por uma necessidade insaciável de conquistar, para provar repetidamente sua masculinidade.

Desde o começo, quando ela se tomou a enfermeira-chefe no hospital, sua união esteve em dificuldades. Ele foi reconvocado para o Medical Corps com o ótimo posto de Major muito antes de a guerra começar, e isso era bom para ele, começar em boa posição numa carreira que poderia muito bem terminar em Londres.

Como Christchurch mantinha seus segredos guardados e um escândalo público significaria o ostracismo, Norman implorou-lhe para nada revelar e pela primeira vez mostrou arrependimento pelo seu comportamento. Georgia prometeu ficar em silêncio até a guerra terminar. Ele apenas começara a perceber o valor da mulher com quem se casara.

Você tem o resto de sua vida, Georgia Norman, para sonhar sobre por que se apaixonou por este Larkin... mas por que arriscar esta viagem a Auckland e começar a revelar tudo que até aqui conseguiu guardar para si mesma?

Rory finalmente quebrara seus círculos de medo. Ele não causava nenhuma dor, apenas felicidade. Ela cavalgara o garanhão selvagem e sabia que jamais o faria de novo. Ardente, suado, rebelde e você é bastante inteligente para não colocar uma coleira em um jovem peregrino justamente quando ele está iniciando suas andanças, ela refletiu.

Quantas vezes, Georgia, você se sentou na borda do catre de um soldado ferido e ficou murmurando baixinho diante da fotografia desbotada, amarelada e amarrotada de uma jovem cuja aparência você mal podia adivinhar? O soldado já esquecera completamente como ela era realmente, assim como você já se esqueceu de como era o seu soldado morto.

Ele era um bom e alegre rapaz, Tenente Sidney... Sidney... Sidney Clarkeson. Primeiro homem de quem você não teve medo. Através de seus modos inocentes você aprendeu a habilidade esplêndida de controlar um homem. Reconheça, Georgia, você não estava tão interessada em casamento. Você sentiu que ele tivesse sido explodido no campo de batalha e chorou sinceramente sobre seus restos. Mas a dor passou muito rapidamente e você percebeu isso. Afinal, pode não ter sido amor, mas apenas uma ausência de medo.

Quando outros camaradas se sucederam, quatro ou cinco ao todo, você se divertiu muito com eles, mas no momento em que aquele olhar de posse surgia nos olhos deles você se afastava rapidamente.

Aquele olhar... *aquele olhar*... seu alistamento não teve a ver *com aquele* olhar de Oliver Merriman? Seu pai tinha status, era isso, chefe de cinco advogados em Lincoln Inn... o mais respeitável que um inglês de classe média pode aspirar a ser.

Ah, aquele beberrão filho da mãe! Embriagado, ele a levantara pelos longos cabelos ruivos quando tinha apenas treze anos, cuspira nela, esbofeteara-a, atirando-a contra a parede e gritando “prostituta!”.

Sua mãe tremia ao lado, sem nada dizer. Mamãe conhecera a fúria de Oliver Merriman cem vezes sem nada dizer. Suas duas irmãs mais velhas haviam fugido com uma gravidez prematura para casamentos no inferno.

Ah, Sr. Merriman, o reverendo derramava-se efusivamente, e suas adoráveis damas... se ao menos seu rebanho tivesse o caráter daquela família exemplar!

Aos quinze anos, aparentando mais, Georgia encontrou refúgio no Queen Alexandra's Imperial Military Nursing Service e nunca mais olhou para trás. Possuía mãos firmes, uma forte determinação, controle absoluto sob condições sangrentas e bastante humor e bondade. Mais do que tudo, era uma modelo de perfeita e absoluta competência.

Apesar da sombra de Oliver Merriman e das terríveis experiências de sua mãe e irmãs, Georgia desejava seus homens — mas a prepotência de nenhum deles iria reduzi-la à servidão. Mantinha-se firmemente no controle

de si mesma, nunca envolvida demais emocionalmente, e determinada a ser autossuficiente. Ninguém iria controlá-la, nem por um instante.

Georgia era amiga de todos eles, desde companhia para uma cerveja com os rapazes que acabavam de se alistar até as valsas de elite no clube dos oficiais. E então ela fez seu pacto faustiano com Calvin Norman.

Rory, ainda imóvel, continuava no convés de passeio. Como todos os capitães e reis, Coronéis e marajás, irmãos e namoradas, esposas e operárias, Rory iria passar a segunda metade de sua vida tentando recuperar-se da primeira. Alguns nunca o fazem. Ele o faria? Quantas pessoas mais velhas ele conhecera que ainda estavam lutando com sua infância e seus pais? Deus Todo-Poderoso, espere até as garotas irlandesas, sem falar na garotas de Paris e de Londres, colocarem as mãos nesse aí.

Se Georgia tinha uma certeza era a de que ela sabia que aquela noite era o fim entre ela e Rory. De qualquer forma, ele logo esquecerá como você era.

O *Taranaki* saudou uma aurora inexorável filtrando-se através de uma neblina permanente enquanto deslizava ao longo de uma fileira de montanhas, em direção a Auckland, cada qual coroada com um nome Maori impossível, geralmente iniciado com W.

Georgia tomou a súbita decisão de permanecer no navio e voltar nele para Christchurch. Rory arrumou suas coisas, atordoado. Os pálidos amantes agora detestavam cada rangido e cada ronco do motor do navio, aproximando-os de sua despedida. Por um instante, Rory teve vontade de ser ele mesmo e destruir tudo em sua frustração. Fechou sua sacola ríspidamente e olhou em volta. Ambos estavam tontos com a falta de sono e falando em sussurros das últimas horas loucas fazendo amor.

A boa enfermeira Georgia obrigara-se agora a um perfeito controle de si mesma.

— Foi uma viagem e tanto, toda ela, Rory — disse ela. — Procure não vencer a guerra sozinho.

— Vai escrever?

— Somente enquanto nossas cartas servirem para uma ou duas risadas. Você não tem nenhuma obrigação.

— Vamos deixar a conversa amável de lado, Georgia. Algo aconteceu.

— Quero que me ouça, Rory.

— Não me dê sermões, Enfermeira Georgia. Não sou um de seus sargentos ensanguentados, precisando de uma conversa.

— Está bem. Nós nos apaixonamos. Há algo forte entre nós. A guerra acelera os sentimentos de uma forma estranha, você sabe.

— Vou lhe dizer uma coisa, Georgia, e falo a sério. Não consigo imaginar como outra mulher possa ser como você, nem em um nem em dez anos. Se você e Calvin Norman não se entenderem, voltarei para buscá-la. Rory, as pessoas ficam muito sentimentais em momentos como esse e fazem promessas absolutamente tolas.

Ele desabotoou a camisa, segurou-lhe o pulso e colocou sua mão sobre seu peito. Georgia quase desfaleceu.

— As coisas podem mudar — disse ele —, e não mentirei para você quando acontecer. Mas neste momento espero que Calvin Norman nunca volte.

Ela retirou sua mão.

— Desejar a morte de um homem que não merece morrer não é bom, Georgia, mas é o quanto eu a quero.

Ela o puxou para si, abriu a própria blusa e encostou a cabeça dele em seus seios.

— Feche os olhos... ouça... sim?

— Sim.

— Nós nunca estivemos realmente apaixonados, você e eu. Uma garota mais velha tentando superar a raiva de um marido fraco tem todo tipo de veneno dentro dela. Tentar fazer disso mais do que realmente foi vai nos fazer naufragar tentando manter promessas feitas num momento irreal de despedida. Quando as promessas são quebradas, nós nos esquivamos com pequenas mentiras e a culpa aumenta. Tudo que você diz é de coração agora, Rory, mas não pode ser mantido para sempre.

— Georgia...

— A vida militar — continuou ela — possui inúmeras agonias, você verá. Há a agonia do dia-a-dia do soldado, trabalhando como um burro de carga, disciplina brutal, péssima comida, tédio, lama, disenteria. Há a agonia da batalha. Essas agonias são muito reais. Nenhum soldado jamais conseguiu evitá-las. Entretanto, a mais terrível de todas as agonias é a lembrança de casa e da mulher que você deixou para trás. Essa agonia toma-se uma ilusão, aumenta desproporcionalmente. Embora não morra disso, não é menos agonizante do que as outras agonias da vida do soldado.

Ela sentiu as lágrimas dele em seus seios e retirou as alças que os prendiam para que ele pudesse asfixiar-se mais livremente.

— Você não pode controlar a estrada que escolheu. Só Deus sabe aonde irá levá-lo. E se chegar à Irlanda, e você vai chegar lá, ela pode não ter mais fim. É inteiramente injusto para cada um de nós fazer qualquer promessa. Você me compreende, Rory?

— Sim.

Deixou que seus beijos percorressem o que colocara diante dele até que um criado de bordo anunciasse que logo estariam no porto.

Dali em diante, foram demonstrações de coragem, sorrisos olhos úmidos, um abraço resolutivo e a descida da prancha. Ele se voltou, acenou e desapareceu.

Georgia conteve-se até ter certeza de que ele estava fora do alcance da vista, em seguida se dobrou, tentando respirar fundo para combater a ânsia de vômito. O criado de bordo viu-a cambalear e ajudou-a a voltar à sua Suíte e deitar-se na cama.

— Chá, Sra. Landers? — ofereceu.

— Aceito um conhaque. Está sobre a mesa.

Quando recobrou a cor e assegurou-lhe que estava melhor, ele saiu.

Georgia ficou satisfeita por não ter fraquejado no fim. Agora ele já partira para a sua guerra e ela fizera o que a vida lhe mandara fazer. O primeiro de seus segredos fora guardado. O segundo estava mais sob seu controle.

CAPÍTULO 49



A partida de Caroline da Mansão Hubble fora precedida por uma explosão de raiva por causa do brutal aniquilamento de Jeremy por Roger, no caso com Molly O'Rafferty. O modo como ele destruiu a reputação da jovem, condenando-a depois e a seu futuro filho ao lixo, só era comparável à maneira como transformou Jeremy num gaguejante submisso.

Caroline e Roger haviam conseguido uma semana de silêncio antes de a bomba explodir, vomitando um quarto de século de ódio reprimido.

Caroline descarregou sobre Roger sua mesquinha atitude de pai em relação a Jeremy, o uso de combustível humano em seus campos e indústrias, sua fanática mentalidade da Reforma e seus segredos sujos.

Roger teve uma ou duas coisas a dizer sobre sua hipocrisia, sobre a maneira como mimara Jeremy, seus gastos exorbitantes, que exigira o contínuo funcionamento da fábrica de camisas. No bater do martelo, ele a acusou de ter dado Jeremy à luz por ela e seu pai e não para o condado.

Quando Caroline partiu para Belfast, o trem particular de *Sir* Frederick carregava tanta bagagem que indicava sua intenção de ficar muito tempo longe de Londonderry.

Sir Frederick, recuperando-se de seu infarto, vendo sua estrutura familiar se desmoronar, tomou uma decisão que já deveria ter sido tomada há muito tempo, confiando o futuro das Oficinas de Navios e de Ferro Weed a Caroline. Caroline encaixou-se no papel como uma luva. Quanto a *Sir* Frederick, por Deus, Caroline teria que limpar o lamaçal familiar.

O afastamento do Brigadeiro Maxwell Swan era uma proposta desagradável, mas até mesmo Weed reconhecia que essa forma de fazer negócios já tivera sua época. Um relacionamento estreito e amoroso entre Caroline e Tio Max deteriorara-se muito com o passar dos anos e desmoronara completamente depois do incêndio da fábrica.

Os malditos capangas que destruíam os sindicatos e surravam os católicos, espiões industriais que conseguiam as informações de planos futuros de usinas de aço e estaleiros e acordos financeiros secretos, tudo tinha uma tendência arcaica.

A onda liberal não pôde ser desviada e atravessou o mar da Irlanda até o Ulster, trazendo uma consideração maior pelo bem estar da classe operária.

A destruição de sindicatos estava perdendo a urgência entre industriais. Lentamente, muito lentamente, começou a ocorrer à classe dominante que trabalhadores mais felizes produziam produtos melhores a custos menores.

Não era nada que ocorresse da noite para o dia, sem dúvida, mas quem melhor do que Caroline Hubble para pressentir as mudanças e deixar-se levar por elas?

O problema era que Maxwell Swan e Frederick Weed sabiam o suficiente de crimes, um do outro, para mandar cada um para a forca cem vezes.

No final, os dois velhos, embora fossem canalhas e assassinos, eram farinha do mesmo saco. Swan estava numa idade em que desejava retirar-se para algum lugar distante e viver seus últimos anos com estilo. O infarto de Weed o abalara consideravelmente. À medida que *Sir* Frederick envelhecia, Swan temia que Roger Hubble o puxasse para o seu serviço pessoal. *Sir* Frederick sempre tivera uma aura de alegria e astúcia ao seu redor, com seus assaltos às garrafas, suas dançarinas, seu time de rúgbi e sua energia bombástica para trens e navios mais rápidos.

Lorde Roger, ao contrário, parecia ávido para matar com uma sensação de satisfação. Se não fosse por Caroline, o homem teria sido um completo monstro. E o último trabalho ignóbil... espionar Lorde Jeremy, prometendo ocultar os resultados de Freddie e Caroline... sentindo o hálito quente de Roger em seu pescoço para recrutá-lo de Belfast.

Sir Frederick Weed, à sua maneira mais encantadora e generosa, concordava inteiramente com o Brigadeiro.

— Max, vamos ter que confiar um no outro — disse Freddie.

Uma suntuosa mansão na Jamaica e uma gorda pensão foram colocadas na mesa. Ali, ele poderia ficar entre dezenas de companheiros aposentados do serviço militar. Poderia vestir-se formalmente três ou quatro vezes por semana, com todas as suas medalhas, e banquetear-se até quase à inconsciência... e fazer aquelas visitas a certos alojamentos bem mantidos.

Era aí que entrava a confiança. Como parte do acordo, Swan deixou um livro de memórias, manuscrito, de seus negócios escusos com Roger Hubble. A autoria foi certificada na presença de um quórum irrepreensível

de seus pares que reconheceram sua assinatura, mas não leram o conteúdo do documento.

O livro foi colocado nas mãos de *Sir* Frederick e Caroline Hubble. O risco de Swan não era assim tão grande. Afinal, se Caroline ou Weed tornassem público seu conteúdo, Swan tinha mais algumas centenas de outras páginas sobre suas façanhas para *Sir* Frederick.

Ladrões confiáveis se safam. Caroline tinha seu pequeno trunfo, a maior de todas as cartas de Orange, assegurando-lhe que somente ela definiria os limites finais e acertaria as contas favoravelmente. Swan definiu pouco depois de sua aposentadoria e foi enterrado com extraordinárias honras militares, mas deixou para trás seu pequeno livro de horrores, como se quisesse dizer que seu espírito penetrante ainda estava infernizando por ali.

A separação da aliança Weed-Hubble não era uma questão simples. Estavam juntos em toda a província. Roger tinha assento no conselho diretor das Oficinas de Navios e de Ferro Weed e os dois tinham inúmeros investimentos conjuntos e parcerias, forneciam matéria-prima um para o outro e, até a partida de Swan, cuidavam juntos de muitos negócios escusos.

Embora o condado de Roger fosse uma ninharia perto dos empreendimentos internacionais de *Sir* Frederick, o antigo título de Roger exercia um misterioso fascínio em Weed. Roger ainda era o senhor de Londonderry, endêmico a um Ulster britânico. Londonderry fora a carta de Orange original de Roger. Agora, ele tinha mais duas; Christopher e Jeremy.

Jeremy foi abandonado por sua mãe por seu comportamento covarde em relação a Molly O'Rafferty e seu filho. Embora Freddie adorasse Jeremy como um playboy inofensivo, resignara-se com o fato de que Jeremy não iria significar muito no futuro das Oficinas de Navios e de Ferro.

Sir Frederick transferira Jeremy para Londonderry, para a Mansão Hubble e para o condado de Foyle, onde poderia desempenhar o papel de representante em eventos de caridade, exposições de cavalos e fazer a sesta na Câmara dos Lordes. Jeremy deveria ser uma preeminente figura cerimonial, como fora seu avô, o pobre e gago Arthur.

Por enquanto, Jeremy não era capaz sequer de desempenhar os deveres mais mezinhos. Depois que ele se acovardara e deixara que ela partisse, sua alegria e seu comportamento tresloucado o abandonaram.

Roger dava ordens a Jeremy. Caroline raramente lhe dirigia a palavra e, assim mesmo, apenas em ocasiões públicas e de um modo maquinal. Seu avô, embora um pouco mais brando, estava cada vez mais cansado da falta de fibra de Jeremy.

Roger tentou energicamente forçá-lo a um casamento, mas enquanto o desaparecimento de Molly permanecia um mistério, ele se recusava, como se estivesse apegando-se ao último fio de masculinidade e decência. Jeremy bebia muito, frequentava as corridas e exposições de cavalos, jogava rúgbi com meliantes católicos dos condados miseráveis e assombrava as áreas de Dublin nas cercanias do Trinity College e do rio Liffey

Quanto a Christopher Hubble, era outra coisa inteiramente diferente. Parecia que seus primeiros passos haviam saído do manual de como marchar dos *Coldstream Guards*. Roger deplorava o maldito destino que negaria o condado a Christopher. Negado por nascimento, mas demonstrando excepcionais habilidades para os negócios, seria fácil concluir que ele caminhava diretamente para o comando das Oficinas de Navios e de Ferro Weed. O único problema era que *Sir Frederick* considerava seu segundo neto um arrogante insuportável.

Sem dúvida, Weed pensava, Christopher possuía a inclinação certa para administrar a força de trabalho dos meeiros do condado e exercer o controle das indústrias arcaicas de Londonderry. Entretanto, e esse era um tremendo entretanto, comparando-se Christopher a seu avô, Christopher não possuía a essência da atmosfera de Belfast, nem a visão e a argúcia para lidar com dez mil operários.

Durante seu aprendizado no estaleiro, Christopher comportou-se em relação aos orgulhosos construtores de navios e siderúrgicos como um soberano com seus servos. Da mesma forma, os diretores de departamentos e capatazes acharam-no decepcionantemente pedante e despótico.

Veja, os empresários de Belfast, e particularmente seu avô, eram fanfarrões ásperos e lutadores, não como os impertinentes guardiães da Coroa, com seus cabelos bem aparados, bigodes, mãos-atrás-das-costas, batendo no traseiro o cabo do velho chicote de montar.

Pois bem, Roger Hubble tinha ambos os filhos.

Quando Roger sentiu o afastamento crescer, iniciou algumas manobras próprias. Jeremy foi arrancado das pistas de corridas e enviado para o regimento da família. Os Coleraine Rifles haviam sido criados três

séculos antes pendurando cabeças de camponeses católicos em lanças para Oliver Cromwell.

Assim, o Visconde de Coleraine entrou para os Coleraine como subalterno, e assim deveria permanecer até concordar em se casar. Jeremy, temendo cada vez menos as investidas do pai, demonstrou pouco interesse em subir da condição de subalterno ou em qualquer outra coisa que não se divertir e fazer suas incursões a Dublin. Por causa da influência de Lorde Roger nos Rifles, Jeremy era mantido em posições irrelevantes, por medo de que ele se tornasse motivo de constrangimento.

Entra Christopher, o guardião de seu irmão. Quando Chris se alistou nos Coleraine, Roger e o Coronel Brodhead, um antigo auxiliar do Ulster, combinaram um modo de Christopher vigiar Jeremy.

Roger temia que Jeremy pudesse causar alguma espécie de humilhação ao condado em uma de suas bebedeiras. Não que se importasse muito com Jeremy, mas Roger temia que, se alguma coisa acontecesse a Jeremy, Caroline e Freddie o tirariam das indústrias de Belfast para sempre.

Essa encantadora família se havia dividido numa colcha de retalhos humana de quem falava com quem, em que tom de voz, quem falava pelas costas de quem e quem desejava o bem ou o mal a quem.

Havia um componente absurdo na mistura familiar quando Caroline e Freddie se alinharam contra Roger e Christopher, com Jeremy pendurado no limbo.

Desde o começo, *Sir* Frederick e Lorde Roger uniram-se para derrotar a Lei de *Home Rule* irlandesa, cada qual cuidando de um canto geográfico da província. Apesar de todo o estilhaçamento das fortunas da família, os dois ainda estavam unidos na questão da Home Rule e continuavam parceiros na importação ilegal de dezenas de milhares de armas para a Milícia do Ulster.

Roger viu-se afastado das Oficinas de Navios e de Ferro Weed quando *Sir* Frederick conseguiu recuperar-se notavelmente do infarto e preparou sua filha para o futuro da companhia. Sempre se pode encontrar correntes ocultas de opinião no Ulster. De alguma forma, todos parecem misturar-se — uma parteira católica assiste o nascimento de um aristocrata, um diácono metodista senta-se ombro a ombro com os *paddies* no bar... e outros tantos sinais de normalidade.

Independente do que alguém faz o que para alguém, todos os bons protestantes concordam inteiramente em dois pontos: lealdade à Coroa e a

crença de que todos os bons católicos são republicanos.

Assim, Roger e Freddie, apesar do desmoronamento de seus lares, tratavam-se como irmãos de sangue em questões relacionadas à Milícia do Ulster e ao Partido Unionista.

Roger não estava cego à maneira como Caroline andava fazendo pontaria certa na direção das Oficinas de Navios e de Ferro Weed. Apesar da chorosa obediência de Jeremy a seu pai, Roger não conseguia obrigar o jovem a casar-se. Era como se Jeremy tivesse sido apanhado numa teia irlandesa encantada e não se pudesse soltar. O eco da palavra “Molly” vinha até ele vinte vezes por dia. As vezes, diluía-se no seu próprio nome. Às vezes, tinha que ser afastado pela bebida. Qualquer que fosse esse último desafio, Roger não conseguiu quebrá-lo, de modo que Jeremy ficou fora do caminho de todos, nos Coleraine Rifles.

O Tenente Christopher Hubble, sensível a tudo que fosse bom para o condado, deu um passo, para a frente e para o centro, e partiu decididamente para uma curta, porém avassaladora conquista de Hester Glyn Gobbins, filha do Barão e da baronesa Hugh Gobbins. Roger estava encantado.

O irmão Jeremy, com um comportamento exemplar, sacou a espada da bainha para iniciar a formação de um arco de espadas para a passagem dos noivos em seu caminho para o altar.

Chris e Hester eram réplicas extremamente fiéis de um elegante aristocrático inglês e na Gweedloe House as cercas vivas estavam tão bem podadas, as rosas tão exuberantes, a casa tão enfeitada de estandartes e tão bem atendida pelos criados que o espetáculo esteve tão próximo da perfeição quanto estaria se tivesse sido realizado do outro lado do mar, na ilha principal.

Na fila de cumprimentos, os lábios de Christopher separavam-se e os dentes revelavam um sorriso amável enquanto Hester oferecia o rosto para ser beijado e repetia um sincero “mmmmugh” a todos que a beijavam. “Mmmmugh... mmmmugh.” O “mmmm” vinha com o contato e o “ugh” com o afastamento...: mmmmugh.”

Como Weed e Roger continuavam a aparecer em público com frequência, havia bem poucos rumores sobre a saída de Caroline de Londonderry. Como não se sabia de nenhuma ou de nenhum amante, pensava-se que a Condessa estava cuidando pessoalmente de seu pai.

Depois da festa nos gramados, a multidão de convidados dissolveu-se e os companheiros de brigada invadiram os bares do povoado. Caroline retirou-se para seus aposentos em Gweedloe House, onde Roger já se encontrava.

— Sinto muito por isso — disse Roger —, há um quarto de criado atrás da despensa. Vai me servir perfeitamente.

— Daremos um jeito — disse Caroline. — Na verdade, temos várias coisas a tratar. Esta pode ser uma boa hora.

— Exceto por uma reunião ou um jantar ocasional, foram dois anos. Acho que você fez um trabalho incrível com o velho Freddie. Ele parece estar muito satisfeito com o casamento.

— Chris e Hester parecem bem adequados para o que foram criados e ensinados a fazer, como bons cavalos. Espero que Hester tenha ancas para isso — disse Caroline.

Roger ensaiou um sorriso. O humor, embora negro, era bem-vindo.

— O Coronel Brodhead está muito satisfeito com o progresso de Christopher nos Rifles.

— Chris tem sido um esplêndido oficial desde os três anos de idade — retorquiu ela.

Roger conteve a ira. Caroline ergueu o telefone e comunicou-se com o aposento de seu pai. Ótimo, ele estava descansando. Por um instante, temeu que ele pudesse ter exagerado um pouco e saído para as corridas.

— Ele é como um menino — disse ela.

— Caroline — Roger proferiu num impulso. — Sinto-me terrivelmente desconfortável. Posso relaxar?

— Sim, claro.

Ele desabotoou o colete, retirou os sapatos e acomodou-se numa poltrona perto dela. Roger estava mergulhado na mais profunda preocupação e seu rosto demonstrava estar um pouco magoado, ela pensou. Ou Roger estaria fazendo um jogo? Há muito esperavam por esse encontro. Ocorreu repentinamente, mas com certeza ambos haviam ensaiado suas falas e também as respostas do outro... mas as respostas nunca eram como se achava que deviam ser.

Assim que você percebeu — disse ela — que Jeremy iria fazer seu Último Desafio, você elaborou uma pequena lista, colocou vendas em Chris e deixou que ele pegasse um nome no chapéu... um chapéu de gala dos Coleraine Rifles... e a vencedora foi Hester Glyn Gobbins.

— Culpado — respondeu Roger.

— E no próximo capítulo deveremos ver como a doce e inocente Hester Glyn Gobbins lida com os fantasmas da Mansão Hubble.

— A Mansão Hubble parece uma sepultura, não por falta de suntuosidade, mas pela ausência de sua senhora. Mandei refazer Ballystorrs para eles.

— Bem, é bom saber que se é apreciado — disse Caroline. — Já lhe ocorreu que tanto uma senhora quanto um herdeiro pudessem estar vivos e vagando por aí em algum lugar?

— Sim.

— Nunca parei de procurá-los — disse Caroline bruscamente.

Roger quase chegou ao ponto de fazer algumas perguntas. Molly ainda

estaria viva? Teve um filho ou uma filha? Alguma pista de onde poderiam estar? Mas não perguntou e, ao não perguntar, respondeu a todas as perguntas que ela não fez. Simples.

A janela de sacada, com suas antigas e grossas vidraças chanfradas, deixou entrar um repentino arco-íris de pontos alongados. Ela examinou Roger em sua postura relaxada e por um instante pareceu tomada de pena.

— O velho Roger ainda é o velho Roger — disse ele em voz sem emoção. — O monstro de Foyle, que se instalou em mim quando nasci, ainda está vivo e muito bem, obrigado. Você parece surpresa, Caroline.

— Realmente, estou.

— Desde o começo, sempre soube que o monstro estava lá e ele nunca atuou tão bem quanto na ocasião em que destinei um subsídio para meu pai e tomei o que era meu. Temos nos saído muito bem, o monstro e eu. Quando percebi que o monstro iria tomar todas as decisões por mim, disse a mim mesmo: “Bem, é isso que os bons monstros fazem.” Eu nunca tenho que escolher entre o certo e o errado. Errado é o que é ruim para o condado. Não há nenhum mal, não tenho nenhum poder. O que é certo para o condado são os lucros, o poder e a continuidade. Ah, sim, eu desprezei e questioneei a minha desumanidade toda a minha vida, mas quando se aceita que o monstro sabe o que faz, aprende-se a viver com isso. Não posso controlar o que me controla.

— Qual é o seu jogo, Roger? No momento, você parece controlar todos os varões da família, embora eu não inclua Freddie. Então, você quer que Jeremy desista de seus fantasmas e gere um futuro conde... mas o

monstro lhe diz para cobrir sua aposta e fazer com que Chris e Hester se apressem com seus deveres. Então, por que não me pede o divórcio também? Eu apostaria que você produziria uns dois belos monstrinhos próprios.

— É o seu lado que precisa de herdeiros, Caroline.

— Tenho certeza de que você sabe que foi reduzido aos limites do condado. Quero muito bem aos meus dois filhos. Daria o resto da minha vida para ver Jeremy reparar o que ele fez. Isso posto, nem Chris nem Jeremy têm nenhum futuro promissor nas Oficinas de Navios e de Ferro Weed. Terão uma boa herança, mas jamais se estabelecerão em Belfast.

— Eu não contaria com isso tão facilmente, Caroline. Nenhum homem, por mais louco que fosse, daria seu império a uma filha que já não terá mais herdeiros. Nem você irá encontrar essa criança ilegítima e criá-la como se fosse um presente do Vaticano para o Ulster.

— Muito bem, Roger. Está falando como você mesmo outra vez.

— Você e Freddie, por mais que seja forte o laço que os une, não podem quebrar a ordem humana da família. A família é mais antiga do que o condado, mais antiga do que os celtas, mais antiga do que os normandos, mais antiga do que os anglos e os saxões... mais antiga do que a humanidade... uma herança dos macacos e de antes deles, a família vem das árvores e dos dinossauros. Já viu como duas colônias de líquens em uma rocha se movem uma em direção à outra? Elas não se unem, a família forte devora a fraca. Freddie e eu estamos até aqui juntos em alguns negócios bem interessantes. Chegaremos a algum tipo de acomodação.

Chegara o momento. No entanto, Caroline não sentia nenhum prazer nisso.

— Roger, tenha a bondade de perguntar ao seu monstro se isso foi uma ameaça de chantagem.

— Experimente — sibilou ele entre dentes, pondo-se de pé.

— Sente-se, Roger — ela ordenou.

— Está me mandando...

— Sente-se e ouça-me muito, muito atentamente. A acomodação que você procura já foi feita. Você deverá abdicar do conselho diretor das Oficinas. Freddie e eu lhe daremos a escolha de comprar ou vender todas as *joint ventures*. Você terá seu condado e seus filhos.

— Está sendo ridícula, Caroline. Tente isso e eu destruirei as Oficinas de Navios e de Ferro Weed.

— Está me interrompendo, Roger.

Ele piscou e estreitou os olhos... ela estava tão calma, tão imperturbável...

— *Sir* Frederick Weed passou a propriedade e o controle das Oficinas de Navios e de Ferro Weed para sua filha estéril, Caroline. Durante décadas meu pai suportou o sofrimento de ter forçado nosso casamento. Ele o despreza completamente, apesar de suas escapadas conjuntas no contrabando de armas. Depois que sofreu o infarto, Freddie escreveu um diário e assinou e rubricou cada página. Este diário foi autenticado diante de dez membros da Câmara dos Lordes que, felizmente para você, não conhecem o conteúdo do livro.

— Isso é chantagem! Ele não pode me destruir sem também se destruir.

Ah, você nunca conheceu realmente o Freddie. Meu pai é um exímio jogador. Freddie teve inúmeros pequenos infartos desde o primeiro. Está com oitenta e dois anos e ele e eu resolvemos em conjunto que ele partirá a seu estilo, numa grande festa. Isso quer dizer que Freddie não está ligando a mínima se tudo vier a público ou não... Entretanto, Roger, esse velho monstro dentro de você deve estar lhe dizendo para pisar com cuidado, não é?

— Você é diabólica — disse ele com a voz rouca.

— O diário de papai é acompanhado de um volume detalhando suas negociatas com Maxwell Swan...

— Merda!

— Tio Max, pouco antes de morrei, fazendo um brinde ao rei com um riso maligno nos lábios, cobriu o volume com papel laranja e presenteou-o a mim em troca de uma aposentadoria de luxo e sossego na Jamaica—Caroline descontrolou-se, a voz trêmula. — Está tudo lá, o assassinato de Kevin O’Garvey, o disfarce do incêndio da fábrica e alguns outros assassinatos, subornos, pernas quebradas e motins.

— Está bem... está bem, vamos nos acalmar. A verdade, Caroline, é que, quando Freddie partir você não poderá dar continuidade às Oficinas além da duração de sua própria vida.

— Isso já foi resolvido, Roger. Estamos abrindo o capital na Bolsa de Valores de Londres.

— Está louca! Freddie está louco!

— Por favor, Roger, os convidados estão dormindo.

— Meu Deus! Sociedade anônima! Coletores de impostos rastejando sobre os livros como vermes... cada advogadinho nas Ilhas Britânicas lendo 05 seus contratos... conspirações no seu conselho diretor... subornos... corrupção... sindicatos. Um empreendimento, um condado, uma nação devem ser governados por um único líder!

— Achamos que esse homem imperial já está desaparecendo.

— Deus! Agora ouça-me, Caroline. Publique esses diariinhos sujos se ousar e eu terei coragem de denunciar publicamente você e esse seu *paddy*, Conor Larkin. Quando a turba de Orange souber sobre você e seu caipira católico trepando no celeiro, vão espalhar suas entranhas na calçada de Shipquay Street! Veja, madame, você não é tão impoluta assim!

— Sou culpada de muitas coisas, Roger, extravagâncias maiores do que as de Maria Antonieta, cegueira para uma operação de trabalho escravo, culpada de uma desprezível arrogância ao lidar com seres humanos dignos como se fossem cachorros... tudo isso... mas não sou uma criminosa. Sinto desapontá-lo, mas eu fui fiel a você. Eu não queria assim, mas Conor Larkin tinha dignidade demais, apesar de sua origem humilde, para gente como nós... assim como Molly O'Rafferty tem dignidade demais para gente como nós. Quanto à infidelidade, o Brigadeiro também me forneceu informações do seu livrinho negro... a algumas das quais você tem pago quantias exorbitantes.

Roger ensaiou alguns gestos desconexos, gritou, grunhiu, implorou. Estava cercado por todos os lados. Desabou, derrotado.

— O velho monstro está de volta à sua jaula, Roger?

— Sim — sussurrou ele.

— Você se dirigirá ao escritório de Freddie pontualmente às três da tarde amanhã. Os documentos já estão preparados. Pegue o seu maldito condado e caia fora. No futuro, rezo para que uma redenção seja possível entre mim e nossos filhos e que eu possa ajudá-los em empreendimentos que valham a pena.

Uma batida na porta foi seguida de um trio de criadas.

— Podemos preparar um banho para a Condessa?

— Sim, seria ótimo. A propósito, Sua Excelência está um pouco febril. Acha que poderiam ser arranjados um quarto e um médico para ele?

Quando saíram, Caroline levantou-se para ir para o banho, depois se virou.

— Freddie tinha razão — finalizou. — Ele disse que você tinha sangue azul demais para lutar com um lutador de rua. Quando estivessem frente a frente, você sucumbiria.

CAPÍTULO 50



ARQUIVOS SECRETOS DE WINSTON CHURCHILL

3 de outubro de 1911

Cheguei à primeira crise grave da minha carreira, exigindo de mim a mais séria decisão que se possa imaginar.

Ninguém, repito, ninguém lutou mais veementemente pelo Orçamento do Povo de 1910, um evento marcante, denotando o começo da era do direito do homem comum a um padrão de vida melhor.

Para aprovar esse orçamento, liderei a ameaça de dissolução da Câmara dos Lordes e o afastamento dos Conservadores, cuja mentalidade está embotada com *rigor mortis*. Ainda vivem na lembrança de um império de exploração e de maciços orçamentos militares.

Reuni-me com o primeiro ministro em Downing Street 10 hoje e ele me ofereceu o cargo de primeiro Lorde do Almirantado. Isso não só significa que devo abandonar minha luta por mais reformas sociais; significa uma reviravolta completa de papéis, tornando-me um líder nas forças armadas.

Asquith recusou-se a aceitar meu “não” como resposta, e foi extremamente convincente a respeito da inexorabilidade de uma guerra no continente europeu.

Como ministro, eu estaria incumbido da construção de uma armada de mil navios de guerra, a frota mais poderosa que o mundo já conheceu.

Peguei um maço de relatórios para analisar, escritos por nossos maiores especialistas das forças armadas, da inteligência, financistas, industriais, cientistas e políticos e avisei o primeiro ministro de que lhe daria uma resposta o mais breve possível.

7 de outubro de 1911

Estou dividido, completamente, terrivelmente dividido. Não há nenhuma conclusão a que um homem racional, de bom senso, possa chegar, exceto de que a guerra logo estará sobre nós e não temos como escapar dela. O império alemão está em péssimo estado, e o *Kaiser* o Estado-Maior sentem que não há nenhum modo de evitar um colapso interno senão entrando em guerra com a França e a Rússia.

O que dá um calafrio na espinha é a previsão de vítimas da guerra. Um milhão de homens de cada uma das grandes nações devem ser mortos, um mínimo de seis milhões mortos, e Deus sabe quantos feridos.

Todos os meus sonhos mais queridos da marcha do homem comum, tendo eu mesmo como líder, despedaçaram-se. Embora com grande sofrimento, não vejo outra opção senão colocar-me à disposição da Coroa.

Além da gigantesca tarefa à minha frente, esse cargo sem dúvida me fará dar um salto em direção às metas políticas que estabeleci para mim mesmo.

Meu ilustre antepassado, John Churchill, o primeiro duque de Marlborough, nunca perdeu uma batalha ou fracassou na tomada de uma sob cerco. Não alego possuir seu domínio das táticas de campo e seu empenho, mas compreendo a grandiosa estratégia que a Inglaterra deve empregar contra a Alemanha.

Quando chegar a hora, apresentarei essa estratégia e ela fascinará o ministério da Guerra.

24 de outubro de 1911

Aceitei a indicação de primeiro-Lorde do Almirantado aos 32 anos.
25 de outubro de 1911

Os conservadores e uma boa parte da imprensa estão uivando como cachorros loucos por causa da minha indicação.
Bem, veremos.

WSC

CAPÍTULO 51



As previsões do falecimento de *Sir Frederick Weed* dentro de pouco tempo não se concretizaram. Ele retornou com toda energia, determinado a colocar seu império novamente em ordem. Weed voltou-se primeiro para seus próprios escalões, vasculhando-os à procura de capatazes, gerentes, executivos capazes de pensar em termos de século XX. Os que não pode encontrar ele procurou e roubou de seus concorrentes. Um mago das finanças do Banco da Inglaterra entrou para o conselho diretor como algumas das mentes mais brilhantes das Ilhas Britânicas. A única coisa que Freddie questionava era por que não fizera isso anos antes.

No começo, houve uma série de piadinhas e sinais de desdém nos corredores do poder. Logo ficou evidente que Caroline Hubble herdara as qualidades do pai para a condução dos negócios. As risadinhas estancaram-se prontamente quando Caroline tomou seu lugar na outra ponta da longa mesa, de frente para seu pai.

O dia em que Caroline convocou e conduziu sua primeira reunião executiva demonstrou mais uma de suas habilidades. Caroline, obviamente, tinha a qualidade de extrair o melhor que uma pessoa tinha a oferecer. Ela uma vez não ajudara a criar uma obra-prima através de um ferreiro rústico?

A construção naval agora andava a um ritmo vertiginoso, além de sua capacidade. Belfast zumbia com a oferta de empregos e altos salários. Com seu novo pessoal tomando decisões difíceis, Weed pode reduzir seu próprio papel a uma ou duas horas por dia, em geral sem sair de Rathweed Hall.

O escritório londrino das Oficinas de Navios e de Ferro Weed, com sua proximidade do âmago do governo e do mundo financeiro, tornou-se tão vital quanto a própria Belfast. Freddie lutara a vida inteira para manter Caroline no Ulster. Agora, podia conceder-lhe o privilégio de Londres.

Ela assumiu a ponta londrina da operação, eliminou três décadas de ferrugem e, sim, floresceu fora da paisagem da Irlanda, como sempre acontece quando alguém se liberta do cativo.

A casa londrina de Caroline era de bom gosto e elegante, mas não alardeava riqueza. A informalidade era assegurada por sua localização em Chelsea, em meio a seus amigos mais próximos — atores, escritores, artistas, professores e toda espécie de pessoas independentes, incomuns, divertidas. Era a casa que nunca tivera no museu de mármore que era Rathweed Hall ou no antigo castelo dos Foyle. Tornou-se uma força nas artes e envolveu-se pesadamente na política do Partido Liberal.

Há muito imbuídos da política míope e brutal do Ulster, os Liberais foram mais um descanso do cemitério de Belfast. Os salões de Caroline tornaram-se um oásis para suas reuniões.

Seu favorito era um sujeito peculiar, Winston Churchill. As qualidades que Caroline identificara nele da distante Londonderry começaram a fruir. Ela passou a ser um de seus poucos confidentes, particularmente em questões irlandesas. Na verdade, Winston procurou-a com seu dilema antes de aceitar o cargo de ministro.

Frederick Weed sabia que, se ele se opusesse demais à casa transbordante de Liberais de Caroline, poderia ter um ataque cardíaco. Por outro lado, também já aprendera em seus oitenta e tantos anos que Caroline não podia ser detida. Não havia nenhuma possibilidade de mudar suas tendências infantis, boêmias, bolcheviques.

Caroline entrou graciosamente na meia idade. O que se perdera de sua beleza estonteante fora substituído por uma graça tranquila, sabedoria e uma aura de grandeza que geralmente só se adquire através da tragédia. Supervisionar um poderoso complexo industrial e manter-se completamente feminina era talvez sua característica mais cativante.

Seu nome em Londres tomou-se ligado a Gorman Galloway, um indomável anglo-irlandês da outra religião, preso a um casamento infeliz que não podia ser desfeito, como Caroline. Sua mulher vivia em Dublin e seus filhos, todos pedras preciosas irlandesas, estavam sempre entrando e saindo.

Galloway em geral era absolutamente sensato, mas às vezes puramente um louco irlandês, sempre espirituoso, um ator, produtor, diretor e um excelente escritor. Zombando de todos os partidos políticos, escrevia crônicas sociais magníficas e devastadoras, em geral impiedosas, sobre os imperiais seguidores da Union Jack.

Gorman era um sujeito extremamente divertido, com um séquito de adoradores a seus pés. Embora informalmente ligados, ele e Caroline eram

vistos como um casal com um certo compromisso, apesar do fato de Gorman entregar-se a tremendas farras que o viam acordar em Cork ou liderando um comício pelo voto feminino em Bristol.

Os encontros de Caroline com Roger eram felizmente reduzidos ao mínimo indispensável. Ela já abandonara qualquer fingimento de um casamento bem sucedido ou adequado, sendo poderosa e independente demais para se deixar abater por mexericos ou maledicências. Livre de sua eterna luta com Freddie por igualdade, livre dos anos de encargos com Roger e finalmente em paz com seu amor impossível por Conor Larkin, Caroline sentia-se solta e feliz, mas sempre consciente de que a alegria podia se esvaír num segundo.

Hester, apesar de sua insipidez, tornou Christopher mais aceitável. Caroline compadecia-se de Hester e de sua impossibilidade de engravidar. Suas visitas eram formais e de duração apropriada e sua conversa convencional, sem polêmicas.

Quando Caroline subitamente apresentava aquele ocasional ar de uma tristeza terrível, terrível, era por causa de um de dois homens... Conor Larkin ou Jeremy Hubble. Jeremy ainda era um subalterno nos Coleraines e tornara-se muito irlandês em seus hábitos de bebidas e ainda pior em autocomiseração.

Caroline procurara Molly O'Rafferty incansavelmente, uma busca mantida acesa pela mais leve pista, que sempre se mostrava infrutífera.

Caroline sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que dar o primeiro passo em relação a Jeremy. O que ela realmente queria era que ele se unisse à sua busca. Queria que Jeremy finalmente agisse como um homem e se empenhasse em encontrar esse seu filho ou filha. Enquanto ele passasse a vida bebendo, ela não o procuraria.

A residência de Caroline em Chelsea tornou-se um redemoinho de ocasiões excitantes, conforme os Liberais sopraram os ventos da mudança, tentando desestabilizar o sistema de classes britânico. O centro do alvo eram os poderes hereditários censuráveis investidos na Câmara dos Lordes. Bem, a Câmara dos Lordes não destituiria e abandonaria seus próprios privilégios, finalmente, os Liberais apresentaram um plano. Se os poderes dos Lordes não fossem cerceados, os Liberais criariam centenas de novos títulos de nobreza e dobrariam o tamanho da Câmara dos Lordes.

Confrontados com o fantasma ignóbil de um lodaçal de pessoas comuns das ruas nomeadas para a aristocracia, os Lordes cederam. Daí para

a frente, se um projeto de lei passasse nos Comuns e fosse rejeitado pelos Lordes, os Comuns tinham o direito de passá-lo duas vezes. Se os Lordes o rejeitassem uma segunda vez, os Comuns poderiam passá-lo uma terceira vez, e o projeto automaticamente se transformaria em lei.

Nesse saco de gatos político vieram os últimos estertores de John Redmond e seu Partido Irlandês. O primeiro-ministro Asquith, Lloyd George, Winston Churchill e o Partido Liberal não davam realmente a mínima sobre um governo irlandês para a Irlanda. Ainda assim, precisavam do Partido Irlandês em sua coalisão se quisessem permanecer no poder e assim dar à sua Lei de Home Rule uma sinceridade ambivalente.

A terceira Lei de Home Rule irlandesa era inócua. Com ela, os irlandeses poderiam sinalizar as estradas, erigir clínicas para doentes mentais, guardar riachos de pesca e podar cercas, mas, quando se tratava de assunto sério — defesa, coleta de impostos, lealdade à Coroa e um lugar entre as nações —, a Inglaterra continuava soberana. Soberana de tal forma que qualquer legislação passada por um Parlamento de Dublin poderia ser anulada pela Câmara dos Comuns.

Essa legislação era o mais débil dos gestos simbólicos, mas Redmond precisava desesperadamente desse gesto. O Partido Irlandês de Redmond estava muito desacreditado e poderia perder fragorosamente do Sinn Fein nas próximas eleições.

Apesar do fato de que a Lei não representava nenhuma ameaça real aos Unionistas do Ulster, as meras palavras Home Rule eram o suficiente para abrir a caixa de Pandora.

No começo de abril de 1912, os partidos Liberal e Irlandês aprovaram a Terceira Lei de Home Rule na Câmara dos Comuns por 110 votos.

Em abril de 1914, a Câmara dos Lordes rejeitou a Lei de Home Rule irlandesa por 326 votos contra 69.

Os Liberais indicaram uma segunda apresentação da lei nos Comuns mais tarde naquele mesmo ano, mas do outro lado do mar o Ulster protestante estava num frenesi. Tendo anteriormente assinado seu Ato de União, em geral com sangue, a província explodiu em violentos motins de ponta a ponta. À medida que o protesto protestante bateu nas praias da Inglaterra, o Partido Conservador apossou-se da questão, pressentindo que qualquer medida anti-irlandesa ganharia popularidade.

Os protestos, bem financiados pelo Ulster, varreram a Inglaterra, o País de Gales e a Escócia. Os conservadores colocavam lenha na fogueira, acenando com a meta de derrubar o governo Liberal.

Inspirado por isso, Rudyard Kipling escreveu um novo poema heróico, logo decorado e recitado com fervor por toda criança de escola protestante nas Ilhas Britânicas.

*Sabemos que a guerra está preparada
Contra todos os lares pacíficos.
Sabemos que os infernos condenaram
Todos que não servem a Roma
Terror, ameaças e medo
Na feira, no urzal, no campo
Sabemos que, ao fim de tudo.
Morreremos se cedermos.
É preciso crer que não alardeamos,
É preciso crer que não temos medo.
Estamos prontos a pagar o preço
De tudo que é caro aos homens.
Que resposta vem do Norte?
Uma Lei, uma Terra, um Trono.
Se a Inglaterra nos impele,
Não iremos cair sozinhos.*

O Ulster Orange declarara guerra a tudo que estivesse ao alcance de um tiro: católicos irlandeses, Liberais, muitos dos seus e certamente todos que discordassem deles.

Para Roger Hubble, o 14º conde de Foyle, era hora de entrar em ação. Armado de um amplo mandato, Roger reativou suas conexões em Belfast. Em questões de Unionismo, Roger e *Sir* Frederick ainda eram aliados. Trazendo quatro dos mais poderosos unionistas da província, juntamente com alguns oficiais militares de alta patente do Ulster, foi tramada uma série de ataques, cada qual aumentando a aposta contra o governo inglês.

A Milícia do Ulster, até então não inteiramente legal, saiu a público para recrutar homens, depois de um apelo público do próprio *Sir* Frederick. Mal as palavras acabaram de sair de sua boca e um porta voz de 170 clubes Unionistas e lojas Orange, com um quadro de 17.000 homens em idade

militar pediram para alistar todos os seus membros no instante em que a porta da milícia se abrisse.

Lorde Roberts, o General-comandante das forças na Índia, apresentou seu pedido de demissão, provavelmente para assumir o comando da milícia.

Determinados oficiais britânicos aposentados foram contratados para formar quase um exército, com transporte, corpo médico, unidades de inteligência, comunicações e tudo o mais que a milícia precisasse.

Sir Frederick foi bombardeado com perguntas em uma entrevista coletiva. Não se trata de um exército particular pertencente a um partido político? É leal à Coroa? É legal?

— A Milícia do Ulster — disse *Sir* Frederick insolentemente — pode ser ou não ser legal, dependendo do ponto de vista. Nosso compromisso é apenas continuar a manter a liberdade do Ulster como parte do Império Britânico. Isso é legal! Além do mais, atiraremos em qualquer um que nos negar nossa herança inglesa.

— Isso significa que a milícia atirará em soldados britânicos? — perguntaram-lhe.

— Meu senhor, nenhum soldado britânico atiraria num parente seu do

Ulster. Qualquer um que lhe ordene isso é um traidor!

Na Inglaterra, os conservadores apegaram-se à palavra traidor... e os liberais apressaram-se a organizar-se contra o próximo ataque, com receio cair por não serem capazes de governar a nação.

Com os Liberais na defensiva, a coalizão conservadores-unionistas continuou a pressionar audaciosamente.

O que era surpreendente era a civilidade com que *Sir* Frederick podia trabalhar com seu detestado genro em questões unionistas. Roger havia arquitetado um cenário que, se bem-sucedido, poderia muito bem ser o golpe final em Asquith.

Era uma conspiração de incrível delicadeza.

O agora Brigadeiro Llewelyn Brodhead comandava o Acampamento Bushy no plácido cenário onde o rio Shannon se abria no lago Ree. O Acampamento Bushy era a principal guarnição do Ulster. Brodhead era a encarnação do Ulster imperial. Seu hálito, sua carne, tudo que ele era e tudo que era dele pertenciam ao Império.

O Brigadeiro e Lorde Roger eram amigos de longa data, do tipo que sempre deviam favores um ao outro. O Castelo de Lettershambo, o arsenal da milícia de legalidade questionável, tornou-se completo sob a proteção de Brodhead e com a cooperação de Roger no contrabando de armas.

Roger providenciou para que o Brigadeiro ficasse por dentro de uma série de “boas apostas” com seu informante.

As principais tropas de Bushy eram os King’s Midlanders, mas os Coleraine Rifles também estavam incluídos. Quando Roger exilou Jeremy para os Rifles, Brodhead assegurou-lhe que manteria o rapaz sob controle e longe de confusões, o que fez.

Quando Christopher foi para os Rifles, foi designado para promoção rápida e tornou-se um estreito colaborador de Brodhead. Chris estava tendo problemas em engravidar sua mulher e foi-lhe concedido todo o tempo de folga que precisasse para realizar a antiga tarefa.

Com Brodhead e o Capitão Christopher Hubble no esquema, Lorde Roger entrou em contato com Weed para marcar uma reunião secreta e levar três ou quatro companheiros que pudessem contribuir com grandes somas de dinheiro.

Quando Roger apresentou seu plano, dezenas de milhares de libras foram colocadas no centro da mesa. Seu principal negociante alemão de armas comprara um carregamento de armas pesadas para a milícia e dois navios de novecentas toneladas. Isso fora feito com a colaboração e a assistência do governo alemão, atento a tudo que pudesse desestabilizar a Irlanda ou causar constrangimento ao governo britânico.

O navio estava em uma doca de Hamburgo com seu navio irmão vazio no molhe seguinte, para ser usado como disfarce. Foi espalhada uma história de que os dois navios se destinavam ao México, onde o ditador deposto, Diaz, planejava um golpe de Estado.

É aí que entra o Capitão Christopher Hubble, em roupas civis, mas louro, ereto, correto, bem arrumado, de bigodes, o verdadeiro modelo do homem do Império.

Christopher partiu com uma tripulação alemã sob a bandeira alemã, mas em vez da rota usual pelo mar do Norte, desviou-se para o canal Inglês e subiu para o mar da Irlanda, onde o navio passou a ser acompanhado por um contratorpedeiro inglês.

O navio irmão seguiu no rastro, depois trocou de posição com o navio das armas no meio da noite. O Capitão do contratorpedeiro inglês,

que fazia parte do plano, deliberadamente seguiu o navio errado.

O navio de Christopher atravessou o canal do Norte que separa o Ulster da Escócia. Nas ilhas Rathlin, a tripulação alemã foi substituída por uma tripulação da Milícia do Ulster. Içaram a bandeira da milícia e em plena luz do dia navegaram pelo lago Foyle até Londonderry.

Perguntas urgentes do Almirantado e do Ministério da Guerra para o Acampamento Bushy permaneceram sem resposta enquanto o navio de armas era descarregado em um trem de carga que estava à sua espera e que rapidamente transportou as armas para a segurança do Castelo de Lettershambo.

Christopher Hubble foi levado às pressas de volta para o Acampamento Bushy para os tapinhas nas costas e as piscadelas dos oficiais que estavam a par do plano e para um coro sussurrado de “muito bem.

Asquith ordenou que fosse mantido absoluto segredo sobre a área enquanto o gabinete entrava em sessão de emergência. O Brigadeiro Brodhead empertigou-se para receber o golpe. Dois dias depois do descarregamento, uma mensagem pessoal foi entregue ao Brigadeiro Brodhead por um chefe de operações assistente, assinada pelo primeiro-ministro.

Brodhead recebeu ordens de colocar os King's Midlanders e todas as unidades vinculadas, inclusive os Coleraine Rifles, em alerta de 24 horas. Todas as licenças foram canceladas e todo o pessoal mantido na base.

PRONTIDÃO PARA ENTRAR NO
ULSTER COM O PROPÓSITO DE
OCUPAÇÃO MILITAR E FRUSTRAR
UMA CRESCENTE REBELIÃO DA
MILÍCIA DO ULSTER. TODOS OS
PORTOS, ESTAÇÕES
FERROVIÁRIAS, ARSENAIS,
INCLUSIVE DO CASTELO DE
LETTERSHAMBO, FÁBRICAS DE
ARMAMENTOS, PONTES,
DEPENDÊNCIAS DE UTILIDADE
PÚBLICA E OUTRAS INSTALAÇÕES
RELACIONADAS DEVEM SER
GUARDADAS COM A

COLABORAÇÃO DA POLÍCIA REAL
IRLANDESA. FAÇA PLANOS
IMEDIATOS PARA DECRETAR
TOQUES DE RECOLHER EM TODAS
AS CIDADES.

TODAS AS TROPAS DEVERÃO
ESTAR A POSTOS PARA O
COMBATE. SE A MILÍCIA DO
ULSTER OU QUALQUER DE SUAS
UNIDADES OFERECEREM
RESISTÊNCIA, AS TROPAS TÊM
PERMISSÃO PARA ABRIR FOGO
EM RESPOSTA.

O ato final da conspiração Weed-Hubble-Brodhead desenrolou-se. O Brigadeiro Llewelyn Brodhead apresentou sua demissão e convocou o Capitão Christopher Hubble a seu gabinete. Christopher, sentindo-se um herói, afixou sua assinatura logo abaixo da assinatura do Brigadeiro. Dentro de uma hora todos os oficiais do Coleraine Rifles, exceto o subalterno Jeremy Hubble, se haviam igualmente demitido.

Foi um gigantesco alívio. Agora, pelo menos, se o Brigadeiro e o Capitão tivessem que enfrentar o pelotão de fuzilamento, teriam companhia.

Pela manhã, todos os oficiais dos Kings Midlanders e de todas as outras unidades no Acampamento Bushy se haviam demitido. Jeremy cedeu, como fizera quando abandonou Molly.

No momento, o segredo foi mantido, mas o que o gabinete estava vendo era uma flagrante insubordinação!

CAPÍTULO 52



A escrivanhinha do escritório londrino de Caroline não estava nem abarrotada de papéis e quinquilharias nem absolutamente imaculada, exceto por uma única rosa. Estava limpa para a ação como o convés de um navio de guerra, enquanto ela se concentrava em três grossos relatórios, o nariz equilibrando os óculos do mesmo modo que seu pai.

Chalmers, seu principal consultor financeiro, e MacGregor, o mais importante engenheiro de seu pai, estavam ambos cheios de suposições a respeito do lance ousado que Caroline pretendia colocar em pauta para o futuro.

Como muitas outras instalações industriais, as das Oficinas de Navios e de Ferro Weed estavam operando no limite de sua capacidade e, para dar conta de novas encomendas, alugava velhas instalações ou consertava outras abandonadas.

Caroline estava optando por um estaleiro inteiramente novo ao norte de Belfast. A vizinhança de Larne seria perfeita.

A visão de Caroline originava-se no fato de que logo haveria uma guerra. Essa guerra acabaria. Quando acabasse, a construção de navios e outros produtos de guerra estancaria subitamente. Enquanto os outros industriais das Ilhas Britânicas entrariam em recessão, Caroline estaria traçando o futuro.

As coisas tornam-se obsoletas durante uma guerra, elas são destruídas, a falta de muitos produtos cresce e a guerra propicia o surgimento de toda espécie de invenções que podem ser usadas em tempos de paz.

Caroline colocou uma equipe trabalhando para pesquisar como as Oficinas de Navios e de Ferro Weed poderiam fazer uma rápida conversão pós guerra. As instalações de Ume, se fossem construídas, permitiriam uma reviravolta instantânea para produtos civis. O ônibus iria substituir muitos trens como meio de transporte de passageiros. Milhares de vagões ferroviários precisariam ser substituídos. Sua relação de produtos ia do menor ao maior item.

Caroline gostava principalmente das possibilidades futuras do avião. Seu potencial de crescimento como meio de transporte civil era espantoso, assim como a construção futura de aeródromos. As Oficinas, se o planejamento continuasse atento aos seus objetivos, galgariam uma posição sem precedentes nas Ilhas Britânicas.

Larne era um projeto digno de seu velho pai, sem dúvida, mas apresentava as usuais desvantagens do Ulster. A região era a mais pura fortaleza Orange. No momento, todos tinham emprego. Se novas instalações fossem abertas em Larne agora, atrairiam um fluxo de católicos em busca de empregos e sem dúvida causaria atritos futuros.

Chalmers e MacGregor argumentavam que os homens que retornassem a Larne da guerra iriam encontrar o local apinhado de católicos, donos de todos os empregos.

O que exasperava Caroline era ver que a população leal tinha que ser atendida primeiro. Tinha que haver um meio de dar paridade aos católicos ou os ciclos de medo e revoltas nunca teriam fim. E sabia que estava certa com respeito ao futuro da aviação. Outras áreas foram consideradas, mas a maioria estava fora do Ulster e esse era o argumento contrário mais sagrado de todos.

— Quero que inspecionem o condado de Down de ponta a ponta. A península Newronards pode ter tudo de que precisamos, inclusive falta de indústrias e uma população local católica e desempregada. Quero tudo apresentado e pronto em um mês.

Chalmers e MacGregor trocaram expressões de “ah, meu Deus”. Ela era tão dura quanto seu pai. Enquanto reuniam seus papéis da mesa, o secretário de Caroline entrou e ficou aguardando à porta. Fechou-a atrás dos dois homens quando estes saíram.

— O que foi, Lawrence? — perguntou Caroline.

— Winston Churchill está aqui. Levei-o para a sala de reuniões.

— Vá buscá-lo, Larry, e não estou para ninguém nem para nada.

— Sim, *m’Lady*.

Caroline levantou-se de sua cadeira estofada e insistiu para que Churchill a usasse, indo sentar-se na ponta da escrivaninha. Winston podia usar a expressão de um jogador de pôquer com a mais poderosa das pessoas, mas a cor desaparecera de suas faces e o homem que raramente demonstrava qualquer sinal de cansaço parecia exausto.

— Está bem instalado aqui, Winston? — perguntou ela.

— Está sozinha? Tem uma linha telefônica segura para *Sir* Frederick em Belfast?

Caroline assentiu.

— Tenho.

— Pode entrar em contato com ele rapidamente?

— Conversamos hoje de manhã. Ele deverá estar em Rathweed Hall toda a tarde.

— Ele poderia tomar uma decisão imperiosa em questões da Milícia do Ulster em que Lorde Hubble, Lorde Greystone, *Sir* Martin Bickford e Henry Wallaby também estão envolvidos?

Acredito que sim, mas não posso lhe dar absoluta certeza.

Instrua seu secretário para colocar *Sir* Frederick na linha. Ele pode tentar contatar os demais nesse ínterim, portanto faça com que permaneçam em um lugar onde ele possa alcançá-los.

— Edward Carson não deveria participar do que quer que seja que você está prestes a jogar sobre mim?

— Não, Carson foi deliberadamente excluído de toda a operação a fim de protegê-lo. Jamais ligaremos Carson a isso.

— Meu Deus, o que está havendo, Winston?

— Uma conspiração diabólica está se desenvolvendo. Um navio alemão de mil toneladas carregado de armas pesadas alemães, artilharia, munição, *et cetera, et cetera*, rumou direto para o Ulster. Nosso contratorpedeiro Battersea seguiu-o como um engodo. Acreditamos que o comandante do Battersea esteja envolvido no complô. De qualquer forma, o navio com o carregamento de armas entrou no lago Foyle com a bandeira da Milícia do Ulster e descarregou nas docas de seu marido em Londonderry. As armas foram transferidas para um comboio de vagões de carga, depois levadas para o Castelo de Lettershambo em plena luz do dia.

Caroline soltou um longo suspiro. Ah, por que amava seu pai tão apaixonadamente?

— Tem razão, parece coisa de Freddie e Roger. Bickford, Wallaby, Greystone, todos sócios fundadores do clube da velha guarda. Sim, eles poderiam fornecer essa quantidade de dinheiro. Diabos, Winston, não teriam feito algo tão espalhafatoso se não tivessem certeza de que não seriam punidos. O modo como têm mantido os ingleses dispostos à luta nos últimos três meses sem fazer nada para impedi-los, era de se esperar que algo assim acontecesse.

Churchill tamborilou o dedo elegantemente na escrivaninha e abaixou os olhos.

— Ainda não está totalmente certo, Caroline, mas parece que seu filho, Capitão Christopher Hubble, conduziu o navio.

Após o primeiro lampejo de terror, veio uma onda e mais outra. Deu um salto de sua cadeira e ficou murmurando a deuses que não a ouviam. Quando se acalmou, medo e confusão se misturaram numa torrente.

— Ele está preso? — conseguiu finalmente perguntar.

— Bem, sem dúvida o pai e o avô do rapaz providenciaram para que ele fosse encoberto... se realmente foi Christopher. O contrabando de armas foi apenas uma etapa do plano.

Caroline compreendeu que iria ser uma hora muito difícil. Fez o que foi preciso para clarear a mente e pediu-lhe que continuasse. Winston pediu licença para acender um charuto e ela sorriu.

— O objetivo dessa movimentação é armar uma armadilha para os Liberais. Por insistência minha, Asquith emitiu uma ordem de que as forças no Acampamento Bushy, principalmente os Midlandders e os Coleraines, fiquem de prontidão para ocupar instalações vitais e declarar o Ulster sob lei marcial.

— Eles estão jogando duro — disse ela.

— Ah, sim. O Brigadeiro Brodhead obviamente estava metido nisso desde o começo.

— Faz sentido. Roger e Freddie tomaram-no rico com propinas, para não falar do fato de que ele é pré-Neanderthal quando se trata do Império.

— Continuando — disse Churchill —, Brodhead não só se recusou a obedecer a ordem, mas apresentou sua demissão e obteve a demissão de todos os cento e cinquenta e poucos oficiais do Acampamento Bushy.

— Isso é um completo motim.

— Temos algum tempo para resolver as coisas. Bushy está incomunicável e até agora nada recebemos sobre as demissões.

— E essa é a minha família, os homens da minha vida. Não são normais quando se trata do Ulster. Se você e eu tivéssemos essa conversa no final deste século, eles continuariam a marchar pelas mesmas avenidas, batendo os mesmos tambores *lambeg* e beijando a mesma Union Jack. Você conhece seu *Rei Lear*, Winston. O Ulster está possuído. Estão na estrada há muito tempo para poder voltar. Têm que continuar em frente até a vitória ou

a destruição. Ainda que meus dois filhos estejam envolvidos, você tem que mandar prender todo esse bando e levá-los à corte marcial. Desculpe-me, Winston, mas é a única maldita coisa que podem compreender.

Permaneceram em silêncio por algum tempo. A indignação de Caroline aumentava. Meu Deus, eles seriam capazes de derrubar o Império para salvar sua imunda provinciazinha.

— Nossa reação também foi atirá-los na prisão, mas nada é tão simples assim. Caroline, eu lutei durante toda a minha vida política para reduzir os obscenos gastos militares. Até agora, o momento mais difícil de minha vida foi, como você sabe, quando me convenci de que haveria uma guerra e aceitei o posto de primeiro-Lorde do Almirantado. Mas o Ministério da Guerra e o Almirantado têm memória comprida e odeiam o Partido Liberal por estancar a corrida armamentista e por tentar implantar programas de justiça social para o povo em substituição à ganância imperial deles.

Sua voz tornou-se baixa e trêmula.

— A verdade, *m'Lady*, é que provavelmente a maioria dos generais e almirantes está secretamente aplaudindo Brodhead. Usando nossas melhores e mais confiáveis fontes, inclusive o grupo Staines, entre um quarto e um terço de todo o corpo de oficiais é capaz de pedir demissão em protesto, se prendermos o bando de Bushy. O que acha dessa chantagem à beira de uma guerra?

Caroline riu, forçada a ver o humor da situação.

— Que melhor hora para chantageá-lo? Quais são suas opções? — perguntou, unindo-se a ele.

— Se fingirmos não ver e permitirmos que a milícia se transforme num exército particular e nos permitirmos ceder à chantagem por nossas próprias forças armadas, não poderemos mais governar o país.

— É exatamente isso que os conservadores querem — disse ela.

— É até mais perigoso do que isso, Caroline. Uma vez que os militares souberem que podem intimidar os Comuns e fazer o que bem entendem, inclusive rebelião e traição, presenciaremos um novo colonialismo voraz depois da guerra que irá ameaçar nossa democracia. Quando os generais tiverem a noção de que podemos ser dominados, vamos acabar parecendo uma república latino-americana.

— Receio que os malditos conservadores gostariam disso.

— Vamos especular um pouco mais — disse ele. — Se detivermos os amotinados, assumirmos os cortes profundos em nosso corpo de oficiais às vésperas de uma guerra, perderemos a confiança de nossos aliados. Esses países que estão em cima do muro, em particular a Itália, certamente irão para o lado alemão. Quando o alto comando alemão souber deste motim, vai entrar num êxtase digno de uma orgia do Valhalla.

Caroline inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e tentou absorver a enormidade do que estava acontecendo. A turma de Freddie tinha que estar dançando nas nuvens para ser tão impetuosa, tão audaciosa, tão demoníaca.

— O que faremos, Winston?

— Acabei de me reunir com os conservadores. Eles estão neste momento considerando nossa posição, ou seja, não seremos destituídos do poder por esse truque nem entregaremos a Inglaterra a uma junta militar. Nós, Liberais, pretendemos, eu os avisei, continuar no poder e liderar esta nação quando ela for à guerra.

Winston grunhiu umas risadinhas ao lembrar-se da reunião.

— Foi com Bonar, Law e Balfour. Deixei absolutamente claro que plano tresloucado iria explodir bem na cara deles. O Partido Liberal assumiu o poder pelo voto de uma maioria de ingleses bons e firmes. O que os conservadores fariam? Culpar metade do país pela perda de seus oficiais? Realmente, tive muita vontade de deixar o povo decidir quem eram os vilões nessa história. No final, acredito piamente que eles teriam que assumir a culpa por enfraquecer nossas forças armadas.

— Você leva a manobra política à categoria de uma arte.

— Isso só pode ser feito se você acreditar em si mesmo. Eles resolveram ouvir um plano sensato que vai salvar a reputação deles e acalmar os ânimos.

— E agora você precisa da concordância de Freddie e seus comparsas.

— Isso mesmo.

— Por favor, continue.

— Aceitamos que as armas em Lettershambo pertençam à milícia e que a milícia tenha uma espécie de *status* legal. Rescindiremos a ordem para que os Midlandders e os Coleraines ocupem o Ulster e cuidaremos das demissões.

Caroline tomava notas apressadamente, perguntando-se se aquilo não seria uma capitulação total com outro nome. Não, era apenas Winston cuspidando os caroços da fruta amarga da concessão.

— Para continuar, retiraremos a principal causa de irritação unionista, a Lei de Home Rule. Redmond e o Partido Irlandês concordaram em engavetar a lei enquanto durar a crise e, em caso de guerra, mantê-la engavetada até que tal guerra esteja terminada — disse ele.

— O que John Redmond dirá ao povo irlandês?

— Bem, nós lhe faremos um agrado. Permitiremos que os irlandeses do sul formem um Exército Irlandês semelhante em estrutura legal à milícia. Todo mundo no Ulster sabe que os irlandeses jamais poderiam reunir a quinquagésima parte da força da milícia. Não deverá constituir um problema com o seu pai.

— Mas esse não será o fim de Redmond, abrindo mão da autonomia da Irlanda em troca de alguns guardas?

— E isso realmente importa, Caroline? Esses arruaceiros do Sinn Fein estão prontos a correr e preencher o vácuo deixado pelo falecido Partido Irlandês. O que importa para nós é adiar toda a questão irlandesa, tirá-la de nossos ombros e permitir que possamos conduzir a guerra sem brigas em nossa própria cozinha... usar tropas irlandesas... tropas do Ulster para nossos próprios objetivos de guerra. Trataremos da questão irlandesa depois da guerra. Isso é o que Redmond pode nos oferecer agora.

Caroline tirou o fone do gancho para ligar para seu pai em Rathweed Hall, repassando cuidadosamente os argumentos de Churchill.

Weed digeriu-os atentamente. A única negativa parecia ser a formação de um exército nacional, mas isso era apenas um detalhe. Destituir os Liberais do poder foi um ponto contornado e evitado.

— Acho que não posso vender essa ideia — disse Freddie. — É uma manobra de Churchill, Caroline.

— Espere um momento, papai.

Quando Caroline expôs o ultimato de Freddie, Churchill sorriu. Retirou uma única folha do bolso do paletó e colocou-a na mesa diante de Caroline.

Quando Caroline a leu para seu pai, compreendeu que os Liberais não só iriam renunciar, mas que os conservadores e os unionistas teriam que arcar com as consequências. Os Liberais estavam dispostos a correr o risco da calamidade, mas nem se passaria uma hora depois da decisão e o Partido

Conservador teria que explicar a perda do seu corpo de oficiais para o povo também. Teriam estômago para isso? Ou... Churchill estaria blefando?

A ordem que Caroline leu para seu pai determinava que três divisões das tropas partissem da Inglaterra para a Irlanda imediatamente, naquele mesmo dia, tomassem o Acampamento Bushy, prendessem os oficiais que haviam se demitido e os processasse por motim e traição.

Além disso, qualquer oficial inglês que apresentasse sua demissão em solidariedade também seria tratado como rebelde.

Em terceiro lugar, o Ulster deveria ser colocado sob lei marcial com toque de recolher do pôr do sol ao amanhecer.

Caroline leu a ordem mais uma vez, vagarosamente.

— Ele está blefando — disse Weed.

— Devo considerar isso uma resposta negativa, Freddie?

— Espere um pouco.

Silêncio... conversas abafadas ao fundo... imprecações... silêncio.

— O que acha, Caroline?

— Não há alguma coisa na mitologia ou algo assim que diz que eu sou apenas o mensageiro?

— Eu ligarei de volta para você — respondeu Weed.

Churchill sacudiu a cabeça com um não definitivo, guardou a ordem no bolso e levantou-se para sair.

— Isso não pode esperar — disse Caroline rapidamente.

Silêncio... imprecações abafadas.

— E uma maldita chantagem! — gritou Weed.

— Freddie, Churchill acaba de sair do meu escritório.

— Bem, agarre o filho da puta antes que ele deixe o prédio e diga-lhe que o acordo está feito!

— Lawrence! Vá ao enalço do Sr. Churchill e traga-o de volta imediatamente.

— Sim, *m'Lady*. Ele está esperando o elevador... Sr. Churchill! Sr. Churchill!

Quando Winston reapareceu, Caroline ergueu o polegar em sinal positivo.

— Papai, está na linha?

— Onde acha que eu posso estar?!

— Quero que se mantenha calmo, tome seu remédio e chame o Dr. Symmons. Pegarei o trem noturno e estarei em Belfast pela manhã.

— E para quê? Não preciso de comunistas na minha casa!
— Acontece que eu o amo, papai. Agora, quer se acalmar?
Uma pausa petulante.

— Será muito bom vê-la — disse Weed. — Faz quinze dias e tenho sentido sua falta.

A revolta do Acampamento Bushy dissolveu-se juntamente com todos os registros das demissões, os irlandeses teriam um exército nacional, a milícia ficou de posse de um arsenal no Castelo de Lettershambo suficientemente grande para conquistar um continente, a Lei do Home Rule foi colocada no arquivo morto, talvez para sempre, e a serenidade voltou a imperar no país.

Quando a guerra no continente se aproximava, os Bálcãs explodiram no que aparentemente era um preâmbulo do grande espetáculo. Churchill achou que era uma boa hora para ir ao Ulster e aplacar os ânimos.

Eles realmente sofriam uma sensação de isolamento lá e Winston podem promover o tema da unidade como seu pai fizera há 34 anos.

Sendo o político astuto que era, Winston, como primeiro-Lorde do Almirantado, poderia fazer uma turnê de discursos pela província depois de uma bem sucedida reunião em Belfast.

Caroline Hubble, um dos poucos Liberais importantes do Ulster, tornou-se uma das patrocinadoras de Churchill, embora o tivesse aconselhado a não fazer a viagem. Disse-lhe mais uma vez que se discutissem a mesma coisa no final do século, os unionistas não teriam arredado um milímetro de sua posição. Churchill, vendo grandes dividendos políticos futuros através de uma convocação à unidade, não acatou seu sábio conselho.

Quando a barca de Churchill atravessava o mar da Irlanda, Weed convocou a imprensa.

— É lamentável que esse homem, Churchill, venha deliberadamente a esta cidade leal para proclamar as ideias de John Redmond, abraçar a traição e desonrar a mesma plataforma que seu querido pai, Randolph, defendeu tão gloriosamente em nome de nossa liberdade — disse *Sir* Frederick.

Um repórter perguntou a Weed se o Partido Liberal tinha ou não o direito de livre expressão em Belfast.

— A livre expressão — retrucou Freddie — não se estende ao vira-casaca. Winston Churchill renunciou ao seu magnífico berço e herança e

forçou o Partido Conservador a associar-se àqueles radicais que destruíram o império. Não se deixem enganar pelo ladino. Ele é o orador mais contagiante da Inglaterra e essa visita não passa de um arrogante exercício numa época e num lugar em que as palavras imortais de seu venerado pai ainda ressoam em nossos ouvidos: “O Ulster lutará e o Ulster estará certo.” Em minha franca opinião — concluiu Weed —, Winston Churchill não é um inglês.

Desembarcando em Larne, o primeiro-Lorde do Almirantado Winston Churchill teve uma recepção bem diferente da oferecida para Lorde Randolph.

Uma enorme multidão se juntara e os ânimos estavam exaltados. Churchill foi vaiado durante todo o percurso das Midlands até o Grand Central Hotel. Havia efígies penduradas nos postes e milhares de cartazes com os mais graves insultos eram brandidos.

Churchill olhou para fora e viu homens à beira da violência, agitando os punhos cerrados, cuspidos e gritando-lhe insultos. Começaram a atirar pedras e, em um cruzamento, duas rodas de seu veículo foram levantadas e o carro sacudido violentamente.

Essa recepção foi apenas o começo. Depois de apressadas confabulações, a força policial disse que não poderia garantir a segurança de Churchill se ele discursasse no Ulster Hall, o local do triunfante discurso de seu pai.

No último instante, o Parnell Field, um campo de rúgbi no distrito católico de Falls, foi usado para o comício. A missão foi um completo fiasco.

Churchill atravessou o mar da Irlanda de volta sem precisar de nenhum consolo de Caroline Hubble. Eles haviam jogado duro; ele jogara duro. Os ingleses não queriam um fraco liderando a Marinha. Nenhum rancor guardado, nenhum ponto marcado. Ele talvez viesse a precisar deles no futuro e eles talvez precisassem dele. O mais importante é que os Liberais ainda estavam no poder, a situação irlandesa estava sob controle e ele agora podia se concentrar em tempo integral na guerra iminente.

Em agosto de 1914, teve início a Grande Guerra e a Marinha britânica estava pronta.

Alguns meses depois, o arsenal da Milícia do Ulster no Castelo de Lettershambo foi destruído em um ataque de surpresa por um grupo pequeno e rápido pertencente à Irmandade Republicana Irlandesa.

O significado da destruição do Castelo de Lettershambo enviou muitas mensagens a um Ulster complacente. Todos os planos armados dos protestantes, todo o seu contrabando ilegal de armas, todo o seu desrespeito à lei haviam ido pelos ares com uma única explosão.

Uma onda de choque carregada de medo como nunca houvera outra percorreu a população protestante. Sempre se sentindo seguros e com o Exército inglês à disposição, as facções Orange viram-se de repente diante de uma nova ordem dos fatos. Os católicos irlandeses, tidos em baixa consideração haviam secretamente desenvolvido uma capacidade de luta apta a grandes danos. Não haveria mais motins gratuitos, nem mais moedas atiradas lá embaixo no Bogside sem represália.

A Irmandade conquistou o respeito do inimigo e ao mesmo tempo o respeito do povo irlandês. A mais devastadora de todas as mensagens era a de que a Irlanda não iria submeter-se a um pacto para manter-se quieta durante a guerra. A destruição de Lettershambo declarava que a guerra da Inglaterra e a luta da Irlanda pela liberdade nada tinham a ver uma com a outra.

Dali para frente, os irlandeses teriam que ser levados a sério e a presença da Inglaterra na Irlanda teria que andar sempre alerta.

CAPÍTULO 53



Christchurch, dezembro de 1914

Wally Ferguson parou a mão fechada no ar, engoliu desconfortavelmente, depois deu uma pancada seca na porta da enfermeira chefe do hospital.

— Entre, por favor.

— Olá, Georgia — disse Wally.

Era um lugar familiar para Wally, Pastores, vaqueiros, lenhadores, mineiros e marujos costumavam hospedar-se no estabelecimento de Wally com alguma coisa precisando de reparos ou algo quebrado depois de uma briga no local de trabalho. Georgia percebeu que havia alguém atrás de Wally, como era de costume.

— Enfermeira Georgia, este é o *Squire* Liam Larkin.

— Sim, já nos conhecemos. Ele trouxe o filho aqui com algumas costelas quebradas. Não querem sentar-se?

Os olhares cruzaram-se. Todos os três estavam acostumados a avaliar as pessoas rapidamente. Liam tirou o chapéu, um gesto que realizava com ostentação desde que fora reconhecido como um *Squire*. Lá fora estava um dia ensolarado. Dentro, o tempo ficou nublado.

— Estou à procura do meu filho, Rory — disse Liam sem rodeios.

— Está aqui para consultar ou confrontar? — perguntou Georgia.

— Liam procurou-me — intercedeu Wally rapidamente. — Somos amigos há muito tempo, como você deve saber. Fui o padrinho de Rory. ele achou que deveria falar com você e, sabendo que somos amigos você e eu, pediu-me para apresentá-los.

— O que você lhe contou, Wally? — perguntou Georgia friamente.

— Não sei onde Rory se meteu nem para onde ele ia — mentiu Wally com a inocência de uma ovelha em um dos seus cercados. — O rapaz estava muito transtornado com a morte do tio, Conor Larkin, e disse que precisava de cem libras que o *Squire* devolveria. Droga, imaginei que

tivesse ido a uma farra ou algo assim. Ele quase acabou com Oak Kelley. Sim, nós remendamos o Oak — disse ela. — Estou surpresa de Rory não ter confiado em você, Wally.

— Pois é, enfermeira Georgia. Sou leal a esses dois homens. Tenho certeza de que Rory não quis me deixar em má situação com seu pai. Eu também gostaria de saber onde ele está.

Wally parecia um homem de pé em cima de uma armadilha e apressou-se em dizer:

— Isso é entre vocês dois, de modo que vou esperar lá fora, Liam.

Liam já começara sua leitura de Georgia Norman. Ela não se tornara a enfermeira-chefe antes dos trinta anos para que pudesse ser intimidada. Era muito mais atraente do que uma enfermeira Chefe deveria ser, com belas curvas e certamente capaz de não perder terreno para um homem. Não sabia o que esperar, mas estava bastante surpreso com o bom gosto de Rory.

— Sabe onde ele está? — Liam perguntou.

— Não tenho certeza, mas não é difícil imaginar — respondeu ela.

— O pessoal do recrutamento não me ajudou muito.

Georgia encolheu os ombros.

— Não sei se você sabe, mas eu trabalhei no serviço militar.

— Ouvei falar.

— O que quero dizer é que ele poderia facilmente ter usado outro nome. Em tempos de guerra, o serviço de alistamento não vai deixar um espécime como Rory escapar.

— Acho que tem razão. Rory é um mentiroso muito bom, capaz de enganar qualquer um.

— Rory não é um mentiroso — disse ela fitando-o nos olhos, para que soubesse que ele estava provocando sua própria guerra. — Eu também era menor de idade quando fui para as zonas de combate na Guerra dos Bôeres. Qual a diferença agora? Ele não vai voltar.

Liam gostou da firmeza da moça. O exército a tornara forte, como sua própria Mildred. Ela era realmente muito bonita, o suficiente para fazer um belo par com Rory.

Tinha muito mais presença do que as mocinhas levianas com quem ele andava. Rory a consideraria algo mais do que uma brincadeira ocasional entre os lençóis? De que adiantava?, Liam perguntou-se. Ela era uma mulher casada, casada com um médico e dormindo com outros homens assim que ele virara as costas e pegara o navio para a guerra.

Liam resolveu não criar um adversário. A mulher tinha caráter, bom e ruim, mas em um nível em que se podia falar com franqueza. Levantou-se para ir embora.

— Agradeço sua atenção, enfermeira. Quando tiver notícias dele, talvez possa mencionar que estive perguntando por ele. Sua mãe, suas irmãs e seu irmão gostariam de saber como ele está passando.

— Farei isso. Mais alguma coisa que gostaria que eu transmitisse?

— Talvez.

— Como o quê, por exemplo?

— Ah, não sei. A fazenda ainda estará aqui, caso ele decida regressar à Nova Zelândia. Não, isso é assunto de família. Além do mais, ele não vai voltar. Nós dois sabemos disso, não? — Liam balbuciou.

— Quando tiver o endereço dele, não quer que o dê a você para que possa lhe escrever e perguntar-lhe se não quer voltar?

— Muito bem, enfermeira, pare de me espicaçar.

— Sobre o quê?

— Escrever para ele sobre o quê? A maneira como ele magoou a mãe? Suas bebedeiras e encencas? Dormindo por aí como um touro no cio?

— Com metade das mulheres casadas de Christchurch — disse ela.

— Você é quem disse, Sra. Norman, e não eu.

— Ele achava que mulheres casadas eram mais seguras, depois do que você o fez passar com a gravidez de June MacPherson. Mas não se deve culpar Rory, porque todas nós, prostitutas, o queríamos.

Liam enfiou o chapéu na cabeça, como somente um *Squire* pode fazer, quando um acordo azeda e começou a se dirigir para a porta.

— Vou lhe dizer o que pode escrever-lhe — disse Georgia, os olhos flamejando de raiva. — Pode lhe dizer como lamenta a dor e a angústia que o fez sofrer por tê-lo desprezado durante toda a sua vida como filho bastardo.

— Quem contou isso a ele?

— Com certeza, não seu pai e sua mãe, as duas pessoas que deveriam tê-lo feito.

— Está me enfurecendo deliberadamente para encobrir seu comportamento vergonhoso, Sra. Norman!

— Não havia mais nada entre mim e o Dr. Norman muito antes de a guerra começar. Entrei com pedido de divórcio há mais de um ano. Decidi manter isso em segredo para não prejudicá-lo profissionalmente, mas

deixando bem claro que nosso casamento estava acabado. Eu já estava divorciada quando Rory entrou em minha vida.

— Rory sabia disso?

— Não, ninguém sabe, nem mesmo Wally, somente eu e você. Rory tem uma visão ruim das mulheres, a começar pela maneira como sua mãe o magoou com seu silêncio. Gostava de levar mulheres para a cama porque isso o ajudava a acertar as contas com você e a mãe dele.

— Está mentindo! Por que não lhe disse que era divorciada?

— Porque eu o amo. Tive medo que se afastasse de mim se ele soubesse que eu era livre.

Liam sacudiu a cabeça. Jesus, a mulher era um poço de virtudes. Quantos pensamentos impuros ele alimentara durante meses a fio. Sim, ali estava uma mulher e meia, sem dúvida. Ela faria qualquer homem feliz, não faria?

— Ele a ama? — perguntou-lhe Liam finalmente.

— Que diferença faz? Tivemos o que tivemos e isso basta para mim. Não vou conseguir mais nada além do que já tive. Para ele, é um longo caminho de volta para casa, se algum dia voltar, e eu serei apenas uma foto amassada, amarelada, apagada.

Liam caminhou vagarosamente de volta para sua cadeira e sentou-se pesadamente.

— Posso chamá-la de Georgia?

— Sim.

— Chame-me de Liam.

— *Squire* fica bem em você — disse ela, quase amistosamente.

— Há quanto tempo Rory sabia sobre os problemas que eu e Mildred tivemos quando ele nasceu?

— Desde criança. Desde que zombaram dele na escola. Isso provocou nele uma atitude de revolta quando crescia, você sabe.

Liam estava perplexo e envergonhado. Sentia-se sufocado.

— Ah, Jesus — Ele chorou.

— Quer ouvir sobre mim e minha família? — disse ela com ironia.

— Por que cometemos os mesmos malditos erros que nosso pai cometeu com a gente? Por que nunca aprendemos nada?

— Acho que isso se chama vida — disse ela.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — ele pediu.

— Não sou católica — respondeu ela rapidamente.

— Há alguma coisa que eu possa fazer?— ele suplicou.

— Deus imaginou, quando nos separou do resto das criaturas, que se temos o poder de raciocinar, justificar e tomar decisões, então cometeremos muitos erros em nossa passagem por aqui. Grandes, grandes, grandes erros. Deus compreendeu isso e então nos deu o poder humano final, o poder da redenção.

Liam apoiou a cabeça nas mãos e depois sobre a mesa e deixou sua angústia fluir até acalmar-se.

— É uma descoberta chocante constatar que um erro grave tem que ser reparado e que talvez seja preciso o resto de sua vida para isso, portanto, não tente fazê-lo da noite para o dia.

— O que posso fazer? O que posso fazer?

— Mantenha os campos da Fazenda Ballyutogue sempre verdes e faça-o saber como a terra deseja sua volta. E, com o tempo, não será tão difícil assim dizer-lhe que você o ama.

Foram interrompidos por uma emergência em uma das enfermarias.

— Preciso ir, *Squire*. Sinto muito pelo seu irmão, Conor.

CAPÍTULO 54



Acampamento Hobson, Ilha do Norte, Nova Zelândia, janeiro de 1915

Johnny Tarbox era um ardiloso trapaceiro de alta classe, cuja reputação de ousadia era amplamente conhecida. Era um antigo condutor de rebanhos independente, contratado para guiar grandes rebanhos. Se a fazenda estivesse removendo um rebanho de milhares de cabeças, em geral Tarbox era contratado para comandar uma equipe.

Assim, ele aparecia nos espetáculos agrícolas e pastorais e geralmente era o homem a vencer nas competições de corridas de cavalos. Durante anos, fora considerado um *Gun Shearer*, um dos homens que podiam tosquiar cem ovelhas num período de oito horas sem parar.

Também lutava boxe, nos espetáculos da A&P demonstrando suas habilidades de se esquivar. Na realidade, Johnny Tarbox conduzira os rebanhos da Fazenda Ballyutogue e participara dos concursos da A&P em seus espetáculos. Isto é, até que o garoto rebelde Rory, filho do *Squire* Larkin, venceu-o na corrida final com RumRunner quando o garoto tinha apenas treze anos. Aos dezesseis, Rory disputou com Tarbox um concurso de tosquia, e ele protestou porque o garoto usava uma nova tesoura inventada por seu tio.

Johnny cometeu o erro final, ao entrar no ringue com Rory quanto este tinha dezoito anos e não passou da primeira metade do primeiro assalto.

Fora isso, eram amigos.

Ouvindo-se Johnny Tarbox, e ele nunca se fazia de rogado, era um homem de muitas façanhas: prestara quatro anos de serviço militar nos Royal Marines quando era bem jovem, contrabandeara rum e outros artigos nos mares da China, fora garimpeiro e outros feitos que vinham à mente no momento.

Acima de tudo, Johnny Tarbox considerava-se uma espécie de amante consumado e autoridade em questão de corpo feminino. Casamento

era algo a ser eliminado como uma praga.

Tudo isso aumentou ainda mais quando Johnny Tarbox encontrou o nicho perfeito na vida. A Nova Zelândia ficava bem longe de tudo. Não ficava nem sequer no caminho de um lugar para outro — era preciso sair do seu caminho para chegar ali. Entretanto, havia a meia dúzia ou uma dúzia de vezes por ano em que algum membro da realeza ou um alto dignitário do governo ou outros notáveis desembarcavam em Auckland ou Wellington.

Eram recebidos pela Guarda de Honra Montada da Nova Zelândia, comandada por ninguém mais senão o Sargento Johnny Tarbox. Embora o posto fosse cerimonial, Johnny explorava-o ao máximo com as mulheres.

Quando a guerra explodiu, Johnny tornou-se um cartaz vivo do alistamento, com sua figura impressionante de uniforme, em cima de sua montaria, com o maravilhoso bigode tipo vassoura e um brilho alegre nos olhos.

Assim, quando um país pequeno se envolveu como um pequeno participante de uma grande guerra, cujo significado é vago e cujos campos de batalha ficam além do horizonte e do equador, Tarbox foi encarregado de atrair jovens sedentos de viagens e aventuras.

Johnny passou de Sargento honorário a Sargento de fato e foi incumbido da doce tarefa de percorrer o país aplicando testes e classificando os homens para as unidades de cavalaria. A guerra na França rapidamente estabilizou-se em linhas estáticas e, quando Johnny chegou ao Acampamento Hobson perto de Auckland, a cavalaria tinha sido colocada à espera, em favor da infantaria e da artilharia.

Um último batalhão de cavalaria, a Sétima Cavalaria ligeira, estava sendo reunido ao norte. Cinco rapazes estariam montando para cada vaga. Quando o efetivo estivesse completo, o próprio Johnny Tarbox se tomaria o Subtenente do batalhão.

Rory não estava muito preocupado, sabendo que conseguiria uma vaga, mas ele havia conhecido aquele garoto no trem de Auckland para o Acampamento Hobson e não conseguia livrar-se dele.

Foi assim. Ele embarcara em um trem de recrutas em Auckland, em direção ao Acampamento Hobson, e tomara um assento junto à janela.

— Está vago? — alguém perguntou.

— À vontade — respondeu Rory ao garoto, que se sentou a seu lado e parecia um estudante amedrontado. Mais parecia um garoto tocador de tambor em Kyber Pass do que um cavaleiro capaz de decapitar alguém.

— Chester Goodwood — disse o garoto.

— Rory Landers — respondeu Rory, recostando a cabeça contra a vidraça para indicar que preferia dormir do que conversar.

— Vou tentar a cavalaria ligeira — disse o garoto.

— Sim, boa sorte.

O Sargento alistador gritava enquanto o trem lotava. Um grandalhão metido a valente olhou em tomo, não viu nenhum lugar vazio no vagão e informou a Chester Goodwood:

— Você está no meu lugar.

— Acho que não —, respondeu Chester com um vigor que fez com que Rory abrisse uma fresta num dos olhos para ver o que acontecia.

— Fora! — gritou o arruaceiro, agarrando Chester pelas lapelas e erguendo-o. Chester reagiu pisando com toda força no pé do grosseirão, que o largou, furioso.

— Vou transformá-lo num pedaço de carne, seu filho da puta!

Quando tentou agarrar Chester outra vez, as mãos de Rory agarraram os pulsos do valentão.

— Calma aí — disse Rory —, este é meu sobrinho, Chester Goodwood, e eu prometi à mãe dele, minha tia favorita, que sentaríamos juntos.

— Besteira — respondeu o grandalhão, libertando os pulsos e cerrando os punhos. — Você tem o lugar que eu quero — disse para Rory.

— Olhe, nós estamos todos juntos nessa guerra, certo? — disse Rory.

— Se eu realmente me levantar daqui, haverá menos um *kiwi** quando chegarmos ao Acampamento Hobson. Fui claro? Agora, pense bem. Quer que eu me levante ou não?

*Ave da Nova Zelândia e por conseguinte apelido dado aos neozelandeses (N.do E.)

O companheiro do grandalhão salvou a situação:

— Vamos, Jed, há assentos vagos no próximo vagão.

A altercação foi encerrada, o trem logo deixou a estação para a viagem de três horas até o Acampamento Hobson e Rory tentou retomar seu cochilo.

— Muito obrigado — disse Chester.

Rory só queria voltar às suas lembranças de Georgia. Na pressa do alistamento, indo de um lado para o outro para exames físicos, uniformes, vacinas e questionários, ansiava por alguns instantes sozinho para pensar em Georgia e toda vez que o fazia revivia algum momento da viagem que fizeram no *Taranaiki*, percebendo que esta se tornara a lembrança mais marcante de toda a sua vida.

Chester Goodwood não se calava. Rory estava prestes a lhe dizer para calar a boca, mas o garoto parecia inteiramente perdido e particularmente grato pela intervenção de Rory... e assim Rory deixou que falasse.

Chester Goodwood, como ele próprio, era menor de idade, porém parecia bem mais novo. Tinha dezesseis anos. À medida que sua história se desenrolava, Rory foi ficando interessado e depois completamente absorvido por ela...

Chester vinha de uma família aristocrata. Seu pai era um banqueiro e homem de negócios em Hong Kong. Todos conheciam *Sir* Stanford Goodwood. Possuía conexões na China que o tornavam muito poderoso. Infelizmente, ele também tinha quatro filhos e Chester era o mais novo. Seguindo a tradição, Chester cresceu em internatos ingleses, vendo seu pai talvez um mês por ano.

Chester não disse isso com todas as letras, mas era fácil perceber por sua própria experiência que o rapaz era indesejado e que sua família o fazia saber disso da maneira mais cavalheiresca possível.

Assim, Chester conseguiu causar um problema atrás do outro em colégios caros, como Eton e Harrow, para conseguir ser expulso, o que era uma maneira certa de chamar a atenção de seu pai.

Sir Stanford levava Chester para Hong Kong há um ano, quando a mãe do rapaz estava à morte. Foi então que Chester soube que sua mãe sempre fora um estorvo, como ele mesmo. O grande interesse de seu pai concentrava-se em vários ninhos de concubinas chinesas... por isso todas as viagens à China.

Com a morte da mãe, Chester teve que voltar à Inglaterra. Quando a guerra foi declarada, ele partiu para a liberdade. Meteu-se em um navio cargueiro rumo à Nova Zelândia, onde o Capitão e a tripulação o ajudaram, deixando que desembarcasse furtivamente.

Chester fizera amizade com alguns funcionários do banco de seu pai, um dos quais forjou os documentos necessários para ele se alistar,

embora sua idade de 21 anos parecesse exagerada.

— Sabe montar? — perguntou Rory.

— Saltei em Harrow e na verdade joguei um pouco de pólo para um clube em Hong Kong.

Impressionante, pensou Rory. O garoto tinha coragem e maneiras bastante agradáveis. Sem dúvida, se alguém no mundo era mais solitário do que ele, só podia ser Chester.

Quando pararam no Acampamento Hobson, Rory olhou pela janela e viu grupos de sargentos berrando, todos ao mesmo tempo, pensou que Chester jamais conseguiria sobreviver, e o olhar confuso no rosto do rapaz confirmava isso.

Está bem, fique comigo — disse Rory.

— Puxa, muito obrigado.

— Mas não me deixe nervoso. Sabe o que quero dizer. Não me aborreça, Chester.

Chester realmente o enervou. Entretanto, Rory era o único recruta no Acampamento Hobson que tinha seu próprio batedor, engraxate, guardador de lugar na fila confusa do salão e alguém para responder à chamada em seu lugar a fim de que ele pudesse ter mais uma hora de sono.

Durante a semana, enquanto o exército tentava desatar todos os nós burocráticos em que se haviam enredado, Rory começou a ver outras virtudes em Chester Goodwood. O relacionamento era mais do que a satisfação de ver um aristocrata servindo o filho de um criador de ovelhas. Chester tinha seu próprio valor.

Embora, segundo Chester, três colégios o tivessem expulsado, ele aparentemente aprendera alguma coisa em cada um deles. O garoto era um incrível mago com números e cálculos. Rory imaginava que devia ter herdado do pai, o banqueiro. Em bases práticas, ninguém podia vencer Chester Goodwood em qualquer jogo de azar ou habilidade. Era de longe o melhor em xadrez, damas, dominó, cartas ou qualquer outro jogo que homens ociosos usam para passar o tempo nos alojamentos.

Considerando os outros rapazes em sua unidade, Rory concluiu que Chester era um bom parceiro e, como costuma acontecer em tempos de guerra, uma amizade peculiar nasceu entre eles.

O estômago de Rory estava em condições delicadas e sua cabeça não muito melhor. O bar do Acampamento Hobson oferecia um rum horrível e uma cerveja pouco envelhecida, uma combinação

suficientemente forte para remover o verniz do convés de um navio. Chester Goodwood entrou correndo na barraca, encantado.

— Rory! Acabaram de anunciar! Nosso grupo fará as provas dentro de uma hora!

— Meu Deus! Esse maldito exército tem um certo senso de humor. Há uma semana estamos por aí sem fazer nada e eles escolhem este minuto.

— Rory levantou-se lentamente da cama de campanha.

— Estou morrendo, Chester.

— Quisera poder montar por você — disse Chester.

Rory agarrou-o.

— Talvez possa! Não, nunca daria certo. Ah, Jesus! — Sentou-se e começou a deitar-se de costas.

— Levante-se! — ordenou Chester. — Estamos esperando por isso!

Rory deu-lhe as costas. Chester virou a cama. Rory rastejou, pôs-se de pé e procurou alguém para esmurrar.

— Ótimo, agora está de pé — disse Chester. — Comece a andar e vá respirando fundo.

O dia irrompeu no rosto de Rory quando saiu da barraca.

— Meu Deus!... é terrível!

— O que é terrível?

— A vida.

— Não será tão horrível depois que você urinar. Bom, estamos indo na direção da latrina, fique de joelhos junto à fossa, enfie o dedo na garganta e vomite.

— Chester, saia da minha vida! E tire suas malditas mãos de cima de mim. Eu posso andar.

— Vá com calma, companheiro, vá com calma.

Tudo que Rory desejava era deixar-se cair no chão, onde Georgia estaria à sua espera com seus seios quentes, ternos, maravilhosos... Chester aprumou-o e conduziu-o em direção à latrina.

Rory entrou na área de reunião no galpão com um plano formulado em sua mente confusa. Cem candidatos faziam uma fila roendo as unhas. Deus! Excelente! Foi empurrando Chester para o começo da fila para que pudesse ser um dos primeiros a montar. Depois que Chester montasse, poderia retornar e informar Rory sobre as condições da pista e talvez o melhor cavalo, se fosse possível escolher. A fila andava bem devagar... Ótimo... Isso lhe daria mais uma hora para se recobrar.

Rory sentou-se em um banco, as costas contra a parede, depois apurou-se lentamente.

Achou que mal havia fechado os olhos, quando...

— Você! — uma voz estrondeou em sua cabeça.

Rory levantou a cabeça do peito. Era como uma rocha sendo batida por um mar revolto.

— Você! — repetiu a voz grossa e retumbante. — É Rory Landers?

— Sim — gemeu ele.

— Por onde andou? Levante-se daí. E o último homem a montar.

Acho que é uma perda de tempo, mas as normas dizem que pode montar. Vamos, tive um longo dia e estou de mau humor.

— Ei, sarja — gemeu Rory —, dê-me uma mãozinha.

O Sargento resmungou, puxou Rory, colocando-o de pé, e ficaram frente a frente.

— Johnny Tarbox!

— Ah, pelo amor de Deus, Rory Larkin!

— Shhhh! — disse Rory, colocando o dedo sobre os lábios. — Meu nome não é Larkin.

Tarbox olhou para a lista em sua prancha.

— Que besteira de Landers é essa? Está fugindo do *Squire*?

— Terei maioria até o Natal — disse Rory. — É a maldita indústria agrícola. O velho pode me prender aqui.

— Não sei nada sobre isso — disse Tarbox com um riso malévolo. — Você me derrubou em muitos espetáculos da A&P. Veja isto. Marcas de pontos do nosso confronto. — O riso transformou-se num sorriso quando Tarbox passou os braços em torno de Rory.

— Ah, Jesus, você andou bebendo aquele horrível rum e cerveja verde da cantina — ele observou. — Não se preocupe. Metade dos garotos aqui são menores de idade.

— Sabe, ouvi dizer que você estava recrutando — disse Rory. — Bem, vamos acabar logo com isso. Arranje-me um cavalo velho, sim?

— Não precisa montar. Estou colocando você na companhia do quartel junto comigo. Quer ouvir o melhor? Sou o Subtenente da Sétima.

— Não!

— Verdade, e é bom que as mulheres segurem seus calções. Ei, Rory, você está bem?

— Sim, claro.

— Não parece nada bem.

— Não estou bem. Nunca senti isso antes. Não sei como é. Não sei como lidar com isso. Eu... hã... envolvi-me com alguém um pouco mais do que imaginava.

— Não está fugindo, está? Você não fez mal a ela, não é?

— Não, apenas...

— Amor?

— Talvez.

— Ótimo. Mantenha esse “talvez”. Ouça, acontece com os melhores de nós o que essas meninas podem fazer, mas não deixe que elas coloquem a coleira em você. De qualquer modo, para onde estamos indo haverá um monte de traseiros para aplacar sua dor... traseiros franceses.

Johnny gritou para um grupo de soldados que os testes estavam encerrados por aquele dia e para arrumarem os cavalos.

— Johnny — disse Rory num impulso —, vou precisar de um grande favor. Sabe como o mundo gira. Logo lhe pagarei.

— O que quer?

— Tendo a posição que tem na avaliação desses rapazes, há um garoto que eu gostaria de ver designado para a nossa companhia.

— Nossa companhia, hein? Não sou um Coronel. São os oficiais que tomam a decisão final.

— Bem, você pode ajeitar um pouco as notas e de certa forma dar a entender ao Coronel ou quem quer que seja que você queria uma ou duas coisas... assim como fez comigo.

Tarbox rangeu os dentes, inquieto.

— Quem?

— Um garoto incrível.

— Quem?

— Fiz amizade com um garoto chamado Chester Goodwood.

Johnny folheou as páginas na prancha, depois apertou os olhos.

— O baixinho?

— Ele é um pouco baixo.

— Minhas anotações dizem que ele deveria estar conduzindo pôneis para crianças cegas nos espetáculos da A&P.

— Ele não montou tão mal assim, não foi? Quero dizer, ele é jogador de polo... saltou em Harrow.

Tarbox encolheu os ombros.

— Ele é um bom cavaleiro — pressionou Rory.

— Ele monta bem, mas, Cristo, aposto cinco contra cinquenta que ele é menor de idade e está fugindo da família.

— Fique com ele, é uma barganha — disse Rory.

— Sei que vocês criadores de ovelhas são meio esquisitos, mas aquele merda não entra no exército.

— Pare com isso, Tarbox. É um garoto que precisa de uma oportunidade. Eu acabo de precisar de uma... você precisou de uma quando o *Squire* o avaliou em sua primeira grande prova... todos nós precisamos de uma oportunidade. Esse sujeito é um mago com livros e números.

— Números! Livros! Que diabos isso tem a ver com a cavalaria ligeira?

— Está brincando comigo, Johnny Tarbox? Onde é que você estava quando o velho lá em cima distribuiu os cérebros? Você disse ou não disse que vai ser o Subtenente do batalhão? Minha mãe faz esse trabalho no rancho e passa a metade de sua vida fazendo isso. Pense! Listas de chamadas, folhas de pagamento, relatórios de doentes, relatórios de intendência... e os CAVALOS... sabe quantos livros de contabilidade é preciso para um maldito cavalo? Você vai ter quinhentos deles e, não estou brincando, você vai precisar de Chester Goodwood.

Johnny ficou confuso com a súbita avalanche. Meu Deus! Johnny detestava cuidar dos livros. Para ele, era a própria extensão do casamento.

— Assim que embarcarmos no navio, vou designar Chester para trabalhar comigo. Se esse miserável não se sair bem, vou atirá-lo aos tubarões e você não viverá o suficiente para livrar-se de toda a merda que vou lhe jogar em cima.

— Bom sujeito, John Tarbox — disse Rory, encantado.

— Só desta vez, Larkin!

— Johnny, o nome é Landers, pelo amor de Deus, *Rory Landers*.

CAPÍTULO 55



Com o início das hostilidades na Europa, o Brigadeiro Llewelyn Brodhead treinou seus Midlanders e Coleraine Rifles no Acampamento Bushy até ficarem prontos para a luta.

Os regimentos permanentes dos Fuzileiros e Hussardos de antigas brigadas saíram da Inglaterra e atravessaram o Canal. Por enquanto, a investida alemã na Bélgica e na França fora contida.

Brodhead estava de prontidão, à espera da ordem de partir. Então, o Castelo de Lettershambo foi destruído e suas tropas receberam ordens de ficar na Irlanda, por medo de que uma revolta eclodisse.

Quando suas ordens chegaram, não eram em absoluto o que ele esperava. Depois de algumas noites difíceis remoendo os prós e os contras, Brodhead concluiu que não se tratava de algum tipo de vingança dos Liberais, mas de uma decisão justa e sensata. Analisou a questão e na verdade viu-se numa situação curiosa.

O Capitão Christopher Hubble, o mais famoso oficial júnior em Bushy, era o braço direito do Brigadeiro. Foi o primeiro a ser chamado.

Chris encontrou o Brigadeiro em sua postura militar usual, andando da escrivaninha à janela e soltando baforadas de seu cachimbo. Por um instante, o Brigadeiro parou e fitou as barracas perfeitamente alinhadas e o terreno próximo ao rio, depois girou nos calcanhares e lançou um olhar duro ao jovem.

— As ordens chegaram.

— É um alívio. Estávamos ficando um pouco inquietos.

— Não é o que imagina, Chris. Uma bomba. Tanto os Coleraine Rifles quanto os Midlanders estão sendo subdivididos, reduzidos a um quinto do contingente. Os outros quatro quintos, oficiais, suboficiais e homens alistados, deverão ser transferidos, cada quinto indo formar o núcleo de quatro novas brigadas. Ou seja, o Ministério da Guerra está nos fazendo vítima de nosso próprio sucesso.

— Parece-me, senhor, que alguém está nos punindo pelo incidente das demissões.

— Foi o que pensei no começo. Nossas unidades, Chris, de ponta a ponta, possuem os melhores homens do exército. Centenas de milhares de civis estão se alistando. Dezenas de novas brigadas terão que ser formadas a partir do zero. As novas forças simplesmente têm que ter o maior número de homens experientes que possamos fornecer.

— Sim, faz sentido.

— Os Coleraine Rifles crescerão até alcançar a sua força original novamente. Sabendo que se trata do regimento de sua família, gostaria de lhe fazer uma proposta. Fui escolhido entre outros três. Recebi uma nova incumbência. Ouça, Chris, você e eu vivemos uma tremenda experiência juntos e eu pessoalmente o vejo como um dos mais promissores oficiais jovens das forças armadas. Sei o que significa para você permanecer com os Coleraines, portanto compreendo o sacrifício que estou prestes a lhe pedir que faça e, veja bem, não se trata de uma ordem, mas de um pedido.

— Agradeço-lhe por sua consideração numa época como essa — disse Chris.

— Fiz algo um pouco fora das normas. Conversei com seu pai. Como sabe, somos muito ligados. Ele ficou um pouco surpreso, é claro, mas me deu sua bênção. Estou assumindo um comando muito interessante. Gostaria que viesse comigo.

— Apraz-me a ideia de lutar na guerra com o senhor.

— Muito bem. Agora, então, presumindo que você se unirá a mim, obtive permissão para que você tenha acesso a assuntos confidenciais em qualquer questão que eu ache necessário que conheça. Saberá de muitas informações altamente confidenciais.

— Fico muito lisonjeado, Brigadeiro Brodhead.

Brodhead apoiou-se na escrivaninha, os nós dos dedos brancos.

— Neste momento, há uma grande convergência de voluntários da Austrália e da Nova Zelândia formando um comboio. Nenhum dos dois países possui grande quantidade de tropas permanentes em tempo de paz, de modo que eles também estão subdividindo as unidades experientes e usando-as para formar o arcabouço de novas unidades. A mesma situação que temos.

— Compreendo.

— Estou falando de quarenta a cinquenta mil homens. Quando lhes entregarmos os navios e escoltas, o comboio irá para a Índia a fim de incorporar algumas antigas brigadas indianas e daí prosseguir pelo mar Vermelho e canal de Suez para treinamento no Egito. Os *aussies* e os neozelandeses têm apenas um terço dos oficiais de que precisam. Alguns, eu creio, virão de suas próprias fileiras. Nós deveremos suprir o restante. Fui promovido, Chris. Devo assumir o comando da Força Expedicionária Austrália-Nova Zelândia como General de divisão.

— Parabéns... Brigadeiro... bem, tenho que me acostumar, General Brodhead.

— Soa bem — concordou Brodhead. — Minha primeira tarefa é montar um quadro de duzentos oficiais de um grupo de mil homens. Recebi a primeira parte e acho que fiquei com os melhores oficiais não designados de todo o exército. Deveremos partir para o Egito dentro de pouco tempo e espero que possamos chegar antes do contingente de *aussies*.

O General de divisão Brodhead sentou-se e pesou suas próximas palavras com todo o acréscimo de responsabilidade do novo posto.

— Embora admiremos e honremos a capacidade de luta de nossos colonos, a lei não declarada é a de que os mais altos comandantes e os principais oficiais continuem ingleses.

— Sem dúvida, pode-se compreender a necessidade de Londres de controlar a guerra — disse Chris.

— Sim, até o nível de batalhão, sempre que possível... Acho que uma das razões para eu ter sido escolhido foi o fato de ter sido um Tenente-Coronel e comandado um batalhão de *aussies* durante aquela guerra sórdida com os bôeres. Hoje vejo os neozelandeses como ingleses, de segundo grau. Os *aussies*, entretanto, são colonos rebeldes, suas fileiras estão repletas de irlandeses da espécie errada e comportam-se da maneira como se poderia esperar dos bisnetos de uma colônia penal. Mas, adequadamente disciplinados e treinados, são valentes no combate, esplêndidos guerreiros.

— Assim, temos que definir de imediato quem vai comandar o espetáculo.

— Sim, e não temos tempo suficiente para treiná-los adequadamente. Vamos ter que empurrá-los para cima até o limite e depois além do limite. Agora, Chris, vem a parte mais interessante de nossa pequena discussão.

— Achei bastante interessante até agora, General.

— Tenho uma missão particular para você, que considero absolutamente essencial para o sucesso da próxima campanha. Não posso lhe dar os detalhes agora, mas fui instruído para abrir suas ordens quando estivermos a bordo, a caminho do Egito. Quando digo que ganhar ou perder depende do que você faz com sua incumbência, falo sério — continuou Brodhead. — assegurar-lhe também que irá abominar completamente a ordem e provavelmente me odiar.

Chris sabia que não tinha escolha. Pai, General, urgência e importância e na verdade nenhuma saída.

— Bem, senhor — disse Chris com um arremedo de sorriso —, parece que o senhor e eu estamos destinados a ficar juntos. Estou às suas ordens.

Brodhead desatrelou um sorriso malicioso, abriu a gaveta e atirou um par de insígnias sobre a mesa.

— Eu as usei quando era Major. São suas agora.

Chris pegou as insígnias com certa ambivalência. Que ostentação na sua pouca idade. Por outro lado, o General devia ter algo realmente desagradável na manga.

— Isso é guerra, Chris. Faça esse serviço para mim, sem questionar, e eu farei tudo que estiver em meu poder para você pular o posto de Tenente-Coronel diretamente para Coronel. Isso pode significar comandar o seu próprio regimento e, se a guerra durar um ano ou dois, uma brigada inteira.

Caramba!

— Jeremy está na lista? — perguntou Chris.

— Sim, ele tem feito um bom trabalho ultimamente. Estou promovendo-o a Tenente, mas por razões que ambos conhecemos, ele é responsabilidade sua e, se ele estragar tudo, não será poupado. Lorde Roger também sabe disso.

— Na verdade, ele tem bebido menos. Talvez o Egito lhe faça bem.

Quando o Major Hubble foi dispensado, o General soltou um grande suspiro de alívio. Sabia, no seu íntimo, que Chris Hubble podia fazer o serviço. Era essencial.

“Espere até que o pobre rapaz descubra o que reservo para ele”, murmurou entre dentes.

Seu filho Christopher está na linha privada, *m'Lady* — anunciou Lawrence, seu secretário.

— Olá, Chris — disse Caroline quando Lawrence saiu e fechou a porta.

— Major Chris — ele a corrigiu.

— Meu Deus! Parabéns! Quando foi que isso aconteceu?

— Ontem, mamãe. Estou na mansão com papai e Hester. Mãe, desculpe, mas Hester e eu não poderemos ir a Londres este fim de semana como havíamos planejado. Sinto muito.

— Ah, que pena. Hester queria tanto ver a produção de Drury Lane e também fazer algumas compras.

— Veremos, mamãe. Talvez Hester vá sozinha e fique com você por uma semana mais ou menos, se pode me entender. Ela está um pouco desconfortada com o último aborto e você tem sido seu maior consolo.

— Pobre querida. Por favor, peça-lhe para me telefonar mais tarde. Deixei minha agenda em casa. E você viria unir-se a nós depois?

— Não, mamãe.

Por mais que alguém procure preparar-se para as notícias, por mais que o relacionamento possa ser superficial, por mais inevitável que seja... quando fica sabendo que seu filho vai para a guerra, a dormência e a secura da boca, suor na testa e nas mãos brotam dos poros ocultos. Embora estivessem numa linha privada, não havia mais perguntas que pudessem ser feitas nem respostas que pudessem ser dadas.

Vai estar com seu irmão nos próximos dias?

— Sim.

A onda de choque atingiu-a de novo.

— Ele recebeu novas insígnias, agora é primeiro-Tenente. Ouça, mamãe, ele tem agido muito melhor ultimamente.

— Peça-lhe para me telefonar, Chris... por favor, peça-lhe para me telefonar.

— Claro.

— Deus o abençoe, Chris.

— Adeus, mãe.

O condado era imenso e todos haviam desenvolvido uma noção de onde todos os demais deveriam estar, no caso de precisarem tratar de alguma questão. Chris conhecia os mais prováveis refúgios de Jeremy e naquela noite tinha certeza de que encontraria seu irmão no bar do Dooley McCloskey na encruzilhada, na aldeia alta de Ballyutogue.

Dooley e os antigos frequentadores do lugar já haviam partido, mas os novos rostos eram muito similares aos dos rapazes protestantes que se refugiavam ali para fugir das esposas. Entretanto, ninguém da aldeia protestante viera ao urzal desde o ataque a Lettershambo, à exceção de Lorde Jeremy naquela noite.

Lorde Jeremy fora um jogador de futebol gaélico no Bogside e um amigo íntimo de Conor Larkin durante muito tempo. Poder-se-ia dizer com certa segurança que Lorde Jeremy era provavelmente o único Visconde de Coleraine na história do condado que era realmente bem-vindo ali.

A vida entre os dois irmãos andava menos ácida ultimamente. A longa infância de altercações e insolências foi seguida de anos de afastamento devido à educação e à indiferença e devido aos valores e a quem era leal a quem.

Então, vieram os terríveis acontecimentos de Molly O'Rafferty. Jeremy abriu mão da jovem sob o ataque orquestrado de seu pai, seu irmão e Maxwell Swan. Foi a voz de Chris que mais o feriu. Era ríspida, mordaz, ferindo sua mente, retalhando suas vísceras. Jeremy compreendeu que nunca conseguiria libertar-se do pai, pois Chris assumiria seu lugar quando seu pai partisse.

Naqueles meses sombrios, quando foi mandado para os Coleraines, Jeremy tentou esgotar toda a bebida da Irlanda, uma iniciativa malsucedida por inúmeros homens com muito mais capacidade. Naquela época, Chris não lhe ofereceu nem piedade nem consolo, mas usou sua posição superior para consolidar sua própria situação.

Mais tarde, quando os oficiais do Acampamento Bushy demitiram-se, Jeremy tivera vontade de desafiar todos eles e recusar-se a participar do motim.

Naquela ocasião, eram somente ele e Chris, mas Chris venceu e fez Jeremy voltar para a garrafa lamuriando-se. Estava estabelecido *quem era quem na verdadeira* hierarquia.

Jeremy perambulava pelos bares de Dublin perto do Liffey como um fantasma de Dickens procurando ouvir os doces sons de uma balada na voz angelical de sua Molly.

A autocomiseração foi esmerada como uma arte e tornou-se a sábia maneira de um idiota justificar sua falta de fibra.

Então, as coisas tomaram outro rumo. Não uma erupção repentina de libertar-se dos grilhões, mas o raiar de uma nova compreensão. O dia em

que o Castelo de Lettershambo foi tomado e Conor Larkin caminhou para a sua morte, Jeremy começou a sair de seu torpor.

As lembranças começaram a fazê-lo sorrir outra vez com a alegria infantil de estar nu da cintura para cima, preto de fuligem, bombeando o fole no Salão Comprido, daquelas centenas de horas magníficas de aulas com Conor, de como ele resplandecia com o significado que ninguém mais conseguia ver de cada poema ou evento histórico, de seu herói puxando-o da lama no campo de rúgbi e arrastando-o de volta à linha de ataque e do cheiro de cerveja nos bares dos bairros pobres...

E a trágica compreensão de que sua mãe e Conor haviam tido um amor muito mais desesperado do que ele tivera com Molly O'Rafferty. Conor Larkin fora embora como um homem.

Um homem, era isso. Ser um homem.

O estabelecimento de Dooley McCloskey estava silencioso pela falta de fregueses protestantes. O Major Christopher Hubble entrou e olhou em torno com a sensação crescente de que havia assassinos a toda volta, prontos para cercar e esfaquear. Eles tocaram a ponta do chapéu e continuaram a beber, sorrindo internamente por causa do ataque ao castelo.

Jeremy estava sentado a um canto, num devaneio. Ergueu os olhos, viu seu irmão e ficou imaginando que notícias tão urgentes o haviam levado à toca do inimigo naquela noite.

A cadeira diante de Jeremy estava precisando de limpeza.

— Sente-se — disse Jeremy. — Nunca soube que cadeiras pudessem causar alguma doença grave.

Jeremy encontrou um copo extra, serviu um drinque a Chris, que o tomou rapidamente. Ótimo, pensou Jeremy, melhor vê-lo mais brando.

— Com novas insígnias sobre os ombros, Major?

Você também tem novas insígnias aguardando-o.

— Primeiro-Tenente Lorde Visconde Jeremy Hubble emerge da masmorra da família. Por Deus, o império deve estar com falta de subalternos para promover — disse Jeremy. — Chris, sinto muito pelo aborto de Hester. Ela está bem?

Chris assentiu, murmurou que ela estava bem e abaixou os olhos como se a questão toda fosse uma mancha em sua masculinidade.

— Devemos nos apresentar no acampamento amanhã às dez horas — disse Chris.

— Imaginei isso — disse Jeremy. — Eu tinha que dizer meu adeus a Conor e prometer-lhe que começaria a agir direito e corrigir o que andei fazendo errado para que ele se orgulhe de mim. Preciso que ele se orgulhe de mim. Compreende? Agora preciso disso. Os melhores momentos de minha vida, quando eu não estava com Molly, foram quando caminhei em sua sombra...

Chris resmungou, irritado.

— Você está furioso porque ele explodiu todas as suas armas espalhando os pedacinhos por todo o condado de Londonderry. Bem, esse é o Ulster. Aqui estamos nós todos bebendo juntos num velho bar. Veja, ninguém está furioso com ninguém. Podemos continuar convivendo.

— Você vai embora comigo agora — ordenou Chris. — Do jeito que está, não vai conseguir voltar para o quartel.

— Irei embora quando estiver pronto para ir embora e somente então.

— Meu Deus, você até fala como eles quando está aqui. — Chris levantou-se. — Precisa telefonar para mamãe. Ela está em Londres. Falei com ela e ela praticamente implorou que você lhe telefonasse. Eu também acho que já chega. Telefone para ela.

— Jesus — disse Jeremy —, que maldita família... que maldito país. Diga a mamãe, se tiver oportunidade, que eu entrarei em contato com ela um dia desses quando tiver terminado minha penitência.

CAPÍTULO 56



*Port Albany, sudoeste da Austrália,
Ano-Novo de 1915*

Comboios de vários tamanhos e feitios começaram a formar uma enorme armada de Perth até Port Albany. Navios modernos vieram substituir os velhos, a marinha japonesa escoltou os soldados *kiwis* da Nova Zelândia e contingentes de *aussies* chegavam de trem sem parar.

Conforme milhares e milhares de recrutas afluíam ao local, parecia surgir um boato para cada soldado.

“O navio de guerra alemão *Emden* está causando uma devastação no oceano Índico.”

“A expedição *aussie-kiwi* embarcará para a África do Sul, para debelar uma revolta crescente dos bôeres.”

“A força expedicionária está se dirigindo para a França. Todas as tropas terão uma semana de licença em Paris antes do treinamento atrás das linhas.”

“A força expedicionária está se dirigindo para a Inglaterra e, após uma semana de licença em Londres, irá para o campo de treinamento.”

“Os submarinos alemães estão vagando em bando pelo mar da Arábia à espera do comboio.”

“Vamos direto para a África do Sul, treinar para uma campanha contra a África oriental alemã.”

“Uma força expedicionária canadense de quarenta mil chegou à Inglaterra.”

“A cavalaria ligeira e outras cavalarias receberão seus cavalos na Inglaterra, na Irlanda ou na Arábia.”

E muitas outras variações.

Uma vila militar surgiu em torno da pista de corridas de cavalos, juntamente com a prática de esportes e outros tipos de recreação encorajados para aliviar o tédio e a tensão que sempre se segue ao tédio. Uma fileira de novos bares era bastante frequentada. Os *kiwis* e os *aussies* defrontavam-se em competições quase sempre amigáveis.

Os *kiwis* boxeavam com os “cangurus” australianos e algumas boas partidas de rúgbi levantavam nuvens de poeira dos campos de terra.

As mais concorridas eram as lutas de boxe diárias, competições para determinar os campeões de cada classe de pesos da força expedicionária.

Não havia a menor dúvida sobre quem era o campeão do peso pesado. O Sargento Baker, afetuosamente chamado de Baker, o Açougueiro, um gigante tatuado pesando mais de 110 quilos e 1,95m de altura. Ele havia acumulado todos os títulos nos comandos do Pacífico e da Ásia a que sua unidade de artilharia estava vinculada. Não havia sobreviventes conhecidos ou dispostos a desafiá-lo em toda essa multidão.

O Sargento Baker e sua comitiva, portanto, apresentavam exhibições diárias de luta, apostando quanto tempo o desafiante aguentaria. Seus partidários tinham que dar enormes vantagens para encontrar novos apostadores, mas eram um grupo ganancioso e, mesmo apostando quinze contra um, Baker nunca os decepcionava.

Nessas disputas, sempre havia um ou dois homens por dia dispostos a entrar no ringue para tentar a sorte, mas todos eles eram invariavelmente derrotados.

Rory e Johnny Tarbox eram inevitavelmente atraídos pelas incríveis vantagens que os seguidores de Baker ofereciam. Todos os dias, eles se misturavam ao aglomerado em volta do ringue para estudar o sujeito, mas geralmente sua vítima era despachada antes que o Açougueiro revelasse muitos dos seus segredos.

Rory e Johnny observavam atentamente para ver se eram empregados truques desonestos. Chester foi enviado até ele para apertar-lhe a mão quando estava sem luvas, para verificar se tinham sido mergulhadas em gesso. Johnny apoderou-se furtivamente de uma das luvas, mas ela não tinha marcas de corte ou de perfuração nem continha qualquer objeto de metal. Rory provou sua água, gim puro, mas nenhum sinal de drogas estimulantes. Todos eles observaram os auxiliares de Baker para ver se

colocavam pimenta em suas luvas ou qualquer outra substância estranha para cegar temporariamente o adversário.

Não, Baker, o Açougueiro não precisava jogar muito sujo.

Ele era lento e desajeitado, mas nenhum soco no rosto o abalava. Espreitava a caça, encurralava-a, passava um braço em torno do adversário e, pronto, estava encerrada a luta. Ele podia afundar um contratorpedeiro com uma das mãos. Se um adversário realmente parecesse causar dificuldades, o Açougueiro podia tornar-se mau e empregar livremente cotoveladas, braçadas, cabeçadas, golpes baixos.

Nem Rory nem Johnny Tarbox sequer consideraram a possibilidade de entrar no ringue com o grandalhão até que o Sétimo Batalhão de Cavalaria Ligeira da Nova Zelândia foi tirado do banho-maria que o levava até a Austrália e transferido para um navio recém-adaptado para transporte de tropas, o *Wagga Wagga*. Corriam boatos de que não demoraria muito até irem para Port Albany.

Baker, o Açougueiro, estava enfrentando três *kiwis* naquele dia. Depois que o primeiro caiu no primeiro assalto, o Subtenente e seu companheiro dirigiram-se a um dos bares e deixaram Chester assistindo ao resto da luta.

Johnny lamentava o fato de só permanecerem em Melbourne para uma rápida visita. Encontrara o verdadeiro amor, ao que parecia, e teria de bom grado saltado do navio por mais uma noite no paraíso. Depois de tantos anos, o verdadeiro amor.

Chester alcançou-os no bar.

— O que aconteceu? — perguntou Johnny.

— Os três juntos duraram cinco assaltos.

— Que brutamontes — falou Johnny.

— Qual era a aposta? — perguntou Rory.

— O corretor de Baker teve que dar quatorze por um.

— Por Deus — resmungou Rory —, nunca mais veremos uma vantagem assim.

Os três ficaram em silêncio no salão barulhento.

— Quanto dinheiro você tem, Johnny? — Rory perguntou finalmente.

— Sei o que está pensando, Rory, e a resposta é não.

— Estou perguntando por outras razões — disse Rory.

— Talvez umas sete ou oito libras.

— E você, Chester?

Um encolher de ombros foi resposta suficiente.

— Vejamos. Tomei cem libras emprestadas de Wally Ferguson — disse Rory, tirando seu dinheiro e contando. — Restam mais ou menos trinta. Temos trinta e oito libras juntos e não vai ser muito mais depois que nos pagarem. Estou falando de conforto. Você serviu nos Royal Marines, Tarbox. Que confortos tinha?

— Você só pode estar brincando. Eles nos davam palha de aço para limpar a bunda.

— Que conforto tivemos desde que subimos a bordo deste navio? — continuou Rory. — Os navios negreiros têm ventilação e comida melhores. Os escravos têm um valor de mercado. Nós somos descartáveis.

— Chega — protestou Tarbox. — Você está tentando nos convencer.

— Estou falando de conforto. Em algum momento nós vamos para terra firme. Eles vão ter que nos dar nossos cavalos. Vamos ter que treinar em algum lugar. No instante em que eu deixar o acampamento, quero o tipo de conforto que uma ou duas mil libras podem comprar, porque o exército não vai nos dar conforto. Entretanto, Baker, o Açougueiro, pode nos proporcionar isso.

— Você vai ter seu maldito conforto, não se aflija. Nunca vi um morto que não estivesse bem confortável.

— Nós nos espalhamos e conseguimos o máximo de dinheiro emprestado que pudemos. Digamos, juntamos umas cem libras e os colegas de Baker nos cobrem com mil e quinhentas libras. Tudo que podemos perder são as nossas cem... mas temos a chance de ganhar MIL E QUINHENTAS LIBRAS.

Foi o suficiente para causar uma pequena mudança no modo de pensar de Johnny. Lembrou-se de Rory em algumas lutas nos espetáculos da A&P, entrando e saindo do ringue, geralmente enfrentando sujeitos bem maiores do que ele. Uma vez, cometeu a tolice de entrar no ringue com Rory e não aguentou nem um assalto. Rory era um terror, é verdade, mas esse Baker, o Açougueiro, comia monstros e jacarés no café da manhã. Pesava mais de vinte quilos do que Rory... pelo menos mais de vinte e três.

— Uma nobre ideia — Johnny lamentou —, mas não vou deixá-lo fazer isso.

— Johnny, eu e você estudamos este mastodonte. Ele se move como um boi. Ele ergue o calcanhar esquerdo e desliza a perna esquerda e dá uma

pequena estocada somente para mantê-lo a distância até poder agarrá-lo. Quando ele desfecha aquele murro de esquerda está tão desequilibrado que, por um instante, sua mão direita fica inutilizada. Está me entendendo, Chester?

— Claro.

— Mas, seja lá como for, esse desajeitado monte de merda derruba o adversário com qualquer uma das mãos — Johnny lembrou-os.

— Chester, levante as mãos — disse Rory —, deixe-me mostrar-lhe os movimentos. Sim, isso mesmo. Agora, dê um golpe com a mão esquerda e incline-se para frente ao fazê-lo. Isso deixa a descoberto todo o flanco esquerdo do seu corpo... certo, Chester?

— Acho que sim, se você está dizendo.

— E daí você pode acertar uns ganchos de esquerda no corpo dele — grunhiu Johnny.

— Não, nada disso — disse Rory animadamente. — Ele não gosta de ser acertado nas costelas. Fica cego de raiva, como um rinoceronte enlouquecido. Ele tem que se livrar do adversário porque ele não gosta de ser atingido nas costelas.

— Em teoria, é magnífico — zombou Tarbox.

— Sabe do que me lembro da vez em que o enfrentei no ringue, Johnny?

Tarbox começou a empalidecer.

— Lembro-me do gancho de esquerda que você acertou em minha barriga. Ainda posso senti-lo. Por isso é que fiquei tão desesperado de acabar com você o mais rápido que pudesse.

— Ah, não, eu não vou subir no ringue com aquele filho da puta — disse Johnny. — E não se fala mais nisso.

— Não lhe estou pedido para ser esmurrado, estou? Estou pedindo para desfechar quatro ou cinco dos seus poderosos ganchos de esquerda nas costelas dele. Então, eu entro.

— É inteiramente impróprio, para um Suboficial como eu, deixar-se envolver em lutas com o pessoal alistado. Eu nem sequer deveria estar bebendo cerveja com você.

— Tem razão — disse Rory —, não tocarei mais no assunto, exceto, bem, que talvez pudesse significar um belo apartamento em Paris de frente para o Champs... você sabe, e o Arco do Triunfo e todas aquelas garotas

francesas de peitos grandes rebolando para cima e para baixo do antigo passeio para o seu Johnny Tarbox, o belo e gastador Subtenente *kiwi*.

Os três conseguiram arrebanhar 117 libras e Chester Goodwood foi despachado do *Wagga Wagga* para o HMS *Thunderhead* onde o Sargento Baker estava instalado. Era assustador olhar o Açougueiro de perto. Sabendo que o comboio logo partiria, aquele bando ganancioso logo concordou com a peleja, particularmente quando Chester lhes assegurou que nenhum dos desafiantes pesava mais de cem quilos.

Chester só pediu uma coisa — um capelão para ser juiz e receber as apostas.

Rory passou metade da noite num amor fraternal, alternando para Johnny, imagens de moças francesas e do flanco esquerdo de Baker. Convencido com uma garrafa de gim, Johnny caiu num sono agitado, somente em parte aterrorizado.

Era um dia sombrio quando Rory, Chester e o capelão católico conduziram um Johnny Tarbox semiparalisado para dentro do ringue, onde as regras do confronto foram acertadas. Tarbox entraria primeiro e Landers em seguida. Uma pequena questão nas apostas foi discutida. Chester Goodwood apostou 115, que foi coberto pelas 1650 libras do bando de Baker.

A multidão formada por uma maioria *aussie* ansiava pelo sangue *kiwi* e recebeu seu campeão com gritos de incentivo.

— Está na hora, rapazes — anunciou o capelão.

Há um momento na vida de todo homem em que o medo paralisa cada articulação do seu corpo, transformando-o numa estátua imóvel, ou o vê ficar enlouquecido e furioso, ou o mesmo homem atinge uma região mágica, num altiplano mágico onde a eternidade da coragem se condensa numa única fração de segundo com absoluta clareza.

Teria sido o pensamento de seios, umbigos e coxas brancas francesas acima de meias pretas? Teria sido uma vida de tripulante que sentira o impacto de um soco poderoso e sobrevivera? Ninguém jamais saberá realmente, mas quando o juiz gritou “tempo, rapazes”, Johnny Tarbox estava imaculadamente, divinamente, focalizado no flanco esquerdo do corpo de Baker, o Açougueiro, onde se via tatuado um coração dentro de um mapa da Austrália subscrito com a única palavra *Mãe*.

Tarbox transcendera o medo mortal e transformara-se numa espécie de ser superior, como se estivesse num sonho. Como Rory previra, quando

o Sargento Baker ergueu o calcanhar esquerdo para deslizar o pé para a frente em conjugação com o golpe bestial, a Mãe-Coração-Austrália abriu-se como os portões celestiais.

A gritaria era tanta que o golpe nem foi ouvido. O braço esquerdo de Johnny vibrou como se tivesse sido atingido por uma descarga elétrica. O enorme *aussie* piscou, confuso pela tática inesperada, depois reagiu com um giro feroz do qual Johnny foi capaz de esquivar-se, dando-lhe mais uma visão da obra de arte de Baker. O murro atingiu em cheio a região de Perth.

O Sargento Baker, que já se vira nessa situação uma vez ou outra, recompôs-se e avançou pesadamente. Sabendo que adquirira um certo grau de respeito, o terrível medo de Johnny desapareceu como por encanto e ele começou a exhibir seus conhecimentos de boxe, saltando para esquivar-se do adversário.

Entretanto, Baker, o açougueiro, conhecia a arte de reduzir a distância do ringue, pois passava a metade de seu tempo ali caçando e encurralando seu adversário. Sentindo-se como se tivesse conquistado Gibraltar, Johnny inclinou-se fingindo um golpe de cabeça e, é claro, o australiano não perdeu a oportunidade! AUSTRÁLIA! POU!

— Não se descuide! — gritou Rory.

Foi a única coisa de que Johnny se lembrava até que o rosto indistinto de Rory ficou novamente nítido. Os sais de cheiro zuniam na cabeça de Johnny e o trouxeram de volta à cena.

— Você se saiu bem — Rory assegurou-lhe.

— Nem cheguei a ver o golpe. Foi como uma bala de canhão, mas Rory, por Deus, eu o ouvi gemer alto da última vez que o esmurrei.

O Açougueiro continuava de pé no seu canto do ringue, cuidando da dor na lateral do corpo, talvez apenas uma costela quebrada. Seu antigo segundo e atual empresário dirigiu-se ao centro do ringue.

— Aceitaremos continuar com cinquenta libras deles. O meu lutador está ficando com indigestão de tanto comer *kiwis* crus. Deixaremos o outro garoto viver como um gesto de unidade expedicionária.

— Jesus! — gritou Rory.

O apresentador pediu silêncio através do seu alto-falante.

— Como um ato de bondade e compaixão, o Sargento Baker libertará o último boxeador do seu compromisso, já que ele está tão apavorado.

Rory entrou no ringue e arrancou o alto-falante das mãos do apresentador.

— Exijo lutar! Baker é um mentiroso!

Baker gesticulou com desprezo. Quando começou a subir e atravessar as cordas, Rory alcançou-o, empurrou-o no rosto e deu a volta no ringue com os braços erguidos em sinal de vitória. Quando a confusão ficou estabelecida, a luta começou.

Rory, canhoto de nascença, aproximou-se dançando e golpeando com a direita. Ele é muito ágil com os pés, mas não consegue me atingir, Baker disse consigo mesmo.

Lutando dessa posição no centro do ringue, Rory pouco mostrou. Os enormes braços do sujeito eram muito longos e ele simplesmente era alto demais.

— Tempo!

— Como está a respiração dele, Chester?

— Não está muito forte.

— Droga. Para me encurralar, ele tem que desfechar aquele golpe de esquerda.

— Talvez ele tenha aprendido a lição — disse Johnny.

— Tempo!

De repente, no meio do segundo assalto, Rory Landers mudou da mão direita para a mão esquerda, fingiu um arremesso e o australiano lançou um golpe instintivo. Rory agachou-se e desferiu duas direitas rápidas nas costelas cada vez mais vermelhas de Baker.

Rory distanciou-se, agora lutando novamente com a direita e fingiu um gancho no corpo. Baker abaixou o braço para proteger o lado dolorido e levou um murro no queixo.

Naquele instante, Baker, o Açougueiro, ficou indeciso e Rory caiu em cima dele... e Deus Todo-Poderoso, Baker começou a recuar.

— Tempo! Tempo! Tempo!

— Ele está arquejante agora — gritou-lhe Chester.

— Vigie o capelão — disse Rory, também arquejante. — Ele está com o dinheiro.

— Tenha cuidado, Rory — gritou Johnny —, ele vai começar a jogar sujo.

— Tempo!

Baker atravessou o ringue como um tufão e desfechou um murro que passou assoviando pelo rosto de Rory, tão próximo que fez suas pestanas vibrarem.

Rory de repente sentiu-se um pouco fraco com tantas manobras. Formavam um par encharcado, jorrando sangue de vários cortes.

Mas, pasmem! Baker não estava mais usando sua esquerda, absolutamente. Mantinha o braço junto ao flanco esquerdo para evitar novos golpes no corpo. Rory enviou uma gloriosa direita no maxilar. Baker, o Açougueiro, quase nem sentiu o golpe, mas a mão direita de Rory parecia ter quebrado.

— Tempo!

— Seu filho da puta, pediu tempo antes da hora! — gritou Tarbox.

Rory estava quase aniquilado, pouco lhe servindo de consolo ver as contusões inchadas no mapa da Austrália de Baker como se fossem novos povoamentos ou o fato de Baker estar resfolegando e chiando.

— Tempo!

O ringue estremecia com o barulho, como se houvesse um tremor de terra.

Baker colocou as mãos sobre o rosto e o corpo como se brincasse de esconder e retrocedeu até um canto para atrair Rory. Este aproximava-se e afastava-se rapidamente, mas sentia as pernas pesadas nos joelhos. Sentindo-se desfalecer, fez a bobagem de tentar furar a guarda do Açougueiro...

Baker passou os braços cabeludos em torno de Rory, imprensou-o no canto e colocou todo o seu peso contra ele como um monte de carne, imobilizando seus braços de forma que ele não pudesse esmurrar. Baker lançou um joelho em sua virilha e o cotovelo no seu rosto.

Baker estava decidido!

Rory conseguiu dar mais um soco desesperado na Mãe-Coração-Austrália e isso somente enraiveceu ainda mais o grandalhão, que o imprensou outra vez, acertando-lhe uma cabeçada em cheio entre os olhos. Rory caiu sobre uma das pernas e Baker descarregou sua famosa mão direita.

A multidão parecia enlouquecida.

— Jogue a toalha, Johnny — suplicava Chester.

Lá estava Rory, recebendo uma contagem, apoiado em um dos joelhos... o sangue jorrando da boca e do nariz... e ainda faltavam mais três

assaltos.

Johnny olhou em volta à procura de uma toalha. Rory ergueu-se e, quando o Açougueiro o agarrou, Rory mordeu a orelha dele.

O gigante australiano gritou tão alto que se pôde ouvir perfeitamente até Perth. Ele se dobrou e, quando tentava proteger a orelha, Rory atingiu seu flanco. Quando ele tentou proteger o flanco, Rory atingiu sua orelha... orelha... flanco... orelha... flanco...

Baker, o Açougueiro, caiu em cima das cordas, que se desprenderam, caindo com Rory por cima dele.

Rory pôs-se de pé primeiro, cambaleando.

— Não precisamos de ringue! Levante e lute!

Baker arrastou-se em círculos sobre os joelhos e uma das mãos, como um cachorro de três pernas, depois levantou os olhos como Golias deve ter feito.

— Eu não devia ter lhe dado uma cabeçada.

— Tempo! — gritou o assistente de Baker, um minuto e quatorze segundos mais cedo, enquanto meia dúzia de homens de sua comitiva corria para o ringue. Baker caiu de cara no chão antes de ser arrastado para seu banco.

Rory foi até o canto do Açougueiro, parou acima dele, sangrando e suando em cima dele.

— Foda-se — gritou Baker entre lágrimas, com uma golfada de seu próprio sangue.

— Desista! — exigiu Rory.

— Foda-se!

Rory esmurrou-o e Baker e o banco caíram ao mesmo tempo.

— Basta! — disse Baker, deixando-se ficar onde estava e chorando como uma criança.

COMANDANTE DA FROTA, PALCO
INDIANO DE OPERAÇÕES.
COMANDANTE DAS FORÇAS
TERRRESTRES ANZAC* COMBOIO
PERTH-ALBANY. NAVIO DE
GUERRA ALEMÃO EMDEN
AFUNDADO PELO ENCOURAÇADO
SYDNEY NESTA DATA AO LARGO
SUMATRA. PROSSEGUIR DE

ACORDO COM ROTA,
VELOCIDADE E FORMAÇÃO DAS
ORDENS DE 04:30 — 28 DE
JANEIRO EM ANEXO. PARA GOLFO
DE ADEN, DAÍ PARA MAR
VERMELHO ATRAVÉS CANAL DE
SUEZ. TRENS DE TROPAS
ESTARÃO À ESPERA PARA
TRANSFERIR AS FORÇAS ANZAC E
INDIANA PARA ACAMPAMENTOS
NAS VIZINHANÇAS DO CAIRO.

WINSTON S. CHURCHILL
PRIMEIRO-LORDE DO
ALMIRANTADO

**ANZAC Australia and New Zeland Army Corps, a
unidade formada por forças australianas e
neozelandesas na 1ª Guerra Mundial (N. do E).*

CAPÍTULO 57



ARQUIVOS SECRETOS DE WINSTON CHURCHILL, FINAL DE 1914

Estou firmemente decidido a apresentar minha “grande estratégia” ao Conselho de Guerra o mais breve possível. Revendo a guerra até o presente, tiro as seguintes conclusões:

1. *A Marinha estava pronta!* Enviamos com sucesso a Força Expedicionária Britânica pelo Canal para a França e a Bélgica sem incidentes.
2. As águas e as rotas oceânicas em torno das Ilhas Britânicas são inexpugnáveis ao ataque. A Frota do Canal nos guarda com vinte supercourageados. As rotas dos nossos navios estão abertas, apesar dos submarinos alemães.
3. A frota alemã está encurralada. Esconde-se em seus próprios canais, docas e enseadas.

A Frente Ocidental

Tendo sustado o avanço alemão, desenvolveu-se um front imóvel, do canal da Mancha ao norte estendendo-se por centenas de quilômetros até os Alpes.

Uma série de trincheiras é ocupada por milhões de homens, guardada por campos minados e arame farpado à frente e por dezenas de milhares de peças de artilharia e metralhadoras na retaguarda.

A mim parece óbvio que no próximo ano de 1915 pouca coisa irá mudar na Frente Ocidental, já que nenhum dos dois lados será capaz de deslocar o outro.

A Frente Oriental

A situação é fluída. Nossos aliados russos, embora nem modernos nem altamente motivados, estão combatendo dezenas de divisões alemãs. A Rússia é um vasto país e as linhas de suprimento estenderam-se perigosamente.

Até agora os russos apresentaram bons resultados contra os alemães e os turcos, e eu acredito que 1915 encontrará a Frente Oriental firme em sua posição.

O Palco do Pacífico

Há uma década, os japoneses infligiram uma terrível derrota sobre a Rússia, a primeira vez que uma potência oriental prevaleceu sobre o Ocidente desde Gengis Khan e as invasões dos mongóis.

Agora, a Inglaterra e a Rússia são aliadas dos japoneses. Acolho isso com ambivalência. A anexação japonesa da Coréia delineia claramente sua ambição de estabelecer um império no continente asiático.

Sua entrada foi uma medida oportunista para apoderar-se das ilhas do Pacífico pertencentes aos alemães. Devemos reiterar nosso acordo com o Japão de que eles têm permissão para se apossarem somente de ilhas ao norte do equador. Tudo abaixo do equador deve permanecer na esfera britânica.

O que escrevo a seguir é o que acredito que deverá ser o curso de ação britânico para o ano de 1915:

1. Para a Inglaterra, o grande prêmio da guerra é o Império Otomano. Para assegurar o controle britânico sobre o Egito e o canal de Suez, devemos estender nossa esfera de ação assumindo o controle da península do Sinai, estabelecer um mandato para governar a Palestina, criar um território controlado pelos ingleses na região da Transjordânia e assumir o controle do Iraque.
2. Nossos aliados franceses estenderão sua esfera de ação ao controle da Síria, inclusive do Líbano.
3. A Inglaterra não busca nenhum ganho geográfico no continente europeu.
4. A Rússia controlará a Armênia, a região do Cáucaso e o Irã. Deve ocupar e controlar Constantinopla, assegurando para sempre portos de abastecimento e acesso ao Mediterrâneo.
5. Com a Força Expedicionária Canadense treinando na Inglaterra e nosso contingente nacional suprindo novas tropas para a Europa... *1915 nos encontrará com um excedente de navios, de divisões britânicas e um novo e poderoso exército, a Unidade Australiana e Neozelandesa, prontos para partir.*

Eu defendo que desviemos a Unidade Australiana e Neozelandesa para o Egito e a reunamos com as unidades britânicas e francesas para treinamento, a fim de conquistar a península Galípoli e marchar sobre Constantinopla, forçando a abertura de Dardanelos.

Depois que tivermos conquistado Constantinopla, as nações balcânicas, que não tomaram partido e continuam em cima do muro, correrão para o nosso lado, o que nos permitirá fazer uma campanha pelo vale do Danúbio, cortando as forças da Alemanha ao meio.

Além disso, a abertura de Dardanelos nos permitirá suprir os russos de munição, do que estão começando a precisar desesperadamente.

E, finalmente, isso libertará o trigo ucraniano para ser remetido para a França e a Inglaterra.

A Grécia se unirá a nós sempre que quisermos, mas as tropas gregas não podem entrar em Constantinopla, o que deve ficar a cargo do nosso aliado russo. A Itália, também sentada no muro, será forçada a tornar-se nossa aliada quando abrirmos Dardanelos.

Os turcos foram derrotados no Oriente Próximo, no Norte da África e alijados da Europa pela coalizão balcânica. Atualmente, estão usando toda a força que lhes resta contra a Rússia.

A Alemanha não pode dar-se ao luxo de enviar tropas para a Turquia, embora talvez os turcos possam contar com algum pessoal alemão. Seja como for, o Império Otomano está prestes a cair.

Embora a península Galípoli seja uma região selvagem de penhascos e vales e com escassa inteligência militar, sinto que nossa força naval subjugará sua fortaleza no topo da colina. Muitos de nossos navios de guerra velhos, prontos para irem para o ferro-velho, ainda podem ser usados contra Galípoli como plataformas flutuantes de armas.

Enquanto um desembarque do mar seria extraordinário numa guerra moderna, eu vejo nossa força naval destrutiva quebrando o moral dos defensores turcos.

A unidade *aussie* e neozelandesa está terrivelmente necessitada de oficiais. Estou forçando Kitchener (que gosta da ideia da campanha de Dardanelos) a levar um quadro de oficiais britânicos para o Egito para assumir a Unidade *Aussie*/Neozelandesa. Pelo que sei, os *aussies* são um bando selvagem, como era de se esperar de descendentes de uma colônia penal.

Então, é isso. Dardanelos e Galípoli, Constantinopla e o vale do Danúbio e o fim do Império Otomano em 1915.

WSC

CAPÍTULO 58



Janeiro de 1915

Chanque-ruuumchanque... — chanque-ruuumchanque... chanque-ruuumchanque... CHANQUE-RUUUUMCHANQUE... CHANQUE-RUUUUMRANQUE!

— Pai! Não chore! Pai!

CHANQUE—RUUUUMCHANQUE

— Pai! Corra, homem!

Rory sentou-se de um salto. Sua cabeça bateu na lona do beliche acima dele.

— Jesus Cristo — o soldado acima dele queixou-se.

Rory caiu deitado novamente.

— Sinto muito, companheiro — desculpou-se.

— Jesus Cristo — o homem murmurou outra vez e em um segundo roncava novamente.

Chanque-ruuumchanque, repetia a máquina do navio, sem parar, e o *Wagga Wagga* gemia. Rory soltava suspiros profundos como se pudesse expelir o pesadelo de seu corpo. Por que diabos o *Squire* Liam estava invadindo as noites que ele reservara para chorar por seu tio Conor Larkin ou ansiar por Georgia Norman?

Por que seu pai? Por quê?

Ergueu-se sobre um dos cotovelos, com cuidado para não bater outra vez no beliche acima dele, e espreitou pela vigia. O comboio parecia locomover-se a um terço da velocidade nas águas quentes próximas ao equador. Havia lá fora um luar suficiente para ofuscar todas as estrelas. Estreitou bem os olhos para divisar as silhuetas dos navios.

Chester devia estar dormindo no primeiro beliche, seis fileiras abaixo. Ele e Chester trocavam de lugar a determinados intervalos para que cada um pudesse usufruir um pouco do ar fresco da vigia. A cabeça de Rory latejava com o pesadelo. Devia estar sufocante lá embaixo na última fileira,

pensou. Rory deslizou o mais cuidadosamente que podia entre o amontoado de sacolas penduradas, rifles, uma diversidade de equipamentos barulhentos e capacetes no porão fracamente iluminado.

Abotoou as calças, amarrou o colete salva-vidas, depois procurou Chester no beliche inferior. Estava vazio. Rory foi tateando ao longo da estreita passagem entulhada de utensílios, braços e pernas pendurados, corpos suados empilhados em sete fileiras, e avançou lentamente em direção à sala de máquinas.

Chanque-ruuumchanque... Chanque-ruuumchanque...

Abriu caminho por um conjunto de três cortinas de isolamento até entrar na sala das turbinas. A área de jogos ficava em um dos cantos, sob uma lâmpada. Um dos marinheiros australianos da tripulação servira na marinha americana e trouxera com ele as avançadas conquistas culturais americanas dos jogos de dados e vinte-e-um.

Chester Goodwood observou os jogos durante os três primeiros dias a bordo, calculou as probabilidades dos dados e aprendeu a ler o baralho no segundo jogo. Parecia tão modesto e inocente, que era sempre bem-vindo numa partida. Tanto Rory quanto Johnny Tarbox tiveram que avisá-lo para não ser ganancioso demais e até mesmo para perder algumas libras de vez em quando, para não chamar atenção. Caso contrário, ele sempre vencia.

Rory aproximou-se e ficou parado junto a Chester, esperando até ele pegar os dados e fazer sua jogada. O rapaz era um gênio. Imagine, o filho de um banqueiro! Ele poderá abrir seu próprio banco, pensou Rory.

— O beliche da vigia está disponível — disse Rory. — Vou ao convés.

— Tudo bem — disse Chester.

O *chanque-ruuumchanque*, o clicar dos dados e o rangido do *Wagga-Wagga* harmonizavam-se perfeitamente quando Rory deixou a sala das turbinas e mergulhou na escuridão, caminhando com dificuldade em direção à escada.

Lá em cima, as escotilhas e qualquer espaço decente do convés pareciam um depósito de peixes prateados — estavam cobertos de corpos *seminus*, pegajosos de suor.

Rory subiu as escadas até chegar a um aviso preso por correntes: **ÁREA DE OFICIAIS; PROIBIDA A ENTRADA DE RECRUTAS.** Enfiou a braçadeira que Johnny lhe fornecera e onde se lia **CENTRO DE**

INFORMAÇÕES, e deram-lhe passagem. Dirigiu-se então ao convés superior, onde Johnny e os outros suboficiais tinham pequenos alojamentos.

Havia um único bote salva-vidas amarrado e pendurado de uma serviola para o pessoal do convés superior, longe dos outros barcos que se enfileiravam nos deques inferiores. Johnny havia habilmente afrouxado os nós da capa de lona de modo que pudesse ser facilmente retirada e recolocada no lugar. Enchera o barco de proa a popa com um colchão de coletes salva-vidas, barco que ele partilhava com Chester e Rory.

Johnny já havia inalado o suficiente de ar quente e úmido e estava num estado de confusão mental quando Rory se arrastou para junto dele. Trocaram alguns comentários sobre o calor sufocante.

— Bem, cruzamos o equador e estamos indo para o norte — falou Rory. — Isso me diz que a África do Sul está eliminada.

— Recebi uma mensagem não codificada hoje no centro. Teremos um encontro perto de Ceilão com algumas tropas indianas — disse Johnny.

— Então, estamos indo para o Mediterrâneo e talvez subindo até a Inglaterra.

— Acho que sim.

— E talvez paremos em Aden e os navios vazios recebam nossos cavalos árabes.

— Gostaria de receber algumas mulheres árabes... primeiro elas dançariam a dança o ventre e depois começariam a sacudir os seios...

Fizeram silêncio por um instante. Tarbox estava longe, numa sala em arcos, repleta de dançarinas.

Rory impusera-se a disciplina de manter Georgia Norman longe de seus pensamentos. As horas eram mais bem despendidas chorando internamente por seu tio Conor do que ansiando por Georgia. Conor estava morto e, com o tempo, a dor diminuiria. Georgia dissera-lhe que sua dor seria guardada em um canto do seu ser.

Mas, Georgia! Ela surgia como uma explosão nos locais e nas horas mais improváveis. Na maior parte das vezes, imaginava-a deitada na cama com seu quimono de seda verde aberto, revelando a pele branca. Nunca deixava de criar uma sensação de absoluto desejo, que fluía por todo o seu corpo. Treinou-se para deixá-la entrar apenas por uns instantes, para não ficar nervoso ou mal-humorado.

Tanto Conor quanto Georgia estranhamente apagavam-se quando Liam surgia. Por que o *Squire*? Alguma coisa a respeito do mar, do maldito

comboio, estava atirando-o para junto do pai.

— Onde está Chester? — perguntou Johnny.

— Na sala das máquinas, dando lição de dados.

— Aposto que ele aprendeu isso em Hong Kong em um daqueles palácios de jogo com seu velho, não acha? — disse Johnny.

— Talvez, mas ele tem um dom inato com números. Mostrou-me as probabilidades em qualquer combinação nos dados. Quanto ao vinte-e-um, tudo que ele tem que fazer é segurar o baralho. Só estou deixando que ganhe cinco libras por dia. Não quero o navio inteiro em dívida com ele.

— Fui brilhante ao ver o mérito desse rapaz e trazê-lo para a Cavalaria Ligeira — disse Johnny.

— Seu filho da puta.

Ficaram em silêncio outra vez, agora acordados e recostados, de modo a poderem ver os outros deques e lá longe o comboio às escuras. Conor dissera a Rory que, em noites estreladas e de mar calmo, os marinheiros temiam a vigília porque tinham tempo para pensar sobre tudo que haviam deixado para trás, tudo que amavam... para se tornarem nômades.

— O que o está perturbando, Rory?

— Nada.

— Merda, posso ouvir seu cérebro zumbindo do outro lado do barco. Está saindo fumaça de seus ouvidos.

— Droga, deve ser a travessia do equador. Não consigo tirar meu velho da cabeça. Sinto como se estivéssemos compartilhando uma estranha passagem, ele descendo para a Nova Zelândia e nós para não sei onde. De algum modo, eu acordo, como se eu fosse ele na escuridão dos alojamentos do porão, completamente sozinho, sem sequer duas moedas para fazer barulho no bolso. Ele deve ter morrido de medo, Johnny. Ele sempre me falava dessa viagem, mas eu nunca ouvia direito.

— O *Squire* é um homem de coragem, sem dúvida — disse Johnny.

— Você gostava dele, não é? — perguntou Rory.

— Eu não era filho dele — disse Johnny rapidamente.

— O que você gostava nele? — insistiu Rory.

— O que ele construiu do nada, somente com as duas mãos. Isso era respeito. Eu também gostava dele. Toda a minha equipe gostava dele. Ele se importava conosco. Nossa comida vinha da cozinha de sua mãe e qualquer homem ferido era bem tratado. Ele fazia muitos favores sem alarde. Tinha

tanto orgulho da Fazenda Ballyutogue. E... ele era divertido como companhia para beber no bar e alegre como companhia para pescar truta lá em cima, naquele regato dele. Como eu disse, eu não era filho dele, de modo que não sei por que vocês dois não se davam bem, mas geralmente é assim em todas as famílias.

Era verdade. Todos gostavam de trabalhar para o *Squire* Larkin. Condutores de rebanhos, equipes de tosadores, a igreja, os leiloeiros... todos gostavam do *Squire*.

— Você se dava bem com seu pai? — perguntou Rory.

— Tivemos uma vida difícil juntos, Rory. Meu pai nunca passou de um biscateiro, o garimpeiro errante em busca do golpe da sorte. Eu e minha irmã passamos toda a nossa infância morando em uma carroça, garimpando na Ilha do Sul com ele. Nunca tivemos nossa própria casa.

— Como aprendeu a ler e escrever? Com sua mãe?

— Não! — disse Johnny bruscamente. Depois, suavizou-se. — Aprendi sozinho. Sempre havia alguém nos garimpos ensinando às crianças. Sabe, aqueles sujeitos que se cansam da civilização e partem em busca de ouro. Tivemos algumas pessoas muito cultas por perto.

Johnny disparara como um alarme à menção de sua mãe. Rory ficou sabendo que a mulher fora embora e nunca mais voltara.

— Minha mãe era atriz... como uma garota de teatro de revista, e a Nova Zelândia era muito pequena para ela. Ela foi um grande sucesso teatral no oeste da América, nas cidades da corrida do ouro e da prata — disse Tarbox com outra voz.

O silêncio abateu-se sobre eles outra vez. Um longo silêncio.

— Está dormindo? — perguntou Rory.

— Não estou mais.

— Por que meu pai está me rondando neste navio?

Tarbox riu.

— Que melhor lugar para pensar em seu velho do que num navio de tropas?

— Você gosta do *Squire*? — perguntou Rory.

— Sim, é uma pessoa boa e simples — disse Johnny.

— Mas você não gostava de garimpar com seu pai.

— Eu detestava, Rory. Eu o odiava pela vida que ele me dava.

Detestava ver minha irmã crescer e tornar-se uma garota do garimpo. Assim, larguei tudo quando pude e entrei para os Royal Marine. E sabe o

que aconteceu? Durante quatro anos senti falta do meu velho. Compreendi que ele fazia o que fazia porque ele teria morrido se tivesse que ficar sentado em um lugar sem nenhum sonho para perseguir, e compreendi que me havia ensinado muitas coisas boas. Todo soldado neste navio tem raiva dos pais por estragarem suas vidas e todo soldado que sobrevive à guerra vai passar a segunda metade de sua vida se recuperando da primeira. É assim com todo mundo. Todos nós culpamos nossos pais, todos nós... depois, nunca conseguimos ver a nós mesmos fazendo as mesmas coisas com nossos filhos.

Johnny estava aborrecendo-o. Ele não sabia o que o *Squire* Larkin lhe fizera!

— Assim, voltei dos Marines — continuou Johnny — e vi me velho como ele realmente era. Um homem meigo que fez o melhor que pôde. Mas, veja, ele sempre me aceitou como criança e eu era uma peste. Eu nunca o aceitei pelo que ele era. Depois dos Marines, passamos a nos ver pelo que realmente éramos e não pelo que queríamos que o outro fosse. Assim, ele começou a montar comigo, como um dos meus condutores, e aqueles quatro anos foram os melhores da minha vida.

Soava como seu tio Conor e o avô que nunca conhecera, Tomas Larkin. Conor e Tomas fizeram muito mal um ao outro, mas no final houve amor.

Ah, meu Deus, pensou Rory, há muitas montanhas a atravessar com o *Squire* e os vales são profundos demais. Ele nunca deixou de implicar comigo. Nunca parou de me fazer sentir indesejado.

Eu poderia ter feito alguma coisa a respeito?, Rory perguntou-se pela primeira vez... Sei que tinha orgulho pela maneira como eu montava, mas eu montava desleixadamente só para deixá-lo com raiva e mostrar o quanto eu era melhor do que o pobre Tommy. Detestava pescar com ele porque eu não gostava que ele me forçasse a ir e detestava ver sua alegria por ter fígado o maior peixe.

Toda vez que fiz alguma coisa que pudesse deixar o *Squire* orgulhoso, atirei-a a seus pés como um monte de merda. Gostava de deixá-lo furioso. Adorava vê-lo com raiva de mim e saber que ele teria que me aguentar.

Diabos! ELE fez isso COMIGO, ele e minha mãe Virgem Maria fizeram-me ter vergonha de ter nascido.

Talvez... talvez... eu pudesse ter feito os gestos certos. Talvez, em uma ou outra ocasião. Não, as montanhas são altas demais com aquele homem, e os vales, profundos demais.

Chanque-ruuumchanque... Chanque-ruuumchanque...

Rory lembrava-se de ter visto Johnny Tarbox e seu pai depois de terem levado o rebanho para os cercados de tio Wally em Christchurch. Johnny era tão atencioso, encarregava-se de refrescar o cavalo de seu pai e depois se dirigiam para o bar, com os braços um no ombro do outro.

O porão de um cargueiro enferrujado, com o bolso vazio e o medo pela frente. Deus! Tire-o dos meus ombros!

... Talvez... eu devesse ter feito o primeiro gesto...

Chanque—ruuumchanque...

CAPÍTULO 59



Conforme o comboio *Anzac* sufocava de calor rumando para o norte, em direção ao Mar Vermelho, um segundo comboio da Inglaterra suava rumo ao sul, através do estreito de Gibraltar para um encontro no Egito.

A armada nacional britânica levava escalões de um par de veteranas divisões do exército e uma multidão de elementos acoplados para estabelecer uma grande base militar permanente e um campo de treinamento.

Acomodados em diversos dos navios de guerra que rumavam para o sul havia um quadro de duzentos oficiais britânicos regulares para assumir a unidade *Anzac*, fortalecendo-a e assegurando o controle inglês.

O General de Brigada *Sir Llewelyn Brodhead* e seu pessoal viajavam a bordo do cruzeiro HMS *Foxhampton*. Ele organizara uma central de comando segura, onde passava a maior parte do dia e metade da noite.

Brodhead havia expressado sua preocupação com uma aventura militar arriscada, com a qual ele não estava inteiramente de acordo. Uma vez que o Conselho de Guerra tomara a decisão, ele subiu a bordo com uma atitude positiva, como se espera de um bom comandante de campo. Quando atravessaram Gibraltar, ele começou a instruir seus oficiais superiores com base apenas no que deveriam saber e fez sua apresentação com uma atitude decidida.

Entretanto, pode haver um homem mais solitário do que um militar de alta patente prestes a embarcar em uma aventura sobre a qual nutre graves dúvidas e obrigado a manter essas dúvidas para si mesmo?

Antes da batalha havia muita coisa a ser feita. Brodhead assumiria o comando de dezenas de milhares de jovens colonos ignorantes e rudes. Ele e seus oficiais teriam que colocá-los em forma para o combate em três a quatro meses. Um tempo curto demais. O treinamento seria implacável, piorado pelo calor.

O truque ali era ganhar a confiança. Esses *Anzac* eram capazes de passar a odiar seus supervisores ingleses. Construir um espírito corporativo era tão importante quanto suas aptidões para a luta.

Se *Sir Llewelyn* possuía um ponto fraco, sentimental, era o Ulster. Desgostava-o intensamente o que estava prestes a infligir sobre o jovem Major Hubble, mas Hubble era o seu trunfo. Embora Chris tivesse um posto modesto, o General sentia-se mais à vontade com seu jovem confidente e provavelmente iria abrir-se, falar mais e tentar impressionar Hubble com a importância de sua missão.

— Senhor! Major Hubble! — anunciou o ajudante do General.

— Mande-o entrar. Não quero interrupções de nenhuma espécie, a não ser que venham do comando da frota.

— Sim, senhor!

— Major Hubble, às suas ordens! — disse Chris, fazendo uma rápida continência. Os dois foram trancados com um estalido da fechadura. O coração de Chris batia com força. Ninguém com a baixa patente de Major tinha acesso à sala de comando. Ouvia-se o zumbido de um poderoso ventilador no teto e a exaustão do ar mortífero quando Brodhead ergueu os olhos com o olhar pesaroso de um sabujo.

— Fique à vontade, Chris. Interrompa-me para perguntar o que quiser e prepare-se para um verdadeiro chute no traseiro.

Chris colocou seu chicote e seu quepe de lado e imitou o General, afrouxando se talabarte e seu cachecol de campo.

— Estamos em terreno ultra confidencial agora — começou o General.

— Sim, senhor.

Brodhead levantou-se e desenrolou um mapa como uma larga cortina de enrolar, mostrando o Mediterrâneo e regiões vizinhas.

— É uma proposta incrível, Chris. Os turcos fecharam o estreito de Dardanelos e nós temos que abri-lo. É um conceito brilhante projetado para tirar os turcos da guerra com um único golpe e subir pelo vale do Danúbio para dividir a Alemanha ao meio. Entretanto, e vou colocá-lo a par de todos os entretantos, trata-se mais de uma decisão política do que de uma decisão militar. Winston Churchill é o seu maior defensor.

Brodhead pegou um de seus cachimbos da escrivaninha para usar como um ponteiro.

— É isso. Este pedaço de terra entrando no Mediterrâneo. A península Galípoli, com sessenta e cinco quilômetros de comprimento e com largura variando de sete a dezessete quilômetros. O estreito de Dardanelos estende-se ao longo do lado oriental até o mar de Marmara, Constantinopla e o mar Negro. No lado ocidental da península fica o mar Egeu.

Chris quase tremia de expectativa. Boatos e ser uma peça menor num grande contingente são uma coisa. Mas sentar-se diante de um General e tomar parte nas decisões era uma experiência fora de série.

— A península Galípoli é um lugar selvagem, escassamente habitado, com trilhas primitivas, penhascos íngremes, montanhas, vales profundos. Está cheia de cavernas, gargantas, serras e desfiladeiros que podem abrigar centenas de ninhos de metralhadoras, minas e arame farpado. Mas esses sujeitos aqui — disse ele, batendo numa série de posições nos cumes das montanhas — são a chave. Os turcos têm fortificações com armas costeiras capazes de atirar para ambos os lados.

— Sim, senhor — disse Chris num sussurro.

— Também é uma decisão política e não militar de não nos aliarmos aos exércitos da união balcânica. A ideia é de que os sérvios, os bósnios e os búlgaros são muito instáveis politicamente e muito voláteis para podermos confiar neles. Eu pessoalmente gostaria de ver os gregos atravessarem Thrace, mas nosso aliado russo é contrário a isso.

Houve um silêncio cheio de expectativa.

— O que isso significa é que será um espetáculo inglês com alguma ajuda francesa. Churchill argumenta que temos uma grande força naval para submeter Galípoli ao mais devastador bombardeio da história. Francamente, acho que Churchill pensa que vai afundar a península... Alguma pergunta até agora? — disse Brodhead.

— Sim, senhor. Esse ataque naval. Entendo que ele deverá derrotar os fortes nos topos dos montes turcos e assim desbaratar e desorientar as outras posições turcas de modo a torná-las alvos fáceis mais tarde.

— Essa é a ideia.

— Tem reservas quanto a isso, senhor?

Até onde podia revelar, Brodhead perguntou-se.

— Sim. Artilharia naval em uma trajetória plana. Essas armas foram feitas para atingir outros navios de guerra. Serão tão eficazes contra posições terrestres entocadas? O fato é que ninguém sabe! Nunca foi feito

antes! Há outras partes desta operação que nunca foram tentadas antes, como o desembarque e o suprimento, a partir do mar, de um exército desse tamanho. Nunca foi feito antes!

— Agora — continuou ele —, há outros pontos imponderáveis. O que acontece se não conseguirmos forçar a abertura de Dardanelos? Significa que não poderemos desembarcar no lado oriental da península. Teremos que desembarcar do lado do mar Egeu com bem pouca praia e lutar imediatamente montanha acima.

O aposento, tão esplêndido em sua mitologia há poucos instantes, agora começava a parecer uma catacumba para Chris.

— O plano é um, dois, três — continuou o General Brodhead. — Os franceses desembarcam no lado oposto do estreito, em Anatólia, antiga Tróia. Eles dominam um perímetro e mantêm a posição. Os turcos não têm muito a enviar contra eles, nem os franceses têm que avançar para o interior... têm apenas que manter seu lado do Dardanelos. A principal força inglesa desembarcará na ponta de Galípoli, aqui no cabo Helles, e subirá a península. Seu primeiro grande objetivo será o topo de Achi Baba, a cerca de dez quilômetros.

— Nós — disse Brodhead deliberadamente — teremos muito pouca chance de enganá-los. A marinha estará bombardeando-os há semanas, portanto eles saberão que estamos a caminho. Os *Anzac* desembarcarão mais acima na península, tomarão a colina Chunuk Bair, isolarão toda a área contra reforços e eventualmente se unirão aos ingleses que estarão subindo ao nosso encontro.

— Seria justo dizer — interrompeu Chris — que os turcos mostraram bem pouco contra a união balcânica e os italianos na África?

— O grande plano é que nossa marinha abra o estreito de Dardanelos, vá para Constantinopla e abra um bombardeio naval enquanto nós subimos e fazemos o cerco.

De repente, os olhos de Brodhead lacrimejaram, ele se inclinou sobre a escrivaninha e plantou os punhos de uma maneira que Chris passara a conhecer quando o homem estava falando terrivelmente a sério.

— Se a marinha não abrir o estreito... SE os turcos estiverem sob o comando de alemães experientes e sua posição no alto da montanha continuar intacta... SE formos forçados a desembarcar no lado do mar Egeu e tivermos que subir as montanhas diretamente... SE os turcos puderem nos

forçar a uma situação de estagnação, estaremos perdidos. Que Deus o ajude se o que eu disse sair dessa sala.

Chris implorou a si mesmo para não empalidecer ou desmaiar diante do General, mas sabia que suas pernas não o manteriam em pé naquele momento. Brodhead por sua vez começou a transpirar, sentindo-se um garoto malcomportado por revelar suas dúvidas a um oficial inferior.

— O que quer que eu faça, senhor? — perguntou Chris com determinação.

Depois, pensando melhor, disse:

— Supõe-se que não haja nenhuma cavalaria envolvida.

Brodhead ficou aliviado de poder forçar um sorriso, seguido de uma risada. Tamborilou os dedos sobre a mesa.

— Bem, isso é o que você vinha esperando, rapaz. O transporte, caso sejamos paralisados e tenhamos que ficar no lado errado dos montes.

— Compreendo — disse Chris, percebendo a enormidade da situação.

— Os franceses têm uma situação de suprimento relativamente fácil, que não requer nenhuma capacidade de transporte especial. Agora, com a principal força britânica aqui no topo do cabo Helles, há uma frente fluída e um terreno difícil a vencer.

Chris assentiu.

— Há judeus e palestinos, você sabe... pioneiros... reclamando terras, esse tipo de coisas. Os otomanos têm tornado a vida deles difícil. Quando a guerra foi deflagrada, os turcos cercaram muitos desses homens e lhes infligiram duros castigos, alegando serem eles espiões e simpatizantes dos ingleses. Muitos deles, algumas centenas, fugiram para o Egito e pediram para formar uma unidade do exército britânico. Decidiu-se, por razões políticas, não tê-los oficialmente no exército *per se*, mas permitir que formassem uma unidade que usaremos para transporte no cabo Helles. A Unidade de Mulas do Sião.

— Compreendo — disse Chris.

— Quando analisei os planos preliminares no Ministério do Exército, uma unidade de mulas era a única forma de ir com meus *Anzac*. O pior, Chris, foi que descobrimos que nem os neozelandeses nem os australianos sabem qualquer coisa sobre mulas. Nunca tiveram mulas em nenhum desses dois lugares, pode imaginar?

Chris parecia prestes a desatar em choro.

— Terrível, Chris. Se o ataque nos detiver e tivermos que ficar em trincheiras, estamos perdidos sem o transporte de mulas. Não há nenhuma outra forma de podermos obter alimentos, munição, água e medicamentos lá na encosta da montanha, nem nenhum modo de removermos os feridos. O que eu lhe disse lá no Acampamento Bushy foi a absoluta verdade. Estamos perdidos sem as mulas, caso a batalha não dê certo. A partir deste momento, a Sétima Cavalaria Ligeira da Nova Zelândia é o batalhão de transporte de mulas para os *Anzac*. Você vai ter que fazer tudo sozinho. Eu lhe darei toda prioridade que estiver em meu poder. Faça isso, e eu repito minha promessa, você saltará diretamente para Coronel ao fim da campanha... tem a minha palavra... E então?

— Mulas — repetiu Chris. — Um tanto degradante, senhor.

— A guerra também o é — responde Brodhead.

CAPÍTULO 60



O barco dos correios fez uma volta de boas-vindas em torno do comboio em Gibraltar e, quando se puseram a caminho outra vez, os oficiais e os soldados receberam uma remessa de cartas a serem lidas e relidas até que as próprias palavras se desgastassem.

Jeremy foi ao seu alojamento e viu um pacote de cartas sobre a pequena escrivaninha do navio. Manuseou os envelopes, parou em um que chamou sua atenção e abriu-o.

Meu caro Jeremy

Quantas vezes na vida é uma verdade que não temos nenhum tempo para os amigos e todo o tempo do mundo para nossos inimigos. Escrevo-lhe como o inimigo, portanto tenha a gentileza de me conceder atenção.

Meu nome é Gorman Galloway. De um modo geral, encaixo-me nas descrições convencionais de um “irlandês incapaz”. Sou também a companhia constante e o melhor amigo de sua mãe; portanto, seu inimigo.

Estou-me arriscando à sua ira porque não posso mais presenciar uma rosa magnífica murchando e morrendo por falta de uma palavra amiga de seu filho.

Não acredito nem em inferno nem em céu, exceto pelo que fazemos a nós mesmos aqui na terra. Você criou seu

inferno particular na maneira como tratou Molly O'Rafferty. Você cometeu um ato vil e desde então se marcou com ferro em brasa, flagelou a carne com chicotadas, mergulhou sua desolação em gim — felizmente, de boa qualidade.

Seu irmão, Christopher, que considero um idiota, escreveu contando que você parece ter readquirido uma centelha de vida. Isso significa que está começando a se perdoar. A capacidade de um homem de se reconciliar consigo mesmo, aqui na terra, sempre foi uma das mais notáveis características do ser humano. Nenhum pecado, e certamente nem mesmo um tão grave quanto o seu, pode deixar de ser reparado. Parece-nos que você já se puniu o suficiente.

Se tivesse lido as cartas de Caroline, teria compreendido que ela perdoou seu pai e ama-o profunda e ternamente. Ela igualmente perdoou seu marido, a ponto de tratá-lo polidamente.

Meu caro Jeremy, ela o perdoou e anseia por você com uma intensidade que sem dúvida irá matá-la se você continuar a punir a ela e a si mesmo com seu silêncio.

A vida gira em torno de muitos fatores que não podemos controlar. Dois dos mais importantes nós podemos controlar. Podemos resolver nossos relacionamentos — e o que é a vida senão uma série de relacionamentos? — e podemos corrigir nossos erros, aqui na terra durante a nossa vida. Maus relacionamentos e erros, todos fazem

parte do jogo da vida. Quem é você, que já foi perdoado, para continuar a infligir sofrimento a uma mulher que o adora e sofre por um sorriso, um toque, uma palavra sua?

Quer fazer com Caroline o que fez a Molly? Isso consertará o mal já feito? Se você entrar em combate e, Deus o guarde, for incluído entre as baixas, poderá levá-la a uma morte muito mais amarga.

Seus olhos enchem-se de lágrimas quando fala de sua beleza, sua ternura e da absoluta ausência de mesquinhez, que provavelmente o induziu a seu erro.

Por favor, Jeremy, se ainda lhe resta alguma nobreza, você deve tomar a iniciativa de reconciliar-se com ela.

Seu dedicado inimigo

Gorman Galloway

Jeremy abriu a tampa de seu baú e retirou dali um maço de cartas que estava em cima de seus pertences, amarrado com uma fita e suavemente perfumado com o perfume de sua mãe. Agonizara pela coragem de escrever-lhe. Chegara a hora.

Querida mamãe

Por favor, diga a Gorman Galloway que ele não é o inimigo. Mas você já deve saber a sorte que tem por contar com um amigo tão caro. Um dia eu tive um e recentemente visitei seu túmulo em busca de orientação.

Gorman Galloway repetiu-me o que Conor Larkin tentou ensinar-me: os erros fazem parte da vida e não devem ser fatais para o homem de caráter. Os

erros são muletas para os covardes e eu usei a minha para fazer sofrer as pessoas que me eram caras.

Querida mamãe, sequei todas as garrafas e chafurdei no fundo de um poço fétido de vergonha, de culpa, de autopiedade e de ódio a mim mesmo por tempo suficiente.

Já é hora de Jeremy parar de lamuriar-se. Conforme nos afastávamos da Irlanda, o próprio ar adquiriu um sabor e um aroma diferentes. Já não me sufocava quando eu respirava.

Eu vou me recuperar, mamãe. Ficarei bem, talvez pela primeira vez na minha infame vida como um sujeito inútil e ordinário. Viverei o resto dos meus dias como um homem decente e bom.

A dor por Molly O'Rafferty nunca me abandonará, nem eu quero que assim seja, mas também não deixarei mais que essa dor me faça sucumbir. Seguirei qualquer pista que possa me levar a ela e ao nosso filho.

Se não conseguir encontrá-la, se ela tiver construído uma vida nova e feliz, se já não estiver viva, jamais voltarei a ser o que fui um dia.

O ódio de meu pai também nunca me abandonará. Enoja-me minha covardia em submeter-me a ele e enoja-me o que ele faz para manter o maldito reino.

O que um dia foi tão importante na minha vida, o que eu mais temia perder, agora estranhamente não tem

nenhuma importância. Pretendo renunciar ao meu título quando a guerra terminar, mas quero fazê-lo diante dele.

Quando penso nos dias da minha juventude, lembro-me do terror que tinha dele. São poucas as boas lembranças de papai. Houve uma época, durante vários verões, em que eu adorava ir com ele para nossa residência de verão de Daars, em Kinsale.

Papai e eu íamos caçar tubarões. Às vezes, pegava um tempo ruim e as ondas nos açoitavam cruelmente, mas que mestre navegador ele era! E quando ele puxava um daqueles horrendos monstros cinzentos, quanto maior o tubarão, quanto mais pontiagudos seus dentes, mais comemorávamos com uma alegria indômita.

Mais tarde, compreendi que minha alegria vinha do fato de destruir algo maligno e a dele porque eu acho que estava tentando exorcizar seu próprio mal.

Então, nós desembarcávamos e, no instante em que ele pisava no píer, ralhava comigo.

Aconteça o que acontecer daqui para a frente, mamãe, não sucumbirei outra vez. Aconteça o que acontecer, irei até o fim como um homem decente e amável.

Guardei suas preciosas cartas para o dia em que iria abri-las. É chegada a hora e eu rezo para que haja outras para mim a caminho, de você e de seu querido amigo, Gorman.

Com amor, de seu filho

Jeremy

CAPÍTULO 61



Acampamento Anzac, Mena, Egito, fevereiro de 1915

A repentina irrupção dos *Anzac* de suas tumbas nos navios de tropas era um deslumbramento para homens e rapazes que se tornavam homens dando seus primeiros passos longe de casa.

Maravilhas, fotografias de seus livros de geografia, adquiriam vida na forma da Esfinge e das pirâmides à sua volta. Camelos! Homens de turbantes... Árabes de verdade! Mulheres de véu! Era o parque de diversões perto de Sydney!

Para os egípcios, esse massacre mais recente, embora pacífico, de outro exército estrangeiro era absorvido com um dar de ombros e a alusão que englobava tudo de que aquilo era “a vontade de Alá”. Visitantes indesejáveis tinham sido a essência de sua história passada e recente, e logo os últimos visitantes seriam absorvidos no bazar que era o Cairo.

Esses *Anzac* eram soldados de grande fortuna, recebendo soldo de dez, quinze, vinte libras esterlinas por mês, que serviriam como um bálsamo para a baderna que pretendiam impor.

A poucas horas da chegada dos *Anzac*, uma brigada inteira de mercadores instalou barracas nos portões do acampamento, seguidos por um batalhão de vendedores ambulantes. Centenas de garotos, que os *Anzac* chamavam de *terriers*, ofereciam uma variedade de serviços. Os pracinhas logo perceberam que eram príncipes numa terra de pobreza.

Mena era um lugar ao acaso que abrigara uma antiga base militar otomana. Quando os ingleses libertaram o Egito dos turcos, houve acréscimos para transformá-la em uma base permanente. Embora parte do acampamento estivesse em boas condições, um programa febril de construção estava sendo executado por multidões de operários da cidade.

O acampamento *Anzac* foi inundado de homens e equipamentos, com áreas temporárias de barracas para duas pessoas, estruturas baratas

construídas às pressas para servirem de armazéns, hospitais e centros de comando.

Os trabalhadores diurnos — vendedores e *terriers*, os egípcios nativos — ficavam na escala mais baixa da escala social, pitorescos e não inteiramente confiáveis. Esses homens e crianças representavam a peça exclusiva do imperialismo, a prova viva de que algumas pessoas não são capazes de fazer nada em seu próprio país senão servir aos colonizadores.

Até que o acampamento estivesse em ordem e o regime de treinamento estabelecido, Cairo estava fora de cogitação e a única recreação era contratar um *terrier* para uma subida em uma das pirâmides à noite. Embora houvesse bastante ossos fraturados e algumas mortes, a subida às pirâmides continuou até que os oficiais ingleses assumiram um controle rígido.

Os oficiais *pommies*, como eram chamados os ingleses, chegaram todos batendo o mesmo tipo de chicote de montaria contra seus culotes, acima de suas botas de montaria. Havia várias unidades de cavalaria em Mena, mas até mesmo os oficiais *pommies* da infantaria e da artilharia carregavam seu chicotinho como uma espécie de cetro do oficialato.

Os *aussies* e os neozelandeses, cujas vidas haviam sido relativamente livres de classes sociais, ficaram aturdidos com a hostilidade, a formalidade e a arrogância pretensiosa de seus novos comandantes. Vinha do próprio tom de suas vozes sempre tão britânicas e do olhar de seus olhos sempre tão britânicos. Pela primeira vez, tiveram a sensação inequívoca de não serem tão bons quanto uma outra pessoa. Uma linha divisória invisível fora traçada, invisível, mas realmente muito profunda.

No entanto, duas perguntas explosivas ardiam vivamente à medida que o acampamento tomava forma; isto é, quando teremos liberdade no Cairo e *quando receberemos nossos cavalos?*

O Subtenente John Tarbox bateu as botas e fez uma bela continência, condizente com seu novo oficial comandante.

— Senhor, Subtenente Tarbox, às suas ordens!

— À vontade, Tarbox — disse Christopher Hubble. Chris nem se levantou nem estendeu a mão e parecia olhar através do Sargento. Outro oficial, o Primeiro-Tenente Jeremy Hubble, estava sentado próximo a ele, bem à vontade e com um sorriso amistoso.

— Sou o Major Hubble, o comandante do batalhão. O cavalheiro aqui é o Tenente Hubble, por coincidência, meu irmão.

Jeremy levantou-se, estendeu a mão e apertou a de Johnny calorosamente, para aborrecimento de Chris.

— Vamos ao que interessa — interrompeu Chris. Inclinou-se para a frente do mesmo modo ameaçador que seu instrutor, General Brodhead, fazia quando falava muito a sério.

— Não haverá nenhuma cavalaria nesta força expedicionária. Entende o que estou dizendo?

— Creio que sim, Major.

— Todos os batalhões de cavalaria deverão ser refeitos para a infantaria, armas pesadas, sapadores, artilharia com obuses, *et cetera, et cetera*.

— Sim, senhor.

— Exceto — continuou Chris — a Sétima Cavalaria Ligeira da Nova Zelândia, aqui. Informei meus oficiais esta manhã. A razão se tornará evidente.

Johnny conseguiu esboçar um arremedo de sorriso e exibi-lo no rosto.

— A Sétima Cavalaria Ligeira agora é um batalhão de transporte, um batalhão de transporte em mulas.

— Desculpe, Major Hubble, mas não sei absolutamente nada a respeito de mulas.

Jeremy riu alto.

— Nem, devo acrescentar, ninguém por aqui — rosnou Christopher. — Aviso-o enfaticamente para aceitar essas notícias sem grande alarde e demonstrar que eu tenho sua inteira e irrestrita colaboração.

— Irrestrita, senhor.

— Irrestrita — repetiu Chris entre dentes cerrados. Já havia sido bem difícil com os oficiais anteriormente. Seria um choque até o último escalão. Chris ergueu os registros de Tarbox e deixou-os cair no centro da escrivaninha, passando a examiná-lo com uma calma exasperante.

— Bem, Tarbox, você é um dos mais velhos do batalhão, não é?

— Creio que sim, senhor, estou com... humm... trinta e quatro.

— Trinta e seis — corrigiu Hubble.

— Sem contar diversas contingências.

— Que contingências?

— Eu menti a respeito de minha idade quando fugi de casa para prestar serviço no Royal Marines.

— E você subiu para o posto de Cabo interino em cinco anos.

— Eu era cabo integralmente, senhor, e exceto por um mal-entendido quando não consegui pegar o último barco para quem estava de licença...

— Porque você estava preso numa prisão de Cingapura por, digamos, uma desordem num bar, após o que recebeu uma punição na forma de trinta dias a pão e água e redução de patente para Cabo interino.

Não foi culpa minha, pensou Johnny. Os cafetões da maldita prostituta lançaram-se sobre mim. Estava a ponto defender-se, mas achou melhor não o fazer.

— Então, você não é realmente um Subtenente, não é?

Ah, Jesus, pensou Johnny, lá vamos nós.

— Certamente que sou, senhor, de certa forma.

— Ah, é mesmo? Por favor, queira explicar-se.

— Não temos muitas unidades permanentes na Nova Zelândia e por causa da minha dedicação e das minhas habilidades de cavaleiro, eu comandi a própria Royal Color and Honor Guard.

— Isso compreende meia dúzia de cavalos para ocasiões cerimoniais, certo?

— Bem, senhor...

— Então, você não era propriamente um Subtenente?

— Com sua licença, senhor, todos na Ilha do Norte e na Ilha do Sul conheciam Johnny Tarbox. Os pais costumavam dizer aos seus filhos: “Espero que você saiba montar como Johnny Tarbox quando crescer. Ele honra as cores do Rei.” No instante em que a guerra irrompeu, conhecendo minha fama, fui incumbido de viajar de ponta a ponta do país e, praticamente sozinho, alistei homens suficientes para quatro batalhões de Cavalaria Ligeira.

— E você se considera um exímio cavaleiro?

— Pode haver alguns melhores, senhor, mas terá que procurar muito para encontrá-los. Já fiz de tudo com um cavalo, exceto fodê-lo e comer bosta.

Jeremy desatou a rir, enquanto Chris ficou lívido, olhando fixamente, os olhos azuis vidrados, através do subordinado, quase com ódio.

— Reconheço as diferenças entre nossas culturas, mas, no futuro, deverei considerar linguagem obscena diante de um oficial como ofensa

digna de punição.

Johnny ruborizou-se e sua boca ficou seca.

— Já comandou alguma equipe? — perguntou Jeremy.

— Sim, senhor, durante metade de minha vida, Tenente. Comandei enormes equipes de condutores para fazendas de ovelhas e de gado por todo o país. Em algumas ocasiões, comandava até vinte homens.

Christopher encolheu os ombros.

— Quer esse camarada, Tenente? — perguntou a seu irmão.

— Quero, sim. O Subtenente Tarbox é exatamente o que o médico me recomendou.

Christopher esfregou o queixo com a mão, como se Johnny fosse uma cabeça de gado a ser avaliada. Em seguida, folheou o relatório outra vez.

— Bem, você não é realmente um Subtenente — repetiu Christopher. — Terei que encontrar um Subtenente adequado em outra parte. Tenho certeza de que posso requisitar um de uma unidade britânica. Bem, seus compatriotas *kiwis* acharam por bem alçá-lo a Subtenente e vou permitir que você retenha a patente se fizer seu trabalho de forma impecável e irrestrita. Fui claro?

— Exatamente qual é o meu trabalho, senhor?

— Os homens deste batalhão são todos cavaleiros experientes, não são?

— Os melhores, senhor.

— Bem, então, converta-os nos melhores tocadores de mula, carregadores e trilhadores.

— Estou formando uma turma especial de capatazes — Jeremy interrompeu.

— Uma turma especial?

— Uma pequena unidade de especialistas em mulas. Teremos que redigir um manual simples, obter os equipamentos certos, trabalhar muito em logística e treinamento e realizar a tarefa de doutrinar os homens e formar este batalhão a partir do zero — continuou Jeremy.

— Não sei quantos homens poderemos encontrar aqui para trabalhar com mulas, Tenente.

— Provavelmente obteremos alguns de outras unidades que chegarem ao Egito. Enquanto isso, seus rapazes preencherão questionários

durante o percurso, a bordo do navio. Examine-os e encontre para mim os que tiverem mais perspectivas.

Quando Jeremy entregou a Johnny duas caixas de questionários, ele sorriu e fez um cumprimento com a cabeça.

— Vai ser um prazer trabalhar com você — disse.

— Isso é segredo absoluto — interrompeu Chris. — Nenhuma alma viva deve saber disso até estarmos prontos.

— Sim, senhor.

— O Capitão Ellsworth, o veterinário-chefe da Unidade Britânica, chegará a Mena dentro de três dias, na quarta-feira, para interrogar qualquer homem que tenha conhecimento de mulas — disse Jeremy, dando-lhe uma tapinha nas costas.

— Pode retirar-se. Mas lembre-se, sigilo absoluto — disse Chris.

Quando o Subtenente fechou a porta, Jeremy pensou: Oh Cristo, Christopher passou grande parte da vida irritado com ele e exibia aquela expressão irritada agora.

— Temos aí um bom homem — disse Jeremy, esperando mudar o humor de Chris. — Está bem, você está a ponto de explodir.

Chris respirou ruidosamente até conseguir controlar-se.

— Acho melhor que eu e você esclareçamos algumas coisas antes de nos envolvermos com outro praça. Estou sobrecarregado com a difícil situação de ser seu irmão e se você realmente comandar essa turma de capatazes, estaremos trabalhando extremamente próximos.

— Não sei por que você se esforçou tanto para humilhar o Subtenente Tarbox e realmente me pergunto se a intimidação é a melhor forma de formar um batalhão — respondeu Jeremy.

— Ah, o velho e querido Jeremy deve ser o Sr. Bom Camarada, um dos rapazes.

— O que fiz de tão horrível, apertar-lhe a mão?

— Primeiro um aperto de mão, depois se sentam para um chá... ou melhor, um gim-tônica. Jeremy, não estamos lidando com boas maneiras, e a primeira tarefa é ensinar-lhes disciplina. Nunca devemos afrouxar a rédea com eles. Pretendo transformar este batalhão em um verdadeiro batalhão inglês, como os Coleraines.

— Eles não são os Coleraines, Christopher. Não derramam uma lágrima quando ouvem *God Save the King*, nem dariam alegremente suas vidas no campo de batalha pelo conde de Foyle. Olhe para esses homens.

Têm quase o dobro do tamanho dos seus magricelas ingleses. Vivem ao ar livre, comem carne e não sabem nada sobre sangue azul. Qual é o problema, afinal? Somos três homens numa sala improvisada, do outro lado do mundo, falando de mulas, e de bosta de mula e você age como se estivéssemos trocando a guarda no Palácio de Buckingham. Por favor, Chris, relaxe as regras de boas maneiras. Estamos falando de homens rudes e de mulas.

— Jeremy, você não vai rolar na lama com esses homens como costumava fazer no campo de rúgbi nem vai ficar sentado com eles nos bares, bebendo cerveja barata, exibindo suas tatuagens.

— Tatuagens — disse Jeremy —, eis aí uma ideia. Já imaginou se algum conde tivesse tatuagens?

— Ordenei a meus oficiais para aplicarem a lei desde o primeiro dia. Quanto a nós, em primeiro lugar, não relevarei sua insubordinação por causa de circunstâncias familiares e, em segundo lugar, não temos a mesma patente. Este é o meu batalhão, Tenente, e recebi o seu comando por causa da gravidade de sua missão.

— Você e o General Brodhead são bem íntimos. Tenho certeza de que ele aceitará meu pedido de transferência.

— Podemos falar com calma e sem rancores? — disse Christopher rapidamente.

— Por que não?

— Prometi tanto a mamãe quanto a papai que farei tudo que estiver em meu poder para que você volte para casa são e salvo...

— E sem manchar a honra da família. Bem, Chris, você já não é o guardião de um bêbado consumido de autopiedade.

— Seu pedido não irá além da minha mesa.

— Sabe por quê? Vou dizer-lhe. Essa gente das colônias não é fácil de conduzir e você não sabe nada sobre como lidar com homens. Vai querer que eu comande essa turma de capatazes e esteja a seu lado caso você comece a fazer bobagem.

— Sua atitude é ingênua — disse Chris. — Deixe-me dizer-lhe o seguinte com calma e clareza. Não tente mexer em um sistema que foi ciosamente desenvolvido ao longo de mil anos e resultou na maior nação que a humanidade já conheceu. Oficiais da minha estirpe fizeram do exército britânico uma instituição magnífica.

Deus Todo-Poderoso, Jeremy retraiu-se, tentando controlar-se... era o Dia do Aprendiz outra vez nas muralhas de Derry, fazendo chover moedas sobre os católicos, lá em baixo no Bogside.

— Somos as pessoas mais felizes da terra — continuou Chris friamente. — Nossa propriedade foi definida desde o nascimento e o privilégio é nosso direito de nascença. É assim que o universo gira, é assim que o mundo funciona, é assim que o exército inglês atua, é por isso que temos um império. Destrua tudo, troque os desvalidos com os privilegiados e em dez anos tudo retornará ao que era no começo. Jeremy Hubble não irá mudar a ordem natural das coisas e é melhor que Jeremy Hubble compreenda que está aqui na terra para proteger seu privilégio.

Jeremy colocou as mãos suavemente nos ombros do irmão e olhou-o suplicante. Meu Deus, se houvesse um meio de fazê-lo compreender.

— Chris, quando é que vai aprender o que nosso pai nunca aprendeu, o que nosso avô nunca aprendeu? Não pode conseguir a lealdade dos homens por meio de intimidação.

— Acho que eles se saíram muito bem.

— Eles enriqueceram. Em um batalhão como esse, tem que haver respeito pela dignidade deles. Você não pode ser o dono da alma de um homem. Molly O'Rafferty deixou-me porque ela não abriu mão de sua alma.

Chris retirou as mãos indesejadas de seu irmão de seus ombros.

— Dê a Cesar o que é de Cesar — disse. — Deixe que Jesus e Maria cuidem da alma deles. Eu quero a obediência deles, a obediência irrestrita.

CAPÍTULO 62



Rory ficou em posição de sentido diante de uma longa mesa forrada de feltro verde por trás da qual se sentava o Capitão Ellsworth, ladeado por Jeremy Hubble e Johnny Tarbox.

— Soldado Rory Landers apresentando-se.

— Sou o Capitão Ellsworth. Por favor, sente-se.

— E eu sou o Tenente Hubble — disse Jeremy estendendo a mão.

— Acho que conhece o Subtenente Tarbox.

— Sim, senhor.

— De acordo com o questionário que você preencheu a bordo do navio, talvez tenha algumas qualificações importantes para nós — disse Jeremy.

— Espero que sim, senhor.

— Devo ser encarregado de uma pequena unidade de capatazes — continuou Jeremy.

— Capatazes, senhor?

— É uma turma especial para estar no lugar certo na hora certa, solucionadores de problemas, homens com diversos tipos de especialização. Estamos precisando de um manual de transportes atual e simples.

— Acho que pegou o homem errado, senhor. Não sei nada sobre transporte militar.

— Mulas, transporte por mulas.

— Posso fazer uma pergunta ao Tenente? — perguntou Rory.

— Sem dúvida, e, por favor, considere isso uma conversa informal.

— Nós somos da cavalaria?

— Realmente, da cavalaria — mentiu Jeremy. — Ao que tudo indica, estaremos lutando em um terreno traiçoeiro e o comando acha que mulas serão mais adequadas para o transporte de nossos suprimentos. Embora a Sétima Cavalaria Ligeira seja toda formada por excelentes cavaleiros, pelo que sei, parece que há uma falta total de experiência com

mulas. Portanto, é uma questão para a turma de capatazes resolver adequadamente. Não se preocupe, Landers, com alguma sorte você poderá ter vários cavalos derrubados debaixo de você.

O Capitão apanhou o questionário de Landers.

— Aqui você diz que teve três anos de experiência com mulas.

— Foi há muito tempo. Meu pai possui uma fazenda de criação de ovelhas de bom tamanho na Ilha do Sul. Ele comprou uma grande área arborizada adjacente, ainda não preparada para pasto de ovelhas ou criação de gado, assim eu o convenci a importar um bando de veados para reprodução e comércio.

— E como foi isso?

— Muito bem — respondeu Rory. — O problema foi que os veados devastavam toda a forragem, escavavam e removiam a camada de solo arável mais frágil. Precisavam de muito mais espaço e nós tínhamos que alimentá-los inteiramente com ração. O risco aumenta quando se tem de comprar todo o alimento deles. Nós os vendemos, a um bom lucro. Desculpe, estou divagando.

— Na verdade, isso é muito interessante — disse Ellsworth. — Continue.

— A área não estava pronta nem para plantio nem para pasto, assim tive uma outra ideia. Achei que devíamos criar mulas.

— O que o levou a pensar assim, Landers?

Rory encolheu os ombros.

— Pareceu-me lógico. Há centenas de pequenas fazendas e diz-se que uma mula pode fazer uma vez e meia o trabalho do melhor cavalo de tração com a mesma quantidade de alimento. A mula é até mais econômica em terreno montanhoso. Além da agricultura, há muitas operações de mineração e de transporte de toras de madeira que podem ser mais bem realizadas por mulas.

Vendo que Rory tinha menos de vinte anos, o Capitão Ellsworth perguntou:

— Que idade tinha quando isso aconteceu?

— Tinha onze anos quando tive a ideia de importar veados e quatorze quando comecei a criar mulas.

— Seu pai devia ter muita confiança em você.

Rory pensou naquilo. Sim, o *Squire* lhe dava inteira liberdade em qualquer assunto que dissesse respeito à fazenda. Talvez porque Liam o

tivesse treinado bem.

— Eu conheço o *Squire*, hã... Landers — disse Johnny Tarbox. — É o fazendeiro mais inteligente que já conheci. Capaz de olhar um pedaço de terra virgem, sentir os ventos, ler os contornos, cheirar e sentir o gosto do solo e dizer quanto cada alqueire produziria.

— É verdade — murmurou Rory.

— O que aconteceu com a operação das mulas? — perguntou o Capitão Ellsworth.

— Quando se perde, inventa-se todo tipo de desculpas. Os veados reproduziam-se naturalmente, naturalmente demais — disse Rory. — Mas fazer macho cobrir a mula fêmea é realmente complicado. Não tínhamos tradição em reprodução de mulas, de modo que tudo era feito com base em experiência e erro. Não estou transferindo a culpa, mas acho que a razão fundamental do fracasso foi a de que os fazendeiros e os mineiros tinham ideias formadas sobre mulas e não sabiam lidar com elas.

— Quer dizer, com sua teimosia?

— Não, teimosia não é a palavra certa. As mulas são muito inteligentes e, quando parecem empacar, em geral é devido à maneira errada como lidam com elas. Então, o dono acha que pode chicoteá-la para fazê-las trabalhar, mas uma mula nunca esquece que foi chicoteada.

— Bem — desafiou-o Ellsworth —, se isso não é teimosia, não sei o que é.

— É assim, Capitão — disse Rory, sem ter a menor ideia de que estava falando com um veterinário de quase vinte anos de profissão. — Há mulas teimosas e muito selvagens. As mulas que nascem selvagens podem ser muito perigosas e não se tem mais chance de domesticá-las do que se tem de amansar uma hiena. Não há escolha senão destruí-las. O que aconteceu foi que estávamos criando uma porcentagem alta de mulas selvagens.

— Compreendo — disse Ellsworth. — Então, você lhes deu um tiro na testa, exatamente entre os olhos.

Rory riu.

— Não, o crânio delas é muito duro e às vezes não se consegue matá-las. Podem agonizar durante horas. A maneira certa de acabar com uma mula selvagem é atirar através do olho, apontando para cima, para o cérebro. Morrem instantaneamente sem sofrimento. Uma das razões de eu ter desistido das mulas foi por achar muito difícil matá-las.

— Bem, com toda certeza você não pode mimar uma mula — Ellsworth alfinetou-o. — Como você as disciplina?

— Primeiro, você lhe dá dignidade. Tornam-se amigos. Deixa-a saber que estão juntos naquilo. Senhor, eu amanso cavalos do mesmo modo. Não acredito em domar um animal. Você conversa com a mula, chama-a pelo nome, leva sempre alguma aveia no bolso. Ela é capaz de trabalhar até a morte por você, se o amar.

— Você não doma cavalos? — disse Ellsworth muito surpreso.

— Rory Landers sela um cavalo pela conversa — disse Tarbox.

— Deve levar uma eternidade — disse Jeremy.

— Algumas horas, na maioria das vezes. Tudo que é realmente preciso fazer é passar a ideia de que ele não deve temê-lo... é tudo que querem saber.

Houve um período de silêncio entre os oficiais para digerirem aquela ideia incrível, eles que foram valorosos cavaleiros a vida inteira.

— Estou interessado em seu comentário de que os guias, e não as mulas, em geral são os culpados de sua teimosia.

— Sim, senhor. As mulas são muito mais inteligentes do que os cavalos. Se a mula pressente algo errado, ela empaca. Está tentando dizer-lhe alguma coisa. Muita gente confunde isso com teimosia.

— Por exemplo?

— Se a mula sente que não está adequadamente carregada, ela pode não se mover do lugar até que você conserte sua carga. Ou, se estiver em solo movediço, numa trilha de montanha ou numa ponte balançante, ela para e experimenta cada passo até sentir-se segura. Os cavalos prendem a pata em arame farpado, tentam se soltar e quase sempre se cortam. A mula age devagar e com cuidado até libertar a pata.

— Fascinante — disse Jeremy.

— Para o exército, elas devem ser muito melhores do que cavalos quando se trata de transportes — disse Rory.

— Como assim?

— Já estive com elas nas montanhas, à noite. Elas não se assustam com o fogo ou ruídos. Já viu suas orelhas voltarem-se na direção do som? Garanto que são ótimas sentinelas.

— Qual era a altura média de suas mulas?

— Os machos tinham em média treze palmos, as fêmeas, um palmo a menos.

- Quanto gastava em forragem por dia?
- Ah, eu diria que uns dez quilos de ração.
- Quanto conseguem carregar?
- Cerca de cento e cinquenta quilos, incluindo o arreamento.

Ellsworth entrou na arte de carregar as mulas, nós, amarras, freios, doenças comuns, cuidados, higiene. Nas horas seguintes, o Capitão não extraiu nem uma resposta errada ou insegura. O que esse Landers não sabia, dizia-o com franqueza.

Finalmente, o Capitão Ellsworth ergueu as mãos e olhou para o Tenente Hubble para ver se ele teria outras perguntas.

— Obrigado, soldado Landers — disse Jeremy. — Por favor, espera lá fora e nós o chamaremos de volta em pouco tempo. Ah, Tarbox disse-me que você derrubou o campeão de pesos pesados dos australianos.

— Um alvo grande, senhor. Ele abriu a guarda.

Quando a porta se fechou, o Capitão Ellsworth balançou a cabeça satisfeito e o Subtenente Tarbox abriu um amplo sorriso.

— Hubble, se você não o quiser, eu fico com ele — disse o Capitão.

— Espero que ele escreva suficientemente bem para elaborar um manual simples.

— Tenho o homem certo para escrever o manual, senhor — disse Tarbox rapidamente.

— Quem é?

— Soldado Chester Goodwood. Na verdade, ele é inglês.

— Sabe alguma coisa de mulas?

— Ele sabe escrever. Escreveu as cartas de amor de metade dos rapazes a bordo do *Wagga Wagga*. Quero dizer, ele usa expressões como “jasmim florescendo na primavera”.

— É amigo seu?

— Senhor, o pai desse rapaz é *Sir* Stanford Goodwood, um grande banqueiro em Hong Kong. Será de inestimável valor quando chegar a hora de tratar de logística.

— Muito bem, nós o entrevistaremos mais tarde — disse Jeremy. — Então, você não hesitaria em colocar Landers como encarregado das mulas? — Jeremy confirmou com o Capitão.

— Eu apostaria nele — respondeu Ellsworth.

— Eu também tive uma boa impressão — disse Jeremy. — Ele não é um sujeito incivilizado, não é, Tarbox?

— Nós somos *kiwis*, senhor. Não somos como os *aussies*. Rory Landers é uma pessoa de muito boa índole.

— Ainda precisamos de vários outros homens-chave, Capitão, e não os estou vendo por aqui — Jeremy disse, preocupado.

— Deixe-me verificar algumas pessoas na minha base — ofereceu-se o Capitão. — Há dois grupos chegando que possuem experiência com mulas. Há um batalhão *punjab* de obuses transportados por mulas pelas montanhas. Eu acharei um bom chefe de carregadores e condutores para você. Os *sikhs*, você sabe, são ferozes guerreiros.

— Os sujeitos de turbantes?

— Sim, e todos eles falam inglês. Você vai precisar de um veterinário. O cuidado de mulas é muito semelhante ao de cavalos, mas mesmo assim as mulas têm seus problemas específicos. Ummmm, veja aqui. Recebemos um grupo de judeus palestinos que estarão dando treinamento para nosso transporte. Disseram-me que alguns deles conduziram mulas para o exército russo e usaram mulas na agricultura na Palestina. Deve haver vários veterinários entre eles ou, pelo menos, alguém com bastante experiência para o serviço... Deixe-me fazer uma anotação aqui... carregador *punjab*... veterinário judeu, que fale inglês...

Rory foi novamente convidado a entrar e sentar-se.

— Landers, nós tivemos que fazê-lo esperar por questões de segurança militar. O que vou lhe dizer agora ainda é sigiloso, por vários dias. Por favor, prenda a respiração antes de gritar.

Rory fechou os olhos e preparou-se.

— O Capitão Ellsworth aqui presente é o veterinário-chefe das divisões britânicas estacionadas no sul.

— Achei que o Capitão era um veterinário — disse Rory. — Está enviando-me para as mulas, não está?

— Não, estamos enviando as mulas para você. Todas as unidades de cavalaria foram desfeitas e estão sendo refeitas como infantaria, na maior parte. A Sétima Cavalaria Ligeira da Nova Zelândia é agora o batalhão de transporte por mulas das forças *Anzac*.

— Não haverá mais nenhuma cavalaria, senhor?

— Nenhuma cavalaria. Não se questionam decisões e ordens do comando. É evidente que não haverá necessidade de cavalaria na campanha que se avizinha. Quero você na turma de capatazes como um solucionador de qualquer problema enquanto fazemos essa transformação. Sua principal

função agora é escrever um manual e depois disso você será o chefe do curral do batalhão, responsável pelas quatrocentas ou quinhentas mulas que estamos esperando. E, para desfazer qualquer aborrecimento e deixá-lo com melhor disposição, saiba que há divisas de Primeiro-Sargento para o cargo.

— Parabéns, Landers — disse o Capitão Ellsworth.

— Capitão, vamos por mãos à obra. Eu os verei em duas horas.

Tragam este, hã, Good...?

— Goodwood, Chester Goodwood.

Rory era um feixe de músculos retesados, maxilares prensados, punhos cerrados, veias do pescoço saltadas. Virou-se para Johnny Tarbox com uma expressão assassina.

— Seu miserável filho da puta! — exclamou Rory. — Você sabia disso desde ontem. Você me atirou para essas malditas mulas quando leu meu questionário. Podia ter destruído o questionário. Eles nunca ficariam sabendo! Seu maldito filho da puta!

— Ah, eu o traí, não é?

— Seu filho da puta.

— Está bem, então eu jogo seu questionário fora. E o que acontece? Você acaba limpando bosta no curral como um soldado qualquer. Quer uma transferência? Sim, eu arranjo uma maldita transferência para você para a infantaria e vai ficar marchando no maldito deserto sob o maldito sol até desmaiar! Devia estar beijando meus pés, seu idiota. Divisas de primeiro-Sargento! Cinco anos no Royal Marines e não passo de um miserável Cabo interino e dez minutos depois você é primeiro-Sargento! Seu idiota! Não há nenhuma cavalaria! E eles não me consultaram a respeito!

Rory deixou-se cair numa cadeira e fechou os olhos. Quando absorveu a enormidade da recomendação de Johnny, enfiou o rosto nas mãos.

— Desculpe-me, Johnny — pediu Rory.

— E eu, entrando naquele ringue com aquele desgraçado monstro Açougueiro e deixando que ele me esmurrasse.

— Já pedi desculpas. Sinto muito realmente, Johnny.

— E sabe de uma coisa? — disse Tarbox parado junto a Rory. — Você devia beijar meus pés por colocá-lo entre os capatazes com o único oficial *pommy* decente no acampamento *Anzac*.

— Vai continuar me repreendendo agora? Já pedi desculpas.

— Olhe para esses *pommies* — continuou Tarbox — e lembre-se da nossa sorte de estar com o Tenente Hubble. E, digo mais, ele é um autêntico sangue-azul, um Visconde. O maldito filho de um maldito conde, é o que ele é!

Rory ergueu os olhos para Johnny e Johnny ficou preocupado.

— O que há com você, Rory?

— São do Ulster. Ele é... ele é filho do conde de Foyle? — perguntou Rory com a voz rouca.

— Algo assim.

— Jeremy e Christopher Hubble — murmurou Rory. — Jeremy Hubble.

CAPÍTULO 63



Após várias incursões individuais no Cairo, o Subtenente Tarbox e Rory Landers, exibindo suas novas divisas de primeiro-Sargento, tiveram a nítida impressão de que o Cairo não era Paris.

Rory viera da quietude de Christchurch para a azáfama de uma confusa aglomeração de grupos, sons estridentes, buzinas impacientes, cheiros fortes, sol ofuscante, mulheres estranhamente ocultas em preto, ruas sujas — um bazar desordenado que era o antigo sistema de ordem em que os habitantes do Cairo viviam.

A cidade agora recebia um novo exército e cada ambulante, cada mendigo, bar, bordel, *tour* de ônibus, condutor de camelos e comerciante reagia. Milhares de recém-cunhados e esculpido artefatos antigos genuínos, assim como uma brigada de prostitutas garantidamente virgens surgiram de repente.

A entrada do dinheiro dos soldados e sua sede insaciável produziam tonéis imundos de vinhos e cervejas nativos deixando um rastro de vômitos e quase cegueira.

Logo os *Anzac* e os ingleses passaram a desprezar o Cairo e o sentimento era mútuo, a não ser pela libra esterlina. Vindos de uma terra onde um aperto de mão significava a palavra de honra de um homem, os *aussies* sentiam-se enganados. Em represália, em seus vistosos quepes de campanha, lideravam uma série de turbulentas retribuições. Como a polícia do Cairo se mostrava um pouco tímida, as patrulhas militares ficavam do amanhecer ao pôr-do-sol e novamente até o amanhecer desbaratando as arruaças.

Rory, Johnny e Chester tinham uma prioridade: encontrar um oásis de solidão naquela confusão enlouquecedora.

Devido a uma visita ao Cairo anos antes como um fuzileiro dos Royal Marines, Johnny Tarbox gabou-se de estar mais preparado para circular entre aqueles mouros, encantadores de serpentes e asiáticos. Johnny

saiu à procura do chefe dos *terriers* fora dos portões do acampamento e voltou com um *tugue* corpulento chamado Walid.

Os *terriers* executavam todo tipo de serviço no acampamento, desde engraxar sapatos a entregar recados e acompanhar os recém-chegados às pirâmides.

Walid administrava a central de empregos, designando para os melhores cargos membros de sua extensa família, amigos e aqueles que lhe davam as melhores propinas.

Vendo que era ele quem manipulava o sistema, Johnny ofereceu-lhe a boa soma de cinco libras para que o colocasse em contato com o homem certo na cidade velha.

As promessas de Walid foram extravagantes e, por mais duas libras, Johnny seria colocado em contato com o “protetor” do esfuziante distrito de Aguza.

Tarbox sabia que em algum lugar daquelas vielas escuras e tortuosas, com toda aquela gritaria e cheiros deliciosos e não deliciosos, teria que haver um esconderijo precioso... com dançarinas do ventre à direita e dançarinas do ventre à esquerda... e bebida *decente*.

— Nós *precisamos* de bebida decente.

— Meu homem cuidará de você, primeira classe — prometeu Walid, fazendo Johnny sentir-se satisfeito consigo mesmo por ter evitado tanta procura e toda aquela burocracia oriental.

O Primeiro-Sargento Rory Landers enfrentou o centro do Cairo do lado direito do rio e o distrito Buluq. Uma fileira de hotéis de duas e três estrelas alinhava-se à margem do rio. Rory achava que um apartamento de cobertura com três quartos definitivamente estaria dentro das possibilidades.

Quanto a Chester, ficaram preocupados de enviá-lo para aquele atoleiro do mercado. Ele estava fazendo um trabalho excelente com o manual das mulas. Na realidade, estava fazendo o trabalho dos três.

No entanto, quando Rory e Johnny retornaram ao acampamento desanimados, Chester lembrou que Cairo tinha algumas semelhanças com Hong Kong. Johnny e Rory concordaram em permitir que ele se unisse à busca, mas ordenaram-lhe que só circulasse nas áreas mais seguras.

Era a quarta incursão deles, de um dia para o outro, para realizar a busca completa. Sincronizaram seus relógios e desapareceram. Voltariam ao

bar do outro lado de seu hotel perto da estação de trem, às duas e meia do dia seguinte.

O relógio da torre da estação soou as três horas, o que na verdade significava que eram duas horas, porque o relógio estava uma hora adiantado. A cidade fechara-se para a trégua do meio do dia do prostrante calor úmido que subia dos vapores do Nilo.

Rory foi o primeiro a retornar. Recusou a imunda bebida que lhe tentaram impingir e, após uma longa discussão, venceu o debate com uma garrafa de gim intata, fechada, de marca registrada.

Rory observou o bando de *terriers* reduzir-se a alguns poucos inquietos, exceto pelas crianças que ainda tentavam vender contas muçulmanas, rosários católicos, *kaftas* e quinquilharias que eles não podiam enviar pelo correio para as garotas que haviam ficado em seus países.

Johnny Tarbox surgiu como uma miragem, o vapor bruxuleando à sua volta. Deixou-se cair numa cadeira, inerte.

— Nada.

— Nada.

— Só baratas e ratos.

— Não colocaria nem um oficial *pommy* neles.

— A *casbá* tem olhos e ouvidos — disse Johnny saboreando um gole de gim com um “ah”. — Estaríamos pagando metade dos bandidos da cidade velha para que não cortassem nossos pescoços. Lá as mulheres são todas cabeludas, sujas e suarentas e os homens são ainda piores.

Rory não conseguiu resistir a um garoto que pedia esmola conduzindo um velho cego e horrivelmente deformado. Sua moeda fez juntar um enxame. Ele se resolveu por um crucifixo de madeira feito da verdadeira cruz e gritou para que se dispersassem.

Johnny apontou em direção da ilha no meio do rio.

— Lá é que é o lugar, Rory. Quando os ingleses dominam um país, fazem-se bem confortáveis a baixo preço. O distrito de Zamalek possui as únicas camas sem pulgas da cidade.

— Tem certeza de que está fora dos limites?

— Não oficialmente, mas há policiais militares em todas as pontes e os patrulheiros varrem qualquer coisa que se pareça com um soldado. Nós somos a escória, companheiro.

— Dá realmente muita vontade de lutar por eles.

— Sim — murmurou Johnny —, território de luxo dos oficiais... território do quadro de oficiais. É melhor que ninguém abaixo de Coronel apareça por lá. Demos um passeio pelos jardins uma vez, quando estive aqui. Como os hotéis que você vê nos filmes... mansões... jardins.

Inúmeros planos igualitários começaram a povoar a cabeça de Rory.

— Estou ouvindo seus pensamentos, companheiro, esqueça-os. De qualquer forma, encontrei o melhor bordel da cidade velha, semi-exclusivo, algumas mulheres bem bonitas por lá. Acho que vou tomar um banho frio e depois vou namorar — disse Johnny.

O relógio da torre da estação badalou três e meia. Eram duas e meia.

— Jesus! — gritou Rory.

— O que foi?

— Chester! Não voltou desde que chegamos ontem.

— Droga! Eu disse àquele fedelho para permanecer no acampamento e trabalhar no manual. É melhor começarmos a procurar.

— Onde?

— Na polícia, no necrotério!

— Acalme-se — disse Rory. — Qualquer garoto que conseguiu viajar clandestinamente de Hong Kong à Nova Zelândia...

— Nunca me perdoarei se alguma coisa acontecer àquele garoto — disse Tarbox. — Eu lhe dei cem libras de nossa reserva no cofre do batalhão. Ah, meu Deus, ele foi roubado e assassinado. O que vamos fazer, Rory?

O soldado Chester Goodwood passou o primeiro dia caminhando pela Rua Ramsés, admirando as lojas requintadas e, quando escureceu, percorreu uma série de bares e saguões de hotéis coletando informações. Como um bom detetive farejador, ele não voltou para o hotel, mas tirou um cochilo na estação de trem para poder recomeçar bem cedo pela manhã.

Chester começou por uma pequena, mas bem apresentada agência de viagem e analisou a clientela. Dois árabes de classe estranha entraram. Uma senhora europeia muito bem vestida entrou e saiu. Vários oficiais entraram, nenhum abaixo de Major.

Chester foi recebido no balcão de entrada com um desdém arrogante, mas o agente vislumbrou a mão de Chester no balcão com a ponta de uma nota de cinco libras visível.

— Estou fazendo uma pesquisa para meu comandante — disse o soldado.

— Por favor! — De braços abertos, convidou-o a entrar para trás do balcão e, depressa, café para o cavalheiro.

— Quero o nome do agente de hotel mais bem relacionado do Cairo. Telefone para ele e diga-lhe que irei vê-lo em nome do meu General. Por favor, fale em inglês e ganhará mais cinco.

O nome mágico do Sr. Hamdoon Sira surgiu pela primeira vez.

Chester procurou então os porteiros de vários dos melhores hotéis, confirmando as credenciais de Sira. Finalmente, viu-se no escritório de um procurador que, por dez libras, recomendaria Chester enfaticamente a seu grande amigo Hamdoon Sira.

Chester tomou um táxi atravessando a ponte 14 de Outubro para a terra proibida e parou no hotel mais magnífico do Oriente Próximo, o Memphis Palace.

Toda a sujeira e o barulho da outra Cairo foram abafados pelas margens protegidas com cercas vivas e flores. Em arcos e mármore, o hotel exibia legiões de criados de luvas brancas que pareciam deslizar ligeiramente acima do chão. Era elegante, de primeira. Assim está melhor, pensou Chester. Além do mais, Chester parecia inteiramente à vontade no meio de todas aquelas altas patentes. E música para o chá.

— Sou o soldado Chester Goodwood, o Sr. Sira está me aguardando — disse, colocando a velha moeda de uma libra na mão do funcionário. Chester sabia que uma libra do lado norte da ponte que pertencia aos ricos produzia um efeito maior do que cinco libras do lado dos pobres. Era um efeito inigualável dos ricos e poderosos nunca pagar demais pelas coisas.

— O Sr. Sira está com um hóspede. Logo o atenderá.

Um Coronel *pommy* não desgrudou os olhos de Chester, aborrecido com a familiaridade do soldado. Analisou o rapaz de cima a baixo e concluiu, por sua insígnia da Nova Zelândia, que ele não estava a par dos costumes. O pessoal alistado servindo e aguardando seus oficiais no Memphis Palace tinha sua própria área de espera, longe do saguão principal.

— Soldado — disse o Coronel rispidamente — tem certeza de que está no lugar certo?

— Absolutamente, senhor. Estou aguardando para falar com o Sr. Sira da parte do General de Brigada Mulesworthy.

— Ah...hummm... prossiga.

— Senhor! — disse Chester, batendo continência como se estivesse diante do próprio rei.

O Sr. Sira e Chester Goodwood avaliaram-se. O Sr. Sira era, como esperava, a versão egípcia do agente chinês do Península Hotel. Sira parecia ser um homem que subira no meio dos altos escadões e sobrevivera — e no Cairo isso era muito importante.

Chester era simplesmente desconcertante — rosto liso, sorriso inocente e bons modos.

Agora, pensou Chester, podiam começar a dançar um tango egípcio, fazer jogos de palavras e brincar de esconde-esconde ou ele podia ir direto ao assunto.

— Você andou gastando uma boa soma para conseguir um encontro comigo — disse Hamdoon Sira, absolutamente convencido de que o soldado estava agindo em nome de algum alto oficial. Sira sabia que seu nome não era facilmente divulgado.

— Sr. Sira — disse Chester —, a situação é a seguinte: sou um inglês de Hong Kong e tenho dois amigos neozelandeses. Fazemos parte de um esquadrão especial e temos muitos períodos de licença no acampamento. Mais dois ou três homens estão designados para nós, não mais.

— Está representando o comandante?

— Não, senhor.

— Exatamente em quê você acha que posso ajudá-lo?

— O acampamento *Anzac* é o próprio inferno. Do outro lado do rio é um cenário realmente complicado para o pessoal alistado. Estamos em boa situação financeira e tudo que queremos é um lugar tranquilo onde possamos descansar de nossos deveres. Como eu disse, temos muito dinheiro.

Hamdoon Sira sorriu. Bem, ora veja, a situação está se complicando... este garoto diante dele com certeza está servindo de fachada para tráfico de prostitutas, talvez contrabando de haxixe, mercado negro de bebidas, armas do exército inglês... algo assim.

Chester leu o sorriso de Hamdoon.

— Não estamos atrás de administrar um prostíbulo, drogas ou lavar dinheiro sujo. Somos pessoas de bem, de boas famílias e não fazemos arruaças.

Ah, Hamdoon Sira gostou de Chester Goodwood.

— Gosto de você. Admiro a sinceridade. Vemos tão pouco disso. Sou inteiramente solidário, mas receio que não tenha nada... — Hamdoon parou quando olhou diretamente para uma nota de cinquenta libras.

Hamdoon estava no ramo de hotéis desde pequeno. Antes da guerra os xeques da península, ricos com o petróleo, distribuíaam fartas gratificações, mas já não podiam vir até ali por causa da guerra. Fora isso, nunca vira nada superior a cinco libras de um oficial britânico, e assim mesmo muito raramente.

— Volte amanhã, por favor — disse Sira.

— Não —, retorquiu Chester. — Somos soldados e não temos tempo para esse jogo. Estou comprando. Agimos diretamente ou pode esquecer.

Pelas barbas de meu pai, pensou Hamdoon, esse sujeito é esperto.

— Rogo-lhe, Sr. Goodwood, não pode mudar a ordem natural das coisas. Temos que agir de modo convencional. O que deseja vai levar algum tempo... Exatamente quais são suas solicitações?

— Jardim, sala, varanda, três quartos, nada de baratas, acesso à bebida servida no Memphis Palace, proteção policial e a visita de mulheres.

— Hummm — Sira ponderou, enquanto esfregava o polegar e o dedo indicador como se acariciasse a nota de cinquenta libras. Não haveria nenhum problema em conseguir isso para um oficial, mas nenhum deles podia pagar o preço. Com os xeques em território turco e a escassez de viajantes comuns, havia várias vilas vazias. Irei mais adiante, decidiu, quando verificar se...

— Haveria uma forma continuada em que eu possa prestar serviços?

— Quer dizer, mais comissões, algo mais do que um xelim de um oficial inglês, úmido do suor de sua mão?

Um sorriso falso e um gesto inocente de Hamdoon abrindo as mãos foram seguidos de outro, colocando as mãos sobre o coração.

— Sem dúvida alguma — disse Chester.

Ninguém toma decisões tão rapidamente. E se for uma armadilha? Que tipo de armadilha? Não, não se tratava de uma armadilha, mas era necessário discutir isso com outras partes, deveria haver uma conversa... a nota de cinquenta libras estava diante dele. Quanto mais haveria reservado para ele? Cem? O salário de meio ano, talvez mais! Alguém revela seus recursos com tanta facilidade? Afinal, Hamdoon, disse a si mesmo, você é um grande agente numa terra barata. Sabe onde conseguir qualquer coisa...

ACEITE!

Hamdoon pegou o telefone, aguardou, iniciou uma discussão acalorada e, após algum tempo, colocou o telefone no gancho.

— Acho que posso ajudá-lo. Marquei um encontro agora mesmo com um importante cavalheiro de grande valor e de conexões irrepreensíveis. Em geral, são precisos dias para vê-lo. Ele tem feito arranjos como esse, para ministros, generais, grandes xeques. MAS! Não o faça perder tempo. Deve estar preparado para pagar uma grande quantia, pelo menos sessenta a setenta e cinco libras por semana, fora as mulheres e as bebidas.

— Vamos fazer o seguinte: pago até noventa por semana pelo lugar certo. Você, Sr. Sira, faz o negócio para mim. Qualquer coisa que conseguir abaixo de noventa vai para o seu bolso, mais cinco por semana.

— Deve pagar com antecedência.

— Nada feito. Pagaremos meia semana com antecedência e o restante no final de cada semana.

Hamdoon Sira estava diante de uma mina de ouro. Só Alá saberia o que mais poderia providenciar para aqueles homens. Como seria bom se todos os ingleses fossem tão diretos quanto o Sr. Goodwood. Soltou o nome de Faruk el Faruk.

— Mandarei vir a limusine do hotel para você.

Chester rasgou a nota de cinquenta libras ao meio e entregou a metade para o Sr. Sira.

— O resto quando fechar o negócio.

O relógio da torre soou oito e meia, o que significava que eram sete e meia. Conforme a noite caía, os gritos dos muezins subiam do topo dos minaretes. Rory e Johnny estavam à beira do pânico, visualizando o querido e inocente rosto de Chester abandonado numa sarjeta, sem orelhas e sem língua.

Blem... blom... blem... blom... badalava o relógio.

— Ah, meu Deus! Chester! Johnny, é Chester!

— Seu desgraçado filho da puta, por onde andou? Estávamos ficando malucos!

— Devia quebrar seu pescoço, isso é o que eu devia fazer!

Chester suspirou.

— Quase achei um lugar para nós.

— Quase, o que quer dizer com quase?

Chester contou como fora seu dia, até o encontro com Faruk el Faruk.

— O escritório dele era realmente escondido, no segundo andar de um prédio em Sheik el Bustan. Um sujeito amável. Cortei a burocracia e expus logo nossa proposta e exigências.

— Inclusive as mulheres? — quis saber Johnny.

— Inclusive as mulheres — assegurou-lhes Chester.

— Ah, bom rapaz!

— Há algumas vilas em Zamalek. A maioria de seus clientes regulares ficou presa na Suíça ou em algum outro local por causa da guerra. Os oficiais ingleses não têm dinheiro ou são muito sovinas para gastá-lo. No começo, ele nem queria mostrá-las para mim.

— O que aconteceu?

— Entramos num jogo de gamão. Sabem, ele tem séculos de tradição por trás dele. Quando consegui dobrá-lo por duzentos, disse-lhe que o negócio estava fechado se ele me mostrasse uma das vilas.

— Como era?

— Mil e Uma Noites... Xerazade... no Nilo... pátio interno com uma fonte, uma enorme varanda sobre o rio, inúmeros aposentos em arcos construídos em torno do pátio central. Seria nosso com mais uma caixa de uísque e duas caixas de cerveja por semana.

— Seria capaz de matar para conseguir isso! — gritou Tarbox.

— Talvez eu não devesse ter-lhes contado. Acho que se dependesse de Faruk, ele aceitaria... mas ele não pode garantir proteção policial a pessoal alistado em território exclusivo dos oficiais e, em segundo lugar, se o comandante britânico viesse a saber, fechariam seu negócio.

— Não quero ouvir mais nada! — exclamou Rory.

— Os filhos da puta!

— E pensar que devemos lutar numa maldita guerra com esses sujeitos!

— A menos que... — disse Chester — e isso é uma loucura completa...

— A menos que...?

— A menos que consigamos alguém do posto de Coronel para cima para assinar os papéis e tem que ser um Coronel em pessoa... nada de falsificações.

O Cairo voltou à vida em torno deles mais uma vez.

CAPÍTULO 64



Não havia nenhum aspecto da vida de soldado suficientemente minúsculo para ser esquecido no treinamento básico que se seguiu no acampamento *Anzac*. Jovens e ansiosos brutamontes da Austrália, muitos dos quais se haviam imaginado no torvelinho de um ataque de cavalaria, eram rudemente apresentados aos conhecimentos básicos da arte militar.

O treinamento básico levou-os ao perfeito condicionamento físico, à capacidade de realizar os exercícios militares em uníssono, a bater continência para seus superiores ingleses com a pompa adequada, a prepararem-se e às suas armas e alojamentos para inspeção, a ficarem íntimos de seus rifles e a usá-los com precisão.

Nenhum batalhão seria mais rápido, brilharia mais, atiraria melhor, seguiria melhor as instruções ou se exercitaria mais duramente do que o batalhão do Major Christopher Hubble.

Seu grupo logo ganhou a reputação de ser aquele onde a sobrevivência até o final do dia era considerada uma vitória pessoal. Ele exigia que seus oficiais não poupassem a caixa de suadouro, um caixão vertical com dois orifícios pequenos para o ar, para os homens que não batessem continência com o necessário vigor ou que não arrumassem os lençóis da cama com imaculada perfeição. Distante de seus homens, o Major parecia regalar-se com o ódio que lhe dedicavam.

Quando o treinamento básico terminou, Jeremy deu um suspiro de alívio. Enquanto os outros batalhões agora se converteriam em infantaria, artilharia, engenheiros e outras unidades de apoio de uma brigada ou divisão, a Sétima Cavalaria Ligeira poderia continuar com seu treinamento especial sobre mulas.

Nenhum curso especializado pôde ser organizado para eles porque não possuíam um manual de instruções e não podiam finalizar o manual enquanto alguns especialistas não chegassem. Além disso, não havia equipamento de carregamento, e principalmente... não havia mulas.

Enquanto a turma de capatazes de quatro homens se esforçava para escrever o manual e aguardava o veterinário e o carregador para completá-lo, o Major Hubble colocou seus homens em treinamento de infantaria.

Llewelyn Brodhead era um General de Marcha. Nenhuma unidade *Anzac* marchava melhor do que a Sétima Cavalaria Ligeira, faziam marchas curtas e rápidas com fardos leves; marchavam a toda velocidade com fardos de campanha; faziam marcha forçada de resistência, de até oitenta quilômetros pelas areias. Marchavam com as botas cobertas de areia, afundando até os tornozelos, desidratados, cheios de bolhas e tendo visões duplas com o sol brutal, somente para então serem açoitados e cegados por fustigantes tempestades de areia.

Arrastavam-se pela areia, através e por baixo de arame farpado, sob fogo real, mantendo-se rente ao chão. Atacavam com granadas e morteiros por cima das dunas.

As marchas à noite pelo frio repentino do deserto transformaram-se em patrulhamento noturno. Ou eram emboscados ou emboscavam outros. Assaltavam defesas, de baionetas em riste, em jogos bastante reais para saber que a exaustão pode ser abençoada, se uma névoa mental as amortece, desde que não saiam da formação. O tiroteio e as explosões eram tão cerrados à volta deles a ponto de fazê-los sentir os pavores do combate.

Aqueles enormes australianos e neozelandeses comedores de carne de vaca e de carneiro já não zombavam dos soldados magricelas das unidades inglesas que conheciam o treinamento militar.

Quando não estavam marchando ou participando de exercícios de combate, cavavam trincheiras e latrinas e limpavam suas áreas. Em todas as unidades *Anzac*, muitos oficiais eram negligentes e permitiam que os soldados usassem *terriers* para fazerem a maior parte do serviço de limpeza.

O Major Hubble proibiu que seus homens usassem os *terriers*. As punições do Major Hubble eram o dobro das demais unidades. A área do batalhão do Major Hubble era impecável.

Até o mais valente rato do deserto australiano sucumbia sob o sol do Egito, e o que o sol não conseguia, as areias resolviam. Areia, areia, areia, areia. Limpe a barraca e dentro de poucos minutos está cheia de areia outra vez. Areia nos estoques de provisões. Areia nos dentes e no cabelo. Areia nas roupas e no reto.

Sim, eles se transformariam em boas tropas, no devido tempo. Porém, por mais intrépidos que fossem, os *Anzac* tinham um defeito. Quase

todos tinham vindo de regiões rurais, livres da exposição a bactérias da “civilização” urbana. Pela primeira vez em suas vidas, estavam em ambientes de convivência estreita com milhares de seres humanos: amontoados nos navios de tropas, espremidos nas ruelas do Cairo, no acampamento *Anzac*. Seus sistemas imunológicos não estavam preparados para lidar com o massacre do tifo e da disenteria, de parasitas intestinais e gripes avassaladoras.

O descanso significava licença no Cairo e logo as doenças venéreas eram acrescentadas às enfermidades.

O Cairo tinha séculos de experiência de dançar conforme os caprichos do conquistador, do invasor, do turista. Todos queriam a mesma coisa – barganhas, bebidas e mulheres... de preferência a ilusão de uma virgem. Os soldados na base do escalão eram jovens. Quase todos inexperientes e achavam que tinham que ter uma ou duas marcas de garoas em seu cinto para ter lembranças antes da batalha e para saberem que se haviam se unido a homens de verdade.

O Cairo estava tendo o efeito contrário. A situação estava de mal a pior. Os ânimos se acirravam. Os homens, principalmente da Sétima Cavalaria Ligeira, voltavam ao acampamento num estado de agitação logo sufocado pelo treinamento rigoroso do Major Hubble.

Em um conjunto de edificações próximo do QG do batalhão, havia um amplo estábulo com picadeiros internos de adestramento de cavalos, em boas condições e praticamente sem uso, a não ser para abrigar pôneis de polo para os oficiais superiores. Jeremy convenceu Chris a deixá-lo ficar com o prédio e a lhe fornecer operários para transformá-lo num espaço de residência e escritório para seus capatazes. Cada um possuía um cubículo particular para dormir e um pequeno escritório. A maior parte das atividades concentrava-se na sala de reuniões, que era um lugar informal, amistoso e nada militar.

Christopher não gostava das instalações privilegiadas dos capatazes nem de sua independência. Considerava-se um oficial dos mais bem-sucedidos e justificou o tratamento especial para o grupo. Um bom oficial sabia quando ceder ligeiramente... particularmente quando os benefícios ultrapassariam em muito a sua “generosidade”. Se havia uma coisa que o Major Hubble sabia é que a equipe de Jeremy era a peça decisiva na incumbência especial do batalhão. Desde que ficassem fora de sua vista e

Chris não tivesse que ficar em constante atrito com seu irmão, cedia em um ou outro ponto.

Um dos picadeiros internos possuía uma arquibancada com capacidade para duzentos homens de uma só vez, ou cerca de um quarto de batalhão.

Em Pig Island, numa sala recoberta de gráficos, Tenente e seus três capatazes foram até onde puderam na redação de um manual funcional sobre mulas, mas o batalhão precisava desesperadamente do conhecimento especializado dos homens-chave, um mestre de carregamento e um veterinário.

Rory achava que esses capítulos que faltavam deveriam ser substituindo cavalos por mulas. Afinal os esqueletos eram iguais e havia uma longa série de semelhanças entre os animais. Resolveram encurtar o tempo de finalização do manual simplesmente substituindo mulas por cavalos e fazendo as correções que se mostrassem necessárias.

Os três capatazes aguardaram a chegada do veterinário em Pig Island com uma expectativa acima do normal.

Rory conheceu apenas um único judeu em sua vida, um indefinível comerciante de Christchurch, razoavelmente benquisto por sua generosidade em estender o crédito dos mineiros e das pessoas que tivessem atravessado uma estação difícil.

Chester ouvira falar de dois ou três judeus de Hong Kong, banqueiros e pessoas que lidavam com dinheiro. Na verdade, ele não conhecia realmente essas pessoas, mas estivera com elas.

Johnny Tarbox não sabia se conheceu algum judeu. Vira alguns em suas viagens como integrante dos Royal Marines e na verdade suspeitava que um membro do seu pelotão era judeu.

O Tenente Jeremy conheceu alguns judeus em outra ocasião e os considerava gente decente quando tratados com decência.

Tiveram inúmeras confabulações e buscaram informação sobre os judeus. Tudo que conseguiram era escorregadio... insípido... distorcido... e, no total, suficiente para deixar qualquer um nervoso.

Estavam tentando ver a pessoa que vinha atrás do Tenente Jeremy quando ele entrou em Pig Island. Rory foi o primeiro a ver um acordeão entre os pertences do homem, o que ele considerou um bom sinal. Era um sujeito avantajado, rude. Obviamente, era afeito a trabalho braçal, o que desmentia rumores em contrário.

— Rapazes — disse Jeremy —, este senhor é o nosso veterinário, destacado da Unidade de Mulas do Sião, em missão especial para nós. Estivemos conversando quase uma hora e tenho certeza de que ele se enquadrará perfeitamente na equipe de capatazes. Mordechai Pearlman... da direita para a esquerda, apresento-lhe o Subtenente Johnny Tarbox, Primeiro-Sargento Rory Landers e soldado Chester Goodwood.

Por trás de uma barba desalinhada surgiu um sorriso de dentes separados e um aperto de mão capaz de quebrar tijolos.

— Bem, rapazes — disse Jeremy, dirigindo-se aos três que olhavam embasbacados —, cuidem de nosso homem e mostrem-lhe como funciona tudo por aqui. Agora, vamos começar a reescrever os capítulos sobre doenças, moléstias e condições sanitárias.

Quando Jeremy partiu, o estranho silêncio continuou.

— Bem, doutor, como está o seu inglês, senhor? — arriscou-se Johnny.

— Vai bem, obrigado, e o seu? — respondeu Pearlman.

Foi um bom começo.

— Não fui nomeado cavaleiro, portanto não precisa me chamar de senhor e o meu diploma de doutor é de algum lugar de Minsk e não é reconhecido pelo Exército Britânico. Na verdade, nem sequer faço parte do exército. Sou um especialista incorporado... entretanto... conheço mulas como você conhece mulheres, Tarbox.

Isso quebrou um pouco a tensão.

— Assim é que se fala — disse Johnny, exultante.

Novo silêncio.

— Bom, então talvez devamos falar *tocklus* — disse Pearlman. — Vocês devem estar pensando quem será esse judeu, não é?

— Ah, sabe como é, estávamos imaginando, nunca tendo conhecido pessoalmente alguém de sua religião — disse Johnny.

— Certo, estamos curiosos — disse Rory.— Como sabe, a Nova Zelândia não fica exatamente no meio de Moscou.

— Acho que gosto de vocês — disse Pearlman — e acho que todos vocês vão gostar de mim. Venho repleto de paz e amor. Certo?

— Certo.

— Certo.

— Certíssimo.

— Mas nada de piadas de judeu, certo? Qual de vocês derrotou o peso pesado australiano?

— Culpado — disse Rory.

— Depois que eu o amaciei — acrescentou Johnny.

— Sem dúvida você pode me dar uma surra também. Mas deixe-me dizer-lhe e eu lhe garanto, com toda a certeza, com um sabre nas mãos eu posso descarna-lo em finas fatias, tão finas quanto salmão defumado. E acho que temos que compreender isso...

— Porque você já recebeu muita provocação — Johnny concluiu a frase. — Não precisa se preocupar e sintá-se à vontade, você está entre amigos.

— Formamos uma pequena equipe. Somos nós e o Tenente, e você é muito bem-vindo aqui.

Como um grande urso, Pearlman cingiu Johnny num abraço. Chester foi simplesmente esmagado. Rory fingiu dar alguns socos e o abraçou.

Todos respiraram de alívio diversas vezes e depois desataram em gargalhadas.

— Bem, então como devemos chamá-lo? Doutor?

— Chamam-me de Modi lá na Palestina.

— Modi?

— Modi, diminutivo de Mordechai.

— Modi é um nome realmente muito bom.

Tarde da noite, os rapazes agradeciam a Alá pela chegada de Modi. Não só ele fizera as correções necessárias em “Doenças, Moléstias e Condições Sanitárias”, mas editara o manual inteiro.

— Rapazes, vocês fizeram um trabalho fantástico, trabalhando assim no escuro — Modi parabenizou-os.

— Vou lhe contar; o manual britânico podia muito bem estar escrito em russo — disse Chester. — Quebrei a cabeça tentando traduzi-lo, ou melhor, destrincha-lo.

— Isso é exatamente o que é preciso. Muito simples. E vocês me dizem que todos no batalhão são cavaleiros.

— Isso mesmo.

— Muitas, muitas coisas são iguais. Mas o importante é que os homens já estão à vontade perto de um animal grande... Isso eliminará

semanas e semanas de familiarização da mula com o soldado e do soldado com a mula.

O pensamento de Mordechai Pearlman corria à frente. O Tenente Jeremy dissera-lhe sem rodeios que a areia estava escorrendo na ampulheta muito mais rapidamente do que desejavam.

— Vejo que têm uma sala de aula.

Dirigiram-se ao picadeiro onde os assentos do estádio haviam sido construídos. Uma companhia de cada vez para cada aula. Quatro aulas por dia. Precisurei de um mês, pensou. Graças a Deus que conhecem cavalos.

— Cada companhia deve ter homens com treinamento veterinário especial. Serão usados do mesmo modo como vocês usam médicos. Teremos uma enfermaria. Nós os colocaremos na trilha com tropas de mulas.

— Falarei com o Tenente amanhã — disse Johnny.

— Eu mesmo quero escolher esses rapazes — disse Modi com firmeza.

— Eu os treinarei, ficarão ótimos.

Meu Deus! Estavam diante de um monstro no trabalho. Retomaram a Pig Island e continuaram a trabalhar no manual por mais quatro horas, até de madrugada. Modi espreguiçou-se e surgiu com uma garrafa de vodca.

— Sei que é contra o regulamento, mas eu sou um homem desregrado — disse ele. — Além do mais, é a última garrafa de vodca russa da Palestina e acho que deveríamos acabar com ela.

Rory trancou a porta e Mordechai Pearlman abriu seu acordeão, apresentando-lhes a primeira música de seu repertório de canções russas, iídiches, hebraicas, árabes e gregas. Foi uma ocasião muito especial. Estavam exaustos e um tanto embriagados e a voz de Modi era repleta de alma e paixão. Mesmo sem saber o que as palavras significavam, uma pessoa era capaz de chorar. Meu Deus!

— É casado, Modi?

— O que o faz pensar que sim?

— Você é um sujeito mais velho, como Johnny. Acima dos trinta.

— Acima dos quarenta — respondeu Modi —, quase cinquenta, Não, não sou casado.

Modi virou a garrafa de vodca e abriu um largo sorriso. Vazia.

— A única coisa boa que vem da Rússia — disse, colocando a garrafa de lado.

— Não dizem que os judeus não bebem? — perguntou Johnny.

— Não bebem mesmo — respondeu Modi —, assim, tenho que beber por todos os que não bebem. — Coçou a barba, pensativo. — Somos camaradas, não somos?

Eles concordaram.

— Tenho uma coisa para dizer a vocês três. É algo que o resto do batalhão não deve saber até a hora do combate. Obviamente, nós vamos revezar nossas tropas de mulas de modo que cada animal trabalhe e descanse o mesmo número de horas. Ao que parece, estaremos trabalhando em terreno muito difícil e se desenvolvermos um front estático, teremos muito pouco espaço de manobra. Fahrstaht? Compreenderam?

— Sim.

— Não teremos espaço suficiente... nenhum pasto para reabilitar um animal ferido e fazê-lo repousar até poder voltar para a tropa. Todo animal doente demais ou aleijado, que não consiga voltar ao trabalho em dois ou três dias, deverá ser sacrificado. Novas mulas serão enviadas para nós.

Rory deixou-se cair na cadeira e fechou os olhos.

— Rory, você é o chefe do curral?

— Sim.

— E você, Johnny?

— Tenho um título, não sei bem o que significa ou o que tenho que fazer. Ao que tudo indica, não há nada registrado sobre meu tipo de serviço.

— E o que é? — perguntou Modi.

— Sou o chefe da praia. Quer dizer que estaremos descarregando navio, eu acho.

— Isso responde a um monte de perguntas sobre o sacrifício dos animais. Provavelmente, receberemos outros pelo mar. Bem, Rory, você e eu teremos que tomar as decisões de sacrificar... e, quando tivermos o carregador-chefe, ele também poderá fazê-lo.

Rory liderou um silêncio em que quase chegou a desmaiar. Sentiu a mão de Pearlman batendo seguidamente em seu ombro.

— É a guerra. É pior ver homens morrerem.

— Ao menos eles tiveram escolha — murmurou Rory.

— Não creio — respondeu Modi, com o conhecimento de várias guerras passadas.

Dois dias mais tarde, o Sargento Yurllob Singh, do Terceiro Obuseiro de Montanha *Sikh*, foi levado a Pig Island. Era esbelto, mas ereto como um

militar de turbante, a barba meticulosamente aparada. De uma seita de guerreiros lendários, Yurlob estava aborrecido por ter sido transferido. Entretanto, manteve uma atitude inteiramente apropriada e inteiramente hostil, enquanto disparava suas respostas rispidamente. Dava a impressão de que qualquer pessoa que lhe fizesse uma pergunta, esta deveria ser respondida como se fosse um idiota que a perguntasse.

Nos dias seguintes, Yurlob torturou Chester Goodwood, exigindo instruções absolutamente perfeitas na intrincada arte de carregamento.

— Yurlob está nos deixando malucos — Rory queixou-se a Johnny Tarbox. — É impossível aproximar-se desse sujeito antipático.

— Temos sorte de contar com ele — retorquiu Johnny.

— Ele nos trata como se fôssemos macacos.

— E somos, segundo ele.

— O que está havendo, John? Está do lado desse idiota de turbante?

— Ei, Rory. Yurlob teve que se esforçar cem vezes mais do que nós para ser respeitado e conquistar suas divisas. Sua dignidade é tudo em sua vida... mas, você sabe, ele é um homem. Está longe de seus companheiros e no íntimo um pouco amedrontado. Lembre-se, ele está encobrendo seus temores. Entende o que eu quero dizer?

— Sim — disse Rory —, eu sei. E que eu queria que ele desse ao menos um sorriso. Mostrasse talvez um pouco de confiança.

— Isso virá com o tempo—disse Johnny. — Enquanto isso, ele ensinará este batalhão a empacotar como se estivessem carregando a mais fina porcelana nos dorsos daqueles animais.

Rory cada vez se surpreendia mais com Johnny Tarbox e com a maneira como ele avaliava as pessoas. Cristo, se ao menos os homens pudessem admitir o medo sem se sentirem envergonhados!

Quando o manual se arrastava para a sua conclusão, chegou um grande carregamento de equipamentos, que incluía selas, antolhos, ferraduras, arreios, cordas, lonas, couros, charutos e uma oficina de ferreiro.

Isso permitiu a elaboração de uma programação detalhada de treinamento, inclusive com aulas diárias de Yurlob Singh, Modi e Rory. Tudo se estava ajeitando. Tinham um batalhão preparado de quase setecentos homens com experiência com animais, equipamento suficiente para o treinamento e um manual.

Agora, já tinham tudo. Tudo, exceto as mulas.

CAPÍTULO 65



Rory seria-se emocionalmente arrasado desde que soubera que o Tenente Jeremy era o mesmo Jeremy Hubble, o Visconde de Coleraine de quem Conor fora amigo quando ele era criança. Jeremy aparentemente tinha Conor em tão alta estima quanto ele próprio. Trabalhara ao lado de Conor na grade da Mansão Hubble e aprendera a jogar futebol gaélico como membro do time do Bogside.

Porém, mais do que Jeremy, sua mãe era a famosa Condessa Caroline, o sonho da infância de Conor e mais tarde sua benfeitora e amor não realizado.

Depois que Conor deixara a Nova Zelândia, suas primeiras cartas para Rory relataram um feliz reencontro com Jeremy e Caroline e mais tarde a turnê pelas Midlands na Inglaterra. Ele acompanhou, treinou e ensinou Jeremy e os Boilermakers venceram a Admiral's Cup.

Rory agora imaginava que Jeremy deveria ter perdido contato pessoal com Conor depois de Sixmilecross. Muito provavelmente, Jeremy e Conor nunca mais se falaram ou escreveram um para o outro.

Por que, Rory perguntava-se, ele não podia simplesmente aproximar-se de Jeremy e dizer diretamente “Landers não é meu nome verdadeiro. Eu sou Rory Larkin e Conor é meu tio”?

Essa era a frustração de Rory. Seu segredo sobre o fato de Conor ser seu tio era tão grave que não podia partilhá-lo nem mesmo com Chester.

Havia uma última razão secreta. Rory teria que finalmente achar seu caminho para a Irlanda. Se Jeremy soubesse que Rory era um republicano irlandês “de segundo grau” com sobrenome Larkin, o fato poderia estragar seu relacionamento. Além disso, se os homens do batalhão viessem a saber; seu prestígio mudaria. Aqueles de quem ele conquistara a confiança passariam a ter uma atitude de apreensão.

Talvez um dia ele e Jeremy se tomassem bastantes íntimos para compartilharem o segredo e compartilharem Conor, mas parecia muito

pouco provável. Restava-lhe somente continuar a representar Rory Landers.

Ser Landers não era inteiramente ruim. Convivia com bons companheiros e incluía o Tenente Jeremy como uma espécie de amigo. Ostentava monte de divisas do exército britânico e estava trabalhando no que gostava.

Então, veio o choque da carta de Georgia e o chão sob seus pés abriu-se, mergulhando-o num buraco sem fundo e engolindo-o.

Leu as palavras cruéis que já sabia de cor, como se as lendo mais uma vez pudesse mudá-las nas páginas.

Querida Rory

Sabemos que está no Egito. Está em todos os jornais. Um jornalista aussie, Keith Murdoch, proclamou-se protetor e defensor dos Anzac, sentindo, como todos os colonos, que vocês não estão recebendo um tratamento justo dos ingleses. Fez uma pequena viagem de serviço a Alexandria, como você sabe, e posso imaginar muito bem como deve ser um dia de trabalho.

Guardo todas as suas queridas cartas e gostaria imensamente de ser tão maravilhosa quanto você se lembra de mim. Para o soldado solitário, qualquer garota que ficou em casa toma-se uma deusa com o passar do tempo. Não sou o que você descreve e não sou capaz de me tomar mais bonita.

O sonho de sua casa também pode assumir proporções exageradas. Misturado às colinas, bosques e campos existem dor e ressentimento contra seu pai e sua absoluta incapacidade de fazer qualquer coisa a respeito.

Christchurch parece-me terrivelmente sem graça sem você batendo à minha porta. Da mesma forma que eu originalmente ansiava pela paz que encontrei aqui, sinto agora uma necessidade mais urgente de envolver-me na guerra. A guerra sempre aumenta a necessidade

de enfermeiras e com a minha experiência há uma dúzia de lugares que eu poderia escolher Partirei daqui muito em breve.

A partir do instante em que você partiu, comecei a receber cartas de Calvin quase diariamente. Ele jura que compreendeu seu erro, endireitou-se e suplica uma segunda chance. Tenho que ser sincera com você, Rory, e só Deus sabe o que é para um soldado ler este tipo de carta.

Esta é uma carta de adeus. Não vou mais lhe escrever.

Continuar a nos escrever seria alimentar ilusões. Os casos amorosos são apenas capítulos de uma longa vida e, por mais profundos que sejam, finalmente a pessoa retoma à realidade. Os casos amorosos não são a realidade.

Não tenho medo de lhe escrever porque conheço a sua fibra e sei que atravessará isso e navegará em direção à vida plena e extraordinária que tem à sua frente. Digo isso com um nó na garganta, mas sei também que a mulher certa o espera lá fora e que você em breve a encontrará.

Se amo mais você ou Calvin não vem ao caso. Eu me casei com ele. Fiz juramentos. Ele quebrou seus juramentos. Mas... eu também quebrei os meus. Todos os seres humanos, inclusive nós, cometemos nossa porção de pecados e más ações. Mas casamento ainda é casamento. Está além de minhas forças não perdoar um marido que está na frente de batalha e suplica perdão.

Amei cada minuto que passamos juntos, mas está acabado.

Georgia

Rory endureceu-se, resolvido a não se deixar abater. Receber más notícias de casa era arrasador. Forçou-se a acreditar que o tempo o faria esquecer. Diabos, Georgia tinha razão. Sabia o quanto ela o amava, mas como ela dissera naquela última manhã, “nós nunca estivemos realmente apaixonados”.

A dor inicial foi amortecida por uma subida ao topo de uma pirâmide ao luar e uma garrafa do deplorável vinho egípcio.

A cada manhã, acordava lembrando-se da carta, lendo-a mais uma vez, esforçando-se para atravessar o dia e dedicando uma energia feroz ao manual de mulas. Uma manhã, ele simplesmente soube que sobreviveria.

Havia algumas correções a serem feitas no manual. Rory assinalou-as cuidadosamente e fez uma solicitação.

FAZER AS CORREÇÕES INDICADAS E
IMPRIMIR APENAS TRÊS EXEMPLARES
DEVOLVÊ-LOS A PIG ISLAND E OBTER
ASSINATURA.

PRIMEIRO-SARGENTO RORY LANDERS. 7ª
CAVALARIA LIGEIRA N.Z.

Colocou-a na cesta do centro de informações, olhou em tomo do escritório, fechou bem as gavetas, apagou a luz e trancou a porta.

Havia uma luz no final do corredor; vinda do escritório do Tenente Hubble.

— Provavelmente, esqueceu-se de apagá-la — murmurou Rory.

Entrou e deparou-se com o Tenente Jeremy, o rosto afundado nos braços cruzados sobre a escrivaninha. Rory voltou-se para sair, resolveu não fazê-lo e pigarreou.

Jeremy ergueu a cabeça. Tinha um péssimo aspecto. Rory fechou a porta atrás de si.

— O senhor está bem?

— Diabos, não. — respondeu Jeremy.

Rory viu uma carta sobre a mesa, aparentemente o objeto do infortúnio do Tenente Jeremy.

— Devo me retirar, senhor?

— Não, não, sente-se, Sargento. Aconteceu alguma coisa?

— Fiz a revisão final do manual. Acho que está bom. Pedi a impressão de três cópias, uma para nós, uma para o Major e uma para submeter ao Dr. Ellsworth na Unidade. Devo reter essa?

— O Major Hubble está na escola de oficiais. Só retomará dentro de alguns dias, para tristeza do batalhão, tenho certeza. Não, não podemos mais perder tempo. Envie uma cópia para a Unidade, eu explicarei ao Major.

— Sim, senhor.

— Então, está realmente terminado. Grande trabalho, Sargento.

— Temos uma turma excelente, apesar... bem, deixe pra lá.

— Do idiota do Yurlob? — perguntou Jeremy.

— Bem, digamos o seguinte. Ele é bom. Os soldados deste batalhão ainda estarão carregando mulas em seus sonhos quando forem velhos.

Era evidente que o Tenente Jeremy estava precisando de um amigo naquele momento. Ele não costumava ser visto na companhia dos oficiais e certamente não escondia seus sentimentos em relação ao irmão. Entretanto, apesar do companheirismo da turma de capatazes, as normas de não-confraternização entre um oficial e os homens alistados tomavam a conversa íntima extremamente difícil.

— O que aconteceu, Tenente? — Rory ousou perguntar.

Jeremy quis ignorar os séculos de antiga tradição militar, mas apenas meneou a cabeça.

— O senhor está com algum problema — Rory continuou ousadamente.

— Nós todos o temos em alta estima, Tenente. Pode nos confiar a sua vida. Se não o tivéssemos entre nós e o Major, não teríamos conseguido realizar o nosso trabalho.

— Sinto-me lisonjeado, mas você está exagerando.

— Posso dizer algo que nunca deverá sair dessa sala?

— Vá em frente.

— É realmente excelente esse batalhão que o Major organizou... mas tudo tem um limite. Se ele exigir mais dos homens, pode estar criando problemas. Bem, graças a Deus os capatazes não tiveram que lidar com ele diretamente. Ele teria espezinhado nossa turma de um modo que o treinamento de todo o batalhão ficaria ameaçado. Nós só conseguimos realizar esse manual e a programação de treinamento graças à sua proteção.

— Isso é traição, você sabe. Motim — disse Jeremy, sorrindo. — Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Sargento. A última vez em que me senti tão bem foi quando eslava na companhia de homens como você jogando no time de rúgbi Boilermakers. Ah, se ao menos pudesse ter segurado aquele instante da vida, aprisionando-o e colocando-o numa garrafa... A única época da minha vida em que me senti realmente um... homem... foi com aqueles companheiros Um deles em particular foi meu mentor, um irmão mais velho... até mais.

O coração de Rory disparou.

— Nós realmente temos um grupo mágico de homens: você, Tarbox, Chester, Modi... eu realmente gosto do Modi. Yurlob vai acabar se enquadrando. É um crime que não possamos ir todos juntos ao Cairo fazer uma farra.

— Seria formidável. Pode contar conosco, Tenente, dentro ou fora do serviço. Estamos a seu dispor. Com licença, senhor.

— Sargento.

— Senhor?

— Não vá. Sinto-me muito à vontade e tenho um grande apreço pela amizade que você e eu desenvolvemos. Meu Deus, preciso desabafar.

Rory acomodou-se numa cadeira e Jeremy logo cerrou os olhos e começou a falar como se estivesse em transe. A silenciosa amizade já começara com a censura de Jeremy das cartas de Rory. Estava a par da vida de Rory. Não era difícil em absoluto de repente ver-se falando sobre seu próprio passado.

Jeremy lentamente teceu a conversa de seu caso de amor com Molly O'Rafferty, de como a traiu, a traição de seus próprios colegas de classe, os anos que passou bêbado de remorso. Falou da perda do amor de sua mãe e de como o reconquistara. De vez em quando o nome de Conor Larkin vinha à baila, mas em vão. Conor já assumira uma vida clandestina, quando Jeremy e Molly encerraram seu romance.

Jeremy percebeu então que aquela era a primeira vez que relatara a história em viva voz para alguém.

— Isso chegou hoje — disse Jeremy, deslizando a carta em cima da escrivaninha. — Por favor, leia-a.

Querido filho

A vida para mim tem sido uma nova manhã, fresca como o orvalho que se emaranha na treliça de rosas e uma sensação de beleza à toda volta. Nossa paz e suas cartas diabólicas e encantadoras ajudaram-me a emergir do segundo infarto de seu avô (ele continua com seu conhaque e seus charutos) e da infundável tristeza do meu casamento fracassado.

A vida é maravilhosa outra vez, Tenho andado muito ocupada ultimamente, tentando construir e lançar um ou dois navios, cuidando de seu avô ranzinza e com muito mais humor na companhia de Gorman, um irlandês maluco que me dá a paz e o calor de que eu tanto precisava.

— Ela escreve maravilhosamente — disse Rory.

— Ela escreve como ela é — disse Jeremy. — É uma mulher extraordinária, Rory.

Ao ouvir seu nome dito por um oficial, Rory compreendeu que o relacionamento entre eles não seria o de um oficial com um alistado, exceto em serviço.

— Chame-me de Jeremy.

— Gostaria muito, mas, Cristo, imagine se eu escorregar diante de alguém.

— Dane-se, chame-me de Jeremy.

— Está bem, companheiro, será Jeremy.

— Por favor, continue a leitura.

...Como sabe, temos procurado Molly. Não quis escrever-lhe sobre pistas e esperanças débeis, que viessem a ser falsas. Entretanto, conseguimos algo concreto. Estávamos num caminho promissor, mas que se perdeu por causa da guerra.

Tenho me desesperado sem saber se devo ou não transmitir-lhe informações que certamente o farão sofrer. Nem Gorman, nem eu, nem qualquer pessoa sensata pode chegar a uma conclusão sobre a melhor atitude a tomar. Bem sei que nossa família se tomou prisioneira de mentiras e nada esconderei de você.

Jeremy, seu filho está morto. Nasceu morto em um albergue em Glasgow. Ao que parece, Molly adoeceu com febre e a criança nasceu prematura e em más condições.

Conseguimos saber que Molly entrou para um convento na Bélgica, e aí nossas buscas terminaram por enquanto. A guerra impede maiores investigações.

Há mais perguntas do que respostas. Não conseguimos encontrar a sepultura da criança. A Igreja Católica também se mostra muito reservada em relação ao desaparecimento de Molly. Não sabemos se ela ingressou numa ordem como noviça ou simplesmente se isolou para superar sua dor. Tivemos uma ligeira informação de que ela pode ter ido trabalhar na Bélgica ou na França como professora de inglês.

Apesar de toda a perfídia de Freddie e seu pai, eles ticaram arrasados com as notícias. Com você e Chris na guerra e Hester estéril, a perda os abalou profundamente.

Meu Deus, seja forte, Jeremy. Diga-me que vai conseguir sobreviver! Independente de como tudo isso termine, ainda há riqueza e valor na vida para que você ouse vivê-la.

Daria um reino para poder abraçá-lo agora. Se ao menos Conor Larkin pudesse colocar a mão em seu ombro e dizer suas mágicas palavras irlandesas para você...

Eu não sabia que ficaria tão arrasada ao saber da morte de Conor, mas eu sobrevivi, como você deve sobreviver. Até o riso e o amor por um novo e maravilhoso homem retornaram. Continue a viver, a vida é simplesmente boa demais.

Com amor,

Mamãe

Rory colocou a carta de volta sobre a mesa.

— Às vezes, desejo que o maldito barco do correio naufrague antes de chegar aqui — disse. — Você vai ficar bem?

— Já me sinto melhor só de ter falado sobre o assunto. Sim, vou ser forte. Os dias em que eu me entregava e queria morrer já terminaram.

A carta no bolso do peito de Rory de repente começou a queimá-lo. Ergueu o braço, desabotoou o bolso e retirou-a. Jeremy tomou-a de sua mão.

— De Georgia?

Rory olhou-o, intrigado.

— Não me agrada ter que bisbilhotar; mas tenho que censurar a correspondência que sai daqui. A mulher casada, cansada do marido miserável?

— Sim — disse Rory com a voz rouca.

— Depois de ler o que sai, geralmente pergunto-me o que virá em resposta — disse Jeremy. — Ela também escreve muito bem.

Quando terminou de ler, as duas cartas jaziam, juntas, sobre a mesa, mais duas baixas não contadas da guerra. Os dois homens ficaram sentados em silêncio e imóveis por um longo, longo intervalo.

— Acho que isso nos toma amigos até a morte — disse Jeremy finalmente. — Preciso de uma garota — continuou, de repente. — Preciso fechar os olhos e talvez fazer de conta. Não, já fingi muito. Não verei Molly pelos próximos cinco anos, se é que algum dia a verei, se ela estiver viva-se... se... se... Estarei sendo um canalha por precisar de uma mulher?

— Somos soldados a caminho do combate. Não temos nada para o qual retornar. Quem pode julgar?

— Diabos, minha família é uma cascata, uma avalanche de julgamentos. Christopher, então, é o rei das críticas. Pode fazê-lo por que é assexuado. Tem uma mulher que é assexuada. Não podem procriar. Nada o excita, nada o leva ao desespero. Não sente nenhuma dor moral ou alegria moral. Nutre-se de ódio, como se tivesse saído de um cão raivoso. Bem, houve uma época em ele me aterrorizava, meu pai me aterrorizava e o condado me aterrorizava; por isso que abri mão de Molly. Não... a ideia da pobreza me aterrorizava.

Ao expressar aquela verdade, um período de inferno saiu de dentro dele! Estava livre!

— Se Molly puder ser encontrada, eu a encontrarei.

— Ah, e, quando o fizer, entre num navio e vá para a Nova Zelândia.

Rory reviu o robe verde de Georgia na cabine do navio. O verde da Nova Zelândia. — Quando tudo terminar, vou voltar e ter minhas próprias terras.

— Molly cantava para mim o tempo todo e o puro e cristalino sentimento irlandês de seu canto levava-me às lágrimas. Você dançou para Georgia. Ela disse isso em uma de suas cartas.

— Nu, enquanto ela estava de joelhos.

— Isso é fantástico! Molly e eu... bem... ficávamos muito tempo abraçando-nos em silêncio.

— Nada de errado nisso. Já tive mais do que o meu quinhão de sorte com as mulheres — continuou Rory. — Começou quando tinha quatorze anos. Se eu fosse descrever minha ideia da mulher absolutamente ideal, ela em nada se pareceria com Georgia. Mas, sabe, há um determinado sentimento que vem somente de uma pessoa, que toma seu toque, suas palavras, sua mente, sua carne e sua alma diferentes de qualquer outra coisa no mundo. Isso o inunda e de repente você percebe que é tudo que você precisava e não sabia.

Parou repentinamente.

— Tenho que esquecer Georgia — murmurou —, mas sei que minha realização espiritual estará na Ilha do Sul, sobre o meu cavalo, voltando para alguma garota.

— A Nova Zelândia deve ser um lugar incrível — disse Jeremy. — Percebi isso em todas as cartas que os rapazes escreviam para casa. E eu que pensava que o último amor de todos os amores era a Irlanda.

Irlanda... Nova Zelândia... Irlanda... Nova Zelândia...

— Meu Deus — exclamou Rory —, consideremos nossa situação. De modo algum, qualquer um de nós estaria cometendo infidelidade se nos reumanizássemos. O único problema é que o Cairo é um esgoto.

— E verdade — Jeremy concordou —, se ao menos pudéssemos encontrar nosso próprio oásis.

— Deus me ajude — disse Rory —, mas eu sei de um, Jeremy!

— Onde?

— Em Zamalek Island, entre a catedral anglicana e a embaixada da Suécia. É um lugar muito especial. A Villa Valhalla. Veja, Chester; Johnny e eu chegamos aqui cheios de dinheiro das apostas na minha luta em Fort Albany. O único problema...

— Qual?

— Eles não alugam para pessoal alistado, nem mesmo para um oficial abaixo de Coronel.

— Você quer dizer que está disponível para aluguel por semana ou por mês?

— Sim, mas se você sequer tentar algo assim, isso pode arruinar sua carreira no exército e nos colocar atrás das grades.

— Meu Deus, Landers, pensei que tivesse colhões.

— Há colhões e colhões. Nós três estamos prontos a ser presos, mas você é filho de um conde.

— E Modi? Ele está sabendo disso?

— Sem dúvida. Ele é o nosso músico.

— Yurlob?

— Eu não o levaria por enquanto. Sabe que os *sikhs* não fumam nem bebem e... ele é um verdadeiro membro do exército britânico. É melhor esperar, Jeremy.

— Conte-me os detalhes e faça os outros jurarem segredo.

— Tem certeza, Jeremy?

— Tenho — respondeu com um sorriso contagiante que já o havia ajudado em muitas conquistas no passado.

Jeremy fez-se entrar no escritório de Faruk el Faruk e, quando ordenaram que o café fosse servido, ele exibiu a mais deliciosa atitude de enfado de seu pai. Faruk el Faruk estava impressionado com Chester Goodwood, e agora com o Tenente, por sua persistência. Sua mente

percorreu várias listas do que mais ele poderia vender para aquela gente... no próprio ambiente em que eram permitidos... em lugar de Villa Valhalla.

— Minhas credenciais — disse Jeremy, colocando um par delas diante do egípcio. Faruk el Faruk estreitou os olhos através de seus óculos e olhou fixamente o primeiro.

PRIMEIRO-TENENTE JEREMY HUBBLE
SÉTIMA CAVALARIA LIGEIRA DA NOVA
ZELÂNDIA

Estava prestes a rejeitar Jeremy quando o segundo cartão atraiu irresistivelmente sua atenção e seus olhos não conseguiram mais se desprender dele.

LORDE JEREMY HUBBLE
VISCONDE DE COLERAINE

— Tenho outras credenciais — disse Jeremy, olhando para fora da janela. — Sou vice-presidente e membro do conselho de diretores das Oficinas de Navios e de Ferro Weed em Belfast e o meu pai é o conde de Foyle.

Faruk el Faruk teve que olhar à sua volta com muito cuidado para ter certeza se aquilo era real ou uma piada. Jeremy acabou com suas dúvidas empurrando uma ordem de pagamento da Cook's Travel em cima da mesa, no valor de trezentas libras.

— Minha expressão de gratidão por seus futuros serviços. O Sr. Garfield, o gerente, já deu seu aval e o aguarda para sacar o dinheiro.

Com a mão sobre o coração, o braço livre estendido como um barítono no meio de uma ária:

— Lorde Hubble, perdoe-me, mas compreenda que tenho que ser extremamente cuidadoso... Eu não sabia... Mandaremos preparar a Villa Valhalla imediatamente. Tem alguma coisa em particular que deseje?

— Hummm — disse Jeremy em tom nasal. — Quero uma governanta discreta e silenciosa, alguém que saiba servir a aristocracia.

— Sonya administra a vila para clientes especiais. E muito requisitada. É uma doçura. Muito bem relacionada para *qualquer coisa* que

desejar... dançarinas e companhias mais íntimas. Eu também lhe dou George.

— E quem é George?

— Simplesmente o melhor *terrier* do Cairo. É cristão, dezessete anos e, asseguro-lhe, muito bem relacionado para qualquer coisa.

— Sim, não quero que aceite muito dinheiro dos meus colegas. Podem querer obsequiar suas garotas, mas a comida e a bebida são por minha conta.

— Nós nos relacionamos apenas com os melhores mercados e bebidas alcoólicas.

— E nenhum problema com a polícia.

— Sou muito bem relacionado com a polícia.

— Pago-lhe cento e cinquenta por semana. Pagarei a metade da semana com antecedência e a outra metade no fim da semana, desde que continue satisfeito.

— Sou muito bem relacionado e seu humilde servidor.

— Sim, certamente.

CAPÍTULO 66



MANUAL DE CAMPO PARA TRANSPORTE POR MULA

Prefácio

A Regra de Ouro das Mulas: AME SUA MULA COMO A SI MESMO.

O dorso da mula vale tanto quanto o seu traseiro.

Cada capítulo apresentará uma lição simplificada de cada fase de seu relacionamento com seu animal.

Antes de entrarmos em cada capítulo, eis algumas regras e fatos isolados. Vocês, soldados, estão prestes a se associarem com o melhor guerreiro quadrúpede que o mundo já conheceu.

A MULA vem participando de combates há três mil anos.

A MULA foi usada pela Legião Romana.

Quatorze mil MULAS foram usadas pelos espanhóis na Batalha de Granada, que impediu que os muçulmanos pagãos subjugassem a Europa Cristã.

A MULA é o príncipe herdeiro da artilharia de montanha.

O próprio Napoleão, orgulhosamente, montou uma MULA.

Mulas vs. Cavalos

Como a Sétima Cavalaria Ligeira da Nova Zelândia foi formada como cavalaria, você pode achar que perdeu o concurso de beleza tornando-se um batalhão de transporte por MULA. Considere os seguintes fatos antes de pedir transferência para a infantaria.

A MULA é mais inteligente do que o cavalo.

A MULA é mais resistente do que o cavalo.

A MULA pisa com mais firmeza do que o cavalo.

Em terreno difícil, você pode confiar no discernimento da MULA para encontrar o melhor caminho, ao passo que o cavalo na mesma situação pode, simplesmente, despencar da borda do abismo.

A MULA enxerga melhor do que o cavalo.

A MULA não entra em pânico com a mesma frequência e a mesma facilidade do cavalo na mesma situação.

A MULA tem uma capacidade de resistência muito maior do que a do cavalo. O cavalo de carga pode cobrir um número maior de quilômetros em um único dia, mas a MULA de carga continuará, dia após dia, muito depois de o cavalo ter desistido.

A MULA não desiste do trabalho enquanto não estiver morta.

A MULA leva cargas em terrenos onde você não pode levar o cavalo.

A MULA consegue levar mais carga do que o cavalo.

A MULA não se sobressalta sob fogo de artilharia nem fogo a curta distância.

Algumas MULAS são tão rápidas quanto cavalos.

A MULA pode suportar o calor melhor do que o cavalo.

Algumas dicas sobre você e sua MULA

Esqueça todas as piadas sobre MULAS. Piadas sobre MULAS não são engraçadas.

Trate bem sua MULA.

Sempre tenha aveia no bolso para sua MULA como recompensa.

Dê água do seu capacete para sua MULA para que ela não beba água demais. Espalhe feno para sua MULA, diga-lhe o quanto está grato pelo seu dia de trabalho.

Frequentemente, diga à sua MULA que a ama.

Sua MULA gosta de ser afagada sob os olhos com os dedos.

A MULA é gulosa para beber. Não deixe sua MULA tornar-se uma bebedora voraz ou isso poderá lhe desarranjar o intestino.

Se tiver que castigar sua MULA, seu descontentamento, em geral, é suficiente. **NUNCA MALTRATE SUA MULA.**

Nós **CONDUZIMOS** nossas MULAS. Você não a impele, a menos que tenha que impelir a si mesmo.

Não use corda para prender sua MULA. Sua MULA roerá as cordas. Use correntes curtas. Sua MULA também mastiga madeira. Não amarre sua MULA de forma a que ela possa mastigar a madeira

As MULAS afogam-se caso sua carga não esteja bem centralizada e as empurre para um lado ou para o outro. NUNCA SOBRECARREGUE SUA MULA NUMA TRAVESSIA DE ÁGUA.

A MULA não é uma comedora exigente. Em épocas de extrema escassez, a MULA comerá praticamente qualquer coisa e sobreviverá. Um cavalo morreria com a mesma dieta.

A MULA É UMA GRANDE SENTINELA, DIA E NOITE. VOCÊ ESTARÁ A SALVO DE UM ATAQUE DE SURPRESA OU DE UMA EMBOSCADA PORQUE SUA MULA O ALERTARÁ.

Lembretes Casuais

Considere sua MULA uma verdadeira companheira e parceira.

As MULAS raramente se apavoram ou impacientam. Seria bom se nossos colegas tivessem o mesmo temperamento amável.

As MULAS não são más. Tornam-se assim por causa de tratadores estúpidos. (As mulas ariscas que não se consegue domar geralmente são abatidas pouco depois do nascimento).

Dê a seu João ou Maria um nome agradável de que ele/ela goste e não um nome pejorativo.

Como todos vocês estão familiarizados com cavalos, descobrirão que muitos fatos nos capítulos a seguir já são do seu conhecimento. Assim como há diferenças entre os dois animais, há inúmeras semelhanças também.

CAPÍTULO Um: Conhecendo o Seu Animal

CAPÍTULO Dois: O Equipamento de Carregamento

Capí...

— *Ah, meu Deus!* — gritou o Major Christopher Hubble com voz estridente. — *Ah, meu Deus!* — repetiu, batendo os punhos cerrados no tampo da escrivaninha, os olhos coléricos. — *Ah, meu Deus!*

Um funcionário da sala contígua entrou aos tropeções.

— O senhor está bem, Major?

— Traga o miserável do meu irmão... traga o Tenente Jeremy aqui. Imediatamente!

Quando Jeremy chegou, Chris havia se acalmado a uma fervura a fogo lento, gorgolejando e resfolegando.

— Você enviou esta ridícula e grotesca versão para a Unidade? —
trovejou em voz surda.

— Não ia deixá-la parada aqui e perder seis dias enquanto você
estava na escola de oficiais.

— Encantador, encantador, terrível, malditamente encantador.

— Algo errado? — perguntou Jeremy.

— Parece — disse rangendo os dentes — que foi escrito por algum
cômico de última categoria de um salão barato de música e dança do Soho.
— Chris rasgou-o ao meio. — Você está completamente maluco fazendo
essa porcaria passar por um manual militar britânico.

— Eu forneci páginas para você toda noite. Você estava ocupado
demais para lê-las por causa de sua mania de que todo mundo coma, durma,
marche, bata continência e cague segundo as regras.

— Minha clara intenção era lê-lo de uma só vez: quando estivesse
terminado e repassá-lo com os capatazes. Não lhe disse para enviá-lo para a
Unidade!

— Você me disse que esse livro era de minha inteira
responsabilidade.

— Eu NÃO, NÃO, NÃO lhe disse para enviá-lo à Unidade!

O telefone interrompeu-os. Chris ergueu o receptor e empertigou-se,
quase desfalecendo enquanto ouvia.

— Era do escritório do General Brodhead. Quer me ver, agora.

— Irei com você e explicarei o que aconteceu.

— Você já fez o bastante. Fique bem aqui. Não se mova. Sua turma
de capatazes está confinada ao acampamento. — Fez uma pausa. — Oficial
executivo! Capitão North!

— Estou indo, senhor.

— Capitão North, redija uma ordem para o batalhão preparar-se e
ficar de prontidão para uma marcha esta noite a Wadi Muzzan e envie para
a Unidade para aprovação, imediatamente.

— Oitenta quilômetros na areia! — exclamou Jeremy.

Chris bateu a porta e desapareceu.

— Sente-se, Chris, — disse o General Brodhead.

Ah, meu Deus, o manual estava sobre a mesa do General.

Brodhead brandiu o manual de instruções.

— Quem escreveu isto? Perguntou.

— A turma de capatazes, senhor. Eu posso explicar.

— Explicar? Sim, vamos, explique.

— A responsabilidade final é inteiramente minha. Gostaria de dizer que houve uma verdadeira trapalhada na comunicação. Veja, senhor, tenho conduzido meu batalhão com prioridade absoluta em forçá-los a ficarem em condições de luta antes de suas mulas chegarem e deixei o manual por conta dos capatazes com a firme intenção de revê-lo pessoalmente. O manual foi terminado e enviado para a Unidade sem minha aprovação quando eu estava na escola de oficiais.

Quanto mais longe dos campos verdes do Ulster e mais perto da batalha, mais espirituoso Llewelyn Brodhead se tornava. Golpeou a mesa diversas vezes com o punho cerrado e Chris piscou no mesmo compasso.

— Dê a esses capatazes algum tempo longe daqui.

— Quer dizer, colocá-los na paliçada antes da corte marcial?

Brodhead soltou uma sonora gargalhada.

— Ora, até que você tem senso de humor, Chris.

— Não sei se entendi bem...

— Dê-lhes quatro dias de licença. É o melhor manual que já li em trinta e dois anos! Corta toda a baboseira. Apenas o tipo de coisa que se precisa para chegar direto ao ponto no campo de batalha. Claro, explícito, cheio de humor. É disso que esses malditos manuais precisam: humor. É pena que algum idiota no Ministério da Guerra vá designar algum palerma para reescrevê-lo e estragá-lo. O Capitão Ellsworth mandou fazer setecentas cópias para a Unidade de Mulas do Sião.

— Bem — disse Chris, respirando mais relaxadamente enquanto retirava o laço do pescoço — admito que estava um pouco nervoso.

— Meu Deus, esses rapazes devem ter realmente queimado as pestanas. O velho Jeremy fez um ótimo serviço!

De bom humor e com seu jovem oficial preferido diante dele, Brodhead teve vontade de partilhar o peso de sua solidão e apreensões. Dizer algumas coisas em voz alta. Coisas que haviam lhe dado insônia. Coisas que... ah, melhor guardar para mim mesmo, pensou.

— Quando o seu batalhão estará pronto?

— Duas ou três semanas de treinamento intenso. De um a dois meses depois que chegarem as mulas.

— Ótimo — disse Brodhead, não conseguindo conter o que acabara de tentar conter. — A salva naval de abertura em Galípoli é uma questão de poucos dias. O *Queen Mary*, nosso novo e melhor superencouraçado,

terminou seu cruzeiro inaugural e estará a caminho para juntar-se à nossa frota. Os franceses estão enfileirando-se em Toulon.

— Já é um começo, não é, senhor?

— Nossas tropas estão prontas, Chris. Meus *Anzac*, em particular, precisariam de mais três ou quatro meses de treinamento intenso. Felizmente, Darlington...

— Compreendo seus sentimentos em relação a Darlington.

— Felizmente, o General Darlington insiste em não invadir até que a 29ª Divisão chegue da Inglaterra. É uma divisão veterana, uma das melhores. Darlington estará sendo cauteloso ou estará sendo tímido? — perguntou em voz alta. — A verdade é que não enfrentamos um exército branco moderno desde Napoleão. Darlington pode ser muito da velha escola para esse tipo de operação, há rugas demais nesse desembarque do mar. Você participou de muitas sessões de planejamento.

— Sim, senhor.

— Sabe como ele usa de evasivas. Não dispomos de muita praia, particularmente se tivermos que desembarcar do lado do Adriático. Grande parte do nosso raciocínio baseia-se no fato de que os turcos estão exaustos da Guerra dos Balcãs e que seu principal exército está retido no *front* russo. Mas não se esqueça, a união balcânica quebrou a cabeça tentando capturar Galípoli e perdeu muitos navios de guerra para as armas costeiras da Turquia.

— Nosso bombardeio naval não deveria reduzir as armas turcas, senhor?

— Fala-se muito em artilharia naval. Os alemães colocaram um de seus melhores homens, o General von Limon, no comando da defesa de Dardanelos. Os turcos abriram uma fábrica de munição ao sul de Constantinopla. Há radicais ensandecidos loucos para lutar no corpo de oficiais turcos. Das poucas informações que o serviço de inteligência pôde coligir daquela região desértica de Galípoli, von Limon vai enfiar cinco ou seis divisões lá.

— Quanto às armas costeiras — continuou a desabafar -, von Limon as substituirá por baterias de obuses. As armas costeiras destinam-se a brincar de trocar tiros com os navios de guerra. Os obuses podem lançar fogo contra as tropas e ficar mudando de local.

Após alguma reflexão, Brodhead lançou a bomba.

— Temos que alcançar a praia correndo. Os ingleses têm que tomar a colina de Achi Baba a oito quilômetros da costa e nós temos que tomar Chunuk Bair, também a oito quilômetros para o interior, na primeira semana. Se Darlington perder tempo, teremos um longo e tórrido verão pela frente. Chris, quando a história desta guerra for escrita, garanto-lhe que mais homens serão mortos e feridos por metralhadoras do que por todas as outras armas combinadas. A península de Galípoli possui mais lugares para ocultar metralhadoras do que qualquer pedaço de terra que o Império Britânico já tenha tentado conquistar.

— Nós tomaremos essas colinas, senhor.

Resposta adequada vinda de um oficial adequado, pensou Brodhead. *Nós tomaremos essas colinas, senhor.* Merda! Não partilhou com o jovem Major seu último pensamento de que se ele estivesse defendendo Galípoli com seus *Anzac*, ele poderia manter a posição para sempre.

O ajudante-de-ordens do General bateu na porta e entrou, deixando uma ordem sobre a mesa para ser assinada.

— Acho que, já que o Major Hubble está aqui, o senhor poderia aprovar isso para ele.

— Vejamos — disse Brodhead, ajeitando os óculos. — Exercício noturno de marcha forçada, todo o efetivo, para... Jesus Cristo... Wadi Muzzan... humm.

Dispensou o ajudante-de-ordens com um aceno da mão.

— Um tanto drástico, não? — disse Brodhead. — Os seus rapazes não deveriam estar se concentrando no treinamento em mulas?

— Não temos nenhuma mula, senhor. Até lá, esse é todo o treinamento que podemos lhes dar. Por outro lado, quero que a Sétima seja o batalhão mais preparado para combate da Unidade.

— Isso não tem a ver com algum tipo de punição coletiva, tem, Chris?

Chris concentrou-se para que seus pensamentos não se embaralhassem. Ele os repassara como sua canção de ninar noite após noite exatamente para aquele momento.

— Este é um batalhão de cavalaria, senhor, e não muito refinado. Eles são homens grosseiros. Ficaram furiosos em ser transformados em cargueiros de mula. Não houve uma única manhã em que eu não tivesse que ir à paliçada e recolher dezenas deles de suas brigas no Cairo.

— Talvez você tenha caído num círculo vicioso. Após uma noite de marcha até Wadi Muzzan, eles não vão tentar colocar o Cairo abaixo? Chris, antes de responder, eu ia falar com você sobre esse assunto. Você aplicou duas vezes mais punições do que qualquer outro comandante de batalhão da Unidade.

— Ouso dizer, senhor, que meu batalhão é duas vezes melhor do que qualquer outro dos *Anzac*.

— Chris, uma das razões de termos realizado o seminário com os oficiais foi esclarecer nosso papel tradicional junto aos colonos. Deus sabe que não existe um homem mais imperialista do que eu mesmo, mas temos que compreender que cada estado da Comunidade Britânica tem seu próprio sistema de ordem social. Na verdade, não podemos agir estritamente pelas regras como fazemos com nossos soldados ingleses. Não é esse o seu pensamento?

— Prefiro não dizer, senhor.

— Prefiro que o diga.

Llewelyn Brodhead viu Chris transformar-se em Roger Hubble bem diante de seus olhos. As palavras eram as mesmas, até a expressão era a mesma.

— Meu avô, *Sir Frederick*, foi um empresário vitoriano... sempre orgulhoso de suas origens humildes... fazendo o jogo das lojas de Orange, marchando ao lado dos rapazes no Doze de Agosto... conhecia pelo primeiro nome os seus empregados, fez disso uma arte, e fingia compartilhar suas dores. Bem, ele terminou com uma companhia pública e sindicatos nos seus pátios.

— Acho que talvez ele tenha sido alcançado por uma nova era, Chris. Ninguém em seu perfeito juízo consideraria *Sir Frederick Weed* um homem fraco.

— Talvez — concordou Chris com relutância.

— Continue, por favor.

— De certa forma, vinculo o exército ao condado de meu pai. As pessoas que cultivam seus campos e operam suas fábricas são seus soldados. Estão lá para cumprir a missão do condado, para continuar nosso estilo de vida. Não podemos nos deixar envolver em sentimentalismos pela má sorte daquele operário ou daquele fazendeiro e sua família. Se tivéssemos cedido, teríamos perdido o condado durante a grande fome. Se

nós aqui, agora, na Unidade *Anzac*, cedermos ao sentimentalismo, perderemos o Império.

Brodhead sempre achara que tinha um home duro em Christopher Hubble. Agora sabia exatamente o quanto. Era um daqueles poucos oficiais que parecem vicejar no ódio de seus homens e que por sua vez constroem um incrível batalhão. No entanto, quase todos esses oficiais dão um passo além do limite.

— Concordo que devemos ter o máximo respeito deles — disse Brodhead —, mas também temos que respeitá-los. Estou deixando de lado a marcha desta noite. Não queremos que estes rapazes tenham a sensação de que estão lutando por nada. Ordeno-lhe que continue com seu transporte por mulas.

— Seria mais simples se tivéssemos mulas para trabalhar. A Unidade de Mulas do Sião já recebeu cem animais.

— Você vai aprender que nós, colonos, ficamos com as sobras.

— Devo dizer que os judeus não são exatamente ingleses.

— Mas estão servindo a divisões inglesas. Por falar em judeus, um dos meus comandantes de brigada é judeu. Muito competente.

— Verdade, senhor? Um comandante de brigada judeu? Qual?

— Coronel Monash, o australiano.

— Bem, isso é Império.

Brodhead fez um sinal com a cabeça para que Chris saísse.

— Ah, Chris, quem realmente escreveu o seu manual de instruções? Quero dizer, o sujeito que colocou as palavras no papel. Muito inteligente.

— Soldado Chester Goodwood. Faz parte da turma de capatazes.

— Coloque umas divisas nele. Cabo, por enquanto.

— Sim, senhor. Ele também é muito bom com números. É filho de *Sir* Stanford Goodwood, um banqueiro do Hong Kong.

— *Sir* Stanford Goodwood?

— Sim, senhor.

— Meu Deus, eu o conheci há muito anos. Achei-o um tanto efeminado. Na época, havia rumores de que ele tinha uma queda por rapazes. Então ele tem um filho? Bem, provavelmente tem a ver com continuidade e todas essas coisas.

CAPÍTULO 67



Cairo, fevereiro de 1915

Apesar da avalanche de militares no Cairo, não havia uma grande demanda para as diversões exuberantes, clássicas, de elite, preferidas por Sonya Kulkarian. Os grandes xeques e príncipes da península árabe já não podiam chegar ao Cairo facilmente devido à guerra e, quando conseguiam vir, demoravam-se em negócios e tinham pouco tempo para orgias bombásticas. Tudo se resumia em negócios. Os ricos do Cairo, o artigo principal de seu empreendimento, não mais estabeleciam seus pequenos oásis de prazer na sua corrida desenfreada pelo dinheiro da guerra.

Os oficiais e generais ingleses, em sua maioria, eram muito sovinas para se dar ao luxo. De vez em quando, um inglês de folga apreciava e podia pagar por suas anfitriãs, mas os lucros britânicos eram magros.

Mas o que importava? Aos quarenta e um anos de idade, Sonya Kulkarian havia feito sua fortuna e era inteiramente independente.

Que importância tinha que o palácio real houvesse chamado apenas uma vez desde que as hostilidades tiveram início? Não! Para dizer a verdade, o serviço para a realeza só era bom como credencial. Fora isso, era impossível servi-los. Não se podia dizer que o crédito da realeza fosse algo especial. Não se pode exigir pagamento adiantado da realeza.

Assim sendo, não importava. Além disso, as madames que um dia haviam sido suas concorrentes pegaram o bonde da guerra e baratearam suas festas e serviços.

Sonya, é claro, manteve o contato com suas melhores garotas, pois o contato era tudo.

Ficou muito satisfeita, na verdade, em receber Faruk el Faruk. Ele lhe pediu que aprontasse a Villa Valhalla para um pequeno grupo de cinco militares que permaneceria no Egito por dois, três, quatro meses. Parecia perfeito, até ele lhe dizer que a vila estava sendo alugada por um cabo, um

Sargento, um Subtenente, um oficial de baixa patente e um judeu palestino sem patente.

— Pede isso a Sonya? Já servi aos sobrinhos, primos e tios do rei!

— E queixou-se o tempo inteiro — ele a lembrou. — Eu venho a Sonya Kulkarian para colocá-la em má situação? Não. Asseguro-lhe, meu tesouro, o que lhes falta, em hierarquia militar, eles compensam em... — esfregou o polegar e o terceiro dedo. — O Tenente é da nobreza aristocrática. É herdeiro de metade da Irlanda e tem a mão muito generosa com os cheques.

— Não lido com lixo.

Pode ter sido uma conclusão ríspida para uma mulher de sua profissão, mas Sonya Kulkarian era circassiana. Os circassianos eram conhecidos por serem particularmente brutais com suas mulheres. Os homens tinham a obsessão de possuir sangue real. Na verdade, alguns ainda mantinham escravos na zona rural.

A colônia circassiana estava no Cairo há setenta anos, embora distante de seus colegas muçulmanos, e eram bem-sucedidos.

Originavam-se das regiões montanhosas do Cáucaso, no sul da Rússia, Depois de fazer o *Haj* para Meca, muitos deles permaneciam na região. Em meados do século passado, houve uma migração em massa em vez de aceitarem uma nova fronteira política e um governante de fora de suas fronteiras. No mínimo, eram os últimos guerreiros ferozes.

Ah, sabemos que os *sikhs* são ferozes, os turcos são ferozes, os sérvios são ferozes, os berberes são ferozes, os cossacos são ferozes, mas era melhor que acreditassem que os circassianos eram os mais ferozes dos ferozes. Seus uniformes alardeavam soldados gloriosos, das botas de cano curto aos altos chapéus de pele, aos vistosos galões dourados e graciosos bigodes.

Por causa de sua reputação, suas habilidades de cavaleiros e suas vestimentas coloridas, muitos reis e príncipes árabes os usavam na guarda pessoal de palácios, o que aumentava ainda mais a lenda.

O negócio de Sonya era para a elite e suas anfitriãs eram impecáveis nos modos e no desempenho de suas funções. Os clientes é que eram os porcos.

Tendo reunido uma fortuna considerável aos trinta e poucos anos, Sonya gerenciava propriedades alugadas por um ou mais meses para aqueles que podiam pagar a cara hospedagem.

Aos 41 anos, Sonya Kulkarian havia perdido um pouco de sua incrível beleza natural, mas tinha a sabedoria dos anos no movimento dos quadris e, o que era melhor, falava inglês.

— Então, experimente por um mês — implorou Faruk el Faruk. — O dinheiro que possuem é um escândalo.

— Não quero cinco soldados, ratos do deserto, que irão destruir toda a mobília!

— Não podem ser piores do que a realza — ele retrucou.

Não era de bom alvitre rejeitar os pedidos de Faruk el Faruk. Não que ainda precisasse dele, mas era necessário manter as conexões. Depois da guerra, ela decidira, aposentadoria na Itália... ou França... ou Espanha.

Afinal, uma festa ainda era uma festa se fosse uma das boas. E sentia falta das festas. Sonya concordou com uma tentativa na Villa Valhalla. Mandou lustrar os ladrilhos, os aposentos foram enfeitados com flores, os armários de bebidas foram abastecidos, as saladeiras de cristal carregadas de frutas e melões, a fonte central ligada, novas mantas de seda adquiridas, almofadas confeccionadas e trazidos os mais sensuais incensos e velas, robes, óleos e felpudas toalhas...

Para quê? Um cabo, um Sargento, um Subtenente, um oficial de baixa patente e um judeu? Não sabia o que esperar senão o pior.

O Subtenente Johnny foi o primeiro a chegar. Arrancou as roupas, atirou-se na fonte e deixou-se ficar lá por quase uma hora, depois do que se arrastou para um dos quartos e dormiu pelas cinco horas seguintes.

O judeu chegou tarde da noite. Nem se deu ao trabalho de tirar as roupas, mas mergulhou na piscina e grunhiu de êxtase, arranjou um segundo quarto e dormiu até meia-noite.

Ambos eram extremamente gentis e faziam piadas engraçadas. O judeu falava um pouco de árabe e, apontando para seu acordeão, avisou-a de que possuía a voz de um deus. Sonya ficou intrigada.

No dia seguinte, o jovem oficial aristocrata chegou. Ele simplesmente mergulhou os pés na piscina, até ela assegurar-lhe que ele podia despir-se e divertir-se.

Jeremy era inteiramente fora do comum para um nobre aristocrático. Era meigo, completamente diferente de qualquer pessoa com título de nobreza que já tivesse conhecido. Não ficava dando ordens a ninguém, não gritava, tinha modos impecáveis, não insultava ninguém e passou metade da noite meditando na varanda.

O doce e meigo Chester, um bichinho de estimação. Seu rosto nem sequer era viril o suficiente para apresentar barba. Um rapaz tão amável. Quase teve que forçá-lo a entrar numa banheira e esfregá-lo ela mesma antes de deixá-lo ir dormir. Jogou gamão com ela. Que rapaz encantador. Jogava muito, muito bem.

Até então, tudo bem. Saber ia melhor depois de passada a primeira festa.

Rory só chegou depois da quarta manhã, depois que os outros já haviam retomado ao acampamento.

— Você é a mundialmente famosa Sonya — disse Rory.

— E você o Sargento Rory que faltava,

— Sonya, mostre-me a tal fonte, estou morrendo.

Quando despiu a camisa e revelou o torso, ela ficou olhando, embasbacada. Quando todo ele mergulhou na fonte, sentiu um estremecimento, não, um solavanco que não esperava. Em nome da verdade, o único sentimento de Sonya Kulkarian com relação aos homens durante muitos anos fora o ódio. Para ela, pessoalmente, havia suas amigas, embora as mulheres não fossem inteiramente satisfatórias. Com as mulheres, gostava de dançar e rolar pelas almofadas, cantar e esfregar-se com óleos. Embora seu ódio pelos homens fosse genuíno, o lesbianismo não era um de seus desejos verdadeiros.

De vez em quando, um homem a sacudia desse modo. Não só seu corpo era incrível, mas esse rapaz tinha um jeito bem malicioso.

Com sua ansiedade pela segurança das meninas e da vila aplacada, imediatamente gostou deles, contra a própria vontade. Pelas duas primeiras visitas, acreditava que tudo que queriam era dormir.

Embora não fosse do escalão superior, o Sargento Rory assumiu o controle por suas tendências de liderança. Percorreu a vila com ela, explicando-lhe uma ou outra coisa para o conforto dos homens e falou com grande familiaridade, como se ela e ele já se conhecessem há outras dez mil vidas. Conversou sobre as meninas e parecia saber que tipo de garota cada homem queria.

— Não querem garotas diferentes? Mas todos os homens querem garotas diferentes — disse Sonya.

— Johnny Tarbox vai querer muitas mulheres e pode tomar-se difícil, mas não vai machucar ninguém. Acho que os outros três vão se contentar com uma só garota. Paz, conforto e senso de humor.

Sonya sorriu enquanto várias mulheres acorriam à sua mente. Como seria divertido não ter que lutar com bêbados violentos.

— Sonya, querida, queria que você encontrasse alguém muito especial para Chester.

— O pequeno cabo? Ele é apenas uma criança.

— Sim, mas não entre num jogo de gamão com ele.

— Já entrei.

— Ele é quase um gênio — disse o Sargento Rory. — Mas talvez tenhamos um virgem em nossas mãos.

— Conheço a mulher certa para cuidar bem dele.

— Não. Quero alguém com um rosto e um corpo jovens. Alguém que pareça meiga e inocente. Talvez você possa trazê-la para trabalhar na cozinha e deixar que Chester pense que a conquistou sozinho.

— Sim... claro... elas começam cedo aqui. Mas por que quer enganá-lo Mais cedo ou mais tarde, ele vai saber que ela é uma prostituta.

— Chester quer ser enganado. Deixe-o acreditar que está apaixonado antes de ir para a guerra.

— Por quê?

— Porque ele nunca recebeu uma carta de casa ou de nenhum outro. Ele tem dezesseis anos. Talvez você conheça uma garota que também deseje se apaixonar por um soldado.

— Você é mais do que um irmão — disse Sonya. — Ele vai conhecer Shaara.

— Eu a amo, Sonya Clipclopian.

— Você se preocupa com todos, certificando-se de que estejam felizes. Você disse: “Encontre alguém para Jeremy para não deixar que ele continue triste.” Eu a encontrei. Mas e quanto a você, Sargento Rory?

— Estou me recuperando de uma dor — disse, cometendo o erro de olhar Sonya nos olhos. Meu Deus, o que as mulheres egípcias podem fazer com os olhos! Devem ter sido todos esses séculos de trabalho atrás de um véu. Elas pensam, flertam, cantam, dançam, falam e lançam chispas com os olhos... Não havia como deixar de entender o olhar de Sonya. Era voluptuosa e conhecia a arte dos quadris e dos seios e de como mostrar apenas o suficiente do ventre... apenas para ele... e aqueles olhos.

— Estou me recuperando — murmurou ele.

— Posso curá-lo — disse ela.

— Ainda não —, respondeu Rory.

Em poucas semanas, Sonya passou a considerá-los seus rapazes. Nenhum deles mijava ou defecava no chão. O mais surpreendente era o modo como se preocupavam afetuosamente uns com os outros sem serem perversos... e o modo como o Sargento Rory cuidava para que tivessem paz e conforto.

Somente Johnny Tarbox demonstrava irritação de vez em quando e sempre depois de fazer amor. Quando estava lá, Rory repreendia-o rapidamente e logo ele deixou de fazer cena.

Chegavam pela manhã ou à noite, de um a quatro. Em geral, uma vez por semana os cinco reuniam-se para passar a noite e era ocasião de festa.

Havia muitos risos, tantos que Sonya mal podia acreditar. Percebendo que eles seriam respeitosos em relação à vila e não a destruiriam, ela os apresentou ao cachimbo d'água. Desconhecido pelos capatazes, ela o encheu de porções adequadas do melhor haxixe, uma das melhores marcas do Líbano, chamada Sétimo Céu.

As festas semanais transformaram-se em encontros de relaxamento e diversão... homens e mulheres entregues à dança do ventre, brincando, untando-se de óleos perfumados e, acima de tudo, a voz altamente emocionada de Modi cantando trágicas canções russas, que geralmente provocavam acessos de choro.

Três dias e quatro noites inteiros com todos eles na Villa Valhalla! Todos, à exceção de Rory, com alguém a quem abraçar a noite inteira, um lenitivo para toda aquela areia e calor e tudo que haviam deixado para ficar no Egito.

Que noites! Não havia necessidade de apressar a festa esta noite. Uma paz sedutora recaiu sobre eles. Chester aprendera a tocar tamborim e tocava euforicamente durante as danças do ventre. Agora, naquele estado de branda euforia, ele tamborilava suavemente. Os olhos de Shaara estavam vidrados.

Modi deu uma grande baforada no seu cachimbo-d'água e pegou o acordeão. Uma das garotas, Neva, sabia tocar flauta. Era tudo muito sereno,

— Como conseguiu passes livres para nós, Tenente Jeremy? — perguntou o Subtenente.

— Pesquisa, estamos pesquisando.

— Sabem, rapazes — disse Rory —, estou começando a me sentir um pouco culpado a respeito do Sargento, o velho Yurlob.

— Não sei — disse Modi. — Acho que ele não se sentiria à vontade aqui.

— Ora, todos nós viemos de lugares diferentes — argumentou Rory

— Não, nós todos somos do mesmo lugar — disse Johnny. — Yurlob é de um lugar diferente. Eu sem dúvida tentei ser amigo dele.

— Eu, também — disse Chester, com um aceno da mão enquanto continuava a tamborilar Foi o próximo no cachimbo. — Ele realmente tem cisma com esse negócio de inferior, superior.

— Acho que eles possuem um sistema de castas muito perverso. — disse Jeremy.

— Ele não é hindu — disse Chester —, portanto, era de se esperar que fosse mais aberto conosco.

— Os nativos do Punjab são *sikhs* — disse Johnny —, meio hindus, meio muçulmanos, algo assim. Ainda têm um sistema de casta. Está no sangue.

— Como sabe? — perguntou Rory.

— Alguém nos Marines me contou. Ele serviu no noroeste da Índia. São guerreiros ferozes.

— O que é a vida sem segredos? — perguntou ela.

— Você tem segredos? — Chester perguntou a Shaara.

Ela deu uma risadinha.

— Nenhum.

— Sim, aposto que sim.

— Nós temos segredos um dos outros? — perguntou Jeremy. Quero dizer, nós cinco?

A discussão arrefeceu enquanto o cachimbo passou de um para o outro mais uma vez e todos compreenderam que estavam vivendo um sonho naquele lugar. Quantas horas na frente de batalha seriam gastas com essas lembranças? Era uma pena que os pobres sujeitos tivessem que beber aquele veneno de rato na cidade velha e não pudessem sequer sentir um daquilo ali. Tinham esse privilégio porque os cinco se importavam uns com os outros o suficiente para manter o segredo. Na verdade, Villa Valhalla era um grande segredo que a turma de capatazes guardava de toda a unidade *Anzac*.

— Todos nós temos segredos — disse Johnny. — Aí está Johnny Tarbox que quer ser amigo de vocês e é aberto a todos vocês. Mas a amizade só vai até um certo ponto. Johnny deixa que saibam o que ele quer

que saibam e esconde o que não quer que saibam. E Johnny tenta fazê-los pensar que ele é o que ele não é. Todos nós representamos, não é? Meu Deus, o que você colocou neste cachimbo esta noite, Sonya? Estou realmente flutuando. De onde vieram essas malditas palavras?

— Do fundo — disse Modi. — Sim, todos nós temos segredos.

Entreolharam-se, não com suspeita, mas confrontados com o fato repentino de que se conheciam e se amavam por alguma razão, porque tinham que enfrentar uma guerra juntos, mas havia tanta coisa que jamais confiariam uns aos outros. Confiança? Meu Deus, não havia dúvida de que eram capazes de confiar ao outro a própria vida, mas não os seus segredos.

Todos recostaram-se nas almofadas e sentiram o que precisavam sentir, uma mulher que fingia importar-se com eles. Ela também possuía seus segredos, mas cada homem estava absorto em seus pensamentos recônditos.

O pátio central estava imerso em vapores perfumados e luzes bruxuleantes. Podia-se ouvir o lamento do muezim nos minaretes chamando os fiéis para a prece ou de repente sentir o aroma das cargas de café e especiarias das falucas de uma única vela... e a toada de cem mil vozes distantes...

E macias almofadas de seda e cortinas sussurrantes e uma mulher para abraçar... uma mulher para abraçar... uma mulher para abraçar...

Ou Chester e Shaara se apaixonaram ou haviam sido atingidos pelo exotismo. Ambos sabiam que estavam fazendo um jogo, mas não conheciam nenhuma brincadeira melhor.

Espelho, espelho na parede, quem guarda todos os nossos segredos? As portas dentro de cada homem eram de aço, trancadas a sete chaves para que os segredos continuassem a ser segredos.

Cada homem, por mais inebriado e fraternal que se sentisse no momento, sabia que devia resguardar seus segredos. Nunca deveria contar aos outros o lado feio que faria com que o vissem de outro modo.

Todos haviam relatado aos demais suas bravuras, conquistas, poderes e tudo que fosse necessário para fazê-los parecer importantes. Relutavam em revelar seus demônios. Alguns de seus males eram desconhecidos até por eles mesmos. Por mais poderosa que fosse a droga de Sonya, jamais poderiam admitir a covardia ou os momentos de humilhação.

Entretanto, fizeram um confessionário de cinco homens... tudo em silêncio, não admitido, a conversa que nunca houve.

Sabem, companheiros, eu me vangloriei de que minha mãe era aquela linda atriz e rainha dos musicais, famosa por seu talento. Bem, foi uma mentira vil Minha mãe era uma prostituta de um acampamento de mineração. Ela quase matou meu pai, primeiro com seu sexo, depois esfaqueou-o quando foi apanhada. Fugiu com um cafetão para os campos de mineração de Nevada. Dela, em toda a minha vida, recebi um cartão de Natal e um cartão de aniversário. Assim, o velho Johnny Tarbox tomou-se o dândi, o Subtenente da Guarda de Honra da Nova Zelândia. Foi um meio rápido e fácil de fazer as mulheres abrirem as pernas. E eu só queria as casadas. Quando as fodia e elas gritavam de prazer, eu queria estrangulá-las... quebrar seus pescoços. Vi minha mãe inúmeras vezes, esgueirando-se para nosso trailer enquanto algum bonitão a seguia sorrrateiramente e eu podia vê-los trepando pelas fendas da persiana. São todas putas... todas elas...

As chamas das velas faziam maravilhas com as arcadas brancas. Mordechai Pearlman ficou hipnotizado pelo fogo. FOGO! Sempre era aprisionado pela visão do fogo. Mil pesadelos de fogo. Será que algum dia eu me libertarei do fogo?

Meu pai sacrificava animais ritualmente e isso me enojava. Foi por isso que passei peia Escola Veterinária em Kiev, apesar do que isso significava para um judeu. Durante dois anos, dormi com os animais na escola porque era pobre demais para ter um quarto.

Eu era um bom veterinário. Viajava de shtetl to shtetl, todos os vilarejos judeus do meu lado da Pale. Você pode perguntar, o que é a Pale? São as fronteiras invisíveis onde todos os judeus devem viver. Nada de Moscou, nem profissões, nem comerciantes, nem ofícios que possam rivalizar com os cristãos. Exceto que eu sou um veterinário bom demais para meu próprio bem. Os ucranianos (e cuspo) usam-me para seus animais, tão bom eu sou.

Quando me casei, foi um casamento arranjado porque esse era o costume, tendo conhecido minha mulher no dia do nosso casamento, e eu vim a amá-la. Malka, uma boa mulher comum. Deu-me uma filha. Meu bebê era o maior tesouro de minha vida... até hoje não consigo pronunciar seu nome... estava a vários vilarejos de distância quando soube que os cossacos fariam um pogrom em meu vilarejo. Corri de volta. Tudo estava em chamas.

Seria esse o meu momento de maior covardia? Os cossacos ainda cavalgavam pela vila. Tudo que pude fazer foi ver o incêndio e esconder-me na periferia da vila.

Malka fora violentada várias vezes, e minha filha, decapitada. Eu não deveria ter corrido para o meio das chamas para salvá-las?

Eu fugi, mas fui apanhado pela polícia e recrutado à força para o exército do czar. Sou uma presa de valor porque posso tratar de cavalos e animais domésticos. Sabia o que iria acontecer... deportação para a Sibéria para um posto remoto e então me surrariam dia e noite para me fazerem converter. Aconteceu a muitos do meu vilarejo. Eles assumiram nomes cristãos, casaram-se e nunca mais se ouviu falar deles.

Fugi mais uma vez, para a Palestina. Não me pergunte como. Foram dois anos de agonia, bem como um milagre chegar à Palestina. Fui trabalhar nos empreendimentos do Barão de Rothschild em campos judeus e mais tarde tomei-me membro fundador de um povoado comunitário na Galileia.

Sou um veterinário famoso nos povoados da região e também cuido dos animais árabes. Nós judeus da Palestina tivemos uma vida miserável sob o jugo dos turcos e ficamos ao lado dos ingleses quando a guerra estourou. Os turcos prenderam dezenas dos meus companheiros e os torturaram como espiões, batendo nas solas de seus pés... alguns ficaram aleijados. Assim, fugi de novo, para o Egito, com centenas de outros judeus, e pouco tempo depois me apresentei como voluntário para formar a Unidade de Mulas do Sião, embora os ingleses não permitam que sejamos membros oficiais do exército. DEUS! POR QUE AS CHAMAS SALTAM TANTO QUANDO AS VELAS FICAM PEQUENAS! MALDITO FOGO!

A mulher que estava com Modi era avantajada, porque, como os árabes, gostava de mulheres grandes! Seu nome? Não era Malka... seu nome? É Maat. Ela está me aquietando e enxugando minha frente. Vou derreter-me em seus braços...

Deus do céu, jamais poderei revelar meu segredo. Os capatazes me desprezarão. Eles são meus companheiros... as únicas pessoas... exceto tio Ned Thornberry... que tiveram a mínima preocupação por mim.

Chester Goodwood era o nome que o falsificador chinês forjara em meus documentos, para que parecesse que eu era parente de Sir Stanford Goodwood.

Meu nome é Stanley Thornberry. Sou um filho bastardo nascido em Londres. Minha mãe morreu de tuberculose quando eu tinha seis anos. Fugi do orfanato aos sete, preferindo viver nas ruas. Isso não durou muito. Acabei numa casa de correção, um ladrão, antes de completar nove anos.

Meu único parente era Ned Thornberry, mas ele morava em Hong Kong. Tio Ned cuidava dos estábulos dos cavalos de exposição e de polo de Sir Stanford Goodwood.

Ned prometeu ao tribunal que me daria um lar e Sir Stanford assinou uma carta para mim. Assim, fui embarcado para Hong Kong. Foi trabalhando para o tio Ned que me tomei um cavaleiro.

Eu achava que o que Sir Stanford estava fazendo era pura bondade. Enviou-me para uma boa escola onde aprendi a falar inglês corretamente. Todos ficavam perplexos com minhas habilidades matemáticas. Sir Stanford contratou um professor particular para ensinar-me operações bancárias e contabilidade. Aos quatorze anos eu dominava todos os livros contábeis.

...Bondade, era isso? Ele tinha planos de longo prazo para mim. Tio Ned morreu logo após meu aniversário de quinze anos e Sir Stanford convidou-me para mudar-me para a mansão... e eu compreendi o que ele planejara para mim todos aqueles anos.

...Eu era como um prisioneiro, mantido no local até ele ter certeza de que eu não fugiria. Vinha à minha cama todas as noites, fazendo-me praticar todos os atos homossexuais. Ameaçando matar-me se eu lhe causasse problemas, também me prometia que eu iria longe no negócio bancário se me tomasse seu parceiro sexual. Fingi concordar até poder fugir pela minha liberdade.

Minha oportunidade surgiu exatamente quando a guerra estava prestes a começar. Arranjei esse chinês para forjar documentos para mim e me escondi num navio. Agradeço todas as noites a Deus por Rory e Johnny. Como poderia dizer-lhes o que Sir Stanford e eu fazíamos? Eu desceria mais baixo do que excremento aos olhos deles.

Sei que Rory me arranjou Shaara e sei que Shaara também está fazendo o jogo. Vou ficar rico depois da guerra. Darei a todos os meus amigos aqui uma grande quantia de dinheiro para que a vida seja mais fácil para eles. Sei que não mais verei Shaara, mas se o fizer, providenciarei para que ela também receba uma grande quantia de dinheiro.

Os lábios pesados de Leilah caíram sobre o pescoço de Jeremy e começaram a beijá-lo. Ele gemeu e ela lhe sussurrou para que saíssem dali e para o quarto. Embora os beijos fossem agradáveis, ela sabia que a mente dele estava muito distante...

Meu segredo, que somente Rory conhece, foi minha covardia e meu pavor da pobreza. O segredo dos segredos, que não posso partilhar nem mesmo com Rory, é que eu gostaria de matar meu pai.

Antes de fazê-lo, eu o obrigaria a declarar cada sofrimento que ele infligiu a seus camponeses e operários e fazê-lo suplicar perdão por todas as ações que praticou na vida. Depois de atirar nele, eu atearia fogo à Mansão Hubble, exceto o Salão Comprido e a Grande Grade.

Então, renunciaria ao meu título. Doaria as terras do condado aos que a mereciam, os que a cultivaram. Como outros patriotas protestantes irlandeses, como Theobald Wolfe Tone, Robert Emmet e Charles Stewart Parnell, eu me tomaria um republicano. O que quero dizer é que... quero ser um irlandês, irlandês.

Meu Deus, pensou Rory, o grupo ficou sombrio. Será mesmo? Não será melhor dizer a verdade para si mesmo na presença de amigos, ainda que em silêncio? Olhe para eles. Cada qual está em sua própria via láctea.

Soube desde o instante em que escrevi minhas primeiras cartas para minhas irmãs e para Tommy que eu sempre fora seu senhor e os fizera viver abaixo de mim. Tenho sido um verdadeiro canalha com meu irmão Tommy. Não era culpa de Tommy o fato de ser o filho preferido do Squire. Não era culpa de Tommy o fato de não ser a criança mais inteligente da Ilha do Sul. Fiz de tudo para fazê-lo sentir-se um asno quando devia tê-lo ajudado e cuidado dele, como um irmão decente deve fazer.

Vejo agora, quando leio as cartas de meus irmãos e mesmo de minha mãe, que eu deveria ter sido um irmão muito melhor para eles.

Eu estava ocupado demais afirmando minha bravura.

Meu pai agiu errado comigo, mas mesmo assim houve um milhão de vezes em que ele buscou um sorriso ou uma palavra de mim e tudo que fiz foi enfiar mais a faca ou chamar sua atenção destruindo alguma coisa, para mostrar o quanto eu era valente. Talvez, se eu tivesse tentado, ele também tivesse começado a tentar, e as coisas teriam ficado melhores entre nós.

Segredo? Tenho medo de ir para a Irlanda com o nome de Larkin. O que um homem pode fazer com a sombra de Conor Larkin pairando sobre ele? Mas eu vou e farei o que se espera de um Larkin. É a única maneira de eu merecer minha passagem de volta para a Nova Zelândia.

Segredo? Odiarei a mim mesmo se minhas preces forem atendidas. Eu me odiarei pelo resto de minha vida, mas a VERDADE é que eu espero que o Dr. Calvin Norman seja morto na guerra...

— Ei! — Modi chamou através da névoa esbranquiçada. — Todos estão tão intensamente tristes. O que tenho aqui? Uma sala cheia de russos. Tenho uma ideia melhor.

— A sua ideia é sobre sua vida pública, sua vida privada ou sua vida secreta?

— Definitivamente, um segredo. Chester, pare de tocar o tamborim para que eu possa contar a todos minha ideia secreta.

Chester estava em transe. Continuou a tocar.

Leilah começou a ficar arrebatada. Jeremy advertiu-a amavelmente.

— Por favor, Leilah, Modi tem uma ideia.

— Sim — disse Rory —, vamos ouvir sua ideia porque no momento não estou gostando das minhas próprias ideias.

— Não somos companheiros excepcionais? — perguntou Modi, respondendo em seguida. — Sim, somos, e neste templo sagrado do paraíso nós... deixe-me pensar... ah, sim, já sei, nós deveríamos dessagrar nossa amizade.

— Você quer dizer consagrar, amigo — disse Jeremy.

Modi coçou a cabeça.

— Quero dizer que devemos fazer votos de eterna amizade porque somos irmãos eternos.

— É uma ideia fantástica — disse Johnny.

— Chester? Ei, Chester

— Hein?

— Pare de tocar isso aí. Está pronto para jurar uma dessagração emocional?

— Com toda certeza.

— Sim — disse Rory —, vamos consagrar.

— Como? — perguntou Jeremy

— Vamos cortar a palma de nossas mãos e misturar nosso sangue — disse Johnny

— Tarbox, você é um verdadeiro bronco — disse Modi. — Vamos todos fazer uma tatuagem de amizade.

— Combinado! — disse Jeremy. — Nada poderá deixar meu pai mais furioso, embora meu avô com certeza vá ficar encantado.

— Isso é lindo, realmente lindo, Modi — disse Johnny, começando a chorar.

— Já tinha conversado com nossa irmã, a querida Sonya. Há um artista de tatuagens aqui perto, especializado em tatuar as datas do *Haj* para *Mecca*, mas também faz outras coisas.

Sonya desnudou um seio. Exibia a tatuagem de uma romã.

— Meu Deus, que beleza — disse Rory.

— Levou muito tempo para você perceber — retorquiu Sonya.

— Mande buscar o sujeito! — gritou Johnny.

— Embora seja armênio, ele é honesto. Vou me unir a vocês e também mandar fazer uma tatuagem — disse Sonya.

Chester empolgou-se. Uma tatuagem! Caramba!

— Não vamos querer apenas uma data — disse Modi. — O que devemos mandar fazer?

— Acho que alguma coisa em latim pode ser adequado, um slogan — disse Jeremy.

— Ah, droga — reagiu Johnny. — Sejamos guerreiros, vamos entrar em combate. Um feroz maori para representar a Nova Zelândia.

— A Nova Zelândia? — protestou Modi.

Tentaram pensar. Era difícil para eles pensar.

Chester manteve o ritmo no tamborim.

— A cabeça de uma mula — disse, continuando a tamborilar.

— Claro, eu estava prestes a sugerir a cabeça de uma mula — disse Modi.

— Com orelhas gigantes para que não seja confundida com um cavalo — acrescentou Rory.

E foi assim que a turma de capatazes, companhia do quartel-general, Sétimo Batalhão da Cavalaria Ligeira da Nova Zelândia, e três das senhoras daquela noite tiveram magníficas mulas tatuadas pelo Sr. Suhollanian, um artista armênio, em suas nádegas esquerdas.

CAPÍTULO 68



ARQUIVOS SECRETOS DE WINSTON CHURCHILL, FEVEREIRO DE 1915

Não aos que dizem Não!

19 de fevereiro

Um grandioso dia na história da Marinha Britânica teve início. Cento e setenta e oito canhões de 130 mm e 380 mm, montados em doze vasos de guerra, abriram fogo sobre os quatro fortes em cabo Helles na ponta ao extremo sul da península de Galípoli. Que maravilhosa visão nós e nossos aliados franceses devem ter evocado com nossos navios invencíveis abrindo fogo, uma salva após a outra. Vou me arrepender de não ter sido uma testemunha ocular ao hasteamento da Union Jack para a tripulação de nosso encouraçado mais poderoso — HMS QUEEN ELIZABETH. A frota de ataque consistia em três divisões. A primeira esquadra levava as armas pesadas do ELIZABETH, AGAMEMNON e INFLEXIBLE. A segunda divisão levava os nomes de VENGEANCE, ALBION, CORNWALLIS, IRRESISTIBLE e TRIUMPH. Saúdo a esquadra francesa; SUFFREN, BOUVET, CHARLE-MAGNE e GAULOIS. Abrimos fogo de uma distância de quinze mil metros, fora do alcance das armas turcas. Usando a nova técnica de um avião localizador direcionando nossas armas e fotografando os danos causados, o Almirante Harmon concluiu que o bombardeio de longo alcance estava tendo um sucesso relativo.

O Almirante Harmon ordenou então que a frota se aproximasse ainda mais. Nada soubemos dos turcos até que SUFFREN, VENGEANCE e CORNWALLIS chegaram a cerca de cinco mil metros de cabo Helles. Por má sorte, o tempo ficou péssimo. Harmon não teve escolha senão ordenar uma retirada ao fim do dia com a vitória ainda em suspenso.

25 de fevereiro

Cinco dias de mau tempo fizeram com que cancelássemos nossas operações. Hoje, retomamos o ataque. Concentrando- nos nas armas pesadas turcas em toda a península de uma distância de doze mil metros. Quando nos aproximamos de Cabo Helles, não fomos rechaçados com suas armas de porte. Pode-se concluir que destruímos as armas costeiras dos turcos sem sequer precisar forçar o estreito de Dardanelos. A barragem de longo alcance deve tê-los enfraquecido significativamente. Nossos gastos de 31 projéteis de 380 mm, 81 projéteis de 300mm e os gastos franceses de cinquenta projéteis de 300 mm parecem bem empregados.

26 de fevereiro

Movendo- se com cautela, três dos nossos contratorpedeiros aproximaram-se da costa para dar cobertura aos grupos de desembarque de sessenta a cem fuzileiros navais e sapadores.

Eles encontraram e desmontaram 46 canhões turcos pequenos. Os fuzileiros avançaram pelas colinas até se depararem com os turcos. Recuamos imediatamente, com baixas de nove mortos e feridos.

Ao analisarmos esses resultados, parece-nos que os fortes turcos mais próximos da costa em cabo Helles foram desativados. Além disso, parece que muitas outras armas pesadas na península de Galípoli foram silenciadas pelo bombardeio de longo alcance.

Agora uma questão interessante. Os turcos acham que nosso bombardeio de Galípoli foi apenas um simulacro? Acreditam que nosso real objetivo seja montar uma ofensiva sobre o canal de Suez para alcançar o Sinai, a Palestina os países do petróleo, Síria e Iraque? Pode ser que sim.

Os turcos enviaram uma brigada de infantaria através do Sinai em direção ao canal de Suez, sabendo muito bem de nosso número esmagador de tropas

no Egito.

Nós os fizemos recuar no Sinai, mas, é claro, não prosseguimos. Portanto, provavelmente concluíram que a invasão de Galípoli é uma realidade.

Considerando o sucesso inicial que obtivemos, acredito firmemente que nossa força naval prevalecerá. Em questão de poucas semanas, deveremos forçar o estreito de Dardanelos e,

mais uma vez, nossos navios castigarão os turcos na península, forçando-os a se renderem. Pressinto que nossas forças desembarcarão e empreenderão uma operação fulminante.

Enquanto isso, a Marinha entrará no mar de Marmara e ancorará ao largo de Constantinopla, enquanto nossas tropas deslocam-se de Galípoli para a periferia de Constantinopla e os turcos deverão pedir a paz.

Enquanto esses acontecimentos históricos se desenrolam, eu nutro uma apreensão secreta.

Se os turcos encetarem uma luta na península, nós deveríamos ter mais algumas divisões de infantaria de reserva para terminar o serviço. Kitchener não liberará mais nenhuma divisão para essa campanha, à exceção da 29^a, que está a caminho.

Não temo por nossa capacidade de tomar Galípoli com as forças de que dispomos, e em seguida marchar sobre Constantinopla, exceto que o General Darlington pode ser um pouco da velha guarda como tático. Não o vejo tomando as temerárias decisões e executando as manobras rápidas necessárias para subjugar o inimigo.

Ficaria mais tranquilo se Kitchener nos concedesse mais três ou quatro divisões.

WSC

CAPÍTULO 69



— Por que devemos ter dois estábulos? — Modi perguntou a seus alunos e ele mesmo respondeu antes que alguém pudesse falar. — Vou lhes dizer. Um grande problema é maior do que qualquer outro. Esse problema é o das picadas de moscas. Acrescente mosquitos e vermes e estaremos lidando com um punhado de sanguessugas.

Os alunos de Modi perceberam rapidamente que o Dr. Mordechai Pearlman, proveniente do exército do czar, conhecia seus animais. Os homens que ele selecionou do batalhão para o Pelotão Médico de Mulas receberiam divisas de cabo se fossem bem-sucedidos. No dia seguinte, ele iria testá-los. Se um soldado falhasse, seria imediatamente dispensado do pelotão médico e substituído. Eles absorviam cada uma de suas palavras e não iniciavam nenhuma brincadeira, a menos que ele a provocasse.

— Pois bem, temos dois estábulos e nosso grande problema são as moscas. Toda noite teremos confinado algumas centenas de mulas que terão comido dez quilos de forragem naquele dia. Cavalheiros, é muita bosta de mula.

Risos controlados.

— Assim — continuou ele —, toda noite levaremos nossas tropas para o estábulo A, que foi inteiramente limpo e já tem feno novo espalhado para os animais.

— Alternativa — continuou Modi. — A mula é levada para um estábulo sujo. Têm que ficar de pé no meio das fezes. Milhões de moscas atacam. Atacam orelhas, as áreas genitais e feridas abertas. Já vi mulas tão atacadas que chegaram a perder as orelhas, já vi mulas tão maldosamente atacadas que ficaram loucas e tiveram que ser sacrificadas. As mulas não gostam de ficar de pé a noite inteira. Desgasta suas forças. Mas elas não podem deitar e dormir no meio das fezes. O que você terá no dia seguinte será um animal fraco, meio enlouquecido, sem a força necessária para seguir as trilhas. Neste batalhão, a mula vai para um estábulo limpo. Estamos juntando gordura de toucinho dos refeitórios. Toda noite vocês

pastarão gordura nas orelhas, ferimentos e áreas genitais. Isso aliviará os animais das mordidas de insetos. Perguntas?

— Há alguma coisa que possamos usar para afugentar as moscas?
— perguntaram-lhe.

— Extrato de pinho — respondeu Modi. — Nenhuma árvore no Egito, nenhum extrato de pinho. Estou tentando algumas misturas, citronela, tochas de gasolina, coisas assim. O melhor seria extrato de pinho, se pudéssemos obter algum.

“Assim —, continuou Modi —, quando as tropas deixarem o estábulo A para seguir a trilha, ele será limpo. Enquanto isso, o estábulo B já estará limpo e as mulas retornam para o estábulo B. Entenderam?”

Haviam entendido.

— Alguém não entendeu?

— Entendemos!

— Como nos livramos da bosta das mulas, Dr. Modi?

— Com pás. Com sorte, poderemos capturar prisioneiros. É um bom exercício para prisioneiros. É melhor guardar prisioneiros do que ter que limpar a bosta você mesmo. Por outro lado, qualquer um do batalhão que sair fora da linha será designado para o serviço.

— Assim que vocês, cargueiros de mula, retomarem ao fim do dia, examinarão cada animal juntamente com seus carregadores. Verificarão esfoladuras de corda, calombos na pele, locais úmidos, inchaços, cernelhas doloridas, lombos doloridos. Têm que verificar problemas de prisão de ventre. Uma mula com prisão de ventre é uma mula infeliz. Posteriormente, verificarão a urina para ver se há problemas renais e as fezes à procura de parasitas estomacais. Procurem larvas de mosca... usem unguento. Procurem mordidas de cobra. Todos têm amônia em suas mochilas. Todos os homens do batalhão receberão algumas instruções, mas vocês são os especialistas. Eu dependo de vocês. Vocês são meus cabos.

O Primeiro-Sargento Landers falou para a Companhia C no picadeiro do estádio.

— Se o seu animal precisar de ferraduras novas, leve-o ao ferreiro na noite anterior. Depois que tiverem cuidado do bem-estar de seu animal e o tiverem colocado para dormir com louvor, podem então ir tomar banho e comer. Entretanto, ninguém vai dormir sem antes limpar e consertar o couro, as correias, as eslingas e as cordas. Vocês vão limpar as selas e os arreios do animal e polir todos os metais. Eu inspecionarei pessoalmente

todas as mulas e seu equipamento antes de serem carregadas. Neste batalhão, as mulas não serão retiradas da formação por causa de desleixo com o equipamento. Equipamento descuidado se rompe e exige mais esforço do seu animal. Agora, pensem nisso... suponham que sua mula seja retirada da tropa e alguma munição não chegue à linha de frente por causa disso...

O Sargento Yurlob Singh colocou-se no meio de um círculo de cinquenta cavaletes representando cinquenta mulas. Falava a cinquenta homens que escolhera como chefes dos carregadores e chefes de trilha, que seriam promovidos a cabo e sargentos quando... e se... conseguissem ser aprovados no maldito curso do sujeito de turbante.

Seus olhos permanentemente refletiam um certo desprezo. Antes e depois da aula, Yurlob repetia a mesma ladainha.

“A razão básica do fracasso de uma mula deve-se quase sempre à ineficiência do carregador ao preparar e carregar seu animal.”

Yurlob descreveu a massa de lama e palha que era misturada em um acolchoado de penas para ser colocado sobre o dorso da mula. Quando endurecia, conservava uma consistência de barro para proteger a peculiar estrutura óssea de cada animal, um para-choque meio gelatinoso entre a pele e a sela.

Ergueu umas barras transversais de madeira.

— Esta é uma armação de costelas, portanto deve ajustar-se perfeitamente aos contornos do corpo da mula. Vocês devem trabalhar esse suporte envergando-o, desbastando-o, até se ajustar com perfeição.

Yurlob tinha amostras de cada tipo de caixa e de carga que a mula transportaria para as linhas de frente, caixas de munição de todos os tamanhos e pesos, munição para fuzis, munição leve e pesada para metralhadoras, morteiros, latas de água, caixas de ração, caixas de medicamentos, equipamentos de comunicação, dinamite, granadas, arame farpado e todas essas coisas que sustentam o horror da vida por um fio.

Com as mãos atrás das costas, Yurlob andava para cima e para baixo ao lado da longa mesa à qual seus alunos estavam sentados. Fazia comentários enérgicos enquanto eles lutavam com o nó direito, a eslinga dupla, a pinha, a pinha dupla, eslinga cruzada, volta de fiel, costura redonda, costura de laborar, nó de mentiroso, meia-volta, nó de escota singelo e duplo, nó de fateixa, volta da ribeira, eslinga de barril horizontal, eslinga de barril vertical, catau e boca-de-lobo.

— Têm que aprender isso direito porque terão que passar por um teste de olhos vendados. Cada mula deve estar preparada para transportar uma padiola em cada viagem de volta das linhas de frente. Primeiro, virão os mais seriamente feridos, em seguida os que tiverem ferimentos mais leves e finalmente os mortos. A maca vai bem alta no cruzamento das barras de madeira, tornando a jornada perigosa em terrenos acidentados. Essa é a sua carga mais importante. Não podem fazer nenhuma besteira.

O Subtenente Johnny Tarbox e o cabo Chester Goodwood passavam seus dias em Pig Island formulando questões táticas.

Quantas mulas serão necessárias para suprir tropas de cinco mil soldados a cinco quilômetros do acampamento de base em uma linha que se estende por três mil metros usando dois litros e meio de água, cinquenta cartuchos de munição de fuzis, quinhentos cartuchos de metralhadora leve, cinquenta sinais luminosos, duas rações diárias nº 14?

Quantas horas, à luz do dia, são necessárias para fazer uma viagem de ida e volta da questão anterior até a linha de frente e carregar uma baixa na viagem de volta...?

Qual o tamanho mínimo de um estábulo necessário para abrigar duzentas mulas...?

...trezentas mulas?...

...quatrocentas e cinquenta mulas?...

Quanto tempo se perde para cada grau de escalada de morro, por mula, em um percurso de dez quilômetros?

Quantas toneladas de feno quatrocentas mulas requerem para um período de duas semanas?

Na preparação de uma ofensiva, quanto tempo será necessário para aprontar 100.000 cartuchos de munição para fuzis, 300.000 cartuchos de munição para metralhadoras leves, 1.000 projéteis de morteiro de 80mm, latas de água de cinco galões à média de dois litros e meio por dia para 6.000 soldados?...

Modi: Hoje falaremos de calos. Se não forem amolecidos e removidos, ulcerarão e se transformarão em câncer.

Yurlob: Vocês são burros.

Chester Goodwood para Johnny Tarbox: Em uma linha de frente estática, quantas mulas podem suprir as necessidades básicas da tabela B, a seis quilômetros e meio do acampamento de base em uma linha de dois mil metros de comprimento contendo duas companhias de infantaria e um esquadrão de arma pesada em terreno 3 por 8?

Yurlob: Todos os laços feitos corretamente se soltarão puxando-se apenas duas cordas, liberando a carga.

Rory: “É proibido estacionar sua mula diante de um bar.” Meu Deus! Isso tem que estar chegando ao fim.

Estava escuro, antes do amanhecer, faltando ainda uma hora para o toque de alvorada. Chester Goodwood saiu pelo corredor dos alojamentos dos capatazes batendo em cada porta.

— As mulas chegaram! Estão trazendo vinte mulas para o estábulo!

— Chame o Tenente!

Vestiram-se como bombeiros atendendo a um chamado, mas com um pouco menos de apurmo, desequilibrando-se, tropeçando e caindo enquanto o faziam.

Após dez minutos, o Tenente Jeremy uniu-se a eles junto à balaustrada onde os animais estavam amarrados, quando o primeiro raio de sol iluminou as mulas. Lá se postavam, ou cambaleavam, mulas em vários graus de enfermidade — atemorizadas, abaladas, exaustas, descarnadas, abatidas, orelhas roídas, dentes faltando, cascos rachados, cobertas de feridas.

Não podiam acreditar no que estavam vendo.

— Jesus Cristo!

— Meu Deus!

— Quem nos enviou essas pobres bestas? — perguntou Modi. — Visitei antigos companheiros na Unidade de Mulas do Sião. Eles tinham animais decentes.

— A Unidade de Mulas do Sião recebeu os melhores animais porque estão servindo as tropas britânicas — disse Jeremy com raiva. — Eu disse

ao Major para me deixar enviar dois de vocês ao leilão. O Coronel Sattersfield, do serviço de intendência, me impediu.

— Qualquer camponês no Egito está tentando passar suas mulas moribundas para o Exército Britânico.

Buscaram uma espécie de salvação quando o Sargento Yurlob surgiu no cenário. Yurlob examinou os animais e manteve uma expressão impassível. Instado pelos demais, ainda assim se recusou a fazer coro aos gritos de espanto.

Bem, aí está, pensou Jeremy. O bom servo. Esses animais foram enviados pelo Exército Britânico, portanto devem ser aceitos, segundo os Yurlob coloniais.

— Pelo amor de Deus, pelo amor de Buda — esbravejou Johnny —, tente colocar 150 quilos sobre qualquer uma dessas criaturas e elas desabarão.

Yurlob continuou calado.

— Diabo, qual delas poderíamos usar para treinamento? — continuou Johnny. — Uma... apenas uma.

Yurlob, sempre empertigado, aprumou-se ainda mais.

Modi lançou as mãos no ar, num gesto de impotência. Mordechai Pearlman era oficialmente um não-veterinário, não-soldado, não-pessoa e, se não era uma pessoa, não podia objetar. Parecia-lhe uma brincadeira cruel, mas sabia que os oficiais britânicos não estavam de brincadeira.

— Não vejo como possamos aceitar esses animais — disse Johnny.

— Você é o chefe da praia — disse Rory protetoramente. — Está fora de sua alçada. Modi não pode dizer nada e nosso corajoso, valente e leal amigo *sikh* não quebraria o maldito código de normas nem sob tortura. Rejeito esses animais como sem condições — disse Rory, trêmulo.

— Apoiarei sua rejeição — disse Jeremy.

— Fique fora disso, Tenente. Você não sabe droga alguma sobre mulas.

— Eu disse, Sargento Landers, que apoiarei sua rejeição. Conheço uma mula incapacitada quando vejo uma.

— Foda-se o regulamento — disse Modi —, eu também protesto contra essa loucura!

— Eu... — começou Chester.

— Cale-se, Chester — ordenou Rory. — Fique fora disso.

— Eu tenho minha...

— Cale-se, Chester — repetiu Rory. Voltou-se para Jeremy. — Quer que eu entre com o senhor para falar com o Major, Tenente?

Jeremy olhou para os escritórios. Ótimo, as luzes estavam acesas. Christopher geralmente chegava antes da alvorada para poder passar a tropa em revista durante a chamada e certificar-se de que estava impecável mesmo naquela maldita hora.

— Ele está no escritório. Vocês, rapazes, fiquem aqui.

Christopher ouvira a confusão lá fora e abrira as grandes persianas de madeira. Podia ver o judeu rindo e todos os outros coçando ou sacudindo a cabeça. Ah, lá vinha Jeremy apressado.

— O que está havendo lá fora? — disse Chris rispivamente quando Jeremy entrou.

— O Coronel Sattersfield enviou-lhe vinte mulas imprestáveis que não têm forças nem para cair mortas. Eu o avisei para enviar dois dos meus capatazes ao leilão.

— Receio — respondeu Christopher — que todas as melhores mulas tenham ido para os judeus.

— Para as tropas inglesas em vez das tropas *Anzac*. Aquelas mulas fora não são aceitáveis.

— Quem diz que são inaceitáveis?

— Eu digo.

— Não está qualificado para fazer tal julgamento. Quem mais disse isso? Tarbox? O cabo Goodwood? O judeu? Yurlob? O Sargento Yurlob disse que são inaceitáveis?

— Não.

— Então foi Landers.

— Em vez de ficar culpando os seus homens, por que não cai em cima de Sattersfield?

— Este é o Exército Britânico. Aceitamos o que nos designam. Agora saia do meu caminho — disse Chris, arremessando-se para fora. Cortou caminho pelo meio do estábulo, surgindo intempestivamente por trás da fileira de mulas.

— Atenção! — irrompeu Yurlob ao ver o Major.

Os homens colocaram-se em posição de sentido enquanto ele continuava a aproximar-se furioso.

— Diabo! Sargento Yurlob! Chame seus condutores de tropas! Vamos carregar e marchar em uma hora!

— Major! Pare! — gritou Rory. — Pare, droga, fique imóvel!

— Com quem você pensa que está falando, Landers?

— Major, pare! Jogue-se ao chão!

Quando Christopher alcançou a parte posterior da fileira de mulas, Rory saltou por cima da balaustrada, agarrou o Major e o atirou ao chão com um baque surdo, ficando em cima dele até imobilizá-lo... em seguida, arrastou-o para trás.

Os outros correram e os separaram. Christopher Hubble limpava e ajeitava o uniforme, lívido demais para falar.

Rory pôs-se de pé segurando um dos ombros e esquivando-se do coice de uma das mulas. Meia dúzia dos animais escoiceava furiosamente.

— Depressa, volte para Pig Island antes que qualquer pessoa fique sabendo disso. Modi, acalme essas mulas. Vamos, rapazes. Eu levarei o Major de volta para seu escritório.

Jeremy puxou Chris para cima, foi empurrando-o para o prédio do comando e trancou-se com ele na sala.

— Chega! Basta! Landers não vai se safar com a solitária. Ele agrediu um oficial! Vai para o poste de açoite. Providenciarei para que seja açoitado.

— Cale a boca, seu idiota!

— Como ousa, Jeremy. Você... pode entrar com um pedido de transferência imediatamente. Quanto a Landers, eu posso condená-lo a cinco açoites diante do batalhão perfilado. — Chris agarrou o telefone. — Ligue-me com a polícia militar.

Jeremy arrancou-lhe o telefone.

— Cancele isso. O pedido foi um engano.

— Muito bem, vamos resolver isso, Jeremy. Essa sua turma de capatazes pensa que comanda o batalhão. Tiram licença toda noite e vão para o Cairo. Têm seus próprios alojamentos. E a sua camaradagem com eles é no mínimo revoltante. Aonde você vai nas suas horas livres? Caçar prostitutas com seus alistados? Landers só tem esperado como uma cobra no mato por uma oportunidade para me atacar. Tenho certeza de que ele planeja me matar em combate.

Christopher pôs-se de pé. Jeremy esbofeteou-o e o empurrou de volta para a cadeira.

— Cale essa maldita boca. Se mandar o Sargento Landers para o poste de açoite, vou surrá-lo bem na frente de todo o batalhão.

Christopher pestanejou, incapaz de sequer imaginar o que estava ouvindo.

— Além do colapso total de um batalhão muito bom, apesar da sua mesquinha intimidação, você terá fracassado em relação ao General Brodhead e envergonhado seu pai pelo resto da vida — disse Jeremy com firmeza.

Jeremy remexeu na mesa de Chris, encontrou um exemplar do manual sobre mulas e enfiou-o nas mãos dele.

— Abra no capítulo dois e leia.

O toque de alvorada soava lá fora. Ainda se passaria meia hora até a chamada e mais tempo ainda até alguém chegar ao prédio do comando. Chris estava aprisionado por um louco e sentia uma força em seu irmão como nunca sentira antes. Era melhor acatar o que ele mandava por enquanto, pensou Chris. Acabaria com Jeremy de uma vez por todas mais tarde, naquele mesmo dia.

— Leia! — exigiu Jeremy.

— Muito bem. — “Nunca, e repetimos a palavra NUNCA, aproxime-se de uma mula pela... pela...”

— Leia!

— “Nunca se aproxime de uma mula pela traseira se puder evitá-lo. Se tiver que se aproximar por trás, lembre-se de que ela está atrelada e não pode enxergar para trás, apenas ouvir. Chame a mula pelo nome, suavemente, para que saiba quem você é e assegurar-lhe de que não há perigo. Pergunte-lhe como está hoje...”

Chris fraquejou, ergueu os olhos para Jeremy e continuou.

— “Pergunte-lhe como vai hoje. Em seguida, dê a volta para frente, dê-lhe um punhado de aveia (que você sempre carregará no bolso). Depois faça-lhe um afago sob o olho.”

Christopher suspirou resignadamente. A passagem seguinte estava sublinhada.

— “Se você se aproximar de uma mula gritando ou de alguma forma demonstrando nervosismo ou descontentamento, é absolutamente certo que a mula se assustará e dará coices com as patas traseiras. Isso pode ser extremamente perigoso. O veterinário do batalhão já viu ferimentos causados por coices de mula que incluem costelas e braços quebrados, ombros deslocados, e mais de uma fratura de crânio.”

Chris recolocou o manual sobre a mesa.

— Bem, agora — disse Jeremy em tom normal —, essas mulas não têm o menor valor para o Exército Britânico. Foram horrivelmente maltratadas e todas possuem uma enfermidade ou alguma forma de excesso de trabalho, subalimentação, negligência e espancamento. Sugiro que as devolva ao Coronel Sattersfield e apoie os seus homens.

— Mande o judeu...

— Ele tem nome.

— Mande o Sr. Pearlman confirmar a condição dos animais em um memorando escrito. Eu as rejeitarei. Entretanto, Jeremy, o que você ousou fazer aqui foi um motim. Quero que saia daqui.

— Não deveria ficar tão surpreso. Você sabe tudo sobre motim, não sabe?

— Não permitirei que tome o comando do meu batalhão.

— Pelo amor de Deus, Chris, eu não quero o seu batalhão.

Christopher resolveu tomar uma dura decisão. Sabia que era melhor levar aquela situação com calma. Tinha que esquecer o fato desagradável que ocorrera. Os capatazes e seu irmão jurariam que Landers o salvara de sua própria estupidez e provavelmente de um terrível ferimento. Mas, e se ele se livrasse de Jeremy... ou pudesse conseguir uma punição para Landers... o que aconteceria?

Seu batalhão estava em forma. Jeremy queixava-se de que haviam sido exigidos em excesso, mas eles estavam preparados.

A maldita turma de capatazes era boa também, a melhor turma especial na unidade. Realizaram a impossível tarefa de ensinar aos homens o máximo que conseguiram saber sobre mulas sem que a maioria jamais tivesse visto uma mula.

Christopher desejava ardentemente aplicar-lhes uma severa punição, para que soubessem quem era quem. Entretanto, deixar-se levar por um desejo de vingança poderia ser um risco de preço muito alto.

— Fique com seus malditos capatazes — disse Chris. — O assunto está encerrado. Você tem seu trabalho, Jeremy, e quero que mantenha o nariz longe do meu comando.

— Por mim está bem — disse Jeremy —, mas lembre-se de uma ansa. Se colocar um dedo em qualquer um dos meus rapazes, eu quebro o seu pescoço.

CAPÍTULO 70



*O Rio Jordão
Derrama-se pela encosta da montanha
A terra está imóvel
Minha Galileia
Seus vales assombrados
Oliveiras seculares
Suas rochas batidas de sol
Seu mar místico
Ah, como eu a amo
Que saudades eu sinto
Minha Galileia
Minha Galileia
Vejo suaves brisas
Vergando meus campos
Ouço um grito
O nascimento de uma ovelha
Ah, como eu a amo
Que saudades eu sinto
Minha Galileia
Minha Galileia...*

A canção de Modi esvaneceu-se e seu acordeão fechou-se. As luzes da Villa Valhalla se apagaram para um descanso. O mês de março continuou arrastando-se e uma inquietação deixava os capatazes tensos, uma sensação de que o movimento logo começaria à medida que os navios de guerra continuavam a bombardear Galípoli.

Até o paraíso tinha suas limitações. A turma de capatazes experimentara a euforia. Valhalla tornar-se-ia a peça principal de grandes lembranças para o resto de suas vidas. Agora, entretanto, estavam prontos para a guerra.

Johnny Tarbox estava mais estimulado do que os outros. Rory sabia que tinha a ver com a mãe há muito perdida, agora tomando a forma de uma mulher depois da outra. Rory sempre fora capaz de acalmá-lo. Ótimo. Johnny às vezes não percebia que estava desenfreado.

O Tenente Jeremy e o Primeiro-Sargento Landers sentaram-se na varanda que dava para as espirais das torres do outro lado do rio, que marcavam uma grande cidade muçulmana. O cachimbo de Sonya tinha o elixir mágico que liberava as conversas... exceto por aquele quarto trancado.

Sonya parou à porta.

— Johnny está bem? — perguntou Rory.

Ela assentiu, dizendo que havia adormecido. Tarbox odeia as mulheres, eu odeio os homens. No entanto, nós também os amamos. Que torturante, pensou.

— Gostariam de algumas frutas ou drinques? — perguntou ela, percorrendo Rory com os olhos. Fizeram um sinal negativo e ela se retirou, mas a força de seus olhos permaneceu.

— Ela tem sido muito boa para nós — disse Jeremy. — Mas ela anseia por seu amor não correspondido. Pelo amor de Deus, não vá para a batalha sem fazer um esforço para esquecer Georgia.

Rory não respondeu.

— Já lhe contei que uma vez me apaixonei desesperadamente, eternamente, por uma prostituta?

— De verdade? — perguntou Rory.

— De verdade. — respondeu Jeremy. — Foi durante a turnê pelas Midlands com o rime de rúgbi. Eu estava sendo preparado para o Trinity por Conor e ele me vigiava vergonhosamente. Trancava-me no quarto se meus estudos não estivessem indo bem. Arranjei um jeito infalível de burlar a vigilância dele.

Rory deleitava-se com as histórias de Jeremy sobre Conor Recostou-se, satisfeito.

— O nome dela era Felícia ou algo assim... Meu Deus, essa droga destrói a sua mente. Meu avô viajava com o time, mas, acredite-me, ele ficava num hotel melhor. Assim, apaixonei-me perdidamente por essa...

Marcia... isso mesmo, Marcia. Meu avô me dava cobertura. Eu dizia a Conor que ia visitar *Sir* Frederick e passar a noite com ele. Ele verificou por telefone algumas vezes e lá estava eu... e lá estava Marcia na cama comigo. Freddie até conseguiu mandá-la de uma cidade para outra até que Conor me fez uma visita inesperada. Só consegui enganá-lo mais uma vez, depois do jogo de Bradford.

— Foi quando conquistaram a *Admiral's Cup*?

— Sim, o primeiro time irlandês a consegui-lo. Meu avô deu uma festa da vitória inesquecível. Quando a festa se mudou do hotel para um bordel muito, muito em voga, Conor trancou-me no meu quarto. Enchi minha cama de travesseiros e descii pelos canos da calha, quatro andares, quase me matei. Fuma?

— Obrigado.

— Esse bordel era estritamente para a nobreza. Bonito como Villa Valhalla... até que aqueles brutamontes abomináveis dos Bradford Bulls entraram... estávamos dispostos a compartilhar, mas sabe como é... todos queriam as mesmas duas ou três garotas e uma coisa levou a outra, até que alguém fez um maldoso comentário anti-irlandês... veja bem, Conor não estava lá.

— E a merda foi jogada no ventilador.

— Completamente. Rory, foi a maior pancadaria de todos os tempos. Garotas berrando, corpos voando, vidros estilhaçando-se e, então, a polícia chegou. Alguns fugiram, mas eu fui preso e levado no camburão, com dois dentes a menos, juntamente com a maioria de nossos rapazes. Devia ver as manchetes no dia seguinte... “Lorde Jeremy perde dentes pelos companheiros”... “Futuro conde de Foyle preso em briga de bordel”... “Escapadas noturnas do futuro membro dos Lordes”...

— E Conor não sabia de nada?

— Não fazia a menor ideia. Assim, no dia seguinte, estou sentado no carpete da suíte do meu avô com a minha mãe passando-me uma decompostura e Freddie tentando esconder-se debaixo do sofá. Conor é chamado ao aposento. Mamãe começa a esbravejar contra ele, sem saber que era inocente. Ele disse, meu Deus, nunca me esquecerei: “Que tipo de filho você quer, um anjo de Natal?” Mamãe se lança para a frente para esbofeteá-lo, mas ele segura sua mão no ar e lhe diz que vai lhe dar umas palmadas ali mesmo diante do pai e do filho dela.

Rory soltou uma gargalhada. Sua inveja era silenciosa.

— Nós três nos dobrávamos de rir, histéricos, até eu sem os meus dentes. Mamãe quebrou alguns jarros, depois se juntou a nós, rindo conosco. Foi quando meu pai entrou.

Jeremy silenciou repentinamente, com uma expressão de dor que Rory já conhecia.

— Esbofeteou-me no rosto e saiu.

— Deve ter doído muito — disse Rory.

— Ainda dói — disse Jeremy.

Ele bateu de leve no ombro de Jeremy.

— O *Squire* nunca me bateu, mas o modo como me olhava, às vezes eu preferia que ele tivesse me batido. Eu me metia em brigas para chamar sua atenção. Talvez para conquistar seu amor... ou fazer com que ele me respeitasse por ser um valentão... mas, depois de algum tempo, só para deixá-lo furioso. É o que funcionava, deixá-lo furioso. Fiz muito isso.

A tristeza afluíu.

— Juntamente com a Villa aqui, a viagem às Midlands foi o melhor da minha vida. Trinity, embora houvesse Molly, lembra-me apenas das traições. Meu pai, eu esperava que me agredisse... e Swan, era sua vocação. Mas, Chris. De qualquer forma... Eu não sabia na época que Conor já estava envolvido em contrabando de armas para a Irmandade Republicana Irlandesa.

Rory empertigou-se.

— Fui para o Trinity em Dublin, conheci Molly. Vi Conor em Dublin apenas algumas vezes. Estava sempre com pressa. Não entendia por quê, até Sixmilecross. Tentei desesperadamente vê-lo na prisão. Impossível. O cerco estava se apertando sobre Molly e mim. Conor teria me levado a agir direito. Todos à sua volta sentiam-se fortalecidos por ele. Talvez, se eu o tivesse visto, me sentisse motivado a agir como homem... eu sinto muita falta dele, Rory.

Eu também, pensou Rory.

Leilah fora paciente, aguardando a certa distância. Delicadamente, fez com que sua presença fosse notada. Jeremy disse-lhe que logo iria entrar. Ela sorriu e saiu com seus meneios de dançarina.

— Ela é louca por você — disse Rory.

— Ela representa bem — respondeu Jeremy.

— É mais do que isso. Você as tem tratado como damas e fez com que se sentissem belas. Elas podem passar uma vida inteira no Cairo sem se

sentirem assim sequer uma vez. Sonya me contou.

Jeremy foi para dentro. Rory submeteu-se a mais um assalto de haxixe. Como terminaria entre ele e Jeremy? Como poderia terminar na Irlanda sem desastre?

A Irlanda, que um dia fora como o canto da sereia da sua vida, agora apresentava tons nefastos em sua escala. Ele seria grande o suficiente para carregar o nome de Larkin para dentro da Irlanda? O que poderia fazer? Sempre ser comparado a Conor? Ninguém poderia ser Conor. Às vezes, parecia que nem mesmo Conor era Conor...

Levantou-se com extremo cuidado e avançou pela escada circular, equilibrando-se com a mão apoiada na parede. Uma rajada de vento trouxe um alarido das ruas do outro lado do Nilo, alto, agudo e sibilado...

Conor! Está zangado comigo porque estou fumando haxixe. Olhe para mim. Não me reconhece? Sou um homem agora. Tive mulheres. Tive um amor e não quero pensar nela agora... A conversa de Jeremy sobre você deixou-me tão triste por nunca mais poder vê-lo... dizem que tia Brigid mantém o jazigo dos Larkin o mais bonito de Ballyutogue... Portanto, vejo-o lá. CONOR! QUE DIABO VOCÊ QUER DE MIM AGORA!

Rory dirigiu-se para a porta de seu quarto e deixou-se cair ajoelhado sobre almofadas sensuais, macias e lisas. Ah, querida Sonya. Ela acendeu uma vela. A brisa continua a soprar. A luz da vela alvoroçou-se.

Sonya parou na porta do quarto, nua da cintura para cima, o corpo brilhante de óleo de cravo. Ajoelhou-se diante de Rory, arqueou as costas, ondeou-se e estalou os dedos, enquanto seus seios sacudiam-se sob bicos grandes e rijos.

Rory tomou-a nos braços. Ficaram abraçados, oscilando unidos, de joelhos, ora mantendo a longa promessa, ora deixando tudo explodir, ora sentindo os óleos um do outro, ora em beijos desenfreados e ela então suplicando, gemendo, um puxando os cabelos do outro. Ela o fez recostar-se na maciez das almofadas e ele deixou que a noite do Cairo o subjugasse.

Às três horas da madrugada, todos foram repentinamente acordados por batidas na porta. Eram batidas furiosas. Uma voz gritava por trás das pancadas.

Os rapazes enfiaram-se em algum tipo de roupa — camisas, toalhas, pantalões árabes — e desceram as escadas correndo. Chester escorregou em tanto óleo e caiu. Sonya correu de quarto em quarto reunindo as garotas e empurrando-as para que se escondessem.

— Pare de bater, já estamos indo!

Rory escancarou a porta e viu o Sargento Yurlob Singh. Entrou com George, o *terrier* cristão, queixando-se de que fora apanhado de surpresa. Rory mandou que o garoto subisse e ficasse com Sonya.

— Que diabo está acontecendo? — Jeremy conseguiu dizer.

— É o Major Hubble. Ele está detido pela polícia egípcia.

CAPÍTULO 71



— Deixe-me ver as anotações, Eddie — ordenou Churchill.

— Estão um pouco soltas, Winston. Ainda não tive oportunidade de arrumá-las.

— Não tem importância. Só quero ver se deixei escapar alguma coisa.

Eram três horas da madrugada, mais ou menos a metade do dia para o Primeiro-Lorde do Almirantado. Eddie serviu uma dose de *scotch* para seu chefe e acendeu uma chama sob o charuto de Churchill.

Anotações da Reunião do Conselho de Guerra — 12 de março de 1915

(Reunidas e transcritas preliminarmente logo após a reunião do Conselho de Guerra desse dia, suspensa às 12:45. Para leitura apenas de Churchill. Eddie Marsh.)

Ministro das Relações Exteriores — Sir Edward Grey

Grey continua a aganar-se à esperança de obter uma aliança balcânica contra os turcos.

Primeiro-Lorde do Almirantado — Winston Churchill

Acha que os Bálcãs são muito arriscados e instáveis, exceto pelo excelente exército grego oferecido pelo rei, até os ingleses terem tomado Constantinopla.

Primeiro-Ministro — Herbert Asquith

Irredutível quanto ao encerramento da questão dos Bálcãs. Cita os búlgaros em recente união contra os turcos voltando-se contra seus aliados romenos ao final do conflito.

Uso do exército grego iria apenas encorajar a formação de uma união balcânica para se aliar aos alemães na guerra. O uso do exército grego também deixaria o aliado russo furioso.

Almirantado — Churchill

Expressa receios de que o bombardeio naval possa não estar apresentando o desempenho esperado.

Quando a guerra com os turcos foi deflagrada, o adido naval britânico em Constantinopla, Almirante Limpus, avisou que o General alemão von Limon estava assumindo o comando dos turcos. Von Limon é capaz de obter os melhores resultados de suas forças e certamente defenderá Galípoli com mais astúcia do que os oficiais turcos.

Churchill concorda que os Bálcãs são um risco, mas expressa uma forte convicção de que a Itália pode ser levada a renunciar ao seu tratado com a Alemanha e unir-se aos Aliados, dando-nos assim uma reserva para a operação Dardanelos.

Acredita que, quando tomarmos Constantinopla, os Bálcãs se alinharão conosco para subirmos o vale do Danúbio.

Comandante, Forças Britânicas — Marechal-de-Campo Lorde Kitchener

Quando a Itália for induzida a se unir aos Aliados, é muito mais importante que ela abra uma grande linha de frente contra os austríacos.

Comandante, Forças Britânicas na França — General Sir John French

A Frente Ocidental deve ter prioridade absoluta. A operação Dardanelos está drenando muito a nossa força. Contra toda a operação Dardanelos.

Primeiro-Almirante — John Fisher

Inteiramente contra Churchill. Continua a favor de que a superdimensionada Frota Subterrânea deixe as Ilhas Britânicas e abasteça as rotas mais vulneráveis. É uma posição alternativa. Defendeu-a calorosamente.

Fisher ressalta que os novos super contratorpedeiros como o *ELIZABETH* são necessários nas operações do Canal e do Atlântico.

Fisher cita que há atividades detectadas na frota turca mar Negro e no mar de Marmara. Argumenta ainda que submarinos alemães mais cedo ou mais tarde se tomarão perigo para a frota britânica ancorada ao largo de Galípoli.

Primeiro-Ministro

Rejeita as posições do Almirante Fisher e do General French Os interesses britânicos no Império Otomano são muito grandes. A

operação Dardanelos é imperativa.

Ministro das Relações Exteriores

Retirar a Turquia da guerra deve ser a prioridade de 1915.

Marechal-de-Campo Kitchener

Apoia a operação Dardanelos. Entretanto, concorda com o General French em que mais nenhuma tropa terrestre pode ser designada para a campanha.

Churchill

O tempo corre contra nós. Quanto mais demorarmos, mais chances terão os alemães e os turcos de prepararem defesas e mais improvável se torna conquistar a península rapidamente. Sugere que caça minas forcem o estreito agora, seguidos imediatamente pela principal frota de combate entrando e usando 2.000 fuzileiros e 4.000 *Anzac* para um desembarque coordenado.

Lorde Kitchener

Churchill está pedindo o impossível. O Almirante Harmon acha que levará pelo menos duas semanas para limpar os campos minados.

Churchill

O Almirante Harmon também chegou à conclusão de que o fogo de artilharia naval sozinho não subjugará a península.

Lorde Kitchener

Não apoiará um desembarque imediato de tropas. A saber: a ilha de Lemnos tem sido comandada como uma base avançada para o ataque a Galípoli. As tropas devem ser conduzidas do Egito de forma ordenada e os suprimentos e tropas de apoio ampliados. Além disso, o General Darlington, chefe das operações no Mediterrâneo, recusa-se a comprometer tropas até que a 29ª Divisão inglesa tenha chegado à cena e esteja pronta para combate.

Churchill

O General de Brigada Brodhead, CC dos *Anzac*, queixa-se de que a base avançada em Lemnos não está sendo adequadamente usada.

Lorde Kitchener

Um pouco desdenhoso quanto à aguilhoda de Churchill no exército. Lemnos está recebendo as tropas em ordem de prioridade de combate. A saber: fuzileiros, sapadores, tropas de assalto, artilharia, nessa ordem. Tropas de apoio: intendência, pessoal da sede etc. irão para Lemnos por último.

Churchill

Não encerra a discussão. Brodhead argumenta enfaticamente que unidades especiais como a de transporte por mulas precisam desesperadamente de treinamento de campo e devem ter prioridade, indo para Lemnos em primeiro lugar.

Lorde Kitchener

Darlington não concorda, mas examinará o problema de Brodhead.

Primeiro-Ministro

Não gosta da falta de unanimidade. Pessoas de fora como *Sir* Edward Carson, o unionista do Ulster, são contra a operação. Pede a Kitchener para indicar uma data para o desembarque das tropas, para que ele possa aquietar a crescente oposição entre os líderes de partido e conselhos secretos.

Lorde Kitchener

O General-de-campo Kitchener acredita que o final de abril/início de maio é uma data mais realista para o desembarque das tropas.

A reunião do Conselho de Guerra encerrou-se sem que ninguém saísse realmente satisfeito. Uma terrível pressão fora agora colocada sobre os *Anzac* e as forças britânicas no Egito. O golpe limpo da espada veloz da vitória fora profundamente embrutecido. Darlington não tinha nenhuma sensibilidade para movimentos ousados. A crescente oposição política externa estava lançando um sopro negativo sobre a operação.

Conforme repassava as anotações, Churchill ruminava. Enquanto Churchill ruminava, o Cairo estava prestes a irromper em chamas.

CAPÍTULO 72



Sonya mandou as garotas pegarem os uniformes do grupo, trazerem sabonete e toalhas limpas para a fonte, onde já haviam mergulhado em conjunto para livrarem seus corpos do óleo e clarear seus pensamentos. Depois de ajudarem a enxugar os rapazes, Sonya mandou as mulheres embora e retirou-se para fazer café — café bem forte.

— Do começo, Sargento Yurlob.

— Eu estava trabalhando em Pig Island, na lista de requisição. Ao sair, vi que as luzes do escritório do Major ainda estavam acesas e fui pedir-lhe para assinar a lista. Bati e quando entrei vi que ele estava em péssimo estado.

— O que quer dizer?

— Tinha os olhos de um louco e suava muito.

— O que, em nome de Deus, podia ser?

— Havia uma carta na mão cerrada do Major. Enfiou-a no bolso como se eu fosse tentar lê-la.

— Eu peguei a correspondência dos oficiais — disse Johnny. — Havia uma carta para o Major. Eu a levei pessoalmente para ele.

— Eu recebi cartas de meu pai e de minha mãe hoje — disse Jeremy. — Não havia nada nas minhas que indicasse qualquer problema.

— O Major mandou que eu me retirasse, bruscamente — continuou Yurlob —, mas quando comecei a sair... “Espere, temos algum transporte do *pool* de veículos?” Havia apenas um caminhão de carga, aquele com problemas na caixa de câmbio. O Major ordenou-me que o levasse a ele.

Enquanto se vestiam, Yurlob sentiu um cheiro que sabia ser militarmente proibido. Examinou o luxo à sua volta com o semblante impassível.

— Continue falando, estou ouvindo — disse Jeremy, amarrando as botinas.

— Temendo que o Major não estivesse em condições de dirigir e como o veículo não estava em tão bom estado para ser dirigido, ofereci-me

para levá-lo. Ele tentou dar partida no caminhão sozinho, mas depois de quase arrancar as marchas, concordou em deixar que eu o levasse ao Cairo.

Sonya chegou com o café e retirou-se para preparar mais.

— Corri para o Cairo exatamente como o Major Hubble mandara.

— O que ele lhe disse? Alguma ordem? Alguma indicação do que o estava perturbando?

— Tudo que me pediu foi para levá-lo a um hotel retirado onde não houvesse nenhum oficial. Há um pequeno clube *sikh* no distrito de Shari el Haram, saindo da estrada Pyramid, mas não é um lugar aonde se possa levar um oficial do Exército Britânico. No entanto, ele insistiu.

— Conheço essa área desde antes da guerra — disse Modi. — É um lugar de bandidos.

— Parei no Hotel Aida. Fiz o registro para ele e levei-o rapidamente ao quarto número vinte e dois, o melhor do lugar, mas dificilmente adequado para um homem do seu status. Ordenou-me que fosse embora. Temia por ele, por isso dei a volta no prédio para ver se podia avistar seu quarto. Foi o que fiz. Do telhado de um prédio anexo, em uma viela muito estreita, era possível arrastar-se até a borda e ver parte do seu quarto. Aguardei durante horas. Então, outras pessoas entraram no quarto, rápida e silenciosamente. Quando cheguei ao quarto dele, fui detido por dois policiais que guardavam sua porta.

— A presença da polícia não atraiu ninguém?

— Não, não. Entraram silenciosamente sem causar nenhum distúrbio e de seu quarto ouviam-se sussurros, apenas sussurros.

— Está sentindo o cheiro do mesmo rato que eu, Jeremy? — perguntou Rory.

— Sim, continue, Yurlob.

— Dentro do quarto estão quatro policiais, um inspetor da polícia e um civil. O Major Hubble está na cama, despido e quase inconsciente. Eu diria drogado. Senti cheiro de clorofórmio. No chão, estenderam um lençol sobre uma mulher que foi assassinada, Parece que é uma prostituta. O civil disse-me para encontrar o Tenente Jeremy Hubble e me deu este endereço. Disse-me para manter segredo ou isso custaria a vida do Major.

— Faruk el Faruk — disse Chester.

— É ele — concordou Jeremy.

— Meu Deus — murmurou Rory —, uma prostituta morta no chão e um oficial britânico drogado. É uma armação, Jeremy.

— Eles lhe falaram em resgate?

— Não —, respondeu Yurlob. — Somente para levá-lo sozinho ao Hotel Aida imediatamente.

— O Tenente não nos deixou pagar pela vila, como você sabe — Rory. — Como tem feito os pagamentos?

— Estabeleci uma linha de crédito através das Oficinas de Ferro Weed em Londres. Minha mãe dirige o escritório, Paguei Faruk el Faruk com cheques da Cook's Travel.

— Bem, parece que estão atrás de alguma coisa grande. Se isso for tudo que querem, talvez estejamos com sorte — disse Rory. — Estão sempre à cata de alguma coisa desse tipo. Quantos oficiais graduados você acha que foram chantageados nesta cidade? É o jogo deles. Jeremy, por que diabos seu irmão iria querer frequentar tal pocilga?

— Obviamente, ele recebeu alguma notícia horrível. O que o faz tão otimista de que possamos resgatá-lo?

— Se fosse como seria de esperar: oficial vai para hotel de última categoria, pega uma prostituta, assassina-a, ele próprio está inconsciente. A polícia chega. O que fazem em circunstâncias normais? Eles o prenderiam e acusariam. Mas não fizeram isso.

— Compreendo — disse Modi. — Um oficial britânico de certo posto e um assassinato atrairiam uma multidão. Não há nenhuma multidão. O Cairo toma-se uma cidade pequena. A notícia chega às pessoas certas de que há um peixe vivo na linha no Hotel Aida.

— Os cretinos, filhos da puta insolentes — grunhiu Jeremy.

— Graças a Deus que tudo que querem é dinheiro. Isso nos dá uma abertura — disse Rory, assumindo o comando.

— Tem toda razão, companheiro — disse Johnny. — Acho que devemos reunir umas duas dúzias de soldados em alguns bares e invadir o local.

— Não, nenhuma tática brusca. Não podemos envolver mais ninguém. Eles querem manter o caso em segredo. Temos que proteger o Major.

— Ele tem razão, Johnny — disse Jeremy.

— Como você chegou aqui, Yurlob? — perguntou Rory.

— Táxi. Está esperando mais embaixo na rua.

— Onde está o caminhão?

— A cerca de três quadras do hotel.

— Merda, espero que ainda tenha as rodas.

— Ele está bem — assegurou-lhe Yurlob. — Guardei-o no pátio do posto da polícia militar. Há uma pequena unidade sikh. Meu primo o está guardando.

— Chester, você consegue dirigi-lo?

— Descobriremos — respondeu Chester.

— Você disse que o saguão do hotel parece como se tudo estivesse normal?

— Sim.

— Saguão grande ou pequeno?

— Bom tamanho. Um hotel muito movimentado.

— Você acha que, digamos, Modi e Johnny podem simplesmente entrar e subir as escadas para o quarto do Major?

— Sim, mas e a polícia?

— Há alguns pedaços de cano pequenos que sobraram dos reparos na fonte. Acertem a rótula dos tiras na porta e tomem suas pistolas.

Johnny e Modi assentiram.

— Encontrarei o lugar no telhado de onde Yurlob ficou de vigia. De lá pode-se alcançar o quarto do Major?

— Com um salto.

— Pode-se ouvir o badalar do relógio da estação de trem?

— Com clareza.

Rory consultou seu relógio.

— Quando soarem as seis, significa cinco horas. Na quinta badalada... Johnny e Modi golpeiam os policiais junto à porta. Eu entrarei pela janela. Yurlob, empurre o Major para baixo da cama e proteja-o.

— Eu quero Faruk el Faruk — sibilou Jeremy.

— Eu ficarei com o inspetor — disse Rory.

— Mas e quanto aos outros quatro policiais armados? — perguntou Yurlob.

— Pensaremos em alguma coisa. Improvisaremos. Jeremy você e Yurlob peguem o táxi. Seguiremos depois de cinco minutos.

— Rory! — gritou Sonya.

— Ah, meu Deus, eles vão se vingar em vocês? — disse Rory.

— Não se preocupe. Estou a caminho de Alexandria. Vocês são rapazes maravilhosos. Por favor, quebrem a cara do inspetor Rawash. Ele me deu vinte anos de sofrimento.

O quarto era exatamente como o Sargento Yurlob o descrevera. Christopher estava estendido num colchão sujo, encaroçado, com um lençol mais sujo ainda encobrendo metade de seu corpo e ele resmungava incoerentemente.

— Sou eu, Jeremy!

Christopher tinha os olhos vidrados, mas focalizaram-se em uma espécie de reconhecimento, depois se apagaram outra vez.

— Onde está o uniforme dele?

O inspetor Rawash, que era muito fácil de ser identificado, indicou o *closet* com um movimento de cabeça. Jeremy remexeu os bolsos e encontrou o procurava — um frasco e uma carta. Tirou a tampa do frasco e cheirou-o.

— Cianureto — disse Rawash.

— Seu ou dele? — perguntou Jeremy.

— Dele.

A carta era da mulher de Chris, Hester. Tinha apenas uma página. Dizia que nunca o amara realmente e que a vida no confinamento do condado era insuportável. Apaixonara-se por um sujeito comum, um músico. Estava grávida e haviam fugido juntos, para longe da Irlanda e das Ilhas Britânicas.

Qualquer rancor, qualquer raiva que Jeremy já tivesse sentido pela pobre criatura, inerte e balbuciante, desapareceram.

— Você vai ficar bom, Chris — disse Jeremy a seu irmão, impossibilitado de compreendê-lo. — Yurlob, arranje um pouco de água, limpe-o e o vista em seu uniforme.

— Há algumas questões a serem resolvidas, Visconde, *m'Lord* — disse Faruk el Faruk. — Quero apresentar-lhe o inspetor-chefe Rawash, que comanda o lado oriental do Cairo.

— É uma honra — disse Rawash.

— Claro, para mim também.

Meu Deus, que par de víboras viscosas saídas de alguma história terrível. Que jogo sujo e asqueroso. Contatos... temos um vivo... graças a Alá, seu irmão é o Visconde Hubble, o Tenente da Villa Valhalla!

— Temos uma situação muito grave. Uma mulher foi morta no quarto do seu irmão e no momento ele não honra muito o Exército Britânico. Se o levarmos ao tribunal... bem, não terei mais controle sobre a questão — declarou Rawash.

— Quando o inspetor encontrou os documentos de seu irmão, procurou-me pela vaga possibilidade de eu conhecer esse cavalheiro, já que lido com dignitários.

— E há a questão da Villa Valhalla — continuou Rawash. — É ilegal que estejam lá, fazendo festas proibidas e fumando haxixe, um crime muito sério no Cairo.

— Você tem muitos crimes sérios no Cairo. E, depois, você não tem que fumar haxixe. Tudo que tem a fazer é descer a rua e respirar — disse Jeremy.

Faruk el Faruk esboçou um sorriso diante da ironia.

— Convenci o inspetor-chefe Rawash de que há uma forma melhor do que prender seu irmão e levar a desgraça completa à sua família.

— Tenho certeza de que o fez.

— Meu caro Visconde. Nós não o convidamos ao Cairo. Mas já que o senhor mesmo se convidou, por favor não tente mudar 25 séculos de tradição.

— Esta cidade vai ser destruída pelas tropas. Deve saber disso — disse Jeremy.

— O Cairo já suportou quinhentos distúrbios e ainda está de pé. Como ficará o condado de seu pai depois disso?

— Quanto quer?

— Estamos dispostos a manter segredo absoluto, mas muitas pessoas têm ser agraciadas para termos certeza de que isso aqui jamais aconteceu.

— Quanto?

— O senhor faz tudo parecer tão vulgar!

— Quanto?

Os egípcios dirigiram-se para o canto do quarto para confabular. Yurlob estava ocupado, colocando Chris num estado razoável. Jeremy queria levá-lo à enfermaria o mais depressa possível.

— Temos que esperar aqui até que o escritório da Cook's Travel abra às sete e meia — disse Faruk el Faruk. — Eu e o senhor iremos lá e descontaremos um cheque de dez mil dólares.

— Dez mil dólares!

— Sem barganhas, sem barganhas. Acredite-me, depois que cuidarmos de todo mundo, não sobrarão nem cinco libras para mim.

— Não posso emitir um cheque nesse valor.

— Mas claro que pode. Tudo que é seu é aprovado. Se houver algum problema, eu já reservei uma linha telefônica para Londres. Você pode explicar ao pessoal das Oficinas de Navios e de Ferro Weed.

— Você é um canalha. Vive apenas para fazer negociatas. Que modo de vida!

— E seu pai não se tomou o que é à custa de negociatas e cadáveres, *m'Lord*? Lamento que não compreenda certas tradições. Oportunidades como a que temos agora só acontecem uma vez na vida. Suas tropas saqueiam nossa cidade. Nós saqueamos vocês.

— Vocês mataram esta mulher e a plantaram aqui.

— Ela não tem nenhum valor. Ninguém forçou seu irmão a vir até aqui. Está disposto, sim ou não, a acompanhar-me ao Cook's? Quer seu irmão de volta, sim ou não?

— Está bem. Você venceu — disse Jeremy.

Largos sorrisos de rostos exultantes.

— Ótimo, ótimo. — Faruk el Faruk fulgurava. — Temos tempo até o raiar do dia. Joga gamão, Lorde-Visconde?

BONG, soou o relógio da torre da estação de trem.

— Não, não jogo.

— Ah, que pena.

— Jogarei com você — disse Rawash.

BONG!

— Primeiro, é melhor mandarmos trazer alguma coisa para comermos.

Yurlob colocou-se diante do Major enquanto Jeremy olhava para o chão parecendo desconsolado, mas mantendo-se a um passo de distância de Faruk el Faruk.

BONG!

BONG!

— Vou armar o tabuleiro na mesa.

BONG!

Jeremy contou, mil e um, mil e dois, mil e três, ah, meu Deus, mil...

— IAHHHH!

— AHRRRGGG!

A porta foi arrancada das dobradiças quando Mordechai Pearlman e Johnny Tarbox arrombaram o quarto brandindo um par de pistolas tomadas dos guardas.

Rory entrou voando pela janela, caindo em cima de dois dos policiais. Enquanto tentavam levantar-se, ele bateu a cabeça de um contra a do outro. Yurlob empurrou o Major Hubble para baixo da cama, em seguida agachou-se enquanto os outros dois policiais disparavam. Jeremy desfechou um soco no maxilar de Faruk el Faruk, derrubando-o como uma múmia.

Houve uma curta, mas violenta destruição de mobília entre gritos e jorros de sangue vermelho vivo. O inspetor Rawash deslizou pela parede e estava prestes a escapular pela porta quando Rory o alcançou e o prendeu com uma chave de braço.

— Diga-lhes para largar as pistolas! — ordenou-lhe Rory.

O inspetor, gritando de dor, balbuciou ordens para que se rendessem, AGORA!

AHUGAH! AHUGAH! A buzina do caminhão soou na rua.

— Modi! Johnny! Tragam aqueles dois tiras do corredor aqui para dentro, depressa.

AHUGAH! AHUGAH!

Os seis policiais foram algemados com suas próprias algemas e enfiados no *closet*. Rory orgulhosamente lembrara-se de trazer os cordões de seus robes em Villa Valhalla. Fechou a porta.

— Vamos, Rory, vamos sair logo daqui.

— Só um minuto. — Rory dançava na ponta dos pés, lançando murros. Ainda não acabara, ainda não.

AHUGAH! AHUGAH!

Rory aproximou-se do inspetor Rawash, que estava apavorado demais para suplicar em voz alta.

— Entrei numa briga com um *aussie* grandalhão em Fort Albany, sabe...

— Vamos, Rory, o caminho está livre — gritou Johnny.

— Cale-se! — respondeu Rory, quase espumando. — Sabe o que o maldito *aussie* me fez? — Rory agarrou Rawash pelas lapelas. — Foi isso que fez comigo — disse, lançando a testa bem no meio dos olhos do inspetor.

O homem, salpicado de sangue, caiu, prostrado. Rory, quase derrubando a si próprio com o golpe, limpou o sangue de Rawash de sua própria testa, voltando-se para Faruk el Faruk.

— Sabe o que eu fiz então com o filho da puta? — Rory passou os braços em volta do egípcio, levantou-o do chão e apertou-o até ele quase

perder a respiração, depois lhe mordeu a orelha até ela ficar presa apenas por um fio. — Foi isso que eu fiz!

Os dois logo foram amordaçados e amarrados.

AHUGAH! AHUGAH! a buzina rugia desesperadamente.

— Vamos, Rory!

Rory arrastou Christopher Hubble de baixo da cama, atirou-o sobre o ombro, enfiou duas pistolas na cintura e os conduziu para fora.

Uma turba furiosa e ameaçadora reunira-se ao pé da escada.

AHUGAH! AHUGAH!

Rory sacou uma das pistolas, engatilhou-a e atirou no candelabro. Os protestantes espalharam-se. Ele desceu as escadas atirando nos espelhos, nas janelas, no balcão de recepção. Tendo esvaziado uma pistola, começou a atirar com a outra.

— Saiam da frente, idiotas! Estou passando!

CAPÍTULO 73



Jeremy barbeou-se com muito cuidado, evitando diversos cortes, talhos, arranhões e equimoses em seu rosto, resultado das sobras de golpes no encontro do Hotel Aida. Uma batida na porta.

— Entre, por favor.

Christopher, ainda em péssimo estado, deixou-se afundar na poltrona, passando uma perna por cima do braço da mesma.

— Como está?

— Tenho um laudo do laboratório. Havia vestígios de, o que quer que isso seja, hidrato de cloral. Eu pedira vários drinques tentando encontrar os meios de escrever um glorioso bilhete de despedida e tomar aquela outra bebida, o cianureto. Você pode dizer que eles salvaram minha vida ao me drogarem. Ou eu fui cloroformizado primeiro e eles me forçaram a beber ou vice-versa. Eu estava bêbado demais para saber. Belo espetáculo — murmurou.

Jeremy lavou o rosto, aplicou um pouco de rum, cuidadosamente, fez uma careta de dor e sentou-se na borda da cama perto do irmão.

— Como está sua cabeça?

— Não muito bem — disse Christopher. — Sei que devo desculpas e uma expressão de gratidão aos capatazes, mas não estou bem certo se algum dia soube como pedir desculpas, ao menos com alguma sinceridade. Não é um traço próprio dos Hubble. Eu me humilhei como um mendigo qualquer e também estou tendo dificuldades para lidar com isso. Jeremy, não sei se posso mudar. Não sei como mudar ou mesmo se quero mudar.

— Ninguém espera realmente que você mude.

— Eu realmente me sinto obrigado a dizer que agradeço muito.

— Não precisa dizer-lhes nada. Você estava numa situação muito complicada e eles não hesitaram nem por um segundo.

— Eles o fizeram por sua causa, Jeremy.

— Somos apenas um bando de amigos dos mais diferentes lugares, que foram reunidos para atravessar a guerra. Temos que cuidar uns dos

outros.

— Eles me odeiam.

— Achem que você é um patife. Mas são bons homens.

Compreendem que as guerras não podem ser vencidas sem oficiais como você. Também ficaram profundamente abalados e penalizados com o que lhe aconteceu em casa.

— Acho tão difícil de compreender.

— Deveria. Você nunca esteve ao lado de ninguém.

— Não é verdade, Jeremy. Fiquei ao lado de papai e do General Brodhead.

— Para cobrir a si mesmo de glória. Ou ficou ao lado deles para proteger seus interesses. Nunca ficou ao lado de ninguém por amor.

Christopher ficou espantado e tentou reconsiderar. O passado parecia nublado. Quando? Nem mesmo uma vez? Estaria cada um dos seus gestos e ações mais profundos em relação a alguém encerrado numa agenda oculta para promover sua causa e imagem próprias? Ele alguma vez agira desinteressadamente, sem esperar reconhecimento e recompensa? Que criada na mansão o defenderia agora? Que mordomo? Ele não assumira o batalhão de mulas a fim de tomar-se Coronel, com sua própria brigada? Algum dia tivera mais do que uma consideração superficial por alguém abaixo do seu posto?

Christopher ultrapassara os limites. Não iria mais esconder a verdade. Estava frente a frente com Christopher. Quase engasgou, procurando as palavras; tiveram que ser cuidadosamente desenroladas.

— Sinto agora algo muito profundamente — murmurou. Agora conhecia a dor interior e ficara desnorteado. A descoberta da paixão reprimida repentinamente arrancou-o do pedestal onde se colocara e o trouxe para o mundo comum com o sofrimento comum. Vinte e cinco anos construindo uma armadura de atitude reservada, de desligamento da dor humana, haviam desaparecido, arrebatados dele e reduzindo-o a pó de repente. Bem-vindo à raça humana, Major Hubble.

Christopher reencontrou sua antiga fibra. Olhou seu irmão de frente.

— Quando tiramos Molly de você, fui o mais pérfido dos irmãos. Você se contorcia de agonia e eu o chutava e me regozijava. Eu me sentia superior a você. Quando se tornou um bêbado e eu o ultrapassei em patente, comprazi-me em humilhá-lo. Quando você ficou aterrorizado de assinar as demissões no acampamento Bushy, adorei atormentá-lo como um covarde.

Pôs-se de pé e prendeu as mãos atrás das costas. Estava satisfeito por suas palavras serem francas e sem hesitação, pois nunca se aventurara no território do coração.

— Nunca entendi realmente o significado da dor até abrir a carta de Hester. Dor física, sim. Mas uma pessoa mantém a arrogância quando cai do cavalo e apenas quebra um braço. Isso foi uma dor de uma dimensão terrível. Ah, admito que não amava Hester com nenhum fervor desmedido. Hester teve que ser refeita por mim ao longo do tempo para encaixar-se em um nicho. Quando não consegui engravidá-la, preocupei-me apenas que a minha masculinidade pudesse ser posta em dúvida. Eu não compreendia por que ela parecia tão perturbada.

Christopher sentiu a mão de seu irmão sobre seu ombro pela primeira vez desde que eram crianças. O toque de nenhuma outra pessoa em sua vida significara tanto para ele. Sentiu-o em toda a sua plenitude, pela primeira vez.

— Fui tolo em reprimir a dor em meu íntimo, mas não tinha consciência de que o fazia. A distância das outras pessoas parecia a maneira natural de agir. Ter compreendido tudo isso naquele único instante foi demais para mim. Eu traíra Hester com minha indiferença. Nunca senti ciúmes dela, nem uma vez. Não era alguém que despertasse muitos ciúmes, pode-se dizer. Ela existia apenas para atender às minhas necessidades, nada mais. Nunca compreendi que ela era um botão de rosa fechado que ansiava desabrochar. Ela está feliz agora... realmente apaixonada... uma criança na barriga e arriscando tudo. Somente agora percebo o que fiz a você. Meu Deus, você deve me desprezar.

— Nunca senti nenhum desejo de vingança. Gostaria de poder amenizar a sua dor agora. Mas não posso. Mas sou seu irmão e gosto de você.

Tudo aquilo era demais para Christopher, controlar-se, não desmoronar. Diabo, tinha o seu orgulho!

— O que posso fazer para recompensar aqueles rapazes? — perguntou em voz baixa.

— Tem que arriscar sua cabeça por eles — respondeu Jeremy sem hesitação.

— Estou ouvindo.

— O acampamento *Anzac* está começando a desarmar suas barracas. Os primeiros batalhões a se deslocarem são a infantaria, os sapadores, a

artilharia. Ao que tudo indica, somos o final da linha.

— Já falei com o General Brodhead sobre isso. Disse que se trata de uma típica trapalhada burocrática do exército. Somos oficialmente uma unidade de apoio. Unidades de apoio sempre vêm na retaguarda. Não se preocuparam com o fato de a Sétima Cavalaria Ligeira ter urgências inadiáveis. O Ministério da Guerra e Darlington estão operando no automático. Brodhead protestou em Londres.

— Temos que deixar o Egito em primeiro lugar, Chris. Se não tivermos mulas em Lemnos dentro de uma ou duas semanas e nos prepararmos às pressas, falharemos lamentavelmente em nossa missão — disse Jeremy. — Do que podemos perceber, vamos sofrer o diabo se as mulas não estiverem em boas condições.

Chris sentiu-se um pouco nauseado com os efeitos retardados das últimas 48 horas.

— Chris — continuou Jeremy —, fomos criados sob o axioma de que as outras pessoas só existiam para nosso uso. Ensinaram-nos que eles não tinham rostos, sentimentos, nem precisavam de nenhuma compaixão. O exército é uma fraternidade. O que o impele é sua dedicação às suas vidas, como seres humanos. Não são mulas a serem usadas até não termos mais utilidade para elas e descartá-las. São homens a ser conduzidos nesta guerra e eles confiam em você. Você sabe o que tem que ser feito.

Pig Island andava num estado de extrema melancolia. O Tenente Jeremy estivera ausente a maior parte do dia. O Major fora levado ao hospital há mais de 48 horas. O golpe abateu-se sobre eles com as primeiras ordens para desfazer o acampamento. Trens de tropas para Alexandria e navios para Lemnos partiriam dentro de dois dias. As datas de partidas dos batalhões entravam em abril. A Sétima Cavalaria Ligeira não estava incluída na lista.

Nenhuma mula, nenhum treinamento final. Galípoli parecia ser um segredo militar muito bem guardado que todos sabiam, inclusive os jornais de Londres. A turma de capatazes estudara os mapas. O terreno parecia traiçoeiro. O trabalho fracassaria se não obtivessem seus animais imediatamente.

Yurlob Singh entrou e todos abaixaram os olhos. Estavam em estado de culpa coletiva por terem excluído Yurlob da Villa Valhalla.

— Ouça, Yurlob — disse Rory finalmente —, sentimo-nos uns canalhas pela maneira como nós o tratamos.

— Foi uma patifaria — acrescentou Johnny.

— Muito mal — disse Chester.

Modi meneou a cabeça, envergonhado.

— Se estão falando da Villa Valhalla — respondeu o *sikh* —, tomaram a decisão certa. Eu não teria me sentido à vontade naquele ambiente e teria deixado vocês pouco à vontade também.

— Eu sei — disse Rory —, mas ao menos devíamos tê-lo convidado e, se não desse certo, tudo bem. Mas deveríamos tê-lo convidado.

— Teria sido pior ainda — respondeu Yurlob. — Eu seria obrigado a carregar o seu segredo. O comportamento de vocês estava claramente em conflito com o código militar. Fico satisfeito de não ter tido o ônus de manter o segredo.

— Tem certeza de que não está com raiva de nós? — perguntou Rory.

— Eu estava, mas não estou mais. Tive medo que não fossem corresponder ao dilema do Major. Mas vocês o fizeram e de forma realmente esplêndida.

— Na verdade, passou pela minha cabeça deixá-lo fritar-se — disse Modi. — Há pessoas, como o Major Hubble, que podem fazê-lo sentir que você é um judeu miserável sem sequer emitir uma palavra.

— Ou um moleque *sikh* — retrucou Yurlob. Isso fez com que todos ficassem sérios. — A questão é a seguinte: entramos neste exército como voluntários e ele é o nosso comandante, portanto temos que ser leais, se somos homens.

— Aliás, como vai nosso amado líder? — perguntou Rory. — Fizeram-lhe uma lavagem estomacal?

— Teve alta do hospital ontem. Hoje, ele se encontrou com o General de Brigada Brodhead e o General Darlington.

— Darlington, o chefe.

— Darlington!

— O Major Hubble e o General de Brigada Brodhead tentaram fazer o General Darlington mudar a ordem de partida dos batalhões e fazer a Sétima Cavalaria Ligeira chegar a Lemnos em primeiro lugar.

— Como sabe disso? — perguntou Johnny.

— O Tenente-Coronel Swaran Singh está a serviço do General Darlington desde que Darlington era CC de Punjab. Ele é meu tio, irmão do meu pai.

— O que aconteceu? — perguntou Chester, com voz trêmula.

— Não sei. Meu tio contou-me que em seus 22 anos de serviço no exército de Sua Majestade, nunca ouvira um oficial inferior falar tão rispidamente com um General.

— Meu Deus, o que ele disse?

— Acredito que as palavras mais fortes do Major Hubble foram quando ele disse ao General: “Você é um idiota.” Nesse instante, Darlington retirou seus homens da sala. Ficaram somente o Major Hubble e o General de Brigada Brodhead.

— Caramba!

— Minha Mãe de Deus!

— Quando foi que isso aconteceu?

— Há pouco mais de uma hora.

— Ah, meu Deus, eles o prenderam.

Permaneceram sentados, em um silêncio cheio de temor, até o Tenente Jeremy chegar. Jeremy de nada sabia, exceto que Christopher tinha uma reunião na Unidade.

— Será que aqueles tiras conseguiram sair do *closet*? — Chester perguntou-se em voz alta.

— Gostaria de saber se Sonya conseguiu sair do Cairo.

— Espero que tenha levado Shaara com ela. Shaara disse que Sonya prometeu levá-la para a Espanha.

— Ouvi dizer que o Cairo está prestes a explodir. Dizem que a Unidade deu licença a trinta mil soldados e fez saber que não seria feita nenhuma prisão por má conduta.

— Sim, eu também ouvi isso.

— Então o Cairo vai pegar fogo.

— Quisera poder ir.

— Nós fizemos nossa própria despedida.

— Espero que Sonya tenha conseguido sair da cidade.

Silêncio.

— Embora eu me sinta aliviado de não ter sido envolvido com a Villa Valhalla, eu também gostaria de ter uma tatuagem. Eu os vi quando tomavam banho e fiquei com inveja.

— Claro.

— Sem dúvida.

— Vai ter que esperar um pouco.

— Sinto-me honrado.

Silêncio.

Mordechai saiu e voltou com seu acordeão. Tentou tocar uma canção alegre. Recebeu olhares funestos. Tocou uma canção triste. Foi melhor.

— SEEEN-TIDO!

Todos se puseram de pé apressadamente quando o Major Hubble entrou, com aspecto pálido e fraco.

— À vontade — falou com voz rouca.

Enquanto se sentavam cautelosamente em suas cadeiras, Christopher entrelaçou as mãos atrás das costas e caminhou de um lado para o outro, em busca das palavras que expressassem as emoções que o dominavam.

— Ora, que droga — conseguiu dizer finalmente. — Obrigado. — Foi de homem em homem estendendo a mão e, uma vez feito isso, colocou-se na mesma postura anterior. — Isso não significa que eu esteja pedindo quaisquer desculpas pelo modo como tenho conduzido este batalhão. Embora algumas medidas possam ter parecido excessivas, temos um batalhão que nenhum outro pode igualar em toda a força expedicionária... Receio ter algumas notícias ruins.

Todos se encolheram e viraram a cabeça como se quisessem se desviar de um murro.

— As más notícias é que apresentei meu pedido de demissão ao General Brodhead por causa do meu comportamento e ele o recusou, de modo que devo continuar como seu comandante — deu uma risadinha com seu próprio senso de humor e ficou encantado de ver largos sorrisos o saudarem. — Não acho que vou mudar muito, embora tenha adquirido uma nova visão de minhas obrigações, no sentido de cuidar de vocês da mesma forma como cuidaram de mim.

Os olhos de Jeremy ficaram rasos de lágrimas. Chris fizera o primeiro gesto para fugir da prisão de uma vida inteira imposta pelo privilégio. Era o máximo de humildade que seu irmão podia reunir.

— Como disse, tenho outras notícias. Podemos nos reunir em torno dessa mesa grande aqui? Acham que podemos tomar um chá?

— Sim, senhor — respondeu Chester imediatamente, dirigindo-se ao bule sempre preparado.

— Nada além de chá para mim por algum tempo.

Chris afrouxou seu talabarte e colocou o dólmã nas costas da cadeira. Não podia deixar de sentir uma calorosa cordialidade vinda dos homens, um tipo de sensação que sentira de sua mãe, há muito tempo. Muitas vezes, ele passara por uma sala em um museu ou perdera uma ópera à qual deveria ter comparecido ou passara por algumas flores muito especiais em uma exposição e desejara ter entrado. Estava neste recinto agora e era um lugar maravilhoso para se estar.

— Devo dizer-lhe, Major — falou Rory —, que sentimos muito pelos seus problemas.

— Obrigado. Foi um choque. Eu realmente censuro grande parte da correspondência que sai daqui. Parece que essa é uma ocorrência bastante comum para nós... Vamos tratar do nosso assunto?

Depois que o chá foi servido e devidamente temperado com especiarias, Christopher exibiu um sorriso malicioso.

— Tive sorte de poder ter uma conversa com o Comando Central hoje. Consegui convencer o General Darlington a reverter a ordem de partidas. Agora, a Sétima Cavalaria Ligeira deve desfazer o acampamento e zarpar imediatamente.

Foi algo parecido com um hurra formal, mas todos gritaram de satisfação e bateram nas costas uns dos outros.

— A turma de capatazes agora assume uma posição-chave nas próximas operações. Vocês estarão lidando diretamente com oficiais, comandantes de companhia e de batalhão, *et cetera, et cetera*. Para estar à altura de seus deveres e de modo que não sejam perseguidos por causa de posição hierárquica, fui autorizado a conceder patentes... Goodwood, Yurlob, Tarbox e Landers: vocês agora são oficiais subalternos... Segundos-Tenentes.

Os homens que receberam a primeira notícia com tanta algazarra receberam esta com um silêncio perplexo, boquiabertos. Quando assimilaram à notícia, começaram a rir e a dar murros nos ombros um dos outros.

— Dr. Pearlman, como o veterinário das Forças Expedicionárias *Anzac*, foi promovido a primeiro-Tenente.

— Mas como? Eu nem existo oficialmente!

— Foi designado para o serviço pelo Exército do Czar. A Rússia é um aliado.

— Tenente Pearlman?

— Tenente Pearlman?

— Ei, Tenente Pearlman.

— Isso nos coloca a todos em condição de nos tratarmos pelo primeiro nome — disse Christopher. — Landers... Rory, você parte para Lemnos em 24 horas. Tenente Modi, você parte numa missão de compras imediatamente. Explicarei dentro de um instante. Tarbox e Goodwood trabalharão com Jeremy na logística de desmontar o acampamento e fazer o batalhão partir. Ordenem as coisas de modo a obter o máximo de velocidade e eficiência.

— Sim, senhor.

— Yurlob.

— Senhor.

— Você está encarregado de todo o equipamento de mulas. Escolha um grupo de trabalho da Companhia B.

Voltou-se novamente para Rory.

— Você deverá levar um pelotão da Companhia A para Lemnos e cercar os estábulos e todos os prédios de apoio que forem precisos, ferreiro, posto veterinário, *et cetera, et cetera*. Ao mesmo tempo, fará um reconhecimento do terreno de Lemnos e encontrará uma trilha de treinamento de cinco a oito quilômetros. Suas ordens determinam que seu comandante em Lemnos deverá lhe dar prioridade absoluta. Depois que sairmos daqui, faça um plano inicial do que vai precisar e leve-o ao meu escritório.

— Entendido.

— Dr. Modi. Nós requisitamos um barco de animais e ele está à nossa disposição em Alexandria. Você localizará quatrocentas a quinhentas mulas em ótimas condições e abrirá suprimentos para manter um fluxo de reforços, como necessário. Leve o primeiro lote para Lemnos, ontem!

— Perguntas, Major Chris. Estou mais do que certo de que posso arranjar umas duzentas mulas imediatamente.

— Meu Deus, onde?

— Chipre. As mulas de Chipre são famosas. Até figuram em Shakespeare.

— Não diga. E que peça é essa?

— *Otelo*.

— Ótimo. Bem, estamos com sorte. Chipre foi anexada e está sob o controle direto das forças britânicas.

— Conheço os mercadores de mulas dos anos que passei na Palestina. Por causa da urgência, preciso de algumas coisas.

— Diga.

— Os gregos são os gregos. Vou ter que barganhar muito. Se souber que posso oferecer uma gratificação, eles me venderão todas as mulas de que precisarmos e suas filhas também.

Chris parou para refletir. Atravessou sua mente a ideia de que ele não confiava inteiramente no judeu e hesitava em lhe dar carta branca. Diabo. Era preciso confiar.

— Você consegue fazer isso sem os comerciantes?

— Você não muda dois mil anos de negócios. Se um mercador pode ser comprado com uma propina, então deixemos que ele nos consiga todas as mulas. Ele as encontrará num minuto.

— Detesto fazer negócio desse jeito, mas, considerando as circunstâncias, pague o que tiver de pagar e leve-as para Lemnos.

— Ótimo — disse Modi. — Neste caso, gostaria de levar o melhor negociador comigo, um homem da Unidade de Mulas do Sião. Ele fala grego. Já fiz muitas viagens com ele. Chipre tem gregos, turcos e árabes. Ele sabe melhor do que ninguém como lidar com eles.

— Faz sentido. Qual o nome desse sujeito?

— Ben Gurion. David Ben Gurion. Nenhuma patente, como o resto da Unidade de Mulas do Sião.

— Nome estranho, não?

— É um antigo nome hebraico. Muitos dos colonos do Sião mudaram para nomes assim. E mais uma coisa. Preciso que o Yurlob venha comigo. Posso verificar a saúde e as condições físicas das mulas. Entretanto, preciso de um especialista para avaliar hábitos e temperamento. Até mesmo algumas das melhores mulas não podem ser treinadas. Preciso de um homem com olho crítico.

— É uma boa sugestão — disse Rory.

— Está bem, então, vão vocês dois... e esse Ben... alguma coisa.

— Acredite-me — disse Yurlob, concordando —, não vão nos vender nenhuma mula de três pernas.

18 de março de 1915 — Enviado do Quartel-General, Chipre, às 5:30, pela comissão especial de compras de mulas para o Major Christopher Hubble —

Batalhão da Sétima Cavalaria Ligeira da
Nova Zelândia — Acampamento *Anzac*
— Mena Egito Ponto Decodificado no
Centro de Informações da Unidade —
Entregue OK

Mensagem:

Trezentas e vinte e oito magníficas
mulas compradas e a caminho de
Lemnos. Mais duzentas prometidas até o
final da semana. Navio fará viagem de
ida e volta para transportá-las. Por causa
do número, Ben Gurion pôde comprar o
lote bem abaixo do valor de mercado.
Segundo-Tenente Yurlob Singh
adequadamente tatuado em Nicósia.
Shalom. Tenente Modi.

CAPÍTULO 74



16 de março

*Para o primeiro-Lorde do Almirantado
Winston Churchill do Almirante HH Harmon
Comandante, Forças Navais do Mediterrâneo*

Às 5:00 foram iniciadas as operações para a conclusão das operações de caça minas. Varreduras anteriores mostraram-se extremamente limpas, mas o serviço de inteligência adverte que os turcos estão continuamente semeando novos campos, bem como desvios isolados.

Nossas forças entraram no estreito com quarenta e dois caça minas classe LM, 15 caça minas franceses, mais o seguinte:

Oito classe Beagle adaptados para caça minas.

Seis classe River.

Quatro torpedeiros como observadores com varreduras leves.

Uma flotilha de embarcações de guarda avançada com rastreadores de explosivos.

Fuzileiros atiradores de elite a bordo de todas as embarcações.

As operações continuarão até as 9:00 de 18 de março, quando terá início o

avanço conjunto no estreito de Dardanelos.

17 de março

Setenta e quatro minas destruídas. Nenhum dano sofrido por nossas embarcações.

Aventuramo-nos além de Fort 20 sem nenhum ataque das forças turcas.

Operações encerradas ao anoitecer, embarcações recolhidas.

18 de março

5:30 — Todos os caça minas entraram no estreito para um giro final.

Iniciado o ataque ao estreito de Dardanelos

10:45 — Queen Elizabeth, Inflexible, Lord Nelson, Triumph e Prince George entram no estreito.

12:22 — Os navios franceses Seffern, Gaulois, Charlemagne e Bouvet agora em Dardanelos e travando combate com os fortes turcos.

13:25 — Os fortes turcos números sete, oito, oito A, treze, dezesseis, dezessete, vinte e vinte e um parecem ter sido silenciados.

ALERTA VERMELHO ALERTA
VERMELHO ALERTA VERMELHO
ALERTA VERMELHO

13:54 — Navio francês Bouvet lançando fumaça — em dificuldades.

15:58 — Bouvet adernou e afundou em 36 braças antes que o socorro pudesse alcançá-lo.

13:59 — *Hull, Implacable, Lon Don e Prince of Wales* ordenados para

entrarem no estreito para reforçar a frota.

14:30 — Navios de socorro entram no estreito e preparam-se para atacar. Caça minas de reserva ordenados para entrar.

ALERTA VERMELHO ALERTA
VERMELHO ALERTA VERMELHO
ALERTA VERMELHO

16:04 — *Irresistible* adernando para estibordo.

16:14 — *Inflexible* bateu em mina, abandonando as fileiras e dirigindo-se para fora de Dardanelos.

ALERTA VERMELHO ALERTA
VERMELHO ALERTA VERMELHO
ALERTA VERMELHO

17:30 — *Irresistible* abandonado sob fogo turco, afundando rapidamente.

ALERTA VERMELHO ALERTA
VERMELHO ALERTA VERMELHO
ALERTA VERMELHO

18:50 — *Ocean* atingiu mina, adernando, ordenado para ser abandonado, afundando rapidamente.

18:51 — Levantamento das embarcações pequenas indica que sete caça minas de diversas classes afundaram e dez outras foram atingidas.

ALERTA VERMELHO ALERTA
VERMELHO ALERTA VERMELHO
ALERTA VERMELHO

19:00 — *Gaulois* seriamente danificado pelo bombardeio, está afundando.

ALERTA VERMELHO ALERTA
VERMELHO ALERTA VERMELHO
ALERTA VERMELHO

*Todos os navios ordenados para
suspender fogo e se retirarem de
Dardanelos imediatamente.*

O SEGUNDO INTERLÚDIO



GALÍPOLI

de Rory Larkin

Parte Um: Enseada Anzac



Entre os dons preciosos que meu amado tio, Conor Larkin, me deixou de herança, um foi o de conhecer o luxo de inclinar meu rosto sobre um livro aberto e absorver suas páginas até meus olhos ficarem mais vermelhos do que brancos.

Por causa disso, sou capaz de alcançar certo grau de ideias coerentes quando coloco palavras no papel. Conor ensinou-me que a mais antiga das compulsões humanas, a que distingue o homem de todas as outras criaturas, é um desejo insaciável de deixar atrás de si a história de seu tempo, de desenhos nas paredes das cavernas às obras-primas de literatura e, neste caso, as recordações de um soldado de uma batalha que jamais deveria ter ocorrido.

Essa urgência em lembrar-se começou no dia que o *Wagga Wagga* entrou no porto repleto de navios de Mudros, na ilha grega do mar Egeu chamada Lemnos.

Parte da campanha retoma a mim em fragmentos. Algumas das coisas que ouvi ou aprendi, tudo está gravado em minha alma. Os eventos se entrelaçam, como os corpos sem vida de turcos e *Anzac* jazem interlaçados numa terra de ninguém, a baioneta de cada um tendo perpetrado seu golpe e então morrendo juntos, caindo de joelhos, depois dormindo para sempre nos braços um do outro.

Lemnos, um afloramento pardacento de algum antigo vulcão, erguia-se do mar a quase cem quilômetros de Galípoli e deveria ser a base avançada de nossa expedição.

No porto de Mudros e nas praias, fazíamos constantes manobras, tentando apurar a difícil tarefa de descer pelas escadas de corda dos navios para os barcos de desembarque, depois remar até a praia.

A Sétima Cavalaria Ligeira teve sorte de obter três semanas inteiras de treinamento intensivo com as mulas. Yurlob e Modi fizeram uma boa compra. Como o ensaio final de um empreendimento disperso, tudo se encaixou nos seus lugares em Mudros.

Na terceira semana de abril de 1915, embarcamos novamente no *Wagga Wagga* abatidos com as ordens para Yurlob Singh permanecer em Lemnos, designado para treinar novos carregadores e mulas e enviá-los para nós, conforme nossas perdas demandassem.

Yurlob Singh quebrou sua postura militar de uma vida inteira e caiu em prantos nos braços de Modi quando embarcamos. Ele não existira para os capatazes até o incidente do Hotel Aida. Não nos demos conta dos profundos e duradouros laços que havíamos estabelecido entre nós. Agora, compreendíamos que aquela aventura significaria amizade para toda a vida. Bem, isso é muito mais do que alguns casamentos.

Uma armada magnífica de mais de cem navios, conduzida por meia dúzia de poderosos encouraçados, partiu resolutamente para atravessar os quase cem quilômetros de mar até a península de Galípoli.

A mensagem do General Darlington foi lida para nós, uma exortação um pouco infantil, em minha opinião:

ANZACS! SEGUIMOS AVANTE
NUMA NOBRE MISSÃO. SEI QUE
PROVARÃO SEU VALOR COMO
FILHOS DO IMPÉRIO. EM NOME
DOS SEUS COMANDANTES E DE
SUA MAJESTADE. DESEJO-LHES
BOA SORTE. TRÊS VIVAS E DEUS
SALVE O REI!
DARLINGTON
COMANDANTE-GERAL
FORÇAS EXPEDICIONÁRIAS
ALIADAS

Promovido a General-de-Divisão, *Sir Llewelyn Brodhead*, o comandante *Anzac* mostrou-se um pouco menos animado. Referiu-se à sua antiga simpatia por australianos e neozelandeses e afirmou que nos considerava à altura da missão a cumprir.

Recebemos uma terceira mensagem do General de Brigada *Sir* Alexander Godley, que comandava as forças neozelandesas, mas que permanecera um enigma para nós. Dizem que ele era um anglo-irlandês oportunista remanescente da Guerra dos Bôeres e contratado pelo governo da Nova Zelândia para desenvolver nossas forças armadas. Os poucos vislumbres que tive dele deram-me a impressão de algo como uma escultura de gelo.

Johnny, Chester e eu entramos no salão dos oficiais um pouco presunçosamente para as instruções dos oficiais. Foram distribuídos mapas e um mapa maior foi desenrolado sobre o quadro-negro.

Galípoli.

Ouviram-se risos e aplausos.

— Vejo que ninguém aqui parece surpreso — disse o Major Chris, continuamente pondo à prova sua nova inclinação para o humor. — Primeiro, o esquema geral. Uma divisão francesa, formada principalmente por colonos norte-africanos, marroquinos e outros, desembarcarão no lado oriental, ou asiático, dos estreitos de Kum Kale. É a região da antiga Tróia, Homero, da *Odisseia* e toda essa baboseira que nossos perversos professores nos obrigam a aprender. Não há uma presença militar turca significativa em nenhuma parte da província anatoliana e não se espera muita resistência turca. Assim, os franceses manterão aberta sua metade da porta.

Depois de breve pausa, continuou:

— O que é considerada a principal investida de invasão ocorrerá em Cabo Helles, aqui no topo da península. Um determinado número de brigadas inglesas desembarcará em Helles, principalmente para criar uma distração para a 29ª Divisão inglesa, que avançará pelo interior do país até esta colina aqui, Achi Baba. Até aqui tudo entendido?

Todos assentiram.

— *Anzac* — continuou Chris. — Quando a 29ª chegar a cabo Helles, os *aussies* desembarcarão simultaneamente dezesseis quilômetros ao norte, acima desta protuberância denominada Gaba Tepe. Nossa área foi designada como Brighton Beach. Como podem ver, os *aussies* estarão desembarcando num terreno suavemente ondulado.

— Resistência? — alguém perguntou.

— Não muita, achamos. Os turcos se concentrarão em cabo Helles e acreditamos que o fato de desembarcarmos a dezesseis quilômetros de

distância não lhes dará tempo de se organizarem. Tudo considerado, a unidade *Anzac* deverá estar na planície de Maidos, aqui, uma hora depois do desembarque. De lá o caminho deve estar livre para seguirmos até Dardanelos logo acima do Estreito, impedindo que os reforços turcos cheguem a cabo Helles.

— Segundo dia — continuou Chris. — As Brigadas da Nova Zelândia, os Aucklands, Otagos, Wellingtons, desembarcarão em Brighton Beach e se deslocarão com as unidades *aussies* em sua investida através da península. Landers, Jeremy, Goodwood, Tarbox, o Primeiro-Tenente Richards e o seu pelotão se dividirão em dois barcos. Jeremy, você levará metade do pelotão em seu barco com metade do arame farpado. Descarregue e guarde os suprimentos em segurança na praia.

— Tarbox!

— Sim, senhor.

— Você estará no segundo barco com Landers e Goodwood.

Assumirá o comando da praia usando a outra metade do pelotão. As tropas de ataque *Anzac* estarão carregando de três a cinco dias de munição, comida e água. Novos suprimentos estarão sendo desembarcados logo atrás de você. A praia pertencerá a você e Jeremy, organize-a.

— Sim, senhor.

Landers e Goodwood. Segunda leva, segundo dia. Vocês dois encontrem um lugar de estábulo para nós, delimitem-no, voltem para a praia e Jeremy levará o pelotão para cercar a área com arame farpado. Obviamente, queremos o máximo de cobertura possível para o estábulo e instalem-no o mais próximo da praia que a segurança permita. Desembarcarei no final do segundo dia ou bem cedo no terceiro dia e instalarei a sede do batalhão. As barças das mulas chegarão no quinto dia. Perguntas, cavalheiros?

— A 29^a inglesa sobe a partir de cabo Helles enquanto nós atravessamos a península — disse eu. — Imagino que haja um encontro.

— Sim, aqui, abaixo da chapada Chunuk Bair. Chunuk Bair é o bastião-chave em Galípoli. Esperamos consolidar nossas forças até o sexto ou sétimo dia, organizar um ataque e tomar a chapada Chunuk Bair, no oitavo ou nono dia. Quando essa cidadela cair, a península será nossa e o caminho para Constantinopla estará aberto. Na realidade, a unidade *Anzac* deverá agir como uma distração, um espinho no lado turco.

— O que existe ao norte de Brighton Beach? — perguntou o Capitão da Companhia C. — O mapa é terrivelmente vago.

— Concordo que não temos o melhor serviço de inteligência. Também tentamos fotografar de um avião. Tenho algumas fotos aqui, mas pareceram-me difíceis de compreender. Posso dizer uma coisa. Ao norte de Brighton Beach e mais para o interior de Chunuk Bair, o terreno é muito difícil: ravinas, barrancos, penhascos, *et cetera, et cetera*. É onde se espera a maior defesa turca. É precisamente por isso que estamos desembarcando ao sul, em terreno relativamente plano, para pegar os turcos de surpresa.

Havia muitas perguntas e a maioria das respostas caía em “não sabemos ao certo”, “segundo as nossas expectativas” e “acreditamos que”. Quantos turcos? Talvez quatro divisões. Não são consideradas tropas de primeira categoria.

Eu pessoalmente não gostava da subestimação dos turcos. Talvez isso seja o que sempre digam do inimigo antes da batalha. Os turcos eram experientes. Exceto por algumas poucas unidades nossas, éramos todos novatos, verdes, inexperientes, sem nenhum dia de combate. Os turcos estariam lutando em território turco. Eles estariam lá em cima e nós aqui embaixo, além do que... mais cedo ou mais tarde a chapada Chunuk Bair teria que ser tomada.

Talvez eu me preocupe demais, não sei. Eu costumava deixar o *Squire* maluco com minha mania de detalhes.

Quando finalmente consegui deitar e pensar, a irrealidade do que estávamos prestes a fazer atingiu-me em cheio. Seria muito fácil para um francês dizer por que ele estava numa trincheira no Frente Ocidental, mas por que as pessoas estariam tão excitadas com a febre da guerra em Auckland e Sydney? Foi por causa do Império que nos tornamos inimigos dos turcos, entretanto nosso relacionamento com o Império, nosso amor pelo rei, eram insignificantes.

A grande aventura, essa era a ideia. Sair de nossas pequeninas ilhas e ver o grande mundo lá fora. Havia uma guerra, então por que não ir enquanto era bom?

Georgia já tivera o seu quinhão de guerras. Conhecia a guerra. Nós apenas a imaginávamos. Talvez se vá para a guerra porque é o lugar para se ir, sem que se tenha a menor ideia do que ela realmente significa.

Uma coisa era certa. Todos nós — Jeremy, Johnny, Chester — tínhamos que mostrar uns aos outros que podíamos enfrentar o que estava

para vir. Isso se tomou a derradeira meta — sair vivos da guerra pelos nossos companheiros. Essa é a armadilha que faz a máquina funcionar; a fé no homem à sua direita e esquerda.

Os homens haviam se enredado nesse estranho fenômeno, nesse mesmo lugar, há mais ou menos três mil anos antes. Uma armada lançada pelo rosto de uma mulher — mas quem possuía o cavalo de Tróia agora, nós ou os turcos?

Repassei o meu próximo dia de trabalho mais uma vez. Talvez eu estivesse exagerando, mas coloquei um par de bandeiras de sinalização, uma pistola Very e dois foguetes de sinalização em meu equipamento de combate. Apenas um palpite de que, se eu estivesse sozinho, afastado, vasculhando uma área, gostaria que o pessoal da praia soubesse onde eu estava. Sentia-me bem em relação a Johnny e Jeremy, realmente bem. Mas estava um pouco preocupado com Chester. Chester fizera tudo que pedíamos dele e muito mais, porém havia algo de frágil em relação a ele. Eu o ajudaria a atravessar o primeiro dia e ele ficaria bem. Prometi a mim mesmo não deixar que ele entrasse em pânico...

Estou com sono... e ela está deitada ao meu lado na cabine do navio, tão branca e roliça e a seda verde brilhando e amoldando-se a seu corpo, entre as pernas... Era só o que faltava. Com tudo que tenho na cabeça, sinto uma excitação por ela entre as minhas pernas. Meu Deus, você sabe quanto eu a amei, Georgia. Ah, meu Deus, por que nunca poderei dizer-lhe isso?

Parecia que eu mal acabara de fechar os olhos quando uma explosão antes do amanhecer sacudiu o *Wagga Wagga*. Corremos para fora para ver os navios de guerra canhoneando. As explosões e labaredas avermelhadas eram visíveis a quilômetros de distância.

A luz do dia estava tão inundada da fumaça do bombardeio que não podíamos avistar a terra.

O apito do mestre cortou o tumulto.

— Primeira leva!

Uma chata grande parou ao lado do navio. Rolos de arame farpado, munição de metralhadoras, latas de água foram arriados e colocados na embarcação.

O Major Chris nos puxou para longe da balaustrada.

— Os *aussies* defrontaram-se com uma pesada resistência ontem — disse ele. — Estamos antecipando nossos horários de desembarque. Os

Otagos e Wellingtons chegarão à praia às 5:15. Antecipe seu horário para 5:45.

— A que distância no interior está o nosso pessoal?

— Não sei. Mantenha seus homens o mais próximo da praia possível. Defina seu próprio perímetro. Landers, Goodwood, é melhor levarem um grupo de metralhadora leve com vocês quando saírem para reconhecimento. Até mais tarde.

— Muito bem — gritou Jeremy a uns vinte metros no convés —, vamos descer.

— Rede aberta! Se alguma coisa se soltar, deixem cair.

Minha chata fez sinal de que nosso equipamento já estava carregado.

— Vamos, rapazes! — gritei.

Ah, meu Deus! Depois de descer dois degraus da escada, vi realmente o mar pela primeira vez. Espumava de estilhaços e balas! As águas agitadas jogavam a chata contra a lateral do *Wagga Wagga*. O homem abaixo de mim caiu da escada e foi imprensado entre o barco e o navio.

— Mantenham essas malditas cordas bem juntas ao navio!

Saltei para a embarcação e comecei a puxar os homens para dentro da chata e a empurrá-los para seus lugares. Johnny Tarbox foi o último a entrar. Soltamos as cordas e uma onda nos jogou para longe do navio.

Conforme o *Wagga Wagga* fez um giro completo e retirou-se para se reunir aos outros navios de tropas, uma dúzia de contratorpedeiros aproximou-se de nós e atirou cordas para nossas chatas, manobrando em seguida de forma a ficarmos atrás deles. Nosso contratorpedeiro, *HMS Greenport*, já rebocava um par de cais flutuantes. Com um grupo de chatas amarradas à popa, o *Greenport* esperou que os demais contratorpedeiros aprontassem seus reboques e todos se puseram a caminho numa fila deliberada em direção à praia.

A esteira dos contratorpedeiros, os projéteis e um mar revolto nos jogavam de um lado para o outro impiedosamente. Os homens começaram a vomitar.

— Vomitem entre as pernas!

De repente, entramos numa cortina de fumaça e lá estava ela, Galípoli! Minha primeira reação foi achá-la parecida com a Nova Zelândia num período de seca. Colinas ondeadas e...

Nossa embarcação sofreu um forte impacto e todos mergulharam no chão. Conforme nos aproximávamos lentamente da costa, a balbúrdia aumentou. O *Greenport* e outros contratorpedeiros lançaram âncora e começaram a bombardear as colinas.

Tínhamos que fazer mais uma transferência, das chatas para os esquifes, barcos leves de remos, do tamanho de barcos salva-vidas. Felizmente a chata era mais alta do que os esquifes e podíamos nos jogar da borda.

Johnny apontou:

— Aquela é a primeira leva, Rory. Os Otagos. Já estão na praia!

Vi o Primeiro-Tenente Richards, o comandante de nosso pelotão, abrindo caminho na direção da traseira do nosso barco. Um projétil arrancara seu braço e parte do ombro. Não sei como ele ainda conseguia estar consciente. Não havia lugar para colocar um torniquete nele. Estaria morto em alguns minutos.

— O Segundo-Sargento Amberson assume o meu comando — disse ele, depois caiu, contorceu-se, gritou e ficou imóvel.

— Retire suas divisas, arranque sua plaqueta de identificação. Pegue sua carteira para enviar para casa — disse Johnny com extrema calma.

Chester fez o que Johnny mandou enquanto eu chamava o Segundo-Sargento Amberson pedindo-lhe que erguesse a mão. Ele fez um sinal de resposta, indicando que estava no controle lá na frente do barco.

— Dois de vocês agarrem-no pelas pernas — disse Johnny, segurando por baixo do ombro o que restara ao Primeiro-Tenente Richards.

— Muito bem, rapazes, joguem-no ao mar.

Limpei o sangue de Richards dos meus binóculos. O Batalhão Otago estava entrando no território! Durante toda a manhã tudo em que conseguia pensar era em alcançar a costa, mas agora estava consumido pela vaga ideia de que o tempo iria parar de repente e uma voz do céu ordenaria que voltássemos ao *Wagga Wagga* e partíssemos para longe dali...

O tempo voava. 5:42.

Johnny cutucou-me nas costelas e sorriu.

— Remadores! Assumam seus remos!

Nossa leva de cerca de cinquenta barcos avançou até aproximadamente oitocentos metros da praia. Os remadores se revezavam, suavemente, praguejavam. O barulho do bombardeio era tal que tínhamos que

nos comunicar através de sinais com as mãos. Vamos, coloquem esse maldito barco em terra!

— IAAAAUUUU!

MEU DEUS! ALGO CAPAZ DE ARRANCAR MINHA CABEÇA!
SANGUE E OUTRAS COISAS DERRAMARAM-SE SOBRE MIM!

Instintivamente, apalpei-me sofregamente. Nenhum ferimento, nenhuma queimadura. Podia mover minhas pernas e braços, mas estava banhado de sangue e... e... MASSA ENCEFÁLICA! Meu rosto! Meu rosto! Estava tudo lá. Meu peito, tudo bem! NÃO! NÃO! O topo da cabeça de Johnny Tarbox fora arrancado.

Não sei o que me aconteceu então... estava quase inconsciente... ouvia vozes distantes e vagas.

— Arranque suas divisas... pegue a plaqueta de identificação...

— Esvazie os bolsos.

— Muito bem, rapazes, joguem-no ao mar.

Sentia-me resvalar para o fundo de um buraco e muito sonolento. Algo me atingiu. Um soco no meu queixo! Alguém me sacudia, gritava comigo. Meus olhos entreabriram-se.

Chester estava acima de mim. Segurava-me pelas lapelas e lentamente entrou em foco, esbofeteando meu rosto e sacudindo-me com todas as suas forças.

— Acorde, Rory! — gritou.

— O que... o que...?

— Merda, Rory. Controle-se. Temos um trabalho a fazer.

Tentei segurá-lo e agarrar-me a ele como uma tábua de salvação, mas ele me empurrou. Um soldado atrás dele entregou-lhe um balde de água do mar, que ele jogou em cima de mim, depois mais outro.

— Johnny! — Gritei. — Johnny! Johnny! Johnny!

— Johnny Tarbox está morto! Qual é o meu nome? Diga meu nome!

— Johnny...

— Merda, não sou Johnny. Ele está morto, Rory. Diga meu nome, seu filho da puta!

— Chester — choraminguei. — Chester Targood...

— Esse não é o meu nome!

Enfiei o rosto nas mãos, mas ele me agarrou pelos cabelos.

— Qual é o meu nome, seu cretino miserável! Diga meu nome.

— Segundo-Tenente Chester Goodwood, Sétima Cavalaria Ligeira da Nova Zelândia.

— Onde estamos?

— Galípoli.

— Qual é o seu trabalho!

— Assim que tivermos levado nosso pessoal para praia, descarregado e nos juntado a Jeremy... ele delimitará uma área e nós encontraremos um lugar para o estábulo e o cercaremos.

— Quem está comandando esta metade do pelotão?

— O segundo-Sargento... Amberson... lá na frente... estou bem agora, Chester.

— Onde estamos?

— O barco de Jeremy está um pouco atrás de nós. Mande as divisas e a pistola de Johnny para o Amberson lá na frente.

— Olhe para mim — ordenou ele.

Eu o fiz, assegurando-lhe que estava pronto.

— Me dê as divisas e a pistola de Johnny. Eu as levarei lá para a frente — falei. — Vou desembarcar primeiro com um grupo. Você conduz o resto dos rapazes, descarrega e espera perto da praia.

— Não avance muito para o interior — disse Chester.

— Pegue as bandeiras de sinalização da minha mochila — disse eu. — Pelo tamanho da algazarra não estamos longe das linhas de frente. Você e Jeremy me alcancem o mais depressa possível.

Abri caminho até a frente do barco. Meu Deus, como eu estava abalado. Minha cabeça funcionava, mas minhas pernas se recusavam a obedecer. Encontrei o segundo-Sargento.

— Qual o seu nome, Sargento?

— Chipper Anderson. Chame-me de Chipper. Você é Rory Landers. Eu o vi destruir o *aussie* em Port Albany.

— Bem, ele está do nosso lado agora. Chipper, permaneça na praia com Chester, que está lá atrás, o rapaz de óculos. Descarregue o barco e espere. Agora, preciso da metralhadora leve comigo. Vou avançar um pouco para o interior da costa.

— Cabo O'Rourke!

— Aqui.

— Traga sua turma e vá com o Tenente Landers.

— Certo.

O barco bateu em terra firme, desequilibrando-nos.

— Saltem!

Merda, tínhamos água até a cintura. Reuni O'Rourke e seus três rapazes e olhei para trás, para o barco, no momento exato de ver Chipper Amberson ser rasgado por tiros de metralhadora. Ele afundou, o barco atropelou-o e em seguida uma bolha vermelha veio à tona. Deus Todo-Poderoso. Ele foi um oficial por três minutos, talvez.

Chester estava ao meu lado e disse que detinha o controle, fiz um sinal para que o cabo O'Rourke e seus rapazes me seguissem.

Pude ver Chester passando o comando para um Suboficial e em seguida correndo pela praia, acenando para direcionar o barco de Jeremy.

AH. MEU DEUS DO CÉU!

Pela primeira vez em muitos anos, o nome de Maria me veio aos lábios numa prece. Brighton Beach estava entulhada de homens mortos ou à morte! Havia apenas alguns metros de praia e depois a subida íngreme dos montes. Os corpos apinhavam-se, uns sobre os outros como gaivotas com a chegada de um barco de arrastão, dezenas, centenas, imóveis ou gritando ou gemendo, enquanto outros tentavam colocar iodo e enfaixa-los... caminhei pela praia sem encontrar lugar para colocar os pés... desculpe, companheiro... os médicos já vão chegar... desculpe, companheiros... merda, um dos rapazes do meu grupo foi abatido.

Vimo-nos no meio de uma vegetação cerrada, espinhosa, de um metro e meio a dois metros de altura. Não era um aclave suave, estávamos subindo um monte íngreme e havia dezenas e dezenas de mortos enredados no matagal.

Encontrei uma área côncava suficiente para abrigar nós quatro e nos amontoamos ali.

— O'Rourke, sou Rory. Trabalhamos juntos em Lemnos. —

Virando-me para a esquerda, perguntei a um deles, dando-lhe um leve tapa nas costas: — Qual o seu nome, companheiro?

— Happy Stevens, de Palmerston North.

— Rory Landers. Quantas cápsulas temos?

— Duzentas.

— Não é suficiente. Happy, volte à praia. Encontre Chester Goodwood.

— Certo.

— Precisamos de uma caixa de talvez mais trezentas a quatrocentas cápsulas. Nós ficaremos aqui mesmo.

— Estou indo — disse Happy, agachando-se e partindo em direção à praia.

— Sabe ler um mapa, O'Rourke?

— Não me promoveram a cabo por nada.

Abri meu mapa. Estava pegajoso do sangue de Johnny. Olhei para cima do monte. Íngreme demais. Havia algo errado. Examinei a curva da faixa litorânea. O braço de terra chamado Gaba Tepe não era visível em nenhum lugar ao sul... mas ao norte... uma grande protuberância de aterro e depois uma longa, longa extensão de costa.

— Esta não é Brighton Beach coisa nenhuma — disse O'Rourke.

— Norte?

— Norte. Estamos ao norte de nossa praia.

— Parece que eles nos trouxeram para a praia bem no meio do exército turco. — Limpei meus binóculos. — Homens mortos colina acima, até onde consigo ver. — Podia imaginar os Otagos avançando em direção à linha *aussie* logo além de onde minha vista podia alcançar. — Há uma batalha acontecendo lá em cima, talvez a pouco mais de oitocentos metros. O terreno é realmente péssimo — disse eu, passando o binóculos para O'Rourke.

— Parece que os turcos estão acima de nossa linha de frente em terreno mais alto e abrindo fogo em direção à praia — disse ele.

— É isso mesmo — respondi. — Estão nos atingindo aqui em cima e embaixo com a artilharia. Estamos num ponto melhor por enquanto. Meu Deus, lá se vai um barco de desembarque para o inferno.

Percebi uma bandeira de sinalização a menos de vinte metros, atrás de uma moita.

— Estamos aqui!

Happy Stevens de Palmerston North... Por que pensei em Palmerston North?... disparou em direção a nós seguido de dois soldados carregando, um de cada lado, uma caixa de munição.

— O Tenente Hubble está na praia e em contato com o Tenente Goodwood. Subirão dentro de alguns minutos, assim que organizarem o pessoal na praia...

— Você é Dan Elgin — disse eu.

Ele sorriu.

— Gisborne, Poverty Bay.

— Acho que você encontrou Poverty Bay aqui mesmo — disse O'Rourke.

— E você é Spears — disse eu.

— Por Deus, você se lembrou. Kaikoura, Ilha do Sul.

— Claro, eu me lembro — disse eu —, Spears colocou a carga em sua mula de frente para trás, em Lemnos. Não o deixe alimentá-las com fitas de munição.

— Deixe comigo — disse Spears.

— Encontrem uma cobertura para vocês. Não se afastem mais do que alguns metros. Fiquem de frente para a praia para que as tropas que estiverem subindo o monte não os confundam com turcos.

Mal acabei de falar e uma nova leva de homens passou rapidamente por nós em direção à linha de frente. Fiz perguntas. As coisas não estavam melhores na praia. Pude ver por que Stevens de Palmerston North era chamado de Happy. Riu ao me ver e aproximou-se com Jeremy e Chester nos seus calcanhars. Apertaram-se junto de mim.

— Meu barco era uma enorme confusão — disse Jeremy, enfurecido. — Ficamos presos num banco de areia, tivemos que vir vadeando com água na altura do peito. Perdi três homens e vários rolos de arame. Chester disse que Johnny Tarbox não conseguiu chegar.

— Está morto.

— A praia está sob controle — disse Jeremy. — Empilhamos os rolos de arame farpado contra um montículo. Acho que está a salvo. O resto do pelotão sabe onde cavar. No momento, estão tentando levar os feridos para o navio-hospital.

Assenti com um movimento da cabeça.

— Bem, esse é o bombardeio naval para eliminar os turcos — disse Jeremy. — Não consigo nos localizar no mapa.

— Nem eu — falei — e não vejo nenhum lugar aqui para erguer um estábulo.

— Olhe! — gritou O'Rourke, apontando para cima do monte.

Surgindo no topo acima de nós, os feridos que conseguiam andar arrastavam-se de volta da linha de frente. Padiolas com os mais seriamente feridos eram carregadas por dois a quatro homens, a maioria dos feridos ajudando alguém ou tentando ajudar a carregar as macas.

— Fiz um sinal com a bandeira para um Capitão, o braço estilhaçado na altura do cotovelo.

— Nos dê algo para beber — pediu, arfando.

— Pode falar? — perguntou Jeremy.

— Capitão Huddleson, Companhia C, Otagos... o que restou dela... do outro lado da serra há um barranco fundo, depois um monte realmente alto... não figura no maldito mapa... não dá para ver daqui... mas você não vai errar. Os turcos estão entrincheirados lá em toda a extensão do campo... estão acabando com a gente...

Começou a tremer e seus olhos viraram para cima. Huddleson murmurou que precisava levar seus homens de volta para lugar seguro. Tentamos acalmá-lo, assegurar-lhe que chegariam à praia em segurança. Mais acima, um homem morto foi rolado para fora da padiola. O'Rourke trouxe a maca até nós e colocamos nela o Capitão.

A cerca de vinte metros acima havia um grande bloco de pedra. A vista seria melhor daquele ponto.

— Vamos subir e dar uma olhada. O'Rourke!

— Aqui!

— Venha, vamos subir até aquela rocha! Happy Stevens de Palmerston North!

— Oi!

— Você fica encarregado da metralhadora. Permaneça na sua posição. Não ajude os feridos, a menos que eles caiam em cima de você!

— OK!

Um a um, corremos a toda velocidade até a rocha e nos agachamos atrás dela, de costas para o topo do monte, para as linhas de frente. A visão do litoral dali era melhor. Enquanto o examinávamos com nossos binóculos, levadas de feridos ainda desciam das linhas de frente e tropas recém-desembarcadas passavam por eles a caminho do topo.

— Norte — disse Jeremy. — Eles nos desembarcaram ao norte de Brighton Beach.

— Norte — concordou Chester. — Estamos a quase dois quilômetros de onde deveríamos estar. Lá embaixo fica a planície de Maidos. Deveríamos estar atravessando-a.

— Jesus Cristo — murmurei. — Estamos caindo diretamente nas garras das defesas turcas. Devemos estar avançando diretamente para dentro de Chunuk Bair.

— Droga! — exclamou Jeremy. — Primeiro o bombardeio naval fracassa fragorosamente e agora isto. Será que ninguém se comunica em nosso comando?

— Diabo, não se preocupe, é apenas o primeiro dia — disse Chester.

— Muito engraçado.

— Bem, acho que é melhor encontrarmos um lugar para o estábulo — eu disse. — Lá adiante, afastando-se da praia, começam as ravinas e barrancos. Chester, quer me fazer companhia?

— Eu também vou — disse Jeremy.

— Foi você que enviaram para a escola de chefe da praia com Johnny. É melhor você voltar para lá, dar alguma orientação aos barcos que estão chegando e fazer com que aqueles malditos molhes sejam bem amarrados.

— Está me dando ordens? — perguntou Jeremy.

— Sim — respondeu Chester. — A praia é sua, Jeremy. Nós acharemos um lugar para o estábulo.

Jeremy resmungou, concordando.

— Todos nós queremos subir a colina e lutar contra os turcos — disse eu —, mas por outro lado, parece que somos os únicos aqui que sabem o que estão fazendo. Vou levar o grupo de metralhadora leve conosco. Se pudermos localizar um local para o estábulo até, digamos, três e meia, enviarei um dos homens de volta até você. Envie o máximo de homens e de rolos de arame farpado que puder para mim. Se passarmos das quatro, teremos que abrir uma trincheira para passar a noite.

— Tem sinalizadores?

— Tenho dois. Não há tempo de procurar mais.

— Há um vento soprando — disse Chester. — Olhe, um vento contrário, tudo no mar está sendo empurrado para o norte. Estaremos explorando aquela região lá — apontou. — Tentaremos ficar a uns duzentos metros da praia.

— Vejo-os mais tarde ou logo de manhã — disse Jeremy, partindo em direto à praia. Um homem com um ferimento nas pernas estava de joelhos. Jeremy levantou-o e passou o braço dele em volta do seu pescoço para ajudá-lo. Reuni meus homens.

— Estamos procurando um barranco ou uma ravina a nordeste, digamos de vinte a quarenta graus, ou como se fosse uma hora se aquele braço de terra for meio-dia. Avançarei em pequenas corridas de vinte

metros, mais ou menos. Chester estará sempre visível atrás de mim. Vocês nos seguirão a uma distância de uns vinte metros.

Foi o pior dia de minha vida. Ninguém nos havia avisado de que o sol elevava a temperatura acima de quarenta graus, mesmo na primavera. Não havia muito tiroteio, mas o dia foi despendido arrastando-nos sobre a barriga. Estivemos numa linha de fogo de Chunuk Bair até o que supostamente deveria ser Brighton Beach. Merda! Se tivéssemos desembarcado na verdadeira Brighton, estaríamos fora do alcance das armas deles.

Eu não podia ir rápido demais porque os rapazes atrás de mim estavam transportando uma carga razoável. Quis tirar minha jaqueta, mas a vegetação rasteira e as pedras teriam dilacerado minha carne.

De vez em quando quase desmaiávamos. Eu tinha que dizer-lhes continuamente que poupassem a água.

Cada barranco ou estava dentro da visão das armas turcas ou tinha uma borda muito saliente, expondo-nos à linha do horizonte.

MERDA, NÃO! MALDITOS FILHOS DA PUTA!

Estávamos encolhidos numa sombra segura, quando todo o nosso campo começou a explodir! Nossos próprios contratorpedeiros estavam atirando contra nós. Quando nos espalhamos para melhor cobertura, vi O'Rourke ser destroçado... em só Deus sabe quantos pedaços.

Pareceu demorar um ano até os idiotas dirigirem o fogo mais para cima da colina.

Aproximávamo-nos da hora combinada. Mais uma encosta para explorar, nosso quarto barranco. Ou seria este ou teríamos que encerrar a busca por aquele dia.

Deus! Era quase como avistar a Terra Prometida do outro lado do rio Jordão. O barranco abaixo fazia uma estranha curva em U, com a ponta chegando até a praia em um ângulo inclinado. Reunimo-nos e contamos os projéteis que caíam na área. Somente um em cinco minutos, fora das paredes laterais. Era bastante aceitável.

— Happy.

— Sim.

— Já é muito tarde para assentarmos o arame farpado, mas desça até a praia e diga ao Hubble onde estamos. Ele deverá estar aqui ao raiar do dia.

Atravessou minha mente a ideia de que todos nós poderíamos voltar, mas eu não gostava do topo da ravina. Era muito aberta. Diabos... não sei.

Não me agradava o fato de não haver ninguém das nossas tropas acima de nós ali... os turcos podiam simplesmente deslizar até a ravina...

— Vá embora, Happy. |

— Elgin, Spears, Chester. Gosto daquela reentrância na metade da parede da ravina. Vamos instalar a metralhadora lá.

Como era possível, com todos aqueles milhares de homens disparando milhões de tiros, terem deixado aberta aquela ravina? Instalamos a metralhadora de modo que se alguém entrasse até o meio da ravina, nós o pegaríamos em cheio.

Senti uma queimação no estômago. Estava com fome. Não comíamos há mais de vinte horas. Ouvira falar muito mal das rações, mas naquele dia nada poderia parecer mais gostoso. Isso mudaria com o tempo.

Conforme os disparos passaram da penumbra à escuridão, deslocamo-nos para ter uma visão melhor do litoral. Parecia haver um caos ainda maior. Repugnou-me a visão da água. Estava coalhada de corpos balançando-se.

Elgin e Spears ficaram com a metralhadora. Chester e eu tivemos nossos primeiros minutos para refletir. Encontrei uma rocha inclinada onde podia recostar e comecei a recriminar-me. Não me orgulhara muito de mim mesmo naquele dia.

— Esqueça — disse Chester, lendo minha mente.

— Não me reconheci — murmurei.

— E eu não tinha o cérebro e o sangue de Johnny todo em cima de mim. Você recuperou o controle em poucos instantes.

— Não é isso que quero dizer, Chester. Não que já não tenha sentido pavor em toda a minha vida. O pior medo que já sentira até hoje foi compreender que nunca mais veria Georgia. Mas fiquei completamente paralisado de terror quando Johnny foi atingido. Não conseguia me mexer. Não conseguia pensar. Meu Deus, não sabia que alguma coisa assim pudesse existir.

E eu que pretendia tomar conta de Chester naquele dia, certificar-me de que ele não perdesse o controle. Ele atravessou o dia como se fosse um passeio de domingo no jardim botânico.

— Você já sentiu o tipo de pavor que eu senti hoje, não é? — perguntei-lhe.

— Sim.

— O que lhe aconteceu?

— É simplesmente o modo como sua vida se apresenta, às vezes.

— O que se pode fazer a respeito, Chester?

— Reconheça que a partir de hoje o monstro estará pousado em seu ombro o tempo inteiro. Pode atacar cem vezes, nunca duas vezes do mesmo modo. É pior quando você finge que ele não está lá. Admita-o! Reconheça-o, no momento em que aquela onda de terror paralisá-lo e, no mesmo instante diga “olá, meu caro, é você outra vez... você sem dúvida me apavora, mas não pode me impedir de pensar ou me mover”. Logo adquirirá prática.

Peguei a carteira de Johnny. Havia uma foto dele com o pai. Amava o pai. Sempre pensava nele. A fotografia de sua mãe era tão antiga e desbotada que mal consegui divisar alguma coisa. Ele nunca recebeu uma carta dela.

Eu cometeria um erro básico em relação a Chester. Nunca julgue a coragem de um homem pelo seu tamanho. Não cometerei mais este erro. Aquele garoto era um gigante.

Voltamos ao encontro de Spears e Elgin.

— Dois dormem e dois ficam acordados — eu disse. — Vocês fazem a primeira vigília. Vejam se conseguem ficar acordados por duas horas. Se não, acordem-nos. Se tiverem que conversar, façam-no no ouvido um do outro. Nada de barulho, rapazes.

Chester e eu encontramos um terreno mais macio a alguns metros de distância. Estávamos quase adormecidos quando alguns projéteis de artilharia caíram bem perto de nós. Pudemos sentir o calor, as ondas de choque e o punhado de terra lançado no ar.

— Importa-se se eu ficar deitado bem perto de você? — perguntou Chester.

— À vontade.

— Se sentir uma ereção — ele disse —, não leve as coisas para o lado pessoal. Significa apenas que estou com vontade de urinar.

— Bem, você não vai conseguir nenhuma ereção de mira esta noite — retorqui.

Ele fez uma pausa.

— Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Hoje é o meu aniversário — disse Chester.

— Ora, vejam. O meu foi há uma semana. Fiz vinte e um anos. Agora, meu velho já não pode me obrigar a voltar. Que idade você tem afinal, Chester?

— A verdade?

— Não faz a menor diferença aqui.

— Estou fazendo dezessete.

Coloquei a mão sobre a boca de Chester e vi seus olhos se abrirem. roto! Não estava nem alarmado. Colei a boca junto a seu ouvido.

— Turcos — disse eu. — Passaram por cima da borda e já desceram até o meio do barranco. Elgin está com a mão no gatilho. Vou soltar um foguete de sinalização dentro de trinta segundos.

Rolei no chão afastando-me dele e coloquei um foguete luminoso na pistola Very. Quase não se ouvia nenhum barulho. Os turcos deviam com as botas envolvidas em trapos. Lá! O estalido de um galho... Quero que entrem um pouco mais... só um pouco...

Mirei na parede oposta do barranco de modo que pudéssemos iluminá-los sem que nós mesmos fôssemos vistos. O barulho do lançamento do cartucho provocou murmúrios altos e rápidos dos turcos. PRONTO! A noite transformada em dia! Foram apanhados e paralisados na luz branca e fulgurante... presos na armadilha. Os idiotas estavam agrupados.

— Agora!

Elgin foi magnífico... um verdadeiro artilheiro... explosões curtas... pegando primeiro os que podiam descarregar sobre nós... uma correria... lançaram-se em direção à borda, tentando fugir. Os rastreadores de Elgin continuaram a encontrá-los. Não acredito que nenhum deles tenha conseguido saltar por cima da borda e escapar vivo.

A luz sobre o barranco foi de branco brilhante a um vermelho cor de sangue opaco e se apagou repentinamente...

— É melhor passarmos para a outra parede do barranco para o caso de resolverem retornar. Bom trabalho, rapazes — disse eu.

— Não cheguei nem a usar a metade de uma fita de munição — disse Elgin, retirando o cabo de carregar a arma e passando-o por cima do ombro.

— Já peguei a caixa de munição — disse Spears.

Chester Goodwood estava paralisado, em seguida começou a tremer e estancou. Esbofetei-o, ele soltou um grunhido.

— Quer que eu o carregue ou pode segurar nas costas da minha camisa?

— Posso andar — assegurou-me, cambaleando.

Eu examinara os contornos do barranco durante as horas do dia e esperava que na escuridão quase completa eu pudesse achar o caminho de descida pelo centro e de subida do outro lado. De mãos dadas ou segurando na camisa uns dos outros, fomos resvalando e arquejando até chegarmos ao fundo do barranco. Algo macio sob meus pés. Merda, um turco!

Ele gemeu e gritou, suplicando por sua vida. Ousei voltar minha lanterna para ele por um instante. O estômago do pobre coitado estava para fora. Seus olhos gritavam por piedade!

— É melhor eu acabar com ele ou ele pode chamar outra patrulha. Sinto muito, Abdul — disse eu, dando-lhe um tiro.

Elgin e Spears estavam agitados, mas deitaram-se para dormir, debatendo-se e resmungando. Chester não dizia nada. Ele estava passando pelo mesmo horror que eu passara no barco de desembarque quando fiquei paralisado.

Assim, o que o dia trouxera? Eu perdera grande parte da reverência que sentia pelos homens que usavam divisas de Almirante e colarinho vermelho de General. Eles haviam feito grandes asneiras naquele dia.

Quanto a Chester Goodwood, acredito que as guerras foram feitas para sujeitos como nós. Ele se tornara um grande homem aos meus olhos.

Muito bem, Rory, você agora conhecia o pavor extremo. Sentiu-o outra vez quando a patrulha turca entrou no barranco, mas, por Deus, da segunda vez você manteve a cabeça fria. Elgin... que artilheiro... Happy Stevens de Palmerston North... onde ele estava? Isso mesmo, eu o mandei de volta à praia. Espero que tenha conseguido chegar lá...

O turco gemeu... recusava-se a morrer. Não conseguia me livrar daquele seu olhar desvairado. Quem estaria chorando amanhã em Constantinopla? Algumas crianças?

Nunca pensei que chegaria o dia em que eu acordaria com a mais pura alegria ao ver o Major Hubble. Happy fizera seu trabalho. Conseguira chegar à praia. Pouco antes do amanhecer o pelotão e a companhia do batalhão entraram pela ponta do barranco que dava na praia, carregando os rolos de arame farpado.

— Eu os vi no meio do barranco! Oito turcos mortos! O sujeito ferido havia se arrastado por metade do caminho que o separava de nós

quando sucumbiu.

Jeremy passou-me seu cantil. Nunca alguma coisa provocara uma sensação tão boa descendo pela minha garganta... nunca.

— Foi bom você estar aqui — disse Christopher. — Este barranco é inteiramente desguarnecido lá embaixo na praia. Os turcos podiam ter voltado com um batalhão e atacado se você não tivesse abatido a patrulha deles.

— Que sorte de merda — murmurei.

Por que coloquei uma pistola Very na minha mochila? Por que pedi um grupo de metralhadoras embora soubesse que ele iria me atrasar? Por que escolhi aquela ravina? Sorte? Sorte? Sorte? A quantos golpes de sorte você tem direito antes de acabar como Johnny Tarbox? Por que Johnny? Por que não eu? Chester disse-me que todo soldado que viveu a guerra, provavelmente se perguntava por que ele vivera e o sujeito a seu lado morrera.

— É verdade que perdemos Tarbox no desembarque? — perguntou o Major.

— Sim, senhor.

— Que azar. Bom sujeito — disse Chris. Examinou atentamente nossa área. — Vejo que já estacou nosso estábulo. Ótimo trabalho, Jeremy, pode cercá-lo com arame?

— Sim.

— No topo do barranco, não poupe arame. Major, suspeito que haja um caminho em ziguezague até aqui. É melhor enviarmos uma companhia de infantaria lá em cima com algumas metralhadoras Vickers.

— Concordo plenamente — disse Chris. — Ajude Jeremy aqui. Levarei Goodwood de volta comigo para que ele possa explicar essa iniciativa ao General Brodhead.

— Como está indo o combate? — perguntei.

— Estamos desembarcando muitos homens hoje — disse Christopher. — Conseguiremos acertar tudo.

Depois que Christopher partiu, Jeremy sentou-se ao meu lado.

— Fracasso monumental — disse Jeremy. — Bombardeio naval, zero. Nosso desembarque, um quilômetro e meio ao norte. Os *Anzac* estão entrincheirando-se desesperadamente a um quilômetro ou um quilômetro e meio colina acima. Bem, isto aqui parece um lugar muito bom.

Era. Não só tínhamos nosso estábulo, como a sede do nosso batalhão. Mais tarde, o pessoal do Quartel-General da Unidade *Anzac* abrigou-se em nossa área.

Com o perímetro do estábulo definido e o Major Hubble tendo mais braços do que o necessário para escavar o Quartel-General do batalhão, voltei à praia para ajudar a evacuar os feridos.

O dia inteiro foi de grandes quantidades de homens sendo despejados na praia vindos do mar, correndo para se unir às nossas linhas, enquanto acomodávamos nossos feridos nos barcos... descarregávamos equipamentos... tentávamos ancorar os molhes flutuantes, que eram destruídos quase com a mesma rapidez com que os instalávamos.

Percebia de relance uma confusão de rostos... Happy surgindo de algum lugar... Chester... Dan Elgin, meu artilheiro na noite passada, mancando com um ferimento na perna... tiros sibilando, explosões e os constantes gritos e gemidos dos feridos.

Fiquei nu da cintura para cima quando o calor do meio-dia tornou-se insuportável e eu me vi encarregado das atividades em um dos molhes, puxando cada barco que chegava, descarregando-os, depois os carregando com os feridos. Eu os enchia até que os corpos cobrissem inteiramente o fundo da embarcação. A maioria jazia com sangue até o tornozelo. À medida que os barcos se afastavam para a área de transporte de tropas, eu podia ver os mortos sendo atirados ao mar.

No final da tarde, soube que não havia recursos hospitalares adequados a bordo dos navios de tropas. Ao que parecia, todos os navios da Cruz Vermelha estavam a serviço no canal da Mancha, levando de volta os homens da frente Ocidental. Estávamos usando navios de gado aqui, virtualmente sem pessoal nem equipamento médicos. Alguns navios dirigiam-se para Lemnos, outros para Alexandria.

Não sei quantos homens eu coloquei nos barcos naquele dia... talvez cinquenta... talvez cem barcos carregados. Eu estava completamente encharcado com o sangue deles, seus corpos continuamente esvaindo-se e escorregando pelas minhas mãos.

Chester encontrou-me. Fora estabelecido um perímetro no topo do que agora era o Barranco das Mulas, com duas companhias de infantaria cavando trincheiras para protegê-lo.

Encontramos Jeremy na praia, conseguindo de alguma forma manter uma certa ordem no caos.

— Vamos tomar um banho — disse eu.

Não podíamos tirar nossas botinas, o mar era cheio de pedaços pontiagudos de lava vulcânica e também era igualmente difícil encontrar águas limpas de lama e sangue. Saímos do mar, sentindo-nos pegajosos. Depois, minha segunda lata deliciosa de carne enlatada e biscoitos duros.

O Major Hubble estabelecera um pequeno esconderijo bem razoável para a sede do batalhão na encosta da colina.

— Temos mais dez a doze mil homens desembarcados neste setor — anunciou. — Estão formando uma linha, lá em cima, da melhor maneira que podem. Parece que há muitos pontos desguarnecidos. Como está a praia, Jeremy?

— Razoável. Já conseguimos separar nossas caixas, mais ou menos, e sabemos para onde enviar as novas unidades lá em cima.

— O estábulo improvisado está pronto — disse Chester.

— As mulas deverão chegar dentro de um dia — disse eu. — No momento, não temos a menor ideia para onde despachá-las. Gostaria de sair com uma turma amanhã, descobrir linhas de frente e decidir o melhor caminho para cada posto principal.

— Ótimo.

Sem que notássemos, de repente o General de Brigada Alexander Godley estava de pé acima de nós, em um semicírculo de oficiais. Levantamo-nos com dificuldade.

— O que temos aqui? — perguntou Godley, sem sequer reconhecer o Major Hubble.

— Christopher Hubble, senhor, Batalhão de Transporte por Mulas. Estamos estabelecendo o Quartel-General nesta colina e cercamos uma área com arame farpado para o estábulo ali adiante.

— Foi você quem designou aqueles homens para o posto no topo do barranco?

— Sim, senhor...

— Da próxima vez, peça permissão a mim.

Sem mais, nem menos, saiu caminhando pesadamente.

Capitão Paul, o subcomandante, um fazendeiro corado de Mataura, aproximou-se resmungando e parecendo um pouco abalado.

— Notícias de cabo Helles — disse Paul. — A primeira leva desembarcou e tomou o flanco esquerdo, sem encontrar nenhuma

resistência. Ao invés de continuar avançando para o interior até encontrar os turcos, sentaram-se na praia para tomar chá.

— O quê?

— A 29ª Divisão desembarcou no flanco direito. Os turcos estão retalhando-os em pedacinhos.

Parte Dois: O Posto de Quinn



Aprendi que alguns oficiais submergiam enquanto outros oficiais e homens engajados assumiam o comando. Sabia com clareza qual era a minha tarefa e o meu território e agia com autoridade. O de que eu precisava, eu tomava. Muita gente me considerava implacável, e eu não me preocupava em desmenti-los.

Descobri que Happy Stevens de Palmerston North era um fabuloso artista e o confisquei, bem como a Spears, Dan Elgin e a metralhadora Vickers. Eu precisava desenhar mapas de rotas da praia para os postos nas linhas de frente dentro de uma ou duas semanas e esses homens dariam uma bela equipe.

Onde estavam as malditas mulas? Um dia de atraso. Eu dissera a Modi para conseguir o maior número possível de barcos com rampas de desembarque na frente para podermos desembarcar as mulas mais facilmente. Soltei um grande suspiro de alívio quando vi uma fileira de rampas de arriar aproximando-se da enseada *Anzac*.

Elgin, Happy e Spears estavam prontos para iniciar o trabalho. Conforme cada barco fosse descarregado, eles deveriam conduzir os treinadores e as mulas para dentro do cercado no Barranco das Mulas. Chester estava ao meu lado para ir para o barranco com Modi e mostrar-lhe onde iríamos estocar o equipamento e, de um modo geral, como o estábulo iria funcionar.

Droga! Estávamos na maré baixa e o primeiro barco bateu num banco de areia a seis metros da praia. As mulas não queriam entrar onde as ondas quebravam. Enquanto seus carregadores esforçavam-se para desembarca-las, localizei Mordechai Pearlman. Que magnífica visão!

— Modi! Aqui, rapaz!

— Rory! Chester! Companheiros!

Um grande abraço. Um beijo sentimental. Chester também recebeu dele.

— Que lugar barulhento — disse Modi.

— Espere só para ver.

— Há uma verdadeira confusão em Lemnos. Não há nem a metade de camas suficientes para os feridos. Ouvimos histórias terríveis.

— Ouviu certo. A situação é péssima.

— Como vão os capatazes?

— Johnny morreu. —, disse Chester.

— Johnny! Johnny Tarbox está morto!

— Falaremos sobre isto depois.

Conforme as mulas eram forçadas a desembarcar, cerca de cinquenta feridos que aguardavam numa ravina próxima dirigiram-se mancando e arrastando-se até à praia. Quando a última mula chegou à terra firme, os feridos começaram a ser embarcados.

— Os barcos estão imundos — protestou Modi. — Estão cheios de bosta.

— Eu lhe disse que a situação era péssima. Quantos barcos carregados você espera receber hoje?

— Uma dúzia. Quatro são barcaças. Pensei que iríamos poder desembarcá-las num ancoradouro.

— Todos os ancoradouros fixos foram destruídos. Os cais flutuantes pulam que nem cangurus. — Tentei descobrir o que poderia ser feito. — Talvez tenhamos que trazer as barcaças até a praia, abri-las à força e conduzir os animais para fora.

Elgin informou que o primeiro carregamento de mulas e treinadores estava pronto. Disse-lhe que os levasse para o Barranco das Mulas.

— Modi, vá para o estábulo com Chester e dê uma olhada, depois é melhor voltar para cá e me ajudar a descarregar o resto. Passe o estábulo para um Suboficial.

— Antes de partir — disse Modi, puxando-me para o lado —, acho que tenho uma pequena surpresa. Acenou para um soldado que estava parado, quase escondido na popa de uma embarcação de desembarque, com água até a cintura. Era Yurlob Singh!

— Chester — perguntei —, onde está Jeremy?

— No segundo píer, descendo a praia.

— Traga-o aqui. Saia daqui, Modi.

Yurlob Singh aproximou-se vadeando, mantendo a postura ereta como se estivesse determinado a agir como um soldado até o amargo fim, como um condenado subindo os degraus do cadafalso.

— Deixe-me explicar — disse Modi.

— Espere lá pelo Chester! — ordenei, voltando-me para o St. Singh.

— Deseja dizer alguma coisa antes de fazermos uma visita ao General?

— Estritamente de acordo com o regulamento, devo decidir se posso examinar uma posição avançada — recitou ele.

— Besteira. Tente outra.

Continuou perfilado.

— Não está dentro da minha capacidade humana permanecer em Lemnos. Estou preparado para qualquer coisa, do poste de açoites ao pelotão de fuzilamento. Envie-me de volta para Lemnos e eu virei de novo.

— Ah, que grande herói você é. Seu maldito cabeça de turbante! Você abandonou seu posto. Como vamos conseguir receber homem e mulas de reposição aqui? As porras das mulas vão sair andando pela porra da água?

— Se puder aplacar sua ira por um instante, eu explicarei.

— Explicar! É melhor que comece a rezar para o seu maldito e gordo buda!

— Não acho que este comentário seja apropriado.

— Yurllob, você não faz a menor “ de quantas mulas vamos perder em uma semana.

— Mas não há nenhum problema. Meu batalhão de origem, os obuseiros de Montanha *Sikhs*, estava treinando ao nosso lado em Lemnos, como sabe. Sempre levamos muitos carregadores extras. Ordenei que dois suboficiais, homens extraordinários, de alto calibre, fossem transferidos para a Sétima Cavalaria Ligeira e gerenciassem a operação em minha ausência.

— Sim, eu sei, seus primos na sua cidade natal.

— Como sabia? Na verdade, somente um deles é meu primo. O outro é meu cunhado.

— Você está na merda até aqui — disse eu, apontando para o pescoço.

Sentei-me na areia, a ponto de explodir. Ele se sentou ao meu lado e deu uns tapinhas timidamente nas minhas costas.

— Posso falar?

— Sim... claro...

— Durante a operação de desembarque, rezei por todos os meus amigos capatazes. Durante o dia inteiro, fiquei em profunda meditação.

Uma mensagem atravessou as águas e chegou até mim. Sou muito necessário aqui. Recebi a mensagem de que Johnny Tarbox tinha sido morto.

— Vá encantar cobras. Alguém lhe contou.

— Então, Johnny está mesmo morto?

Olhei para ele. Lágrimas rolavam pelo seu rosto. O primeiro barco cheio de feridos, seu sangue misturando-se com os dejetos das mulas, estava sendo empurrado do banco de areia. Diabos, quem pode argumentar contra tal premonição... mas como eu poderia explicar isso para o nosso Christopher Hubble? Cristo!

— Que diabo você está fazendo aqui? — perguntou Jeremy ao nos alcançar.

— Droga, Jeremy — disse eu, erguendo-me e ajudando Yurlob a se levantar. — Estraguei tudo. Eu disse a Yurlob para vir com a primeira carga de mulas para ter uma visão clara de nossas instalações. Esqueci-me completamente de esclarecer isso com você e o Major.

Jeremy sabia que eu estava mentindo.

— É melhor irmos falar com o Major — disse Jeremy.

Christopher Hubble estava encantado, andando de um lado para o outro, diante da sede do nosso batalhão, escavada na encosta da colina. Um grupo de trabalho erigia a cerca permanente do estábulo e fixava o arame farpado. Pelo menos um destacamento em Galípoli sabia o que estava fazendo.

— Nunca pensei que ficaria tão contente de ver uma mula. Dr. Mordechai disse que receberemos mais de cem hoje... Yurlob! Que diabo está fazendo aqui? — Christopher quis saber.

— Inteiramente culpa minha — disse eu. — Eu tinha dito a Yurlob lá em Lemnos para vir com a primeira leva de animais para que pudesse verificar nossa situação. Quando embarcamos no *Wagga Wagga* eu estava com tantas coisas na cabeça que me esqueci de lhe mencionar isso. Minha responsabilidade, senhor.

— Seu posto está coberto, Yurlob?

— Com toda certeza. Por dois dos melhores carregadores de Punjab.

— Eles falam inglês?

— São das tropas britânicas, senhor. Eles treinaram metade do exército indiano.

— Vocês dois estão tentando me enganar? — perguntou o Major.

— Sim, senhor — respondi.

— Landers está me dando cobertura, senhor. Foi minha iniciativa.

— E suponho que queira ficai; não é, Yurlob?

— Por favor, senhor, tem que me deixar ficar.

— Nós realmente precisamos dele aqui — disse eu, apressadamente.

— Terei que passar os próximos dias encontrando trilhas para as linhas de frente. Nós realmente precisamos dele no estábulo... realmente...

— Realmente — acrescentou Jeremy.

Ficamos absolutamente pasmados com a observação seguinte do Major:

— Ao menos você veio para terra firme. O que é bem mais do que o General Darlington já fez.

— Então, posso ficar, senhor?

— Seus colegas... vocês acham... vocês estão pressionando... Ah, bem-vindo ao paraíso.

Como eu explico isso? Nós éramos uma noz *Anzac* dentro de um quebra-nozes turco.

O objetivo imediato era a formação de uma linha de frente coerente. Tínhamos que expulsar os turcos daquela colina e para fora da ravina, tomar a serra e manter esse contraforte. Nós os empurramos bastante para trás, de modo que os turcos já não pudessem nos manter enquadrados em sua mira e não pudessem nos usar como galeria de tiro ao alvo.

O Coronel Monash, o *aussie*, avançou com sua brigada por meio de uma série de ataques corpo a corpo de baionetas, até criar uma série de posições defensáveis.

As brigadas da Nova Zelândia eram ostensivamente conduzidas pelo General de Brigada Godley, mas ele nunca aparecia durante a batalha. Nosso principal oficial de linha de frente tornou-se o Coronel Malone, da Ilha do Norte, professor e fazendeiro, que simplesmente assumiu o comando e organizou novas unidades com o que restou das originais.

O abrigo *Anzac* foi escavado arrancando-se a terra com as mãos, deslocando-se pedras com baionetas, usando-se ferramentas de abrir trincheiras, depois picaretas e pás... enchendo sacos de areia, escorando a terra para que não desabasse...

Conforme nos entocávamos, os turcos transformaram nossa vida num inferno. Instalaram-se acima de nós em defesas com seis a oito fileiras

de trincheiras, com extensos campos de fogo. Por trás deles, vinham as baterias de obuses móveis.

Todos em terra firme!

Em terra firme estavam todos da força expedicionária que possuíam uma arma. Eu estava na base da escada como oficial, mas sabia que uma força de ataque devia ter uma superioridade de três para um em tropas sobre a força de defesa, em circunstâncias normais.

Galípoli não oferecia circunstâncias normais. Os *Anzac* vieram do mar, uma invasão singular na história moderna. Ao chegarmos em terra, tivemos uma investida, morro acima, num terreno brutal e proibitivo, contra um exército bem entrincheirado, bem armado e bem comandado. Nossa média sobre os turcos deveria ter sido de seis ou sete para um. Meu palpite de ignorante era de que os turcos dispunham de tantos homens quanto nós, talvez mais. Além disso, tinham um corredor aberto e sem obstáculos de Constantinopla, para receber reforços e suprimentos.

A situação em cabo Helles não era melhor. As forças inglesas e francesas avançaram passo a passo para o interior, cavaram uma linha a pouco mais de um quilômetro e meio acima na península e estavam sob uma constante chuva de balas dos turcos, situados no plano mais alto.

Nossas baixas já excediam os cinquenta por cento!

Um terrível erro abalou nossa confiança no corpo de oficiais até a raiz dos cabelos. Com nossos avanços impedidos, tanto na enseada *Anzac* quanto em Helles, a colina de Achi Baba ao sul já não tinha significado estratégico.

Por quê? Por quê? Por quê? Por quê? Parecia que o General de Brigada *Sir* Alexander Godley achava que Achi Baba deveria ser capturada como uma demonstração de determinação.

Apenas para considerar uma tal operação, seria necessário que houvesse uma Unidade de reserva de pelo menos várias divisões para nos apoiar em Lemnos. Não havia nenhuma Unidade de reserva. Todos que tinham que vir para a terra firme já estavam em terra.

Godley retirou seus neozelandeses de nossas linhas e transportou-as por barco até Helles com ordens de tomar de assalto a colina de Achi Baba. Isso, aparentemente, foi arquitetado por Godley para alçá-lo ao *status* de herói.

Usando o remanescente dos Otagos, Wellingtons e Aucklanders, eles tiveram que avançar, a descoberto, através da planície chamada Poppy

Field. Foi um massacre. Nenhum neozelandês chegou ao sopé de Achi Baba.

Um General Brodhead furioso, que nada sabia sobre a derrocada, fez voltar os sobreviventes à enseada *Anzac*. A partir desse momento, o Coronel Malone passou a desobedecer uma ordem de Godley após a outra no sentido de lançar ataques suicidas. Com o General-de-Divisão Brodhead obviamente tomando o partido de Malone, Godley ficou inteiramente destituído de autoridade.

A deposição de generais no meio de uma batalha pode ter um efeito debilitante sobre o moral das tropas. Godley foi mantido por perto apenas para fins decorativos. Era um homem que parecia estar olhando para você através de dois olhos de vidro.

Essa era a situação. No instante em que chegamos à praia em *Anzac* e Helles perdemos nossa postura ofensiva. Tudo que podíamos fazer era nos entrincheirar e nos agarrar às nossas armas.

A enseada *Anzac* compreendia 160 hectares de terra fraturada e árida, pertencente ao diabo e arrendada aos turcos; 160 malditos hectares, era tudo que tínhamos. A Fazenda Ballyutogue era mais de dez vezes maior. Éramos cinquenta mil homens comprimidos ali, vivendo em cavernas atrás das colinas, com a máquina de moer carne dos turcos diante de nós e o mar à nossa retaguarda.

Maio, 1915 — Fim da primeira semana de maio ou início da segunda, não tenho certeza

Tivemos sorte de Yurlub Singh ter tido a coragem de zarpar para Galípoli. Entre ele e o Dr. Mordechai Pearlman, a operação das mulas foi alçada ao nível de um estudo para futuras gerações de criadores de mulas. Os animais eram as mais seguras, bem alimentadas, limpas e bem acomodadas tropas britânicas em Galípoli e como transportavam toneladas encosta acima!

Infelizmente, estávamos perdendo os animais rapidamente. Em algumas áreas, os turcos tinham que mudar um pouco de posição para poderem atingir nossas tropas de mulas com fogo de artilharia. Por sorte, cem mulas do Batalhão Zion aportaram em *Anzac* por engano e também

conseguimos algumas mulas pequenas dos Obuseiros de Montanha *Sikhs*. Yurlob sabia como lidar com os *sikhs* e, graças a Deus, Modi estava lá para negociar com os judeus palestinos. Não tinham o menor senso de disciplina militar. Discutiam por tudo, embora trabalhassem duramente. Ainda bem que eu não estava no estábulo deles.

A enseada *Anzac* ficou ainda mais colorida. Desembarcamos dois batalhões de infantaria *ghurka* de origem nepalesa. Formavam um grupo animado, os *aussies* amarelos, como os chamávamos, e os *aussies* eram chamados de *ghurkas* brancos.

Chegaram mais alguns neozelandeses, um batalhão maori e tropas que até então guardavam o canal de Suez, no Egito. Tudo muito bem, mas constituíam unidades de reserva, apenas homens para alimentar a linha e assumir o lugar do fluxo contínuo de mortos e feridos.

Estávamos tentando brincar de esconder porque viéramos para terra firme sem uma relação completa de coisas que um exército moderno utiliza. Como a Austrália e a Nova Zelândia praticamente não mantinham exércitos em tempos de paz, não tínhamos artilharia de obuses, vital para aquele tipo de combate. Também viemos sem capacetes, máscaras de gás, com rifles obsoletos da Guerra dos Bôeres e até com uniformes improvisados. Os turcos tinham bombas lançadas com a mão, chamadas granadas de mão, algo de que nunca ouvíamos falar.

Anzac haviam conseguido um empate por enquanto, porém mais cedo ou mais tarde os turcos tentariam empurrar-nos para o mar e não parecia haver nenhum movimento em Londres para evitar isso.

A vida no Barranco das Mulas e na sede do batalhão não podia ser pior. Estávamos sob fogo constante, embora o Barranco das Mulas tivesse se mostrado bastante seguro. Os turcos raramente deixavam passar uma noite em que não vasculhassem o topo do barranco só para ter certeza de que estávamos de guarda.

A parte realmente ruim da vida de soldado era o fato de nunca haver um momento em que se pudesse, em sã consciência, não estar trabalhando. Cavando... cavando para criar pequenas áreas seguras para os feridos que aguardavam evacuação. Cavando em duplas covas pessoais retangulares diretamente na parede das colinas, como se fossem para enfiar ali um caixão. Moradias de trogloditas, como os antigos homens das cavernas conheciam. Consertando os molhes que os turcos atingiam diariamente com fogo de artilharia.

O exército cavava. O exército nunca parava de cavar.

Escoramos a entrada de nossas cavernas trogloditas com sacos de areia e qualquer pedaço de madeira que pudéssemos conseguir. Cobrimos o chão de terra com feixes de galhos cortados para que não se transformasse em lama em nossos sacos de dormir. Varava lama de qualquer modo. Recobrimos o telhado e as paredes com folhas de mica, emborrachados e lonas para reduzir os vazamentos.

Afinal, era nossa casa. Ficava um pouco maior e mais sofisticada a cada dia. Fotografias que compráramos no Cairo foram penduradas nas paredes, algumas bugigangas tiradas dos turcos, um pequeno fogareiro para o chá, vasos de urinar, tudo tornava a casa mais habitável.

Yurlob e Modi nunca deixavam o estábulo. Chester e Jeremy abrigavam-se comigo.

Jeremy Hubble e Chester Goodwood encarregavam-se de boa parte das operações na praia. Jeremy provou ser um oficial de valor. Não digo isso por ele ser meu colega. O que ele transmitia, o que todo bom oficial transmitia, era que ele sabia o que estava fazendo. Ele transferia milhares de toneladas de suprimentos de guerra para os homens que deles precisavam sem quase nenhuma confusão.

Os feridos que desciam das linhas eram instalados no Barranco da Viúva para passar a noite numa área segura que Jeremy mandara escavar e ele então os evacuava, duzentos, trezentos, quatrocentos por dia, rápida e tranquilamente.

Jeremy era responsável em manter os molhes em funcionamento. Os concertos eram em geral feitos sob fogo turco. Empenhava-se no doloroso esforço de trazer enormes canhões para a terra e colocá-los em seus embasamentos, só para os turcos os destruírem em três dias.

Bombardeio naval, você pergunta? Bem, às vezes era acionado para estancar o avanço dos turcos e cobrir uma investida. Às vezes não funcionava. Muitos dos nossos homens eram abatidos por nossas próprias armas.

Se Jeremy era inteligente, tinha-se que creditar a Chester a metade de sua inteligência. Chester Goodwood sabia onde cada caixa de utensílios estava armazenada, qual companhia estava nas linhas de frente, o que cada posto requeria em bases diárias, se as mulas tinham feno e se tínhamos nossas fétidas rações; esperneava que precisava de mais navios-cisternas, exigia barcos limpos para evacuar os feridos, pressentia quando alguma

coisa ia faltar e providenciava. Pode-se imaginar, um oficial de dezessete anos e um Lorde ex-bêbado comandando da praia tal operação?

Eu conseguia ver um ou outro por alguns minutos diariamente, e, quando tínhamos sorte de ficarmos de folga juntos por algumas horas, íamos para o nosso abrigo subterrâneo, repassávamos a situação mundial por um minuto e meio e caíamos em sono profundo.

A vinda de Yurlob liberou-me do pátio. Assumi o serviço mais urgente. Havíamos desembarcado com mapas tão obsoletos que deveriam ser as sobras do período homérico da Tróia antiga. A Unidade tinha uma boa equipe de cartógrafos corrigindo os mapas e detalhando cada colina e cada barranco, mas o que eu precisava fazer tinha que ser AGORA.

Eu precisava marcar todas as nossas posições à frente, numerá-las e fazer um mapa das trilhas do Barranco das Mulas até cada posto, especificando peculiaridades da paisagem e os pontos fortes dos turcos.

Mapa 1 — *Barranco até o Posto de Chatham*
— 2 km. Caminho da praia conforme marcado. Melhor hora para despachar é no meio da tarde (15:30 — 16:00), quando o sol está diretamente nos olhos dos turcos. Caminho seguro para retornar depois de escurecer. Pontos perigosos: turcos nos cumes do vale do Desespero a leste. Há um desfiladeiro de cinquenta metros entre o Posto de Ryder e o de Chatham. Dispensar o bombardeio de cobertura, entrar no posto através de Perry Draw para o máximo de proteção. O posto de Chatham é nossa âncora ao sul e um alvo diário do fogo da artilharia turca. Esperar voltar com doze a quinze feridos em média.

Mapa 3 — *Barranco até Lone Pine* — 3 km.
Praia ao sul e entrada no Barranco de Victoria.
Este posto é uma merda...

Mapa 4 — *Barranco até o Posto de Courtney*
— 3 km...

Mapa 5 — *Esporão do Rododendro*

Mapa 8 — *O Ápice*

Mapa 15 — *Chapada Plugge*

Mapa 19 — *Taylor's Hollow*

Mapa 25 — *Colina Beauchop*

Mapa 31 — *Serra Guilhotine*

Para uma pitada de descontração, eu inseria comentários como “este é seu dia de sorte”, ou “parabéns, você conseguiu outra vez”, ou “vista espetacular do pôr-do-sol, imperdível”, ou “faça xixi antes de atravessar o campo aberto”.

O Major Chris advertiu-me para parar com os comentários até que o General-de-Divisão Brodhead os achou divertidos. Agora, você já deve ter uma “de como funciona um campo de batalha. Partindo do Barranco das Mulas havia cerca de 35 braços ou trilhas, cada qual de tamanho diferente e em terrenos diferentes, levando à periferia de nossa área. Não tínhamos uma linha de frente compacta. Algumas posições avançadas eram trincheiras fundas, outras eram postos de observação, algumas ficavam ao longo da serra, e outras eram ninhos para cobrir brechas na linha. O perímetro era em ziguezague, um labirinto desconexo. Meus mapas de itinerários tornaram-se preciosos para identificar pontos perigosos, desvios, penhascos e trilhas sem saída.

Spears, Happy, Elgin, a metralhadora e eu saíamos com a luz do dia e nos tornamos a equipe. O único problema era que o trabalho nunca realmente tinha um início ou um fim. Assim que voltávamos para a sede do batalhão à noite, tínhamos que desenhar duas ou três novas cartas itinerárias com os cartógrafos durante parte da noite. Não havia uma única noite em que uma ajuda extra não fosse necessária no estábulo, com os feridos, problemas com os barcos na enseada ou se os turcos tivessem atingido um abrigo de suprimentos.

Eu estava chegando ao último dos mapas de trilhas quando uma nova tarefa foi acrescentada. Acho que meu grupo fazia o trabalho bem demais, porque o General Brodhead estava encantado conosco ou talvez ele achasse que éramos uma espécie de talismã por termos sobrevivido até então sem nenhuma baixa. O General fazia inspeções diárias nas linhas de frente. Muitos dos locais eram fáceis de ser alcançados, tão simples que até seus auxiliares conseguiam achar o caminho.

Entretanto, quando se tratava de locais “divertidos” como o Posto de Quinn, nós o escoltávamos. O Posto de Quinn era um pesadelo. Quando o Coronel Malone o conquistou, era o lugar mais miserável da face da terra.

Ele forçou as tropas a tornar o local mais habitável, desde que se mantivessem vivos. A terra de ninguém em frente ao Posto de Quinn ficava de doze a vinte metros das linhas turcas. Não estou mentindo — de doze a vinte metros. Nós e os turcos podíamos ouvir as queixas de uns e de outros sobre as rações.

Meus rapazes sentiam-se muito orgulhosos com a “honra” de levar Brodhead aos piores lugares da linha. Eu não achava isso uma grande honra e mais de uma vez devo tê-lo demonstrado pela expressão do meu rosto

— Se não gosta deste serviço, Landers—disse-me —, eu posso designá-lo para o General Godley.

Foi a segunda vez que percebi que Llewelyn Brodhead era, afinal, mais ou menos um ser humano.

Com pouco mais de duas semanas de campanha, tivemos um desses dias realmente lamentáveis. Desenhávamos nosso último mapa, que deveria ser um mapa fácil da Corcova do Camelo. Os malditos turcos gostavam de se disfarçar com galhos da vegetação, ficando parecidos com amoreiras. Atiraram em nós de sua tocaia o dia inteiro. Tivemos que rastejar sobre nossas barrigas durante pelo menos sete horas.

Quando entramos na nossa área de comando, a saudação noturna que recebemos de Farting Ferdinand, um grande canhão móvel dos turcos, atingiu perto demais para acharmos engraçado.

O caminho para a Corcova do Camelo era cheio de nuances, como aquele estranho ângulo do qual os turcos nos tocaram hoje. Imagino que todo cartógrafo seja desprovido de humor ou ele seria alguma outra coisa. Finalmente, terminamos nosso trabalho e lembramo-nos de que não havíamos comido o dia inteiro.

Felizes de pegarmos nossas rações, retiramo-nos para a nossa caverna.

— Que droga é essa?

— Nova ração hoje. A ração de carne enlatada estragou no sol. Metade do Quartel-General está com disenteria.

— Galinha em *aspic*. Muito, bem.

— O que é *aspic*?

— *Aspic* é uma gelatina de alta classe que se faz com diversos alimentos — expliquei.

O rótulo não explicava bem que por galinha eles queriam dizer pés de galinha. Com os pés, vinham pontas de penas, ligamentos, pequenos

pedaços de osso e unhas. Era o dia de sorte de Elgin. Ele recebeu pescoço de galinha triturado.

Estranhamente, ocorreu-me naquele momento que eu era um quarto de alguma coisa... uma equipe. Locomovíamo-nos pelas colinas com a destreza de dançarinos, grandes amantes, movimentos de beleza em solo pedregoso, árido. Um olhar nos olhos de Spears dizia-me que ele sabia que havia um atirador de tocaia à nossa esquerda. Um rápido sinal com a mão e Elgin... o melhor artilheiro de Galípoli... disparava sua arma em sete segundos. Passávamos horas sem dizer uma palavra, no entanto se faltasse um homem durante algum tempo... era como se os outros três ficassem mancos. Formávamos um todo somente quando estávamos juntos.

No entanto, nada sabíamos a respeito uns dos outros. Sabia suas cidades, suas profissões. Sabia que todos ansiavam por uma mulher. Mas nada sobre eles. Apenas que éramos quatro neozelandeses desenhando mapas juntos em um lugar muito estranho.

Bem, eu preparara uma surpresa para eles. Uma verdadeira surpresa! Não, não era uma mulher, mas a melhor coisa depois disso. Fora necessário um certo esforço para consegui-la, mas hoje terminaríamos o último mapa e era hora de comemorar.

Bem, talvez fosse melhor comemorar amanhã. Acho que não dormíamos há... talvez... deixe-me calcular... talvez há umas quarenta horas e hoje fora um dia realmente difícil.

— Vou levar este mapa para o Major — disse eu.

Todos dormiam. Elgin dormia sentado, duas unhas de galinhas pendentes da boca como presas superiores e pingando gelatina.

— Mapa 42-A — disse o Major Chris. — Muito bem, Landers. Então, Abdul instalou um corredor de tocaia lá. Levarei a informação ao General. Acha que podemos pegá-los com um pelotão?

Apoiei a cabeça nas mãos e fechei os olhos, mas continuei a conversa.

— Não. Estão atirando de mais de quinhentos metros de distância. Não estão tentando atingir nada, só querem nos meter medo... de qualquer modo, vou deixar meus rapazes dormirem até mais tarde amanhã e depois levá-los para a praia para se limparem... e tenho uma surpresa para eles.

O Major cerrou os dentes daquele seu jeito peculiar. Más notícias a caminho.

— Que azar — disse ele.

— Não me diga.

— Receio que sim. Você e seus guardas imperiais, eu inclusive, devemos nos reportar ao comando às 5:00. O General quer que você o leve ao Posto de Quinn.

— É um lugar perigoso.

— Sou apenas o mensageiro.

— Ah, eu detesto essa posição — disse eu.

— O Coronel Malone também nos requisitou.

Arregalei os olhos. Como vou contar isso aos rapazes?

— Droga! — gritei, inadvertidamente. — Não vou até o Posto de Quinn enquanto não lavar os meus pés.

Minha caverna era contígua à da minha equipe. Peguei a caixa de surpresa e caminhei até eles guiado por seus roncos. Por mais profundamente que dormissem, as meras palavras “Posto de Quinn” foram suficientes para acordá-los

— De pé — ordenei. — Vamos nadar... AGORA!

Há lampejos de momentos especiais em uma vida. Repentinamente, você é pego inteiramente de surpresa e algo está acontecendo que você nunca suspeitou que pudesse existir. Um momento assim foi com Georgia no navio para Auckland. Outra noite, foi em Villa Valhalla, apenas sentado e conversando com Jeremy.

Agora, naquele maldito buraco, sou repentinamente tomado pela euforia. A praia estava bastante calma essa noite, ouvindo-se apenas um ou outro tiro ocasional, mais ou menos como no aniversário do rei. Chester falara-me de um lugar onde o fundo era de areia e a água limpa.

Dei a surpresa a meus rapazes.

— Tirem as botas — ordenei.

Olharam-me boquiabertos, como se eu estivesse maluco.

— É isso mesmo — enfatizei.

Peguei a caixa e a abri. Quatro novos pares de botinas, meias novas e três tipos de medicamentos para os pés. Happy era o único que carregava um fuzil e baioneta. Eu lhe dissera que o levasse para a praia. Felizmente, ele mandara afiar a baioneta pelo rapaz maori que tinha uma pedra de amolar e que iria voltar para casa rico, deixando as baionetas afiadas como uma navalha.

Veja bem, era um momento esplêndido. Há mais de duas semanas que não tirávamos nossas botinas. Com extremo cuidado, Happy cortou os

laços e, das linguetas até os dedos, eu abri as botas.

Pegue o melhor momento de toda a sua vida... agora triplique-o. Era como nos sentíamos. Despimo-nos e entramos na água, dando risadinhas como minhas irmãs em uma festa.

Sentamo-nos com água na altura do peito e uma sensação de felicidade inigualável. Sei que não dormíamos há duas noites e tínhamos que nos apresentar ao comando dentro de duas horas, mas conversamos naquela noite.

Dan Elgin, nosso artilheiro, era um fazendeiro, podia-se ver de um quilômetro de distância. Mas seu passatempo era observar pássaros. Identificara mais de cem espécies dos bosques próximos à sua fazenda, perto do vulcão Rotorua. Bem, não havia muitos pássaros por aqui, exceto urubus, e éramos agradecidos a eles. Mantinham a limpeza na terra de ninguém.

Dan preocupava-se porque muitas espécies na Ilha do Norte corriam o risco de extinção por causa do desmatamento. Era a primeira vez que eu pensava no fato de que a Nova Zelândia podia ficar sem pássaros, embora o pássaro que era o símbolo nacional, o *kiwi*, quase fora extinto porque não tinha asas suficientes para fugir de seus predadores humanos.

Elgin tinha mulher e uma filha também, mas quase nunca as mencionava.

Happy Stevens de Palmerston North era um professor. Eu achava que ele tinha mais ou menos a idade de Chester e no entanto era o mais velho, com quase trinta anos. O sorriso — era isso que fazia Happy parecer tão jovem.

Spears não falou muito, nunca o fazia. Tinha-se a impressão de que ele vinha de uma família pobre e escondia tudo que se referisse à sua família. A seu crédito, no entanto, estava o fato de que ele não inventava uma vida inexistente para si mesmo, como muitas pessoas solitárias costumavam fazer.

Era o único da Ilha do Sul. Meu Deus, eu gostaria de poder falar da Fazenda Ballyutogue. De qualquer forma, falei com entusiasmo das belezas da ilha do Sul.

Foi uma noite boa, não por causa da revelação de alguns segredos, mas de repente nós quatro éramos neozelandeses e de alguma forma isso significava muito para nós.

Estávamos cansados demais para ficar de pé, mas começamos a lutar na água, depois voltamos cambaleando para nossas cavernas para aproveitar as duas horas e cinco minutos de sono que nos restavam.

Posto de Quinn. Um pedaço de inferno tão miserável que o diabo o exilou para Galípoli. Projetava-se para frente como a proa de um navio, destacando-se como um convite para que os turcos à volta despejassem nele suas armas.

O Posto de Quinn era o extremo aberto do vale Monash, a posição mais estratégica de nossa linha. Se, na verdade, os turcos conseguissem rompê-la, poderiam invadir o vale Monash até o mar e dividir nossas forças ao meio.

Abdul plantou suas forças em torno do Posto de Quinn em uma série de posições com nomes medonhos; Ângulo Maldito, que lhes dava uma visão do mar; Tabuleiro de Xadrez, uma série de trincheiras quadradas, brilhantemente arquitetadas, que nos bloqueava em qualquer direção; serra do Morto (deve haver uma em toda zona de combate), que possuía uma série de barrancos ocultos descendo em direção ao Posto de Quinn.

Em resumo, o Posto de Quinn provavelmente se defrontava com o pedaço de terra mais fortificado do mundo.

Uma linha de trincheiras que partia do Posto de Quinn corria cerca de quatrocentos metros pelas nossas posições avançadas em Courtney, Steele, até Lone Pine. As trincheiras turcas e as nossas nessa faixa de quatrocentos metros estavam tão próximas umas das outras que a terra de ninguém não tinha mais do que de doze a vinte metros de largura. Podíamos usar as latrinas uns dos outros.

Quando o Coronel Malone, um neozelandês de poucas palavras, conquistou a posição Quinn, ficou sob fogo cerrado vinte e quatro horas por dia, até que a nossa concentração e conexão de trincheiras esfriaram as ambições turcas.

A cada poucos metros, no Posto de Quinn, havia um degrau no terreno para um nicho vertical, de modo que um atirador de fuzil ou de metralhadora pudesse ficar de pé e ter um campo de fogo.

Durante o dia, nada podia mover-se acima da linha das trincheiras sem atrair uma tempestade de disparos dos turcos. À noite, possuíam uma arma desconhecida para nós, granadas de mão. Durante duas noites que tive que ficar no Posto de Quinn, as granadas nunca paravam.

Reuni todas as folhas de metal corrugado e tela pesada que pude encontrar na praia e levei para o Posto de Quinn, para que pudessem cobrir as trincheiras. O telhado foi colocado em ângulo, de modo que, ao ser atingido por uma granada, ela rolava para a terra de ninguém, de preferência antes de explodir.

Finalmente, encontramos um uso decente para uma parte de nossas rações. Latas vazias de gelatina eram enchidas com pedacinhos de arame farpado e chumbinhos. Pólvora, detonadores e estopins eram acrescentados. Eram versões muito rudimentares das granadas dos turcos, mas Abdul não iria mais atirar sem revide.

Outras inovações surgiram da necessidade. Podíamos examinar atentamente os turcos através de periscópios improvisados.

Outros periscópios eram montados em fuzis de modo que pudessem ser usados como mira telescópica. Quando recebemos novos fuzis Enfield, nossos atiradores de elite, mirando através de periscópios, tomaram-se tão precisos que podiam acertar nas seteiras de onde os turcos atiravam.

Se a confusão não o perturbasse em Quinn, o cheiro o faria. Quando um homem era derrubado na estreita faixa de terra de ninguém, era impossível trazê-lo de volta. Os urubus ficaram tão gordos que mal podiam voar e começaram a deixar os corpos apodrecendo ao sol que lançava a temperatura a mais de quarenta graus todos os dias.

Os nossos mortos, abatidos em nossas trincheiras, eram empilhados em um dos extremos. Esperávamos até que o vento soprasse na direção das linhas turcas, despejávamos gasolina e ateávamos fogo aos corpos.

Às 4:30, minha equipe maravilhava-se com suas botinas e meias novas. Nosso grupo era composto dos meus rapazes, Major Chris, General-de-Divisão Brodhead e seu braço direito, o estrategista Coronel Markham.

Levei-os à encosta oriental do vale Monash onde passamos a menos de duzentos metros da Trincheira dos Generais Alemães, uma das principais cidadelas turcas.

Yurlob escavara uma trilha de mula de onde o vale Monash se bifurcava e um dos barrancos levava à retaguarda do Posto de Quinn. Os turcos sempre mantinham aquele ponto sob vigilância, do Angulo Maldito até o Tabuleiro de Xadrez.

Sem mulas, pudemos nos arrastar pelos últimos cinquenta metros sem atrair fogo. Surpreendia-me a maneira como o General Brodhead, o

Major Chris e o Coronel Markham sempre pareciam ter acabado de sair do alfaiate, enquanto eu e meus companheiros parecíamos devastados.

Ficava fascinado pelo modo desembaraçado com que Brodhead se movia pelas fileiras, conversando com as tropas, ouvindo atentamente o que tinham a dizer e mostrando-se totalmente solidário com os infortúnios que atravessavam no Posto. Brodhead ia além do falso e automático trejeito com o lábio superior com que os oficiais superiores britânicos costumavam brindar os soldados.

Brodhead e Markham entraram no abrigo do Coronel Malone e após alguns minutos fui chamado.

— Landers, até onde você pode nos levar na serra, em direção ao Cume do Russell?

Senti um baque no estômago. Minha vontade era dizer “cerca de quinze centímetros” ou “depende do quanto estiverem ansiosos para morrer”.

— Quantos em seu grupo e o que pretendemos fazer? — indaguei.

— Coronel Markham, Coronel Malone e eu. Queremos dar uma olhada no Tabuleiro de Xadrez. Pode fazê-lo?

— Podemos entrar e sair — respondi. Às vezes transportávamos suprimentos para o posto avançado na Colina do Papa, mas entrávamos pelo outro lado.

— O que realmente gostaríamos de ver são os quatro ou cinco barrancos que descem do Angulo Maldito — disse Markham.

Consultei o mapa de Malone.

— Há um fosso lá em cima da serra do Morto, que praticamente toca as linhas turcas, muito próximo. Estou falando de cinco, dez metros. Acho que podemos ver os barrancos de lá. Devo lhe dizer, senhor, que se os turcos nos atacarem, não poderemos ser resgatados.

— Vamos tentar, então? — disse Brodhead.

Bem, desta vez seu uniforme ia ficar emporcalhado. Aprendi quando criança que você pode estar a um metro e meio de uma ovelha perdida e não vê-la. Se um homem se disfarça na vegetação e nos montículos de terra corretamente, ele pode ocultar seu corpo praticamente em qualquer lugar.

A vala rasa e o movimento lento deliberado podiam colocar-nos na curva em U que queríamos. Cem metros... cem minutos... bem perto do fim do percurso, notei um triângulo de minas no terreno e procurei armadilhas de arame para fazer tropeçar... merda... detesto cortar armadilhas de arame...

Clique! Apenas alicates, mas soavam como canhões.

Os malditos turcos tinham distribuído as minas de modo que não podíamos contorná-las sem fazê-las detonar. Teríamos que nos arrastar pelo meio delas... cantarolei a canção de despedida maori para mim mesmo... “Chegou a hora de nos despedirmos”... teriam entendido os sinais... três minas, atravessassem pelo meio delas...

Feche a boca, Brodhead... o sol vai se refletir nos seus dentes...

Ua... Ua... Ua... Ua! Olhe aqui! O maldito Tabuleiro de Xadrez, uma grande curva no topo do Angulo Maldito e um, dois, três dos barrancos... ora, ora, ora.

Malone estava ao meu lado. Tinha aquela aura de perfume do Posto de Quinn. Olhe só aqueles filhos da puta... ainda nem sujaram os uniformes.

Focalizei meus binóculos como os outros fizeram. Merda! O Tabuleiro de Xadrez crescera em mais de uma dúzia de quadrados... uma área inteira de trincheiras fora acrescentada. Os barrancos que partiam do ângulo Maldito estavam apinhados de soldados... multidões deles.

Nós quatro ficamos amontoados juntos. Nossa janela para os turcos não tinha mais do que um metro de largura, o único local possível para olharmos sem nos expor. Eu queria voltar, até mesmo para o Quinn, mas Brodhead parecia enamorado do que via. Pareceu que um ano se passara até ele me fazer um sinal para que os levasse de volta.

E já não foi sem tempo. Eu não vi, mas depois de algum tempo você pressente uma patrulha turca e nós ficamos ali bastante tempo.

OK, Rory, volte exatamente do mesmo modo... não se apresse... respire fundo... canção de despedida maori... agora vamos... agora vamos... através dessas malditas minas.

Olhei para trás. Tenho que admitir, os ingleses eram muito bons na maneira como me seguiam... cada cascalho de reconhecimento dava-me uma ânsia de levantar e sair correndo... cem minutos para ir... cem minutos para voltar.

Ah, meu Deus, foi uma sensação maravilhosa quando as mãos nas trincheiras nos agarraram e nos puxaram para dentro.

— Vamos, rapazes. Vocês sabem, eu sempre mando uma quantidade extra de rum para este posto. Que tal um pouco agora?

— Aqui está, chefe — disse Dan Elgin. — Devemos duas garrafas a eles aqui.

— Virá na remessa de amanhã de manhã — prometi.

Dane-se o protocolo. Malone, Markham e o General viram a garrafa e compartilharam-na sem cerimônia ou convite.

— Bom trabalho, Landers — disse Brodhead. — Encontre o Major Hubble e venha com ele para o Quartel-General do Coronel Malone.

— Sim, senhor.

Passei pelo toldo de lona e entrei nas instalações do Coronel. Todos eles exibiam uma expressão sombria.

— Malone? — perguntou Brodhead.

— Bem, é o que minhas patrulhas suspeitavam, mas nunca conseguiram ver. O Tabuleiro de Xadrez aumentou de tamanho em cerca de vinte por cento.

— Parece que há uma brigada inteira nos barrancos do Angulo Maldito — disse Markham.

— Eu diria que até mais — sugeriu Malone.

Brodhead parou com os dentes à mostra entre os lábios entreabertos.

— Duas brigadas e podemos identificá-las — disse Brodhead. — Uma delas vai deslizar ao longo da linha entre o Quinn até Lone Pine. O ataque deles será para imobilizar a linha. O principal ataque será diretamente no Posto de Quinn com outra brigada. Virão pelos barrancos, em ondas, diretamente em cima de você, Malone. Não há realmente nenhum espaço de manobra por perto com táticas de ataque pelos flancos. Tentarão destruir-nos até o vale Monash.

— Quem está descansando no Vale do Spa Refúgio do Anjo? — perguntou Malone, referindo-se ao lugar com o estranho nome onde as tropas eram revezadas das linhas.

— Canterbury — respondeu o Coronel Markham.

— É melhor trazê-los para cá — ordenou Brodhead.

— O Coronel Chapman morreu. Precisarão de um novo comandante.

— Quem é o subcomandante?

— Tenente-Coronel Hinshaw.

Malone permaneceu calado, mas demonstrou uma visível inquietação.

— Acho que não — disse Brodhead.

— Eu assumo a Canterbury — disse o Coronel Markham.

— Deixe-me pensar — disse Brodhead. — Bem, nós realmente temos algumas notícias boas. Chris disse-me quando saímos hoje pela

manhã. Cem metralhadoras Maxim foram descarregadas ontem. Em quanto tempo pode tê-las aqui, Chris?

— Depende de como estejam empacotadas. Imediatamente, se não estiverem com graxa.

— Apenas em óleo leve — disse eu. — Verifiquei.

— Ótimo. Landers. Chris... cinquenta das Maxims vêm diretamente aqui para o Quinn. Quero outras vinte e cinco mais abaixo da linha, em Lone Pine. Vinte e cinco de reserva. Vamos precisar de um estoque de munição aqui.

— Não gosto de munição em cima das trincheiras — disse Malone enfaticamente. — Quase tivemos uma catástrofe com isso.

— Tem que estar ao alcance em questão de minutos — disse Markham.

— Landers, o que sugere? — perguntou Chris.

— Posso montar uma série de pequenos depósitos logo atrás do senhor. Se eu permanecer aqui com minha equipe, poderemos criar o espaço.

— Tudo bem com você, Hubble? — perguntou o General.

— O segundo-Tenente Yurlob tem o controle completo do transporte. Acho que Landers aqui em cima é uma excelente “.

Eu sabia que Christopher Hubble havia mudado, mas não podia deixar de me sentir sensibilizado pela total confiança que ele depositara em mim desde que desembarcamos. Sabia que eu havia enlouquecido quando Johnny Tarbox morreu, mas não levou isso em consideração.

O Coronel John Monash, o comandante *aussie* da linha em Lone Pine, entrou.

— Fizemos um sorteio de datas na sede do meu comando — disse Monash. — Minha data é... digamos... os turcos atacarão em 18 de maio.

— Bem, espero que nos deem todo esse tempo — retorquiu Brodhead. Contou a Monash o que vira naquele dia e o que achava do ataque dos turcos.

— Perdi mais de trinta homens em patrulhas tentando dar uma olhada — disse Monash. — Então, quer dizer que o Tabuleiro de Xadrez está grávido. Você é quem vai sofrer o impacto maior, Malone.

— Tudo se resume em nosso pequeno pedaço de terra aqui — disse Brodhead —, uma medição de forças. Ou nós mantemos a posição, ou morremos ou nos tornamos prisioneiros dos turcos. A última hipótese está

fora de questão para mim. Muito bem, senhores, às duas no meu posto de comando esta noite. Definiremos um plano.

— Senhor — perguntou Malone —, a comunicação sem fio está funcionando para o bombardeio naval?

— Sim, restabelecemos o contato.

— General, nós e os turcos vamos estar uns em cima dos outros. Gostaria de ver a marinha concentrada no Tabuleiro de Xadrez e em nada mais além do Tabuleiro de Xadrez.

— Bem, e a terra de ninguém?

— Tenho uma sugestão, General — continuou Malone. — Estamos perto demais das trincheiras turcas para o bombardeio naval. Acho que devemos manter um batalhão de prontidão o tempo inteiro. Assim que os turcos atacarem, enviamos o batalhão para a terra de ninguém e os enfrentamos com baionetas. Não vão contar com isso. Acho que é uma oportunidade de confundi-los.

Isso fez com que todos parassem para pensar.

— Interessante — concordou Markham.

— Gosto da “ — concordou Monash. — Mas como saímos de nossas trincheiras com a rapidez necessária?

— Mantemos o batalhão de prontidão, deitado atrás das trincheiras e eles atravessam por cima de nós lançando pranchas como pontes.

— Deixe-me pensar — disse Brodhead. Com isso, o General dispensou todos, exceto a mim e a Chris. Depois que partiram, Brodhead deixou-me perplexo com sua sensibilidade. — Sei o que vai me pedir, Chris. A resposta é não.

— É um assunto particular? — perguntei.

— Não, absolutamente. Você conseguiu arranjar um jeito de ficar nas linhas de frente para o contra-ataque turco, Landers, e o Major Hubble está prestes a sugerir que, já que o Coronel Chapman está morto, ele deveria comandar o Canterbury no Posto de Quinn. Não é isso, Chris?

— Diria que este é o ponto essencial da questão.

— Ainda não —, respondeu Brodhead.

— Senhor, aceitei este serviço das mulas por profunda lealdade ao senhor. Meu irmão Jeremy pode conduzir meu batalhão de olhos fechados com o segundo-Tenente Landers aqui como seu subcomandante.

— Sinto muito. Acho que o Coronel Markham é mais adequado.

— O senhor me prometeu.

— É verdade. O que prometi exatamente foi que, se você conseguisse fazer o transporte por mulas funcionar, eu o faria saltar uma patente no final da campanha e providenciaria para que recebesse um regimento na ocasião. Entretanto, não seja tão impaciente. Com a velocidade com que estamos perdendo oficiais graduados, você terá sua chance mais cedo do que possa imaginar.

A Unidade *Anzac* atulhou o maior número de homens e a maior quantidade de munição e de água possíveis atrás dos postos de Quinn e de Courtney. Sendo o “professor” do terreno, ajudei a encontrar pequenas cavidades onde postos de observação de um ou dois homens pudessem manter os turcos sob permanente vigilância. Linhas telefônicas foram instaladas até eles.

Malone mantinha-me a seu lado a maior parte do tempo, arrumando nossas provisões. O Coronel passava a maior parte do tempo pensando em voz alta, resmungando, e depois me olhava interrogativamente para ver se eu concordava com ele. Suas sobancelhas grossas cobriam-lhe os olhos como os de um Old English Sheepdog, servindo para esconder a surpresa e as notícias desagradáveis. Todos os dias, eu o acompanhava numa inspeção dos seus postos de observação, antes de ele ir reportar-se a Brodhead na sede.

Em meados de maio, o calor do final da manhã e início da tarde era tão intenso que o inferno ali em cima e lá embaixo provavelmente pouco diferiam. O Posto de Quinn estava sempre acima de quarenta graus. Todos retiravam as jaquetas, as calças e as perneiras. Ficávamos de roupas de baixo, sapatos, nossos cintos e uma espécie de protetor para a cabeça.

Entre meio-dia e 15:00, os homens desmaiavam de calor em toda a linha. A água era apenas para beber; não tinha nenhum uso secundário e ficávamos imundos e malcheirosos. Piolhos e moscas nos adoravam.

Em 16 de maio, jamais me esquecerei do dia, acordei com uma revelação. Ocorreu-me com tanta clareza que eu invadi as instalações de Malone sem me fazer anunciar.

— Levante-se, Coronel — sugeri.

Tirou o traseiro nu do seu catre, sentou-se na borda e rapidamente me colocou em foco. No Posto de Quinn, um homem podia acordar em quatro segundos e ficar alerta.

— Recebi uma mensagem absolutamente clara sobre uma coisa — eu disse.

- Ummm — ele resmungou.
- Sei quando os turcos irão atacar.
- Claro que sabe.
- Ocorreu-me, assim de repente.
- O Posto de Quinn faz isso com as pessoas. Deve ser o calor,

Landers.

- É exatamente isso, Coronel, o calor.

Ah, aquele seu olhar terrível. Não é justo olhar para um homem quando não se pode ver através de suas sobancelhas.

- Os turcos vão atacar ao meio-dia.

— Você me tirou do meu sono para isso? Vá brincar com suas mulas. Eles vão nos atacar ao amanhecer, como qualquer exército muçulmano, cristão ou budista que teme a Deus o faria. Uma força de ataque quer toda a luz do dia que puder ter. Se atacarem ao meio-dia, estarão perdendo sete, oito horas de claridade.

— Coronel, olhe para os nossos homens ao meio-dia. A maioria tem visão dupla e ouve vozes estranhas. Mal conseguem erguer um braço. — Agradecendo a Deus por estar falando com um neozelandês e não com um *pommy*, usei insistir. — Suponha que os turcos descansem seus homens a manhã inteira na sombra, encham-nos de água e uma ou duas tragadas de haxixe. Poderão nos atingir como um raio e nós estaremos aqui praticamente inertes.

Malone parou para ouvir-me. As tropas em alerta vermelho foram colocadas nas trincheiras onde chegava a fazer vinte graus a menos, mas os postos de observação foram triplicados e revezados, de modo que nossos olhos nunca deixassem os turcos. Os observadores estavam inteiramente focalizados nos barrancos que corriam do Ângulo Maldito e do Tabuleiro de Xadrez, de onde tínhamos certeza de que viria o ataque.

— Procurem por tufos de poeira, particularmente uma linha de poeira. Se o nível do barulho decair, pode significar que estão se concentrando para fazer uma investida.

Toda manhã, Malone repetia: “Parece que você está certo outra vez, pelo menos no que diz respeito a hoje.”

20 de maio de 1915 — 11:50

Elgin, Spears, Stevens e eu voltamos a desenhar. Nas trincheiras, o batalhão de alerta aguardava sem roupas, amolando suas baionetas já mais afiadas do que navalhas.

Sabe quando você pode pressentir... sentir o cheiro... sem uma razão coerente? Eu absorvera um pouco da ioga de Yurlob Singh. Sabia que chegara o dia. Eu realmente sabia. E compreendi, quando os turcos não nos atacaram ao amanhecer, que seria em pleno meio-dia. Sabia que seria ao meio-dia porque oficiais turcos e alemães não têm mais imaginação do que os oficiais ingleses.

O que senti deve ter começado a se espalhar pelas trincheiras. De repente, a tensão começou a se avolumar entre os homens que iriam estender escadas de mão para servirem de ponte sobre a terra de ninguém. O batalhão de prontidão, Otagos, homens da Ilha do Sul como eu mesmo, estava de pé.

Quando faltavam três minutos para o meio-dia, minha equipe e eu fomos para o nosso próprio posto de observação.

Olhem! Droga, olhem!

O Barranco Turco 3 apresentava uma extensa nuvem de poeira, de cerca de cem metros de comprimento, e em movimento. O barulho dos tiros e bombas foi decaindo perceptivelmente até reinar um silêncio como se estivéssemos na lua.

O Coronel Malone galgou a escada num salto, agachou-se e olhou.

Um assobio soou do Posto de Observação da Colina do Papa.

— Coronel, o papa acha que Abdul está pronto para invadir.

Um segundo assobio foi detonado do PO do Morto.

Cessara todo barulho nas linhas turcas! Em seguida, um ronco ergueu-se no ar como um trilhão de abelhas zumbindo.

— Vamos, rapazes! — gritou Malone. Uma ponte foi erguida da cheira e colocada sobre o topo. Malone correu por ela para a terra de ninguém, mas ninguém o seguiu. Olhei para baixo nas trincheiras. O batalhão de prontidão estava paralisado. Agarrei a minha pistola e disparei na lateral da trincheira.

— Vamos, tirem suas bundas daqui! — gritei.

Lá longe, ainda fora do alcance da vista, o zumbido avolumou-se, transformando-se em um murmúrio ininterrupto. Nossos homens começaram a sair. Eu os atirava em massa por cima da ponte.

— Mais pontes! Mais pontes! Sigam o Coronel!

O murmúrio dos turcos explodiu no grito de *Allah Akbar!*. Agora nossos rapazes estavam vindo... para cima, para cima, droga, vamos, vamos!

Agarrei Elgin e o empurrei para a ponte. Ele se voltou e hesitou e eu o fiz saltar com um pontapé no traseiro, depois rosnei para Happy e Spears para que me seguissem. De cima a baixo nas linhas, ergueu-se um grito de guerra à medida que nós invadíamos a terra de ninguém.

Não fomos recebidos pelo fogo das trincheiras turcas. Obviamente, estavam atacando em ondas dos barrancos por trás de suas trincheiras.

Isso mesmo! Os barrancos despejavam milhares de turcos, que vinham em nossa direção pela esquerda.

— *Allah Akbar!*

Nós os havíamos superado na terra de ninguém por um precioso minuto. O extraordinário jogo do Coronel Malone estava funcionando! Estávamos na borda de suas trincheiras quando Abdul tentava atravessar para nos atacar. Ficaram perplexos de nos ver recebê-los. Esvaziei minha pistola, joguei-a fora. Fuzis e baionetas não eram difíceis de achar naquele dia. Empurramos a primeira linha de atacantes para dentro de suas próprias trincheiras. A segunda linha correu até a parte posterior da primeira linha.

Os turcos passaram da ofensiva à defensiva. Eram eles que tinham que impedir nosso avanço, depois lutar para conseguir entrar na cerra de ninguém onde pensavam que teriam acesso livre.

Na tentativa de nos pegar de surpresa, os turcos não antecederam seu ataque com descargas de canhão, de modo que não havia nuvens de poeira e fumaça. O campo estava limpo. Quando Abdul viu seus companheiros gritando e caindo, as entranhas nas mãos, sua coragem foi abalada.

A segunda leva de turcos, fervendo depois da longa corrida dos barrancos a toda velocidade, arrancou seus casacos também e era turco nu contra *kiwi* nu, cortando e perfurando com suas navalhas pontiagudas.

Senti-me cheio de confiança. Na loucura da terra de ninguém, duas coisas me tirariam dali vivo. Não posso travar meu cérebro com uma fúria insana. Tenho que pensar no que estou fazendo. Meus movimentos têm que ser decisivos e corretamente executados. Também tenho que trabalhar febrilmente. Isso é mais difícil do que fazer um dique, cavar ou escalar um penhasco. É simplesmente trabalho duro... pensar e executar.

Aquilo era o fosso do gladiador multiplicado por dez mil! Em meio à fúria, ao calor e à confusão aconteceu o mais negro do humor negro. Nossos uniformes — tanto dos turcos quanto dos *kiwis* — eram quase da mesma cor. Nus era ainda mais difícil distinguir uns dos outros. Comecei a

procurar homens morenos com grandes bigodes. Uma parte do corpo a descoberto e lá entrava a ponta da baioneta... às vezes bem no meio de suas costelas... com a coronha do rifle, desfechava um golpe rápido na cabeça do sujeito, desequilibrava-o e precipitava-me sobre ele.

Eu ainda era humano? Era humano na velocidade com que minha mente trabalhava. Não era humano no que estava fazendo. Éramos um pouco maiores e mais fortes do que os turcos, com muito treinamento de baioneta no Egito, mas o principal era o fluxo... tínhamos a iniciativa, conseguimos superá-los em esperteza e estavam sendo desentocados.

Por sua absoluta superioridade numérica, nós começamos a recuar.

O Coronel Malone, então, desatrelou um segundo batalhão de baionetas — maoris — de nossas trincheiras e sua chegada repentina e feroz foi como uma segunda intimidação.

Os turcos se descontrolaram, o que somente nos fez pressionar ainda mais até finalmente abandonarem a formação e fugirem desordenadamente para trás de suas trincheiras.

Fosse como fosse, havíamos tirado o ímpeto e o furor de seu ataque. Voltaram a nos enfrentar, mas um pouco timidamente, sobre a estreita faixa da terra de ninguém, coberta de corpos, gritando, gemendo, imóveis.

O Coronel Malone comandara nossa manobra brilhantemente... talvez os turcos tivessem perdido o gás... esperamos, esperamos, esperamos... então, vinte metralhadoras foram disparadas ao mesmo tempo.

Notícias do setor do Coronel Monash! Estava derrotando brutalmente uma leva após a outra de turcos, que ainda tinham muito do ímpeto inicial. Monash determinou que todos os atiradores de metralhadoras de reserva preenchessem suas fileiras.

Ininterruptamente, os turcos esvaziavam os barrancos. Agora vinham de outra direção, descendo do Tabuleiro de Xadrez. Nossas tropas, do outro lado do vale, no Cume do Russel, atacou-os pelos flancos.

Agora os turcos surgiam como um estouro de boiada sobre a Serra do Morto.

— *Allah Akbar!*

Meu Deus, três malditos dentes de garfo vindo em direção a Quinn. Haveria balas suficientes no arsenal britânico para detê-los? Alguns ficavam ao alcance da mão de nossa trincheira, outros caíam e despencavam em nós dentro da trincheira.

Meu campo de fogo mudou radicalmente. No começo, era inteiramente aberto. Agora, era entulhado de corpos que atrapalhavam o avanço dos turcos. Eles tinham que saltar sobre os amontoados de corpos, escorregando em seu próprio sangue, depois se tomando alvos fáceis quando se erguiam. A investida deles diante de mim tornou-se muito confusa.

Era uma enorme batalha grassando numa linha de frente de três quilômetros de comprimento, mas ao mesmo tempo era uma batalha minúscula, como é para cada soldado. Tudo que eu tinha a fazer era cuidar do que estivesse diante de mim e vigiar meus companheiros nos meus dois flancos. Essa é a grandiosa minúcia da guerra, pequenas janelas. Se eu e minha equipe defendêssemos nosso território e nossos flancos e todos os outros também o fizessem, eles não conseguiriam nos derrotar.

Minha metralhadora começou a fumar e emperrou. Merda! Peguei um fuzil e o disparei até queimar as palmas das minhas mãos, depois peguei outro.

Os turcos não paravam de vir!

Uma brecha na linha de Monash! Solicitou que um batalhão se dirigisse para o Spa Refúgio do Anjo para cobri-la. Chegada de um mensageiro dos *aussies*. Combate de baionetas com os turcos na brecha. Um segundo batalhão de reserva partiu para lá.

Os turcos se dividiram e foram atacar a Colina do Papa, um posto de observação pequeno, mas vital. Quantas metralhadoras no Papa? Não o suficiente. Malone despachou um pelotão para o Papa. Somente metade conseguiu chegar, mas eles resistiram e conservaram a posição.

Abdul investiu contra nós sem arrefecimento durante sete horas, até o sol começar a cair no mar Egeu. A noite estava inundada de clarões. Mais uma investida, e a batalha reduziu-se a um fio...

Mensageiro de Monash. Sua linha fora reparada e mantida. Tinham muitas baixas. Havíamos recorrido a quase todas as nossas reservas, mas Monash precisara delas. Sua linha era frágil.

O Posto de Quinn aguentara firme! O custo foram setenta e cinco por cento de baixas. Metade de nossas armas havia queimado por excesso de uso.

Depressa, ordenou Malone, apanhe novas armas e munição dos depósitos atrás das trincheiras.

Nossos mortos transformaram o chão da trincheira numa mistura de sangue e lama na altura do tornozelo. A noite encheu-se com os gritos de milhares de feridos lá fora na terra de ninguém. Fizemos uma tentativa de trazer alguns rapazes para dentro, mas era impossível. Estavam inteiramente entrelaçados a outros corpos, nossos e dos turcos, e qualquer movimento na terra de ninguém atraía fogo imediato.

Alguns homens conseguiram arrastar-se de volta até nossas trincheiras. Nós os recebíamos — *kiwis*, *aussies*, turcos.

Yurlob e Modi trouxeram tropas de mulas o mais próximo que ousaram e durante toda a noite vieram até o Vale Monash e carregaram os feridos pelo Barranco da Viúva para evacuação com a luz do dia.

À meia-noite, os mortos haviam sido removidos das trincheiras, reforços e suprimentos instalados nos seus lugares e nós devoramos uma deliciosa refeição de carne enlatada e biscoitos, um jantar bom e revigorante para um rapaz trabalhador.

Meu próprio nível de ansiedade caiu a um ponto em que percebi que minhas mãos tinham bolhas de queimaduras dos canos das armas e eu estava sangrando dos dois lados do corpo. Meu Deus, recebera uns cortes de baioneta. De nada adiantava usar um médico. Estavam com as mãos ocupadíssimas. Todo o meu corpo doía tanto que mal senti a dor de costurar a mim mesmo.

Happy Stevens, Dan Elgin, Spears e eu geralmente nos separávamos durante o dia lá em cima no Quinn, mas sempre nos reuníamos perto do abrigo de Malone quando a noite chegava.

Podia ouvir o *Squire* reclamando: “Rory, você se mete numa briga simplesmente porque existe uma briga, seja ela sua ou não.” Eu não tinha nada a fazer na linha e desperdicei miseravelmente a vida de meus amigos.

— O Coronel Malone quer vê-lo — disse um mensageiro.

O Coronel Monash e Malone encerravam uma reunião quando entrei. Parecia que ambos haviam sido soterrados por pedras de dez toneladas, haviam se levantado, foram atropelados por caminhões de cerveja e depois levaram uma surra num bar.

— A munição de metralhadora foi distribuída?

— Sim, senhor.

— Quantas?

— Sessenta caixas... sessenta mil cartuchos.

— Alguma de reserva?

— Vinte mil cartuchos aqui em cima. Há mais vindo da praia esta noite.

— Mande levar as vinte mil para o depósito do norte na Estrada da Artilharia.

— Já foi feito, senhor — disse eu. Talvez eu estivesse totalmente de linha, cansado demais ou ferido demais para me importar, as palavras simplesmente saíram. — Devo mandar mais munição de artilharia para o Russell?

O que eu queria dizer era claro. Depois da primeira investida turca, nossos obuses deveriam ser liberados nos barrancos atrás do Ângulo Maldito onde o inimigo se havia concentrado. Nem um único projétil fora disparado naquele dia.

O australiano Monash, o “judeu competente” de Brodhead, olhou para o neozelandês, Coronel Malone. Ou Godley ou Brodhead, na Unidade, haviam cometido uma falha monumental.

A barragem poderia reduzir significativamente as investidas turcas subsequentes. Do jeito que estava, resistíamos por um fio.

— Temos munição suficiente no Russell — tranquilizou-me Malone. — Como você sabe, nenhuma foi utilizada hoje.

— Bem, de volta ao escritório — disse Monash. — Eles não vão esperar até o meio-dia para retomar o ataque amanhã. Boa-noite, Joshua... boa-noite, Landers. Você fez um bom trabalho hoje.

Quando Monash saiu, deixando a porta escancarada, o vento soprou os gemidos dos feridos para dentro do abrigo. Acho que minhas pernas devem ter fraquejado. Malone disse-me para fechar a porta e me sentar. Sobre o que se conversa depois de um dia como esse? O Coronel Malone... soubera naquele momento que o nome dele era Joshua... raramente conversava, a não ser sobre trabalho. Parecia querer apenas falar sobre qualquer coisa.

— Acha que voltarão amanhã? — perguntei.

— Matamos um monte de turcos hoje. Isto pode soar ridículo, Landers, mas há alguma coisa errada?

— Uma das profecias de meu pai se realizou.

Malone riu com vontade.

— Engraçado, no meio de uma luta como tivemos hoje e pensamos: “Será que meu velho estará orgulhoso de mim quando o dia terminar?”

O rum foi trazido. Nós, de suprimentos, sempre cuidávamos bem do Coronel Malone. A cada dia ele se tornava maior aos olhos dos *kiwis*.

— Bem, os rapazes têm do que se orgulhar hoje. Meu Deus, por um instante achei que não iriam me seguir para a terra de ninguém.

— Eles sempre tiveram a intenção de fazê-lo, Senhor. Apenas pararam por alguns segundos para mijar nas calças.

— Bem, eu garanto que não mijei nas calças — disse o Coronel. — Eu caguei nas minhas.

— Eu perdi minha equipe hoje, senhor. Acho que devido a um mau julgamento meu.

— Bem, esse é o lugar para isso — disse Malone, chocando-me. — Diabo, se cada Coronel e General tivessem que se culpar pelos homens que mataram inutilmente, ninguém iria querer esses malditos empregos e, por Deus, o que faria a humanidade sem o tipo de coisa que aconteceu lá fora hoje?

— Empurrei por cima da ponte um homem que não tinha nenhuma obrigação de ir lá para fora — falei.

— E se você não o tivesse feito e ele sobrevivesse ao dia, sua vida estaria arruinada. Droga, Landers, esses três rapazes seguiram você em cada colina deste maldito lugar, dia após dia. Há um problema. Quando alguém sobrevive a um dia como o de hoje e seu companheiro está lá na terra de ninguém, ele se vê chafurdando na síndrome de culpa do sobrevivente.

— Como o senhor?

— Não —, ele respondeu. — A profissão de soldado é muito honrosa. Não falo de Alexandre e César, mas de pequenos soldados que defendem pequenas nações. A Nova Zelândia é a menor nação nesta guerra e foi a que veio mais de longe para lutar. Nós devemos aos ingleses e eles devem a nós, Infelizmente, nunca existiu uma nação que não precisasse de soldados. É a ordem natural das coisas. O serviço militar é uma profissão honrosa que comete o maior número de erros com a vida humana do que qualquer outra.

— Esse sentimento de culpa algum dia passa?

— Não —, ele respondeu. — Mas você tem que aprender a conviver com ele.

— Por que perde seu tempo comigo depois de um dia como este?

— Admiro o modo como você, o Major Hubble, Jeremy e os capatazes formaram sua unidade no Egito. Soube que vocês tinham o

melhor bordel do Cairo e livraram Hubble de uma terrível situação no Hotel Aida. Além disso, ganhei vinte libras apostando em você quando nocauteou aquele *aussie* em Port Albany. Supere o dia de hoje. Você dará um grande oficial. Tenho que fazer uma inspeção nas linhas. Quer vir comigo?

— Sim, senhor.

— Acho que perdi meu ajudante, meu subcomandante e uns dois comandantes de batalhão hoje. Acha que o Major Hubble poderia me emprestar você por alguns dias?

Os turcos não vieram ao amanhecer do dia.

Os turcos nunca mais contra-atacaram.

Teria sido ótimo para nós ir atrás deles, mas não tínhamos nada com que persegui-los. Os dois lados estavam em estado de choque, incapazes de dar prosseguimento à luta.

Os corpos na terra de ninguém se espalhavam à volta de todo o Posto de Quinn em montes de três e quatro. Mais dois dias apodrecendo ao sol e os navios poderiam navegar até a enseada *Anzac* apenas seguindo o cheiro. O mau cheiro nos mantinha em constante estado de náusea. Em seguida, veio a convenção mundial, internacional, universal, cósmica, de moscas, vermes, mosquitos e ratos.

Havia tal quantidade de moscas que, para comer uma colherada de carne enlatada, era preciso colocar a colher nos lábios, espantar as moscas e uma mordida num piscar de olhos. Não adiantava. Sempre se tinha uma meia dúzia de moscas para cuspir.

A disenteria grassava desenfreadamente, atraindo ainda mais moscas.

Ao final de maio, o Posto de Quinn e sua vizinhança transformaram-se num local inadequado para seres humanos decentes e civilizados travarem uma batalha.

— Coronel.

— Sim?

— Os turcos estão acenando com uma bandeira branca.

Segui-o pela trincheira até onde um oficial apontou para as linhas turcas.

— Cabo Perkins — disse ele, conhecendo centenas pelo nome —, coloque um pano branco em sua baioneta e acene acima da trincheira.

Observamos pelo periscópio um oficial turco e um alemão saírem de sua trincheira com as mãos para cima. Malone mandou que trouxessem um

alto-falante. Os inimigos deram alguns passos e pararam.

— Não estamos armados! — disse o alemão com um inglês imponente.

— O que desejam? — gritou Malone pelo alto-falante.

— Queremos falar com um oficial!

O Tenente-Coronel Eastman colocou a mão no ombro de Malone quando este começou a subir a escada e, com um olhar que mais parecia uma ordem, sacudiu a cabeça negativamente. Três outros oficiais, inclusive eu, também delicadamente fizemos o Coronel descer da escada.

Malone conversara muito comigo nos últimos dias. Ele sabia que eu sentia uma necessidade insaciável de entrar na terra de ninguém e procurar minha equipe.

— Eu vou — disse Eastman.

— Eu vou com você — eu disse.

Era impossível caminhar sem ter que afastar corpos inchados e putrefatos com a ponta do pé. Tudo em que consegui pensar no primeiro instante foi que não daria ao inimigo a satisfação de me ver vomitar. Achei que Eastman, um bom soldado, fosse desmaiar. O alemão e o turco não estavam em melhores condições.

O alemão ainda assim conseguiu bater os calcanhares e fazer um brusco cumprimento com a cabeça.

— Major Krause.

— Sou o Capitão Radamam — disse o turco, estendendo a mão. Eastman fez um sinal de reconhecimento com a cabeça, sem oferecer a mão em troca. Eu também não ofereci a minha.

— Represento o General Limon von Sanders. Achamos, por razões óbvias a ambos os lados, que deveríamos fazer uma trégua para que cada lado pudesse recolher e enterrar seus mortos.

Foram precisos mais dois dias para estabelecer as regras, mas esse era o tipo de negociações que os ingleses adoravam. Malone enviou-me com o primeiro grupo de faxina, esperando que isso me ajudasse a exorcizar demônios.

O Capitão Radamam aprendera inglês em Londres. O que se diz numa ocasião como essa? Como vão a mulher e os filhos em Constantinopla? Ou, tentem de novo e nós acabamos com vocês? Ou, que tarefa engraçada a nossa, Capitão... bem, vamos acabar logo com isso?

Medimos as distâncias de trincheira a trincheira e passamos uma corda ao longo do meio da terra de ninguém. Cada grupo podia trabalhar dos dois lados, trazendo seus próprios homens para o seu lado da corda.

Improvisei uma máscara, mas o cheiro penetrava por ela. As moscas quase formavam uma parede à nossa volta. Concordamos em revezar os grupos de trabalho, já que não conseguiam suportar o mau cheiro por mais de alguns minutos.

O Capitão Radamam ofereceu-me um cigarro. Era tão estranho.

Nada deu certo. Os homens que ainda estavam de calças tinham praticamente a mesma cor de uniforme dos dois lados. Os rostos e a carne da maioria haviam sido comidos pelos abutres. Muitos dos corpos estavam inchados e tínhamos que perfura-los com baionetas para liberar os gases e o que mais explodisse antes de tentarmos movê-los, derramando-se sobre nós.

Mas os cadáveres haviam se entrelaçado inexoravelmente com o *rigor mortis*. Tentamos ganchos e cordas, mas braços, pernas e cabeças soltavam-se.

Após uma nova reunião de cúpula, ficou decidido que seria cavada uma vala comum no centro da terra de ninguém e todos os corpos — turcos, *aussies*, *kiwis*, *ghurkas*, maoris, alemães — seriam enterrados numa sepultura comum e cobertos com cal.

Trocamos plaquetas de identificação e bens pessoais, ambos os lados concordando em não pilhar suvenires e carteiras. Milagrosamente, consegui plaquetas de identificação de todos os três homens da minha equipe e a carteira de Happy Stevens... de Palmerston North.

Nós e os turcos cavamos lado a lado, trocamos cigarros, rações, lembranças. Ninguém parecia sentir ódio de ninguém, porém mais vergonha do qualquer outra coisa. Acho que uns dois inimigos até trocaram endereços para depois da guerra.

Os coveiros revezavam-se de pouco em pouco tempo, alguns voltando para vomitar. Um pouco do cheiro se dispersou. Desapareceria de nossas narinas, depois que se transformassem em esqueletos... jamais desapareceriam de nossas mentes.

Matáramos mais de cinco mil turcos e havia uns dois mil mortos entre os nossos. Com os feridos de ambos os lados, a guerra fizera quase vinte e cinco mil vítimas.

Quando a terra foi jogada sobre a cal e o terreno aplainado com as costas das pás para preparar novos campos de combate, apertamos as mãos

dos turcos, voltamos para nossas trincheiras e esperamos as 18:00 horas, quando clarão de cada lado assinalou que já podíamos recomeçar a atirar.

Fiquei com o Coronel Malone pelo tempo que me foi possível. Por causa dele. Por causa do incrível silêncio do seu sofrimento, comecei a recuperar minhas próprias forças e senso de dever.

Finalmente, Jeremy veio até o Quinn para escoltar-me pessoalmente para o Barranco das Mulas. Ele, Chester e Modi levaram-me para a praia, despiolharam-me e, finalmente, pude tirar minhas botinas outra vez. Por mais que você esteja sofrendo, tirar os sapatos e mergulhar os pés na água deve ter sido a sensação que Jesus teve quando foi batizado.

Dormi trinta horas seguidas.

Quando acordei, o Major Chris estava sentado diante de mim.

— Bem, você já tirou férias na estação de veraneio do Quinn por muito tempo — falou.

— O Coronel Malone disse que, se você puder dispensar-me, ele gostaria de me ter como seu ajudante de ordens.

— Sinto muito. Yurlob está muito doente.

— O que ele tem?

— Disenteria. Acho que está começando a matar mais gente nossa do que os turcos.

— Sim, tenho que ficar aqui.

— Ótimo. Perdemos muitas mulas também.

— Talvez Yurlob deva voltar para Lemnos agora — eu disse.

— Ordenei que voltasse. Às vezes, vocês colonos não acreditam que têm que obedecer nossas ordens.

Eu sabia que ele dizia isso como humor negro, mas havia muito do velho Christopher Hubble cintilando em sua voz.

— Ainda temos muito a fazer aqui — continuou.

Isso chamou minha atenção e meus dentes cerrados chamaram a atenção dele.

— Por que não diz o que está pensando, Landers!

— Quem sou eu para argumentar com as mentes brilhantes que nos colocaram em Galípoli?

— Llewelyn Brodhead não foi um deles — disse Chris, surpreendentemente. — Ele protestou durante toda a expedição. Os generais não podem escolher seus comandos. Ele tem lutado com unhas e dentes

pela Unidade *Anzac* e recusou-se a deixar Galípoli porque acha que pode fazer o melhor por nós.

Devo dizer? Devo calar-me? Não duvido da coragem de Brodhead ou de sua determinação ou de seu posicionamento ao lado da tropa. Mas há algo errado neste comando. Mil homens poderiam ter sido salvos por uma simples barragem de obuses realizada no momento certo. Felizmente para o General, ele tem estômago de ferro quando se trata de matar seus homens desnecessariamente. Faz parte das credenciais singulares que um General tem que ter para ser um General — divorciar-se das consequências de suas decisões sobre a vida e a morte. Se você estiver errado... bem, “sigam em frente, companheiros”. Mais tarde, em algum momento na vida, alguma coisa ocorre a essas pessoas? Talvez não... enquanto o serviço militar for uma profissão honrosa.

— Vou até o estábulo — disse eu.

Modi já tivera algum peso extra. A dieta de Galípoli se encarregara de reduzi-lo. Seu abraço ainda era bastante forte. Percorremos o estábulo. Um bando de prisioneiros turcos estava acorrentado com braceletes nos tornozelos, retirando o excremento com pás e colocando num grande vagão a ser despejado em uma cova próxima, juntamente com os animais executados. Nada mal. Tínhamos mais de quatrocentas mulas em serviço e os carregadores substitutos eram excelentes.

Detestáveis moscas-varejeiras estavam corroendo as orelhas das mulas. Couro, feno, ração, medicamentos e água, tudo estava em bom estado.

— Elas estão bem melhores do que as tropas de duas pernas — disse eu.

— Elas realmente aguentam bem o calor. Não há calor demais para elas — disse Modi —, mas ainda estamos perdendo vinte a quarenta animais por semana.

— Onde está Yurlob?

Modi sacudiu a cabeça.

— Ele e mais uns duzentos homens dormem perto das latrinas. Tudo que a maioria pode fazer é expelir sangue e tudo que tiverem no estômago. Um sujeito caiu dentro da fossa e afogou-se antes que pudessem socorrê-lo.

Yurlob inspecionava uma tropa de mulas. Ei! Mal podia caminhar. Iluminou-se ao me ver.

— Sempre achei que os soldados ingleses exageravam quando diziam que estavam expelindo as próprias entranhas. Não é exagero. Acho que é pior do que cólera. Para responder suas perguntas: Modi me mantém alimentado com chá e arroz. Não, não vou voltar para Lemnos. Divertiu-se no Quinn?

— Imensamente.

Yurlob afastou-se e assumiu seu ar marcial.

— Você, número quatro.

— Sim, senhor.

— Seu nome?

— Soldado Shannon, senhor.

— É melhor você e seu companheiro trabalharem juntos. Alinhe melhor o lado direito ou a carga começará a deslizar. Os dois lados têm o mesmo peso?

— Acho que sim, senhor.

— Acorde, Shannon.

— Sim, senhor.

Quando o carregador levou a mula para fora, Yurlob observou:

— O que tenho tentado fazer é dar à mesma tropa de mulas as mesmas trilhas. As mulas se adaptam rapidamente. O revezamento estava derrubando muitos animais em lugares desconhecidos. Estamos salvando um bom número deles.

— E os *sikhs*? — disse eu. — Deixe-me explicar-lhe uma coisa. Você vai morrer em uma semana se não sair daqui. O que eu quero dizer é que volte para Lemnos e fique de repouso uns quinze dias. Combinado? Apenas quinze dias?

— Ah, Rory, você é como uma espada com suas palavras. Eu gosto de você.

Começou a se afastar. Eu o virei para mim.

Nossos olhares se enfrentaram e eu perdi. Ele colocou a mão extremamente fraca em meu ombro. Não suportei olhar. O homem estava ruindo bem diante dos meus olhos.

— Há certas coisas em minha cultura que são mais importantes. Para mim, tudo está em ordem. Com meus anos de serviço, minha família receberá uma boa pensão. Landers, meu antigo batalhão está lá nas colinas travando a verdadeira batalha. Minha família e as pessoas da minha vila

devem saber que eu morri em Galípoli e não na cama de um hospital. Entendido?

— Entendido — disse eu —, mas de repouso. Você organiza as cargas do escritório. Eu envio as tropas de mulas. E mais uma coisa, você se muda para junto de mim, Jeremy e Goodwood.

— Prefiro aqui... é mais perto da latrina. Não se deixe abater, a religião *sikh* tem todo tipo de ilusões convenientes para a hora da morte.

Dias e noites se passaram. Nada melhorou. Os feridos lotavam o Barranco da Viúva todas as noites. Nós atirávamos, eles atiravam. Ataques simulados, patrulhas, pequenos reconhecimentos, emboscadas, molhes quebrados, tropas de mulas partindo, mulas executadas, carne enlatada, piolhos, moscas, dentes caindo dos biscoitos.

Jeremy entrou cedo numa noite. Ótimo. Desde que eu voltara não tivéramos muito tempo para conversar. Fitou as botas.

— Tirar ou não... eis a questão — ele recitou. — Não entro na água há seis noites.

— Vamos. Deixaremos um pé calçado e o outro não.

— Não há uma cantiga de ninar sobre isso?

Ah... a água estava deliciosa... ah, o centro do universo...

— Ohhhhh.

— Ahhhhh.

— Ohhhhh.

— Ahhhhh.

Buummm! Os turcos estavam disparando Farting Ferdinand. Ótimo, Farting Ferdinand estava atirando lá para cima, para Taylor's Hallow Rastejamos para dentro de nossa barraca.

— Onde está Chester?

— Infernizando a vida de algum Coronel. Estamos com falta de feno e munição calibre 303.

Ri. Todos tinham medo do pequeno Chester. Ele destilava autoridade. Jeremy retirou uma garrafa de rum de sua mochila.

— Meu Deus, isso não deveria ter ido para os rapazes na linha de frente? — perguntei.

— Está tudo bem, descontei esta da reserva pessoal de Godley.

Compartilhamos a bebida. Meu Deus, não seria maravilhoso se a querida Sonya estivesse nos preparando um cachimbo de haxixe? Fico pensando se ela conseguiu chegar ao continente.

— O Major me recebeu com duas pedras na mão — disse eu.

— Está com raiva porque só você pôde se divertir durante o contra-ataque turco.

— Os homens — resmunguei — são loucos. Por que qualquer ser humano normal haveria de querer ter a barriga dilacerada?

— *E gloribus bellum* — disse Jeremy.

— Por quê? — perguntei novamente. — Eu queria estar no Quinn.

— Acho que todos nós queremos provar alguma coisa ao papai, não? Para Christopher, é muito importante. Meu pai voltou de alguns feitos no Território Noroeste com uma medalha no peito. O lado remanescente da família.

Gole.

Gole.

— Ahhhhh.

— Ahhhhh.

— Yurlob me impressionou — disse eu.

— Ele me impressionou há muito tempo — retorquiu Jeremy. — Toda a sua dignidade é a artilharia de montanha *sikh*. Ele vê claramente a hora de sua morte. É difícil manter a dignidade quando a disenteria o está matando. É um homem maravilhoso.

— Sim... tudo que quer é que sua partida seja honrosa aos olhos do seu batalhão.

— Sabia que ele tem quatro filhos? — perguntou Jeremy.

— Não.

— Contou-me num momento de descontração. Tem três filhos e outra coisa. Acho que não tratam muito bem suas mulheres. Ele reza para que seus filhos se tornem guerreiros *punjab*.

O conteúdo da garrafa evaporou-se diante de nossos próprios olhos. Nossa conversa desviou-se para a Irlanda e Conor Larkin, porque Jeremy queria falar de Conor e sabia que eu queria ouvir. Jeremy perguntava-se como Conor teria visto esses campos encharcados de sangue.

— Conor era o oposto do Homem Imperial — disse Jeremy — Via a guerra apenas em termos de luta pela liberdade. Considerava a Revolução Americana como a melhor justificativa do homem para a guerra. Não creio que visse Galípoli como um chamado nobre para neozelandeses ou *aussies*. Veria como mais importante a guerra que nascesse do direito da Irlanda de pegar em armas contra a Inglaterra. Quer dizer, se a Inglaterra está na

Turquia lutando pela liberdade da Bélgica, os irlandeses sem dúvida rinham o direito de lutar por sua própria liberdade.

Nossas línguas se soltaram gloriosamente.

— Alguma coisa aqui tem que fazer sentido — disse eu. — Galípoli não pode simplesmente desaparecer como uma página esquecida da história.

— Acho que todos nós temos que sair daqui com nosso próprio significado. Você não diria que Christopher está evoluindo de algo nojento para algo bom?

— Sim. Conheço o poder que tenho de amar as mulheres. Agora eu sei que posso amar os homens.

— E que tal conhecer a grandeza de ser um neozelandês? — perguntou Jeremy — O Posto de Quinn definiu a estatura dos homens de seu país.

— A um maldito preço.

— Tudo tem seu preço.

— O que aconteceu depois de seu último contato com Conor? — perguntei. — Depois que ele fugiu da prisão? Ele permaneceu na Irlanda todo o tempo?

— Dizia-se que ele ficou nos Estados Unidos por vários anos, depois voltou para o país clandestinamente.

— Ele chegou a se apaixonar por outra mulher?

— Muito. Era um segredo, mas um segredo bastante conhecido.

— Como aconteceu?

— Bem, ele vivia na clandestinidade. Havia uma mulher chamada Atty Fitzpatrick. Era de ascendência anglo-protestante. Isso quer dizer nascida Irlanda, mas com ancestrais ingleses. Minha família também é assim. Somos as gerações de herdeiros depois que nossos antepassados ingleses dividiram o país. Muitos anglos tornaram-se patriotas republicanos. Atty Fitzpatrick era um pouco santificada, pois ela distribuiu o baronato da família entre os arrendatários e virtualmente deu toda a sua fortuna para causas humanitárias. Na verdade, eu a vi várias vezes. Era uma grande atriz dos palcos de Dublin. Alta, seios gloriosos, majestosa como uma Joana D'Arc, muito imponente. Era viúva, com filhos para criar. Quando Conor estava preso, ela foi como o exército de um único homem em sua defesa, promovendo comícios de rua de uma ponta a outra do país.

Ah, esse era meu tio Conor com uma mulher como essa, pensei.

— Então, Conor pôde amar novamente depois da tragédia de Shelley!

— Não temos certeza. Ele era um diamante de muitas facetas. Acho que era capaz de muitos tipos de amor. Minha mãe nunca o esqueceu. Sim, acho que ele podia amar de novo porque podia confiar de novo.

Tudo que estava ouvindo naquele momento deixava-me muito animado. Sem dúvida ele se culpava pelo assassinato de Shelley MacLeod. Significava que eu poderia superar Georgia um dia.

— Ela foi de Dublin ao vilarejo onde ele nasceu com seu cortejo fúnebre e multidões reunindo-se em torno e chorando em cada cidade ao longo do caminho. Dizem que ela ficou dias deitada no túmulo dele. É difícil acreditar que tudo isso aconteceu há apenas alguns meses.

Jeremy tornou-se terrivelmente pensativo e olhou-me como se dissesse “somos irmãos”.

— Você perguntou por um significado para Galípoli — continuou ele lentamente. — Acho que encontrei meu significado.

— O que encontrou, Jeremy?

— Talvez haja justificativas para esta guerra, que o outro lado seja mais negro em suas intenções do que nós. Mas Galípoli é um erro. O imperialismo é um erro. O Império é um erro. É a voz de Conor dizendo-me que ninguém tem o direito de enviar homens para lugares como este quando o objetivo final é a ganância. Ah, nós nos disfarçamos com o manto da democracia, mas a guerra aqui não tem nada a ver com democracia. — Esperou um longo instante, sem jamais tirar os olhos de mim. — Rory, quando eu voltar para a Irlanda, vou me unir à causa republicana.

— Isso é incrível — murmurei. Jeremy passara de um bêbado desprezível a um homem de valor em um caminho de luz.

— Se eu fosse irlandês — disse eu, — gostaria de chegar à mesma conclusão.

— Você é tão irlandês quanto eu — disse ele.

Fitamo-nos em silêncio.

— Eu queria que você soubesse dos meus segredos mais profundos porque não quero mais nenhum segredo entre nós.

— Você sabe, não é? — perguntei.

— Rory Larkin, não é? — disse ele .

— Meu Deus, há muito tempo que eu queria ouvir o som do meu nome. Como soube?

— Desde o começo, eu acho. Eu sabia que havia um Rory Larkin na Nova Zelândia. Conor me falara de você. Você usou a palavra Ballyutogue inadvertidamente uma meia dúzia de vezes. Não achei direito perguntar-lhe até que estivesse pronto para me contar e principalmente até que eu estivesse pronto para dizer em voz alta que vou ser um republicano.

— Galípoli é cheia de significados secretos — disse, contemplativamente.

Chester Goodwood, o melhor de todos nós, entrou.

— Yurlob morreu — disse ele.

Modi entrou em seguida, carregando o corpo de Yurlob. Já não pesava muito.

— Não quis enviá-lo junto com os outros no barco — disse Modi.
— Achei que, talvez, nós quiséssemos enterrá-lo aqui.

— Sim.

— Venha, tome um drinque primeiro.

— Já estou bastante bêbado — disse Modi.

— Eles não colocam seus mortos numa pira e os queimam? — perguntou Jeremy.

— Não sei — disse eu — mas acho que é uma boa ideia. Assim as malditas moscas não o pegarão.

Calçamos nossas botas. Droga! Sabia que não devia ter tirado as malditas botas! Merda!

— Você está bem, Rory?

— Não, não estou bem. Vamos nos despedir do rapaz com uma fogueira. Há outra garrafa na minha mochila. Traga-a.

Enfiei os pés nas botinas, mas não consegui amarrá-las. Não importava. Ergui Yurlob Singh, maldito cabeça de turbante, filho da mãe adorador de buda... ah, meu Deus... ele está leve como uma pena... leve como uma pena.

Parte Três: O Cirurgião



Eu realmente gostei da minha ressaca. Demos ao segundo-Tenente Yurlob Singh uma despedida digna do marajá de Lahore.

Eu estava inspecionando um casco junto à cerca, quando vi um novo oficial, um Coronel, seguido de uma comitiva de meia-dúzia de *ghurkas*, deixar a Unidade e dirigir-se à sede de comando do batalhão.

Chester aproximou-se com uma relação das remessas da manhã.

— Quem é o novo oficial? — perguntei.

— Algum chato de Alexandria.

— Parece que está viajando com seus seguranças particulares.

Talvez sejam artistas, deem-se em pregos, encantem serpentes.

— Você descobrirá. Você deve ir vê-lo no QG do batalhão.

— Por favor, venha comigo, Chester.

— Por quê?

— Ah, sabe, eles são administradores. Estamos recebendo os maiores especialistas do mundo ultimamente. Sempre querem saber de números. — Limpei as mãos e examinei a escala de serviço.

— Flynn.

— Sim.

— Você é o chefe aqui até segunda ordem.

Fiz um sinal com a cabeça, cumprimentando a convenção de *ghurkas* do lado de fora do escritório do Major e entrei.

— Aí está você, Landers — disse Chris, de pé atrás de sua escrivaninha. O Coronel era um sujeito esbelto com um bigode fino e engomado e lustrosos cabelos negros, como seria de esperar de um oficial almofadinha de Alexandria. Bem, esse uniforme dele logo vai ficar sujo e desalinhado se ele ficar por aqui algum tempo.

A seu lado, estava um Capitão *ghurka*.

— Segundo-Tenente Landers, gostaria de apresentar-lhe um colega neozelandês, o Tenente-Coronel Calvin Norman. Seu assistente, Capitão Shurhum.

— Pode me tratar de doutor — disse o Coronel.

Fiz um enorme esforço para controlar-me.

Encolhi-me com uma exclamação em voz alta e talvez tenha começado a tremer. Os malditos pontos do ferimento de baioneta às vezes repuxam nas horas mais inconvenientes.

— Desculpe, senhor; prazer em conhecê-lo, doutor. Eu diria bem-vindo, mas o lugar não recomenda.

Calvin Norman abriu um sorriso de três milímetros no canto da boca, que durou exatamente um segundo e um quarto. Seu aperto de mão, como mola de aço, disse-me que era um cirurgião. Senti o peito esmagado. Tinha dificuldade em respirar. Precisava me acalmar e me recompor.

— Erga a sua camisa — ordenou ele e, enquanto eu a apalpava desajeitadamente, ele a puxou para cima.

— Um serviço temerário, muito malfeito. Quem fez isso?

Eu mesmo me costurei. Os médicos estavam muito ocupados.

— Teve sorte de não ter uma septicemia.

— Ah, despejei um frasco inteiro de iodo sobre os cortes.

O Dr. Norman pestanejou.

— Venha me ver depois, eu darei um jeito.

— Landers foi recomendado para uma citação de valor durante o contra-ataque turco. Diz a lenda que ele destruiu quase cem turcos, com pistola, baioneta, fuzil e metralhadora — disse Chris naquele seu detestável jeito *pommy*.

— Você está me encabulando. Em que posso servi-lo, doutor?

— Homens demais estão morrendo entre a evacuação e o momento em que chegam a Alexandria.

Tive vontade de urrar.

— Muita gentileza da parte de vocês terem notado.

Norman obviamente entendeu a expressão do meu rosto.

— Vamos deixar claro uma coisa, está bem? Como neozelandês, estou revoltado com o que provavelmente foi o mais ineficiente plano de evacuação da história militar britânica. Há braços, pernas, torsos, cabeças e mulas de Galípoli flutuando em todo o Mediterrâneo e indo parar às centenas nas praias do Egito e na costa da África. Vamos ver se é possível fazer alguma coisa melhor.

Foi um momento de sobriedade para mim, mas também de muita clareza. Qualquer que fosse meu ânimo pessoal, ele estava aqui em nossa

mais necessária missão.

Chester bateu e entrou. Quando eu o apresentei, Norman olhou-o como se dissesse “não pensei que tivessem pequenos tocadores de tambor por aqui”. Isto... até que Chester falou.

— Coronel Norman — disse Chester.

— *Doutor* seria preferível.

— Doutor, sugiro que a primeira providência seja sentarmos com o senhor e fazer com que tenha uma visão geral pelo mapa. Também posso dar-lhe a média diária de baixas dos principais postos, tipos de ferimentos e procedimentos de evacuação.

— Será muito útil. Não imaginei que mantivessem um registro, com todo o caos e número de vítimas.

— Não o faço, senhor. Guardo tudo de cabeça — disse Chester.

Quando nos dirigíamos para a sala de mapas da Unidade, Norman apresentou sua equipe *ghurka* de cirurgiões, todos bons sujeitos. Eu podia imaginar o Dr. Shurhum seguindo Norman pela enfermaria do hospital, as mãos atrás das costas, desfechando ordens.

Os olhos de Norman passearam pelos estábulos e pelas cavernas que serviam de alojamento, uma concentração de moscas, mau cheiro, bosta e lixo, com águas sujas de sangue logo adiante.

— Vamos ver se podemos começar instituindo saneamento básico de campo.

Christopher tomou Norman pelo braço e fez um sinal com a cabeça para que eu os acompanhasse.

— Doutor, eu respeitosamente lhe peço que não quebre a cabeça tentando mudar o que não pode ser mudado. Estamos na situação militar mais difícil do planeta. Acho que suas energias devem ser concentradas no seu propósito declarado de fazer com que mais homens cheguem vivos a Alexandria.

A expressão de Calvin Norman podia destruir rochas, mas Christopher Hubble era um aristocrata britânico falando a um colono.

— Major, tive que abrir caminho através de um pesadelo burocrático para poder chegar até aqui e deram-me carta branca. Eu não tremo diante de generais ingleses.

— O que o Major está tentando lhe dizer — interferi rapidamente —, é que ao se familiarizar com as condições, uma concentração nas prioridades pode ser o caminho mais proveitoso a longo prazo. Em resumo,

doutor, não há como nos livrarmos das moscas, do cheiro dos cadáveres, dos piolhos, da disenteria, do calor e dos turcos, portanto vamos trabalhar nos feridos.

Calvin Norman não deixou escapar nenhum sim, não ou vá para o inferno.

Lamento que algum futuro historiador militar não estivesse lá para registrar a dissertação de Chester Goodwood diante do enorme mapa. Da região nordeste em frente à Colina Turca 80 até a linha no Posto de Chatham junto à praia, Chester explicou a força e a razão de cada posto e trincheira. Calvin e seu grupo seguiram o livro de quarenta mapas de trilhas com suas particularidades e perigos ocultos. Enquanto falava, membros do *staff* de Brodhead, inclusive o Coronel Hugh Markham, ouviam como se fosse uma aula de Napoleão. A voz de Chester ainda não chegara ao seu tom final de tenor ou barítono, mas, sem que falasse de modo explícito, os erros e falhas de comunicação do *staff* do General tomaram-se evidentes. Ele tinha que muitas perguntas com “receio que terá que perguntar isso ao pessoal Unidade, senhor. Prefiro não especular”.

— Parece haver uma pergunta que se sobrepõe a todas as outras — disse Norman ao final. — Por diabo alguém mandou vocês desembarcarem neste lugar?

— Esta será uma pergunta interessante, para futuros simpósios militares —, disse o Coronel Markham lá de trás, retirando-se em seguida.

O balão do Dr. Norman perdera o gás. Remexia-se desconfortavelmente com o primeiro sinal da realidade de que a enseada *Anzac* estava nas mandíbulas dos turcos.

— Como acha que deveríamos continuar? — perguntou a Christopher. — Acho que, talvez, eu deva fazer um giro pelas linhas de frente.

O Major assentiu.

— Landers é o homem para acompanhá-lo.

— Major, o estábulo está bastante desorganizado desde a morte de Yurlob — falei, reagindo involuntariamente.

— Jeremy pode cobri-lo. Pode ficar sem ele por alguns dias, Goodwood?

Chester ficou apreensivo.

— A praia está sob controle. — respondeu.

Que ironia do destino! Eu não gostava da sensação de ameaça que se insinuava nos meus pensamentos. Não gostava da maneira como minha mente estava funcionando. Quando os outros saíram, tentei justificar o que queria sair de dentro de mim.

— Doutor; eis a minha sugestão — disse eu. — Não podemos andar com toda a sua equipe pelas colinas. Sugiro, caso eles precisem se familiarizar, que saiam com as tropas de mulas a começar de amanhã. Se nós os revezarmos adequadamente, terão uma visão geral muito boa em três dias.

— Continue, Landers.

— Há todo tipo de variações no terreno — disse eu. — Estando só nós dois poderá ter uma visão mais detalhada da situação. Agora, previno-o de que é terrivelmente quente e algumas das subidas são muito escarpadas.

— Estou em perfeita forma — retrucou.

— Ótimo — respondi.

Ele era exatamente como Georgia o descrevera. Uma aparência fria encobrindo as espinhas da infância. Qual seria sua motivação para vir para Galípoli? Se buscava glória e estrelas de Coronel, iria consegui-las ali. Quaisquer que fossem suas razões, seu objetivo era humanitário. Assim, por que eu haveria de me incomodar com a razão de sua vinda? Provavelmente, é um excelente cirurgião. Em Christchurch, ele atende uma série de casos graves; lenhadores, mineiros, fazendeiros, marinheiros.

Senti-me mesquinho por ter desejado sua morte. Eu o via, é verdade, numa sofisticada clínica de Londres passando as mãos nas coxas das pacientes.

Toda vez que começava a pegar no sono, eu o via fazendo amor com Georgia... MINHA Georgia. Canalha, filho da puta!

Seria tão fácil nas colinas, apenas nós dois. Talvez eu não tivesse que fazer isso eu mesmo. Talvez algum soldado turco atocaiado o fizesse por mim. Controle-se, Rory. A necessidade que a Unidade *Anzac* tem de Calvin Norman é maior do que seu desejo de assassiná-lo. É melhor que seja mesmo. Que mundo estranho.

Um momento singular, a primeira vez que lhe ofereci a mão quando escalávamos uma formação rochosa chamada Esfinge. Ela protegia o vale do Spa Refúgio do Anjo, onde os homens tentavam descansar e despiolhar-se depois de serem substituídos nas linhas de combate.

Ele não era um homem frívolo. Suas conversas com os Coronéis Monash, Malone e outros comandantes da linha de frente eram acerbadadas. Não oferecia nenhuma simpatia, mas reconhecia que meramente sobreviver a um dia de turcos, calor, piolhos, rações, disenteria e moscas era praticamente o máximo que um ser humano podia fazer.

Ao final de um primeiro dia árduo, agradeceu-me secamente e dispensou-me, ordenando-me que continuássemos ao amanhecer.

Eu estava quase louco. Queria contar a Jeremy, mas não ousava. Não havia dominado minha compulsão de acabar com ele. Se eu confiasse em Jeremy e matasse o sujeito, Jeremy ficaria preso a um terrível segredo.

No segundo dia, visitamos a extremidade norte da linha. Havia três caminhos de volta para o posto seguinte. Escolhi o mais perigoso, no Barranco de Malone. Meu Deus, eu estava levando aquilo a sério. Algum dia eu poderia olhar Georgia nos olhos outra vez? Eu entendia por que ela não gostava daquele homem. Por que o estava aceitando de volta?

Droga, estava quente naquele dia. As malditas rochas pareciam se derreter. Eu conhecia o arbusto certo, no Barranco de Malone, que daria uma pontinha de sombra. Retrucou quando o avisei para não beber a água depressa demais.

— Acho que entendo de desidratação — disse apenas.

— Trouxe duas latas de guisado. Um homem precisa de uma diversificada — disse eu — e alguns doces. Ajuda a dar energia... como você bem sabe.

Ele comeu em silêncio, exceto por passar a língua sobre os dentes para limpá-los, e pôs-se de pé repentinamente.

— Que diabo está fazendo?! — repreendi-o automaticamente.

— Tenho que urinar, se não se importa — respondeu ele . -

— Bem, vá na direção oposta, doutor. Três metros na direção em que vai e estará na mira de uma sentinela turca.

Ele pestanejou e urinou onde eu lhe dissera.

— Muito obrigado, mesmo — disse ele, voltando para a sombra ao meu lado. Perguntei-me que instinto me fez enviá-lo na direção certa. Ah, meu Deus

— É da Ilha do Sul? — perguntou ele.

— Sim, senhor.

— Eu mesmo sou de Christchurch. Estudei em Londres, é claro.

— É claro.

— Você por acaso é parente de Horace Landers da Junção Kiwi? Talvez eu realmente devesse matá-lo...

— Sou, sim.

— Via Horace de vez em quando, antes de se aposentar. Escócia, não é?

— Sim, senhor.

— Não sabia que ele tinha um filho da sua idade.

— É uma longa história, doutor. Sou um membro adotado da família por parte da irmã de meu pai. De qualquer modo, fiquei morando na ilha do Sul. Trabalhava nas fazendas.

— Mundo pequeno. Envie-lhe minhas lembranças quando lhe escrever.

— Certamente.

Norman repentinamente começou a arquejar, com falta de ar. A pele tomou-se lívida e o suor brotou-lhe por todo o corpo. Sentia-se flutuar., a cabeça leve.

— O que está me acontecendo?...

— Insolação. Deite-se de costas, doutor

Ele não pôde protestar. Estendi-o no chão, molhei um pano, umedecei seu rosto e a nuca e fiquei abanando-o. Ele resmungou, envergonhado.

— Feche os olhos e não se esforce para falar — disse eu. — Vai passar logo.

Abri sua camisa e continuei a abaná-lo, esfriando-o com seu próprio suor. Minha própria boca ficou seca e senti minha mão desabotoar o coldre da minha pistola. Tudo que podia ser ouvido sob o distante fogo de artilharia era a minha respiração e a respiração dele, ofegante. Ah, seria tão simples agora. Por que, neste vasto mundo, eu me encontrava ali com ele, se não fosse mensagem clara para acabar com a sua vida? O que era mais um homem morto naquele circo?

A pistola tinha um alvo certo em sua frente.

“Sua dor será mais fácil de suportar se Calvin Norman continuar vivo; sabe, Rory Larkin, que, se você o matar, ele destruirá sua alma a cada ano após ano. Mesmo nesta terra selvagem, um homem não pode deliberadamente esquecer sua natureza humana.”

Droga! Era só o que eu precisava. Palavras sábias de Conor Larkin

“Quantos outros homens você vai matar se tirar a vida dele, meu caro Rory? Poderá viver com isso? Suponha que seja Jeremy ou Chester na

de operações... ou você mesmo e nenhum Calvin Norman para operar. Mate-se, mas não mate um cirurgião num campo de batalha.”

Norman gemeu.

Recoloquei minha pistola no lugar e umedei seu rosto novamente. Poucos, ele se foi recuperando.

Há um caminho fácil para a praia, mas está sempre coberto por armas turcas. A rota mais segura era chegar à crista do monte Walker, mas era uma subida difícil. Norman não estava em condições.

— Landers...

— Eu exigi mais de você do que deveria.

— Não sei se consigo voltar.

— Claro que consegue. Chupe essas balas e lentamente beba toda a água desses dois cantis. Isso vai colocar sua cabeça em ordem. Ficaremos aqui até o sol baixar, depois subiremos para o Posto 1 e passaremos a noite lá.

Quando o sol começou a descer sobre o mar, ajudei-o a ficar de pé. Estava um pouco melhor, mas sem forças.

— Vou carregá-lo nas costas — disse eu.

— Sinto-me um idiota.

— Agarre-se para subir. Lá vai. Passe os braços em torno do meu pescoço. Isso mesmo. Não fica muito longe, uns duzentos metros descendo o barranco e mais duzentos de subida até o Posto 1.

— Pode fazer isso?

— Você é leve como... uma maldita mula...

Eu tomara a decisão certa de não matar o filho da puta, mas com certeza não queria tornar-me seu amigo. Perdi as poucas horas de sono a que tinha direito pensando nele e Georgia. Até agora, conseguira um certo controle sobre a falta que Georgia me fazia, mas com esse miserável aqui, meu desejo por ela era constante.

Apesar de ficar fora do caminho dele, tínhamos muito a fazer. Seus *ghurkas* o idolatravam, mas fora eles, ele não tinha nenhum amigo. Por que, de toda tropa *Anzac*, ele tinha que ser meu parceiro?

Embora eu lhe assegurasse que era fato corriqueiro os homens salvarem outros no campo de batalha o tempo inteiro, sua gratidão foi extraordinária. Começou a apoiar-se em mim, sabendo que eu conseguia driblar a burocracia. Eu correspondia. Ele gostava cada vez mais de mim. Toda vez que o, sentia como se recebesse um soco na boca.

Tenho que admirar a maneira como ele retribuiu prontamente. Por azar, eu precisei de um favor dele. Modi pegou uma forte disenteria e deixou-me apavorado. Temendo mais pela vida de Modi do que minha própria amargura, supliquei ao Dr. Norman que, se houvesse um modo de salvar Modi, ele tinha que fazer isso por mim.

Você sabe como são os médicos, eles sempre carregam algo especial em suas mochilas que geralmente não está disponível no mercado. Deu-me uma espécie de elixir para Modi, advertindo-me que continha ópio diluído.

Quando Modi se recuperou, calculei que Calvin e eu estávamos quites. Não devíamos nada um ao outro.

Eu estava ajudando a descarregar alguns novos produtos de couro cerca de uma semana depois da chegada de Norman e quando ergui os olhos avistei-o no estábulo.

— Landers, preciso falar-lhe. — disse com ar sério. Bem, ele era sempre sério, mas hoje parecia um pouco mais. — Na verdade é um assunto pessoal.

Calvin não tinha o rosto de um homem alegre. Sua personalidade sombria esticara-lhe a pele sobre os ossos da face e o que quer que o estivesse aborrecendo agora, fazia-o parecer ainda mais tenso. A primeira coisa que me veio à mente é que Georgia lhe tivesse enviado uma carta citando o meu nome.

Verifiquei o que Farting Ferdinand estava fazendo. O patife estava atirando para o sul.

— A praia parece tranquila — disse eu. — Que tal um mergulho?

— Excelente ideia.

Por razões óbvias, examinei Norman quando se despia. Bem, Georgia não estava fazendo uma grande troca nesse departamento. Tomamos o banho típico dos *Anzac*. Ficamos sentados na água com água à altura dos ombros.

— Você me avisou, quando saímos para um reconhecimento das linhas de frente, que não havia nenhuma possibilidade de montar uma sala de cirurgia mais perto das trincheiras.

— Nunca se sabe qual posto os turcos irão atacar ou qual nós iremos atacar. Tentamos evitar que o inimigo durma durante a noite.

Estava aliviado por aquilo nada ter a ver com a mulher dele e comigo.

— Então — disse ele —, estamos de volta às suas duas sugestões iniciais. Tenho que montar uma sala de cirurgia ou no Barranco da Viúva ou sob as barracas da Cruz Vermelha. Eu esperava dar assistência nas linhas de frente. O maldito percurso de mula ou carregando as macas até o Barranco da Viúva pode levar umas duas horas desde as linhas de frente. Como você disse, Galípoli tem algumas realidades particulares.

— É uma vergonha gritante, mas perdemos muitos homens trazendo-os para baixo. ,

— Galípoli, disse ele — parece ser unicamente um longo grito. Mais alguns cirurgiões, mais algumas equipes de *ghurkas* ajudariam. Espero que venham logo.

— Quero fazer-lhe uma pergunta idiota, doutor. A maioria dos homens que perdemos, sangra até a morte. Não existe algum modo de lhes administrar mais sangue?

— Boa pergunta, Landers. Já experimentamos transfusões de sangue. Às vezes, funciona. Mas muitas vezes provoca a morte instantânea. Parece que há tipos diferentes de sangue.

— Por raça?

— Não, não é por raça. Por alguns tipos de ingredientes que não conseguimos identificar ou agrupar. Olhe, ao menos temos éter para trabalhar; bem como morfina e iodo para infecções. As guerras do século passado não tinham praticamente nada... serras, facas e pontos. Deixe-me dar uma olhada em seus pontos.

Fiquei de pé na água.

— Como você conseguiu escapar de uma infecção eu nunca saberei. Assim, o melhor que posso fazer aqui é operar antes de embarcar feridos para Alexandria... os que tiverem uma chance.

— Estão perdendo muitos homens nos navios? — perguntei.

— Centenas. Exigi que nos dessem uns dois navios-hospitais adequados. Vamos ver até onde vai minha carta branca. O motivo de eu pedir a você para vir aqui foi saber sua opinião sobre onde eu devo instalar a sala de cirurgia principal. No Barranco da Viúva, temos uma certa segurança contra a artilharia turca, mas são alojamentos muito pequenos, com pouca possibilidade de assegurar as condições sanitárias adequadas. Entretanto, se eu instalá-la na Cruz Vermelha, estarei completamente à mercê da artilharia turca. O que sugere, Landers?

— Ah, pelo amor de Deus, não sou Salomão.

— Eu tomarei a decisão — disse Norman —, mas gostaria de contar com a sua opinião.

Eu tomarei a decisão, ele disse. Bolas! As duas decisões podiam estar erradas, mas ele não se abalava. Tomaria a decisão cinquenta vezes por dia sobre quem tinha chance de sobreviver o bastante para chegar a Alexandria- e quem deveria morrer aqui... não pude deixar de sentir um grande apreço por aquele homem. Sem sua máscara de indiferença, sem sua capacidade aceitar a responsabilidade por muitas, muitas mortes... inúmeras vidas não seriam salvas. Não era de admirar que o sujeito parecesse ser feito de ferro.

— Bem, vejamos. As barracas da Cruz Vermelha são melhores para vocês?

— Sim.

Até agora, os dois lados honraram a Cruz Vermelha de cada um. Nossas barracas ficam inteiramente desprotegidas. Até aqui, tudo bem, mas os turcos não são os queridinhos de ninguém. Eu não gostaria de ser prisioneiro deles. Modi, o Dr. Pearlman, o meu amigo para quem você deu o remédio de disenteria, é da Palestina. Os turcos bateram nas solas de seus pés com um porrete. Aleijaram diversos amigos dele assim. Os turcos também gostam de estuprar seus prisioneiros. Mas mesmo que não atirassem deliberadamente nas barracas da Cruz Vermelha, lesões corporais e balas perdidas acontecem aqui o tempo todo. Alguns tiros podem cair perto ou em qualquer direção. Há outro risco importante. Nossa própria artilharia naval matou centenas de nossos homens. Não haveria um acréscimo de tensão nos cirurgiões operando durante um bombardeio?

— Quando em dúvida, proteja-se — disse ele.

— Posso estar errado, mas acho que aquelas barracas vão ser atingidas.

— Bem, obrigado, Landers, você ajudou muito. Imagina-se que comece a faltar munição para os turcos depois de algum tempo.

— Eles abriram uma fábrica de munição ao sul de Constantinopla. É basicamente a única informação correta que conseguimos do serviço de inteligência.

Os sapadores e engenheiros criaram uma enorme cratera na parede oriental do Barranco da Viúva, cobriram-na com chapas de aço e empilharam em cima seis metros de sacos de areia e terra... resistência suficiente até para Farting Ferdinand.

Em junho, a temperatura às vezes ultrapassava quarenta e dois graus. Em cabo Helles, os ingleses fizeram uma nova e fútil tentativa em Achi Baba. A um custo terrível, avançaram cerca de um quilômetro e meio na península e nunca mais conquistaram nem um centímetro daquele território maldito. Essa ofensiva foi completamente surpreendente. Como eu tinha acesso a relatórios de campo oficiais, lamentavelmente tomei conhecimento não só de que os oficiais podiam ser monumentalmente incompetentes, como podiam ser monumentais mentirosos sobre os motivos e as consequências. Os desastres envoltos na poesia da fantasia.

Dos capatazes originais do Major Hubble, um homem se destacava como potencialmente o melhor oficial de todos nós, e esse homem era Chester Goodwood. Parecia que toda a Unidade *Anzac* dependia do modo como ele administrava a praia.

Chester possuía dois dons. O primeiro era a habilidade de pressentir necessidades e demandas futuras e obter o material antes de a falta ocorrer.

. O segundo dom era uma sensibilidade que o fazia enfurecer-se com a incompetência, independente da patente que o incompetente carregasse nos ombros. Chester urgia os oficiais para que tomassem providências e, em Lemnos, os Coronéis ficavam paralisados de medo de sua ira.

No devido tempo, ele exigiu que o General de Brigada Godley exonerasse o seu mais graduado oficial de intendência, um Coronel, e na hora decisiva Godley aquiesceu docilmente. Devo dizer que eu não poderia ter ficado orgulhoso quando ele foi promovido a primeiro-Tenente. Imaginem! Ainda nem sequer tinha uma barba decente.

Finalmente. Christopher Hubble conseguiu realizar seu maior sonho, um batalhão para comandar sob o Coronel Malone. Era uma mistura de tropas sob a designação esotérica de *Primeiro Kiwi*.

Jeremy já trabalhara na praia por muito tempo. Pegou a febre e foi transferido para o *Primeiro Kiwi* onde recebeu o pelotão de reconhecimento conhecido como Recon A.

Para ser honesto, Modi podia administrar o estábulo com um bocejo. Com o tempo, havíamos preparado duas dúzias de carregadores e mestres de trilha que podiam levar avante a operação, inclusive os judeus palestinos e os *sikhs*.

Assim, apresentei meu próprio pedido para alistar-me no *Primeiro Kiwi* e usei minha influência com Brodhead para fazer o pedido chegar diretamente a ele. Fiquei perplexo quando me negaram o pedido. Dirigi-me

ao Coronel Markham, um *pommy* igual a Christopher Hubble, e “solicitei” saber o motivo.

No começo, Markham tentou me enganar, dizendo que um homem que potencialmente iria ser condecorado era melhor que não recebesse um tiro. Ora, isso não é razão, e eu lhe disse isso. Ele desistiu e me mostrou meu pedido de transferência. Havia uma folha anexa com uma anotação. *O Suboficial Landers seria de inestimável valor à minha unidade na assistência aos feridos.* Assinado Tenente-Coronel Calvin Norman.

O que os deuses estariam tentando me dizer? A bem da verdade, como o estábulo caminhava automaticamente, sentia-me inexoravelmente atraído para o Barranco da Viúva, construindo a sala de cirurgia e fazendo uma série de coisas que requeriam o bom senso que geralmente faltava aos oficiais.

Seja como for, resolvi não protestar, sabendo, no fundo, que eu poderia ir para as linhas de frente se realmente desejasse.

O que fiz foi administrar o movimento geral do lugar... providenciando a chegada dos suprimentos necessários à sala de cirurgia... escavando locais onde os feridos ficariam mais seguros e confortáveis... usando prisioneiros turcos 24 horas por dia para limpar a área... mantendo o chão da sala limpo de sangue... removendo braços e pernas amputados barçaça de lixo por um caminhão que não poderia ser visto pelos que aguardavam cirurgia... trabalhando com Chester para evacuações extremamente rápidas e tranquilas... ficando ao lado de algum companheiro que particularmente precisava segurar minha mão enquanto se esvaía em sangue... mantendo um suprimento de uniformes limpos para Norman e seus cirurgiões e auxiliares...

Nem sei como explicar, mas havia muito a ser feito e devo dizer que encontrei ali uma verdadeira razão de viver.

Todos os dias, o Dr. Norman selecionava cinquenta a cem dos que mais necessitavam de cirurgia e os dividia entre seus cirurgiões. No fundo do barranco, ele os examinava, estirados como postas de carne em um matadouro, e os etiquetava... alguns para morrer., alguns para evacuação sem cirurgia... alguns para cirurgia.

Ele e os demais médicos operavam em péssimas condições, o chão sempre escorregadio de sangue, enquanto os turcos enxugavam baldes cheios sob seus pés enquanto operavam.

O enorme aposento parecia-se a uma mina de carvão: mal iluminado, malcheiroso, mal ventilado, a tela contra moscas sempre precisando de reparos... os malditos estampidos das armas sempre próximos...

Pode parecer diabólico, mas aprendi mais sobre clemência aqui do que pensei que pudesse existir. Veja, essa era a fibra do meu povo, os neozelandeses, bem como dos australianos. Tentávamos instilar uma única regra severa, dizendo aos feridos que todos nós estaríamos melhor, se pudessem suportar sua dor em silêncio.

Gritar, urrar e debater-se apenas deixaria os outros homens transtornados e tornaria o trabalho dez vezes mais difícil para os cirurgiões. Larvas eram colocadas sobre a carne putrefata para que devorassem a infecção, pedaços de borracha eram presos entre os dentes dos homens. Havia um lamento constante dos que sofriam uma implacável agonia... mas raramente um grito e nunca uma gritaria geral... aguardando em sua maca ou no chão pela sua vez na mesa de operações.

Calvin Norman atravessava quase todas as noites serrando e costurando, quase sem tempo para se limpar e a seus instrumentos entre uma e outra operação.

— De onde você é, rapaz? Auckland. Ah, eu adoro aquelas colinas de Auckland.

— Meu braço! Estou sem meu braço!

— Não deve gritar, rapaz, vai ser ruim para seus companheiros.

Ao amanhecer; o Dr. Shurhum, o Dr. Norman e os outros colegas mal podiam se manter em pé, mas continuavam até sua visão turvar e suas mãos já não poderem ser controladas, tornando os instrumentos perigosos. A fala tomava-se arrastada. O Dr. Norman já não conseguia dar ordens adequadamente.

Nessa hora, eu o levava até a praia e o enfiava na água. Chester sempre tinha um uniforme limpo pronto para ele. Quando a luz surgia por trás de Chunuk Bair, eu acomodava Norman longe da artilharia e ajudava a esvaziar o Barranco da Viúva, para o barco de evacuação ou... então... o enterro no mar.

Más notícias chegam depressa... Boas notícias levam algum tempo até chegar a Galípoli. Com um novo navio-hospital em serviço, centenas de homens podiam ser salvos.

Meus pesadelos tinham seus próprios pesadelos... muito sangue, pernas e braços... as cirurgias do Dr. Norman misturadas comigo no Posto de Quinn... e sonhos estranhos e terríveis com Georgia. Chester estava sempre à minha volta como se eu fosse um aleijado, como se ele já não tivesse o suficiente a fazer. Passei a ter medo de dormir... mas, neste lugar, um homem pode aprender a dormir de pé em cochilos de vinte segundos.

Imagem! Finalmente chegou um dia, e já não era sem tempo, em que Norman não tinha nenhuma cirurgia para realizar. Dirigimo-nos à minha caverna de troglodita e nos regalamos com algumas iguarias dos oficiais: sopa de batatas e, acredite, salmão, vinho e pudim de leite! Bem, ou Calvin Norman não podia beber muito ou geralmente estava cansado demais para lidar com o álcool. Resolvi embebedá-lo. Ele bebeu e bebeu até finalmente recostar-se contra a parede e fechar os olhos.

Eu sabia que teria que ouvir suas lamentações e elas não custaram a surgir.

— Um dos problemas aqui são os chamados homens saudáveis — disse ele. — Eu estimo que em toda a Unidade *Anzac*, homem por homem, cada soldado está sendo operado com cinquenta por cento de suas forças. Eles são pele e ossos e expostos a qualquer infecção que essas malditas moscas e piolhos transmitam. Qual a sua resistência agora, Landers?

— Cinquenta por cento.

— Bem, suponho que os turcos também estejam bastante enfraquecidos, embora tenham acesso a trigo e carne.

— Como se sente quando opera um turco? — perguntei-lhe.

— Sinto que tenho que trabalhar dobrado para salvá-lo.

— Sim... Caramba, que vinho bom. Francês.

— Estou tendo que tomar algumas terríveis decisões todas as noites — ele continuou a tagarelar. — Às vezes, quando examino alguém e seus olhos me olham suplicantes, eu já sei que ele vai morrer e me vem à mente alguém vai receber um telegrama no dia seguinte em Sydney ou Wellington...

— Agora, ouça-me, doutor.

— Você pode me chamar de doutor. Eu não o assusto, não é, Landers?

— Como um homem que fica de pé 24 horas salvando vidas pode assustar alguém?

— Mas esse é o ponto, meu velho. Passei uma vida inteira fazendo-me *temido*. — balbuciou ele. — Não tenho amigos. Nunca tive. Cirurgia de precisão sempre foi minha credencial para angariar respeito. Alexandria foi um pão de ló. Em um mês, eu era o único cirurgião bom o suficiente para cuidar das mulheres dos oficiais.

— Bem, está compensando aqui o tempo perdido.

— Aqui? Eu vim para Galípoli pelas razões erradas. O que estamos comendo? É bom.

— Um pouco do caviar do General. O que é tão bom assim em relação a esse grude? — quis argumentar.

— Bem... deixe-me ver... é melhor do que carne enlatada.

— Merda é melhor do que carne enlatada.

— Carne enlatada é merda — disse ele. — E por falar em merda, como vão os intestinos do Dr. Modi ultimamente?

— Ele está novinho em folha.

Nunca fui um grande apreciador de vinho, mas devo confessar que ele estava conferindo seus benefícios a nós dois.

— Aposto que mal pode esperar para voltar a Christchurch depois da guerra — disse eu, sabendo aonde estava querendo chegar.

— Não vou voltar — disse ele.

— Para Londres, então. Uma clínica de primeira classe.

— Vou permanecer no exército, Landers. Fiz muitas coisas erradas na minha vida. Nós vamos ter acesso a inúmeros remédios novos antes de esta guerra acabar. Gostaria de prestar uma nova temporada de serviço para ajudar a colocar esses rapazes de pé outra vez e tomar suas vidas mais suportáveis. Que tal isso para o velho juramento de Hipócrates... ou juramento de hipopótamo?

— Muitas coisas aqui mudam nossa maneira de pensar; não é?

— Graças a Deus por isso — disse ele.

Eu disse a mim mesmo: “Rory, controle-se. Ele está ficando bêbado demais.” Ora, bolas, eu já o vi ou bêbado ou acabando de acordar e ficar lícido num piscar de olhos, indo operar mais vinte sem jamais cometer uma falha.

— Você não tem mulher, Landers.

— Não.

— Mas tem uma namorada especial.

— Na verdade, quando saí de casa, o futuro estava tão distante que resolvi deixar a Nova Zelândia sem compromissos.

— Eu também — disse Norman —, mas foi a pior decisão que já tomei.

— Mas você tem uma mulher — deixei escapar.

— Segunda mulher. A viúva do Brigadeiro Christian Holiday é uma boa mulher.

— Mas o senhor tem uma mulher na Nova Zelândia!

— Não! Divorciei-me da mais encantadora, inteligente e capaz mulher que qualquer homem gostaria de ter. Na verdade, divorciamo-nos seis meses antes da guerra explodir. Eu sabia que seria indicado para o Exército e Georgia... este é o seu nome... teve a decência de manter o divórcio em segredo para proteger minha vida profissional. Eu era um libertino, sabe? Ela deixou-me ficar em casa até eu ser chamado para o Exército. Foi quando decidi ir para Alexandria. A viúva do Brigadeiro Christian Holiday é uma boa pessoa, ajudou-me na minha carreira... acho que estou falando demais...

— Absolutamente, senhor.

— É um alívio poder falar sobre isso. Meus colegas *ghurkas* não iriam entender; não é? Eu era um canalha, Landers, sempre tentando fazer sexo com toda mulher que encontrava.

— Mas... essa mulher, Georgia...

— Ah, Georgia.

— Você nunca mais escreveu para ela?

— Escrevi uma vez para pedir uma oportunidade e ela respondeu deixando entender que encontrara o amor de sua vida e que provavelmente iria deixar a Nova Zelândia. Ah, Landers, mantenha isso em segredo, Bernice Holiday é uma boa mulher.

Pomos interrompidos por uma barragem que quase nos lançou fora do abrigo. Pela intensidade das explosões, deduzi que se tratava de tiros de morteiro.

— Nossa! — gritou alguém lá de fora. — Acertaram a barraca da Cruz Vermelha!

Minha adorada Georgia

*Rezo para que Wally saiba onde
você está e lhe entregue esta carta.*

*Mal posso me perdoar por não
declarar a enormidade do amor que
sinto por você. Sei que me deixou livre
porque achava que tudo não passava do
arroubo de um rapaz impetuoso, mas
não é verdade.*

*Conheci as trincheiras da pior
maneira possível e lhe escrevo não
como um rapaz com saudades de casa,
mas como um homem que cresceu e
aprendeu a conhecer-se. Se eu não a
encontrar, jamais me recuperarei.*

*Seu ex-marido, Calvin Norman, e
eu estamos numa causa comum aqui.
Ele se tomou um gigante, não só pelas
vidas que salvou e por se sacrificar
física e mentalmente... mas porque
estabeleceu novos e nobres valores para
sua vida.*

*É um homem difícil de conhecer.
Sou o único a quem ele faz confidências.
Tenho certeza de que você sabe, ele fica
bêbado com dois goles e, tendo se
apegado a mim, abriu seu coração.*

*Calvin Norman tem sido bom para
mim, Georgia. Vi esse homem
desprezível tomar-se humano e não
vergar sob as pressões cruéis de ter que
decidir entre a vida e a morte.*

*Sei também que você não me disse
a verdade quando me contou que ele lhe
escrevia todos os dias e lhe suplicava
uma chance. Sei agora que você queria
me deixar livre, para me dar minha*

*própria vida. Minha única vida é com
você. Não acreditarei que você não me
ama até ouvir isso dos seus próprios
lábios.*

*Norman casou-se novamente,
aparentemente o casamento certo para
ele. Ela é a viúva de um Brigadeiro.
Confidenciou-me que vai permanecer no
exército, mas pelas razões certas.
Muitos homens vão precisar de muita
ajuda depois da guerra.*

*Não sei como dizer isso, mas senti
seu amor transcendendo o tempo e o
espaço e ele me alcançou e me disse que
ainda estamos presos um ao outro...*

*Peço a Deus que possamos nos
reencontrar.*

Ficamos verdadeiramente felizes de ver junho terminar, mas julho não foi melhor. Até agora, poucos de nós acreditavam que sairiam vivos dali.

Estavam ocorrendo mudanças que não indicavam um bom presságio. Nossas condições continuavam a se deteriorar. A avaliação de Calvin Norman de que cada soldado estava vivendo com metade de suas forças era uma estimativa geral. Enquanto nosso espírito estivesse lá, sempre encontraríamos as forças para mais uma luta.

Acho que é padrão, quando se enviam homens para o combate, denegrir a coragem e a capacidade do inimigo. Antes de desembarcarmos, nossos oficiais diminuíram os turcos. Afinal, os turcos passaram anos tentando livrar-se dos cristãos, perdendo todo o seu império na Europa.

Bem, alguma coisa erguera o ânimo de Abdul. Às vezes, acredito que a maioria das batalhas não é vencida ou perdida pelos estrategistas ou mesmo pela coragem dos soldados. Acho que, em geral, se resume a uma

questão de resistência física. Apostaria minha última libra que toda batalha na história se travou em duas horas de sono.

Os turcos nos haviam paralisado e, embora não conseguissem empurrar-nos para o mar, havia uma perceptível mudança em seu espírito. Não estávamos nem um pouco mais próximos de Chunuk Bair do que no dia em que desembarcamos.

Corria o boato de que os turcos haviam derrotado os armênios e os russos no Cáucaso e agora tinham novas divisões para enviar para Galípoli.

Falava-se também de uma rebelião nacionalista liderada pelos jovens oficiais turcos que incutira nas tropas uma verdadeira noção de país.

A ideia de uma vitória turca horrorizava Londres. Significaria uma vergonha para os ingleses em uma parte do mundo onde a perda de respeito e influência era o evento mais catastrófico na história de uma nação.

Assim, continuamos ali, sem avançar, sem recuar, sem nos render e sem nenhuma esperança de vencer.

Dia após dia, tudo terminava na sala de cirurgia de Calvin Norman. O sangue dos *Anzac* estava sendo lentamente sugado e eles se esvaíam para a morte.

Na Unidade, uma perplexidade sucedia-se à outra.

Uma série de erros táticos e ataques tolos começaram a cheirar a desespero por parte de nossos generais. Durante todo o mês de julho, o Barranco da Viúva ficou lotado em sua capacidade máxima.

O que faz um grupo de homens continuar? O apoio uns dos outros, suponho. Encontramos maneiras de afastar o desespero, não permitindo que o outro sucumba. Havia algum desespero, mas nenhuma sensação de denota, embora nossa confiança nos generais Darlington e Brodhead tivesse decrescido. Quanto a Godley — para nós era o mesmo que um turco.

Eu tinha minha própria esperança. Georgia era minha esperança. Podia deixar minha mente pensar nela novamente, cada instante livre que eu tivesse para pensar. Podia sonhar com ela outra vez, ser atormentado pela sua lembrança.

Estava preocupado com Calvin Norman. Havia decepado quinhentos membros em julho. Temia por sua sanidade. Mais de uma vez ele desmaiou na mesa de operações. Seus *ghurkas* o adoravam. Eles o faziam deitar em seu abrigo e me chamavam e dentro de pouco tempo ele pedia um gole de rum. Eu não sabia o que devia fazer.

Eu ficava do lado de fora das telas da sala de cirurgia observando-o, quando já estava de pé há muitas horas. Tomava-se cada vez mais irritado, mas suas mãos continuavam firmes e sua mente concentrada até ele recostar-se na parede.

Às vezes, eu achava que ele estava enlouquecendo diante dos meus olhos. Desdenhava nossas súplicas para que descansasse, sua obsessão em salvar vidas tornando-se maníaca e sua frustração com a perda de tantos homens na cirurgia corroendo suas entranhas.

Houve três dias seguidos de calamidade em Lone Pine. Embora não tivéssemos chuvas há duas semanas, o Barranco da Viúva ficara enlameado sangue.

Um projétil atingiu o gerador da sala de cirurgia, obrigando-os a continuar à luz de tochas e velas. Observei Norman. Estava sujo de massa encefálica e intestinos. Balançando, parecia um pêndulo sobre os argumentar com ele, tirá-lo dali. Ele repeliu-me com o cotovelo.

Não pude mais aguentar. Afastei-me e, depois de um rápido mergulho, isolei-me no meu abrigo. Minha única conexão com a realidade, como vinha sendo muitas vezes nos últimos tempos, era a voz de Chester.

— Você não pode viver a vida dos outros, não é, Rory?

— Não. — choraminguei. — Às vezes, acho que Deus está me punindo por todas as mulheres casadas que seduzi.

— Meu Deus, será que vou ter que realizar um encontro de renovação do fervor religioso para você? Pecadores, reúnam-se no Posto de Quinn às 5:30. Ataquem o Ângulo Maldito e expiem o pecado. Arrependa-se, Landers!

— Ah, pare, Chester, isso não é brincadeira.

— Então, por que está sorrindo... Olhe, não pode deixar de rir... olhe para mim.

Ele me acalmou. Sempre o fazia. Que patife querido!

— O que gostaria? O patê de Godley, as pernas de rã de Godley ou o carneiro ao *curry* de Godley?

— O rum de Godley.

Repentinamente, o Dr. Shurhum apareceu na entrada, até então um sujeito calmo. Soube o que acontecera assim que o vi.

— Estamos com o doutor aí fora. Por favor, posso trazê-lo para dentro? Dois dos assistentes *ghurkas* conduziram para dentro um Calvin

Norman lívido, imbecilizado, e o sentaram no chão. O Dr. Shurhum olhou desconfortavelmente para Chester.

— Podemos confiar no Tenente Goodwood — eu disse rapidamente. Shurhum ordenou que os *ghurkas* montassem guarda do lado de fora.

Recusou um drinque e lentamente recobrou o controle.

— Tinha que acontecer — disse o pequeno nepalês, trêmulo. — Ele simplesmente trancou-se, incapaz de mover as mãos, sua mente fechou-se, não nos reconhecia. Tivemos que obrigá-lo a deitar-se no chão, amarrar suas mãos atrás das costas, como pode ver.

— É melhor comunicarmos o ocorrido — disse eu.

— Não! — exclamou Shurhum enfaticamente. — Isso destruiria a carreira do Dr. Norman. Tivemos sorte de estarmos apenas ele e eu na sala de cirurgia, sem a presença de outros médicos naquele momento.

— O doutor está completamente apagado — disse Chester. — Não podemos escondê-lo.

— Não — disse Shurhum —, já vi isso acontecer com outros cirurgiões. Ele se recobrará depois de um descanso, mas não podemos enviá-lo de volta como demente. Acredite-me, senhores, conheço o exército... Particularmente quando se trata de alguém das colônias. Ele é um grande médico. Isso não pode lhe acontecer. Ele foi meu professor na Índia.

— Já entendi, Dr. Shurhum — disse eu.

— o que podemos fazer? — perguntou Chester.

— Eu o trouxe para você porque sabia que sua decisão seria a mais acertada. Por favor... eu tentei... toda noite quando procurávamos dormir, de repassava seus erros... seu sono era um longo grito, um apelo para ser capaz de fazer transfusões de sangue.

— Já disse que entendi. Por favor, dê-me um tempo para pensar.

— O que ele fazia estava além da capacidade de qualquer ser humano,

— Eu sei, Dr. Shurhum. Poderia... Cale-se!

— É o maior cirurgião do exército. É meu professor. É meu pai.

— Há alguém em quem possamos confiar na Unidade? — perguntei.

— E o Coronel Markham?

— Markham é um patife. — disse Chester. — Não vejo como vamos poder encobrir isso.

Mensagem, mensagem, preciso de uma mensagem. Droga, pense, Rory.., espere um minuto... ah, garoto inteligente... pense, pense, vamos...

— Posso ouvi-lo pensar, Rory — disse Chester.

Olhei para Norman. Estava alheio e longe de todos nós.

— Vamos realizar uma pequena cirurgia no doutor. Eis o esquema — disse eu. — Ele é atingido por um tiro na praia. Trago-o correndo para cá e mando buscar o Dr. Shurhum. O Dr. Shurhum atesta que Norman tem que ser evacuado e ele sai daqui no primeiro barco da manhã.

— Mas e quando ele chegar a Alexandria e não acharem nenhum ferimento?

— Ele vai ter um. Você vai fazer um nele agora mesmo.

— Eu? Como?

— Corte-o, depois o costure. Um na frente, outro no lado do corpo, não sei. Enrole a cabeça dele em ataduras. Coloque o braço dele na tipoia... não sei. Faça isso, droga, e nós o colocaremos no primeiro barco da manhã.

— Olhe para ele. Não tem forças para resistir! — grilou Shurhum.

— Ande com isso, idiota! E mantenha-o inconsciente até que o barco zarpe. Espere! Envie um dos assistentes com ele. Nós lhe daremos um ferimento também. Ande logo!

Shurhum assentiu com a cabeça e deu uma ordem a um dos *ghurkas* do lado de fora. Voltou dentro de instantes com os necessários instrumentos cirúrgicos.

Devo dizer que o resto da história transcorreu bem. Fizemos um ferimento discreto em seu rosto, como uma cicatriz de duelo, e Shurhum abriu e fechou um impressionante orifício no lado do corpo de Norman, embora fosse difícil encontrar alguma carne junto aos ossos para fazer o corte. Quando terminamos de lhe passar as ataduras, ele parecia ter recebido um tiro diretamente de Farting Ferdinand.

Shurhum escreveu um relatório citando o ferimento na cabeça e uma terrível perda de sangue. Coloquei um adendo assumindo responsabilidade pessoal pela evacuação em vez de seguir pelos canais competentes, que era a norma para um oficial superior.

O pobre Shurhum teve que voltar à cirurgia.

Fiquei ao lado de Calvin Norman a noite inteira, irrompendo numa risada de vez em quando diante do paradoxo de tudo aquilo. Há dois meses, eu estava a um passo de mata-lo.

Podem imaginar?

Parte Quatro: Chunuk Bair



Agosto de 1915

O Major Christopher Hubble estava mais feliz do que um porco chafurdando numa tonelada de lama. Ah, o *pommy* estava em seu elemento! Comandava uma mistura de tropas; uma companhia de homens de Auckland, uma companhia de homens de Wellington, uma companhia de maoris, uma bateria de obuseiros *sikhs*, seis metralhadoras, um pelotão de armas pesadas e o orgulho do batalhão, Recon A, um pelotão de Batedores de Canterbury comandado por seu irmão, Jeremy. Os mil e duzentos homens deste batalhão reforçado eram conhecidos como *Kiwi All-Blacks*, em homenagem ao nosso time de rúgbi no campeonato mundial.

Os *kiwis* mantinham a linha de frente do Ápice até o Esporão do Rododendro, a cerca de oitocentos metros além do Quinn, no outro lado da ravina. Do lado oposto da ravina, ficava a chapada Chunuk Bair, o ilusório pote de ouro de toda a campanha.

Entre a linha do *Kiwi All-Blacks* e Chunuk Bair, a ravina estendia-se por algumas centenas de metros para baixo e vários quilômetros de extensão, criando uma impenetrável barreira ao nosso troféu de guerra.

Jeremy Hubble assumiu o comando do Recon A, cinquenta Batedores de Canterbury com a mais vital das missões. Toda noite e alguns dias, parte ou todo o Recon A entrava sorrateiramente na ravina, em parte para contestar sua posse, mas principalmente para procurar algum tipo de buraco ou trilha até a chapada Chunuk Bair.

Os Batedores de Canterbury eram todos da Ilha do Sul, como eu, nascidos e criados em um terreno acidentado. Na verdade, a região entre o Ápice e Chunuk Bair assemelhava-se tanto à Nova Zelândia que mal se poderia identificar alguma diferença, exceto que lá era verde e aqui era marrom.

Com Calvin Norman longe e em segurança, Chester e Modi concluíram que podiam dar conta sem mim. Mais uma vez, passei por cima do General de brigada Godley e fui direto a Brodhead, solicitando transferência para o *Kiwi All-Blacks*.

— Vejo que tanto o Coronel Malone quanto o Major Hubble subscreveram este pedido, Landers. Há uma cadeia de comando aqui, como você sabe. Você e seus amigos têm conduzido sua própria guerra particular desde o Egito.

Exibi minha expressão mais sincera, que Brodhead reconheceu como descaramento.

— Veja, senhor — disse eu —, quando se vive num país montanhoso, passa-se a acreditar que sempre é possível encontrar um buraco por onde se esgueirar. A ravina possui mil curvas e desvios através de terrenos inclinados e planos. Afinal, senhor, eu consegui cartografar os mapas de trilhas.

— E tem a fantasiosa ideia de que vai localizar uma porta dos fundos para a chapada Chunuk Bair.

— Se houver uma, nós a acharemos.

— Você é um grande mentiroso, poderia jurar que é um irlandês — disse Brodhead, aprovando minha transferência. Peguei o papel com emoções contraditórias, nunca tendo ouvido aquele tipo de observação por parte dele.

Aparentemente, eu era exatamente o de que Jeremy precisava. O Recon A precisava de mais um oficial, um homem de trilhas, como eu. Dividimos o pelotão em dois, formando uma unidade Recon B e nos revezávamos conduzindo patrulhas para dentro da ravina.

Descobri um sujeito meio matuto, o Cabo interino Willumsen, que à noite se transformava em vampiro. Willumsen enxergava melhor à noite do que de dia. Eu o mantinha a meu lado o tempo todo.

Os turcos não se arriscavam muito na ravina durante o dia. Não precisavam. Detinham duas posições que cobriam o chão da ravina — a colina Beauchop e a Fazenda.

À noite, entretanto, os turcos tinham que enviar suas patrulhas para precaver-se contra ataques furtivos de nossa parte nos contrafortes de Chunuk Bair.

Willumsen era uma reposição relativamente recente, ainda não era dado aos males de Galípoli e outras enfermidades... era saudável e com uma

resistência física invejável. Nós o fazíamos trabalhar todo o tempo. Jeremy o levava para a ravina numa noite e, na seguinte, era eu quem o levava. Cada vez que entrávamos na ravina, os olhos de cobra serpeavam até mais próximo da chapada.

Ao cabo de uma semana, Willumsen, eu e quinze homens do Recon B nos havíamos instalado no sopé de uma colina íngreme que se transformava num penhasco diretamente embaixo de Chunuk Bair.

— Ah, meu Deus, avançamos ou não?

— Vamos subir, apenas alguns metros de cada vez — eu disse em seu ouvido.—Se ouvirmos qualquer ruído, ficamos imóveis. Não queremos entrar em confronto com eles. Entendido?

Sua ideia de devagar e sempre e a minha não eram iguais. Ele disparou pela encosta como uma lebre. Meu Deus... eu não tinha escolha senão tentar segui-lo...

Surpresa!

Subíamos como alpinistas. De repente, saída da terra que se esfarelava e ali no meio do matagal alto e marrom—Jesus, Maria, Mãe de Deus — está- vamos em Chunuk Bair!

Willumsen deslizava como se escorregasse no limo de tal modo que um mangusto não o veria e eu continuei fitando seus calcanhares e tentando não resvalar. Entramos em um sem-número de passagens, talvez por uns vinte e cinco metros, e o campo se abriu.

A claridade era bastante boa. Não havia fortificações visíveis tais como as que os turcos mantinham no Tabuleiro de Xadrez, no Ângulo Maldito e no Nek, que tomavam o Posto de Quinn tão inóspito. Nem havia a carnificina da batalha.

Era muito simples. Como os turcos possuíam um fosso inexpugnável, a ravina, protegendo a chapada, não precisavam manter muitas forças no topo, expondo-os ao bombardeio naval.

Vamos cair fora daqui!

Na manhã seguinte, no abrigo de Joshua Malone, o Major Hubble, Jeremy e eu observamos enquanto a unha suja de Willumsen traçava um caminho pela ravina até o local onde ele e eu subíamos na chapada.

— Meu Deus — murmurou Malone —, é o que podia haver de melhor. Qual o seu nome, filho?

— Cabo interino Willumsen, senhor.

— Você não vai vender nenhum segredo para os turcos, não é?

— Está brincando comigo, Coronel?

— Willumsen, você está agora numa posição em que precisa saber de tudo. Rapazes, nós seremos capazes de levar o Batalhão Kiwi All-Blacks a atravessar a ravina à noite sem ser detectado?

— Os turcos não gostam da ravina à noite — disse Chris.

— Concordo — acrescentou Jeremy. — Toda vez que os enfrentamos, eles se retraem. Acho que patrulham a ravina como ação de rotina.

— O problema que vejo — disse Chris — é que os turcos estão vigiando atentamente o Ápice até o Esporão do Rododendro.

— Mas suponha — continuou o Coronel Malone — que você retire o Kiwi da linha de frente à noite e seja substituído. Então, o Kiwi desloca-se por trás de nossas próprias linhas em direção ao norte, passando pela colina Beauchop. Prossegue até o vale da Austrália e depois desce a ravina na segunda noite, até a base de Chunuk Bair, para atacar na terceira manhã.

— Trata-se de uma longa caminhada com mil homens sem serem vistos — disse Chris.

— A pergunta que temos que fazer ao Cabo interino Willumsen é se ele pode ou não conduzir-nos até a ravina no escuro, e, devo dizer-lhes, a subida até Chunuk é implacável — disse eu.

— Mas por que nós vamos tentar algo assim, senhor? — perguntou Jeremy. — Sabemos que os turcos mantêm diversas divisões de reservas atrás de Chunuk Bair.

O Coronel Joshua Malone fitou-nos com os olhos esbugalhados.

— Segurem-se, rapazes. Em cinco dias, os ingleses vão desembarcar uma unidade de quatro divisões na baía Suvla.

— Quatro divisões!

— Já era hora!

— Magnífico!

— Meu Deus!

— Vejo que me ouviram—disse Malone, voltando para o mapa e apontando para a baía Suvla, a alguns quilômetros acima da costa, num terreno levemente ondulado que levava a um semicírculo formado pelos cumes de uma série de montes.

— Os turcos não mantêm muita coisa no Cume 269, porque não tem sido necessário e suas reservas estão baixas. Assim... a Unidade Suvla desembarca, avança rapidamente para 269, enquanto nós desfechamos um

ataque de surpresa em Chunuk Bair. A Unidade Suvla então se conecta com nosso flanco esquerdo. Depois, os turcos que tentem nos retirar dali.

Examinamos a baía Suvla com seu aclive suave e seu lago salgado até a pequena altura do Cume 269.

— Baía Suvla — disse Malone, pensando em voz alta —, é onde nós devíamos ter desembarcado desde o começo.

Nosso entusiasmo nos deixou tremendo de esperança. Se pudéssemos os turcos agora, tudo teria valido a pena. Todos nós, inclusive o Cabo interino no Willumsen, descemos até a Unidade, onde ele detalhou a longa marcha do *Kiwi All-Blacks* para o General Brodhead.

O plano final era tão simples que seria difícil, até para os oficiais, estragarem-no.

Rastejaríamos pela ravina à noite até chegar ao sopé de Chunuk Bair, reuniríamos o *Kiwi All-Blacks* na base da chapada e aguardaríamos.

Na escuridão da noite, os navios da Unidade Baía Suvla entrariam na baía e ancorariam.

Às 2:30, a Marinha abriria fogo contra toda a linha turca, inclusive a chapada Chunuk Bair. Quaisquer tropas que houvessem lá em cima deveriam descer para trás da chapada até que o bombardeio terminasse. Enquanto isso, estaríamos subindo nessa hora para derrotá-los na chapada ao alvorecer.

Com a alvorada, toda a nossa linha atacaria. Os *aussies* no sul dirigiriam seus principais ataques à Trincheira dos Oficiais Alemães e a uma crista estreita chamada Nek. Eram ataques de despistamento para prender em seus lugares uma grande parte das forças turcas e atrair suas reservas até eles.

As Décima, Décima Primeira, Quinquagésima Terceira e Quinquagésima Quarta divisões inglesas, conhecidas como Unidade Suvla, desembarcariam sem qualquer resistência na baía Suvla, avançariam imediatamente dois ou três quilômetros para o interior e capturariam o Cume 269.

Ao mesmo tempo, o *Kiwi All-Blacks* ocuparia a chapada Chunuk Bair e o Kiwi e a Unidade Baía Suvla uniriam as duas linhas de frente.

O Coronel Malone, então, liberaria várias brigadas de neozelandeses para atravessar a ravina e nos reforçar no topo de Chunuk Bair.

Os *aussies* se uniriam ao nosso flanco vindo do sul.

Cavaríamos as trincheiras à noite.

No segundo dia, os turcos contra-atacariam, mas as tropas da Unidade Suvla continuariam a desembarcar e reforçar nossas linhas.

Deixamos a Unidade eufóricos. Era o seu plano básico. Perguntei-me se tínhamos resistência, garra, coragem e o que mais fosse preciso para fazer a marcha, a escalada e depois ainda sermos capazes de deslocar os turcos.

Bem, logo veríamos.

Ninguém conhecia melhor a retaguarda de nossas linhas do que eu mesmo. Assim, conduzi o Recon B para baixo, por trás do Esporão do Rododendro. O Coronel Malone mantinha o Cabo interino Willumsen a seu lado como se ele fosse uma medalha de São Cristóvão.

Embora devêssemos estar fora do alcance dos olhos turcos, atravessamos o terreno amistoso por trás das linhas com grande cautela. Se encontrássemos uma patrulha inimiga, o Recon B deveria persegui-la e afugentá-la antes que pudesse avistar o batalhão inteiro. Tomávamos todo cuidado, usando aquele tempo para prender com fita gomada qualquer coisa que estivesse chocalhando em nossos cintos e praticar a comunicação por meio de sinais com as mãos e com bandeiras. O Recon B movia-se alguns metros de cada vez, de um lugar seguro para outro lugar seguro. Dentro de uma ou duas horas tornou-se uma espécie de dança. Eu chefiava a linha nesta parte da jornada...

À tarde, não se ouvia nenhum ruído. Eu verificava, a cada parada, se não estávamos levantando uma poeira denunciadora. Nada. Ótimo... Ótimo.

Ao anoitecer, paramos rapidamente ao pé da colina Beauchop, onde uma reserva de água fora guardada. Foi trazida para nós, que enchemos novamente nossos cantis e prosseguimos.

Fiz sinal para que a linha estancasse! Os malditos turcos avançavam de rastros pelo leito seco de um rio... Deus, eles podiam acordar um morto... Mandei que se deitassem e somente atirassem quando eu desse o primeiro tiro... e eu não dei o primeiro tiro até estarem bem próximos...

Nunca ficaram sabendo o que os atingiu. Rastejamos de um corpo ao outro, certificando-nos de que estavam mortos. Tinha que ser feito com baioneta para não fazer mais nenhum barulho.

Voltei para Malone e sugeri que parássemos a linha por quarenta minutos. Às vezes, os turcos dobravam suas patrulhas, sendo a segunda maior do que a primeira. Nada aconteceu.

Retomamos a caminhada, ainda dentro do horário.

As cores da aurora encontraram o *Kiwi All-Blacks* em fila nas margens do leito de um rio seco chamado vale da Austrália. Ainda estávamos atrás de nossas próprias linhas, mas mesmo assim bastante visíveis.

Sendo uma ravina seca, o leito do rio tinha uma vegetação de boa altura de cada lado. Os oficiais percorriam a linha para cima e para baixo alinhando os homens, de modo que passássemos o dia ocultos e na sombra.

Dei a Malone o melhor abrigo para a sua sede de comando, uma espécie de templo com cinco blocos de pedra, que provavelmente rolaram da colina há um milhão de anos. Ele era realmente uma visão inspiradora. Depois de fazermos algumas rondas, informamos a ele que estávamos satisfeitos: o *Kiwi* não podia ser visto pelo inimigo.

Como posso explicar? Ele era Wellington Nova Zelândia — Auckland, Nova Zelândia — Ilha do Sul — Milford Sound — Palmerston North...

Era o tipo de homem, como tio Wally, que apertava sua mão e o fazia sentir sua força, e você ficava sabendo que sua palavra era tão forte quanto aquele aperto de mão. Era um homem de valores claros e simples, mas também conhecia um bom livro e as complexidades de uma batalha.

Repassamos o plano mais uma vez. Devo ter adormecido em mapa porque a próxima coisa que percebi foi Jeremy batendo de leve no ombro.

Jesus, eu acabara de ir dormir e já estava escurecendo outra vez. Ergui meus cantis, ponderei se deveria tomar uns goles e o fiz. Mastigamos algumas barras de chocolate endurecidas, como madeira prensada... presumia-se que nos dariam energia.

Tudo parecia correr bem. Embora estivéssemos num cenário diferente, parecia uma noite normal em Galípoli. Farting Ferdinand começou a festa. Depois vieram os obuses turcos. Bom. Atiravam de local diferente da noite passada. Isso significava que haviam estado ocupados durante o dia deslocando suas armas e não haviam avistado o *Kiwi*. Exceto pela vegetação nas margens, o Barranco da Austrália não era particularmente abrigado. Se soubessem que estávamos lá, sem dúvida estariam nos atacando agora.

O Cabo interino Willumsen era o homem forte agora. Sabia o que tinha que ser feito. Jeremy seguia-o com a metade Recon A. Eu ia atrás com a segunda metade do pelotão, Recon B.

— Estamos prontos, Coronel.

— Não deixem a linha se estender muito. Reunimo-nos no topo da ravina.

Willumsen focalizou sua visão noturna e prosseguimos furtivamente das linhas *Anzac* para o interior do território turco. O *Kiwi All-Blacks* foi glorioso. Não se ouvia nenhuma voz ou ruído.

20:15

Topo da Ravina

Recon A e B mantiveram a posição enquanto o batalhão se agrupava.

O Suboficial Higby trouxe o Primeiro Pelotão da Companhia Auckland com um par extra de metralhadoras. Nosso primeiro alvo era derrubar uma posição turca crucial, um posto de observação chamado Fazenda, que guardava a entrada da ravina a oeste.

Quando o grupo de ataque partiu, o Suboficial Mellencamp trouxe o Quarto Pelotão dos Wellington para cima, mandou que calassem as baionetas e entrou na ravina para procurar e destruir qualquer patrulha turca.

21:25

Os ecos na ravina eram portentosos. Mellencamp foi atingido por uma emboscada turca a algumas centenas de metros. Chris rapidamente deslocou a Companhia Maori e eles dominaram os turcos e abandonaram o silêncio com grito de guerra.

...Ao mesmo tempo. Higby conseguira total surpresa na Fazenda, conquistando-a com uma única grande investida.

...Higby lá dentro, Mellencamp e os maoris atrás.

...Malone manteve os maoris bem atrás do Recon, esperando que os turcos dessem uma boa olhada na ravina. O velho Joshua tinha razão! *Wham!* Cinquenta turcos! Os maoris, empunhando baionetas, mergulharam sobre eles enquanto a Companhia Wellington contornou a batalha e passou para trás dos turcos.

Nenhum turco escapou.

Voltamos a nos reunir. Eram 23:50. Os turcos atacariam outra vez ou teriam encerrado por aquela noite? Quando saberiam ao certo que a Fazenda fora tomada? Nosso pequeno conforto era que os telefones turcos eram ainda piores do que os nossos, de modo que talvez não se alarmassem com a perda de contato. Movimento na ravina? Normal para uma noite atribulada.

— Bem, vamos entrar — disse Malone. — Não vamos ter que especular muito. Eles saberão dentro de mais ou menos uma hora e meia o que estamos pretendendo quando a Marinha começar o bombardeio.

Avançamos um pouco mais rapidamente e sem tanta preocupação em manter o silêncio. Abdul sabia que estávamos na ravina... esperávamos apenas que não soubessem quantos éramos.

1:30

Lá está ela!

Arroios de terra macia, íngremes, transformados por séculos de águas da estação das chuvas em perigosas formações estacadas como chaminés na base de um penhasco de terra.

Malone e Chris juntaram-se a nós para uma grande decisão. Willumsen, Jeremy e eu poderíamos sem dúvida levar o Recon até a base do penhasco, para que não tivéssemos uma longa subida ao amanhecer. Isso poderia nos dar a surpresa total.

No entanto, tínhamos mais do que uma boa chance de ser atingidos por nossos próprios projéteis se caíssem a uma distância mais curta, como sempre acontecia. Entretanto — e é um maldito “entretanto” — quanto mais próximos da chapada conseguíssemos subir e aguardar, menor seria a distância que teríamos de cobrir ao amanhecer e maiores as chances do elemento surpresa.

— Sempre em caso de não saber se cago de medo ou vou às cegas — disse Malone —, opto por fechar um olho e peidar. Vamos perder alguns homens antes de alcançarmos a base do penhasco.

Concordamos.

— Mantenham o Recon em seções A e B. Jeremy tome o paredão esquerdo. Rory, vá para a chaminé direita. Parem na base do penhasco e aguardem o bombardeio naval. Se estiverem atirando direito esta noite, levem o pelotão até o mais próximo possível da chapada e a alcancem ao amanhecer. Não avancem mais do que cinquenta metros e estabeleçam um perímetro de defesa para nos dar tempo de levar o resto do batalhão para cima.

— Entendido.

— Sim, senhor.

— Quem precisa mais de Willumsen? — perguntou Jeremy.

— Você precisa — menti.

— Fique você com ele. Um dos líderes do meu grupo é um hábil gatuno.

2:30

Talvez porque essa fosse a grande investida ou talvez porque a Marinha estivesse causando estragos extras nos turcos, mas nada se comparava às bolas cor de laranja que eram lançadas ao largo, transformando todo o *front* em explosões de luz chamejante, ondas de calor cegantes, fazendo o solo tremer sob nossos pés, quase nos lançando no ar. Estavam bombardeando a chapada Chunuk Bair impiedosamente.

— Os turcos vão ter que abandonar a chapada — disse Malone.

— Coronel, o bombardeio está nos dando luz suficiente para prosseguirmos — disse Willumsen.

— Chris — chamou Malone.

— Sim, senhor.

— Dê ordem para Recon A e B partirem. Mantenha a Companhia Maori de prontidão. Alvorada às 4:55. A Maori começa a subir às 4:00 e aguarda na base do penhasco.

O Major fez sinal com os dois polegares para cima, um para mim e outro para Jeremy. Iniciamos a escalada. Willumsen movia-se somente durante as explosões de luz, alguns metros de cada vez. Éramos muito bons em pegar o próximo apoio para as mãos e para os pés. Conforme o bombardeio continuava, nossa confiança crescia. A Marinha estava simplesmente saturando Chunuk Bair. Se os turcos não recuassem, estariam por certo em estado de choque ou, no mínimo, suas comunicações estariam destruídas. Calma, Rory, disse a mim mesmo, não fique confiante demais. Você já achou que teria vitórias fáceis antes.

4:00

Alcançamos a base do penhasco. Abaixo de nós, víamos a Companhia Maori começando sua subida.

Cometi o erro de olhar para cima, para os últimos cem metros. Tenho que contar o último segredo da minha vida. Embora eu seja um rapaz da Ilha do Sul conhecido por proezas arrojadas, quando passo de determinada altura e tenho que continuar subindo, tenho que fazer um constante esforço para me controlar. Em outras palavras, estava morrendo de medo.

— Vamos lá, um ajudando o outro — disse Willumsen. Fácil para ele, que era um cabrito montanhês com olhos de cobra. Meus malditos

joelhos estavam trêmulos e fracos. Rastejamo-nos penhasco acima, por fissuras em ângulo de noventa graus, toda vez que uma explosão iluminava nosso caminho. Um ajudando o outro. O homem acima de mim ofereceu-me sua mão e o de baixo empurrou meu traseiro.

...E não olhe mais para baixo!

...Quisera estar em Dixie... Oba, oba... Cristo, sua mão está suando, rapaz. Pare com isso. Garras de mão e de pé minúsculas, feitas para anões e lutando contra a gravidade...

...Desculpe, Georgia, agora não. Tenho que prestar atenção ao que estou fazendo. Algumas pedras se soltaram e sumiram sob meus pés.

Willumsen agarrou minha camisa e firmou-me.

— OK? — perguntou ele.

— Quanto falta?

— Estamos mais ou menos na metade do caminho.

Na outra vez que Willumsen e eu escalamos aquela encosta, eu estava tão eufórico que quase corri para o topo sem pensar. Quanto mais alto subíamos, mais as minhas pernas doíam e a dor começou a espalhar-se pelo meu corpo todo. Tinha que fazer esforço para respirar. Sentia o peito apertado...

Rory, você está arquejando e sentindo dores porque está se retesando. Os rapazes abaixo de você estão esperando. Você é o líder deles. LIDERE, DROGA, LIDERE.

Parei a fila e disse a todos que encontrassem um lugar para sentar-se; depois fiz sinal a Willumsen para descer até onde eu estava.

— Abrigamo-nos aqui ou vamos até o topo? — perguntou Willumsen.

— Você e eu. Subiremos e daremos uma olhada. Sargento Duneen! — chamei.

— Bem aqui embaixo, estou ouvindo, Landers!

— Vou até lá em cima com Willumsen. Darei um sinal com a lanterna. Três piscadelas seguidas quer dizer para ficarem onde estão. Um longo fecho de luz de dez a vinte segundos e vocês sobem!

— Certo.

Sabe, os últimos cinquenta metros requeriam tanto esforço e urgência, que me esqueci do medo. No entanto, Deus seja louvado, senti uma sensação realmente boa quando Willumsen agarrou meu pulso e puxou-me por cima da borda para a chapada Chunuk Bair Concedi-me o

prazer de oito a dez maravilhosas tomadas de ar e um gole d'água, depois rolei sobre a barriga e examinei a chapada. Jesus Cristo! O bombardeio deixara suas marcas, perfurando todo o terreno e agora atingindo o extremo oposto. Não se via nenhuma espécie de atividade turca.

— Abdul bateu em retirada — disse Willumsen.

— Não se preocupe, está escondido à nossa espera. Pode ver os homens de Jeremy?

— Posso. Estão aguardando a uns vinte e cinco metros abaixo.

— Bem, convide-os a subir.

Voltei para a borda da chapada.

— Sargento Duneen!

Liguei a lanterna enviando o sinal longo para que subissem. Quando a cabeça de Duneen apareceu, agarrei-o.

— Avise para mandarem os maoris subirem. Diga ao Major para subir e dar uma olhada. Acho que poderemos posicionar o batalhão aqui antes do amanhecer

Duneen deslizou para baixo com facilidade.

Do outro lado, eu podia ver os rapazes de Jeremy alcançando o topo. Todos amarravam cordas em volta de rochas e arbustos fortes e começavam a puxar os homens por cima da borda.

Jeremy e o Capitão Matamata, o comandante maori, encontraram-me.

— Matamata, dê-nos um perímetro usando Recon também. Não entrem mais do que 25 metros.

— Está completamente livre — disse o Capitão.

— Vinte e cinco metros e nem mais um maldito centímetro — expliquei. — Abdul está esperando que façamos alguma besteira.

Suspiros, suspiros.

Ah, meu Deus, era bom ver Joshua Malone e Christopher Hubble! Malone olhou nosso perímetro.

— Ótimo — disse e consultou o relógio. Alvorada em 52 minutos.

— Willumsen — chamou.

— Sim, senhor.

— Algum problema em você descer até o sopé do penhasco agora?

— Que tipo de problema, senhor?

— Bom rapaz. Quero as metralhadoras das armas pesadas aqui em cima em seguida. Diga ao Capitão Danielson para trazer Wellington e

Auckland para cima.

Willumsen desapareceu pela borda. Malone voltou-se para nós.

— Minha ideia é colocarmos todas as metralhadoras grandes aqui na borda, depois fazer a infantaria e o Recon rastejar pela chapada. Se tivermos que bater em retirada, quero essas Vickers grandes nos dando cobertura.

Conforme o bombardeio naval cessava, o lugar foi ficando silencioso. O sol ergueu-se da direção da antiga Tróia e espalhou sua dourada luz matinal pela chapada Chunuk Bair! Por enquanto, era nossa!

Em rápida sucessão, um sinal luminoso subiu e nós sinalizamos por bandeiras para o Ápice. Comunicaram o recebimento da mensagem. Sabiam onde o *Kiwi All-Blacks* estava. Malone e Chris cuidavam com rapidez e firmeza das prioridades.

...Mande o Ápice telefonar para a Unidade e a Unidade telegrafar à Marinha para que cesse o fogo contra a área da chapada Chunuk Bair.

...Passem uma linha de telefone diretamente do Ápice para Chunuk Bair.

Malone voltou-se para o mar. A baía Suvla, a dois quilômetros acima da enseada *Anzac*, estava repleta de barcos de desembarque e tropas tomando a praia sem resistência! As baionetas da Unidade Suvla reluziam ao sol da manhã.

— Mensageiro! Vá chamar o Capitão Matamata!

— Sim, senhor.

Outro mensageiro chegou da linha de frente.

— Coronel! Podemos ver os Dardanelos!

— Jesus Cristo!

Sáimos correndo pelo campo até atingirmos o perímetro do Recon. Lá! Embaixo! Podíamos ver tudo... os Dardanelos avançando nos estreitos e no mar de Marmara! Não havia mais energias para celebrar. Atrás de nós, as companhias Wellington e Auckland subiam pela borda e se espalhavam.

O Capitão Matamata apresentou-se.

— Envie dois grupos lá para baixo para fazer contato com a Unidade Suvla, para que possamos isolar a ravina.

— Certo.

Saboreamos o encantamento de ver os Dardanelos diante de nós, logo tivemos que voltar ao nosso trabalho. A nossa direita, ao sul, ouviam-se os sons de uma grande batalha, onde os *aussies* investiam contra a

Trincheira dos Oficiais Alemães e o Nek com o propósito de imobilizar os turcos e impedir que enviassem reforços para a Baía Suvla.

Telefonema do Ápice, Coronel.

— Malone.

— Major Quigley no Ápice. Tenho três brigadas prontas. Devemos atravessar até aí?

— Não, ainda não. Temos que nos contatar com a Unidade Suvla primeiro. O que está acontecendo lá, do seu ponto de vista?

— Não sei, Coronel. Parecem estar se reagrupando.

— Vamos, seus filhos da puta, saiam dessa praia. Quigley, ligue-me de novo assim que começarem a avançar para o interior.

— Sim, senhor.

— E Quigley, o que está acontecendo com Monash?

— Lamento informar que a Sexta Australiana foi detida na Trincheira dos Oficiais Alemães.

A expressão de Malone denunciou uma sensação de mau pressentimento.

Na Unidade *Anzac*, o General-de-Divisão Brodhead estava furioso, pelo fato de as quatro divisões que desembarcaram na baía Suvla não terem avançado para as colinas vizinhas, mas parecia mais preocupado em encontrar abrigo do sol, localizar uma área adequada para os alojamentos dos oficiais e instalar-se em lugar seguro para estabelecer o comando da Unidade. O General Stopford, chefe da Unidade Suvla, permaneceu a bordo de seu cruzeiro de comando, o HMS Helmsley, confiando no telégrafo sem fio para comandar suas tropas, embora as comunicações fossem muito irregulares.

Apesar da ausência de oposição turca na baía Suvla, Stopford recusou-se a enviar suas tropas para o interior até poder construir uma linha de trincheiras para repelir um contra-ataque turco. Era uma contraordem direta do plano operacional.

O comandante em terra de Stopford, Brigadeiro Dove, pareceu feliz de enviar a Stopford a mensagem de que não havia nenhuma necessidade de ele desembarcar pelos próximos dias. Dove concordava em permanecer na praia e tomar medidas de precaução até que pelo menos vinte mil homens tivessem desembarcado.

...Na Unidade *Anzac*, Brodhead ficou furioso, mas não conseguiu se comunicar com Stopford no navio de comando. Finalmente, através do

telégrafo de um contratorpedeiro próximo, Stopford recebeu a mensagem para partir para o ataque.

...Após quarenta minutos estudando o mapa, Stopford enviou uma mensagem em resposta dizendo que não iriam apressá-lo. Não gostava do que via do convés do Helmsley.

...Enquanto as Décima, Décima Primeira, Quinquagésima Terceira e Quinquagésima Quarta Divisões tomavam chá na praia, Brodhead exigia tomassem as colinas antes que os turcos os alcançassem.

...— Não sem artilharia suficiente em terra — retorquiu Stopford.

Enquanto a Unidade da Baía Suvla perdia tempo com sua ineficácia, a linha *Anzac* ficou em situação perigosa. O *Kiwi All-Blacks* estava sentado sozinho na chapada Chunuk Bair com vinte mil turcos no vale, no flanco esquerdo e vinte mil turcos no vale, no flanco direito.

A guilhotina abatera-se no Nek!

Em vez de suspender o ataque até que a Unidade Suvla avançasse, Brodhead cometeu o terrível erro de julgamento de capturar o Nek a todo custo, a fim de manter os turcos confusos.

O Nek ficava no coração das defesas turcas em tomo do Posto de Quinn. Era um longo cume, com cerca de trinta metros de largura e duzentos metros de comprimento... e penhascos íngremes de ambos os lados. Qualquer um que tentasse atravessar o Nek teria que descer sem nenhuma cobertura.

A Oitava Cavalaria Ligeira Australiana deslocou-se em quatro linhas de vinte a trinta metros para dentro do Nek e da mais compacta enfiada de tiros de metralhadora que o mundo já vira.

Com a Unidade Suvla parada, qualquer outro ataque no Nek era suicídio. Monash tentou desesperadamente mandar as tropas pararem, mas Brodhead passou por cima dele e ordenou que o ataque continuasse.

Com a Oitava Cavalaria Ligeira *aussie* cobrindo o campo com seus mortos e feridos, a Terceira Cavalaria Ligeira Australiana foi massacrada e, depois dela, a Décima Cavalaria Ligeira Australiana foi triturada ao avançar contra uma sólida cortina de balas. Nenhum soldado penetrou mais do que cinquenta metros no Nek, mas continuaram a chegar até não restar mais nenhum.

No começo da tarde, os turcos tinham extinguido qualquer sinal de vida no ataque à Trincheira dos Oficiais Alemães e ao Nek.

Tudo que sobrou do dia foi o *Kiwi All-Blacks* sozinho no topo de Chunuk Bair, a ravina às suas costas e cerca de cinquenta mil turcos prontos para contra-atacar.

15:30

Jeremy saiu em um perímetro de buracos de balas com o Recon e as Companhias Maori e Auckland. A Wellington ficou de reserva. O Capitão chegou com a arrepiante informação de que sua patrulha não conseguira alcançar a Unidade Suvla. Eles ainda estavam na praia.

O Coronel Markham, assistente de Brodhead na Unidade, procurou Malone, onde Chris e eu estávamos trabalhando.

Por que eles não estão saindo da praia? — foi a saudação de Malone à chegada de Markham.

— É melhor não nos exaltarmos — respondeu Markham, no que fora convencionado ser a postura de oficial-britânico-falando-com-colono. — As comunicações ficaram meio truncadas entre a Unidade Suvla e *Anzac*. Nós esclareceremos tudo em uma reunião a bordo esta noite.

— Esta noite?

— Esta noite — retorquiu Markham ríspidamente. — Faremos com que o pessoal da baía Suvla comece a se deslocar da praia pela manhã.

— Coronel Markham — disse Malone, controlando a raiva. — Os turcos estão com suas reservas aí embaixo, resolvendo para onde irão manda-las. Se a Unidade Suvla não tomar o Cume 269 nas próximas duas horas, vão se deparar com duas divisões turcas que irão, eu lhe garanto, entrar e ocupar o 269 esta noite.

— Quero saber o que aconteceu no Nek — finalizou Malone.

A boca de Markham contraiu-se.

— O Nek não é aqui ou lá. Vim com ordens específicas para você liberar as brigadas da Nova Zelândia no Ápice e trazê-las para cá, imediatamente.

— Não estou certo se o compreendo direito — disse Malone.

— Pretendemos manter Chunuk Bair. Acertaremos tudo com a Suvla no devido tempo.

— Coronel Markham, já houve um massacre no Nek.

— Quem lhe disse isso?!

— Coronel Monash... e agora você quer que eu coloque toda a Unidade da Nova Zelândia numa armadilha aqui. Eu não vou, repito, *não*

vou trazer minhas brigadas para cá até que estejamos engatados com a Unidade Suvla.

— O General de Brigada Godley...

— Dane-se Godley.

Markham pegou o telefone de campanha, conectou com o Ápice e disse-lhes que colocassem na linha o General Brodhead na Unidade. Informou que tinha a recusa de Malone de enviar mais homens para Chunuk Bair.

— Ele quer falar com o senhor — disse Markham, passando o telefone para Malone.

— Malone.

— Aqui é Brodhead. Não entendeu suas ordens?

— Entendi.

— Vai ou não vai obedecê-las imediatamente?

— Não até que tenhamos Suvla no nosso flanco esquerdo e os *aussies* no direito. Venta muito aqui em cima para ficarmos assim sozinhos.

— Deixe-me falar com o Coronel Markham.

Markham ouviu e desligou, depois se voltou e olhou em tomo.

— Major Hubble — disse Markham.

— Sim?

— Dê voz de prisão ao Coronel Malone e mande que o escoltem de volta à Unidade.

Bem, toda a vida de Christopher Hubble, como dizem, passou como um relâmpago diante de seus olhos em poucos segundos.

— Sinto muito, Coronel Markham, eu me recuso.

— Landers, prenda ambos e retire-os daqui.

— Não, senhor — respondi.

O Coronel Joshua Malone colocou suas mãos grandes e pesadas sobre os ombros do Coronel Markham e olhou-o nos olhos.

— Você, Brodhead, Churchill, Kitchener, Stopford, Godley e Darlington traíram a coragem da Austrália e da Nova Zelândia. Vocês os trouxeram para este lugar e os massacraram com sua deplorável incompetência coletiva. A farsa de Galípoli sempre esteve além da capacidade de todos os generais do rei. Vou retirar meus homens de Chunuk Bair. Vocês já massacraram homens demais por um dia.

Pegou o telefone outra vez.

— Quigley... aqui é Malone. Os turcos estão fora da ravina. Fechem as duas saídas, estou levando o *Kiwi All-Blacks* de volta em cerca de uma hora.

— Me dá este telefone! — ordenou Markham.

— Saia já daqui, temos muito trabalho a fazer, Major Chris.

Percorra nosso perímetro. Queremos uma retirada ordenada. Seu pessoal será coberto pelas metralhadoras pesadas. Donaldson, comece a descer com a Auckland. Atravesse diretamente a ravina e suba para o Ápice. O Ápice lhe dará cobertura.

— Já estou indo, Coronel Malone.

— Willumsen.

— Sim, senhor.

— É melhor alcançar o Major Chris. Ele está louco por um combate e eu não quero que ele deslanche nenhum ataque do outro lado.

Ignorando o perplexo Markham, Malone empreendeu nossa trágica retirada. Quando Markham finalmente conseguiu apoderar-se do telefone, ele não estava funcionando. Eu o desconectara.

A Companhia Maori ficou um pouco para trás, aguardando até que os Aucklands começassem a descida, em seguida eles também passaram por cima da borda.

Naquele trágico instante, sobreveio a traição final!

Só Deus sabe quem! Só Deus sabe por quê! A artilharia naval abriu fogo outra vez. Liguei o telefone novamente, conforme as explosões assolavam a chapada, e chamei o Ápice para que mandasse parar o bombardeio.

Wellington cambaleou para trás e caiu na ravina. Meu Deus! Nem sinal de Chris ou Jeremy!

— A chapada parece livre — disse Malone. — Retirem as metralhadoras!

Os artilheiros desfizeram sua formação, amarraram as armas aos cabos e começaram a baixá-las. O Coronel Markham continuava ao lado de Malone, sem saber o que fazer.

Afastei-me deles com uma crescente sensação de pavor quando os últimos desgarrados que mantinham a retaguarda passaram ao paredão do penhasco.

A Marinha estava realmente nos atacando. Desci, sentindo um projétil acertar bem perto. Espalhou-se por toda parte à minha volta.

Levantei os olhos e vi o Coronel Markham ser arrancado do penhasco pelo choque. Onde diabo estaria... ah, não... Malone caíra. Dei dois passos em sua direção e vi. O topo de sua cabeça fora arrancado.

Não posso ser o último aqui em cima! Não posso... Deve haver alguém atrasado! Não! Vamos! Espere... Willumsen na zona morta.

— Vamos, Landers — disse ele. — Nossas linhas já partiram.

— Onde estão Jeremy e o Major?

— Eles não virão — disse, agarrando-me com força. — Encontrei-os num buraco de bomba. Ambos estão mortos.

Não me lembro da marcha de volta. De nada. Nem me lembro muito do que aconteceu nos dias seguintes.

A primeira coisa de que me lembro foi de ouvir a voz de Chester através de uma névoa e de estender as mãos para encontrá-lo. Senti sua mão em meu ombro e seus dedos acariciando minha cabeça. Eu sabia que tinha que esforçar-me para atravessar a densa cortina de fumaça que encobria minha mente. Quando comecei a recuperar a memória, percebi que dentro de um instante teria que me deparar com algo terrível.

Lembrei-me e quis refugiar-me na névoa outra vez, mas a dor era forte demais. Não podia mais escondê-la.

— Lembra-se agora? — perguntou Chester.

Resmunguei.

— Você tem que tomar uma decisão, Rory. Não pode adiá-la — disse ele brandamente. — Rory, você tem que me dizer. Quer continuar a viver?

Ah, Jeremy, Jeremy, meu irmão Jeremy!

Outra voz, a voz sonora de Modi.

— Se não aceitar que Jeremy está morto, teremos que deixá-lo sozinho com isso — disse ele.

— Não me deixem sozinho — consegui pronunciar com voz rouca.

— Olhe para mim e diga que Jeremy está morto — disse Chester.

— Não posso.

— Se continuar assim, você poderá cair num buraco negro sem fim. — disse Modi.

Senti o ódio tomar conta de mim. Não é hora de me assombrar! Achei que eram meus amigos. Eu queria destruir alguma coisa, qualquer coisa. Modi pressentiu meu ódio e bloqueou a entrada.

— Se você sair e matar mil turcos, ainda assim Jeremy estará morto — disse Modi.

— Saia da minha frente!

— Claro — disse Modi, dando um passo para o lado.

Fiquei de pé, mas não consegui equilibrar-me em minha fraqueza e desabei outra vez.

Chester recomeçou.

— Você escolhe continuar vivendo ou não?

— O que é que você sabe? E você, Modi, o que o fez desertar do exército russo? Não me venham com sermões! O que vocês sabem?

Modi agarrou-me pelos cabelos e ergueu meu rosto, de modo que sua barba quase me tocava.

— Vou lhe dizer o que eu sei. Minha vila foi incendiada diante dos meus olhos pelos cossacos. Minha mulher foi estuprada por vinte deles e assassinada. Minha filhinha foi decapitada. Chama-se um *pogrom*, Landers. Quer que eu me sente e fique choramingando com você? Quer? Eu vivo!

Meu Deus, senti-me tão mesquinho. Abracei-me a seus joelhos e murmurei que nunca sofrera tanto em toda a minha vida.

— Diga-me o que fazer — implorei.

— Em um lugar como este — disse Modi —, o desespero é um inimigo mais forte do que os turcos. Você vai apodrecer mais rápido do que um cadáver na terra de ninguém, a menos que encare de frente o que aconteceu- Quer continuar vivendo como um aleijado ou como um homem?

— Estou ouvindo.

— Agora, diga-nos. Quem morreu em Chunuk Bair?

— O Coronel Malone — respondi, com a voz seca e embargada.

— E o Major Chris?

— Sim, Chris está morto.

— Quem mais?

— Jeremy está morto.

Optar pela vida e admitir a morte de Jeremy era um primeiro passo imprescindível. Ou Chester ou Modi me faziam companhia todo o tempo, encorajando-me a falar sobre Chunuk Bair e Jeremy.

Modi tinha razão. A menos que eu enfrentasse o problema e lutasse contra ele, estaria destruindo a minha vida. Precisava abastecer-me de força e sabedoria de qualquer fonte...

Tive que convencer a mim mesmo de que não estava tentando fazer do campo de batalha uma lembrança distante. Um homem tem que carregar isso pelo resto de seus dias. A questão era o quanto desta batalha eu deixaria que governasse minha vida dali para frente.

Se a dor, a inutilidade e, sim, a impiedade dessa batalha me consumir pelo resto de meus dias, como farão a muitos homens, então não terei honrado a morte de meus amados companheiros.

Modi explicou com clareza que ele fora para a Palestina para honrar a morte de sua mulher e filha realizando os seus sonhos por elas.

E assim eu devo honrar a morte de meus companheiros vivendo uma vida plena... Vivê-la com e para eles... Dar seus nomes a meus filhos... Ver o verde da Nova Zelândia por eles.

Modi e Chester disseram-me para abrir meus sonhos de reencontrar Georgia. Ela estava viva e era real. Ela deveria ser a esperança.

Mesmo com essas duas almas caridosas, a luta pela minha própria sobrevivência era assustadora e pedi a Conor Larkin que me ajudasse.

Não conheci Shelley MacLeod. Soube de seu amor por ela apenas através das cartas que ele me enviava. As cartas cessaram depois de Sixmilecross. A notícia da morte de Shelley veio através do Padre Dary. Conor estava na prisão e acabara de ser açoitado com o gato-de-nove-rabos quando soube de seu assassinato.

Conhecendo Conor, ele se deve ter culpado por sua morte ou, no mínimo, os dois tinham um pacto de morte.

E a culpa de Conor? Ele não devia ter sofrido menos do que o Salvador em sua cruz.

Pedi-lhe um pouco de suas forças. Conor sobrevivera à mais hedionda e brutal das experiências humanas. E superou-a, Deus sabe como, e viveu uma vida decente e importante, útil e valorosa até seu último suspiro.

O mais importante de tudo é que ele encontrou forças dentro de si mesmo para ser capaz de amar novamente. Essa Atty Fitzpatrick devia ser estupenda para conseguir penetrar em seu coração.

Agarrei-me a Conor.. e Modi... e Chester... e exigi de mim mesmo que não deixasse Galípoli me destruir.

O General-de-Divisão Brodhead manteve-me perto da Unidade. Seu próprio escudo fora perfurado. Estava meio aterrorizado ou por causa de seus erros ou das pesadas perdas, ou de ambos.

Por que eu? Brodhead tivera um relacionamento muito especial com Christopher Hubble, irmão mais velho, pai e filho, o que fosse. Chris fizera muito trabalho sujo para o General, da Irlanda a Galípoli. Acho que o General passara a depender enormemente de Chris. O Generalato é um posto solitário. Confidentes são pepitas preciosas. Se tudo tivesse corrido bem, Christopher Hubble deveria sair da guerra como um dos mais novos brigadeiros da história britânica e, de certa forma, um legado de Brodhead.

Eu certamente não tivera a intimidade do Ulster, a tradição militar, o posto que ambos tiveram, mas ele gostava do meu jeito e de alguns dos meus bons resultados. Estava sempre falando sobre a promessa de um futuro brilhante e pressenti que iria me chamar para ser seu ajudante de ordens.

Eu não guardava rancor dele. Suas terríveis decisões táticas e de campo de batalha eram as de um General cujas guerras foram travadas no século passado. Ele não sabia como enviar homens contra metralhadoras. Marchavam em linhas de granadeiros para serem ceifados como trigo.

Era um homem pessoalmente corajoso, razoavelmente benquisto pelas suas tropas, cujas agruras compartilhava. Fez o melhor que pôde pela *Anzac* depois de ter sido colocado numa situação insustentável, contrariamente à sua opinião.

Na Unidade, tendo acesso irrestrito ao bem guardado centro de informações, pude captar um pouco do furor que se seguiu ao desembarque da baía Suvla.

O Almirante Jack Fisher, o mais graduado oficial da Marinha Imperial, mudara de opinião várias vezes sobre Galípoli e finalmente abdicou do posto em protesto.

A saída de Fisher forçou Churchill a pedir demissão do cargo de primeiro-Lorde do Almirantado.

O General Darlington, comandante das forças no Mediterrâneo, foi afastado do comando.

O General Stopford da Unidade Baía Suvla foi demitido, como todos os seus oficiais e comandantes de divisão.

O governo Asquith caiu e um gabinete de coalizão foi formado para conduzir o resto da guerra.

O destino provável de Brodhead é que ele não deveria ser considerado para outro comando, para ele um golpe devastador.

Quando o choque e o escândalo de Galípoli se alastraram e as investigações começaram, Keith Murdoch, o jornalista australiano, abalou o Império com sua denúncia do que fora feito com os soldados da Austrália e da Nova Zelândia.

Apesar de uma derrota evidente, os ingleses continuaram apegados a seus míseros hectares em Galípoli. Estavam confusos quanto ao que fazer e desesperados com a própria reputação.

Agosto, setembro e outubro vieram e passaram. Galípoli mostrou o outro lado de sua face medonha quando o inferno do verão transformou-se em um outono frio e instável. Estávamos menos preparados para a grande geada do que estivéramos para o calor.

Em meados de novembro, uma nevasca de proporções quase bíblicas atormentou as trincheiras. Um vendaval antártico com rajadas de vento e tempestades de neve ofuscantes pegou-nos pouco protegidos.

No dia seguinte à tormenta, centenas de homens foram encontrados mortos congelados ou apresentando queimaduras de frio, exigindo amputações de dedos dos pés e das mãos. No final de novembro, Chester, Modi e eu trabalhávamos noite adentro na praia e no estábulo descarregando e empacotando cobertores, luvas, casacos de inverno, cachecóis, e enviando-os para *Front*.

A situação era desesperadora no Posto de Chatham e no Cume de Ryder. Por causa de sua proximidade com o mar, o frio cortante era ainda mais intenso.

Trabalhávamos sem parar e de repente nos vimos sem guias de trilhas. Chester resolveu fazer um percurso noturno até os postos de Chatham e Ryder. Cheirava mal, porque os turcos haviam estabelecido um corredor de tiro no topo do vale do Desespero.

Fiz uma corrida até um ponto de distribuição no Barranco Monash, arrastando-me de volta para a base por volta da meia-noite. A tropa de Chester retomara sem ele. Disseram a Modi que Chester recebera um ferimento leve no ombro a caminho de Chatham e dissera ao chefe de trilha que ia voltar para o Barranco da Viúva para cuidar do ferimento.

Modi não entrou em pânico. Nós dois fomos para o Barranco da Viúva e descobrimos o rosto de todos os homens que estavam lá mortos, aguardando evacuação ou cirurgia. Nem sinal de Chester.

Nas horas que precederam o amanhecer, fiz algo que não fizera em sete meses de Galípoli. Caí de joelhos e rezei.

Nós o encontramos logo depois do alvorecer ao lado da trilha, em Brighton Beach. Morrera congelado, encolhido com os joelhos junto ao peito, sem pensar em pegar alguns dos cobertores que levava ao posto.

Seu ferimento era quase superficial. Não foi isso que o matou. Ele já não tinha forças ou resistência física. Estava tão enfraquecido que qualquer vento forte teria sido capaz de matá-lo.

Fiz outra coisa que não havia feito em Galípoli.

Chorei.

No final de novembro, chegaram planos secretos de evacuação da Unidade *Anzac*. Estranhamente, foi o plano mais bem elaborado de toda a expedição. Todos os equipamentos pesados seriam abandonados, para que os homens pudessem viajar sem estorvos. Na primeira noite, viriam navios suficientes para içar a bordo o maior número de homens possível e zarpar antes de serem vistos.

Na segunda noite, o restante da Unidade repetiria o procedimento. O problema é que na segunda noite, Farting Ferdinand e o resto da artilharia poderiam simplesmente iluminar a praia e todo o exército turco cair em cima de nós.

Por sorte, o principal par de olhos direcionando a artilharia turca era um posto de observação denominado Guilhotine.

O Guilhotine ficava numa posição singular, tão comum na enseada *Anzac*. O Barranco das Mulas, do nosso lado da linha, continuava para cima e se estreitava, com numerosas curvas em S. Para tomar o Guilhotine quase invulnerável, uma súbita elevação de íngremes penhascos surgia em cada lado do barranco. O posto ficava incrustado em rocha sólida e não podia ser alcançado escalando-se ou tentando manobrar pelos flancos.

A única opção era simplesmente correr até ele. O barranco era tão estreito que somente dois ou três homens de cada vez podiam fazer a última curva em S e assestar um ataque. Só Deus sabe quantos homens havíamos perdido em tentativas fracassadas de dominar o Guilhotine.

Um dia depois de eu ter visto os planos de evacuação, a Unidade avisou-me que todas as mulas deveriam ser sacrificadas na última noite de evacuação. Havíamos reunido quase seiscentos animais para o cerco do inverno.

Disse ao comando que não queria que essa ordem passasse além de mim. As razões para a destruição eram simples. Não havia a menor condição de evacuarmos os animais. Seriam deixados ali até morrerem

congelados ou de fome, ou para serem usados contra nós mais tarde pelos turcos, ou para serem abatidos e servirem de alimento para os turcos.

Não deixei que Mordechai Pearlman fosse envolvido nesse horror final. Tendo rezado pela vida de Chester e chorado pela morte de meus irmãos, não vi nenhum mal em pedir a Deus que me concedesse alguma inspiração para me ajudar a evitar um desastre no segundo dia da evacuação.

Após uma reunião do *staff* na Unidade, o Coronel Monash, ninguém menos, veio até meu abrigo para uma conversa. Passáramos a nos tratar como amigos e acho que ele precisava de um terreno neutro para sentar-se e ouvir sua própria voz. Era um homem de ampla visão, mais ou menos como Conor.

— Lamento muito a respeito das mulas — disse.

Quando ele pronunciou essas palavras, ocorreu-me um plano. Seria muito melhor enviar essas mulas para a morte digna de um soldado lá em cima do Barranco das Mulas atacando o Guilhotine do que fora enviar seus soldados sobre o Nek contra sua vontade.

— Eu também chorarei um pouco por elas — disse eu.

— As chuvas levaram as terras das covas rasas na terra de ninguém — disse ele. — Esta terra será de eternos vales e colinas de ossos, deles e nossos, e nem é possível saber a diferença.

Olhou-me intencionalmente.

— Valeu a pena? — perguntou. — Ninguém jamais conhecerá os verdadeiros números, mas não houve menos de meio milhão de baixas, deles e nossas. Dezenas de milhares desses eram neozelandeses e australianos. São números muito altos para países tão pequenos quanto os nossos. Temos que encontrar algum sentido para isso, que não deixe tudo se transformar num grande desperdício. O que você descobriu, Landers?

— Todo homem carrega um pouco de covardia dentro dele. Aprendi que o amor dos companheiros pode nos ajudar a superar nossos medos. Aprendi que cada sobrevivente deste horror deve tentar viver uma vida boa, porque a estará vivendo por muitos homens.

— Isso é muito correto, Landers. Não me esquecerei.

— E o senhor?

— Viemos para esse campo de batalha, Landers, eu de uma antiga colônia penal orgulhosa de seus homens de modos rebeldes e desenfreados. Você veio de um lugar de pioneiros, lenhadores, criadores de ovelhas e

fazendeiros. Nenhum de nós era realmente definido como um povo. Partimos daqui como australianos e neozelandeses com uma definição clara de quem somos como homens e como nações. De certa forma, o seu país e o meu nasceram em Galípoli. Mostramos nossa coragem ao mundo e a nós mesmos e somente através desta tragédia tivemos a chance de demonstrá-la.

Eu tinha ordens expressas para Mordechai Pearlman ir para Lemnos para supervisionar nossos suprimentos de feno, grãos, cobertores e equipamentos para o restante de nosso inverno. Ele ainda não fazia a menor ideia de que as mulas deveriam ser sacrificadas ou de que haveria uma evacuação.

Mesmo quando lhe dei as ordens, fingi queixar-me de que seria difícil prescindir da ajuda dele, ainda que por alguns dias. Achei que o enganara. Não percebeu que não iria retomar... ou percebeu?

Levei-o até a doca, bati em suas costas e disse-lhe que o aguardava dentro de alguns dias, ajudei-o a embarcar e atirei sua mochila para ele.

— Obrigado, Rory — disse ele —, por tudo. Nunca mais haverá outro Cairo.

Depois que seu barco partiu, murmurei;

— Amo você, homem.

— Você pediu para falar comigo, Landers — disse Brodhead.

— Sim, senhor. Acho que tenho uma ideia para derrubar o Posto Guilhotine. Se os turcos não puderem enxergar, poderemos ser salvos da artilharia na última noite.

— Meu Deus, quisera que fosse possível. Se os turcos tiverem a menor desconfiança, isso pode significar um massacre ou, pelo menos, milhares de nossos homens seriam feitos prisioneiros. Há seis meses que venho tentando tomar o Guilhotine. Mas como? Temos que mandar apenas dois ou três homens de cada vez por aquelas curvas em S.

— Que tal provocar um estouro das mulas para dentro do Guilhotine?

— Meu Deus — murmurou ele.

— Temos que sacrificar os animais de qualquer maneira.

— Meu Deus — repetiu —, sem dúvida criaria uma tremenda distração. Os turcos poderão ficar imobilizados em suas posições e enviar suas reservas para lá às pressas. Pode muito bem manter a praia livre por algumas horas preciosas.

Fizemos uma linha de fogo atrás das mulas e as tocamos dali gritando e açoitando-as, e logo dispararam pelo Barranco da Mula, atravessando o arame farpado e continuando a subir pelas curvas em S, rolando umas sobre as outras conforme o barranco se estreitava.

Flynn e eu com mais dois homens trilhamos um caminho talvez usado na história da antiga Grécia que mais ou menos seguia a linha do barranco. Esperamos que os animais comessem a alcançar as últimas curvas, torcendo para que nossa presença não fosse detectada.

Os gritos e urros daqueles belos soldados eram simplesmente insuportáveis. Quando atingiram a última curva, Flynn, eu e os outros dois, carregados de granadas turcas, erguemo-nos numa passagem muito estreita a uns três metros acima das mulas.

Quando fizeram a curva, os turcos lançaram sinais luminosos e os últimos cinquenta metros da “investida” foram iluminados. Os turcos começaram a disparar. Os animais que vinham na frente caíram, enquanto outras mulas que vinham atrás continuaram avançando... avançando... empilhando-se bem na frente do Posto Guilhotine.

Ah, meu Deus do céu! Um dos rapazes resvalou para dentro do barranco e foi pisoteado e esmagado pelas mulas em segundos.

Agora ou nunca!

Saltamos para uma rocha sem sermos vistos, pois os turcos estavam totalmente ocupados em estancar o avanço das mulas — uma... duas... três... quatro... dez... onze — doze granadas explodiram bem no meio do ninho turco.

Vamos sair daqui agora mesmo... depressa... cuidado, não escorregue...

Senti a cabeça leve e quente... O que um homem faz quando está de joelhos sem conseguir levantar-se? O quê? O sangue jorrava da minha frente...

Flynn me deu um puxão, colocando-me de pé.

— Agente firme, Landers, nós o levaremos de volta, companheiro, nós o levaremos de volta.

EPÍLOGO



ARQUIVOS SECRETOS DE WINSTON CHURCHILL — NATAL 1915

Os maiores generais parecem ser os historiadores de futuras gerações que não tinham nenhuma decisão a tomar na época em que a História estava sendo feita.

Depois que todas as comissões de inquérito concluíram seus trabalhos, as acusações, as mistificações, as mentiras e as justificativas ditas e repetidas, percebo que um fato flagrante permanecerá e este é que o nome de Winston Churchill para sempre será sinônimo de um dos maiores desastres da história militar.

O que digo aqui é que homens cultos, em altos postos, homens que criaram o maior império do mundo, aprovaram a estratégia política e militar de tentar abrir os Dardanelos. Foi opinião deles que Galípoli era uma probabilidade naval e militar, senão uma possibilidade.

A derrocada subsequente encherá centenas de volumes ainda a serem escritos. Mas inferir que o plano era mal-intencionado ou tolo ou arriscado demais, ou que foi empreendido para beneficiar algumas carreiras individuais, ou que não tínhamos compaixão pelas vidas de nossas tropas, é uma odiosa mentira.

Eu poderia me apresentar ao Parlamento ou a qualquer comissão e defender minha posição. Poderia esclarecê-los sobre os sucessivos erros grosseiros de que não tive culpa, mas prefiro não passar o resto da minha vida apontando o dedo para a competência de muitos generais, almirantes ministros. Não, serei o bode expiatório para todos eles.

Como primeiro-Lorde do Almirantado, tive a minha cota de decisões acertadas e de más decisões. O que é deplorável é a acusação de que eu não me importava. Não será lembrado que muitos empreendimentos tiveram lugar depois da minha renúncia. Será pouco lembrado que a maioria das decisões estava sempre fora do meu controle.

O Conselho de Guerra empreendeu a aventura com grande confiança. Depois do fracasso de nossa armada em produzir os resultados esperados e depois de encontrar uma resistência turca inesperadamente feroz no desembarque, toda a empreitada começou a anuviar-se.

A determinação de vencer essa campanha, e os meios necessários para vencê-la, começaram a desaparecer nos conselhos superiores.

O desembarque da baía Suvla foi uma vergonha para as forças britânicas. O marechal-de-campo Kitchener foi o homem responsável pela indicação do General Darlington e do General Stopford. E no entanto não vemos Kitchener condenado.

Meu momento pessoal mais terrível foi quando tive de informar a *Lady* Caroline Hubble que seus dois filhos haviam sido mortos. Através da minha própria dor, encontrei grandeza na maneira como esta magnífica mulher enfrentou o momento mais cruel de sua vida. Sua permanente demonstração de dignidade e coragem nos meses de luto foi incomparável.

Lorde Roger Hubble foi informado da tragédia por telegrama, que o alcançou em sua casa de verão, em Daars, perto de Kinsale. Conta-se o seguinte: Hubble, um aficcionado da pesca de tuBarão, mandou que aprontassem uma pequena embarcação, ainda que uma terrível tormenta estivesse se formando. Embora avisado, dirigiu-se deliberadamente para o meio do vendaval. Destroços e cargas flutuantes do naufrágio mais tarde foram dar na praia, mas seu corpo nunca foi encontrado.

Assim, aos quarenta anos, minha carreira está à beira do desastre.

Aparentemente, ainda sou suficientemente valioso para o governo de Sua Majestade para ser chamado novamente do meu regimento na França para me tornar Ministro das Munições, embora já não tenha assento no Conselho de Guerra.

Poderei superar o meio milhão de baixas de Galípoli ou devo morrer com esse estigma gravado na minha sepultura? Estou decidido, por causa deste desastre, a continuar a encontrar uma forma de servir. Servirei tão bem que no final Galípoli será uma nota de rodapé, em vez do nome do livro da minha vida.

Não sei como os líderes devem suportar o resultado de terem causado muitas mortes no campo de batalha. Não há nenhum livro escrito que ofereça alguma orientação sobre o assunto. Todo rei, todo General, todo ministro, todo presidente tem que lidar a seu próprio modo com as mortes que resultaram de suas ordens. Que Deus tenha piedade daquele que termina com uma Galípoli.

Farei o possível, em escritas futuras, para explicar com precisão meu papel e meu pensamento. Poderei algum dia livrar-me do meu tormento? Talvez algum dia futuro me permita fazer um gesto de purificação.

WSC

PRELÚDIO



UMA RETROSPECTIVA DO LEVANTE DA PÁSCOA DE 1916

Theobald Fitzpatrick

Parte Um: O Rastro de Conor



Para refrescar sua memória, sou Theobald Fitzpatrick, filho de Atty e do falecido Desmond Fitzpatrick. Herdei muito das habilidades jurídicas de meu pai para continuar o trabalho de sua vida como advogado do movimento republicano. Seu sócio, Robert McAloon, agora é meu sócio, embora com uma idade em que qualquer movimento vem acompanhado de um gemido.

Minha mãe foi amante de Conor durante vários anos, desde que ele voltou dos Estados Unidos para a Irlanda, depois da fuga da prisão. Vivia clandestinamente, o homem mais procurado da Irlanda, e elevou a Irmandade a um nível de luta bastante respeitável.

Morreu liderando o ataque ao Castelo de Lettershambo. Dizem alguns, e não sem um toque de verdade e sabedoria, que Conor viu um torturante caminho à sua frente, fadado a terminar em prisão perpétua ou morte violenta. Ele também compreendeu que não poderia continuar sua função como um solitário em uma Irmandade que crescia com um Conselho Supremo atravancador.

Finalmente, nunca poderia viver uma vida normal nem por um dia com minha mãe. Assim, Conor sentenciou a própria morte lançando o Castelo de Lettershambo pelos ares, até o meio da Escócia.

A morte de Conor Larkin no Castelo de Lettershambo significou uma perda de vontade e de forças em minha querida mãe, Atty Fitzpatrick.

Quando meu próprio pai, o falecido Desmond Fitzpatrick, morreu do coração enquanto argumentava em favor de uma causa republicana nos Four Courts de Dublin, minha mãe chorou sua morte em tons comedidos de enobrecedora dignidade, sem jamais uma demonstração pública de pesar.

Não foi assim com Conor Larkin.

Os ingleses devolveram os corpos de Conor e Long Dan Sweeney. O que se seguiu, em desafio às leis britânicas, foi um velório público com honras de estado, seguido de discursos sobre Long Dan Sweeney, no sepultamento, que o elevaram à condição de mártir.

Minha mãe acompanhou o esquife de Conor em um cortejo simples que atravessou toda a extensão da Irlanda, até Ballyutogue. Em cada encruzilhada, cidade e vila, uma nova guarda de honra do Exército Nacional o acompanhava até o próximo povoado. As crianças depositavam flores na estrada à sua passagem, as mulheres choravam e rezavam e os homens eram lembrados dos seus sonhos de liberdade há tanto tempo adormecidos.

Quando finalmente Padre Dary Larkin fez seu irmão descansar ao lado do pai, no cemitério de S. Colombano, em Ballyutogue, mamãe atirou-se sobre o túmulo de Conor enquanto um lamento fúnebre de todos que o pranteavam fez-se ouvir de Derry e de Donegal e, depois, de todo o país.

A permanente postura serena de minha mãe desapareceu à medida que os que gemiam e se lamentavam purgavam sua dor em saltos descontrolados, entrando e saindo de um estado de demência. Espalharam-se do casebre de Larkin e entupiram as pequenas trilhas, dançando e grilando em tomo do túmulo de Conor.

Mamãe distendeu seu corpo profundamente perturbado, como uma *banshee*, e se juntou aos lamentadores noturnos, dilacerando suas roupas, cabelos e carne durante dez horas de escuridão até a aurora irromper fria e úmida.

Sim, agora toda a Irlanda sabia que os boatos sobre o amor clandestino de Atty Fitzpatrick e Conor Larkin eram verdadeiros. Quando eu e minha irmã Rachael conseguimos arrancá-la do túmulo de Conor, ela continuou no casebre dos Larkin por mais uma semana, quando os últimos manifestantes já haviam se exorcizado e aos poucos se retirado para seus próprios campos e vilarejos.

Durante aquela semana, desenvolveu-se um cenário perturbador. Para ser explícito, as tentativas mútuas de consolo entre Rachael e Padre Dary não me pareceram de natureza muito ecumênica.

Enquanto se desenrolava a semana do velório, eu e outras pessoas secamos todas as bebidas do bar local. Entre brindes de homenagem e de despedida ao falecido, eu não sabia se deveria passar meu tempo consolando minha mãe, o que de qualquer forma estava fora do meu alcance, ou tentar impedir um romance proibido obviamente em germinação.

A vida tem que continuar e finalmente pude fazer as malas e levar minhas duas mulheres de volta para Dublin onde Rachael assumiu um papel familiar de irmã mais velha de minha mãe. Achei que o momento não era

apropriado para oferecer a Rachael um conselho não solicitado sobre os problemas de se apaixonar por um sacerdote.

Padre Dary... veja bem, é impossível não gostar desse homem... havia acendido uma luz de esperança na desesperançada Derry. Cuidava de um Bispo doente com grande compaixão. O Padre Dary era muito amado e extremamente liberal e, portanto, vivia em sérias e permanentes dificuldades com a hierarquia.

Mantivera-se alheio à Irmandade. Chamou-me a um canto durante o funeral e deixou perceber que estaria disposto a ouvir-nos em ocasiões especiais. Seria devido à morte do irmão? Ou, quem sabe, à beleza de minha irmã Rachael? Depois que partimos de Ballyutogue, realmente parecia encontrar uma quantidade extraordinária de assuntos da igreja que o levavam a Dublin.

Quanto a mamãe, depois de uma vida inteira de árdua luta no movimento, “entregou os pontos”. A robustez que exibia no palco como “Mãe Irlanda” ou que lhe permitia interromper explosivamente uma reunião do Conselho Supremo da Irmandade já não estava mais lá.

Seu luto por Conor Larkin parecia o fim da jornada. Trabalhara e apoiara dois grandes homens, poderosos e valentes. Com ambos em suas sepulturas, suas próprias energias estavam esgotadas. Sabiamente, retraiu-se do Conselho Supremo da Irmandade, mas continuou em um papel significativo, embora menor, de estadista mais velho.

É preciso lembrar que o ataque ao Castelo de Lettershambo esvaziou os escalões superiores do Conselho Supremo. Embora, por escolha pessoal, não fizesse parte do Conselho, Conor era um líder espiritual, bem como o mais brilhante organizador e perito em tática, em uma terra lamentável pela ausência de ambas as coisas.

Long Dan Sweeney era a própria imagem da revolução. Suas glórias lendárias, remontando a imemoriais épocas fenianas, transformaram-se em mito.

Perdemos nosso querido Lorde Louis de Lacy, um celta místico que cedeu seu baronato para treinamento do nosso povo. A perda de Dunleer foi devastadora para todos nós.

E Deus o abençoe, o pequeno Seamus O’Neill, autor de palavras lógicas, irônicas, pungentes, brilhantes, foi morto em Lettershambo e, afinal, as palavras eram uma das poucas armas da Irlanda.

Na transição, um negociante de tabaco, um antigo *barman*, um rico e errante soldado irlandês, um professor, um líder trabalhista e, dependendo da definição de cada indivíduo, um, dois ou três poetas assumiram o Conselho Supremo. Era um caldeirão irlandês sem um único ingrediente militar de peso.

Eu, é claro, continuei no papel que me fora designado desde o nascimento; fazer minha parte nos Four Courts.

Parte Dois: Causas Mais Nobres



Quando surgiu o ano de 1916, nuvens negras formaram-se de uma série de fatos.

A guerra na Europa estava reduzindo-se a um jogo de números. O lado que pudesse absorver melhor suas baixas seria declarado vencedor.

O elemento principal nos números era o potencial humano americano. Os Estados Unidos ainda não se haviam comprometido. A Irlanda, portanto, tinha que suprir sua cota de forragem até que os Estados Unidos fossem atraídos para o lado dos Aliados, mas a Irlanda era um participante pequeno no jogo dos números.

O sentimento americano sempre estivera em favor dos Aliados. A França fora o primeiro aliado dos Estados Unidos, e foi vital para a sua independência da Inglaterra em 1776.

A Inglaterra representava a principal herança dos Estados Unidos, sua língua, sua cultura e a maior parte de sua população original.

Por outro lado, os Estados Unidos tinham que se preocupar com sua enorme população alemã, bem como um largo contingente irlandês, com direito a voto e com inclinações republicanas.

As guerras, em geral, são empreendidas quando uma nação gananciosa ou uma aliança gananciosa tem um excedente de alimentos, munição e homens. Os homens são os mais consumíveis. O trigo é muito mais difícil de obter; como a Inglaterra sentiu quando os Dardanelos foram fechados e o trigo ucraniano tornou-se inacessível.

Bem, nenhuma nação, ou aliança, vai admitir que é *gananciosa*, vai? É essencial para uma nação que está embarcando em uma guerra inventar e sobrepor uma razão mais nobre do que a ganância.

A Revolução Americana nos dá um exemplo claro e surpreendente de mudança de causa no meio do percurso. A revolução começou em todas as colônias como uma série de escaramuças espalhadas e independentes em protesto contra as arbitrariedades inglesas, principalmente nos impostos.

É difícil para alguém transformar um protesto contra impostos em uma revolução popular de grandes proporções. Assim, a revolução se elevou, vestindo o manto mais magnífico da história da humanidade ao se declarar uma guerra pela independência e pela dignidade humanas.

Veja a Guerra Civil Americana. Este conflito ocorreu para salvar a união em consequência de haver duas entidades, econômica, cultural e moralmente diferentes tentando coexistir dentro de um único país.

Com o tempo, quando a guerra se desenvolveu, o brilhante Sr. Lincoln reinventou a causa ainda mais nobre de que a abolição da escravatura era a verdadeira razão da guerra.

Essa guerra, que não envolveu o continente europeu, aconteceu porque duas alianças gananciosas desejavam uma fatia maior dos impérios uma da outra. No entanto, os cartazes de recrutamento não poderiam dizer: **ALISTE-SE PORQUE SOMOS GANANCIOSOS.**

A causa mais nobre tinha que ser descoberta, inventada ou descoberta sob uma rocha, não tinha? O que emergiu, heroicamente, do ponto de vista dos Aliados, foi que essa guerra era para “salvar a democracia” para o mundo e assegurar os direitos de pequenos povos à sua liberdade. A Bélgica, por exemplo.

Entretanto, a maior parte das nações se exauriu em pouco tempo. Os Aliados, além de salvar o mundo para a democracia, tinham plena intenção de abocanhar para si as colônias alemã, turca e austríaca.

Uma série de pequenos países acreditou nos Aliados e garantiu um assento nas conferências e assinaturas de tratados de paz do pós-guerra.

Entre pequenos povos estava o irlandês, que sem dúvida ganhou pelo menos uma voz no futuro de seu país pelo sangue irlandês agora sendo derramado em defesa da democracia.

A Irlanda representava uma ponta de lança de descontentamento. Se os irlandeses viessem para a mesa de paz com seus próprios representantes, isso poderia deslançar uma reação em cadeia por todas as colônias britânicas.

Tornou-se de suma importância para a estratégia inglesa de pós-guerra manter os irlandeses, de modo especial, longe da mesa de paz. A Inglaterra não poderia defender ou justificar uma guerra pela democracia se os irlandeses ousassem comparecer.

Assim, a Inglaterra lançou uma campanha muito bem engendrada contra a independência irlandesa:

“O Parlamento Inglês já aprovou uma Lei de Home Rule irlandesa com a qual o Partido Irlandês concordou.”

“Temos milhares de irlandeses, todos voluntários, em uniforme inglês. Obviamente, eles próprios devem ter se sentido bastante ingleses para se alistarem.”

“Permitimos que os irlandeses formassem seu próprio Exército Nacional para defender o solo irlandês.”

“Alguns canalhas irlandeses estão dormindo com o inimigo.”

Ao que respondo:

“A Lei de Home Rule da Irlanda exige a lealdade irlandesa à Coroa Inglesa e dá ao Parlamento Britânico o direito de veto a qualquer legislação aprovada pelo governo irlandês. O Partido Irlandês está a uma eleição de distância da extinção.”

“Milhares de irlandeses alistaram-se no Exército Britânico porque era a melhor oferta de emprego que já tiveram.”

“O Exército Nacional Irlandês é do calibre de Gilbert & Sullivan, seus homens armados com ferozes cabos de vassouras e bacamartes de um século atrás.”

Entretanto, nunca cheguei a apresentar meu caso a Woodrow Wilson. O argumento inglês soou bem para o presidente americano porque ele queria que soasse bem. Os chefões não iam deixar os pequeninos estragarem tudo e, comparados aos ingleses, os irlandeses eram insignificantes.

Embora os irlandeses tivessem ido para os Estados Unidos sob as condições mais abomináveis possíveis, fugindo da tirania e da privação, seu apoio ao antigo país era arrebatado, mas fraco. Uma vez terminado o

Desfile do Dia de São Patrício pela Quinta Avenida e esgotado o estoque de bebidas dos bares, seu efeito líquido na Irlanda não montava a muita coisa.

Na própria Irlanda, a nação fora arditosamente dividida pelos séculos de intrigas secretas do Castelo de Dublin.

A pedra angular do poder britânico na Irlanda assentava-se numa ascendência inglesa contemplada com vastas extensões de nossas terras para a conquista inicial e a colonização de nosso país. Eram a pequena nobreza, os banqueiros e proprietários de fábricas uma classe privilegiada que pretendia continuar privilegiada através da lealdade à Inglaterra.

A classe dominante era apoiada em uma província, o Ulster, pela importação de uma população protestante que também era recompensada com privilégios.

A classe média católica, por sua vez, não queria se indispor, e a hierarquia católica, protegendo seus próprios interesses, considerava a Coroa sua benfeitora. A Igreja fez um trabalho sujo ao purgar geração após geração de irlandeses de suas aspirações nacionalistas.

Por outro lado, o Castelo de Dublin havia criado uma ampla força policial católica e sistemas de subornos, pequenos serviços cívicos, espionagem e o que mais fosse necessário para manter o caldeirão tampado.

Isso fez das massas irlandesas as mais desgraçadas da Europa, com mais de três quartos da população em permanente estado de miséria e subserviência.

Uma vez que a nação irlandesa dos grandes líderes celtas foi destroçada e desmembrada no começo do século XVII, os futuros levantes de Theobald Wolfe Tone e Robert Emmet até os Fenianos não passaram de eventos insignificantes liderados por homens extremamente corajosos, sonhadores que terminaram na forca com o pescoço partido ao meio, após fazer um bonito discurso no banco dos réus.

Essas palavras tornaram-se nossa mitologia.

Um renascimento gaélico nos últimos tempos tentou ligar esse passado glorioso ao nosso presente miserável, mas perdeu muito do seu ardor com a morte de Charles Stewart Parnell.

A Irlanda se envolveu na guerra com a Inglaterra através de um desacreditado John Redmond e um falecido Partido Irlandês. O Sinn Féin, a nova entidade política republicana, começava a conquistar as mentes dos irlandeses, mas as eleições ainda estavam a uma grande distância.

Realmente, os ingleses sentiam-se tão seguros que convocaram um contingente de jovens irlandeses para o Exército no começo de 1916. O que estavam dizendo aos irlandeses era: “Vocês não são irlandeses e NOS PERTENCEM.”

Isso mexeu com o brio nacional. Uma coisa é alistar-se voluntariamente no Exército, outra é ser obrigado a servir. Depois de séculos de tentativas, os ingleses ainda não conseguiam ver que os irlandeses não consideravam nenhuma grande honra ser inglês.

Embora os ingleses tivessem recuado cautelosamente do alistamento compulsório, o movimento republicano, liderado pela Irmandade Secreta, sabia que os irlandeses seriam traídos mais uma vez.

Conor Larkin perguntara se o povo irlandês jamais acordaria de seus séculos de letargia. Feitos como Sixmilecross e Lettershambo diziam que restavam alguns poucos homens de valor para impedir que a chama se apagasse.

O que era desesperadamente necessário agora é que o povo irlandês fizesse uma afirmação contundente nas ruas de que nossas exigências de liberdade não seriam mais retardadas e que agora estávamos prontos para fazer o sacrifício e correr o risco para conquistar o que é nosso.
QUEREMOS TER ASSENTO NA MESA DE PAZ.

Caso contrário, o direito dos irlandeses à liberdade seria mais uma vez postergado, e desta vez poderia haver um retrocesso, aceitando-se o status de subserviência à Coroa por mais um ou dois séculos.

Parte Três: Os Melhores Planos de Ratos e de Homens Não Foram Arquetados em Dublin



Os irlandeses sempre foram pródigos em opiniões. Surgiram vários grupos de defesa voluntários diferentes. Aquele que particularmente nos interessa foi um grupo bastante sólido que, para fins práticos, podemos chamar de Exército Nacional Irlandês.

Seu fundador, presidente e comandante era Eoin MacNeill, um homem do Ulster com uma formação religiosa mista. MacNeill era um completo republicano e partidário do renascimento gaélico. A extensão de seus conhecimentos militares era ser ele professor de história na Universidade de Dublin e membro da Academia Real Irlandesa.

Com referência a uma revolução iminente, MacNeill parecia pisar em ovos com seu Exército Nacional, certificando-se de que ele não se envolvesse em nada com munição de guerra. MacNeill até se ouriçou para mostrar aos ingleses que lutaria contra qualquer tentativa de convocar seus homens compulsoriamente.

Fora isso, mantinha-se distante de qualquer contato íntimo com a agressiva Irmandade Republicana Irlandesa, embora ele certamente soubesse que o Exército Nacional estava crivado de homens da Irmandade.

O chefe dos membros da Irmandade infiltrados no Exército Nacional era Padraic Pearse, o segundo no comando, logo atrás de MacNeill. Pearse, que também adquirira suas qualificações militares como diretor de uma escola secundária, era uma força proeminente no Conselho Supremo da Irmandade. A Irmandade tinha a clara intenção de usar o Exército Nacional como seu instrumento de uma rebelião. O Conselho Supremo, portanto, arquitetou secretamente o Levante sem se preocupar em consultar Eoin MacNeill, comandante do Exército Nacional. Decidiram que a Irlanda rebelde iria sublevar-se no domingo de Páscoa de 1916.

O ponto essencial do plano era que Padraic Pearse convocasse o Exército Nacional para manobras no dia 23 de abril, como estava dentro de

suas atribuições fazer. Era comum em Dublin nessa época ver os diversos grupos voluntários fazendo manobras, invadindo edifícios, levantando barricadas e travando batalhas de rua simuladas, bem como marchando pela cidade em perfeita formação.

O Castelo de Dublin não dava muita importância a tudo isso. O Exército Nacional era tido em bem pouca consideração.

Um levante simultâneo da zona rural também estava programado. *Sir* Roger Casement, um diplomata anglo-irlandês aposentado, de origem protestante do Ulster, era um membro inflexível da Irmandade. Ele viajaria primeiro para os Estados Unidos e depois para a Alemanha para obter apoio. Sua ideia era dinheiro dos Estados Unidos e armas e talvez tropas da Alemanha.

As armas alemãs seriam desembarcadas em algum lugar no oeste da Irlanda e colocadas nas mãos dos republicanos para apoiar o Levante de Dublin.

Há muitos anos, Conor Larkin disse-me que esse tipo de ação coordenada não fazia parte da tradição irlandesa. Em absoluta confiança, disse-me que considerava quase impossível planejar e executar uma missão envolvendo vários milhares de homens — especialmente homens irlandeses.

Sir Roger Casement aprendeu amargamente que a maioria dos irlandês-americanos apoiavam os Aliados na Guerra Mundial e provavelmente não veriam com bons olhos uma rebelião em Dublin. Encontrando pouco apoio nos Estados Unidos, dirigiu-se à Alemanha.

O Alto Comando Alemão estava curioso em saber até onde iria seu envolvimento na Irlanda. O plano veria submarinos alemães usando as águas ao largo da costa oeste da Irlanda e talvez até algumas tropas ou oficiais alemães desembarcando lá. Ofereceram-se a Casement para formar uma Brigada Irlandesa com as reservas de prisioneiros de guerra irlandeses. Quando apenas 52 homens se ofereceram voluntariamente, e a maior parte deles frouxamente, o entusiasmo alemão arrefeceu.

No começo de abril, Padraic Pearse, como o segundo no comando e chefe de operações, emitiu uma ordem do Quartel-General do Exército Nacional, Liberty Hall, o prédio do sindicato do comércio de Dublin. Ele convocou as Brigadas de Dublin a reunirem-se com armas e munição para manobras no domingo de Páscoa, 23 de abril.

O principal representante inglês no Castelo de Dublin, Lorde Nathan, e seus comandantes militares viram o documento e não investigaram seriamente a possibilidade de haver problemas.

Com um golpe próximo de um gênio, Pearse emitiu uma segunda ordem mudando as manobras para segunda-feira, 24 de abril. Argumentou que, sendo um feriado bancário, mais homens apareceriam no Liberty Hall. E mais, os oficiais ingleses estariam fora de Dublin para a abertura das corridas de cavalos na Pista Fairyhouse.

O navio alemão *Aud*, disfarçado de cargueiro norueguês, estava ao mar com vinte mil rifles enquanto o próprio Casement era desembarcado furtivamente de volta à Irlanda por submarino.

O *Aud* conseguiu furar o bloqueio inglês e entrou na Baía Tralee, aguardando o sinal para descarregar. Nunca o recebeu. Houve obviamente — e previsivelmente — uma falha de comunicação e o *Aud* logo se tomou tão notório quanto um farol. Uma patrulha naval inglesa foi despachada para investigar e, com todas as rotas de fuga fechadas, a tripulação do *Aud* pôs o navio a pique, enviando-o juntamente com vinte mil rifles para o fundo da baía Tralee.

Sir Roger Casement, escondido nos campos, foi traído por um informante que havia desembarcado com ele como membro da falecida brigada irlandesa-alemã.

Enquanto isso, em Dublin, Eoin MacNeill soube do plano da Irmandade de usar seu Exército Nacional e emitiu uma contraordem, publicada nos jornais de todo o país.

Com toda essa movimentação e outras trapalhadas se amontoando, ainda assim o Castelo de Dublin não ficou muito preocupado. Por medida de precaução rotineira depois do incidente do *Aud*, foi feita uma varredura nas áreas rurais para arrebanhar “republicanos conhecidos, membros do Sinn Fein, da Irmandade e outros arruaceiros”.

Quanto a Dublin, não mais do que um soldado ou um policial extra foi colocado em serviço.

Parte Quatro: Segunda-feira, 1916



Era um dia de folga. Os ingleses estavam fora, nas corridas. Apesar do conflito de ordens, alguns homens do Exército Nacional, de bicicleta, a pé e de bonde, reuniram-se no Liberty Hall, que exibia um estandarte com o grito de guerra: NÃO SERVIMOS NEM AO REI NEM AO KAISER, MAS A IRLANDA.

Um terrível momento de decisão estava prestes a ocorrer. Para iniciar uma batalha bastante longa para atrair a atenção mundial, a Irmandade achava que era necessário um mínimo de três mil homens. Somente 1.500 compareceram.

Padraic Pearse, um poeta, professor e defensor do misticismo gaélico, achou que deviam continuar com o projeto, já sabendo que era uma missão suicida.

— Ao menos — disse, referindo-se a Tom MacDonagh, Joseph Plunkett e a si próprio — a Irlanda ficará livre de três maus poetas.

Com esta observação, o Levante estava acertado.

Quanto a mamãe e Rachael, fiquei contente por não estarem intimamente envolvidas com a rebelião. Tinham inúmeras tarefas a cumprir do centro de informações e dos esconderijos. A mulher de destaque era a Condessa Constance Markievicz, uma aristocrata de ascendência inglesa como minha mãe, que comandaria uma unidade em St. Stephen's Green, um parque no centro da cidade.

Assim, lá foram eles em suas pequenas unidades de poucos homens e poucas armas desafiar o poderoso leão que viera dar em suas praias e tomara suas terras há quase mil anos.

O que se seguiu não será necessariamente relatado na ordem em que ocorreu, mas deve dar-lhe uma noção clara do tipo de batalha que foi travada.

A total falta de experiência militar da Condessa Markievicz ficou evidente de imediato, quando ela plantou suas tropas no meio do St. Stephen's Green, um pequeno parque quadrado cercado de árvores e prédios de quatro andares. As tropas britânicas tomaram os prédios que a rodeavam e abriram fogo com seus rifles e metralhadoras, obrigando sua unidade a recuar para o vizinho Colégio de Cirurgiões, onde se entrincheiraram e travaram um belo combate.

Edward Daly, um rapaz de 25 anos, magro, pálido e de bigodes, no comando de um “batalhão” de cento e poucos homens, tomou Four Courts, de onde os ingleses dispensavam uma negra justiça sobre os irlandeses. Ele precisaria de uma tropa cinco vezes maior para enfrentar a fileira de quartéis ingleses próximos, que abrigavam vinte vezes mais homens.

Os Four Courts tinham um significado especial para mim, pois meu pai caiu ali, fulminado por um ataque do coração, aos pés de um juiz inglês. Daly pegou toda sorte de documentos que podiam ser destruídos e causou uma enorme confusão aos ingleses nos meses que se seguiram.

Um sujeito muito sombrio, Eamon de Valera, um professor nascido nos Estados Unidos, com uma casa cheia de crianças, comandou o terceiro “batalhão”. Tomou o Moinho de Trigo de Boland, que cortava uma estrada principal do porto de Kingstown até Dublin. Esperava-se que ele pudesse interceptar reforços ingleses a apenas uma noite de distância de barco dali.

Nos dias seguintes ao Levante, dois erros incríveis foram cometidos, que, se tivessem sido ações bem-sucedidas, teriam nos dado uma vitória momentânea para enaltecer nossa luta aos olhos do mundo.

...Na primeira ocorrência, uma unidade atacou o Forte Magazine no Parque Phoenix, contendo um grande depósito inglês de munições. Se tivesse sido mandado pelos ares, teria se tornado Lettershambo II. Entretanto, sem nenhum Conor Larkin ou Dan Sweeney para liderá-los, a unidade destruiu o prédio errado e mal sacudiu as janelas do depósito principal.

...O segundo erro foi muito pior. Sean Connolly, um jovem ator que comandava duas dúzias de homens, tinha a chave do prédio da Prefeitura, em frente ao Castelo de Dublin.

Vendo o portão principal do castelo escancarado e guardado por um único policial desarmado, ele investigou. Entrou, viu que o prédio estava indefeso e à sua mercê!

Toda a história da perfídia inglesa na Irlanda estava dentro das paredes do castelo: todas as informações secretas, todos os nomes dos informantes, todos os agentes secretos, registros de julgamentos secretos, transações duplas, encomendas de assassinatos, roubo de terras... todo o simbolismo estava ali! Era a “Bastilha” irlandesa! O que poderia ser mais ousado e atrevido do que capturar o Castelo de Dublin! Em um único instante, o mito gaélico poderia ser reinventado!

Além disso, o vice-rei, Lorde Nathan, estava em seu escritório, pronto para ser capturado.

Ah, um comandante rebelde confuso que nunca dera um tiro antes estava consternado de ter matado o policial no portão principal e retirou-se do castelo.

O resto do dia foi repleto de incidentes como esses, quando discussões confusas se seguiram à tomada de diversos bares, uma fábrica de biscoitos e os alojamentos das enfermeiras de um hospício, por causa de sua proximidade com os quartéis de Richmond. Dos quartéis de Richmond podia-se ouvir a banda militar praticando. Uma das nossas falhas foi não ter interrompido as linhas telefônicas, deixando os ingleses com perfeitas linhas de comunicação. Mais um erro crasso.

O grandioso plano consistia em invadir o ponto central da rebelião, o grande prédio dos Correios, na avenida principal, que os irlandeses chamavam de O’Connell Street e os ingleses chamavam de Sackville.

Cento e poucos integrantes do Exército Nacional em uniformes verdes e chapéus desengonçados, liderados por James Connolly, o líder trabalhista, iniciaram sua marcha com as badaladas do meio-dia dos sinos da igreja.

À sua rala coluna, uniu-se Padraic Pearse, Tom Clarke, um negociante de tabaco e chefe da Irmandade e Joe Plunkett, o comandante, um jornalista.

Essa unidade de alto comando irrompeu pelo prédio dos correios, tomou-o e ali se entrincheirou. O grande momento, a leitura de uma declaração de independência, foi adiado quando descobriram que haviam deixado a bandeira da nova república no Liberty Hall. A formalidade teve que ser adiada enquanto um dos soldados era enviado de bicicleta para recuperar a bandeira, que carregou num saco de papel pardo.

A bandeira laranja, branca e verde foi erguida do frontão ao lado da tradicional bandeira verde com sua harpa dourada e as palavras “The Irish

Republic”.

Padraic Pearse saiu para falar a uma curiosa e perplexa multidão de transeuntes.

— Irlandeses e irlandesas! — gritou Pearse acima do burburinho. — Em nome de Deus e de gerações passadas das quais ela recebe sua antiga tradição de nação, a Irlanda, através de nós, convoca seus filhos para sua bandeira e parte em luta de sua liberdade. Tendo organizado e treinado seus homens através de sua organização revolucionária secreta, a Irmandade Republicana Irlandesa, e através de suas organizações militares abertas... tendo pacientemente aperfeiçoado sua disciplina, tendo resolutamente esperado o momento certo para se revelar, ela agora aproveita o momento e, apoiada por seus filhos e Livross nos Estados Unidos e por seus valorosos aliados na Europa, mas confiando principalmente em suas próprias forças, ataca com plena convicção da vitória.

“Declaramos o direito do povo da Irlanda à propriedade da Irlanda e ao controle irrestrito dos destinos da Irlanda, a ser soberano e invencível...”

Pearse continuou a denunciar os séculos de desgoverno inglês, seis rebeliões irlandesas altamente exageradas e finalmente declarou uma república e governo provisório e, é claro, pediu que Deus estivesse do nosso lado. Estava assinada por Tom Clarke, Padraic Pearse, James Connolly, Eamonn Ceannt e Joseph Plunkett.

Padraic Pearse seria o presidente interino, e nossas diversas unidades rebatizadas de Exército Republicano Irlandês.

Eu examinara a declaração antes para dar uma opinião legal, que nem era desejada nem foi aceita. Eu certamente não concordei com o alto estado de prontidão e habilidade de nossas forças, o apoio dos Estados Unidos e, pelo amor de Deus, a referência aos alemães como nossos valorosos aliados.

Ainda assim era uma comovente e poderosa expressão de anseio humano por justiça e liberdade, claramente destinada à imortalidade, desde que o Levante fosse bem-sucedido.

O sucesso significava aguentar tempo suficiente para atrair a opinião mundial para a nossa causa.

Eu estava do outro lado da O’Connell Street, mal conseguindo ouvir o que Pearse dizia, tentando calcular o impacto sobre aquele ajuntamento de pessoas. Não pareciam impressionados. Alguns deram uns gritos de vivas,

outros deram de ombros, outros riram, a maioria achou que fazia parte das manobras do Exército Nacional.

Quando a notícia se espalhou, mais cem homens do Exército Nacional dirigiram-se para os Correios, em seguida um comunicado percorreu o Liberties, cuja longa e tortuosa história transformara na mais horrível favela da Europa. O Liberties entrou em erupção! Milhares de miseráveis saíram de seu confinamento para O'Connell Street e iniciaram um tumulto de saques e depredações que era uma explosão de revolta e frustração abafadas.

Na verdade, foram os rapazes do Exército Nacional que finalmente estancaram a turbulência de janelas quebradas e saques.

Diz-se, para futuras gerações, que tudo foi quebrado *exceto as livrarias*. Era o orgulho dos irlandeses dizendo “nós amamos tanto a palavra escrita que para nós ela é sagrada”. Na verdade, a maioria dos pobres diabos de Liberties era analfabeta e não via nenhum valor em roubar livros.

Até esse ponto, os ingleses não haviam conseguido somar dois mais dois. O que trouxe sua primeira unidade, um esquadrão de Lanceiros, foram as desordens. Quando os Lanceiros desceram O'Connell Street num estado de total ignorância, foram atingidos pelo fogo cerrado das armas rebeldes nos Correios.

Reunidos apressadamente no Castelo de Dublin, Lorde Nathan e seus comandantes finalmente puderam concluir que não se tratava de manobras.

Reunindo suas próprias forças, os ingleses tinham cerca de cinco mil, tropas em Dublin ou em locais de fácil acesso. Entre essas estavam os Fuzileiros Irlandeses e os Carabineiros Irlandeses do Exército Britânico. Foram imediatamente enviados a combate para demonstrarem sua lealdade à Coroa e deixar claro que se tratava de bons irlandeses contra maus irlandeses.

Os reforços britânicos estavam a apenas uma noite de distância por barco e eles tinham mais uma coisa... CANHÕES. Havia artilharia suficiente, até dezesseis canhões, para conter cada prédio que fora tomado.

Com nossa falta de conhecimento de táticas militares básicas, nós do Exército Nacional nos havíamos entocado em posições defendidas com barricadas. Não possuíamos nenhum treinamento ou liderança para lançar qualquer tipo de ofensiva. Para os ingleses, foi uma questão de cercar cada um desses prédios para bloquear qualquer fuga e depois bombardeá-los.

À meia-noite, o enorme salão principal dos Correios bruxuleava estranhamente sob uma profusão de velas acesas. Padraic Pearse subiu ao telhado e fitou uma Dublin em chamas sendo castigada por tiros diretos de canhão.

Os ingleses ocuparam e fortificaram posições para subjugar os rebeldes com o fogo de fuzis e metralhadoras...

Estaria terminado antes de ter começado? Seria nosso verdadeiro destino o de eterna subserviência à Coroa Inglesa? Toda a vida de meu pai e toda a vida de Conor Larkin se acabavam em chamas! Toda a vida de minha mãe parecia ter sido em vão! Meu Deus! Por que nos fez tão amaldiçoados como raça?

Pela manhã, tudo estava praticamente acabado.

Os ingleses optaram por não invadir as posições rebeldes, mas simplesmente em reduzi-las pelo fogo de artilharia. Agora era um caso simples de esperar até que ficássemos sem comida, munições e água.

Somente uma escaramuça digna de nota ocorreu, quando os reforços ingleses desembarcaram em Kingstown. Eram rapazes jovens, mal treinados, que ostentavam o pomposo nome de Guardas Florestais de Sherwood. Marcharam para Dublin diretamente para o ataque aos homens de Valera no Moinho de Trigo de Boland, e ele fez um bom trabalho, capturando inúmeros deles.

Fora isso, tudo consistiu apenas numa destruição matemática de alguns belos edifícios antigos pelos ingleses. Ambos os lados contabilizaram algumas centenas de baixas, equivalente a dois minutos na Frente Ocidental na França.

Sem nada mais para comer e nenhuma munição para atirar, Padraic Pearse entregou-se em menos de cinco dias. Em uma tentativa meio triste de exibir honra, ele ofereceu sua espada a um General inglês, que simplesmente entregou-a com repulsa a um ajudante-de-ordens.

Todas as prisões ficaram superlotadas e os campos de prisioneiros encheram-se rapidamente.

Nosso escalão superior foi levado para a Prisão Kilmainham em Dublin, encarregada de abrigar insurrecionistas desde a Revolução Francesa. Sua lista de chamada incluía nossos mártires consagrados, de Theobald Wolfe Tone, meu homônimo, a Charles Stewart Parnell. O homônimo de meu sócio, Robert Emmet McAloon, disse, em 1803:

“Quando meu país assumir seu lugar entre as nações mundiais, então e somente então, meu epitáfio será escrito.”

Desta vez, os ingleses haviam feito a maior captura em séculos; professores educados pelos Irmãos Cristãos, alguns músicos, os onipresentes poetas e outros homens igualmente perigosos.

Meu sócio estava muito enfraquecido, como acontecera a meu pai, por uma vida inteira em defesa de irlandeses enfurecidos. Coube a mim preparar uma defesa para alguns milhares de homens já encarcerados ou sendo aprisionados.

Todas as portas tradicionais, como já esperado, foram batidas na minha cara. Os Four Courts foram seriamente danificados e *todas as leis* para qualquer pessoa ligada ao Levante desapareceram. A Irlanda estava sob lei marcial, o que significava que os ingleses podiam fazer o que quisessem sem nenhum registro.

Apelei para John Redmond, mas ele e seu Partido Irlandês eram impotentes. Redmond era um homem derrotado.

Fui ao cardeal, mas ele mais uma vez habilmente esquivou a Igreja da luta irlandesa. Enquanto muitos sacerdotes, por conta própria, eram republicanos ou silenciosamente aplaudiam o Levante, o corpo principal de bispos mostrou indiferença.

Então, vieram os momentos mais terríveis de minha vida, quando percebi que, com dezenas de milhares de jovens irlandeses em uniforme inglês, o próprio público irlandês ficou maciçamente contra nós... “por terem ido para a cama com os alemães”.

Com nossos poucos recursos, era impossível fazer nossa história chegar à imprensa. A verdade do Levante, a da liberdade irlandesa após séculos de opressão, nada tinha a ver com a guerra imperial da Inglaterra na França.

Os irlandeses eram um povo subjugado há tanto tempo que o espírito de protesto ficara embotado. Seus espíritos já não gritavam por liberdade. Haviam sido saneados e pacificados.

Veio, então, o segundo golpe. Os Estados Unidos, eles próprios nascidos de uma revolução contra os ingleses, apoiaram a Inglaterra no massacre do Levante. E pelos Estados Unidos, quero dizer também a comunidade irlandesa-americana.

Eventualmente, todos nós, independente de nosso relacionamento anterior com Deus, temos necessidade de nos ajoelhar diante de um altar e

rezar: soldados na linha de frente, condenados no corredor da morte, advogados agnósticos...

Assim, eu rezei: “Que Deus tenha piedade da Irlanda.”

Parte Cinco: O Verme se Revolve, Admiravelmente



Maio de 1916

Senti cheiro de rato assim que o General *Sir* Llewelyn Brodhead foi enviado às pressas para o país como consultor especial do vice-rei. Por que esse oficial em particular seria prontamente enviado ao Castelo de Dublin, assim que a poeira de nosso triste e deplorável Levante se assentou? Era de dar calafrios.

Brodhead, o homem do Ulster, era de uma espécie de superficiais gerada naquela província, cujos apetites imperiais eram muito maiores do que suas habilidades militares e cuja ignorância inata e senso de privilégio herdado reduziam suas naturezas a uma condição subumana. Brodhead nutria um ódio visceral pelos irlandeses.

Era também um amigo íntimo perpétuo de Roger Hubble. Brodhead usou seu comando militar no Acampamento Bushy na Irlanda para clandestinamente dar apoio ao contrabando de armas para a milícia do Ulster; até enviou seus oficiais para treiná-los. Na realidade, o filho mais novo do conde, Christopher Hubble, fora usado numa aventura de contrabando de armas de nada menos do que da Alemanha!

Pouco antes da guerra, o Ulster protestante estava tão atrevido que exhibia abertamente sua força militar e atividades ilegais. Chegou a tal ponto que o governo inglês se sentiu compelido a ordenar às tropas do Acampamento Bushy que ocupassem o Ulster e declarassem a lei marcial.

O comandante de Bushy, Llewelyn Brodhead, organizou um documento em que todos os oficiais de seu comando se recusavam a invadir o Ulster e apresentavam seus pedidos de demissão.

Ele forçou o governo inglês, inclusive Churchill, a voltar atrás. Com uma guerra europeia no horizonte, o Exército advertiu que mais de um terço

de todo o seu corpo de oficiais deveria pedir demissão em solidariedade Brodhead.

Foi uma chantagem que Churchill, para citar apenas um, nunca esqueceu.

Brodhead foi promovido em seguida e, juntamente com Churchill, uniram-se como arquitetos do desastre em Galípoli. Note-se que ele não gostou da expedição desde o início, mas depois que recebeu o comando da Unidade *Anzac*, conduziu-o como o bom soldado que era.

As decisões do General *Sir Llewelyn Brodhead* em combate mostraram-se deploráveis. Embora a guilhotina tivesse caído em muitos oficiais de alta patente, Brodhead sofreu apenas humilhação. Conseguiu salvar-se da demissão dando alguns testemunhos altamente questionáveis nos inquéritos iniciais.

Ainda assim, negaram-lhe um comando de campo na França, o que só poderia ser considerado uma desgraça, uma espécie de bofetada.

A súbita designação de Brodhead para a Irlanda nos calcanhares do Levante foi encarada como uma oportunidade de se redimir aos olhos do Ministério da Guerra e do Estado-Maior. Com carta branca para manter os irlandeses sob controle a qualquer preço, o General viu-se repentinamente em seu divino elemento.

Depois de ter o acesso negado a qualquer informação, foi um alívio para mim ser convocado ao Castelo de Dublin. Talvez eu pudesse descobrir o que pretendiam fazer com mais de dois mil irlandeses aprisionados. Alguns haviam lutado no Levante. Outros eram cidadãos simplesmente arrastados sem mandado de prisão e mantidos presos sem acusações ou direito a advogado.

— Então você é o filho de Desmond e Atty Fitzpatrick?

Confessei meu parentesco maculado. Já vi aqueles olhos azuis frios faiscando ódio antes, de muitos juizes, de muitos exibicionistas portando talabartes, de mais de uma senhora em reuniões para chá em seus jardins. O ódio de Llewelyn Brodhead queimava através dos séculos, queimava através do meu casaco e deixava minha pele afogueada. Não devo me deixar atrair para uma discussão que não posso vencer. O máximo que eu podia esperar era arrastar-me um pouco ao longo da parede, esperando que ele estivesse brincando de gato com um rato acuado e ferido, para poder vislumbrar algum tipo de informação.

— Bem, o senhor ensacou um monte de nós — eu disse. — Posso ter uma ideia da situação em que estamos?

Ah, que sorrisinho maligno de lábios cerrados! Ele cruzou as mãos e continuou a me olhar, penetrando-me até eu ter que desviar meus olhos para não entrar num concurso de olhares fixos.

— Eu estou aplicando a lei marcial. Todos os prisioneiros estão com acesso barrado ao sistema legal inglês.

— Quais as suas intenções, senhor?

Ah, meu Deus, ele sorriu de novo.

— Já realizamos cortes marciais secretas. Condenamos à morte noventa e seis perpetradores desse chamado Levante. Os demais estão sendo mantidos como prisioneiros de guerra.

Eu quase desmaiei, agraciando Brodhead com meu copioso suor e minha tontura.

— Onde? Sob que acusações? — consegui perguntar

— Temos leis infundáveis nos livros que datam de mais de um século para cuidar dos irlandeses, de insurreição e de traição.

— Mas eles têm que ter a chance de se defender.

— Talvez não me tenha ouvido, Fitzpatrick, eles foram julgados e condenados à morte.

— Noventa e seis pessoas julgadas e condenadas à morte em uma semana? É uma impostura, General Brodhead, esse *status* de prisioneiro de guerra. Isso, por si só, não implica que vocês capturaram tropas inimigas? Não é, por si só, uma admissão pela Coroa de que os irlandeses são pessoas diferentes? Senhor, os senhores não fazem prisioneiros de guerra alemães e os abatem a tiros e eles não colocam os prisioneiros ingleses sob um pelotão de fuzilamento.

— Poupe sua inteligente língua irlandesa. Podemos fazer o que quisermos.

— Isso não implica que sempre tiveram em mente um padrão diferente de justiça para os irlandeses?

Brodhead bateu as duas mãos com força nos braços de sua poltrona de couro.

— Deixe-me dizer-lhe por que você está aqui, Fitzpatrick. Nossos mil e quinhentos fenianos sob custódia são *reféns* para assegurar que a Irlanda continue passiva. Se você continuar a arengar, será responsável pela

distribuição a esses homens de sentenças mínimas de vinte anos em colônias penais.

Ergueu-se de sua poltrona e inclinou-se sobre a mesa, o rosto afogeuado.

— Quanto a essas sentenças de morte, serão executadas quando eu quiser. Quanto mais você protestar, quanto mais confusão causar, mais pessoas serão executadas. Sugiro que você e sua mãe mantenham a boca fechada ou você se tornará diretamente responsável pelas execuções dos condenados. Pode retirar-se, Fitzpatrick.

— Não aprendeu nada em toda a sua experiência na Irlanda? Seu desprezo por nós como inferiores está tão arraigado em você, que não vê nada de errado no que está fazendo.

— Nem a imprensa e o público americanos. Nosso embaixador em Washington informa sobre a indignação contra vocês que está nos editoriais de todo o país.

Ouvi-o dizer indistintamente:

— Não se dê ao trabalho de tentar nos contatar outra vez. O Castelo de Dublin está fechado para você.

Voltei para o meu escritório o mais rápido que pude, tranquei-me lá dentro e tentei raciocinar. Não havia mais nenhuma dúvida agora do motivo de Llewelyn Brodhead ter sido enviado para nos abençoar.

Por que a Inglaterra reagiu daquela maneira? O Levante não representou nenhuma ameaça ao seu domínio na Irlanda. Não foi realizado por soldados treinados. Foi feito e encerrado em uma semana e a punição deveria ser compatível com o crime.

Em sua pressa de nos manter calados, teriam perdido inteiramente as perspectivas de sua própria história gloriosa de democracia e justiça? Não quando se tratava da Irlanda. Os extremos a que a Inglaterra era capaz de chegar na Irlanda já haviam sido estabelecidos durante a grande fome.

Através dos tempos, eles só conheceram uma maneira de nos governar, pela intimidação. Quando surgia algum problema, eles nos esmagavam com suas forças armadas, imposição de lei marcial, suspensão da justiça, espionagem, assassinato... **PROVOCAÇÃO.**

A provocação sempre conseguira colocar os irlandeses no seu lugar. For que não provocar agora? Na sórdida experiência britânica aqui, que diferença fazia a execução de mais noventa e seis irlandeses?

Perderam a noção de que se tratava de cidadãos comuns em seu próprio país, protestando por sua liberdade. Os homens que pretendiam matar eram sonhadores e intelectuais. Meu Deus, por que alinhar poetas no paredão de fuzilamento e assassiná-los?

3 de maio de 1916

Eu estava dobrado em três para caber no sofá do meu escritório e evitar as molas, quando uns estalidos distantes me fizeram descolar as pálpebras. Talvez meus ouvidos estivessem me pregando peças.

Meu idoso parceiro, Robert Emmet McAloon, também deitado em seu escritório, escancarou a porta.

— Ouviu isso? — berrou.

— Sim, tem certeza de que foram tiros de fuzil?

Passamos as horas seguintes desesperados até que nossos temores foram confirmados: finalmente encontramos Kathleen Clarke, pouco depois de sermos avisados para comparecer à Prisão Kilmainham e retirar o corpo de Tom.

Foi ela, Deus a abençoe, que não me deixou enlouquecer. Tive que esperar do lado de fora dos portões enquanto ela entrava e resgatava-o no carro funerário. Kathleen casara-se com Tom depois de ele ter cumprido a pena de quinze anos de trabalhos forçados por atividades fenianas. O Velho Tom, o negociante de tabaco, chefiava a Irmandade. Sua mulher estava grávida do quarto filho. Agora, ele estava morto, abatido por um pelotão de fuzilamento.

e

Quando ele deixava Kilmainham, outro carro fúnebre passou por nós. Fui de um ao outro. Droga, era Tom MacDonagh. Não havia por que matá-lo. Ele fazia parte da Irmandade, é verdade, mas era um educador, um poeta, um crítico, um dos fundadores do Teatro Irlandês, o editor de um periódico. Eu amava as noites em seu chalé, que era o centro cultural do renascimento gaélico. Este pintor sofrido e fracassado, que tentou a vida em Paris e perdeu, comandava a Fábrica de Biscoitos de Jacob.

e

O medo me penetrou, como uma punhalada. Matar o primeiro presidente da República Irlandesa nesse dia era uma afronta inominável. Há um ano, ele sacudira a nação com um instigante discurso sobre a sepultura de um velho feniano enviado de volta dos Estados Unidos.

Padraic Pearse foi levado ao paredão em Stonebraker's Yard e somente então viu os corpos de Tom Clarke e MacDonagh, imóveis e sem vida ao pé do muro.

E caiu com uma rajada de balas: o místico gaélico, o escritor de excelentes versos, o eterno educador, formado pela Royal University.

Um comunicado conciso e seco do Castelo de Dublin chegou ao final do dia, declarando que Pearse, Clare e MacDonagh foram considerados culpados de traição por um tribunal militar e executados por um pelotão de fuzilamento.

Ah, vocês podem imaginar o que aconteceu com tantos outros condenados à morte, não? Irlandeses fazendo o que lhes era próprio, escrevendo o último texto de desafio... ou simplesmente expressando o amor que sentiam por suas famílias... visitas, sem saber se seriam as últimas... padres entoando salmos... outros padres ousando discursar do púlpito pela primeira vez em protesto...

O amanhecer encontrou corações frios e respirações em suspenso... e então, os estampidos dos disparos... outra vez.

4 de maio de 1916

Foi O dia em que mataram Joe Plunkett, outro estudioso, nascido na aristocracia. Joe Mary Plunkett estava morrendo de tuberculose, mas deixou a cama do hospital para unir-se ao Levante e fazer o que um homem em sua condição podia fazer.

Ele se casou com a irmã da mulher de Tom MacDonagh em Kilmainham pouco antes de ser abatido pelo pelotão de fuzilamento.

e

Ned Daly que tinha um desempenho notável nos Four Courts, mas que tinha a infelicidade de ser cunhado de Tom Clarke.

e

Willie Pearse, igualmente atacado pela maldição de ser irmão de Padraic Pearse.

e

Michael O'Hanrahan, um homem de letras. Sendo seu legado e único bem os direitos autorais de seu primeiro livro publicado.

5 de maio de 1916

John MacBride teve seu próprio último dia. Ele era o símbolo de um ódio antigo, selecionado por vingança.

O velho John não estava no conselho de guerra de ninguém, era apenas um errante irlandês com um problema de bebida, que de alguma forma conquistara e se casara com uma das mulheres mais bonitas da Irlanda, Maud Gonne, uma atriz como minha mãe. Haviam se separado.

Em suas antigas andanças, John MacBride lutara ao lado dos bôeres contra os ingleses e recebera o posto de Major.

Os ingleses nunca esqueceram nem perdoaram o fato de MacBride ter pegado em armas contra eles há uma década. Partiu para seu Criador com valentia, rosnando que já enfrentara fuzis ingleses antes. Sua morte foi particularmente despropositada e sórdida.

Por um breve tempo, as execuções foram suspensas. Estavam criando um mau cheiro no rosto da doce justiça. Asquith, o primeiro-ministro inglês, assegurou ao ineficaz John Redmond que ele próprio estava chocado com a matança; prometeu arrefecer os ânimos.

O dramaturgo irlandês George Bernard Shaw escreveu um artigo fulminante na Inglaterra denunciando que os irlandeses recentemente fuzilados haviam sido mortos a sangue-frio depois de se terem rendido.

Os primeiros movimentos de ressentimento externo.

8 de maio de 1916

Os ingleses executaram Eamonn Ceannt, um belo rapaz irlandês que amava e vivia sua condição irlandesa falando a língua antiga, tocando a gaita de foles e executando danças típicas. Sua formação militar era exclusivamente trabalhar no escritório do Tesouro Municipal.

e

Michael Mallin, um tecelão de sedas com quatro filhos e outro a caminho que um dia tocara tambor no Exército Britânico na Índia. Era o Subcomandante da Condessa Markievicz em St. Stephen's Green e no Colégio de Cirurgiões.

e

Con Colbert, um empregado de padaria e um de onze filhos. Era um orgulhoso instrutor militar do Exército Nacional que não levara a pior no Levante, tomando e comandando a Cervejaria de Watkin.

e

Sean Heuston, um rapaz de vinte e cinco anos, de Limerick, cuja família religiosa orgulhosamente incluía uma freira e um Padre. Ele capturou o Mendacity Hospital.

9 de maio de 1916

Para dar um alerta a todo o país, Thomas Kent foi executado em Cork, onde seus três irmãos e a mãe de oitenta e quatro anos de idade resistiram até a munição acabar.

Uma sensação de pesadelo começou a tomar conta da Irlanda e jornalistas estrangeiros, curiosos, começaram a chegar. O General Brodhead mostrou-se tão intransigente que, finalmente, Asquith chegou. Entretanto, muito espertamente, não a tempo de parar as execuções...

12 de maio de 1916

Sean Dermott, um alegre *barman* irlandês de trinta anos, aleijado pela poliomielite, que também tivera o infortúnio de ser o melhor amigo de Tom Clarke.

e

James Connolly, um homem de envergadura e um poderoso símbolo do Levante. Connolly, escocês de nascimento, um líder trabalhista autodidata e pai de sete crianças vivas, era um homem corajoso numa profissão perigosa em tempos difíceis, um republicano e socialista dedicado e sério.

No prédio dos Correios, Connolly fora ferido duas vezes, tendo o tornozelo esquerdo estilhaçado e uma tíbia fraturada, mas continuara a dirigir o combate da maca.

Impossibilitado de andar, foi retirado de sua cela em uma padiola e amarrado a uma cadeira, depois assassinado pelo pelotão de fuzilamento enquanto estava lá sentado. A forma de execução de Connolly, na verdade morto pelo crime de ser um organizador de sindicato, marcou o público indelevelmente.

Asquith voltou furtivamente para a Inglaterra naquela noite. Com Connolly como a cereja do bolo, o primeiro-ministro ordenou uma suspensão temporária das execuções e mudou o foco para o único traidor da Inglaterra, *Sir* Roger Casement.

A atuação da Inglaterra ultrapassara seu propósito nos dias que se seguiram ao Levante? Acho que agora existe uma pequena, mas possível chance de que este seja o caso. Como disse anteriormente, não se pode sair por aí atirando em poetas.

QUINTA PARTE



**SIR ROGER CASEMENT ESTÁ NA TORRE DE
LONDRES**

CAPÍTULO 75



Dublin, meados de maio, 1916

Rory foi recebido no castelo de Dublin com a pompa devida a um membro da realeza. O General Brodhead saudou-o pessoalmente à porta trajando um *smoking* de veludo vermelho como os casacos usados para a caça, decorado com gola e bolsos de cetim preto,

— Landers! Por Deus, como é bom vê-lo de novo — disse, estendendo a mão. Rory não pôde estender seu próprio braço imobilizado.

— Ah, desculpe — disse o General —, como vai isso aí?

— Nada mal — respondeu Rory, sacudindo o braço. — Está bem remendado com as cirurgias que sofreu. Provavelmente recuperarei de quarenta a cinquenta por cento dos movimentos. Os médicos acham que por enquanto já fizeram tudo que era possível. Querem fazer uma avaliação dentro de alguns meses, quando eu tiver cumprido uma rotina de exercícios.

— Que má sorte — disse Brodhead.

— Bem, está bastante bom para segurar alguma coisa. Um copo de uísque ou uma garrafa de cerveja encaixam-se perfeitamente. Posso segurar um livro e virar as páginas com a outra mão... e descobri que uso o papel higiênico com a mão direita, muito estranha, essa troca.

Diabos, ele gostava da espirituosidade do rapaz!

— E os olhos?

— Os médicos denominam minha condição de concussão do nervo ótico. Posso ver bastante bem. Posso andar por aí, até montar a cavalo, o que é muito importante. De vez em quando minha visão clareia por alguns instantes, mas não posso fazer um trabalho minucioso. Eventualmente, terei que usar uns óculos especiais.

— Sem dúvida, você parece mais em forma do que na última vez que o vi no Hospital Wandsworth em Londres e preguei a Victoria Cross no seu peito. Lamentável o que ocorreu com o rapaz que o levou de volta à praia.

— Flynn.

— Morreu na hora da partida.

— Acho que fomos atingidos pela última granada que os turcos lançaram.

— Devo dizer — suspirou Brodhead —, que a evacuação foi uma obra-prima, sem nenhuma baixa. Os turcos estavam ocupados com as mulas que você fez subir o barranco. Uma pena o que aconteceu com as mulas.

— Sim — murmurou Rory —, uma pena.

— Sente-se, Tenente. Vejamos se temos alguma coisa aqui melhor do que comida de navio.

Rory examinou o aposento que só conhecia de imaginação. Como a maior parte da Dublin de origem inglesa, ostentava uma elegância sóbria. O General tocou a campainha, chamando seu ordenança, que voltou com dois uísques irlandeses puros. Embora fosse maio, o fogo da lareira era bom para cortar o frio das pedras do castelo.

— Saúde.

— Saúde, senhor.

— Obviamente, eu esperava um comando na Frente Ocidental — disse Brodhead —, mas depois que compreendi minha missão aqui, percebi que é exatamente onde eu deveria estar. Como homem do Ulster, tenho lidado com esses canalhas irlandeses toda a minha vida e acredito que tenha condições de ajudar e acabar com essa situação de uma vez por todas. Esta ilha é parte integrante da Grã-Bretanha. A traiçoeira tentativa de secessão deixa claro que os irlandeses têm que ser obrigados a aceitar seu *status* de ingleses. Aliás, você não é descendente de irlandeses, é?

— Não que eu saiba, senhor. Os pais de minha mãe são ambos ingleses. Meu pai é suíço, alemão, neozelandês, uma dessas misturas indefinidas.

— Católico?

Rory deu de ombros.

— Não seriamente — disse.

— Algum sentimento político em relação ao chamado Levante que ocorreu aqui no mês passado?

— Sou neozelandês, senhor. Esse negócio aqui não fez muito sentido para mim. Nós não tínhamos tropas irlandesas, dublinenses, em cabo Helles?

— Realmente, tínhamos e temos irlandeses nas trincheiras da França. Somos todos ingleses, não é?

Rory sorriu, concordando.

— Você perdeu um grande espetáculo. Comandei pessoalmente a execução de todos os dezesseis traidores. Muito interessante. Infelizmente, foi ordenada uma suspensão temporária nas execuções... contra minhas fortes objeções... mas ainda mantemos oitenta deles sob pena de morte.

— Vai retomar as execuções? — perguntou Rory. — Gostaria de ver uma.

— Só Deus sabe o que os políticos estão tramando, mas acho que por enquanto vamos ter que esperar e ver como se comportam. Se começarem a agitar com seus editoriais, incitação da plebe nas esquinas e perturbações da ordem pública, sempre poderemos retomar os pelotões de fuzilamento... — Andava de um lado para o outro e discursava. — Por enquanto, só um traidor interessa: *Sir Roger Casement*. Ele está no Torre de Londres, onde é o seu lugar. Receberá um bom julgamento inglês, depois o enforcaremos. É essencial. Casement tem que ser transformado num exemplo público.

— Desculpe, senhor, mas tem que desculpar minha ignorância. Não consigo ler um jornal sem lente de aumento.

— Um grande filho da puta esse Casement. E ainda por cima um homem do Ulster! Depois de ter sido nomeado cavaleiro, veja bem, aquele filho da puta conspirou com os alemães contra nós. É um maldito pederasta, você sabe. Vamos pegá-lo exatamente como Edward Carson pegou aquele outro pederasta irlandês, Oscar Wilde. Está na raça.

Brodhead não perdeu tempo em encher novamente os dois copos, animando-se para abordar o principal motivo de seu convite a Landers para vir à Irlanda.

— Landers, a Comissão de Inquéritos sobre Galípoli ainda está em aberto, capaz de continuar remexendo o passado. Acho que todos sabem o que precisam saber sobre uma situação militar muito arriscada. A única finalidade agora, para maiores investigações, vem daqueles Liberais que estão tentando atingir os militares. Talvez você seja chamado a testemunhar.

— Eu, senhor? Com certeza não tenho nenhuma qualificação para dar opinião sobre isso.

— Não seja tão modesto. Você tinha acesso a muitas reuniões de planejamento. Essa Victoria Cross torna sua palavra extremamente importante aos olhos da comissão. Mais especificamente, segundo eu soube, você deverá ser chamado a testemunhar sobre o que aconteceu lá em cima em Chunuk Bair.

Rory sentiu que, por acaso, caíra numa situação esplêndida para as descobertas que queria fazer. Brodhead lhe ficaria devendo um grande favor se ele fizesse o jogo do General agora.

— Não sei como responder a isso, General.

— Há um boato de que o Coronel Markham, ao chegar do Quartel-General, mandou prender o Coronel Malone por ordem minha. Além disso, diz-se que o Major Hubble recusou-se a executar a ordem de prisão.

— Não posso ajudá-lo nisso, General. Eu não estava perto deles na ocasião.

— Não ouviu nada entre Markham e Malone?

— Não, senhor.

— Não ouviu nada depois disso?

— Cristo, ouço todo tipo de coisas todo dia. Boatos voam, como o senhor sabe. Se os dois Coronéis se desentenderam, eu simplesmente não fiquei sabendo.

Brodhead sentou-se e inclinou-se para frente.

— Estão procurando um bode expiatório. E vou lhe dizer por quê. Depois da guerra, querem reduzir o exército a nada. Quanto mais puderem desacreditar os escalões superiores, maior o argumento para cortar recursos financeiros. Sabe que podemos terminar com um exército insuficiente para defender o Império? Eles destruíram Churchill. Bem, Churchill não era exatamente um dos meus favoritos, mas ele realmente preparou a Marinha para a guerra e seu pai era Lorde Randolph Churchill... Desculpe-me... só estou pensando em voz alta. Os *aussies*, em particular, estão querendo me pegar. Um jornalista chamado Keith Murdoch acha que o ataque ao Nek foi desnecessário, quando o bom senso mostra que deveria ser feito para proteger a Unidade Baía Suvla... Uma última coisa: o Coronel Malone e Markham foram mortos pela artilharia turca, não foram?

Rory compreendeu claramente a preocupação do General.

— Sim, senhor. Os turcos nos atingiam com tiros de morteiro antes de desfecharem o ataque para a retomada de Chunuk Bair. O Major Hubble e Jeremy saíram para o perímetro para contê-los.

— Bem, e isso é hipotético... suponha, apenas para fins de discussão... que você estivesse presente, mas não ouviu o Coronel Markham dar ordem para que Malone fosse preso. Suponha que o Coronel Malone quisesse permanecer em Chunuk Bair e você tenha ouvido o Coronel Markham dizer que ele estava representando o General Brodhead e, depois de examinar a situação, tenha achado melhor sair de Chunuk Bair... Hipoteticamente, é claro.

Rory não teve nenhuma dificuldade em aceitar as mentiras de Brodhead porque isso continuaria a lhe dar acesso ao General e ao Castelo de Dublin. Para que fins, ele ainda não sabia, mas estava na Irlanda para descobrir.

— Eu diria que foi assim que aconteceu — disse Rory.

— Acha que pode sustentar isso se for chamado?

— O senhor é meu General — respondeu Rory.

O mordomo do General entrou e anunciou o jantar. Brodhead conduziu Rory para a sala de jantar com o braço em torno dos ombros do rapaz.

— Acho que vai achar o jantar bem melhor do que o que comíamos na enseada *Anzac*.

Realmente era, de carne de veado a uma sofisticada sobremesa com pão de ló. Recordações, e uma conversa informal de dois bons camaradas desenrolou-se durante o jantar. Quando o conhaque Napoleão foi aberto, aquecido sobre a chama em grandes copos bojudos e agitado, Brodhead voltou às questões mais sérias.

— Qual seu *status* no exército?

— Seu convite para que eu viesse à Irlanda foi perfeito, senhor. Como disse, os médicos acham que já fui até onde era possível por enquanto e que não preciso realmente de controle hospitalar. Optei por uma licença prorrogável e estou livre por três meses. Poderia voltar à Nova Zelândia para ser desligado. Ou poderia permanecer na Inglaterra após uma avaliação médica final. Basicamente depende de mim.

— Tem alguma coisa a fazer na Irlanda?

— Gostaria muito de visitar a Condessa Caroline Hubble.

— Sim, é claro.

— Flynn, o rapaz que me levou até a praia, possui avós e outros parentes aqui. Dois dos outros homens do batalhão também tinham parentes irlandeses. Vou visitá-los.

— E depois?

— Um pouco de meditação em algum lugar. Depois de ter meditado o suficiente, pretendo arrasar Londres.

Brodhead soltou uma risadinha.

— Você vai gostar da vida aqui na Irlanda, Landers. Alguns lugares são muito bons. Alguns lugares esplêndidos para velejar em Kinsale. Posso arranjar-lhe isso. Ainda, alguns maravilhosos riachos particulares de trutas no Ulster. Cavalos, são bons com cavalos, os irlandeses, praticamente a única coisa em que são bons. Algumas paisagens no oeste valem a pena ser vistas. O povo é estranho, mas inofensivo. São terríveis mentirosos. Você vai descobrir isso na primeira vez que pedir informações para chegar a algum lugar.

— Nunca pensei em permanecer algum tempo na Irlanda.

— Landers, fiz uma travessura.

— O senhor?

— Às vezes, quando um oficial excepcional pode ser desligado por razões médicas, o Ministério da Guerra faz uma exceção, se... um oficial superior o requisita para um serviço especial.

ESTUPENDO! — Desculpe, General, não compreendo.

— Estou convencido de que minha missão aqui na Irlanda fará tanto pela preservação do Império britânico quanto nosso exército na França. É vital para nossa existência imperial que silenciemos os irlandeses. Não podemos ter esses políticos irlandeses bêbados dando socos na mesa de paz, não é mesmo? Vão espalhar a agitação por todas as colônias.

— Acho que compreendo o que está dizendo, senhor.

Brodhead enfiou a mão no bolso do *smoking* e retirou um punhado de divisas de oficial.

— Usei essas divisas quando fui promovido a Capitão, há muito mais anos do que gostaria de me lembrar. O Ministro da Guerra está disposto a fazer uma exceção se você permanecesse na Irlanda no meu *staff* pessoal.

Rory mostrou-se impressionado.

— Vou lhe dizer por que, Landers. Estou reunindo um pequeno, porém exclusivo grupo de oficiais, que se reportará diretamente apenas a

mim, para ver, ouvir e saber de tudo que está se passando neste país. Você é um dos homens mais brilhantes que já conheci. Você faz as coisas acontecerem, pelas normas ou não. Sei como você deu um jeito de retirar o Dr. Norman de Galípoli. Também sei quantos turcos você matou durante o contra-ataque. Fique no exército por mais alguns anos. Só vejo uma carreira brilhante à sua frente... e, eu preciso de você.

— Sou um neozelandês, senhor.

— Bem, os neozelandeses são ingleses! Você comprometeu-se para enquanto durar a guerra.

— Na verdade, não estou tão ansioso assim para retornar para casa desse jeito, particularmente depois do que o senhor me ofereceu.

— Muito bem. Se posso me permitir um momento de sentimentalismo, você estaria assumindo o lugar de Christopher Hubble. O que diz?

— É uma proposta perturbadora, senhor. Deixe-me circular aqui pela Irlanda e apresentar-me de novo ao senhor. Deixe-me pensar no assunto.

— E guardarei isso para você — disse ele, colocando as divisas de volta no bolso. — Bem, e aonde vai em primeiro lugar?

— Fiz contato por telefone com a Condessa Hubble. Ela não podia viajar para Londres para me ver. Parece que seu pai sofreu um forte derrame cerebral e está completamente paralisado.

Brodhead apoiou a cabeça no queixo, tristemente.

— Tempos horríveis para aquela grande família. — murmurou ele. — Lorde Roger, um homem maravilhoso, maravilhoso, partiu num barco para a eternidade, que Deus tenha sua alma. *Sir* Frederick! Que filho do Ulster ele foi! Caroline disse-me que ele ficou consternado com o que aconteceu aos rapazes...

— Como posso encontrá-la?

— A mais bela criatura que já encantou o Ulster — disse Brodhead. — Já não é uma criança, com cinquenta e poucos anos, mas ainda é a rainha do Ulster para mim. Quando lhe fiz uma visita de condolências, era ela quem estava preocupada comigo, ao invés do contrário.

— Estou ansioso para conhecê-la.

Brodhead tomou um longo gole do forte conhaque e seus olhos mostraram o primeiro brilho dos efeitos do álcool.

— Devo lhe confidenciar um segredo?

— Por favor, não me conte nada de que venha a se arrepender amanhã.

— Ah, você vai saber o que quero dizer quando a vir. Adoro aquela mulher, de longe, há três décadas. Claro, nunca saí da linha. Lorde Roger e eu éramos amigos do peito. Agora que ele se foi, tão tragicamente... e meu próprio casamento meio... bem... rançoso... Beatrice e eu temos quartos separados há anos. Meu Deus, de que estou falando?

— Parece-me bem compreensível, General.

— Caroline é meio rebelde, adepta da política errada e tudo o mais... uma juventude *livre* em Paris. Ela mantém esse palhaço irlandês, Galloway, pairando à sua volta, pelo dinheiro, sem dúvida, mas ele está morando em Londres, produzindo uma peça ou algo assim. Lorde Roger manteve-a sob controle, transformou-a numa grande mulher. Agora, por Deus, ela está agindo direito, ficando em Belfast ao lado do pai.

Parou para ver como Landers estava recebendo tudo aquilo. Sim, Landers era a própria imagem da lealdade.

— General Brodhead, sinto-me honrado com sua confiança.

Sir Llewelyn clareou a garganta.

— Ela é mais bem controlada por um homem forte como Lorde Roger. Parece que ela está pronta para um homem de verdade para confortá-la agora.

— *Lady Caroline* sem dúvida saberá de meus próprios sentimentos em relação ao senhor.

Brodhead abriu um largo sorriso.

— Pense em tudo isso e retorne como um dos meus assistentes.

— Obrigado, General. Retornarei em quinze dias com minha resposta.

CAPÍTULO 76



Final de maio, 1916

— Tenente Landers, seja bem-vindo!

— Obrigado, Condessa Hubble.

— Por favor, me chame de Caroline — disse, fazendo um sinal para o mordomo. — Leve as malas do Tenente para os aposentos de Jeremy.

Fitaram-se com curiosidade, depois se aproximaram para um rápido e tímido beijo no rosto.

— Jeremy tinha razão — disse Rory —, você deve ser a mulher mais bonita da Irlanda.

— Com vinte anos a menos, no mínimo — disse ela. A voz dela, estranho, fez uma lembrança atravessar sua mente.

— Alguma coisa errada, senhora?

— O quê?

— Está me olhando fixamente — disse Rory.

— Ah, desculpe-me. Fiquei perplexa com sua surpreendente semelhança com outra pessoa. Até a voz.

— Todos dizem isso. Acho que tenho um rosto muito comum.

— E eu diria, ouvindo suas palavras adadoras, que você é descendente de irlandeses.

— Receio não ter nem uma gota de sangue irlandês. Um neozelandês híbrido.

— Agora, o que você está olhando?

— Nunca vi um lugar como esse.

— Eu lhe mostrarei o resto da residência depois.

Tomou-lhe o braço, conduzindo-o para dentro.

— Temos um lindo dia de sol. Por que não conversamos no jardim?

O jardim, a fonte e a vista do museu eram igualmente estonteantes, sendo difícil acreditar que Jeremy, ou qualquer outro ser humano, pudesse viver em tal lugar.

Caroline mandou que servissem refrescos. Rory continuava encantado com tudo, inclusive com ela. Estava vestida em lilás e muito perfumada, mas a sombra escura sob seus olhos revelava-lhe que ela se aprontara especialmente para aquela ocasião. Os cabelos de Caroline estavam um pouco grisalhos agora, mas ainda conservava um corpo capaz de tentar qualquer homem uma geração mais nova.

— Por quanto tempo posso tê-lo aqui? — perguntou ela.

— Enquanto puder me aturar — respondeu ele. — Na verdade, pretendo fazer uma viagem ao sul e ao oeste para visitar parentes de alguns colegas do nosso batalhão.

A criada trouxe uma bandeja, seguida do mordomo com um balde de gelo.

— Como sabia que eu queria uma cerveja?

— Todo neozelandês quer cerveja. Você é muito mais novo do que eu imaginava.

— Bem, uma coisa que Galípoli sem dúvida faz é oferecer amadurecimento rápido.

— Lamento muito não ter podido visitá-lo no hospital em Londres. Meu pai teve vários derrames e o último, quando recebeu as más notícias, foi muito grave. Vai voltar a Londres?

— Provavelmente, mais cedo ou mais tarde.

— Meu amigo, Gorman Galloway, bem, ele não é exatamente meu amigo. É meu namorado. Gorman está produzindo uma peça em Londres. Lamento ele não estar aqui para recebê-lo, mas ele é o homem certo para você conhecer Londres... se você gostar de atrizes.

Rory riu. Ela era maravilhosa.

— Eu lia a maioria das cartas de Jeremy e ele lia as minhas. Gorman Galloway é um sujeito muito divertido. Estou ansioso para conhecê-lo.

— Ele tem sido uma rocha. Manteve as coisas sob controle para nós. Como você está passando, Rory?

Rory explicou suas condições de saúde; repouso, depois reavaliação. Provavelmente, mais uma cirurgia na mão e no pulso, até o cotovelo. Os olhos? Bem, dava para viver com eles.

Rory brincou com o copo de cerveja, depois o colocou na mesa.

— E como vai você, *Lady Caroline*?

— Muito mal, obrigada. Como pode ver à sua volta, pelo menos eu sofro com conforto. Cheguei ao ponto em que se põem moedinhas nas máquinas da fortuna colocadas nos parques de diversão. Deve haver alguma razão para uma pessoa não morrer com seus filhos. Estou vivendo cada dia tentando encontrar essa razão. Não sabe com que ansiedade eu aguardava sua visita.

— O quanto quer realmente saber? — perguntou-lhe Rory.

— Você é muito inteligente e muito sensível para a sua idade, Rory. Quero saber tudo.

— Uma parte vai ser muito dolorosa.

— Claro que será, mas pelo menos estarei partilhando isso com eles. Sei que teremos oportunidade de rir. Acho que será muito reconfortante.

— Eu mesmo estou procurando um pouco de conforto — disse Rory. — Para começar, Jeremy... nunca mais terei outro amigo como ele.

— Aqui estou eu com tanta pena de mim mesma que nem parei para ver o quanto você sofreu.

— Foi um inferno, senhora — disse Rory.

— Estou muito feliz por você estar aqui — disse ela.

— Jeremy se transformou num esplêndido ser humano. Gostaria que pudesse ter visto o caráter e a competência deste homem. Ele enfrentou a notícia da morte do filho como um campeão.

— Molly morreu ao dar à luz, juntamente com a criança. Achei que era demais comunicar-lhe as duas mortes ao mesmo tempo. Ia esperar até, pelo menos, que ele sáísse de Galípoli.

— Achamos que devia ser esse o caso com Molly. Ele tinha uma determinação. Sairia de tudo isso como um homem, ainda que a tivesse perdido.

— Não imagina o quanto me faz bem ouvir isso. Jeremy estava em péssimas condições quando deixou a Irlanda.

— Um homem extraordinário... Éramos loucos por ele.

— E Christopher?

Rory coçou a cabeça.

— O velho Major Chris.

— Difícil de aturar, imagino — disse Caroline.

— No Egito, até receber notícias de sua esposa, era mesmo insuportável. O que posso dizer? Ele se humanizou muito depois disso.

Chris era engraçado com todas aquelas bobagens de inglês. Ele descobriu, da maneira mais difícil, alguma coisa sobre lealdade e sobre o amor que os homens podem dar uns aos outros.

— Chris? Jeremy contou-me que ele se transformou num bom sujeito, mas...

— E a mulher dele?

— Vive uma vida medíocre no Canadá. Não posso culpá-la por ir embora, mas não vale a pena preocupar-se com ela.

— Vou lhe contar uma coisa em que talvez não acredite, mas que é verdade. Chris também compreendeu por que ela o deixou e nunca a odiou por isso.

— Está me dizendo a verdade, Rory?

— Sim, senhora.

— É difícil de acreditar — disse ela brandamente.

— Eu sei. Mas ver os dois se transformarem em homens de caráter foi uma revelação para mim e a experiência deles tem sido importante para a minha própria vida. Mostrou-me que eu também podia suportar minhas próprias tristezas.

— E eu também posso? — perguntou ela.

— Vai encontrar razões para fazer o resto do caminho valer a pena.

Sir Frederick Weed foi trazido para a varanda a poucos metros de distância. Sua cadeira foi colocada de forma que ele pudesse ver as encostas das colinas e, lá embaixo, as chaminés das Oficinas de Navios e de Ferro Weed. Sua enfermeira sentou-se a seu lado com uma revista.

— Meu pai está quase completamente paralisado. Não pode falar, mas ouve e compreende tudo. Sua mente está lúcida como sempre foi. Nós criamos uma linguagem piscando os olhos e movimentando um pouco os dedos. Venha conhecê-lo. Ele vai gostar de suas histórias de badernas, se tiver alguma.

— Receio que tenha.

Passaram à varanda, onde ela cumprimentou o pai com um beijo, ajeitou a gola de seu robe e, em seguida, sentou-se diante dele.

— Freddie, este é Rory Landers. Você o conhece das cartas de Chris e Jeremy.

Rory pôde detectar um sorriso através dos olhos lacrimejantes de Weed.

— Ouvi falar muito a seu respeito, senhor — disse Rory.

— Rory vai ficar conosco algum tempo. Vai nos contar tudo sobre o ano que passou com nossos rapazes.

Weed piscou.

— Ele disse que você é muito bem-vindo.

Quando Caroline e Rory se retiraram da varanda, ela se voltou e ficou observando o pai por um longo tempo.

— Ele só fica ali sentado, dia após dia, olhando para o império que criou. Tenta trazer seus netos de volta à vida e ele mesmo ao homem que costumava ser. Recusa-se a aceitar que tudo isso tenha acabado. Luta em vão, perguntando-se por que sua vontade não pode mudar o passado.

— Há alguma coisa que eu possa dizer ou fazer para ajudá-lo?

— Sim.

— O quê?

— É preciso esperar, mas há uma coisa que nós dois precisamos saber. Agora, que tal descansar um pouco e se refrescar antes do jantar?

Acompanhou-o pela ampla escadaria em curva do saguão e por um corredor com paredes repletas de quadros e de nichos com esculturas. Abriu a porta dos aposentos de Jeremy.

— Tem certeza de que quer que eu fique aqui?

— Jeremy ficaria ofendido se eu o colocasse em qualquer outro lugar. E, Rory, isso não vai acabar sendo uma experiência triste.

— Eu sei.

Quando ele entrou no quarto, Caroline tomou-o pelo braço e o fez virar-se para ela.

— Nós vamos poder resgatar os corpos deles?

Rory sacudiu a cabeça.

— Por quê?

— Por favor, não.

— Eu preciso saber. Tenho que me conciliar com isso.

— Há... milhares de esqueletos não identificados... milhares e milhares, nossos e dos turcos. Há pilhas deles, já totalmente branqueados... por toda parte... Era isso que você disse que precisava saber, para si mesma e para seu pai?

— Não —, respondeu ela. — É algo inteiramente diferente.

Houve alegria em Rathweed Hall nos dias que se seguiram, quando Rory recontava os acontecimentos no Cairo. Era certo contar àqueles dois.

Agora, podiam ter os dias felizes de Chris e Jeremy como parte de suas lembranças. Podia-se ver o velho homem rindo por dentro.

Mas o que eles realmente queriam saber? Parecia que isso teria que vir mais tarde, quando tivessem mais confiança nele.

Rory mostrou-se superficial em relação ao próprio passado. Falou em Georgia e em sua esperança de encontrá-la, mas nada disse sobre Calvin Norman. Na maior parte, manteve sua história como Landers, que era um rapaz em desavença com o pai.

Caroline afeiçoara-se muito a Rory, mas não era nenhuma tola. Conduzindo amplas operações como fazia e tendo sido criada e vivendo em um ambiente de permanente conspiração, podia sentir que Rory escondia alguma coisa. Provavelmente, segundo ela, tratava-se de algum sofrimento de infância sobre o qual ele não gostava de falar. Entretanto, havia alguma coisa. Fosse o que fosse, Caroline resolveu deixar os dias transcorrerem sem tentar descobrir.

Por outro lado, Caroline dera a entender desde o início que havia algo a respeito de Galípoli que ela e o pai precisavam saber.

Ao cabo de uma semana, Rory disse a Caroline que iria partir em sua pequena viagem pela Irlanda. Prometeu retornar a Rathweed Hall, com certeza.

Ela lhe entregou um molhe de chaves de sua casa em Merrion Square, em Dublin.

— As acomodações dos oficiais solteiros podem ser um tanto abafadas e limitadas. Assim, quero que pegue essas chaves e se sinta como se fosse sua casa, como se você e os meus rapazes fossem primos. Entre e saia como quiser, Rory. E dê uma ou duas festas, as garotas são bem-vindas.

Rory ruborizou-se. Imagine sua mãe jamais lhe dizendo algo assim.

— Você se parece muito com a minha Georgia — ele disse.

Subiu para fazer as malas, prometendo telefonar-lhe regularmente e voltar. Quando terminou de colocar seus últimos apetrechos na mala, Caroline voltou à saleta.

— Podemos ter uma conversa franca antes de você partir?

— Claro.

— Mas franca mesmo.

Ah, meu Deus. O que ela já saberia? O que suspeitava?

— Vou lhe dizer o que estou pensando — disse, antes que ele pudesse traçar um plano. — Você aludiu ao fato de que poderá ficar aqui na

Irlanda algum tempo. Eu sei, em primeira mão, como o General Brodhead se sente a seu respeito. Passamos pela mesma experiência com Chris. Vai trabalhar com ele?

— Meu Deus, Caroline. Eu não quis falar muito sobre o General durante esta semana porque não sabia se era certo ou errado fazê-lo. Sim, ele me pediu para fazer parte do seu *staff* e em parte o tempo que vou passar viajando é para pensar no assunto. Você sem dúvida seria a primeira pessoa a saber se eu aceitasse.

Caroline fitou-o sem fazer nenhum comentário.

— Muito bem — disse ele —, ele e seu falecido marido eram amigos, não é?

— Sim, muito, gêmeos univitelinos: um na pele de um empresário e o outro em uniforme militar.

— Sabendo por Jeremy de seu infeliz casamento, não achei correto trazer à baila nada sobre o assunto.

— É muita bondade sua, Rory. Mas o que Llewelyn Brodhead tem a ver com Roger Hubble?

— Ele está apaixonado por você.

Rory ficou meio desconcertado por Caroline não ter sequer pestanejado.

— Fui muito bonita um dia...

— Ainda é.

— Pare com isso. De qualquer modo, sempre tive rapazes apaixonados à minha volta, Rory. Embora Llewelyn fosse amigo do meu marido e sempre de comportamento irrepreensível, há muito percebi seu ardor. Tem uma mulher que é um desastre e, fora da Irlanda, uma queda por prostitutas.

— Brodhead? Prostitutas? Tem certeza ou está apenas conjeturando?

— As Oficinas de Navios e de Ferro Weed entra em tantos malditos quartos que já perdi a conta. A espionagem, industrial e de todo tipo, era um modo de vida. Uma vez, tivemos um Brigadeiro aposentado administrando nosso serviço de inteligência, felizmente ele já morreu, que sabia tudo sobre todo mundo nas Ilhas Britânicas, e particularmente no Ulster.

Rory ergueu as mãos.

— Nunca mais tentarei lhe mentir, Caroline. Eu deveria ter-lhe dito que talvez vá trabalhar para ele. Sinto muito. Foi um erro da minha parte.

Quanto ao resto, ele é louco por você. Disse-me para dizer alguma coisa em favor dele. Imaginei que você já soubesse de tudo isso. O resto é com você.

— Obrigada, Rory — disse ela e, em seguida, revelou aonde queria chegar. — Já chegamos quase ao fim de nossa conversa. Meu pai e que queríamos que nos falasse de Brodhead em Galípoli.

— O que a respeito dele?

— Analisamos seu depoimento e seus relatórios à comissão. Ele mentiu para salvar a pele e não me venha dizer que você era apenas um Tenente.

— Não, não lhe direi isso. Ele é meu General.

— Clube dos bons e velhos camaradas?

— Diga o que disser, bom, mau ou o que for, não vai trazer Jeremy e Chris de volta à vida.

— Você não nos conhece, Rory. Somos antigos celtas. Somos o que somos e precisamos saber. Não precisa nos dizer muito. Apenas confirme o que eu já acredito.

— Por quê?

— Não se deixe enganar pelo ambiente à minha volta. Sei o que está acontecendo neste país e acredito que Jeremy pretendesse declarar-se republicano. Ele sempre teve o espírito de um republicano e teve um tutor que abriu seus olhos para terríveis realidades. No que me diz respeito, Llewelyn Brodhead é inofensivo. Ele pode não ser tão inofensivo no que diz respeito à Irlanda. Quando ao que aconteceu em Galípoli... eu e meu pai vivemos obcecados com isso... eu lhe disse, somos antigos celtas.

Rory sentiu um ódio emanar dela como nunca vira em uma mulher antes. Não adiantava discutir com ela, com aquele brilho estranho nos olhos. Meu Deus, o que fazer? As feridas abertas desses dois só poderiam ser fechadas pela vingança. E quanto a ele?, Rory pensou. Sua própria vingança não seria o fim de sua busca na Irlanda?

— Vai fazer diferença entre mim e você, se eu vier a fazer parte do *staff* dele?

Caroline ruborizou-se. Era um rapaz corajoso, sem dúvida. Não era de admirar que Jeremy o adorasse.

— Quero que volte ao comando de Brodhead, Rory. Se isto significar cortá-lo de nossa lista, que assim seja.

— Não sou uma pessoa muito sofisticada, Caroline. Seria melhor deixarmos o General fora disso. Não compreendo toda essa luta interna.

— Para o inferno que não entende — disse ela. — Para salvar as aparências — ela continuou, mudando inteiramente de tom —, se você entrar para o *staff* de Llewelyn e caso ele pergunte, diga-lhe que você transmitiu o interesse dele por mim e faça-o saber que eu me senti muito lisonjeada com sua atenção. Não há nenhum mal, não é, Rory, em fazer o sujeito se sentir bem?

— Direi a ele que percebi um brilho em seus olhos à menção do nome dele.

— Bem-vindo aos nossos joguinhos sujos, Tenente.

Ele passou os braços ao seu redor e abraçou-a com força. Jesus, que mulher, pensou. Tudo se estava encaixando tão bem que ele mal podia acreditar.

Embora ainda tivessem seus segredos, sentiram que um laço os unia, como mãe e filho.

Fora uma noite agitada, até que repentinamente a compreensão de um fato a atingiu como um raio!

Caroline sentou-se na cama de um salto, como se tivesse sido impulsionada por uma mola, atirou as cobertas para o lado e ficou andando de um lado para o outro, assombrada com sua descoberta!

Não fora nada do que Rory Landers dissera que o denunciara, mas a maneira como o dissera. Alegava não ter nenhuma ascendência irlandesa, mas sem dúvida um de seus pais era irlandês. Havia muito da cadência de Donegal inconscientemente permeando sua maneira de falar.

Meu Deus, ela identificara o rosto de um Larkin no instante em que ele entrara em Rathweed Hall e até a semelhança da voz. No começo, imaginou se inconscientemente não esperava há dez anos que Conor entrasse por aquela porta.

Landers tinha muito dos movimentos de Conor: o olhar eloquente, a surpreendente franqueza, o riso, o mistério de suas viagens na Irlanda. Rory certamente conhecia as tendências republicanas de Jeremy. Jeremy sabia quem Rory realmente era e nunca o delatou, mas deixou escapar algumas alusões na correspondência que enviava para ela.

O assistente pessoal de Caroline, Tony Pimm, chegou a Rathweed Hall em menos de uma hora.

— Precisamos levantar alguns registros militares de um colono, um neozelandês. Quero cópias desses registros. Tenente Rory Landers. Distrito ou condado de Canterbury, região de Christchurch, Ilha do Sul.

— Landers? Achei que você e Freddie gostavam muito dele. Em que o nosso homem está metido?

— Acho que ele não se chama Landers. É outra pessoa.

— Sei. Algum soldado que conheceu bem Jeremy e Chris para se infiltrar em Rathweed Hall e aplicar um golpe em vocês.

— Não, o jogo dele não é esse. O relacionamento dele com meus filhos é genuíno e eu o adoro. Preciso de informações da Nova Zelândia. As ligações com nosso escritório em Wellington estão boas?

Tony Pimm balançou a cabeça afirmativamente.

— Acho que se alistou sob o nome de Landers porque não queria trazer sua verdadeira identidade para a Irlanda. Mande o escritório relacionar o nome de todas as fazendas, proprietários, transferências e tudo o mais e veja se aparece alguma coisa irlandesa.

— Como o quê?

— Como Larkin.

— Santo Deus!

— Posso apostar que ele é sobrinho de Conor Larkin, e Tony, preste atenção, foi convidado para assumir um posto dentro do Castelo de Dublin pelo próprio *Sir* Llewelyn Brodhead.

CAPÍTULO 77



—Sixmilecross! Sixmilecross!

O coração de Rory deu um salto quando o trem diminuiu a marcha. Pressionou a cabeça contra a janela de seu compartimento tentando focalizar os olhos. O trem entrou num desvio para pegar água da torre da caixa d'água. Mais adiante, um condutor ajudou uma mulher e uma garotinha a descerem do trem e subirem numa charrete onde o marido as aguardava.

Rory sabia, pela descrição de Jeremy, que estava no local exato da emboscada. As tropas britânicas estavam a bordo do trem, Conor e seus homens estavam espalhados ao longo da linha férrea e na passagem de nível, cavalos e carroças amarrados logo depois da ponte, no meio das árvores.

A porta do seu compartimento abriu-se. Era outro condutor. Inclinou-se sobre Rory, lendo a etiqueta em seu ombro.

— Nova Zelândia, não é?

Rory assentiu.

— Meu colega me disse que havia um rapaz condecorado com a Victoria Cross no vagão militar. E onde esteve para merecer essa condecoração?

— Galípoli.

— Ah, graças a Virgem Maria que você está vivo. Meu filho foi ferido em Ypres. Envenenado por gás.

— Sinto muito.

— Tem parentes na Irlanda?

— Não, só estou de licença, viajando um pouco.

— Não poderia encontrar um lugar melhor. Hã... e qual a sua religião?

— Sou católico.

O condutor sorriu.

— Está em solo sagrado para os irlandeses. Um combate muito famoso foi travado aqui. Foi há alguns anos, mas a Irmandade Republicana Irlandesa... já ouviu falar?

— Desculpe, não.

— Gente nossa. De qualquer forma, impuseram uma terrível derrota aos ingleses.

— Não diga!

— Bem, boa sorte para você, Tenente, e foi uma honra apertar a mão de um ganhador da Victoria Cross.

Quarenta minutos depois, o primeiro condutor abriu a porta.

— Rodale Bridge — anunciou —, com conexão para Flynn, Crew, Spamount e Castlederg. Sua parada, senhor... aqui, aqui, deixe-me ajudá-lo com sua mala.

Rory desceu do trem com uma continência ao herói feita pelos dois condutores. Cerca de doze passageiros dirigiram-se a um trem de conexão à espera. Quando os dois trens partiram, Rory olhou em torno. Pôde discernir a figura toda em negro de um Padre atravessando a linha férrea em sua direção.

— Tio Dary?

— Rory, ah, Rory, meu rapaz! — exclamou Dary lacrimejante quando se abraçaram. — Você me deu um susto agora mesmo. Por um instante, pensei que era Conor caminhando em minha direção. Você tem o mesmo jeito dele. Meu Deus, está escrito Larkin em todo o seu rosto, você é bonito como ele. Bem, viu um pouco a paisagem do campo?

— Estava um pouco embaçado, correndo pela janela, mas me lembrou muito a Nova Zelândia. É tão verde.

— Todos os rapazes que emigraram que emigraram para a Nova Zelândia escreveram para casa dizendo a mesma coisa.

Dirigiram-se para o proverbial Ford Modelo T.

— Com os cumprimentos do Bispo Mooney — disse Dary. Logo estavam na estrada para Londonderry.

— Temos milhões de anos para colocar em dia. Primeiro, diga-me como está se sentindo.

— No momento, sinto-me ótimo. — Rory falou-lhe dos ferimentos e dos prognósticos.

— Está livre por algum tempo?

— Sim.

— Que maravilha — disse Dary. — O Bispo possui um chalé de pesca nas montanhas, a uma hora e meia de carro. Fica bem escondido e está bem abastecido. É nosso pelo tempo que desejarmos.

— Isso é ótimo. Parece que o seu Bispo é um sujeito e tanto.

— Mooney é um homem adorável. Estou com ele desde a minha ordenação. Foi mandado para Derry porque precisavam de um homem bondoso na ocasião e, francamente, o cardeal não esperava que ele durasse muito. O Bispo tem um coração doente, mas enganou todo mundo. Eu, bem, administro boa parte da rotina da diocese para ele, bem como as escolas e o orfanato. Quando ele morrer, espero ser transferido para uma situação... mais tradicional. No Bogside, é preciso ter padres no Bogside, é tão miserável. Receio que sejamos um pouco liberais demais.

Não havia nada que não se pudesse gostar em Padre Dary. Rory sentiu o conforto de alguém que parecia conhecê-lo há mil anos. Sentiu a primeira fantástica e inesperada sensação do calor familiar desde que saíra de casa. Deixou-se tomar por aquele deslumbramento. Havia tanto a contar e a ouvir. Sorriu interiormente diante da perspectiva dos próximos dias.

— Tenho uma ideia — disse Rory — do motivo pelo qual você quis que eu descesse do trem antes de Londonderry.

— Derry — corrigiu Dary. — Bem, houve problemas em Dublin e os ingleses estão prendendo qualquer um que assoe o nariz num lenço verde. Com você vagabundeando por aí em um uniforme inglês e com falso nome, é melhor não correr riscos. Veja bem, estamos entrando em território Larkin. Se puséssemos os pés em Derry, sem falar no Bogside, você seria identificado como um Larkin num instante.

— Foi o que imaginei. No entanto, tenho que chegar a Ballyutogue.

— Nosso chalé é bem próximo. A maioria dos homens da vila estará conduzindo o gado para os cercados de Derry e as mulheres estarão vendendo suas rendas lá também. Tomei providências para que pudéssemos entrar furtivamente à noite. Sua tia Brigid está ansiosa para vê-lo.

Preparava o resultado da pesca. Dary ajeitou o fogo de turfa enquanto Rory fritava a truta.

— Ouvi falar do fogo de turfa — disse Rory. — Realmente, cheira a hálito de anjo. — Rory achou que o peixe já estava bem cozido.

— Muito bem, pequeno Dary — disse ele, mostrando a frigideira —, nossa, desculpe-me, tio. Toda a minha vida eu ouvi se referirem a você como “pequeno Dary”, principalmente por Conor. Vou melhorar meus

modos. E você não é tão baixo assim. Tínhamos soldados com metade do seu tamanho — e ao mencionar isso, Rory mordeu o lábio quando a lembrança de Chester Goodwood atravessou sua mente. Como o grupo de capatazes teria adorado estar ali agora!

— Há tantos anos que não ouço ninguém me chamar de pequeno Dary. Poderia continuar a me chamar assim?

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Então, será pequeno Dary.

A alegria dos dois levou-os à maleta de oficial de Rory e a uma garrafa de conhaque, presente de Caroline Hubble.

— Santa Maria! — exclamou Dary —, só vemos isso no Natal, a cada cinco anos.

Fez-se um silêncio inquietante, que ambos reconheceram como um prelúdio a assuntos de família. Dary remexeu em sua sacola e apresentou uma carta.

— Recebi esta carta de Liam há cerca de quatro meses.

Rory percorreu-a com os olhos e devolveu-a.

— Não poderia ler a letra do *Squire* nem com dois olhos perfeitos. Terá que fazer as honras.

— Tudo bem — disse Dary. Umedeceu os lábios, depois a garganta, com um gole aveludado do magnífico conhaque.

— “Meu filho Rory” — começou Dary —, “precisei de todo esse tempo para encontrar a coragem de lhe escrever. Estou enviando esta carta para Dary sabendo que, com o tempo, você acabará indo à Irlanda.

“Talvez o pequeno Dary, mais do que ninguém, possa explicar o significado de minhas lágrimas de culpa e infortúnio. Desde aquele terrível momento em que você nos deixou, fui tomado por uma grande dor que no fundo eu já conhecia de minha própria juventude. Carreguei esse sofrimento da infância à maturidade. Percebo agora que infligi a você o mesmo tipo de sofrimento.

“Não mereço o seu perdão, porém nunca mais terei descanso enquanto não lhe pedir perdão e

nunca mais serei inteiramente eu mesmo enquanto não o obtiver. A fazenda Ballyutogue, como seu homônimo na Irlanda, tornou-se um lugar de tristezas. Você está em toda parte, meu filho, em cada folha sussurrante, em cada árvore sussurrante. Deus o abençoe por sempre enviar cartas para sua mãe, irmãs e irmão. Você é um herói aos olhos de Tommy. Ele o idolatra.

“Tivemos que sacrificar RumRunner. Queria que o velho amigo aguentasse até a sua volta, mas ele simplesmente se deitou uma noite e se recusou a levantar.

“Se as preces o ajudarem, saiba que tem muitas de mim, de nós.

“Lamento muito o que eu fiz. Por favor, volte quando suas andanças tiverem terminado. Eu o amo, filho...

Seu pai,
Liam.

Era lua crescente, apenas uma lasca, perfeita para dois homens descenderem as colinas, deslizando sobre a terra, sem serem vistos. Alguns poucos raios de luar dançavam entre nuvens que se moviam rapidamente. Dary, como todos os garotos de Ballyutogue, conhecia o caminho, que durante gerações abrigou esconderijos e uma passagem para republicanos fugitivos.

O Padre Cluny, um republicano inveterado vestido em roupas de camponês, saudou calorosamente Dary e Rory. Primeiro foram à forja, que sempre ficava destrancada. Estava às escuras, até o Padre Cluny conseguir acender a lanterna. Rory foi de bancada em bancada, da bigorna ao fole, tocando as ferramentas, antigas o suficiente para terem sido um dia usadas por Conor. O fogo na fornalha brilhava suavemente, exalando um cheiro doce, e lá fora ele encontrou o muro de pedras e o poço. Tudo parecia tão pequeno.

— É melhor irmos para casa antes que Brigid tenha um infarto — disse o Padre Cluny.

Na encruzilhada, os contornos da árvore dos enforcados se destacavam.

— Nossos campos ficam lá em cima — disse Dary.

Rory quase podia ver seu pai e Tomas descendo a rua e Conor, com seu avental de ferreiro, todos se encontrando e entrando furtivamente no bar de Dooley para um trago rápido antes de subirem para enfrentar as mulheres da casa.

Os joelhos de Rory começaram a tremer quando parou diante da casa dos Larkin. A porta abriu-se de par em par e tia Brigid, de aparência simples como Rory imaginara, abraçou-o com força enquanto uma torrente de lágrimas lhe escorria pelas faces.

A refeição, é claro, há dias vinha sendo preparada. Rory relatou a boa vida de Liam na Nova Zelândia, como eram cada uma de suas irmãs e seu irmão e assegurou a Brigid que a família era católica devota.

— Você sabe que meu querido pai, Tomas, e Kilty não eram exatamente santos, mas fizeram as pazes com Deus. Conor nunca o fez, mas você pode fazê-lo, por você mesmo e por ele, não pode? — perguntou.

Brigid continuou tagarelando sobre seu falecido marido Colm, melhor na morte e na lembrança do que fora em vida, com seu cachimbo malcheiroso e seu cachorro ainda mais fedorento... que sua alma descance em paz... um bom homem com seus hectares... mas nunca grande coisa para um relacionamento íntimo.

Os pobres olhos de Rory tentaram encontrar cada canto da casa, o quarto onde todos eles nasceram, a escada para o sótão onde Conor e seu pai dormiram até saírem de casa.

Rory estava dominado pela emoção. Precisou que o deixassem sozinho por meia hora de puro tremor, não imaginando que a experiência seria tão esmagadora, nem por quê.

Finalmente, os quatro dirigiram-se para o cemitério. Dary segurava uma lanterna e apontava cada lápide.

As primeiras eram muito antigas, com dizeres em gaélico, desgastados pelo tempo. Rory passou a mão sobre uma delas e a crosta esfarelou entre seus dedos.

— Esta é do seu trisavô Ronen, cerca do ano 1800, entre as de Wolfe Tone e de Robert Emmet — disse Dary.

— Meu Deus, imagine só. Conor contou-me como os irmãos de Ronen o tiraram do poste de açoites e o trouxeram clandestinamente para Donegal, seus ossos aparecendo por baixo da carne flagelada...

— É verdade — disse Brigid —, ele é o patriarca dos Larkin de Ballyutogue juntamente com sua mulher, Nellane.

— As duas seguintes são em memória das famílias de Cathal e Aidan. Infelizmente, nenhum dos corpos pôde ser mandado de volta para cá, a não ser o de Aidan.

— Cathal — disse Rory de memória —, sua mulher Siobhan e suas quatro filhas embarcaram num navio da morte em 1848 rumo aos Estados Unidos. As duas meninas mais novas tiveram uma morte horrível a bordo do navio. Os outros fizeram da América seu derradeiro lar, exceto Cathal, que voltou para morrer aqui. E Aidan foi morto lutando para salvar seus campos e sua casa. Sua mulher Jenny morreu no asilo e seus seis filhos desapareceram para sempre num orfanato.

— Você sabe bem a história — disse Brigid. — Em 47.

Lendo com os dedos, Rory iluminou-se.

— Jesus, aqui está escrito Kilty?

— Está, sim — disse Brigid.

— Então, aqui deve estar sua mulher Mary e seus três filhos.

— Morreram de fome, e seu avô, Tomas, enterrou-os e ficou esperando a própria morte, sendo salvo apenas pela volta milagrosa de Kilty — ela continuou.

— Tomas... Finola...

— As lápides de boa qualidade e todo o trabalho de restauração foram feitos com a generosidade de seu pai, Liam, que Deus o abençoe. A voz de Brigid foi diminuindo ao fundo.

— Este é o terreno mais bem cuidado de Donegal... trago flores frescas do meu jardim... vem pessoas de toda parte para ver essas sepulturas...

Rory pegou a lanterna da mão de Dary quando chegou à última lápide. Dary conduziu os outros dois para a igreja, afastando-os dali.

Rory aproximou a luz, depois correu os dedos sobre a gravação, inúmeras vezes.

CONOR LARKIN
FILHO DE TOMAS E FINOLA
NASCIDO 1873 — MORTO 1914
PATRIOTA

“Estou aqui agora, tio Conor. Você sabia que eu viria. Cheguei tarde demais para o Levante, mas não poderia ter feito muita coisa. Não foi bem-

sucedido no começo, mas a lembrança do que aconteceu recusa-se a esmaecer. Estão tentando limpar o país e nos intimidar mais uma vez.

“Há tanta coisa para contar-lhe sobre Jeremy, Caroline e eu e até sobre o Major Chris.

“Parece que aconteceu um milagre. Liam escreveu-me e pediu perdão. Nunca ouvi uma música tão bela quanto o som da voz do pequeno Dary lendo as palavras dele. Dary disse que você e Tomas se reconciliaram. Nem tudo foi culpa de Liam em nossos problemas. Quero muito acertar a minha situação em casa...

“Tio Conor, acho que sei por que eu estou aqui na Irlanda. Estou em condições de dar um golpe. Acho que sei o que serei chamado a fazer. Você precisa me ajudar agora e me dar um sinal de que o que pretendo fazer é certo. É um dilema grande demais para eu decidir sozinho. Envie-me um recado, companheiro...”

Querido papai

O pequeno Dary deve escrever esta carta para mim até que eu receba óculos especiais.

Eu o perdoo. Eu também preciso do seu perdão. Tenho sido um péssimo filho, sempre fazendo o possível para atormentá-lo. Não consigo pensar em nada melhor na vida agora do que voltar para a Nova Zelândia e sonhar com os dias maravilhosos que vamos passar juntos.

Você compreende que eu tenho de permanecer onde estou agora, porque tenho um dever a cumprir. É a sina dos Larkin e espero estar à altura.

Não posso escrever muito mais, exceto para dizer que saí de Galípoli muito melhor do que muitos outros.

Há uma coisa muito importante que você pode tentar fazer por mim. Entendo que Georgia Norman não acreditou que eu a amasse e que eventualmente eu ia querer estar livre de obrigações em relação a ela. Foi por isso que ela rompeu comigo, para me libertar. Mas ela não disse a verdade. Ela já estava divorciada de Calvin Norman, mas disse-me que o divórcio não era definitivo e que iria dar-lhe uma nova chance depois da guerra.

Na verdade, encontrei o Dr. Calvin Norman em Galípoli e fiquei sabendo que já estavam divorciados e que ela se casara de novo. Era um homem extraordinário e tragicamente tem entrado e

saído de instituições para doentes mentais, mas há esperanças de sua recuperação. Mamãe vai ficar contente de saber que ultimamente eu rezo de vez em quando e rezo para o Dr. Norman em primeiro lugar.

Papai, por favor, encontre Georgia para mim, se ela puder ser encontrada. Meu amor por ela não é menor do que a própria vida.

Dary me diz que esta carta será pessoalmente entregue a você por um Padre que partirá para a Nova Zelândia em um navio-hospital nas próximas semanas. Será preciso ler muitas coisas nas entrelinhas, mas depois que eu chegar em casa, teremos uma vida inteira para pôr em dia. Eu também o amo, papai.

Rory

O tempo se esgotava no chalé de pesca. Todas as pontes haviam sido cruzadas, exceto a maior delas. Dary não perdeu tempo em abordar o assunto,

— Quais são seus planos, Rory? — perguntou.

— Provavelmente, voltar para Belfast e *Lady Caroline*. Talvez eu aceite sua oferta para usar sua casa em Dublin. Frequentar os bares. Passar uns dias em Dublin. Penso em viajar para o oeste. Todos dizem que é lindo.

— Está mentindo, Rory.

— Eu?

— Quando se ouviram tantas confissões no Bogside como eu ouvi, fica-se com o ouvido apurado para as modulações da voz de um mentiroso. Você vai entrar para o *staff* de Brodhead, não vai?

— Talvez.

— Ah, conheço esse “talvez”.

— Não quero parecer muito ansioso. O que eu penso é que pedirei um período de experiência, de modo que eu possa voltar atrás. É bem fácil usar minhas condições médicas como uma desculpa para ir embora. Talvez eu faça mais cirurgias na mão. Os olhos talvez tenham que esperar. Até que eu possa montar a cavalo. Talvez eu encontre uma garota para ler para mim.

— Estou falando de um Larkin andando pelo Castelo de Dublin como Landers. Você estaria andando sobre o fio de uma navalha.

Ele é da família, pensou Rory. Mas é um Padre. Deve saber ou não? Até aqui, Rory conseguira manter o assunto para si mesmo. Um segredo ocorre quando duas ou mais pessoas sabem e então pode deixar de ser um segredo.

— Deixe-me ajudá-lo, Rory — disse Dary. — Você deixou as questões republicanas fora de nossa nova e adorável amizade. Não tenho sido simpatizante, a menos que tenha a ver com um membro da família. Sabe que organizei a fuga de Conor da Prisão Portaoise?

— Você... o quê?

— Claro, você não tinha como saber. Sirvo a um Bispo maravilhoso, que precisa desesperadamente da minha ajuda. Mas estou começando a ver as coisas de outro modo; primeiro, desde a morte de Conor, e, mais recentemente, em revolta contra as execuções.

— Ah, pequeno Dary...

— Ainda mantenho distância da Irmandade, mas nunca fecho a porta para um fugitivo. — Os lábios de Dary estreitaram-se. — Sou um Larkin.

— Mais alguma coisa que gostaria de me dizer, Padre?

— Você é inteligente, exatamente como seu tio. Rory, meu rapaz, um Padre nada mais é do que um homem recoberto com muitas camadas de dogma, como a casca de uma cebola. Um Bispo esclarecido e o nome Larkin compeliram-me a descascar uma camada após a outra, para descobrir se existe um verdadeiro homem lá dentro.

Dary parou, fechou os olhos e virou de costas.

— Ei, homem, o que está havendo?

Rory fez Dary voltar-se para ele. Sim... podiam se abrir. A voz de Dary tremeu...

— Sei uma verdade horrível. A Irlanda nunca vai ser livre enquanto os irlandeses não derramarem sangue por isso. Isso não me torna um membro da Irmandade, mas me faz entender os que são.

— Então, o que acontece agora, à medida que as camadas vão sendo retiradas? Metade homem, metade Padre?

— Mais do que você pensa — murmurou Dary.

— E você sabe que eu vim para a Irlanda para encontrar a Irmandade. Restou alguma coisa dela depois do Levante?

— Sim — disse Dary —, eu o levarei lá.

CAPÍTULO 78



Uma pequena legião de guardas entrou energicamente na sala de refeições do Hotel Russell, examinou-a e aprovou-a. O General *Sir* Llewelyn Brodhead entrou energicamente e foi encaminhado às pressas para o compartimento privado principal, na janela do canto, enquanto seus homens assumiam posições à sua volta.

Brodhead estava agitado. Tinham sido dois dias de discussão acirrada entre ele e Londres, até que, finalmente, teve que acatar as ordens de suspender as execuções dos líderes do Levante até segunda ordem.

Justamente quando os irlandeses haviam começado a se intimidar, pensou Brodhead. Os malditos editoriais americanos agora atacavam os ingleses! Aquilo era um assunto interno, diabo! A questão era esmagar os irlandeses, e não vencer um concurso de popularidade nos Estados Unidos. Bem, pensou, o número 10 da Downing Street verá. Retomarão as execuções dentro de uma quinzena, disse a si mesmo.

O uísque foi servido. Brodhead fitou a rua. Outro grupo de guardas isolara o carro do General, os veículos de escolta e a entrada do Hotel Russell.

De repente, seu humor mudou da água para o vinho quando Caroline Hubble surgiu à porta do salão. Ela sempre atraía os olhares onde quer que chegasse.

Foi sugestão dela que se encontrassem abertamente e em local público. Caroline sempre era vista em recintos masculinos com altos representantes do governo, líderes industriais e celebridades dos mundos da arte e do teatro. E, é bom lembrar, era arriscado fazer mexericos a seu respeito. Desde jovem, ganhara a reputação de dirigir-se diretamente a um mexeriqueiro e destruí-lo em público.

Caroline percorreu o aposento, parando em cada mesa para uma conversa, de modo que, quando a cortina encerrou-a no compartimento com *Sir* Llewelyn, não houve cabeças voltando-se ou línguas tagarelando.

Durante o xerez... seu segundo uísque... ela tirou o alfinete que prendia seu chapéu e colocou-o no banco a seu lado.

— Devo dizer — ela iniciou — que fiquei agradavelmente surpresa quando o Tenente Landers disse... bem, que você me achava... bem, ele disse coisas muito encantadoras.

Brodhead ficou lívido e limpou a garganta.

— Espero que ele não tenha sido inconveniente — disse.

— Meu Deus, não. Afinal, Llewelyn, para que temos sido bons amigos? Um quarto de século, por certo. Quando alguém fica viúva, os antigos relacionamentos podem sofrer uma reviravolta.

— Eu certamente não pretendia comandar um ataque de cavalaria — disse ele.

— Estava só colocando a ponta do pé na água para testar a temperatura? — disse ela, assumindo o controle da conversa. — Bem, um brinde a Landers, que deu seu recado com grande habilidade e segurança.

Tocaram os copos.

— Landers mencionou-lhe que o Ministério da Guerra concordou em fazer uma exceção em relação aos seus ferimentos se ele aceitar ficar no meu *staff*?

— Bem, acho que ele daria um grande oficial — disse Caroline.

— Concordo — assentiu Brodhead. — Não é muito refinado, meio rude e tudo o mais, mas traz “futuro Coronel” escrito na testa. É inteligente, engenhoso, realizador. E os homens estão sempre dispostos a segui-lo como, graças a Deus, estão dispostos a seguir-me.

— Ele me disse que ia pensar seriamente sobre a possibilidade de continuar no exército — disse Caroline.

— Como todo jovem que vem da batalha e do hospital, ele precisa de um pouco de tempo para pensar. Ele virá. Adora o perigo. Duro combatente. Está no sangue.

— Freddie e eu ficamos gostando muito dele. Ele nos fez sentir quase como se, bem, Jeremy e Chris ainda estivessem aqui. Espero vê-lo antes de você e lhe darei a boa notícia.

Ele pediu codorna. Ela preferiu salmão, sem espinhas.

Enquanto comiam, eles abaixaram e ergueram os olhos, sorriram, ela pestanejou e ele manteve o olhar firme, até estarem se fitando abertamente.

— Meu interesse em você está de algum modo sendo encorajado?
— arriscou ele.

— Bem, o que acha, Llewelyn?

— Então, há uma possibilidade?

— Sempre há uma possibilidade.

Sentiu-se afogear. Habilmente, controlou seu desejo fitando o St. Stephen's Green e murmurando que parecia o palco de uma batalha recente. Mencionou a sorte da Condessa Markievicz e sua rale que ele não estivesse no comando das tropas de oposição.

Voltando-se para a tarefa que tinha à sua frente, Brodhead amaciou o caminho para a nova etapa com profunda sinceridade.

— Enquanto Roger era vivo, apesar de sua lamentável separação, eu nunca sonharia em tomar qualquer atitude fora da linha. Mas, meu próprio casamento virtualmente não existe... por mais anos do que consigo me lembrar. Beatrice é... uma pessoa muito boa.

Pode apostar, pensou Caroline, boa e extremamente bem situada política, social e economicamente.

— Ainda conservo todo o respeito por *Lady* Beatrice como mãe de minhas filhas, embora finalmente eu tivesse que aceitar o fato de não ter filhos homens... não que minhas filhas não sejam adoráveis... mas um homem deve ter um filho...

— Sim, Freddie teve o mesmo problema por eu ser mulher.

— Mas você superou isso. Sendo uma mulher, quero dizer. Ah, meu Deus, estou metendo os pés pelas mãos.

— Admiro-o por dizer francamente o que todo mundo pensa.

— Caroline, há dez mil homens nas Ilhas Britânicas que dariam o braço direito só para estarem aqui sentados com você.

Como os dez mil braços que flutuaram de Galípoli até o norte da África, ela pensou.

— Permita-me perguntar. E esse sujeito, Galloway?

— Gorman? Tem sido um companheiro dedicado. Ele é muito divertido.

E interessado em seu dinheiro, pensou Brodhead.

— Temos inúmeros amigos comuns no teatro e entre escritores. Compartilhamos muitas ideias políticas, para ser franca.

— Bem, você sempre foi seu próprio homem, por assim dizer, no que tange à política. Freddie e Roger aprenderam a conviver com isso. Eu

admiro isso em você. Jogo franco, é o que fazemos. E, ah, e os momentos mais reservados do seu relacionamento com Galloway?

Caroline procurou ganhar tempo, permitindo-se um instante para refletir.

— Devo dizer que não ficaria tão lisonjeada por sua atenção se Gorman e eu tivéssemos um relacionamento mais íntimo?

— Concluo, então...

A salada chegou. Ele reclamou que estava com muito vinagre. De repente, as mãos dela estavam sobre as dele.

— Anseio por um verdadeiro homem — disse ela, desviando rapidamente o olhar.

A sobremesa foi apreciada sem palavras. Ela o ajudou em silêncio a acender seu charuto.

— Não tive intenção de ser tão direta.

— Você é deliciosa — disse ele, dando uma longa tragada. — Quase não consigo havanas como este desde Galípoli.

— Uma pena que Freddie já não possa fumá-los.

— O que sugere que façamos, Caroline? — disse ele, finalmente.

Caroline sacudiu a cabeça, depois a sacudiu de novo.

— Acho que devemos nos retirar para nossos domínios individuais outra vez e pensar bastante no assunto.

— Minha querida, não me peça para interromper isso inteiramente.

— Certamente, haverá inúmeras ocasiões sociais onde poderemos nos ver. Levarei Gorman comigo e você irá com *Lady Beatrice*. Acho melhor não haver nenhum contato privado por enquanto. Se continuarmos com os mesmos sentimentos, teremos que discutir o assunto.

— Nada vai mudar comigo — disse ele.

— Foi tão repentino — disse Caroline. — Devia estar oculto lá no fundo há anos. Sei que estou com um amigo muito forte e confiável. E sei que você jamais me trairia.

— Caroline, não diga mais nada.

Confio em você, Llewelyn, ela pensou, porque você ama esse uniforme mais do que qualquer outra coisa na vida e, na eventualidade de qualquer escândalo, a querida Beatrice o reduziria à condição de soldado raso.

— Tendo dito tudo isso — continuou Caroline —, esta atrevida aqui se sente muito abalada.

— Vai comparecer ao baile dos oficiais no Castelo de Dublin? —
perguntou ele.

— Nunca deixo passar a oportunidade de dançar com homens
jovens.

— Ótimo — disse ele —, excelente.

Quando a cortina se abriu, seus guardas intensificaram a prontidão.

CAPÍTULO 79



Padre Dary atravessou a Ponte Gratton sobre o rio Liffey para Ormond Quay Upper, o recente cenário de tiros e balas de canhão. Equipes de limpeza dos destroços obrigaram-no a fazer um caminho em ziguezague. Subiu as escadas dos escritórios de advocacia de McAloon e Fitzpatrick e abriu caminho em meio à atravancada mixórdia da sala de Theo.

— Padre Dary — saudou- o Theo —, está em Dublin para oferecer seus pêsames pelo Levante? Rachael ficará encantada.

— Theo, você é um refinado patife. Como vocês estão atravessando essa situação?

— Vamos indo. Dê uma olhada no centro da cidade. Poderia pensar que tínhamos dez divisões dentro dos Correios em vez de algumas centenas de deslocados funcionários, *barmen* e intelectuais.

— As execuções foram mesmo suspensas? — perguntou Dary.

— Por enquanto, graças às suas preces e às dos outros.

— Sua mãe?

— De alguma forma, conseguiu escapar A Condessa Markievicz está sob pena de morte. Talvez uma mulher por Levante seja suficiente. Mamãe não tem participado ativamente desde Lettershambo. Ela representa uma grande figura aos olhos da Irlanda. Uma poeira estranha está se assentando sobre tudo isso. A reação inglesa foi insana, simplesmente insana, contra tudo que dizem representar.

— Acho que todos sabem o que eles estão nos dizendo — disse Dary.

— Sim, mas... — Theo começou, saindo de sua poltrona e tentando em vão encontrar lugar para andar de um lado para o outro.

— Mas o quê?

— Há alguns padres, em sua diocese, que nunca deram um único suspiro republicano em toda a sua vida, que estão começando a assobiar

uma canção diferente? Estão um pouco aborrecidos por fuzilarem irlandeses no paredão com total impunidade?

— Bem, na verdade, tenho ouvido observações bem duras.

Theo tocou na ponta do nariz.

— Meu nariz está coçando. Posso sentir o cheiro. Não muito, Padre, mas há uma brisa de raiva no ar. Sabe o que ouvi em segunda mão do Castelo de Dublin? O embaixador inglês em Washington enviou um telegrama urgente ao ministro das Relações Exteriores em Londres para que suspendesse as execuções. Parece que os editoriais de todos os Estados Unidos agora estão fazendo perguntas sérias sobre o que realmente aconteceu aqui. Insignificâncias, apenas insignificâncias, mas, por Deus, não seria interessante ter um efeito bumerangue sobre eles? Já é hora de alguma coisa decente acontecer do nosso lado. Enquanto isso, ainda tenho oitenta pessoas condenadas à morte e um navio-prisão inglês com quatrocentos dos nossos deixou Kingstown hoje. Ninguém foi publicamente acusado de nada.

— Então, quais são os desdobramentos?

— Talvez suspendam novas execuções. Talvez algumas das penas de morte sejam transformadas em prisão perpétua ou uma pena menor. Talvez, talvez, não tenho certeza. A única coisa que é certa é que *Sir* Roger Casement está na Torre de Londres e devem levá-lo a um julgamento teatral, para justificarem seus comportamentos.

— Recebi uma visita interessante — disse Dary repentinamente.

— Quem?

— Rory Larkin. O sobrinho de Conor da Nova Zelândia.

Isso prendeu a atenção de Theo.

— Alistou-se há cerca de um ano e meio sob o nome de Landers. Pretendia vir para a Irlanda e não queria ostentar o sobrenome Larkin.

— Sujeito esperto.

— Muito esperto. Ganhou missão de campo, sobreviveu a Galípoli e fez jus a uma condecoração, a Victoria Cross. Ele e Jeremy Hubble tomaram-se amigos íntimos. Através de Jeremy, ele soube de Conor e sua mãe. Quer conhecê-la.

— Seria ótimo. Mais alguma coisa que ele deseje?

— A Irmandade — Dary respondeu sem rodeios. — Ele pergunta se ainda existe uma Irmandade.

— Claro que existe. Desde o Levante, há mais homens em todo o país querendo se unir à Irmandade do que podemos absorver. É o caso de recuperar nossos sentidos e formar uma nova liderança. Os ingleses fizeram um serviço completo ao prender nossos principais líderes.

— Então, ainda existe uma autoridade central?

Theo assentiu.

— E você e Atty estão em contato com eles?

Theo pensou em desconversar, mas era tolice. Estava falando com o irmão de Conor Larkin, o homem que engendrou uma fuga de prisão inteiramente ilegal. Sentia ainda que Dary tinha seu próprio sentimento de revolta em relação às execuções.

— Sim — disse Theo. — O que é esse...

— Rory Landers.

— Qual é a história dele, Dary?

— É bem jovem, pouco mais de vinte anos. Faz-me lembrar Conor em muitas coisas. Sente-se sufocado, obcecado pela necessidade de fazer alguma coisa pela Irlanda, especialmente agora.

— Está no Exército?

— Mais do que isso. O General Brodhead quer que ele faça parte do seu *staff* no Castelo de Dublin.

— Ah, Padre, ainda é muito cedo para o senhor já estar bebendo.

— É verdade como Cristo é meu Salvador — disse Dary.

Rory, Padre Dary e Theo estavam no melhor dos seus humores, assim como estavam duas das mais encantadoras damas de Dublin. O jantar foi uma pândega, o primeiro livre de uma terrível tensão desde o Levante e as execuções. Risos há muito ausentes encobriam a iminente intenção séria do jantar.

Theo, um homem a quem nada escapava, viu Dary e Rachael oferecerem-se ansiosamente para lavar a louça por não quererem conversa com mais ninguém além deles mesmos.

Quando Atty e Theo levaram Rory para a biblioteca no último andar, ela se lembrou da primeira vez que levara Conor lá. Ficaram aconchegados junto ao fogo de turfa.

Theo também percebeu o inconfundível choque de eletricidade que explodiu no instante em que sua mãe e Rory apertaram-se as mãos. Atty tinha mais que o dobro da idade do rapaz, mas pouco perdera de seus modos imponentes, sua enorme presença e ainda esbanjava beleza. Theo

esperava que sua mãe tivesse apenas ficado surpresa por um instante. Deus Todo- Poderoso, esses Larkin têm mania de querer chegar às camas das Fitzpatrick. Era um inferno ser o chefe desta família.

Theo repetiu sua sensação de que as areias estavam se movendo na Irlanda.

— Se continuar assim — disse ele —, vamos votar no Sinn Fein dentro de dois anos e o Sinn Fein sairá do Parlamento Britânico e anunciará o reconhecimento da Declaração de Independência.

— E aí?

— Ah, a verdadeira diversão começa quando os irlandeses tentarem governar a si mesmos. Bem, mamãe — disse Theo com um suspiro —, é hora de jogar a bomba.

— Rory é um Larkin e está à procura da Irmandade — disse Atty.

— Estou — disse Rory.

— E esse uniforme inglês... e seu braço?

— Fui convidado, não ordenado, mas convidado, a fazer parte do *staff* do General Brodhead, no castelo.

Silêncio. Atty estava olhando para Conor quando jovem, não estava? Ousado como Conor, que se atreveu a entrar nas Oficinas de Navios e de Ferro Weed e adaptar o trem particular de *Sir* Frederick para contrabandear armas. Conor em Lettershambo... ele próprio ali, com a Victoria Cross por bravura. Começou a tremer. Theo segurou-a.

— Vamos, mamãe — disse com firmeza.

— Você é o fantasma dele ou o quê? Isto não é verdade.

— Não sou Conor. Nunca serei Conor. Mas há algo que posso fazer. Eu sei disso. A Irlanda está realmente sangrando agora. Tenho que fazer minha parte.

— Fingindo ser Landers dentro do Castelo de Dublin — murmurou ela —, irá colocá-lo na cela ao lado de Roger Casement na Torre de Londres. Se não o pegarem logo, eles o pegarão, talvez por alguma coisa que deixe escapar ou por estar no lugar errado em determinado momento. Não, não permitirei isso.

— Eis o que estou pensando — disse Rory, ignorando suas súplicas. — Posso sair dali quando quiser. Tudo que tenho a fazer é dizer que meus olhos pioraram e que partirei para a Inglaterra no dia seguinte. No instante em que entrar no Castelo de Dublin, planejo fazer alguma coisa que possa ser realizada. Assim que tudo estiver terminado, saio da Irlanda.

Atty não conseguia tomar uma decisão. Lutava consigo mesma. Era toda a tensão, todos os pesadelos retornando na forma de Rory. Por que ele teve que vir para a Irlanda! Só haviam restado fiapos do Alto Conselho. Qualquer ação agora teria que ser aprovada por um dos sobreviventes como ela própria.

Ela e Rory fitaram-se intensamente por instantes, meios segundos. Theo, ainda sem perder nada do que se passava, finalmente falou:

— Rory está numa posição muito importante para que a desprezemos. Concordo que ele não poderá ficar muito tempo.

Independente do risco, ele entra — disse Theo.

— Ótimo — disse Rory.

— Não concordarei — disse Atty.

— É responsabilidade minha, mamãe. Você vai ter que aceitar.

CAPÍTULO 80



— Rachael, quando você me toca assim, acho que vou derreter e morrer — sussurrou Dary.

— Então, derreta e morra — respondeu ela. — Eu o tocarei outra e outra vez, aqui, aqui e aqui.

Ele lhe segurou as mãos, em seguida levou-as aos lábios. Ela passou os braços pela sua cabeça, com força, e puxou-a para seus seios. Dary sentiu-os sob sua face.

— Nada é tão bom assim — disse ele.

— Fica melhor depois — murmurou ela. — Muito, muito melhor. Dary apartou-se dela bruscamente.

— Como pode saber disso?

Bem, ele precisava saber e essa era a hora.

— Não sou virgem — disse ela, na maneira direta de uma Fitzpatrick.

Por que isso deveria aborrecê-lo, ora bolas! Afinal, há mais de uma década ouvia confissões de mulheres que ele nunca acreditaria que sucumbiriam. Por que sempre associara Rachael e virgindade? Iria perguntar alguma coisa idiota como “você confessou?” ou “você foi forçada?”. Ah, a maldição de querer que todas as mulheres sejam puras!

— Não quero segredos entre nós — respondeu, com o velho e evidente orgulho masculino. — Por outro lado, já que fazemos parte de uma amizade familiar íntima e tudo o mais, minha compreensão da situação... sim, quero saber.

— Eu estava na sexta série na escola, prestes a me formar. Meu professor de história, Ned Finch, era um sujeito muito decente, de uma família de origem inglesa. Apesar da disparidade de nossas idades e do fato de eu ser sua aluna, sentíamos uma grande atração um pelo outro.

Dary sentiu-se trêmulo e com um bolo na garganta que descia em direção ao peito; as mãos tremiam um pouco. Uma emoção que ele nunca sentira ou conhecera avolumou-se dentro dele. Ciúme? Será ciúme? É um

monstro maldito, se for isso. Recompôs-se para não demonstrar o que estava sentindo e fingir que tudo aquilo fazia parte do dia-a-dia de um Padre.

— Dary, talvez já chegue.

— Não, realmente. Por favor, continue.

— Éramos como grandes companheiros mais do que qualquer outra coisa. Ned gostava de ler poesia e ir ao teatro e gostávamos de cavalgar no Phoenix Park. Não havendo outros rapazes que me atraíssem, eu realmente aguardava ansiosamente os domingos com ele. Nós *éramos* discretos.

— Totalmente?

— De certa forma. Se você quer continuar a ver uma pessoa e desfrutar sua companhia, tem que brincar um pouco, você sabe, um pouco.

— Não, não sei. — Mas sabia. Das confissões. Beijos, beijos, com a língua, seios... os seios eram o grande alvo. Depois, ficar rolando por aí, até que as partes acidentalmente roçavam uma na outra, inteiramente inocente... bah!

— Não me sentia sensual em relação a ele, mas éramos companheiros e os garotos da minha idade eram verdadeiros broncos.

Bem, isso acalmou Dary um pouco. A Virgem sempre fora *sua* mulher por mais de trinta anos e a virgindade de Maria era a dádiva Dela para todas as mulheres. Ele sabia que a virgindade não era uma realidade, mas agora que ele se sentia “assim” sobre uma garota, a virgindade assumia sua antiga dimensão. Queria que a história de Rachael terminasse *pelo bem dela*. Mas que diabo ele estava pensando? Não fazia a menor diferença se ela era ou não era, desde que Maria era. E Rachael não era Maria. Além do mais, teriam que acabar com o que andavam fazendo, de qualquer modo. Só podia ser um flerte de curta duração.

— Ned alistou-se na artilharia real irlandesa um mês depois de começarmos — continuou Rachael. — Ele ia lutar na França e implorou-me para ir até o fim.

O velho demônio saltou na garganta de Dary outra vez!

— Fui falar com mamãe e conversamos sobre o assunto.

— Você e sua mãe?

— Claro, minha mãe, quem mais? Eu já sei o que o Padre me diria. Eu queria ouvir a verdade e não um sermão. Dary, sinto muito.

— O que Atty lhe disse?

— Perguntou-me se eu o amava e eu lhe disse que não o amava de uma forma sexual, mas que ele era meu melhor amigo e que me emocionava terrivelmente o fato de ele estar partindo para a guerra. E ele *realmente* me amava desesperadamente. Achei que devia fazê-lo feliz.

— Mamãe disse que compreendia. Explicou-me como ter cuidado e também disse: pelo amor de Deus, seja feliz, riam muito de vocês e fique muito, muito contente depois.

— Ela lhe disse isso!

— Claro. Depois que mamãe quebrou as barreiras da dor e da tristeza e se apaixonou por Conor, era maravilhoso ver os dois correrem um para o outro pelo caminho. Podiam avistar-se a mais de um quilômetro de distância e Conor sempre a erguia do chão... e ela não é nenhuma ovelhinha... e a rodopiava. Às vezes, eles tiravam todas as roupas e mergulhavam no lago gelado gritando e berrando de alegria. Houve dias tristes quando os homens da Irmandade eram presos ou algum outro desastre caía sobre eles... mas quando viam um ao outro, ah, como transbordavam de felicidade. Portanto, quando ela me disse que era direito estar com Ned dessa forma, ela disse: “Faça disso um acontecimento feliz.”

Dary desfez sua própria expressão amuada e examinou-a. Pela primeira vez, compreendeu que o amor de uma mulher não era uma dádiva que só acontecia uma vez... um sacrifício final que nascia com o arrependimento por ela nunca mais ser como antes. O amor de uma mulher como Rachael podia ser dado inúmeras vezes a um homem, admiravelmente.

Ela lhe tomou as mãos.

— Ned ficou feliz. Partiu feliz. Foi morto no primeiro mês. Fico contente por ele ter partido feliz.

O estranho estivera lá sentado, quieto, sentado na soleira da porta por muitos anos e ele segurando a porta com força, e agora ele estava querendo sair e o estranho estava querendo entrar, com a avalanche de sentimentos de um homem comum.

— Você gostou? — Dary fez a pergunta mais indiscreta de todas.

— Quer a verdade?

— Claro — disse ele, mas não era realmente isso o que queria dizer.

— Foi meio desajeitado e doloroso. Mas foi muito bom e alegre.

— Ah!

Ele sentiu seus dedos macios lhe tocarem o rosto, depois seus lábios.

— Dary, Dary — murmurou ela —, eu estava esperando por você.
Quando se abraçaram, ela sussurrou timidamente:
— Esperava que você ficasse com ciúmes.
— Bem, esperou certo, menina.
— O que vamos fazer, Dary?
— Eu ia fazer a mesma pergunta.
— Isso são lágrimas, Dary? — perguntou ela.
— Somente lágrimas de alegria — respondeu ele.
— As minhas também. Eu estava esperando por você, eu estava esperando por você... eu estava esperando por você.

CAPÍTULO 81



Clonlicky Crossroad, perto de Baltimore — junho de 1916

A Irlanda, como uma ilha, possui noventa e quatro cantos onde você não pode dar um passo sem se molhar. Clonlicky Crossroad era um deles. Atendia a fazendas próximas e possuía uma estação coletora de leite, um armazém geral, um bar do lado esquerdo da rua e uma igreja do lado direito.

Nunca foi conhecido como um lugar perigoso no que dizia respeito a atividades republicanas. Entretanto, sobre ele recaiu a dúbia distinção de servir de exemplo, na ordem das coisas pós-Levante.

Quinn's Pub, um bar *Guinness* esquelético e batido pelo tempo, pertencia à viúva Quinn e alardeava a tendência normal de muita conversa republicana, mas bem pouca ação.

Como todo bar miserável, a oratória e a canção republicanas faziam parte do cardápio da noite de sábado e depois da missa de domingo. Bem, algum zeloso informante, a maldição da vida irlandesa, informara à Real Polícia Irlandesa que a viúva Quinn estava escondendo um membro da Irmandade em seu porão. Ele estava fugido desde o Levante. A Polícia levou o informante para o quartel militar local.

Ninguém menos do que o General Llewelyn Brodhead veio de carro desde Dublin para impor a nova ordem. Foi ordenado um ataque maciço ao Quinn's Pub, lotado de fregueses numa noite de sábado. Os ingleses entraram como se estivessem atacando Gibraltar.

O membro da Irmandade foi apanhado no porão, levado para o quartel e, após uma corte marcial de dez minutos, colocado contra o paredão e fuzilado.

No dia seguinte, quando os paroquianos deixavam a igreja depois da missa, os ingleses derrubaram todos os prédios em Clonlicky Crossroad, exceto a igreja.

A demolição foi feita por dois tratores sendo dirigidos paralelamente, a uma distância de dez metros um do outro, arrastando uma corrente com uma trave de aço . Um ia pelo lado direito do prédio e o outro pelo lado esquerdo, fazendo a corrente e a trave atravessarem o meio, estraçalhando o que estivesse em sua frente, mobília e tudo o mais.

O General Brodhead observou que essa operação era mais eficiente do que grupos de oito cavalos arrastando toras de madeira, como tiveram que fazer durante a grande fome.

Como se as execuções em Dublin já não tivessem causado comoção suficiente, a notícia da demolição de Clonlicky Crossroad espalhou-se como uma praga da Idade Média. O impacto da demolição lançou o povo irlandês de volta à fome das batatas do século anterior.

O General Brodhead dera um poderoso recado de que nenhuma outra tolice dos irlandeses seria tolerada.

Castelo de Dublin, uma semana depois — o Baile dos Oficiais

— Minha Nossa Senhora, Erma, quem é aquele deslumbrante jovem oficial atrás de *Sir Llewelyn*, na linha de recepção?

— Novo membro do *staff*.

— Minha filha vai ficar lívida por não ter vindo esta noite.

— É um desbravador das colônias. Conquistou uma *Victoria Cross*.

— Ouvi dizer que ele usa uma luva na mão direita o tempo inteiro.

Não é romântico?

Rory pressentiu que Caroline Hubble estava próxima, e acertou.

— Olá, bonitão — ela lhe disse. — Parece que você é a *belle*, ou o *beau*, da festa.

— Não sei dançar estas coisas — disse Rory.

— Ah, não tem importância. Há uma linda varanda para se conversar ali fora. — Caroline agitou os olhos, fingindo admiração. — Peguei-o — disse — e marquei você para vários números de dança, vejamos, dez ou quinze no meu cartão — disse ela.

Caroline continuou percorrendo a linha de recepção até onde *Sir Llewelyn* se perfilava, empertigado e cheio de medalhas, e *Lady Beatrice* acompanhava-o, deixando uma boa distância. Caroline e Beatrice roçaram as faces.

— Ah, Caroline, que bom vê-la — disse Brodhead. — Reserve uma dança para mim antes que seu cartão fique cheio.

— Ah, meu Deus, Llewelyn — exclamou Caroline aflita —, deixe-me ver. Veja o que fui fazer. Acho que você está sem sorte.

— Um General não tem direitos aqui? — reclamou.

— Abro mão de uma de minhas danças com a Condessa Hubble para o senhor, General — disse Rory.

— Maravilha! Eu lhe disse que ele era um jovem especial! — disse Brodhead com um largo sorriso.

— A número dez é sua, senhor — disse Rory.

— A gavota, rapaz!

— Beatrice, venho falar com você em um instante. Tenho montanhas de novidades — disse Caroline.

O salão de baile, usado ocasionalmente como Sala do Trono, tinha um ar deslumbrante naquela noite. Prevalencia um tom de vitória. Mármore, ouro, grandes candelabros Waterford e uma profusão de estofamentos em tapeçaria de seda faziam qualquer um pensar que não estava na Irlanda. Dublin, por maior que fosse o refinamento, ainda era provinciana. Esta noite, ela fora elevada ao seu ápice, para uma colônia.

Caroline e Beatrice mantiveram as cabeças grudadas como duas irmãs siamesas durante o intervalo. A conversa da mulher do General combinava com sua aparência. Quando a música recomeçou, *Sir Llewelyn* ofereceu seu braço à mulher.

— Dance esta com Caroline, querido — disse ela. — Já pisei nos pés de todos os jovens oficiais na sala e estou exausta.

— Caroline? — perguntou o General.

— Você é muito amável, Beatrice — disse Caroline, hesitante.

Sempre rodopiando, eles valsaram pelo salão oval até que as extremidades do salão ficaram menores à medida que os dançarinos se retiravam e cercavam os doze casais remanescentes, agora no centro.

— Não consigo parar de pensar em você — disse ele.

— Eu também. Não sabe como é bom ter um braço forte me envolvendo. Vamos saltar, voar e mostrar uma ou duas coisas a esses garotinhos.

— Desejo ardentemente vê-la — disse enquanto giravam.

— E eu, a você — disse ela. — Vou realizar uma reunião com meus subempreiteiros do sul em Belfast dentro de pouco tempo. Almoçaremos na minha sala de jantar particular.

— Sim — ele confirmou, apertando-a um pouco mais para sentir a pressão dos seus seios contra o peito.

— Llewelyn — ela o repreendeu com a respiração entrecortada, brincando habilmente com os dedos em seu pescoço.

Lady Caroline e o General modestamente aceitaram os aplausos quando a música parou e retornaram à *Lady* Beatrice.

— Adorável, adorável — disse Beatrice. — eu costumava dançar assim antigamente — disse ela, com sua voz monótona.

Pois sim que dançava, pensou Brodhead.

Um Coronel resplandecente mostrou todos os dentes enquanto fazia uma mesura diante de Caroline.

— Martin! — exclamou Caroline alegremente. — Estava à sua espera. O melhor dançarino dos fuzileiros.

Martin emitiu uma risada nasalada idiota enquanto se empertigava.

Caroline verificou seu cartão de danças no mesmo instante em que o Tenente Landers se inclinava diante dela.

— Por que não dançamos lá fora na varanda? — ela sugeriu.

Uma noite extraordinariamente límpida saudou-os. Do outro lado, via-se a catedral protestante, menor do que as verdadeiras na França e na Inglaterra. Tudo em Dublin tinha a metade do tamanho, exceto a Cervejaria Guinness.

— Me dê um abraço — disse Caroline. — Sei como é difícil para você escrever bilhetes, mas obrigada pelos telefonemas. Às vezes é terrivelmente irritante tentar ligar do oeste.

— Ah, não é muito melhor na Nova Zelândia.

— Como foi sua viagem, Rory?

— O oeste da Irlanda é magnífico.

— Tentamos manter em segredo qualquer coisa que valha a pena na Irlanda, para que nós, os anglos, possamos ficar com tudo para nós.

— Foi um ótimo lugar para ir, por muitas razões. Descobri que não havia gasto todas as minhas lágrimas em Galípoli. Sinto uma falta terrível dos meus amigos. Jeremy, mais do que de todos. Suponho que, com o tempo, conseguirei controlar-me o suficiente para levar minha vida adiante.

— Vejo que está usando divisas de Capitão. Isso significa que vai ficar na Irlanda?

— O General concordou que posso ir embora quando sentir que devo ir. Está tentando me atrair, pouco a pouco.

— Qual das lindas jovens conquistou seu coração, Tenente Landers?
— perguntou Caroline.

— Você — respondeu Rory.

— Ótimo, então nos vemos ao voltar para casa — disse ela.

— Caroline, você foi magnânima a respeito da casa. Eu estava planejando ficar aqui no quartel.

— Não fará isso!

— Agradeço por tudo, mas não quero incomodá-la.

— Prometo que não vou atacá-lo no meio da noite.

— Bem, quero dizer, suponha que você tenha companhia, um jantar ou alguma coisa?

— Rory. Poderia tratar disso exatamente como Jeremy e Christopher faziam?

— Você tem certeza?

— Tenho. Gorman virá passar o fim de semana. Nós três vamos arrasar Dublin, se você estiver de folga.

— Excelente. Caroline; sei que não é da minha conta, mas você está interessada em Llewelyn Brodhead?

— Sim, estou — respondeu ela —, interessada e séria.
Terrivelmente séria.

CAPÍTULO 82



Caroline Hubble nunca descia de seu quarto sem estar na sua melhor aparência. Vestia um robe azul-claro e usava os cabelos soltos. Ela remexia em uma pilha de documentos legais e de negócios no solário da casa em Merrion Square quando Rory fez sua entrada no meio da manhã.

— Bom dia, Príncipe Encantado — saudou-o.

— Não sabia que dançar era um exercício tão puxado.

Caroline tocou a sineta chamando o mordomo. Sorriu quando Rory pediu para si um café da manhã digno de um criador de ovelhas.

— ... E uma fatia de *bacon*, Adam. — Virando-se para Rory, disse: — Não é natural simplesmente sentar-se, tocar uma campainha, dar uma ordem e ser servido?

Rory pressentiu uma mudança muito sutil no comportamento de Caroline, um toque de firmeza, um novo aspecto de uma natureza sempre amável. Ela se serviu de uma xícara de chá, mastigou sua torrada e ajustou os óculos.

— Digo que se parece com um *kiwi*, corre como um *kiwi*, grasna como um *kiwi* e põe ovos, então é um *kiwi*.

— Sou um *kiwi*, é verdade. A questão é: botei um ovo?

Ela encontrou o documento que procurava.

— Canterbury District, Ilha do Sul, entre Oxford e Kowai Bush. A fazenda dos Landers foi comprada por Liam Larkin, proprietário da Fazenda Ballyutogue, em 1907.

Fique frio, rapaz, disse a si mesmo. Do outro lado da mesa está sentada alguém que pode ser tão perigoso quanto um carrasco.

— Estou preso? — perguntou finalmente.

— Se quer saber como obtive isto, Jeremy escreveu-me. Eu soube desde o instante que você entrou em Rathweed Hall.

— Não é verdade, Caroline. Jeremy não trairia minha confiança.

— Acredita nisso?

— Tenho certeza — disse Rory. — Você pode não gostar do que vou lhe dizer, Caroline. Jeremy pretendia se tornar republicano.

Aquilo confirmava suas suspeitas. Jeremy nascera com aquela suave natureza irlandesa e Conor Larkin era seu deus. Sua desgraça com Molly, seu ódio pelo pai, sua incapacidade de sentir-se confortável junto a seus iguais, tudo apontava para isso. Ainda assim, ao ouvi-lo, sentiu-se abalada, muito embora já o suspeitasse.

— Qual é a sua história, Sr. Larkin?

— Eu era menor de idade, estava furioso com meu pai e apaixonado para vir para a Irlanda desde o instante em que soube da morte de Conor. Uma coisa engraçada aconteceu no meio do caminho chamada... Galípoli. Você resolve seus problemas depressa num lugar assim. Quase cometi o erro terrível de não escrever para meu pai perdendo-o. Graças a Deus, não morri, deixando-o com esse peso na consciência. Talvez a Irlanda não fosse da minha conta na ocasião. Agora é.

— Conor fez meu pai de tolo e foi isso que você fez comigo — continuou ela.

— Tudo depende de como você encara as coisas, sobre quem está fazendo o quê a quem. Você dirige uma organização muito poderosa. Muito melhor do que o serviço de inteligência britânico. O que você está fazendo agora, Caroline?

— Tudo depende de você me dar respostas francas ou não.

— Vendo que a situação está altamente a seu favor, farei o melhor possível.

— Tem certeza de que Llewelyn Brodhead não está armando uma armadilha para você, de modo a fazê-lo cuspir o nome de cada homem da Irlanda que resta na Irmandade quando o colocarem no cavalete de torturas?

— Isso me passou pela cabeça, entretanto, tenho que seguir meus instintos. Não acho que ele seja tão inteligente assim.

— O quanto ele foi inteligente no comando de sete divisões de infantaria?

— Quer saber do começo?

Ela assentiu.

— No Egito, ele parecia um pouco menos presunçoso do que a maioria dos oficiais *pommies*. Nós éramos *seus Anzac* e seríamos as melhores tropas da expedição. Demonstrou, em inúmeras ocasiões, que estaria sempre na nossa defesa. Conseguiu os equipamentos e os animais de

que precisávamos, assumindo o comando da cena. Deixou passar uma série de... aventuras travessas, digamos, no Cairo, inclusive o episódio de Chris no Hotel Aida.

— Era um disciplinador brutal na preparação das tropas. O pessoal das equipes médicas dizia que ele colocava mais homens no hospital com seu treinamento do que deixava de pé.

— Em minha opinião, considerando o que íamos enfrentar, acho que ele agiu certo. Muitos homens não teriam sobrevivido a Galípoli se não fosse assim. Mas tratava-se apenas do bom padrão de treinamento do Exército Britânico. Bem, você conhece a história dele com Chris antes da guerra — disse Rory.

— Quer dizer, o contrabando de armas e o motim no Acampamento Bushy?

— Sim. Chris, na verdade teve que engolir muita asneira para colocar aquelas unidades de mulas em forma. O que Chris fez com nosso batalhão foi colocar algo para funcionar. Teria sido um desastre sem as mulas. Brodhead sabia disso. Chris foi excepcional em seu trabalho. Para fazer justiça ao General, ele registrou seu protesto junto ao Ministério da Guerra contra toda a expedição de Galípoli. Entretanto, uma vez designado para os *Anzac*, ele agiu como um bom soldado. Ele vivia e se movimentava entre os homens, compartilhava nossas dificuldades. Talvez recebesse uma bebida de marca melhor do que a nossa e tivesse rações melhores, mas o abrigo dele e o meu eram praticamente iguais. Ele era bastante popular entre os oficiais e os homens.

— Portanto, você não o culpa — disse Caroline.

— Não disse isso. O resto é muito triste.

— Está bem, mais uma vez, como ele se saiu no comando de sete divisões de infantaria?

— Levando em conta que Napoleão e César não teriam nenhuma chance...

— Estou falando de Llewelyn Brodhead — exigiu ela.

A voz de Rory ficou quase inaudível.

— Foi um péssimo General. O planejamento para essa campanha era garantia de desastre. Naquilo que ele tinha poder de decisão, ele foi pior do que inócuo. Nada funcionava, do local de desembarque às comunicações mais simples. O bombardeio naval foi um desastre e em seis meses não conseguiram melhorá-lo. Estávamos muito mal equipados, mal alimentados.

Não existia plano de evacuação. As facilidades médicas eram mais do que primitivas... mas isso não foi nem a metade, Caroline.

Rory abaixou a cabeça, e qualquer homem que aspire a ser General deve endurecer-se contra perdas. Mas ele parecia um bárbaro de séculos atrás — disse Rory com voz rouca. — Ele achava que os *Anzac* lhe pertenciam. Cometeu erros crassos que eram verdadeiros desatinos, mas o pior de tudo é que ele não dava a mínima importância. Estive com ele muitas vezes depois de sofrermos baixas terríveis e nenhuma vez o vi sequer pestanejar. Não tinha consciência. As tropas lhe pertenciam para massacrar, nem mais nem menos. Suas táticas eram arcaicas, geralmente insanas... ele nasceu sem lágrimas para derramar.

Um pouco da dureza de Caroline desfez-se. O medo da próxima pergunta pairava sobre ambos.

— Muito bem — disse ela, os olhos marejados de lágrimas —, você sabe o que eu quero saber.

— A versão longa ou a curta? O ataque *aussie* ao Nek foi uma missão suicida sem nenhuma finalidade tática. Llewelyn Brodhead simplesmente perdeu a cabeça.

— Você não leu o primeiro relatório da Comissão de Inquérito, leu? — ela perguntou.

— Uma daquelas gentis senhoras de azul no hospital o leu para mim.

— E então?

— Brodhead mentiu para salvar a pele. Como um General incompetente, numa panela com uma dúzia de outros generais incompetentes, ele conseguiu escapar da amarga verdade.

— E Chunuk Bair? — perguntou Caroline.

— Chegamos ao topo ao raiar do dia, após uma caminhada e uma escalada noturnas muito perigosas. Pouco depois, a Unidade Suvla desembarcou, mas parou na praia sem sequer tentar fazer contato conosco. Éramos apenas um batalhão, sem nenhuma chance de revidar um contra-ataque turco. Cerca de quarenta a cinquenta mil soldados ingleses simplesmente ficaram lá sentados na praia. Brodhead deveria ter ordenado que saíssemos de Chunuk Bair imediatamente. Em vez disso, fez o contrário. Enviou o Coronel Markham até nós com ordens para permanecermos lá mais sete horas, quando já deveríamos ter evacuado a

área. O neozelandês, Coronel Malone, recusou-se a continuar ali e ele e Markham começaram a discutir.

“Brodhead, por telefone — prosseguiu —, ordenou a Chris que prendesse o Coronel Malone. Chris recusou-se. Brodhead queria que oitocentos de nós, em terreno totalmente exposto, enfrentássemos trinta a quarenta mil turcos. De qualquer forma, Malone ordenou a evacuação. Assim que começou, ele e Markham foram mortos por um projétil.

— Onde estavam meus filhos?

— Os turcos avizinhavam-se de nós. Chris e Jeremy saíram para o nosso perímetro e dispararam em vários ninhos de metralhadoras, para tentar ganhar tempo para sairmos da colina.

— Você ouviu toda a conversa entre Malone e Markham?

— Sim.

— Sabe que Brodhead disse em seu depoimento que foi ele quem ordenou a evacuação?

— Sim, ele mentiu... e pediu-me para mentir também.

Ficaram ali sentados, lívidos.

— Como meus filhos morreram? — insistiu.

Rory chorou um pouco e continuou sacudindo a cabeça.

— Como meus filhos morreram?

— Pelo bombardeio naval britânico! — disse Rory. — Agora, deixe-me em paz.

— Quais as suas intenções agora, filho?

— Quando eu souber as suas — respondeu Rory. Enxugou as lágrimas e assoou o nariz com força.

— Irmandade? — perguntou ela.

— Talvez.

— Não querer que você permaneça no Castelo de Dublin. Não vai poder levar isso adiante por muito tempo.

— Todos nós sabemos disso.

— Até onde pretende ir? — perguntou ela.

— Até onde *você* pretende ir? — retorquiu ele.

— Quantas vilas mais ele planeja demolir? — perguntou ela.

— Quantas forem necessárias para esmagar o espírito irlandês... Seu flerte com Brodhead?

— Eu não estava decidida. Agora estou.

— Vai atraí-lo?

— Para a morte. Parece que fomos colocados juntos nisso, Rory. Claro, você não tem escolha senão confiar em mim.

— Eu confio em você.

— Tenho me perguntado se eu poderia realmente fazer isso — disse ela. — Mesmo como um General em combate, ele matou meus filhos desnecessariamente através de sua incompetência e pânico. Correto?

— Sim — respondeu Rory.

— Sou filha de Freddie Weed e tudo que isso implica. Pai e filha são um paradoxo. Freddie deseja morrer, mas não quer partir enquanto Brodhead não for morto. Eu quero viver, mas não consigo enquanto a mesma coisa não acontecer. Ele matou meus filhos e agora planeja matar a Irlanda. Não sou republicana, Rory, mas aprendi com as execuções que sou irlandesa... e adoro ouvir o som dessas palavras. Você não pode acabar com Brodhead sozinho, Rory. As suspeitas recairão imediatamente sobre seu *staff* e você não conseguirá passar por nenhum escrutínio. Por outro lado, eu posso fazê-lo, mas preciso de um aliado, seja a Irmandade ou você mesmo, sozinho.

— Há uma conversa sobre um golpe, se condenarem Roger Casement à morte.

— Sempre adorei Roger Casement — disse Caroline. — A vingança é errada? Seria errado saber o que Llewelyn Brodhead fará à Irlanda, ter os meios de impedi-lo e não fazê-lo, isso é que seria errado. Às vezes um homem ou uma mulher tem que levantar e assumir responsabilidade por milhares que não podem. É errado matar um assassino para impedi-lo de continuar matando? — disse num rompante.

— Vim para cá imaginando o que eu poderia fazer na Irlanda... Agora eu sei — disse Rory.

CAPÍTULO 83



Quando a estação ferroviária Tara Street foi planejada e construída, no século passado, dois grupos de arquitetos trabalharam nela. Uma firma de Londres projetou o túnel e a linha férrea a partir do depósito central, enquanto uma firma de Dublin produziu as plantas do prédio do terminal.

O único problema era que ou a linha férrea ou o prédio estavam no lado errado de Tara Street. Depois da devida discussão, laudos e ação judicial, o resultado líquido foi vinte e três metros de túnel abandonado, que foi fechado dos dois lados com tábuas.

A Irmandade conseguiu acesso a esse trecho de linha abandonado e, usando-o como ponto de partida, construiu um labirinto de aposentos impenetráveis, escadas ocultas, partes móveis de tetos e assoalhos que finalmente levavam a uma água-furtada no terceiro andar de um prédio em Poolbeg Street, uma região de comércio geral perto do rio.

Se você estivesse à procura do lugar mais seguro da Irlanda, não precisaria procurar mais. Fora articulado durante um período de seis meses por Conor Larkin, levava meia hora para ser alcançado depois que se entrava no túnel e sua destinação final nunca chegou sequer a ser ventilada.

Além disso, era hermético, porque o local era do conhecimento exclusivo de Conor, Dan Sweeney, Seamus O'Neill e Atty. Somente Atty sobrevivera ao ataque a Lettershambo e somente então partilhara o segredo com Theo.

Com o tempo, sua despensa foi estocada com alimentos não perecíveis, inclusive líquidos essenciais. Ostentava uma pequena lareira de turfa e uma linha de telefone segura. Foi reaberto agora para o reencontro de Rory, Theo e Atty.

Rory seguiu Theo na descida do telhado, comentando como o lugar era inacreditável. Theo retirou a escada e, com uma longa alavanca, fechou o telhado.

— Olá, mamãe.

Atty Fitzpatrick aguardava-os num sofá bastante gasto.

— Olá, Rory — disse Atty. — De agora em diante, nos encontraremos aqui. Somente nós três. Precisa de uma limpeza e alguns suprimentos novos. Eu os trarei. O telefone ainda funciona. Nunca o atenda até ouvir cinco chamadas completas, uma pausa, depois outra discagem.

Rory examinou o lugar. Uma pequena janela trazia os ruídos e aromas de rodas de aro de aço nas pedras da rua e o cheiro de cerveja onipresente em Dublin, pela profusão de bares nas proximidades.

Quando o céu escureceu e a cidade começou a piscar em ondas de luzes cintilantes, os telhados mais baixos formaram uma silhueta de contos de fadas. Até cortinas, pensou Rory. Deixou que voltassem a se fechar.

— Este lugar é excepcional — disse Rory.

Atty tinha uma reação ao mesmo tempo doce e amarga em relação ao lugar. Começou a examinar os armários, parando aqui e ali por causa das lembranças que evocavam.

Theo seguiu-a, sacudindo garrafas vazias e jogando-as no lixo. Finalmente! Um zelador.

Atty assumiu um ar profissional.

— Theo e eu seremos seu único contato. Ninguém mais na Irlanda sabe que estamos obtendo informações de dentro do castelo. Seu nome não existe. Ainda temos um Conselho Supremo, embora, como pode imaginar, comunicar-se e encontrar-se é uma proposição muito arriscada atualmente. Theo e eu vamos assumir a maior parte da responsabilidade, fazer planos e tomar decisões até podermos formar um grupo coeso outra vez. Assim está bem com você?

— Sim, tudo bem comigo.

— Como vai no castelo? — perguntou Theo.

— Parte da segurança é realmente desleixada — disse Rory. — Talvez eu consiga algumas listas de informantes.

— Ótimo, mas temos que ser muito cautelosos. Primeiro, você não é o único homem da Irmandade trabalhando dentro do castelo. Segundo, há agentes duplos trabalhando para os dois lados. Terceiro, podem plantar uma lista com vários nomes falsos para armar uma armadilha para alguém como você que esteja infiltrado no meio deles. Suspeite de tudo em que tocar — instruiu Atty.

Rory soltou um suspiro e assentiu, reconhecendo a habilidade e os anos de experiência de Atty naquele jogo e também percebendo a fina camada de gelo em que ele estava patinando.

— Tenho uma informação — disse Rory. — Brodhead planeja uma série de embustes. O Exército ou a polícia vão plantar alguns casos de rifles ou bombas em vários pontos do país, depois chegarão fingindo que se trata de uma batida da polícia, encontrar as armas e derrubar os prédios como fizeram em Clonlicky. Kilorglin será o primeiro, durante a Puck Fair em agosto.

— Canalhas — indignou-se Theo. — Se alertarmos alguém em Kilorglin, os ingleses vão suspeitar de que alguém no castelo lhes passou a informação. — Bateu com o punho cerrado na palma da mão. — Temos que deixar que ponham tudo abaixo para manter nossa fonte segura.

— Uma desgraça — disse Rory.

— Agosto — disse Atty. — É quando teremos uma decisão sobre *Sir* Roger Casement. O modo sutil de Brodhead forçar os acontecimentos.

— E então — perguntou Rory.

— E então? — repetiu Atty.

— Então — disse Theo —, tudo parece se resumir numa única coisa, não é?

— Brodhead tem que ser assassinado — disse Rory.

— É o que todos achamos — disse Theo.

— Não — disse Atty —. Tenho medo das represálias dos ingleses.

— Mamãe, ele vai matar inúmeros irlandeses e demolir tudo em que puder botar as mãos. As represálias podem ser muito piores?

— Por outro lado, a morte ou o desaparecimento de Brodhead pode fazer os ingleses refletirem por um ou dois minutos. Pode ter o efeito oposto. Pode simplesmente colocar um ponto final à destruição e ao assassinato indiscriminados — disse Rory.

— Rory pode ter razão, mamãe. É um risco calculado que temos que correr.

— Jesus, odeio assassinatos — disse Atty.

— Se existe assassinato decente, é o de Brodhead — sentenciou Theo.

— De Brodhead for assassinado, a suspeita recairá muito rapidamente sobre você, Rory. Você tem o sangue de Conor Larkin — disse Atty. — Ele foi o homem mais corajoso que já conheci, mas tinha um problema terminal de não conseguir executar ninguém, um contra um. Uma coisa é matar turcos em combate. Alguma vez você já colocou a pistola na cabeça de um homem e atirou?

A mente de Rory retroagiu para um escaldante dia no leito seco de um rio em Galípoli... pegando sua pistola enquanto o Dr. Norman jazia prostrado pelo calor... levando a arma à sua tâmara. Seu tio Conor viera a ele naquele instante e lhe dissera para não puxar o gatilho.

— Veja bem, Rory, sendo tão próximo de Brodhead como é, não pode fazer isso sem caminhar para a forca com os próprios pés. A única alternativa será viver como fugitivo pelo resto dos seus dias. Na verdade, fico sobressaltada cada dia que você passa no castelo.

Tomaram seu chá, Rory e Theo audivelmente, mas Atty, como se estivesse bebendo de uma xícara vazia no palco, como uma dama.

— Ouçam — disse Rory, pondo-se de pé repentinamente. — Temos uma aliada que sabe quem eu sou e está tão ansiosa quanto nós para ver Brodhead morto; na verdade, muito mais ansiosa. Ela tem acesso a ele, pode ficar a sós com ele, em qualquer lugar. Ela é quem vai atirar. Ela precisa de um aliado para sumir com o corpo. Isso nos dará oportunidade de fazer Brodhead simplesmente desaparecer da face da terra, tornando muito mais difícil para os ingleses justificarem qualquer represália.

— Quem é ela? — perguntou Atty, esperando ouvir o nome de uma amante enfurecida, em busca de vingança. Muita coisa podia dar errado com esse tipo de pessoa.

— Caroline Hubble — concluiu Rory.

— Está louco? — gritou Atty. — Ela não é confiável.

— Se não podemos confiar nela, por que ela não pegou o telefone e me entregou? — disse Rory. — Já sabia a meu respeito desde o primeiro encontro.

— Porque ela quer preparar-lhe uma armadilha, para forçá-lo a delatar toda a Irmandade.

— Mamãe... ora, mamãe... está sendo emocional e ridícula — disse Theo brandamente.

— Eu, ridícula? Ridículos são Weed e Hubble.

— Mamãe, ela quer ver Brodhead morto por razões muito óbvias.

— E outras não tão óbvias, Atty — disse Rory. — Esta mulher não é seu pai ou seu marido.

— Está me dizendo que ela se tornou republicana?

— Ela sempre foi politicamente independente, tanto do pai quanto do falecido marido. Ela fez um trabalho extraordinário em benefício da educação católica em Derry. Vive com um velhaco irlandês, Gorman

Galloway. Ela transformou as Oficinas de Navios e de Ferro Weed em uma sociedade anônima, reconheceu o sindicato e agora está distribuindo grandes fatias do condado aos seus camponeses... exatamente como você fez, mamãe. Mamãe... querida... talvez nós tenhamos achado ouro.

— Vingança por seus filhos? — perguntou Atty.

— Isso a está consumindo — disse Rory. — Pode acreditar ou não, Atty, mas ela está convencida de que Brodhead fará a Irlanda voltar à Idade Média. Os ingleses não podem enviar ninguém pior, mas sem dúvida podem enviar alguém melhor. Vale a pena correr o risco.

— Não posso concordar em fazer aliança com a filha de Frederick Weed.

— Conor nunca fez amor com ela! — gritou Rory, brusca e repentinamente. O efeito foi retumbante. Quando o silêncio se assentou no tapete púido, os olhos já não se fitavam.

— Você termina a conversa, mamãe — disse Theo. — Estou atrasado para uma reunião com Lorde Cornelius. Ele deve trazer um recado de alguns dos nossos prisioneiros.

Theo, que não era o mais gracioso dos homens, subiu aos tropeções a escada que levava ao telhado. Em vez de vibrar de excitação com os planos emergentes, Atty parecia quase mesquinha.

— Como você pode saber sobre Caroline Hubble? — perguntou ela.

— Conor contou-me a primeira parte de sua história quando esteve na Nova Zelândia. Jeremy contou-me o resto, inclusive os rumores sobre você e Conor.

Rory estava nas sombras, junto à janela. Era uma visão que ela amava e da qual sentia falta, e ficou perplexa. Naquele instante, era Conor ali parado. Aquele fora o lugar deles por mais de quatro anos. Ah, o amor e o perigo incessante de tudo aquilo! E o jovem Rory, a cabeça funcionando como a de Conor, um mestre do jogo.

Rory espreitava a rua lá embaixo, o cérebro tinindo, a mesma coragem, a mesma ousadia. Como Conor, ele agora estava concentrado em sua missão. Nesse mundo sombrio, as coisas podiam dar errado tão facilmente! Um dia no Castelo de Dublin e o seguinte em fuga, com tudo que essa vida desgraçada implica.

— Não faça isso, Rory — disse ela. — Quando se entra nisso, nunca mais se pode sair. Depois de algum tempo, você perde a conta de todos os

bombardeios, joelhos quebrados, assassinatos e anos apodrecendo atrás das grades.

— Vocês dois encontraram um mundo, bem aqui neste aposento — disse Rory. — Você mudaria alguma coisa do que aconteceu?

— Este é o *nosso* país. Você tem sua própria terra.

— Irei embora quando chegar a hora — disse ele.

— Vá para o diabo, você não ouviu uma palavra do que eu disse — reclamou furiosa.

— Preciso estar aqui — disse Rory. — Não me peça outra vez para ir embora. Eu não nadei toda essa distância desde a Nova Zelândia para este quarto seguro para partir antes da hora. Você parece esquecer de que Brodhead matou meu irmão Jeremy com sua maldita estupidez. Acha que posso viver uma vida plena e feliz enfiando o rabo entre as pernas e fugindo? Tenho que levar isso até o fim, Atty, tenho que levar até o fim.

Atty procurava ordenar suas palavras e pensamentos. Vê-lo ali perturbara seu luto, acendera uma centelha de primavera. Nunca imaginara que aconteceria outra vez. Ah, Deus, não queria isso dele.

Ficaram parados, um de cada lado da cama, até que o colchão tornou-se uma terceira pessoa. Nem sequer pense nisso, seu sacana, ela pensou.

— Parece que temos um verdadeiro talento para nos hostilizarmos. Ou é repulsão ou atração mútua.

— E uma língua ferina também — disse ela. — Já vi esse olhar em rapazes a minha vida inteira. Você é melhor do que muitos.

— Por Deus, Atty, você está com medo de mim — disse Rory. — Ou está com medo de si mesma? Não se considere totalmente inocente. Eu também conheço este olhar.

— Tenho idade para ser sua mãe.

— Está com medo de mim, Atty. Está com medo de que a faça sentir prazer. Você não quer sentir prazer. Quer viver para sempre como mártir.

— Meu Deus, Rory, você é um verdadeiro safado, não é? Não posso ficar abalada com sua semelhança com Conor? Você é tão presunçoso assim?

— Presunçoso em relação a quê? Venha com mais uma simulação e esquecerei que sou um oficial inglês e um cavalheiro.

Sim ou não, Atty? Ele vê através de você do mesmo modo que Conor o fazia. É altamente improvável que ele não saiba como cuidar de

uma mulher.

Atty escolheu as frases seguintes com o objetivo de lhe cortar a garganta.

— Não quero uma imitação de Conor Larkin. Eu tive o verdadeiro e um Conor morto vale mais do que dez Rory vivos.

Com uma força incontestável, Rory agarrou-a pelo braço num reflexo e sacudiu-a.

— Bem — disse ela —, desculpe-me por fazer qualquer comparação. A diferença entre Conor e você já ficou bem clara.

Ele a soltou.

— Voltarei aqui domingo às três horas. Tome sua decisão. Se tiver alguma inteligência, recolha as garras e faça uma aliança com Caroline Hubble. Posso sair sem ajuda.

Atty acendeu mais uma vela e permaneceu ali mais algum tempo, depois se atirou na cama, socando os travesseiros com os punhos cerrados e amaldiçoando Rory Larkin por fazê-la sentir desejo. Ah, ele era um Larkin, certamente; sentia-se totalmente intimidada por ele. Seu eterno jogo de fazer os homens se encolherem diante de seus olhos não funcionava com alguns deles, e ele e Conor estavam incluídos.

Até que ponto seria errado sentir mais um hálito de Conor? O quanto me sentiria desprezível depois? Mas, para o inferno! Não sou uma viúva! Não estou deitada a seu lado em Ballyutogue! Conor não encontrou uma vida comigo depois da morte de Shelley? Não tenho o direito? Conor! Conor, o que devo fazer agora? O que devo fazer?

CAPÍTULO 84



Por ser tempo de guerra, a parte sul da Irlanda repentinamente assumiu uma postura de fabricante. Seus métodos comuns “de carroça” precisavam ser acelerados consideravelmente. As Oficinas de Navios e de Ferro Weed, de sua parte, já haviam contratado doze subempreiteiros em Cork, Galway e Dublin.

Uma nova linha inteira de itens de segurança e de defesa estavam na prancheta e uma reunião nas instalações de Belfast fora convocada, com engenheiros da Weed e do exército elaborando uma lista completa de itens para proteção de quartéis e delegacias policiais, malhas de proteção de janelas e artigos semelhantes.

O General Brodhead precipitou-se sobre a reunião como uma razão plausível para fazer a viagem. Claro, ele passaria as tropas e a polícia de Belfast em revista também.

Rory fora encarregado da segurança durante o percurso para Belfast e no caminho de volta. Brodhead possuía um vagão de trem militar blindado, que ele mantinha num abrigo trancado. Os aposentos do General ficavam no centro do vagão, com guardas de serviço em casa ponta. A movimentação do vagão era mantida em segredo, geralmente acoplando-se a um trem no último instante. Depois que os chassis foram examinados, uma locomotiva de inspeção foi enviada quinze minutos na frente, para certificarem-se de que os trilhos estavam livres.

Nas Oficinas de Navios e de Ferro Weed, o Tenente Landers uniu-se ao grupo militar e aos subempreiteiros para uma turnê de instrução.

Llewelyn esperou que partissem, indo em seguida unir-se a *Lady Caroline* numa pequena e requintada sala de jantar particular, ao lado do escritório de seu pai.

— Não quero ser interrompida durante o almoço. O General e eu iremos à reunião no centro de conferências depois do almoço.

Quando ela recolocou o fone no gancho, Llewelyn tocou em seu ombro com a leveza de que era capaz, porém mais bruscamente do que

deveria ter feito. Caroline adaptara-se à proposição de que estava gostando do que estava lamentando.

— Espero que não tenha se arrependido de nossa última conversa— disse ele.

— Não no que diz respeito a mim e a você, meu querido — disse Caroline. — Mas o que temos que enfrentar para arranjar um almoço de quarenta minutos sozinhos! Estou ficando apreensiva com tudo isso.

— Não quero desistir — disse ele. — Vejo, ao olhar para trás em minha vida, que nunca me aproximei de ninguém como você. Nunca fez parte do meu jogo. Agora, vejo-me inteiramente abalado e insone.

— Llewelyn, nós nos conhecemos há muito tempo. Eu digo o que penso — disse ela, fazendo uma sensação de medo incomum percorrê-lo.

— É verdade — disse ele.

— Talvez o que estejamos tentando fazer simplesmente não possa ser — disse ela, vendo a cor fugir de seu rosto. — Nada menos de dez mil pessoas sabem que você está aqui nas dependências das Oficinas. A verdade é que provavelmente não há ninguém na Irlanda que não conheça seu rosto ou o meu. Há sempre meia dúzia de pessoas à minha volta e só Deus sabe quantas ao seu redor, o tempo inteiro. Fugir sorrateiramente para um encontro amoroso é um enigma para os deuses. Provavelmente é perigoso para você andar sem sua guarda pessoal e virtualmente impossível para mim. Não é como Gorman e eu, que somos aceitos como um casal. Não podemos correr o risco de que alguém, qualquer um, nos veja acidentalmente.

— Tem que haver um modo e nós vamos encontrá-lo — disse ele. — Ouça-me, por favor. Nasci de uma linhagem que ditou as coisas desde o início, em que ser um habitante do Ulster de classe significa ter que ser super britânico para manter sua posição social. A vida militar, e nenhuma outra, era sob medida para mim desde a infância. Uma mulher como Beatrice era sob medida. Temos dormido em camas separadas há quase sete anos e antes disso eu não a procurava muito.

Ela colocou as mãos sobre as dele.

— Sinto muito.

Ele encheu o cachimbo e grunhiu consternado quando o acendeu:

— Estou aborrecendo-a?

— Claro que não.

— Se você está na carreira militar, é ambicioso e vem do Ulster, alguns mandamentos governam sua vida. Sua vida é o regimento. A luxúria não era considerada uma opção sensata.

— Sim, o pobre Roger costumava dizer que, crescendo em clubes masculinos, escolas masculinas e o exército, um esporte violento e um banho frio cuidavam dos ímpetos de qualquer um.

— O problema é que isso não é uma piada — respondeu Llewelyn. — Outro mandamento sagrado é a soberania do império. Para governar o que nos confiaram para governar, produzimos o tipo de oficial que considera nossa missão sagrada. Portanto, nunca me tornei um homem harmonioso, um entendido em outra coisa que não manobras de campo, ou um homem culto, ou um político, ou mesmo alguém que se interesse pelo seu jardim de rosas. Lá fora nas colônias, há mais liberdade para se manter uma amante, ou o que seja.

— E no Ulster isso não é tolerado — disse Caroline. — Você é o homem mais importante da Irlanda e não serei responsável de ver uma carreira brilhante se esvaír em fumaça. Uma vez, quando eu era uma jovem indecorosa, eu adorava esse tipo de intriga. Freddie sempre me pegava porque eu queria que ele o fizesse, para deixá-lo com raiva. Minha situação com Gorman é que somos inadequadamente adequados. Ninguém nem se dá mais ao trabalho de fazer mexericos a nosso respeito.

A menção ao seu companheiro constante aborreceu-o.

— Eu costumava ver um Coronel ou Brigadeiro promissor jogar tudo para o alto por causa de uma mulher abaixo dele e eu simplesmente não conseguia entender. Meu Deus, como invejei Roger Hubble quando vocês se casaram e toda vez que a vi desde então.

— Parece que estamos sem sorte — disse ela. — Com a situação atual, não há absolutamente ninguém em quem possamos confiar — disse ela.

— Um General é ainda mais solitário — opinou Brodhead. — Bem, com certeza não podemos fugir para o continente hoje em dia — disse ele, com uma ponta de humor negro. — Estou tão preso ao meu comando que não posso nem mesmo tirar um longo fim de semana para pescar. Ando louco de vontade de ir a Donegal para pescar salmão. Disseram-me que estão vindo aos milhares.

— Espere um instante. O que acabou de dizer? — perguntou Caroline.

— Uns dias de folga para pescar sem ter uma dúzia de assistentes subindo nas minhas costas.

Caroline mostrou-se excitada à medida que a *descoberta* foi aos poucos se apoderando dela.

— Mas, claro. Que estupidez a minha. É estranho como se fica remoendo por dentro para encontrar uma solução que estava o tempo inteiro bem diante de você.

Meu Deus, como isso é verdade! Ele pensou.

Caroline deixou escapar um gritinho de prazer, em seguida se inclinou, deu-lhe um longo beijo e rapidamente limpou o batom dos lábios dele.

— A cabana de caça — disse ela. — Não foi mais usada desde que deixei a Mansão Hubble. Fica inteiramente isolada.

— Estive lá uma ou outra vez com Roger. Ele a mostrou para mim depois que você a remodelou. Um tanto... excitante... mas e o cutelo e sua mulher? — perguntou ele.

— Aposentaram-se há alguns meses e eu os enviei para os Estados Unidos por um ano para visitar parentes. Não indiquei um novo guarda.

O coração dele estava acelerado diante da possibilidade de ter uma mulher da estatura de Caroline. Ninguém antes dela nem remotamente lhe dera motivo para brincar com o regulamento.

— Por melhor que seja planejado, ainda envolve algum risco — disse Caroline.

— Talvez não, — retrucou ele, abrindo caminho para o plano de “combate”.

— Você poderá chegar lá sozinho? — perguntou ela.

— Deixe-me pensar — respondeu ele. — Claro, posso tirar um fim de semana em Brodhead Abbey. Ali, envio o meu *staff* para o quartel de Londonderry e digo-lhes que vou pescar sozinho. Posso mencionar que estarei me dirigindo para o sul, na direção oposta, para despistá-los.

— Bem — disse Caroline, demonstrando nervosismo —, vamos fazer isso?

— Vamos.

— Nossa, como isso é excitante. Eu poderia ir um pouco antes, arrumar o lugar, preparar um fogo de turfa e levar alguns artigos de primeira necessidade. Eis aqui o número do meu telefone particular me Rathweed Hall... diga-me quando, estarei lá esperando.

— Devemos ir a cavalo?

— Faça-o do modo mais simples. Vá de carro até o portão norte do condado. Eu o deixarei destrancado. Prossiga cerca de quinze quilômetros. Há um caminho inconfundível ao pé do monte com um bosque de videiros. Verá meu carro estacionado ali. São apenas quatrocentos metros de subida até a cabana, mas o caminho é estreito demais para carros. Estacione ao lado do meu carro e siga a pé. É uma caminhada de cerca de quinze minutos.

Ele cerrou os olhos para lembrar-se...

— Sim, fica completamente oculta.

— Nada num raio de dezesseis quilômetros.

Suas mãos estavam úmidas de expectativa quando as uniram.

— Procure não demorar muito. Também não precisa ser um fim de semana.

— Caroline...

— Estamos combinados — disse ela.

Quando a reunião terminou, o vagão blindado de Brodhead foi retirado do galpão onde ficara sob vigilância. O trem dos correios de Dublin foi desviado para o pátio das oficinas para pegá-lo.

Rory Landers foi um dos pontos altos da reunião. Esquematizou ideias de uma cobertura de metal muito fina para recobrir veículos civis leves, tornando-os semiblindados.

Llewelyn Brodhead despediu-se do grupo e embarcou.

— Está feito — disse Caroline, despedindo-se do Tenente Landers com um beijo rápido quando ele embarcou.

O General retirou seu talabarte, desabotoou o dólmã e convidou Rory a fazer o mesmo. Observar a paisagem passar correndo pela janela do trem arrefeceu um pouco seu alto estado emocional.

— Eu diria que a reunião correu muito bem, senhor — disse Rory.

— Temos que nos abrigar em nossas fortalezas na zona rural e, quando realmente precisamos sair, não seremos apanhados em emboscadas. Muitas ideias boas foram apresentadas hoje. Acho que isso merece um drinque. “Vá-se... Recebi muitos cumprimentos por você hoje, Landers.

— Saúde.

— Saúde, senhor.

Como Brodhead parecia exibir um permanente sorriso de gato-que-comeu-o-rato, Rory recostou-se e esperou que ele se abrisse ou se calasse.

Temia que fosse demais para Llewelyn Brodhead fazer segredo de uma conquista como Caroline Hubble. Isso eliminaria a cabana de caça e talvez toda a participação dela. Brodhead não podia revelar um encontro planejado e marcado.

O sorriso continuava no rosto de Brodhead enquanto conversavam sobre uma coisa e outra.

— Ah, *Lady* Caroline pediu-me que lhe concedesse uma pequena licença. Está ansiosa para que vá visitá-la — disse Brodhead.

— Gostaria de visitá-la o mais breve possível.

— Caroline confiou-me — disse Brodhead — que você lhe traz muito consolo, Landers. Acho que, de certa forma, ela o considera um filho posticho.

— De certa forma, eu a amo muito — disse Rory. — Conheci uma mulher como ela, mas também diferente... a minha Georgia... se eu algum dia puder encontrá-la. Sabe o que Caroline faz, senhor? Ela me enche de uma grande confiança em mim mesmo que me faz sentir como um rei. Depois de ver sua enorme perda, pessoalmente, ela me ensinou como uma pessoa deve se comportar diante da maior das tragédias.

— Uma pena que você não tenha conhecido Frederick Weed em sua época.

— Aprecio sua companhia também, na verdade. Pode-se sentir sua força e alegria sem que ele precise se mover. Ele deve ter sido um bárbaro em sua época.

— Você não sabe a metade sobre Freddie Weed — disse Brodhead, rindo para si mesmo. — É melhor não contrariá-lo.

— Não conheci esse Galloway, mas vi fotografias e ouvi muito falar dele. Eu me pergunto por que alguém como Caroline Hubble se apegaria a ele.

Brodhead resmungou, encolheu os ombros e tomou seu uísque de um só gole.

— Caroline tem um lado pseudo artístico. Sente-se à vontade em meio a boêmios. Gente estranha, esse pessoal. Na verdade, faz parte de seu fascínio. Mas, devo lhe dizer, ela também foi a mais perfeita esposa aristocrática que um homem pôde ter.

— Senhor, posso ser tão impertinente a ponto de perguntar-lhe sobre... hã...

— Caroline e eu?

— O senhor me pediu para falar-lhe do seu interesse — disse Rory.

— Francamente, Landers, é uma situação inviável. Resolvi não levar isso adiante. Simplesmente, não é a coisa certa a fazer.

— Sinto muito ouvir isso, senhor. O que quero dizer é que, bem, *Lady Caroline* é um tanto... não se pode acreditar... e eu secretamente esperava que o senhor... se eu puder ajudar em alguma coisa... talvez mencionar mais alguma coisa semana que vem.

— Não, é uma questão encerrada. Primeiro o dever, depois o prazer, você sabe.

Rory sentiu-se mais confiante de que Brodhead iria manter silêncio sobre o caso. Caso contrário, seria muito arriscado. Agora, disse Rory a si mesmo, era hora de lançar a notícia.

— Senhor, tenho um assunto desagradável a tratar. Esperei particularmente nosso retorno a Dublin para que pudéssemos conversar a sós. General, são os meus olhos. Eles pioraram.

— Ah, meu caro rapaz.

— Tentei continuar antes de trazer o assunto à baila, mas receio que do jeito que as coisas vão, em breve não poderei mais cumprir meus deveres.

— Isso é um grande golpe para mim, Landers!

— Quando a visão começou a ficar mais turva, verifiquei junto ao Wandsworth Hospital em Londres. Meu médico lá me disse que o exército possui duas instalações médicas, bem como um cirurgião civil muito bom na Escócia, especializado em dano ao nervo ótico por concussão. Parece que os avanços médicos estão ocorrendo muito rapidamente, como costumam acontecer durante uma guerra. Receio que vou ter que pedir-lhe para ser dispensado do seu comando assim que for conveniente.

— Diabo, nunca será conveniente, mas não podemos ter você andando por aí com uma bengala.

— Obrigado, senhor.

— Desligue-se com o Coronel Hunt e vá para a Inglaterra assim que puder.

— Deus o abençoe, General. Pensei em viajar para a Inglaterra via Belfast depois que visitar *Lady Caroline*.

— Ela sabe disso?

— Não, senhor. Não pude falar-lhe sobre isso desta vez. Ela tem sofrido tanto! Espero que ela logo encontre alguma felicidade verdadeira.

— Sim — disse o General —, eu também.

CAPÍTULO 85



A parte deslizante do telhado abriu-se.

— Você está aí embaixo? — perguntou Atty.

— Sim, vou armar a escada — respondeu Rory.

Colocou-a na posição, depois percebeu que tinha uma visão absolutamente desimpedida por baixo da sua saia. Satisfez-se com uma rápida olhadela, desviou o rosto e firmou a escada com a mão boa. Atty percebeu o que se passara e sorriu consigo mesma.

Quantas vezes ela descera a escada para Conor e ele simplesmente corria a mão pela sua perna ou ela se jogava nos seus braços e ia empurrando-o para a cama.

— Esperou muito tempo? — perguntou ela.

— Não muito — disse Rory.

— O problema com a vida em esconderijos é a espera. Achei ter visto dois detetives rondando a Estação de Tara Street. Levou algum tempo até eu poder entrar no túnel.

Mediram-se de alto a baixo, com uma capa tácita sobre o último encontro. Sabiam que os ânimos pessoais tinham que ser deixados de lado.

— Estamos com você — disse Atty.

Rory sacudiu a cabeça e deixou que a ansiedade acumulada se esvaísse.

— Deixe-me recuperar o fôlego.

— Sim.

— Não estamos agindo cedo demais. Brodhead e seu *staff* estão começando a elaborar um plano de grandes proporções para a pacificação da Irlanda... e é assustador.

Atty automaticamente começou a fazer chá. O ato de fazer chá em um esconderijo era um modo de vida retomado. Houve uma época, em que

ela podia seguir Long Dan Sweeney pela trilha de xícaras sujas que ele deixava.

— Preciso saber, Atty, se esta decisão vem apenas de você e de Theo ou se tem a aprovação da Irmandade.

— Consegui entrar em contato com oito pessoas, os sobreviventes mais graduados do Levante e os que mais provavelmente formarão pelo menos parte do Conselho Supremo.

Foi o mais oficial que consegui.

— Como colocou a proposta para eles?

— Não citei o nome de Brodhead. Disse que podíamos aplicar um bom golpe em um importante oficial britânico. Sim ou não. A votação foi de dez a zero, nos incluindo, eu e Theo.

— Caroline veio à casa de Marrion Square à noite passada, esteve comigo por algumas horas e retomou para Belfast depois da meia-noite. Repassamos todo o plano para termos certeza de que ela estava tomando a decisão certa. É uma mulher de grande autocontrole, assim como você, mas, à medida que Brodhead se torna uma realidade mais próxima, o ódio dela é diferente de tudo que já vi na vida.

Rory caminhou de um lado para o outro, do mesmo jeito que Conor costumava fazer, para clarear seus pensamentos.

— Desde a Comissão de Inquérito de Galípoli, quando soube que Brodhead estava mentindo, ela começou a preparar sua armadilha. Quando ele foi visitá-la depois de Galípoli, ela o eximiu de qualquer culpa, para o que precisou de muita força de vontade. Pouco a pouco, ela vem armando... como diria, *deliciosas* jogadas para cima dele. Os astros estão a nosso favor. Ela representa uma fantasia de muitos anos para ele. Seu próprio casamento já naufragou.

— Não posso acreditar que Brodhead não suspeite de nada.

— Por quê? Seu passado com as mulheres mostra-o usando jovens asiáticas como concubinas, amantes ou prostitutas, algo bastante comum nas colônias. Acho que ele não tem nenhum respeito pelas mulheres, considera-as inferiores, da mesma forma como considera os irlandeses. Caroline seria a conquista final de sua vida, seu Santo Graal.

— Você não pode ter tanta certeza, Rory.

— As mulheres têm sido paus mandados. Ele é extremamente vaidoso. O suficiente para acreditar que é uma espécie de figura imponente e arrebatadora. Caroline, por outro lado, é a mulher inatingível. Ele agora é

suficientemente vaidoso para achar que pode tê-la. O que estou tentando dizer é que, na verdade, ele é ingênuo em relação às mulheres, mas ele nunca esteve sequer perto de alguém como Caroline.

— E você acha que ele irá se encontrar com ela sem sua guarda pessoal?

— Terá que fazê-lo. Se forem vistos juntos por não mais que um vendedor de mercearia, uma criada ou um de seus guardas... sua carreira estará terminada, portanto, se ele realmente tiver suspeitas, não comparecerá. Se comparecer, será sozinho. Mais do que isso, podemos vigiar para ver se ele foi seguido.

— Certo, certo, certo — disse Atty. — Onde irão se encontrar?

— Uma cabana de caça abandonada nas montanhas, bem dentro do condado. Há muitos anos ela a transformou de cabana de caça em seu esconderijo e estúdio particular.

Atty empertigou-se, compreendendo que, há muitos anos, Caroline havia atraído Conor para lá. Suas faces afoguearam-se. Caroline havia transformado a cabana num pequeno e exótico local de recreação... apenas para o marido e ela, Atty esperava.

— E o coiteiro? — perguntou ela.

Ela os aposentou há um mês. Ele e a mulher estão fazendo uma longa viagem para os Estados Unidos. Acho que ela os aposentou no instante em que Brodhead mentiu para a Comissão de Inquérito. Caroline está planejando isso há muito tempo.

— Continue.

— A data ainda vai ser acertada. Ela chegará lá primeiro, manterá a lareira acesa, levará um envelope de pó da felicidade, muita bebida. Brodhead não aguenta muito uísque, jamais seria um australiano.

— Ou um irlandês.

— Ela está pensando em fazer uma festa de três noites.

— Se ela ficar de brincadeira, ele logo desconfiará.

— Atty, Caroline vai criar um clima de romance, vai levá-lo para cama, fazer amor com ele e conquistar sua confiança. Depois de deixá-lo completamente relaxado, escolherá o momento certo.

— É ela quem vai atirar? — perguntou Atty.

Rory assentiu.

— Ela é quem irá atirar.

Atty estava perplexa com a ousadia de Caroline e com seu sacrifício.

— Estou impressionada, Rory. O fato de ela estar disposta a ir para a cama com aquele canalha.

— Eu também — disse Rory. — Ela vai deixá-lo tão exausto, que ele não terá forças nem para cuspir.

— Bem, essa é uma mulher de verdade — disse Atty — E a arma?

— Ela vai usar uma pequena Lenetti italiana de cano duplo.

Oito centímetros de comprimento, cabe na palma da mão. Carrega duas balas de calibre 44, com pontas de chumbo. Nós testamos a pistola no porão de sua casa. De perto, pode fazer um rombo num navio.

— Uma arma de apoio? — perguntou Atty.

— Faca de cozinha.

— E quanto aos rastros de pneus?

— Muita chuva.

Atty sentiu-se um pouco contrafeita, mas usou suas habilidades de atriz para exhibir uma postura profissional.

Temos um General morto — continuou ela —, em uma cabana remota e espero que ninguém na Irlanda do lado dele faça a menor ideia de onde ele foi. E então?

— Caroline deixa a cabana, amarra uma fita no portão para indicar que o plano foi executado. Volta à Mansão Hubble em seu carro. Dois dos nossos rapazes, que estavam esperando em uma tocaia para caçar patos a cerca de quinhentos metros da casa, veem a fita, entram, retiram o corpo e limpam o lugar, depois o colocam na mala do carro dele, dirigem cinquenta, cem milhas para o sul e lhe dão um terno de cimento, ou no fundo de um poço seco ou no fundo de um lago.

— Interessante — disse Atty. — O que pode dar errado?

— Praticamente, qualquer coisa — respondeu Rory.

— E você há muito estará longe da Irlanda, na Inglaterra ou na Escócia.

— Essa é a ideia — disse ele. — O plano não está detalhado agora, mas você começa aguardando-a no Teatro Abbey. Ela comparece a toda peça nova. Um bom ponto de contato. Vocês duas vão ter que continuar burilando os detalhes.

— Estou aterrorizada de acabar gostando dela — disse Atty.

— Não é difícil... Desculpe, não quis dizer nada desagradável — disse Rory.

— Bem, fico feliz de saber que você vai estar longe da Irlanda.

— Sim — murmurou ele —, para que não tenha que brigar mais comigo?

Ele apertara o botão deliberadamente.

— Isso mesmo — ela retrucou com raiva.

— Mas quando eu tiver ido embora, Atty, você vai sentir muito a minha falta.

— Sabe, você é um verdadeiro canalha. Sabe que tenho medo de você.

— Sim, está morta de medo de que eu faça você subir às nuvens.

— É isso mesmo — disse ela.

— Bem, faça do seu modo — disse ele, abrindo a parte móvel do telhado.

— Você iria adorar o meu modo, rapaz — retorquiu ela.

— E você o meu, querida.

— Vou subir a escada primeiro para que você não tenha que se preocupar que eu vá olhar as suas pernas.

— Você sabe que estou atormentada, Rory! Que diabo está tentando fazer comigo? Você ultrapassou os limites!

— E você é tão inocente assim, Atty? Sei quando estou sendo provocado. — Colocou a escada no lugar.

— Boa sorte, então — disse ela, arquejante.

Quando ele a fitou, ela recuou.

— Quer que eu vá para você ou não? — perguntou ele.

Atty continuou recuando até a parede, os olhos lacrimejantes, um ar desvairado. Desejava-o desesperadamente! Queria que ele viesse para ela!

— Está bem — gritou Atty, rasgando a parte de cima da blusa, baixando as alças do corpete e expondo os seios. — Você quer vê-los. Pronto, olhe, Rory, Vamos, rapaz! Sinta-os! Coloque-os em sua boca. Eu vou me deitar com você!

— Deus Todo-Poderoso! — exclamou Rory. — O que estou fazendo! Ah, Deus, Deus, Deus, estou tão envergonhado. — Caiu de joelhos com o rosto entre as mãos numa explosão de raiva de si próprio. — Não mereço viver... Estendeu o braço com a mão boa, mantendo o rosto desviado dela. — Por favor, cubra-se. Por favor, tente perdoar-me.

O rio que estava contido pelo dique agora explodia sem controle. Humilhava-se e se maldizia. Rory sentiu algo em sua cabeça. Eram os dedos de Atty correndo suavemente entre seus cabelos.

— Pode me ouvir, Rory?

— Estou tão envergonhado. Foi a pior coisa que já fiz em minha vida.

— Ouça-me, Rory. Estivemos numa corrida louca desde o instante em que pusemos os olhos um no outro. Eu tentava recriar um momento de algo que já passou. E você, loucamente, queria algo que pertencera a Conor.

— E verdade — soluçou ele .

— Você encontrará o amor novamente e eu encontrarei o consolo de um homem bom, mas não pode ser um com o outro.

— Eu sei... eu sei... estou tão envergonhado.

— De quê?

— De atormentá-la deliberadamente. Esse desejo estava me consumindo, Atty. Mesmo quando eu amei Georgia pela primeira vez, eu era um jovem colono rebelde em busca de diversão. Georgia e eu encontramos o verdadeiro amor que cresce com o tempo. Mas você, Atty Fitzpatrick! Sinos, canhões dispararam, a loucura tomou conta de mim. Você tem razão, eu queria a mulher de Conor Larkin. Queria sentir uma vez o que Conor Larkin sentiu. Eu o adorava. Com a morte, seu poder me trouxe do outro lado do mundo. Mas, não vê, vivendo sob a sombra dessa árvore imensa, eu queria ser tão alto quanto ele por apenas um minuto... e acabei me cobrindo de vergonha.

— Você está inteiramente perdoado. E a verdade é que você é muito semelhante a Conor.

— Atty! Por que ele não nos liberta!

— Ah, você não sabe? Não é Conor quem tem medo de nos libertar. Somos nós, sempre nós, que temos medo de deixá-lo ir.

CAPÍTULO 86



Padre Dary Larkin e Rachael Fitzpatrick passeavam pelo cais do rio Liffey como um Padre o faria com um membro da família, invejando os jovens soldados com suas namoradas, amorosamente abraçados.

Sentaram-se em um banco, provavelmente não muito longe de onde Molly O'Rafferty um dia dissera adeus a Jeremy Hubble. Ainda estavam destroçados por ela ter tido um aborto espontâneo do filho que esperavam.

Entretanto, isso serviu para acordá-los de sua curta e proibida incursão no mundo dos sonhos. Era o ano medieval de 1916 e agora eles estavam frente a frente com um bombardeio de duras verdades.

A verdade é que Dary, num momento de loucura, agarrou o ferro incandescente e quase se queimou inteiramente. Estava novamente preso a seu voto, um voto tão forte quanto o de Conor em relação à Irmandade. Os verdes anos de Rachael e o fato de tê-la colocado à beira de uma desgraça o fez ver a impossibilidade de sua situação.

— O que o Bispo Mooney lhe disse?

— Disse-me que não existe maior diversão na Irlanda, mais maligna, do que destruir um Padre despojado do hábito.

— Soa como o mesmo tipo de intimidação que você sofreu durante toda a sua vida, primeiro de sua mãe, agora de todo mundo. Você não consegue ver como ela transferiu sua agonia sexual para você? As mulheres não são imagens da Virgem Maria — disse Rachael brandamente.

— Temos problemas que não serão resolvidos mandando a Igreja para o inferno — disse ele. — Estamos apaixonados, Rachael, como Conor estava apaixonado por Shelley. Shelley sabia que Conor não podia viver fora da Irlanda e eu não estou certo de que eu possa ou queira fugir como um covarde. O preço que eles pagaram está o tempo inteiro em minha mente, nós sendo tratados como leprosos, você sendo ferozmente atacada.

— E você pode continuar servindo uma igreja que fará algo assim se abater sobre nós?

— Não se trata apenas da Igreja, mas da nação. Eu lhe estaria fazendo o maior favor de sua vida se desistisse de você.

— Está sentindo-se culpado agora?

— Não, mas estou muito frustrado. Toda a minha vida, fui inundado, saturado com o pecado do homem e da mulher. Eu amava tantas coisas que a Igreja representava. Do nosso modo sofrível, dávamos algum tipo de fé ao povo irlandês para que não desistissem. Sem nós, a Irlanda seria uma terra de pobres miseráveis derrotados. Rachael, tenho acreditado com todas as minhas forças no amor de Jesus. No entanto, desde o início, no seminário, os noviços olhavam às escondidas as revistas de mulheres que encontrávamos escondidas nas celas dos Irmãos Cristãos. Para alguns padres, a castidade é um modo adequado de vida. Que assim seja. Mas tenho visto os melhores de nossa estirpe se transformarem em bêbados e coisa pior... O que me deixa transtornado é que um Padre pode ser um alcoólatra, pode brincar com garotos, mas Deus o guarde de tocar em uma mulher. Esse é nosso maior pecado. E a maldita hipocrisia da Igreja é encobrir isso e até perseguir nossas vítimas. Quando você tocou em mim, Rachael, foi a mais poderosa verdade da minha vida. E a verdade era ELES MENTIRAM PARA MIM. Não pode ser a vontade de Deus que o homem seja celibatário. Deus me diz que você e eu estamos certos. O amor de um homem e de uma mulher constitui a mais alta ordem de louvor a Deus. Toda busca, toda pergunta que eu fazia sempre esbarrava num dogma que eu tinha que aceitar sem questionar. Mas Deus continuou a me dizer, a me repetir, “Dary Larkin, eles estão perpetuando uma mentira”. Eles nos transformaram em animais castrados para que a Igreja pudesse nos possuir, corpo e alma, e não pudéssemos ter famílias para compartilhar nossas vidas, porque isso tiraria o tempo que deveríamos dedicar à Igreja.

Após um breve silêncio, prosseguiu:

— Eles roubaram o dom mais precioso que Deus... você, Rachael... para manter-me em servidão total. Bem, vendo isso como a mentira que é... muitas outras coisas começaram a se desembaralhar dentro de mim. Ainda assim, não consigo aceitar que eu tenha desperdiçado a minha vida. Não posso acreditar que meu trabalho como Padre não tenha contribuído para melhorar as coisas. Quero ser um Padre... mas para ser o melhor Padre que eu possa ser, preciso de você como minha mulher. Não podemos arcar com outra gravidez, Rachael.

— O que está me dizendo?

— Você é jovem. Com o tempo, me esquecerá. A outra opção é uma estrada que não vale a pena percorrer.

— Dary, está mentindo para si mesmo. Você nunca cedeu completamente a eles. Você sentiu o gosto da liberdade e, comigo ou sem mim, você vai ter que enfrentar todas as inquisições, magia negra, maldições e o que mais lhe imputarem. Mas não faça isso por mim. Faça por Dary Larkin. Isso é o que o atormenta. Se não pode ser o Padre que eles querem, então saia antes que o transformem num Padre que você detesta. Eu aceitarei todo o lixo que me atirarem porque eu sei o que Deus significa para nós. E eu quero andar à luz do dia com você. Nada mais de me esconder e ter vergonha.

— Não me amaldiçoe também, Rachael.

— Você não aprendeu nada com Conor e minha mãe? Ou Conor com Shelley? Não acha que Deus sorriu para eles?

— Então, esperará por mim? — perguntou Dary.

Rachael não negava que era filha de Atty. Compreendeu instantaneamente o que ele queria dizer. Mas, agora, seu medo era o mesmo de toda mulher. Não conseguiu fazer a pergunta.

Ele pegou suas mãos em plena luz do dia.

— Olhe para mim, Rachael, ah, essa é a minha garota. Quero ir para a França porque isso é o melhor que minha Igreja tem a oferecer. As trincheiras estão repletas de rapazes irlandeses que precisam de mim desesperadamente. Não estou pretendendo brincar de Deus dos dois lados. Não sinto culpa por nem um minuto com você. Sei que Deus aprova nosso amor. No entanto, meu próprio coração precisa sarar e tenho que cumprir minha missão nas trincheiras.

— Tem razão, Dary. Temos que reclamar nossos direitos. É bastante claro, não é? Estarei esperando.

— E quando eu voltar, aceitarei qualquer coisa que nos atirem. Eu a amo muito, Rachael.

— Então, partirá em breve?

— Não preciso de mais nenhum treinamento para meu trabalho, exceto endurecer-me um pouco. Vou partir para a Inglaterra e me prometeram uma unidade irlandesa recém-formada.

— Quando?

— Dentro de três dias.

— Ah, graças a Deus. Estava apavorada de que fosse partir agora mesmo.

— Dizer adeus a Rory foi muito difícil. Mas sinto uma alegria, uma grande satisfação de saber que sou um Larkin. Estou feliz por já nos termos unido.

— Não acha que deveríamos ir para nosso quarto?

— Estava pensando nisso. Receio engravidá-la outra vez.

Ela se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

— Mamãe me disse que há muitas maneiras de podermos fazer isso sem, bem, você sabe, sem fornicação oficial.

CAPÍTULO 87



Agosto de 1916

Roger Casement era uma figura à parte no movimento republicano. Seu papel no Levante da Páscoa, como seu papel na vida, sempre fora a de um solitário.

Nascido de uma família protestante do Ulster, essa alma brilhante e piedosa entrou para o serviço consular britânico, onde ganhou renome internacional como humanista e finalmente foi ordenado cavaleiro como Comandante de St. Michael e Cavaleiro do Reino.

A luta de Casement era para romper as barreiras burocráticas para expor as condições no Estado Livre do Congo Belga. Trabalhadores nativos nas plantações de borracha passavam fome, eram assassinados ou tinham as orelhas cortadas. As mulheres e crianças eram punidas com a amputação de seus membros.

Casement encontrou o mesmo em plantações pertencentes aos ingleses no Brasil, onde um castigo comum era marcar a ferro em brasa as partes genitais de homens e mulheres.

Como muitos missionários irlandeses bons que foram a lugares que somente missionários irlandeses ousariam ir, *Sir* Roger finalmente prejudicou sua saúde, voltou para a Irlanda e se aposentou.

Tendo lutado a vida inteira contra o tratamento cruel dos colonos, sentiu-se inexoravelmente atraído para protestar contra os séculos de servidão de seu próprio país. Casement uniu-se a uma longa lista de anglo-protestantes de Wolfe Tone a Charles Stewart Parnell que adotaram a causa republicana.

A Irmandade aproveitou sua experiência como habilidoso diplomata e designou-o para uma série de missões no exterior. Quando a hora do Levante se aproximava, Casement foi enviado para os Estados Unidos para obter apoio e dinheiro dos irlandês-americanos. A missão foi um fracasso.

Foi então enviado à Alemanha para conseguir armas. Os alemães tinham suprido grandes quantidades de armas para os Voluntários do Ulster antes da guerra e ao mesmo tempo mantido uma linha aberta para a Irmandade, sendo seu principal objetivo constranger os ingleses.

Para testar a situação, os alemães apresentaram um plano engenhoso.

Haviam capturado alguns milhares de irlandeses na Frente Ocidental. Casement recebeu a proposta de tentar formar uma Brigada Irlandesa para o exército alemão com esses prisioneiros.

Casement conseguiu apenas alistar cinquenta e dois homens para lutar contra os ingleses e alguns desses tinham um passado bem questionável.

O plano não deu certo. Em vez dos cem mil rifles que Casement insistia que eram necessários para dar suporte ao Levante na zona rural, os alemães concordaram apenas em enviar um carregamento de vinte mil, apenas para manterem um pé no negócio.

Essas armas, no navio *Aud* transformado em cargueiro, acabaram no fundo da Baía Tralee devido a uma falha na comunicação. Casement voltou à terra firme por submarino e foi denunciado à Polícia por um informante dos voluntários “irlando-alemães”.

Enquanto o Levante da Páscoa era debelado, o interior do país fracassou em se unir à revolta. *Sir* Roger Casement foi levado às pressas para Londres para ser separado do massacre dos rebeldes católicos. Nesse caso, na verdade, os ingleses haviam capturado o traidor dos traidores, um dos seus que podia ser julgado em Londres e exibido como um nome a ser ultrajado para sempre.

Ele fora um homem de mais de um metro e oitenta, muito bonito, de barba e com extraordinários olhos escuros e penetrantes. Sua prisão o colocou em situação humilhante. Sem cinto e perdendo peso rapidamente, manter as calças no lugar tornou-se um grande problema. Símbolo dos símbolos, a Torre de Londres foi seu último local de internação. O que sobrara da saúde de Casement deteriorou-se rapidamente.

Os ingleses acrescentam o ácido da homofobia. Casement vivera discretamente com sua homossexualidade, nunca prejudicando ninguém. Entretanto, que maravilha poder fazer uma ligação com o caso de outro homossexual irlandês, Oscar Wilde, que fora preso depois de uma devastadora acusação judicial por Edward Carson, o líder dos legalistas do

Ulster. Não seria o caso de provar que Wilde e Casement sofriam da mesma doença que era um defeito da raça irlandesa?

Foi negado a Casement um julgamento em seu próprio país; foi-lhe negado o acesso a banhos e seu corpo alquebrado cobriu-se de feridas expostas. Com as energias drenadas de seu corpo e em profunda depressão, Casement ainda conseguiu conservar a grande arma dos irlandeses, as palavras, e realmente ele teve a última palavra.

Ao contrário dos rebeldes de Dublin cujos crimes não estavam claros e que foram julgados e mortos secretamente, Roger Casement cometera traição sob a lei inglesa. O julgamento exemplar foi montado para defender a justiça britânica.

Entretanto, foram as palavras, saídas dos lábios e da pena de Roger Casement, que immortalizaram o caso e repercutiram em inúmeras populações que ouviam atentamente.

A lealdade é um sentimento, não uma lei. Reside no amor, não na repressão. O governo da Irlanda pelos ingleses baseia-se na repressão e não no amor; e como não requer nenhum amor, não pode inspirar nenhuma lealdade.

Os mártires mortos de Stonebraker's Yard na Prisão Kilmainham saíram de seus túmulos, gritando de forma contundente que nenhum outro exército ou líderes de guerras ou rebeliões em toda a história da Inglaterra foram presos e executados.

O assassinato judicial está reservado apenas para uma única raça de súditos do Rei, os irlandeses...

O legado irlandês passado de geração a geração não era mais do que a bênção das palavras ouvidas nos bancos dos réus e poucas calaram mais fundo do que as de *Sir Roger Casement*.

Somente na Irlanda deste século vinte a lealdade é considerada um crime. Se devemos ser indiciados como criminosos, fuzilados como assassinos,

encarcerados como condenados porque nosso crime é amar a Irlanda mais do que a nossa própria vida, então não sei que virtude reside em qualquer oferta de autonomia mantida para afrontar os homens em tais termos...

A independência é nosso direito, um direito que nos é dado ao nascer; um direito não mais concedido ou negado a nós por outro povo do que o direito à própria vida...

Somente aos condenados tais coisas são negadas por crimes cometidos ou provados... e a Irlanda, ela não injustiçou nenhum homem, não feriu nenhum país, não buscou dominar outros povos... a Irlanda é tratada hoje entre as nações do mundo como se fosse um criminoso convicto...

Se for traição lutar contra um destino tão desnaturado como esse, então sinto orgulho de ser um rebelde...

Os irlandeses, que até então pareciam satisfeitos com o *status quo*, acordaram para ver sua personalidade nacional, que ia da conivência à covardia. O mais legal de todos os julgamentos do Levante da Páscoa agora parecia claramente um instrumento de vingança dos ingleses. Mas julgamentos públicos têm seus riscos e mesmo ao final, quando ele foi condenado à força, foi concedido a Casement o *fair play* de ter a última palavra:

Permitam-me passar de mim mesmo e do meu próprio destino a um tema muito mais premente e muito mais urgente — não o destino de um único irlandês que pode ter tentado e fracassado, mas o clamor e o destino do país que não fracassou. A Irlanda sobreviveu ao fracasso de todas as suas

esperanças — e ela ainda tem esperança. A Irlanda viu seus filhos— sim, e suas filhas também — sofrerem geração após geração sempre pela mesma causa, deparando-se sempre com o mesmo destino e sempre nas mãos do mesmo poder; e sempre uma nova geração se apresentou para resistir à mesma opressão. Porque, se a autoridade inglesa é uma força tão onipresente, como disse o St. Gladstone, que alcança os verdadeiros confins da terra — a esperança irlandesa ultrapassa as dimensões desse poder, excede sua autoridade e, a cada geração, as reivindicações da última. A causa que origina esta indômita persistência, a faculdade de preservar através de séculos de sofrimento a lembrança da liberdade perdida, é, sem dúvida, a causa mais nobre pela qual os homens já lutaram, pela qual já viveram, pela qual já morreram. Se esta é a causa de eu estar aqui hoje, indiciado pelos convictos e acusados, então estou em boa companhia, com direito a nobres sucessores.

O gabinete britânico ficou em situação difícil. Se ao menos pudessem convencer Casement a dizer que seu verdadeiro propósito, ao retornar à Irlanda, fora impedir o Levante, então teriam a saída honrosa de reduzir a pena de morte a um período de prisão sem ficarem desmoralizados. Ele não quis sequer ouvir a proposta. A compaixão de Casement pela humanidade foi o que emergiu daquele tribunal, acima das acusações, acima da própria sentença. As difamações sobre sua homossexualidade perderam-se na eloquência do homem.

Casement quebrou os óculos na cela, cortou os pulsos e tentou esfregar nos ferimentos um veneno que escondera no casaco. Foi

descoberto, levado às pressas para o hospital e salvo por mais um dia.

Sir Roger Casement foi enforcado na Prisão de Pentonville em 3 de agosto de 1916.

Na Irlanda, houve uma introspecção nacional e uma confrontação com séculos de negação. Na verdade, como povo, não haviam demonstrado o caráter de homens livres. Chegara o momento em sua história de se redimirem como povo.

Uma resposta tinha que surgir depressa para as mortes dos mártires do Levante da Páscoa.

CAPÍTULO 88



Brisbane, Queensland, Austrália

O *Squire* Liam Larkin saiu do Prince of Wales Hotel que dava para o luxuriante, semitropical, esplendoroso gramado do Albert Park, do outro lado da rua.

Jesus, pensou, o maldito calor podia derreter as malditas rochas. Para um homem climatizado pela umidade penetrante da Irlanda e a umidade ainda maior da Ilha do Sul, Brisbane abrigava as fornalhas do inferno. Era fácil imaginar condenados e Livross quebrando pedras naquele lugar.

Dirigiu-se à fila de táxis e mostrou um pedacinho de papel ao motorista.

— Ah, vejamos, Travessa Canguru, 32... Travessa Canguru, 32. — Coçou o queixo. — Ah, o novo conjunto de casas perto do Centro de Reabilitação do Real Exército Australiano.

Liam preferiu sentar-se ao lado do motorista, não se sentindo particularmente confortável no banco de trás de um automóvel.

— De onde é, companheiro? — perguntou o motorista.

— Nova Zelândia. Ilha do Sul.

— Como tem sido a guerra para você?

— Filho em Galípoli. Saiu com alguns ferimentos.

— Meu garoto está nas trincheiras na França — disse o motorista.

— Rezarei por ele.

Do outro lado da Ponte Victoria, o táxi dirigiu-se para o mar e para a movimentada Costa do Ouro.

Toda a conversa sobre os *Anzac* atualmente se resumia em se perguntarem como tinham sido apanhados naquela guerra. Quando

começara, o entusiasmo era pelo rei, o Império e tudo que era bombástico. Galípoli manchara todas as visões de glória.

Uma grande placa indicava o hospital. Era um dia quente e ensolarado. Podia-se sentir o cheiro do mar ali perto. Um imenso gramado estava repleto de pacientes, a maioria de pijamas ou robes, muitos em cadeiras de rodas, acompanhados de enfermeiras ou serventes, outros de muletas, sem uma das pernas.

— Estes são os casos piores — disse o motorista do táxi —, que eles não conseguiram reciclar e mandar de volta para o combate na França.

Liam pediu ao motorista para reduzir a velocidade, como se esperasse encontrar Rory entre eles. Todos aqueles rapazes assim... doloroso... terrível.

Viraram em uma ruazinha encantadora, com palmeiras e casas de madeira de dois andares, onde moravam muitos dos que trabalhavam no hospital.

— Aqui estamos, companheiro, Travessa Canguru, 32. Quer que eu o espere?

Liam parou para pensar.

— Não sei — disse.

— Bem, há um ponto de táxi na entrada principal do hospital. O número é 2-2-2-2.

— Acho que consigo lembrar.

— Boa sorte, *kiwi*.

O táxi se afastou. Liam sentia-se ressequido, suado e um pouco nervoso. Bateu na porta. Nenhuma resposta. Viu uma torneira no jardim, bebeu e molhou o rosto. Um balanço na sombra do alpendre atraiu-o, ele se sentou e colocou-o em movimento, logo embalado pelo barulho das ondas que quebravam na praia e deixando seu rosto tornar-se inexpressivo. Ficou sentado imóvel, como um pastor de ovelhas, até os saltos dos sapatos de uma mulher baterem ritmadamente em passos rápidos pela travessa.

Liam, imóvel, fixou os olhos em Georgia Norman quando ela ficou à vista. Era muito bonita e sua maneira altiva de andar dizia *mulher*.

Georgia entrou no alpendre, dirigiu-se à porta da frente, enfiou a mão na bolsa que parecia não ter fundo, como é próprio das mulheres, depois pressentiu que havia mais alguém ali e voltou-se para Liam.

Ficou perplexa, mas nada disse.

— Venho em paz — disse Liam com brandura.

— Rory! — gritou ela. — Rory!

Georgia quase desmaiou, agarrando-se à viga do alpendre e começando a deslizar para o chão, quando Liam a segurou e a conduziu para uma cadeira de vime.

— Ele está bem?

— Foi ferido em Galípoli. Não tenho muitas informações. Perdeu parte dos movimentos da mão direita e está com uma visão turva que vem e vai.

Ela agradeceu a Deus diversas vezes, quando um pouco de cor retomou ao seu rosto.

— Está na Irlanda e sob o nome com que se alistou, de modo que não é fácil fazer contato. Ele é Capitão, sabe, ganhou a Victoria Cross.

Georgia mordeu o lábio, em seguida usou o ombro de Liam para um choro curto e suave.

— Vou pegar uma bebida gelada para você — disse rapidamente. — Uma bebida forte ou um refrigerante?

— Uma cerveja seria o máximo.

Eia voltou.

— Nem adianta perguntar-lhe como me localizou, não é? — perguntou.

— Sou um criador de ovelhas. Tenho muita experiência em encontrar ovelhas desgarradas, embora você realmente me tenha dado muito trabalho.

— Na verdade, este centro de recuperação já estava nos planos do governo antes de a guerra começar — disse ela. — Mesmo quando estava na Nova Zelândia, eu achava que viria para cá quando meu marido partisse. Sou a enfermeira-chefe de um dos departamentos. Lido com os rapazes com traumatismos causados pelas explosões.

— Ah, meu Deus — sussurrou Liam. — Como consegue encontrar forças?

— Não me faça chorar outra vez, Liam. Já é muito difícil lá dentro.

— Rory sempre escreveu para sua mãe, irmãs e irmão, até deixar Galípoli. Depois disso, somente algumas cartas, escritas com a ajuda de enfermeiras. Eu sempre soube que ele ia acabar indo para a Irlanda, de modo que escrevi para meu irmão, Dary, ele é um Padre.

— Eu sei.

— Escrevi há meses. Queria que a carta estivesse lá, à espera de Rory, quando ele chegasse. Eu não podia mais viver com o que eu lhe fizera. Ele recebeu a carta — disse Liam trêmulo e me respondeu.

— O que ele disse?

— Ele me perdoou. E, sabe, ele também pediu que eu o perdoasse.

— Fico muito feliz.

— Graças a Deus que ele sente falta da Nova Zelândia. Vai voltar um dia desses. Agora, nós vamos nos entender...

— Você sofreu muito, não foi? — perguntou ela.

— Sim. Rory pediu-me um favor, encontrá-la. Ele encontrou seu marido em Galípoli e tem grande consideração por ele. Ele também sabe que vocês dois já estavam divorciados muito antes da guerra e que só permaneceram juntos por causa da carreira dele.

— Calvin tem uma boa esposa e uma chance de se recuperar, embora ele às vezes ainda mergulhe no desespero.

— O Padre Dary escreveu-me sobre o quanto Rory o admirava. Georgia, Rory suplicou por você quando ainda estava em Galípoli. Disse que sabia por que você o mandou embora, para não comprometê-lo com alguma coisa que ele lamentaria quando a guerra terminasse. Ele a ama mais do que nunca, menina, ainda que levasse a vida inteira para tê-la de volta...

Rory também foi injusto — disse Georgia. — Nós dois sabíamos que ele acabaria se envolvendo em alguma coisa na Irlanda. Ele tinha todo o direito de me pedir para esperar até o fim da guerra. Ele não tinha nenhum direito de me pedir para esperar para sempre, sem contatos apenas para acordar um dia e receber uma carta de Padre Dary dizendo que ele fora fuzilado ou enforcado. Assim, eu fiz um rompimento claro para nós dois, eu não seria um peso para ele e ele não seria um peso para mim.

— Mas ele é um peso para você — disse Liam. — Você teve um filho dele. Quero ver minha neta.

Georgia afastou-se.

— Quero ver minha neta — repetiu ele. Entregou-lhe seu enorme lenço, para que ela enxugasse as lágrimas e assoasse o nariz, enxugasse e assoasse. — Você o amava a esse ponto.

— Ah, *Squire*, você não sabe? Depois que Rory Larkin põe as mãos na gente, não se quer saber de mais ninguém. Começou como uma

brincadeira, mas, quando ele partiu para a guerra, eu sabia que nunca mais o veria e eu precisava ter alguma coisa dele, para sempre.

— Você o ama a esse ponto — repetiu Liam.

— Guerras e mortes e rapazes alistando-se sob nomes falsos e maridos divorciados que podem ou não estar divorciados, pode ter certeza que os escritórios de registros estão um caos, tantos mortos, tantos não identificados. Assim, vir para Brisbane como uma viúva de guerra grávida não foi difícil. Sou totalmente aceita aqui e, quanto à nossa filha, foi a mais bela decisão de minha vida.

Liam avistou um carrinho de bebê sendo empurrado pela Travessa Canguru por uma babá, com uma cabecinha projetando-se para fora. Liam deixou o alpendre atabalhoadamente. Ergueu a criança com uma ternura às vezes necessária em sua profissão, como segurar uma ovelhinha desgarrada.

— O avô dela — Georgia disse à babá.

— Que nome você lhe deu? — perguntou Liam.

— Rory — disse Georgia.

— Rory? Mas é nome de menino.

— Não é mais, *Squire*. Os rapazes vão ter que compartilhá-lo.

— Bem, pensando nisso, Rory O'Moore foi um grande rei celta. O líder de todos os chefes. Rory. É formidável... Rory.

Encostou a face no rosto de sua neta, enquanto lutava para conter as lágrimas. A garotinha aprovou-o e ele respirou um ar que parecia vindo de algum lugar com um perfume doce, situado além de todos os altares, de todo o céu, além de todo prazer mortal.

CAPÍTULO 89



Sir Llewelyn verificou o equipamento na traseira do caminhão utilitário usado para reboque ou outros serviços esporádicos em Brodhead Abbey. Varas de pesca, botas, cesto, caixa de apetrechos de pesca, iscas, lanterna, fogão, *et cetera, et cetera, et cetera*.

— Parece que está tudo aqui — disse ele a seu caseiro, Sr. Mufflin.

— Minha mulher colocou o lanche nesta cesta.

— Ótimo.

— Em caso de emergência, posso dizer aonde foi o General?

Sir Llewelyn considerou a pergunta. Parte do jogo consistia em correr o pequeno risco de que não surgiria uma emergência.

— Na verdade, vou para o sul, perto de Carrick-on-Shannon — disse ele, dando a direção oposta. — Tenho um amigo aposentado com uma cabana muito isolada e depois, Mufflin, estou precisando desesperadamente de sossego absoluto.

— Compreendo perfeitamente, senhor.

— O Brigadeiro Cushman tem tudo sob controle no Castelo de Dublin. Se alguém telefonar, diga que estarei aqui em Brodhead Abbey domingo ao final do dia e estarei no Castelo de Dublin para o desfile de segunda-feira. Agora, gire a manivela para mim.

O motor pegou depois de engasgar algumas vezes e em pouco tempo ele atravessou os portões de Brodhead Abbey em direção à estrada principal, onde virou para o norte, para a curta viagem até a península de Inishowen.

Uma hora mais tarde, Brodhead entrou numa estrada de terra antes de Carrowkeel, satisfeito por não ter sido seguido ou visto usando roupas de pesca em um velho utilitário. Parou diante dos pilares do enorme portão de ferro da entrada norte do condado de Foyle.

Quando saiu do veículo, *Sir Llewelyn* preparou-se para a possibilidade de rejeição, caminhando cautelosamente até o portão. Viva! A fechadura estava destrancada e a corrente aberta.

Fechou o portão atrás de si e dirigiu à luz do dia para tentar chegar antes que escurecesse, a mente agora receptiva a um delírio de ilusões carnavais. Pisou no acelerador, olhando à sua volta de vez em quando para ver se haveria alguém por perto. Livre, tudo livre. Caminho livre. Lá? Um bosque de videiros ao pé do monte. Sim! Sim! Lá estava o automóvel dela.

Brodhead estacionou ao lado do carro dela, no momento exato em que o sol se escondia atrás do monte, ensombrando os arredores. Subiu apressadamente o caminho, sempre procurando algum observador indesejado.

— Olá!

Por Deus! Lá estava ela, acenando e correndo em sua direção. Fortes suspiros de alívio quando se abraçaram com força. O magnífico aroma da fumaça de turfa contorcendo-se até eles enquanto subiam o caminho, enlaçados pela cintura.

No aposento principal da cabana, ele colocou sua sacola no chão e eles se abraçaram e beijaram.

— Eu estava começando a ficar impaciente — disse ela. — Tive medo que tivesse resolvido não vir.

Quando ela saiu para colocar-se à vontade, seus olhos percorreram os caibros do telhado, abriu e fechou rapidamente portas de closets, verificou atrás das cortinas e olhou a toda volta em busca de qualquer sinal de outra pessoa. Não vira nenhuma pegada no caminho de entrada e, até agora, o lugar parecia ermo a não ser por eles dois.

Ela saiu tão transparente e descoberta quanto poderia ser considerado decente e parecia inteiramente à vontade num robe que se agitava para frente e para trás.

Brodhead havia espreitado alguns dos seus famosos nus em Rathweed Hall, embora agora estivessem longe dos olhos do público.

Brodhead esforçava-se para abrir uma garrafa de champanha e, quando esta estourou, derramou-se sobre ele. Caroline assegurou-lhe que havia muitas outras e sugeriu que também ele trocasse de roupa e ficasse à vontade. Ele voltou num robe de banho de brocado de seda em estilo oriental. Entre despi-la mentalmente e continuar suas suspeitas, sua apreensão tomou-se evidente.

— Como conseguiu trazer todos esses suprimentos? — perguntou ele.

— Há um carrinho de empurrar, de rodas largas, na cocheira, justamente para esse fim.

— Claro, que tolíce a minha.

— Não o culpo por estar desconfiado — começou ela.

— Diabo! — ele interrompeu. — Isso tudo é um pouco novo para mim. Não me parece natural andar por aí sem um pelotão de guardas.

— Compreendo perfeitamente. Saúde, isso vai ajudar a ajeitar as coisas.

Quando a garrafa já estava quase no fim, a segunda foi aberta e Llewelyn começou a andar diante da lareira, as mãos atrás das costas, na ponta dos pés, normalmente e nas pontas dos pés outra vez. No sofá próximo, Caroline exibia o decote entre os seios e desnudava uma das pernas com perfeição. Ele não conseguia desviar a atenção.

Se havia uma coisa em que Caroline era mestre era fazer sua companhia sentir-se à vontade. Assim ele ficou. Duas décadas e meia imaginando-a logo se realizariam.

A refeição foi deliciosa.

Ele fez um ou dois avanços e ela contra-atacou com uma qualidade etérea no toque como ele nunca sentira antes ou imaginara que pudesse existir.

— Sou um bronco, Caroline, um tanto inseguro de mim mesmo.

— Não será mais quando tivermos terminado, General, estamos no meu campo de batalha agora — disse ela —, e parar o tempo aos poucos é o que vamos fazer.

— Mulher, você é magnífica. Por que eu, ou esta pergunta não deve ser feita?

— Não teria sido apropriado para mim deixar que você soubesse de minha afeição durante todos esses anos. Sempre admirei sua força e determinação, e você é direto, como um oficial britânico deve ser. Sempre amei essas coisas em você. Ah, o querido Roger, ao lado de sua faceta decente, havia um ser humano muito perverso. E, bem, Gorman certamente não é um grande homem comparado a você.

— Por que o mantém por perto?

— Não há muitos homens que me interessem. E os que eu possa querer, eu não posso ter. Gorman é gentil e divertido, conhece muita gente

alegre e divertida.

— Quero fazer esse trabalho aqui na Irlanda com tal esmero, que o Conselho de Guerra deverá me dar um comando na França — disse ele repentinamente. — Vou retornar como marechal de campo. — Tomou fôlego. — Quero poder vir até você em bases iguais e como o mais forte e mais garboso homem que você já conheceu.

— Talvez eu possa ajudar, discretamente, é claro.

— Você o faria?

— Llewelyn, o que quer que eu diga? Eu não me entrego facilmente. Me atrai muito a ideia do poder que podemos compartilhar.

— Posso sentar-me a seu lado, Caroline?

— Primeiro, sirva-nos uma dose de uísque, algo um pouco mais forte.

Grande parte de suas relações sexuais com Roger dependeram de sua habilidade de fantasiar, em grande parte para si mesma. No final de seu relacionamento, ele lhe dava nojo, mas ela desempenhava o papel de fingir prazer. Não se pode tirar isso de um homem. É a sua base de existência. Brodhead acreditava que seu uniforme era a base de sua existência. Bobagem, ele não era diferente. Todos eles eram iguais... exceto... Conor Larkin.

O trago de uísque irlandês ajudou um pouco. Sua repulsa em relação a Llewelyn Brodhead transformou-se em ódio. Seu filho da puta, disse para si mesma, enquanto sorria com um ar adorável, enquanto ele enfiava a mão por dentro de seu robe e agarrava-lhe o seio.

Ela reduziu sua impetuosidade com doces beijos e sussurros, e ele ficou admirado ao compreender que o jogo tinha um ritmo próprio. Graças a Deus, Caroline sabia o que reservava para ele. Esse pensamento permitiu-lhe traduzir suas carícias nauseantes em êxtase. Correu os dedos pelos cabelos dele, repetindo “devagar querido, devagar”, enquanto os lábios dele buscavam seu pescoço e seus ombros como uma hiena faminta.

Mais um grande gole de uísque irlandês. Rory tinha razão. *Sir* Llewelyn não sabia beber. Era difícil manter as boas maneiras quando seus instintos básicos estavam prestes a explodir.

Melhor não deixar que ele cometesse um erro agora, ela pensou. Sem dúvida o humilharia até a impotência. Que pensamento maravilhoso, mas esta noite tinha que jogar segundo as regras... e ela o tocou como a um Stradivarius, parando sempre no momento exato.

— Me dê licença por um instante, querida — disse ele, interrompendo-se e recompondo-se para não se emporcalhar diante dela.

— Por que não entra debaixo dos lençóis — disse ela. — Eu levarei as bebidas.

O alívio de *Sir* Llewelyn veio assim que ele fechou a porta do banheiro atrás de si. Recobrou o fôlego, arrumou-se, agora meio tonto de expectativa e muito mais controlado.

Deitou-se na cama. Havia uma lareira, hum... bem... espelhos à volta, o quarto estava repleto de incenso e ela veio...

Ele se sentou, os olhos quase saltando das órbitas quando ela lentamente retirou o robe ao pé da cama. Tudo que se podia ouvir era sua respiração pesada.

— Olá — disse ela, vindo por cima da cama em sua direção.

O resto foi como um magnífico ataque de cavalaria em câmera lenta... as palavras dela sempre tranquilizantes e suas mãos tocando como Chopin e Mozart pelo corpo dele, inclusive um ou dois temas de a Flauta Mágica. Toda a desconfiança se esvaíra.

Caroline dominou-o, excitando-o, repetidas vezes, até que seu colapso o deixou quase imóvel.

— Aonde está indo? — perguntou ele com voz rouca.

— Coisas de mulher — disse ela. — Não me demorarei, querido, e meu bem, você é mais do que maravilhoso...

A pistola estava em sua bolsa, num compartimento oculto. Lá perto da penteadeira. Agora? Pense, Caroline. Não o subestime. É uma fera treinada, muito fácil estragar tudo agora. Sentia-se nauseada e devastada... violada... mas manter a cabeça fria, isso é o que importava.

Saiu do quarto e entrou numa banheira onde a água estivera esquentando e despejou nela alguns baldes de água para conseguir a temperatura certa, depois imergiu e deixou os poderes curativos da água agirem sobre ela. Dali, foi ao alpendre dos fundos e vomitou por cima da balaustrada, depois tomou uma ducha fria.

Fez bastante barulho fechando a porta do banheiro para saber como ele estava. Como era de esperar, o bastardo não estava completamente adormecido. Esta noite não, Caroline, esta noite não. Toda vez que ela se mexia, ele parecia prestes a acordar, como se fosse um lobo dormindo com um dos olhos abertos. Cuidado, Caroline, cuidado.

O cheiro de bacon chegou ao quarto. Llewelyn abriu um dos olhos, lembrou-se e rosou com uma nova e repentina felicidade.

— Eis o meu guerreiro.

Ele levantou a cabeça do travesseiro... lentamente. Caroline, com uma aparência fresca como a manhã, sorriu da porta e entrou com uma bandeja nas mãos, colocou-a na mesinha de cabeceira e sentou-se ao lado dele.

Ele se ajeitou numa posição sentada e ela o beijou.

— Caroline — suspirou.

— Tome — disse ela, entregando-lhe um copo de conhaque com uma bebida amarga. — Beba isso para as voltas no estômago.

Ele fez um “ahhh” teatral, depois ela lhe entregou um segundo copo.

— E bom para enxaqueca — disse, aninhando-se ao lado dele.

— Gim-tônica. Mãe de Deus. Ainda bem que não temos uma marcha forçada de 35 quilômetros hoje. — Agarrou-a fortemente com uma das mãos, enquanto segurava o copo com a outra. — Caroline, eu fui, você sabe, bem?

— Não tem nada com que se preocupar, Llewelyn — disse ela.

— Nunca tive uma experiência que se aproximasse disso — disse ele.

— Você é um homem e tanto — sussurrou ela, tocando-o para ver se ele estava vivo e bem. Estava. — Gostaria de entrar debaixo das cobertas com você, mas tenho que cuidar da cozinha.

— Posso tomar banho e me barbear?

— Claro — disse ela. — Já acendi o aquecedor. Deve haver bastante água quente, Não se apresse, querido.

Quando ela se levantou, ele lhe tomou a mão e seus olhos se turvaram. Beijou seus dedos.

— Podemos nos tornar amantes? — perguntou ele.

— Estive pensando nisso — disse ela. — Se você sair da Irlanda e voltar para a Inglaterra, haverá muito mais campo de manobra.

Observou-a sair do quarto, um homem enamorado. Teve que fazer algum esforço para manter-se de pé. Ele riu e, num estado de euforia, entrou no chuveiro cantando, depois ensabou o rosto para barbear-se, admirando o sujeito viril, atraente, no espelho. Tomou um gole do seu gim-tônica e saiu à procura de um cigarro.

Encontrou-os no quarto. Droga. Nenhum fósforo. A bolsa de Caroline. Chamou, mas a viu de relance lá fora tomando ar fresco.

Ah, ora bolas. A bolsa tinha o dobro do tamanho normal e ele começou a remexê-la, passando os dedos pelo fundo. Como que magnetizados, seus dedos sentiram algo duro através do tecido. Apalpou o objeto.

Brodhead rapidamente fechou a porta e despejou o conteúdo da bolsa sobre a cama. O objeto duro ainda estava lá, mas não podia ser visto. Virou a bolsa, examinando o fundo rígido. Ah, um compartimento secreto.

Llewelyn rapidamente decifrou o enigma e fitou a pistola Lenetti.

— Humm, sem dúvida faz bem ao apetite — disse ele, devorando um café da manhã digno de um caçador.

— Está um lindo dia lá fora — disse ela.

— Bem, então talvez possamos dar um passeio?

— Não quero cansá-lo demais, cedo demais — respondeu ela. — Pronto para o chá?

— Sim, obrigado. — Finalizou o desjejum com um pão doce e uma segunda xícara. — Sabe, Caroline — disse ele, tamborilando os dedos impacientemente na mesa, — quando infelizmente tivermos que nos separar, vou falar claro com Londres. Vou dizer-lhes que retomaremos as execuções dos envolvidos no Levante da Páscoa. O que acha?

— Ah, acho que é melhor nós adotarmos uma norma em relação à política.

— Na sua posição social, não é bastante tradicional compartilhar a mesma opinião? — perguntou ele.

— Freddie e Roger entendiam-se muito bem com minhas diferenças.

— Então, você acha que devemos parar com as execuções.

— Não está nos deixando muito bem aos olhos do mundo, uma vez que invocamos ideais muito nobres para estar nesta guerra — disse ela.

— Para o inferno com o que o mundo pensa! Nós nos importamos com a opinião mundial quando entramos na Índia... ou na África do Sul? Quanto aos turcos, meus últimos e respeitáveis inimigos, eis ali um povo que sabe como colocar um traidor em seu lugar. A Armênia apoiou a Rússia contra os turcos e, por Deus, eles viveram para se arrepender.

Caroline estava confusa com sua repentina mudança. Falava-se que os turcos haviam simplesmente arrasado a Armênia, assassinado todos os

homens em idade de lutar e levado os velhos, as crianças e as mulheres em uma marcha da morte até a Síria, guardados pelos turcos curdos.

— Os rumores sobre a marcha da morte são verdadeiros? — perguntou ela.

— São. Os que sobreviveram à fome, ao calor, estupro e maus tratos e conseguiram chegar lá vivos foram enviados para enormes cavernas nas encostas das montanhas, centenas de milhares de pessoas, e os turcos selaram as saídas.

— Llewelyn, o que o deixou tão irritado?

— Traidores — respondeu ele. — Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Caroline. Em Galípoli, quando ordenei que as Brigadas Australianas atacassem o Nek e o massacre começou, eu só tive um arrependimento. Lamentei que não fossem tropas irlandesas. Teríamos menos esses com que lutar depois de terminada a guerra.

— Isso é horrível.

— É assim que os traidores devem ser tratados e devo dizer que o mundo não vai se importar nem um pouco com o que os turcos estão fazendo aos armênios. Claro, nós ingleses somos um pouco civilizados demais para isso, não somos?

— Não fomos muito melhores durante a grande fome! — retorquiu ela. É melhor que os de sua raça miserável, ela pensou, acostumem-se a que as pessoas conquistem sua liberdade. É isso que vai acontecer a este país.

Levantou-se e começou a tirar a mesa irritadamente.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e atirou a pistola e as seis balas sobre a mesa.

— Sente-se! Lá! — ordenou.

Quando ela tentou falar, ele repetiu a ordem com fúria.

Caroline deixou-se cair no sofá enquanto ele se sentava em uma cadeira diante dela. Tinha-a sob a mira de um pequeno revólver.

— Não mexa um fio de cabelo. Sou um perito com esta arma.

— Teria sido muito melhor se você tivesse simplesmente me perguntado sobre a pistola. Eu a carrego como proteção pessoal há 25 anos. Roger a deu para mim.

— Seis balas de munição para duas câmaras... escondidas num fundo falso... veja só — disse ele, irrompendo num soluço, mas ainda apontando-lhe a arma. — Pensei que a noite passada tivesse sido de verdade! Estava brincando comigo o tempo todo! Você é uma maldita

traidora irlandesa! Você é uma vagabunda! Não é melhor do que aquelas prostitutas devassas eurásianas! Resfolegava e chiava, o suor quase fervendo no seu rosto vermelho de raiva. — Você sabe quem tem um amante em Londres? Vou lhe dizer. Sua irmã devassa, *Lady Beatrice*... e eu que pensei... que tivesse... a única mulher do mundo... que não era uma cadela. Muito bem, cadela! Dance para mim... estou ordenando, dance para mim! Agora!

— Sinto muito, General, mas não vou dançar para você.

— É o que veremos. Veremos até onde eu posso me aproximar desse seu lindo rosto antes de desfigurá-lo. Vai perceber que a minha pistola também é do tipo que uma mulher carregaria. Eu a colocarei em sua mão depois de ter partido sua cabeça ao meio. Quando a descobrirem... um simples caso de suicídio... a dor de uma mãe...

— Brodhead! — estrondou uma voz masculina.

O choque desviou sua atenção com sua retumbante brusquidão. Ele se virou, procurando, e nesse instante Caroline pôde agachar-se atrás da lareira de pedra.

Três tiros estrondaram da direção das escadas que levavam à varanda. Brodhead atirou de volta em um vulto que descia as escadas. Rory foi atingido e rolou até o pé das escadas.

Brodhead ergueu-se de sua cadeira cambaleando, gritou, depois deslizou para o chão, a pistola caindo fora do seu alcance e o sangue jorrando de seu peito.

Caroline caminhou até o centro da sala. Brodhead tentou pegar a pistola. Caroline apanhou a de Rory rapidamente e fez pontaria. Sua mão estava firme como aço. Quando os dedos de Brodhead tocaram em sua arma, Caroline disparou e acertou-o com um tiro certeiro.

— Rory! Rory!

Ele apoiou as costas na escada.

— Ouça, não há tempo para pânico ou discussões... faça apenas perguntas simples... ande rápido...

— Atingido? Onde?

— No ombro... pescoço... veja se a bala atravessou...

Ela o inclinou para a frente, rasgou sua camisa e examinou suas costas. Sangue e um buraco.

— Sim, a bala atravessou. Há sangue nas suas costas.

— Ele está morto?

— Sim.

— Pegue a pistola dele.

Ele a examinou e assentiu.

— Ótimo. Pequeno calibre. Ele pretendia explodir sua cabeça...

Vodca... *poteen*...

— Aqui está.

Rory apontou para a própria boca e ela serviu-lhe vários goles.

— Me dê alguma coisa para morder... depois despeje vodca sobre o ferimento...

Caroline pegou uma toalha, dobrou-a e enfiou uma ponta em sua boca. Ele assentiu e apertou-a nos dentes. Ela despejou a vodca. Rory quase desmaiou... seus olhos reviraram-se para trás, mas ele conseguiu recobrar o controle e continuar mordendo a toalha. Caroline embebeu outra toalha com o resto da vodca e limpou seu rosto, lágrimas e muco.

— Gelo? — gemeu ele.

— Sim, havia um pouco na caixa de gelo. Eu trouxe a noite passada.

— Fronha, encha de gelo... frente... trás... depois amarre... braço imobilizado.

— Iodo primeiro?

— Não... vodca está bem... a bala provavelmente cauterizou o ferimento.

Rory bebeu em grandes goles enquanto ela rapidamente rasgou os lençóis, empacotou o gelo e, seguindo a orientação dele, enfaixou seu braço junto ao corpo.

— Mais apertado... mais bebida... bebida... veja o sangramento...

Calma, graças a Deus. A mancha de sangue do ferimento estava estabilizada. Ótimo.

— Vai entrar em choque?

— Não, não vou!

— Ah, meu querido, meu querido — ela não pôde mais se conter —, fique bom, para mim.

— Sim... farei tudo que puder... o plano falhou... temos que pensar depressa.

— E a dor?

— Horrível... lá em cima... varanda... caixa de primeiros socorros... morfina.

Quando Caroline a encontrou, ergueu os olhos para a viga e viu onde ele estivera escondido. Só Deus sabe, ele deve ter ficado ali durante dias.

— Cuidado com a morfina... cerca de um terço da seringa... não quero desmaiar...

Logo a morfina começou a fazer efeito e, embora meio tonto, sentia-se melhor. O sangramento praticamente parou. Omoplata, clavícula, deslocados? Jesus, o que seria?

— Já posso falar melhor.

— Quando tempo ficou escondido lá em cima?

— Quando a deixei em Belfast, dei entrada em um hospital e médico particular na Escócia, depois voltei para a Irlanda. Quase quatro dias naquele vão.

— Ah, meu querido! — exclamou Caroline, segurando sua cabeça contra ela. — Eu o amo tanto, Rory. No instante em que você entrou em minha casa e me disse que eu acharia um caminho para fazer minha vida valer a pena, eu já estava neste caminho. Você é o meu caminho para a vida, Rory. Eu perguntei a Deus... eu perguntei a Deus... se estava errada em começar a me sentir viva de novo, como se meus filhos ainda vivessem através de você... como se Conor Larkin ainda estivesse vivo.

— Eu também a amo dessa forma, Caroline.

— Então, não posso estar errada. Vejo Chris descendo do alto de seu cavalo e Jeremy tomando-se um homem de verdade e você é os dois em um só. Você vai me tornar avó, não vai? — Chorava copiosamente, sem se envergonhar. — Você também podia ter sido morto.

— Eu não poderia deixá-la sozinha. Está ferida por causa da noite passada?

— Está tudo bem — murmurou ela. — Era a maneira certa de lidar com isso e a coisa certa a fazer.

— Então, enxugue as lágrimas... e vamos tentar descobrir um meio de resolver essa confusão... vamos ver se consigo ficar de pé.

Levantou-se penosamente, mas caiu de joelhos outra vez.

— Pode trazer o carro até aqui?

— Não, o caminho é muito estreito. Tenho um carrinho de empurrar de rodas largas.

— Sou pesado demais para você, querida. Eis o que vamos fazer. Arrume suas coisas, vá embora e amarre a fita no portão. Depois que tiver

ido embora, há dois membros da Irmandade na tocaia para patos perto daqui. Eles verão a fita e virão arrumar tudo, me apanhar e remover o corpo.

— Não vou deixá-lo — disse ela.

— Eles verão seu rosto.

— Não vou deixá-lo — repetiu.

— Acho que é bastante seguro. Os únicos dois outros homens que vi em Ballyutogue foram esses dois, Boyd McCracken e seu filho, Barry. Boyd esteve com Conor em Lettershambo.

— Eu confio neles — disse ela sem hesitação.

— Então, traga-os aqui.

Em dez minutos, Boyd e Barry estavam na cabana e avaliaram a situação. Rory foi confortavelmente instalado no banco de trás. Todo soldado e policial conhecia a Condessa Hubble e a deixariam passar automaticamente.

Caroline abraçou Boyd e o filho com compaixão e afeto, de uma maneira que se lembrariam até o fim de seus dias. Deram partida em seu carro e voltaram para a cabana para limpar tudo e remover o corpo de Brodhead.

— Eis o que vamos fazer — disse Rory. — Seringa cheia de morfina. A cada vinte minutos, pare e verifique se meu pulso e coração estão regulares.

Se eu começar a perder pulso, há uns dois frascos de sais aromáticos para reanimar o batimento cardíaco... Use estradas vicinais para passar por Derry... depois, encontre um telefone... Atty está esperando em um refúgio em Belfast... Ela lhe dará o nome de um médico de confiança logo depois de Derry. Não posso ir direto para Belfast.

Ela aplicou-lhe a injeção, ajeitou-o na cama improvisada e beijou-lhe o rosto. Quando suas pálpebras se cerraram, ela disse:

— Não se preocupe, filho, eu cuidarei de você.

CAPÍTULO 90



— Minha querida, querida, querida Caroline — disse Churchill, saindo de trás de sua mesa, tomando sua mão e beijando-a. Olhou-a longamente, mantendo-a a curta distância, e seus olhos turvaram-se. — Faz tanto tempo que não vem a Londres. Como vai *Sir* Frederick?

— No mesmo. Infelizmente, ele é um gato que já usou oito e meia de suas vidas. Você, caro Winston, está apenas fazendo a sua terceira volta.

— Ministro das Munições não é exatamente primeiro-Lorde do Almirantado, mas sinto que posso ser útil e que talvez tenha um futuro.

— E eu profetizo que seu futuro transformará seus fracassos em ninharias.

— Querida Caroline, leal companheira. Seu afeto e seu apoio têm sido um pilar para as minhas forças. Sabe, eu ainda me sinto culpado em sua presença.

— Para dizer a verdade, Clementine contou-me como você sofreu com nossas perdas em Galípoli.

— Ela não devia tê-lo feito. Não acredito em demonstrações públicas de pesar.

— Você sofreu — disse ela.

— Estou fazendo tudo que posso para moldar minha agonia em determinação em fazer alguma coisa de minha vida que me torne possível aceitar esses erros. Não consigo aplacar minha prodigiosa vontade de liderar. Talvez não consiga aceitar a realidade de que meu poder sobre a vida e a morte de outras pessoas sempre faça parte disto.

Depois que se sentaram, Winston viu que Caroline exibia seu ar de absoluto poder, o que significava uma conversa exigindo absoluta franqueza.

— Precisamos conversar sobre Galípoli e outros assuntos desagradáveis, e sou eu quem mais vai falar.

— Nesse caso, sou eu quem mais vai ouvir — disse ele.

— Analisei os relatórios da Comissão de Inquérito e o seu próprio depoimento, sílaba a sílaba. Você foi o principal arquiteto de um grande fracasso. Não precisamos repassar as razões do fracasso. A conclusão foi que, ainda que tivéssemos os exércitos gregos e os italianos, o sucesso do empreendimento ainda seria muito questionável.

Seus olhos fitaram-na com frieza.

— Adoro-o por aceitar o papel de bode expiatório com elegância e dignidade. Você nunca apontou o dedo para ninguém. Ouviu mentiras e dissimulações de generais e almirantes e manteve-se em silêncio. Só você, Winston, foi humilhado. Grande parte do que aconteceu deveu-se à incompetência de generais que você não tinha nenhum poder de controlar. No começo, o Conselho de Guerra e toda a nação o apoiaram. Todos desertaram quando as coisas deram errado. Sei que você sofreu por mim e minhas perdas. Gosto de gente como você, Winston.

— Fico comovido com suas palavras, Caroline.

— Sei que Asquith está silenciosamente trazendo você como consultor sobre a situação irlandesa.

— Tem razão, como sempre.

— Daqui para frente quero lhe falar como uma irlandesa.

Winston Churchill ficou perplexo.

— As execuções em Dublin estão se transformando rapidamente num dos maiores erros políticos da história da Inglaterra. Mostrou uma Inglaterra responsável por atos de terror e injustiça. Este erro enobrecer a causa irlandesa e, através dele, vocês conseguiram fazer o que os próprios irlandeses não haviam conseguido. Vocês os uniram.

Bem, essa era a maldita verdade, se tivesse que ser dita.

— Os descendentes dos ingleses sempre viveram muito bem na Irlanda, mas agora, meu caro, vão votar contra vocês.

Churchill recorreu ao conforto de um charuto, mas os olhos dela atravessavam a fumaça.

— Casement, embora legalmente julgado e executado, foi o maior erro judicial de nossos dias. Ao enforcar um grande humanista, vocês não só cuspiram no povo irlandês, mas disseram a futuras gerações que não têm nenhuma aspiração legítima. Disseram, como nunca antes, “nós ingleses achamos que vocês irlandeses são uns porcos”.

Ele começou a falar, mas ela deu um soco na mesa com o punho cerrado, muito ao contrário do seu estilo normal.

— Você tem um problema—continuou ela. — Dentro de dois anos, o povo irlandês votará um partido para reconhecer o governo provisório do Levante da Páscoa e se retirar do Parlamento inglês. Você tem dois mil prisioneiros de guerra irlandeses em Fronach, no País de Gales. Tem oitenta pessoas sob pena de morte que dizem que são cidadãos irlandeses e não britânicos. Bem, o que vai lhes dar, Winston? O direito de se tornarem ingleses novamente?

— Quando tivermos o voto feminino e você conquistar uma cadeira em Westminster, Caroline, acho que será a parlamentar mais impertinente de nossa história.

— Você está quase morto de medo de ter os irlandeses na mesa de paz porque, quando eles conseguirem um pouco de liberdade, ela vai se espalhar como uma reação em cadeia por todo o Império.

A afetuosa consideração que Churchill dedicava àquela mulher igualava-se ao respeito que tinha por ela como uma habilidosa adversária.

— Não ouvi quase nada de você com que eu não concordasse. Claro, só concordo em particular. Eu negaria isso em público — disse ele.

— Asquith quer os irlandeses em fogo lento até ele conseguir seu tratado de paz. Depois, você poderá cuidar da colônia. Você sabe que, uma vez na mesa de reunião, vocês não vão deixá-los nem com as meias e as roupas de baixo.

— Bem, graças a Deus que não vou ter que enfrentá-la do outro lado da mesa, Sra. Condessa.

— No Ulster, vamos acabar sendo britânicos. O resto da Irlanda vai se transformar em alguma coisa como o Estado Livre do Congo Belga.

— Nada mau, Caroline. Você estabeleceu muito bem suas bases para alguma coisa. Então, do que se trata?

— Sabendo que alguma medida de liberdade irlandesa é inevitável, por que diabos você e Asquith enviaram Llewelyn Brodhead para lá com uma política de terra arrasada?

— O Levante da Páscoa foi um acontecimento totalmente inesperado. Sabíamos que era preciso colocar uma tampa até estarmos prontos. Percebemos agora que Brodhead foi o homem errado para enviar para lá, mas, uma vez enviado, seria muito desmoralizante chamá-lo de volta. E por falar no diabo, ele não se apresentou de volta ao castelo há vários dias. Está se demorando em excesso num retiro de pesca.

Caroline vencera a primeira etapa.

— Com Brodhead ou sem ele, não haverá mais execuções agora.

— Brodhead cometeu erros crassos em Galípoli, no Nek e em Chunuk Bair — disse Caroline repentinamente e sem rodeios.

Winston, pego inteiramente de surpresa, ficou vermelho.

— A morte de meus filhos foi resultado direto de sua incompetência e absoluto pânico. Certo ou errado, Winston?

— Pelo amor de Deus, Caroline!

— Você me deve dois, Aladin disse para o gênio, sim ou não? Você me deve dois e eu vou cobrar, se qualquer de nós dois quiser ter uma noite decente de sono outra vez.

— Llewelyn Brodhead mentiu no inquérito. Nek foi uma carnificina. Ele deveria ter evacuado Chunuk Bair sete horas antes e nem sequer o teria evacuado se o Coronel Malone não tivesse desobedecido ordens. Mais alguma coisa antes que me seja concedida licença para sair? — perguntou ele.

— Ainda estamos no meio da conversa, Winston.

— O que tem em mente? Exijo saber o que tem em mente!

— Brodhead liderou um motim às vésperas da guerra, ameaçando a Coroa com a perda de metade de seus oficiais. Ele nos ajudou a sermos mundialmente denunciados na Guerra dos Bôeres. Que nota você lhe daria como General britânico.

— Eu jamais, nem agora nem nunca, denunciarei o magnífico papel que a Inglaterra desempenhou na civilização mundial. Esse nosso pequeno povo tem sido a luz da humanidade há séculos, abrindo o mundo para o comércio, para a instilação de uma cultura e de um sistema de justiça e de governo inigualáveis. Fizemos pelo mundo muitas vezes o que o mundo não foi capaz de fazer por si mesmo. Quando alguém carrega o peso dessa iniciativa, erros são cometidos. No fornecimento de homens para manter e cultivar nossos nobres feitos, sim, sempre haverá mutações infames. O sistema é tão grande e poderoso que homens incapazes repentinamente se veem em posições poderosas por causa da guerra. Llewelyn Brodhead é um erro descomunal.

— E você não deveria tê-lo enviado para a Irlanda?

— Não.

— E não pode chamá-lo de volta.

— Não.

— Você ainda me deve um, Winston. Sim ou não?

— Caroline...

— Você me deve um. Sim ou não?

Ela era persistente e o encurralara, astutamente. Temia saber que dívida seria essa.

— Eu lhe devo um — disse ele —, mas não tenho certeza se estou preparado para saldar o débito agora.

— Estamos sob juramento de segredo? — perguntou ela.

— Claro.

— Eu matei Llewelyn Brodhead.

Nenhuma conversa foi mais possível até que uma dose de uísque abrisse os caminhos.

— Eu o atraí para sua morte, da mais antiga das maneiras, e matei-o a tiros. Meus confederados removeram seu corpo e livraram-se dele e do seu carro de tal modo que talvez jamais sejam encontrados.

— Seus confederados?

— A Irmandade Republicana Irlandesa. Bem, Winston, é a Torre de Londres ou você vai me pagar o que deve?

— Isso é terrível!

— Deixe-me colocar isso nos seguintes termos, Winston. Estou em paz com a certeza de que Deus me fará uma justiça melhor do que os ingleses têm dispensado aos irlandeses. Llewelyn Brodhead ia transformar a Irlanda numa nova Galípoli.

Era uma decisão do tipo que se tem que tomar num campo de batalha, rápida e inteligente. A Inglaterra ficaria abalada, semidestruída, com um escândalo assim. O manancial de simpatia por Caroline Hubble seria suficiente para conquistar o mundo inteiro! A simples menção do assassinato criaria um furor capaz de levar a Irlanda à mesa de paz.

Mas e quanto aos outros aspectos do problema? É um mal maior destruir um grande mal? Ah, meu caro Winston... disse a si mesmo... quantas façanhas torpes ele já não enterrara pelo bem da Inglaterra? Ele mesmo já ordenara assassinatos. Isso, também, fazia parte da condução de um governo. Mais um segredo em uma vida que ainda iria colecionar muitos outros.

E a parte final. Ele adorava aquela mulher desde a infância. Ela valia cem Llewelyn Brodhead. Ela precisava fazer isso para interromper sua própria descida, sombria e deprimida, em direção à morte. Talvez, apenas

talvez, ele também se libertaria de seus próprios pesadelos relativos a Galípoli.

— Estou preparado para saldar nossa conta — disse ele.

— Ninguém sabe que eu o procurei para tratar deste assunto. E nosso segredo até a morte.

Ele assentiu.

— Eu cometi um erro na minha tentativa de assassinato, ferindo-o gravemente. Ele ainda teve forças para me perseguir com seu revólver. Um jovem oficial inglês, secretamente na Irmandade, salvou minha vida e ao fazê-lo foi gravemente ferido.

— Continue, por favor.

— Este jovem, Tenente Landers, foi um dos heróis de Galípoli. Ele e Jeremy eram como irmãos. Ele ganhou a Victoria Cross.

— Sei quem o Capitão Landers é — disse Churchill.

— Me dê a vida dele.

Winston ficou de pé e muita coisa percorreu sua mente.

— Eu também devo um favor a Landers — murmurou ele. — O que devo fazer?

— Ele está num esconderijo em Belfast. Como você sabe, agora os navios podem viajar para a Nova Zelândia sem escolta e sem comboios. Diversos navios regulares de tropas foram parcialmente adaptados para abrigar instalações hospitalares.

Ah, esta mulher, esta mulher gloriosa. Agora estava jogando como um mestre do xadrez.

— Então, nós o colocaremos a bordo numa cabine hospitalar — disse Winston.

— Uma coisa de cada vez — ela respondeu. — Há dezenas de milhares de registros de mortos em combate, desaparecidos, prisioneiros, pessoas sem registro, uma confusão geral... certo?

— Certo, como sempre.

— Encontre os registros do Tenente Rory Landers, Nova Zelândia. Ele se alistou sob este nome. Faça uma anotação final no registro de Landers de que ele morreu a bordo do navio a caminho da Nova Zelândia após uma cirurgia de emergência e foi enterrado no mar com todas as honras.

Winston compreendeu perfeitamente.

— Mas antes disso, faça uma cópia do registro de Landers, mas com o nome de Rory Larkin. Seu registro deve dizer que ele foi evacuado de Galípoli e levado para o hospital de base de Alexandria, onde ficou vários meses; foi enviado para a Nova Zelândia e dispensado.

— Então, Landers está morto.

— E Rory Larkin nunca esteve na Inglaterra ou na Irlanda.

Uma pena, ele pensou, que ela não pudesse planejar algumas das campanhas.

— Você tem toda razão, Caroline. Milhares de registros de guerra jamais serão revolidos. Já que estou envolvido em algo escuso, fico contente que seja por você.

— Por nós — disse ela.

— Sim, nós. Diga-me, Caroline, ele é um desses Larkin?

— Sim.

— Acho que é um bom sujeito.

— Sim, isso ele é.

CAPÍTULO 91



As condições do tempo parecem ser a única coisa que as pessoas têm em comum em qualquer parte do mundo, quente ou frio, bom ou ruim, úmido ou seco, é a primeira coisa que percebemos pela manhã e nossa última preocupação à noite.

Na Ilha do Sul temos muita chuva, de modo que os dias de sol... ou horas... são reverenciados como uma bênção de um santo, embora eu não saiba se existe um santo com as atribuições de espalhar a luz do sol pela Ilha do Sul. Se existe, está fazendo um péssimo trabalho.

Hoje, há um pouco de tudo, neblina, nuvens escuras e rápidas, frio, vento e alguns períodos agradáveis de absoluta calma e a poderosa sensação do sol. Acho que o tempo é bem parecido com a vida.

Quaisquer que sejam as condições do tempo, o que eu ainda mais gosto de fazer é subir ao topo da minha colina, sobre as minhas terras, ao pé da minha árvore e junto ao melhor riacho de trutas da Nova Zelândia, que também é meu. Daqui de cima, o mundo lá embaixo parece compreensível e controlável. Ultimamente, quando fico meditando, pareço chegar a respostas muito melhores.

Os últimos acontecimentos na Irlanda me foram esclarecidos aqui em cima. Aconteceu assim. *Sir* Roger Casement foi enforcado. Poucos dias depois, o General inglês na Irlanda desapareceu e nunca mais foi encontrado. As execuções foram suspensas e os condenados à morte tiveram a pena transformada em prisão. Um ano depois, todos foram libertados por uma anistia, inclusive 1.700 republicanos do campo de prisioneiros de guerra no País de Gales.

Em 1918, os irlandeses votaram a criação do Partido Sinn Fein, que reconheceu a República declarada nos Correios durante o Levante da Páscoa em 1916. Isso obrigou os ingleses a sentarem-se à mesa e conversar. Mas eles gritaram e espernearam o tempo todo.

Qualquer que seja o destino das reuniões, é provável que a Irlanda seja tratada injustamente e sem dúvida terá que se preparar para mais uma rodada de dificuldades. Apesar disso, estamos caminhando na direção certa.

Quanto à minha família, tudo vai relativamente bem. Há discussões de família, alguma doença, crianças mal compreendidas e todos os desastres que afetam uma família durante toda a vida. Entretanto, a visão do topo da colina diz que os Larkin superaram as dificuldades em grande estilo. A partir do momento que Rory e eu declaramos o amor que sentíamos um pelo outro, eu passei a ver meus filhos de maneira diferente.

Como Tommy, por exemplo. Eu o incluí como sócio minoritário na fazenda, sem nunca parar para pensar que ele podia ter outros planos. Assim, um dia seu professor me chamou e me mostrou algumas pinturas de paisagens, de maoris e de animais e disse: “Liam Larkin, esse garoto é um artista, uma preciosidade que irá até onde sua ambição o levar. Ele precisa de aprendizagem.”

Bem, diabo, o que sabe um professor da Ilha do Sul? Então, Mildred mostrou-me a coleção secreta de desenhos e pinturas de Tommy. Havia esboços de mim que pareciam saltar do papel, tão bons eram eles. E um de sua mãe que quase me levou às lágrimas. Veja, ele nunca me mostrou sua arte porque receava que eu ficasse decepcionado por ele não querer ser fazendeiro.

Cristo! Eu espero que uma pessoa possa ganhar a vida como pintor. Minha posição foi muito clara. Eu iria fazer de tudo para apoiá-lo e encorajá-lo, e ele poderia contar comigo se, Deus o livre, ele caísse do cavalo.

Assim, Tommy Larkin está em Paris. Ainda não sei o quanto ele tem aprendido, mas com certeza está tendo lições sobre mulheres e divertindo-se a valer.

Madge, minha filha mais velha, foi a única a realizar os sonhos da mãe. Casou-se com um bom rapaz, Donnie, que atravessou a guerra inteiro. O governo doou terrenos aos veteranos da guerra e ele vai indo muito bem num bom pedaço de terra. Já tenho um neto deles.

Meu maior problema com Madge e Donnie é tentar não lhes dar muito e cedo demais. De qualquer forma, Donnie é um rapaz orgulhoso, que saiu da pobreza e está decidido a vencer na vida pelo próprio esforço.

Devo acrescentar que demonstrei uma tolerância extraordinária não ousando nenhum transtorno pelo fato de ele não pertencer à verdadeira fé. É

um bom companheiro de caçadas. Ele costumava ter que caçar coelhos quando era criança ou passar fome. Espero que criem os filhos como católicos, mas, por outro lado, já não faz tanta diferença, não é?

Se Tommy enganou o velho *Squire*, Spring me deixou inteiramente estupefato, juntou-se a um grupo de antropólogos que estudavam as origens e costumes dos maoris e ficou apaixonada por este tipo de trabalho. Pretende passar a vida estudando os diferentes povos e tribos nativos das ilhas do Pacífico Sul. Eu honestamente não consigo ver o valor de tal profissão. Bem, talvez, se ela passasse seu tempo buscando as raízes irlandesas, seria diferente. Mas, veja bem, minha filha Spring foi a primeira aceita e a única estudante feminina de antropologia da Escola de Economia de Londres.

Spring não é nenhuma beldade, mas é bem dotada e tem jeito com os rapazes. Embora goste deles e eles dela, sua antropologia vem em primeiro lugar... assim ela diz nas cartas. Ela e Tommy visitam-se frequentemente em Londres e Paris e ao que parece sabem como se divertir. Veja bem, essas crianças nunca... quase nunca... pedem dinheiro extra. Imaginam como fico orgulhoso de poder dar essa vida a eles?

Acho que o Larkin de todos nós é Padre Dary. Não é mais “Padre”, agora ele é um futuro pai. Apaixonou-se perdidamente por uma criatura magnífica, disseram-me. Seu nome é Rachael e ela é filha de Atty Fitzpatrick. Rachael é a grafia sofisticada de Rachel.

Depois que voltou da guerra e abdicou do sacerdócio, achamos que teria que enfrentar um inferno, mas seu Bispo, Mooney, defendeu-o ardentemente de um lado e *Lady* Caroline fez uma defesa igualmente calorosa do outro.

Dary prestara anos de dedicado serviço no Bogside, trabalhando incansavelmente. O povo se levantou em sua defesa.

O nome Larkin em Derry e em Donegal não pode ser subestimado e acho que sua Rachael é capaz de encantar a avó do diabo.

Caroline Hubble ajudou a financiar um instituto fundado por Dary de estudos avançados e ensino pessoal para crianças excepcionais de toda a Irlanda.

Em sua última carta, Dary disse que estava considerando seriamente candidatar-se à cadeira do falecido Kevin O’Garvey, fosse no Parlamento britânico ou no Parlamento irlandês.

Brigid... bem, nada vai mudar muito ali. Ela continua a ser a guardiã das cinzas.

Como eu disse, as coisas vão indo relativamente bem. Tenho um amor especial por Georgia. Doei mais de quarenta hectares de terra e com minha ajuda e a ajuda do governo construí um centro de reabilitação grande o suficiente para atender a vinte veteranos de guerra de cada vez.

Não que ela e seus assistentes possam recuperar inteiramente a saúde física e mental deles, mas podem fazer o suficiente para que, ao partirem, possam levar uma vida útil e independente. Três pacientes dela são excelentes empregados da fazenda. Para o nosso pequeno país de um milhão de habitantes, nossas perdas foram terríveis... simplesmente terríveis.

Ei! Ei! Ei! Por Deus, eis o sol de volta. Não enviado por aquele santo preguiçoso lá no céu, mas um sol que sobe a colina a cavalo, atravessando a neblina.

Rory e Georgia. A paixão deles é tão ardente que eu juro que um dia desses eles vão entrar na cama e fritar até virar torresmo.

E às vezes pode-se ver a pequena Rory sentada na frente da sela de seu pai e Georgia cavalgando com o filho deles... meu neto. Ele é um verdadeiro lutador, aquele garoto. Sabe que nome lhe deram? Deram-lhe meu nome, Liam.

Podem imaginar uma coisa dessas?

FIM



Revisão: Equipe do Expresso Literário